

Histórias de Vida

de Professoras do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Cláudia Sofia dos Santos Viegas

DISSERTAÇÃO

Mestrado em Ciências da Educação e da Formação

(Especialidade em Educação e Formação de Adultos)

ANEXOS

Trabalho efetuado sob a orientação de:

Prof. Doutor Joaquim Matias Pastagal do Arco

Prof. Doutor António Carlos Pestana Fragoso de Almeida

Volume II

2016

Histórias de Vida

de Professoras do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Cláudia Sofia dos Santos Viegas

DISSERTAÇÃO

Mestrado em Ciências da Educação e da Formação

(Especialidade em Educação e Formação de Adultos)

ANEXOS

Trabalho efetuado sob a orientação de:

Prof. Doutor Joaquim Matias Pastagal do Arco

Prof. Doutor António Carlos Pestana Fragoso de Almeida

Volume II

2016

Para esta investigação fundamentada em histórias de vida, vários foram os instrumentos necessários para a preparação e realização das entrevistas narrativas às oito professoras do 1.º CEB participantes e para a análise e interpretação das informações recolhidas. Tudo isto só foi conseguido com a devida autorização das professoras participantes, tal como consta no Consentimento Informado (Anexo VIII).

Assim, inicialmente foi elaborado o guião da primeira entrevista narrativa, contendo a questão generativa e as questões imanentes (Anexo I), foram realizadas as transcrições dessas entrevistas (Anexo II), foi construído o Roteiro Biográfico-Visual (Anexo III), que orientou as professoras participantes durante a segunda entrevista com as suas imagens e questões, e foram realizadas as respetivas transcrições (Anexo IV).

Depois de todas estas entrevistas realizadas foi possível obter informações muito significativas e verídicas sobre o que viveram, vivem, pensam e sentem as oito professoras participantes neste estudo.

A análise do conteúdo das duas entrevistas narrativas foi realizada a partir das suas transcrições e nela foram consideradas as categorias e subcategorias dessas entrevistas e assim foi possível organizar, analisar e interpretar todas as informações obtidas.

Durante esse processo de análise foram elaborados alguns documentos orientadores deste estudo, como as Grelhas de Análise do Conteúdo das entrevistas (Anexo V), os Percursos de Vida das participantes (Anexo VI) e os respetivos Biogramas (Anexo VII).

Todos os documentos elaborados e aqui mencionados, encontram-se em anexo neste segundo volume que dá continuidade ao primeiro volume e é parte integrante da Dissertação “Histórias de Vida de Professoras do 1.º Ciclo do Ensino Básico”.

Índice

Anexos.....	6
Anexo I - Guião da 1.ª Entrevista Narrativa.....	6
Anexo II - Transcrições das 1.ª Entrevistas Narrativas.....	9
Ana Cristina Jacinto	9
Antónia.....	19
Carla Marques	27
Francisca Martins.....	34
Isabel Marum	47
Maria de Fátima Gonçalves	58
Natália	68
Telma Guerreiro	87
Anexo III - Roteiro Biográfico-Visual	95
Anexo IV - Transcrições das 2.ª Entrevistas Narrativas.....	117
Ana Cristina Jacinto	117
Antónia.....	127
Carla Marques	135
Francisca Martins.....	146
Isabel Marum	156
Maria de Fátima Gonçalves	163
Natália	181
Telma Guerreiro	189
Anexo V - Análise do Conteúdo das Entrevistas	193
Ana Cristina Jacinto	193
Antónia.....	207
Carla Marques	222
Francisca Martins.....	236
Isabel Marum	250
Maria de Fátima Gonçalves	263
Natália	283
Telma Guerreiro	296
Anexo VI - Percursos de Vida	308
Ana Cristina Jacinto	308
Antónia.....	310
Carla Marques	313
Francisca Martins.....	315

Isabel Marum	318
Maria de Fátima Gonçalves	320
Natália	323
Telma Guerreiro	326
Anexo VII - Biogramas	328
Ana Cristina Jacinto	328
Antónia	330
Carla Marques	333
Francisca Martins	336
Isabel Marum	339
Maria de Fátima Gonçalves	341
Natália	344
Telma Guerreiro	347
Anexo VIII - Consentimento Informado	349

Anexos

ANEXO I - GUIÃO DA 1.ª ENTREVISTA NARRATIVA

Data e local da entrevista

_____ de _____ de _____
 _____ (local a combinar)

Perfil da entrevistada

- Nome:
- Data de nascimento:
- Idade:
- Profissão: Professora do 1.º CEB
- Tempo de serviço docente:

Objetivos

- Conhecer professoras do 1.º CEB
- Caracterizar experiências profissionais de professoras do 1.º CEB
- Identificar momentos significativos na carreira de professoras do 1.º CEB.

Questão generativa

- O que é ser professora do 1.º CEB?

Fale da sua profissão, do seu percurso, dos momentos mais e menos significativos, do significado que atribui à sua profissão, dos seus alunos, da sua escola, ...

Categorias	Subcategorias e Questões Imanentes
Escolha da carreira docente	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Razões para a escolha da carreira docente - O que a levou a optar pela carreira docente? O que a motivou? ▪ Formação inicial - Quais as expetativas que tinha em relação ao curso superior que a levaria à carreira docente? Foram cumpridas essas expetativas? - Sentiu que a sua formação inicial foi a necessária para a prática docente?

Categorias	Subcategorias e Questões Imanentes
<p>1.ºs anos de carreira docente</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 1.º Ano de trabalho <ul style="list-style-type: none"> - Em que ano começou a trabalhar? Que idade tinha? ▪ Recordações dos primeiros anos de carreira <ul style="list-style-type: none"> - Como foram os seus primeiros anos de carreira? Como se sentiu? - Depois de ingressar na carreira docente, alguma vez se arrependeu? Porquê?
<p>Percurso profissional</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Experiência profissional <ul style="list-style-type: none"> - Como tem sido o seu percurso profissional? Onde já trabalhou? ▪ Momentos significativos <ul style="list-style-type: none"> - Quais os momentos mais marcantes (pela positiva e pela negativa) da sua carreira? ▪ Relação com os alunos, encarregados de educação e colegas <ul style="list-style-type: none"> - Qual a sua relação com os seus alunos e encarregados de educação? - Fale-me dos seus alunos. Que episódios gostaria de destacar? - Também aprende com os seus alunos? Como? - Como tem sido a sua relação com os seus colegas das escolas onde tem lecionado? ▪ Formação contínua <ul style="list-style-type: none"> - Ao longo do seu percurso tem tentado atualizar os seus conhecimentos e as suas práticas? Como? - Tem frequentado ações de formação contínua? Porquê? - Quais as temáticas de maior interesse que procura nas ações de formação que já frequentou? ▪ Mudanças na escola de hoje <ul style="list-style-type: none"> - Que diferenças encontra na escola do 1.º CEB de hoje e aquela que conheceu nos seus primeiros anos de carreira? - Que diferenças encontra nos alunos do 1.º CEB e nos encarregados de educação de hoje e aqueles que conheceu nos seus primeiros anos de carreira? ▪ Reconhecimento e valorização do papel do professor do 1.º CEB <ul style="list-style-type: none"> - Na sua opinião, o trabalho do professor do 1.º CEB é reconhecido e valorizado pelo nosso sistema educativo e pela nossa sociedade?

Categorias	Subcategorias e Questões Imanentes
<p>Ser professora do 1.º CEB</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Ser professora do 1.º CEB - O que é ser professor do 1.º CEB? ▪ Realização profissional - Gosta do seu trabalho? Porquê? - Como se sente enquanto professor do 1.º CEB? - O que a desmotiva e entristece na sua profissão? - O que a motiva e alegra na sua profissão? - Se o tempo voltasse para trás, escolheria novamente a carreira docente? Porquê? - Sente-se respeitada enquanto professora do 1.º CEB? - Sente-se realizada profissionalmente? - É uma professora feliz? Porquê? - Hoje, depois de todo o seu percurso, o que sente em relação aos alunos do 1.º CEB, aos pais, aos seus colegas e ao nosso sistema educativo? ▪ Mudanças para a escola do 1.º CEB - O que mudaria na escola de hoje? Porquê? - Como seria a escola ideal?
<p>Expetativas futuras</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Expetativas pessoais e profissionais - Quais as suas expetativas em relação ao seu futuro enquanto professora do 1.º CEB? ▪ Futuro do 1.º CEB - O que espera para o futuro do 1.º CEB em Portugal? E para os professores? - Que mudanças prevê para a escola do futuro?

ANEXO II - TRANSCRIÇÕES DAS 1.ª ENTREVISTAS NARRATIVAS

Data e local da entrevista

7 de julho de 2015

Loulé

Perfil da entrevistada

- Nome: **ANA CRISTINA JACINTO**
- Data de nascimento: 19/07/74
- Idade: 41 anos
- Profissão: Professora do 1.º CEB
- Tempo de serviço docente: 18 anos

Entrevistadora - O que é para ti ser professora do 1.º ciclo?

Fala-me da tua profissão, do teu percurso, dos momentos mais e menos significativos, do significado que atribuis à tua profissão, aos teus alunos, à tua escola, enfim, o que quiseres falar...

Entrevistada - Antes de mais, bom dia Cláudia. Obrigada pelo convite.

Desde pequena que sonhei ser professora, sempre foi o meu sonho. Lembro-me que quando era pequena adorava brincar sozinha às escolas, era a minha profissão de sonho. Costumava brincar no meu quarto, sem bonecos, era mesmo só escola, com o planisfério na parede e conversava sozinha, ia descobrindo países e surgiu assim o amor à profissão de professora.

Quando cheguei ao 12.º ano continuei com o sonho de ser professora, não da variante que tenho hoje, a variante que eu desejava era Alemão e Inglês, a minha paixão eram as línguas. Como não tive oportunidade de entrar nesse curso que era em Coimbra e em Lisboa, eram as duas únicas universidades, optei no ano seguinte, porque nesse ano não entrei na faculdade, por fazer o 12.º ano para melhorar a minha média e depois ingressei na universidade em Faro, em Português e Inglês.

Sinto que o curso em certas vertentes não correspondeu às minhas expectativas. Houve pontos da minha formação que senti que ficaram muito aquém, por exemplo os métodos de leitura, não aprendemos quais os melhores métodos a utilizar com os miúdos.

Tirando isso aprendi algumas coisas, acho que a prática e a experiência ensinam-nos muito. Quando acabamos um curso somos amadores e muito imaturos e a experiência ensina-nos a descobrir e a corresponder às nossas expectativas e às expectativas dos miúdos porque cada turma é uma turma.

Acabei o curso em 1998, tinha feito os 24 anos. Os meus primeiros anos para além de serem anos de euforia e de entusiasmo, porque achava que finalmente tinha entrado no mercado de trabalho e ia fazer aquilo que eu realmente amava fazer, foram anos

entusiasmantes, todos eles até agora, embora ao longo da carreira vamos vendo também o lado negativo.

Não me arrependo de ter escolhido a profissão de professora, jamais! Até costume dizer que se não fosse professora não saberia que outra profissão poderia ter. [Sorriu] Não sei fazer mais nada. Adoro fazer aquilo que faço.

Já trabalhei em várias escolas e já tenho 17 anos de serviço. Comecei por trabalhar em S.Bartolomeu de Messines, foi a minha primeira turma, a turma mais pequena que tive até hoje, treze alunos, tinha na altura o horário duplo da tarde.

Por sinal, e como era contratada, tinha a pior turma da escola. A turma era constituída por alunos que ninguém queria ou que de certa forma incomodavam os outros colegas.

Para além de ter trabalhado em S.Bartolomeu de Messines, o meu segundo ano foi na EB1 da Nave, que fica em Monchique.

Inicialmente esse ano foi muito complicado para mim, lembro-me de ter chorado imenso porque foi a minha última opção do concurso e fiquei lá colocada, não tive hipótese de trocar com ninguém porque nessa altura se trocasse de escola com alguém ficaria no final da lista, então decidi que iria e viria todos os dias a casa. Na altura não havia a Via do Infante, ela terminava na Guia, teria de fazer a 125. Foi um ano mais complicado, mas no final também mais gratificante.

No segundo ano de serviço lembro-me de ter ido conhecer a escola, saber onde é que era e quando me deparei com a lista de alunos na porta da escola soube que ia ter dezoito alunos dos quatro anos. Confesso que entrei em pânico, nunca tinha tido essa experiência. [Sorriu] Era uma experiência nova para mim, mas no final foi gratificante, os miúdos eram extremamente sossegadinhos, muito meiguinhos, ajudavam-me, os mais velhos ajudavam os mais novos, ajudavam-me a ouvir a leitura e a funcionária era excepcional. Essa escola foi muito boa.

No terceiro ano de serviço fui para a EB1 da Pedreira que fica em Silves, uma escola unitária, de lugar único, também com os quatro anos. Era uma escola que não tinha funcionária, lembro-me de ter ido para a escola e inicialmente tive que ser eu a fazer a limpeza, eu varria e lavava a chão da sala, as casas de banho, ... Realmente aí foi uma situação mais... [Riu]

Entrevistadora - Não havia tarefaira?

Entrevistada - Não. Os pais e encarregados de educação na hora do almoço iam à escola levar o almoço quentinho aos meninos, a cada um dos seus filhos, e os restantes meninos levavam um termo, uma marmita. Almoçavam numa salinha.

Posteriormente falei com a delegada escolar para saber se havia possibilidade de colocar uma tarefaira, pelo menos para a limpeza e para ajudar os miúdos nos almoços porque eu acabava sempre por não ter hora de almoço. O meu almoço ou era limpar ou era ajudar a servir os almoços aos miúdos. Não tínhamos microondas, absolutamente nada.

Os miúdos eram muito meiguinhos, eram miúdos do campo, muito ligados à natureza, perspicazes também.

Nessa escola realmente, independentemente de ser uma escola pequenina dentro de uma localidade rural, com a ajuda dos miúdos nós fizemos rifas, não para passear porque não fizemos nenhuma visita de estudo importante, mas acabámos por comprar uma

televisão e um vídeo porque nessa altura não havia nada na escola. Foi o que eu deixei na escola para eles.

Os encarregados de educação foram impecáveis, um deles inclusive ofereceu uma antena, colocou a antena no telhado, montaram a televisão, o vídeo, ... Foi um ano excecional, sem dúvida! A comunidade era “5 estrelas”.

Mais tarde, no meu quarto ano de serviço vim para S.Brás de Alportel e aí fiquei com uma turma de 3.º ano. Foi um ano também bastante gratificante, em termos de colegas também, um bom ambiente, um grupo bastante unido e articulávamos imenso.

No ano seguinte fiquei QZP, em 2002, fui para a EBI de Salir, trabalhei no Agrupamento de Salir durante 10 anos.

Desses 10, estive um ano na EBI de Alte, e mais tarde no apoio e durante sete anos fiquei colocada na EBI da Tôr, que foram os melhores anos da minha carreira, não só pelos miúdos, também pelos pais, pais extremamente participativos, empenhados, preocupados, como pelas funcionárias, muito humanas, extremamente humanas, sempre prontas para ajudar ou tirar fotocópias, sair connosco, ... Nunca ninguém reclamou que trabalhava horas a mais.

Havia um ambiente bastante familiar, até mesmo com a comunidade. Muitas vezes nós fazíamos... Se houvesse algum dia que quiséssemos fazer marmelada e alguma de nós se tivesse esquecido da panela de pressão em casa, a vizinha da frente emprestava a panela de pressão, ...

A Junta de Freguesia foi, ... Foi bastante generosa, ofereceu-nos um fogão, microondas, chaleiras, fornos para fazermos bolos com os miúdos, tínhamos televisões, vídeos.

Em termos de tecnologia, era uma das escolas que tinha mais tecnologia, cada professor tinha um computador e uma impressora na sala, inclusive tínhamos uma sala de professores com computador e impressora e imensos materiais didáticos para trabalhar com os miúdos. Foi uma das minhas melhores passagens.

Entrevistadora - Acabou por ser um dos momentos mais marcantes da tua carreira...

Entrevistada - Mais marcantes e os mais felizes, tenho que confessar...

Mais tarde quando a EBI de Salir passou a fazer parte da Escola Padre João Coelho Cabanita, passou a mega agrupamento, vim para Loulé e confesso que vir para Loulé foi um dos meus piores momentos.

Lembro-me de ter chorado imenso porque Loulé não era a minha escolha, não era aquilo que eu desejava para mim porque sempre gostei mais de trabalhar no campo. Sinto que no campo as pessoas são mais humildes, há um relacionamento mais próximo, mais afetivo com as pessoas, não só com os miúdos, mas também com os pais e com os funcionários. Acho que as pessoas são mais humildes, todos nós acabamos por ser mais humildes, ninguém é mais do que ninguém.

Quando vim para Loulé realmente sofri um bocadinho com isso, não estava habituada, senti um bocadinho a frieza das pessoas, senti que não havia funcionários que nos ajudassem, se precisasse de tirar fotocópias tinha de ser eu a tirar, ou teria de vir mais cedo para a escola ou sairia mais tarde.

Em relação às colegas também foi um relacionamento que foi crescendo no dia-a-dia. Confesso que agora passados três anos aqui em Loulé já gosto mais do ambiente, existe um bom relacionamento entre os colegas, como é óbvio também há desentendimentos, ou porque não concordamos com a ideia de outro colega, ... Mas eu acho que isso faz tudo parte da profissão e também do nosso crescimento porque muitas vezes nós também temos de ser confrontados com outras ideias porque é uma forma de crescermos.

Os miúdos aqui em Loulé são diferentes dos miúdos do campo, são miúdos que estão mais próximos da cultura, em termos de cinema, concertos de música, bibliotecas, o que os miúdos do campo não têm tanta facilidade, não têm tanto acesso a essa parte cultural. Em compensação os miúdos do campo estão mais ligados à natureza, conhecem melhor os animais, conhecem melhor os produtos que vêm da agricultura, enquanto que aqui na cidade já tive um aluno que me disse que o leite vinha do supermercado, não era de uma vaca, era de um supermercado, era um miúdo do 3.º ano, ... É um bocadinho estranho... [Sorriu]

Ao longo do nosso percurso aprendemos imenso com os nossos alunos. Já aprendi tanta coisa, sobretudo com os miúdos do campo, coisas sobre a agricultura. Já tive um aluno que percebia tanto de agricultura, porque trabalhava com o avô, que me ensinava quais os produtos para cultivar em cada época do ano, ...

Os bichos, os miúdos pegavam nos bichos, coisa que eu confesso que não gosto, sobretudo répteis... [Riu] Detesto répteis! Os miúdos gostavam de mexer, traziam, explicavam, traziam sabedoria de casa dos seus avós porque no campo a maior parte dos miúdos passa o tempo com os avós. Em termos de sabedoria, é uma sabedoria mais rica.

Aqui na cidade também aprendemos com eles, como é óbvio, têm outras vivências, mais ligados à cultura, vamos conhecendo livros que eles lêem, vamos conhecendo concertos que eles assistem, os desportos que eles fazem...

Na nossa profissão estamos sempre a aprender, não só com os nossos colegas, como também com os nossos alunos. Acho que é uma troca diária de sabedorias e de conhecimentos.

Entrevistadora - Daí a necessidade da constante atualização dos conhecimentos, de práticas, ...

Entrevistada - Sem dúvida.

Eu tenho o cuidado de fazer todos os anos formação. Prefiro fazer formação nas áreas que são do meu interesse. Confesso que as formações que eu gosto mais de fazer são a nível da Matemática, gosto muito de Matemática.

As formações têm enriquecido a minha prática porque eu sou de Português e Inglês e tenho aprendido imenso com as formações, em termos de tarefas a aplicar e estratégias. A Matemática é uma disciplina que, por norma, os miúdos não gostam. Perdem o interesse muito rápido, e essas formações têm-me ajudado a alterar as minhas estratégias, as minhas metodologias, a levar com que os miúdos aprendam a gostar de Matemática. Afinal a Matemática é um jogo. Eu tento levar os meus alunos a pensarem que a Matemática é um jogo e se tivermos essa ideia, a Matemática é uma disciplina excepcional.

Entrevistadora - Apesar das diferenças que já referiste entre os meninos da escola do campo e da escola da cidade, que diferenças consegues encontrar entre os alunos de hoje e

os alunos de ontem, aqueles dos teus primeiros anos de carreira, quando começaste a trabalhar?

Entrevistada - A diferença é imensa. No meu primeiro ano de serviço fiquei com a pior turma, como já referi, e realmente essa turma foi uma turma que me deu trabalho porque para além de serem poucos, eram miúdos complicados também em termos familiares.

Lembro-me de um aluno ter levado uma faca para a escola porque estava zangado com um colega, mas consegui dar a volta conversando com eles e isso foi uma situação pontual.

Em relação aos outros meninos do campo, miúdos extremamente obedientes, senti nessa altura, no início da minha carreira que a minha profissão tinha valor, eu era valorizada, era a “Sr.^a Professora”, o professor tinha valor, éramos respeitados, sempre senti isso e ainda hoje sinto que sou respeitada, embora existam diferenças porque os miúdos também são diferentes.

Os miúdos são mais ativos, são mais inquietos, mais teimosos, noto que eles são extremamente teimosos, esta nova geração tem alguma dificuldade em acatar regras e ordens, é quase que muitas vezes uma luta diária. Temos que dizer sempre “Senta-te!”, “Ouve o que eu já falei contigo”, “Ouve o que eu te digo”. Há sempre aquela vontade de pisar um bocadinho o risco, querer ir um bocadinho mais além.

A grande diferença que eu noto neles é em termos de personalidade, são mais teimosos, mais ansiosos, mais ativos.

Em relação ao papel do professor, sinto que sempre fui respeitada pelos pais dos meus alunos. Desde o início da minha carreira eu tento manter um excelente relacionamento com os pais dos meus alunos porque acredito que estamos cá para trabalharmos juntos porque o objetivo é o sucesso dos alunos. Aqui não está em causa o meu sucesso, está em causa o sucesso dos miúdos por isso nós temos que trabalhar em conjunto.

Muitas vezes digo aos pais, “Se houver alguma coisa, alguma estratégia menos boa, alguma situação menos boa, conversem diretamente comigo porque juntos conseguimos encontrar uma nova solução porque estamos cá para isso.”

Estamos a formar crianças como futuros cidadãos honestos, corretos, pessoas que tenham sonhos e lutem por eles sem passarem por cima uns dos outros. Essa é uma das minhas filosofias de vida “Faz aos outros aquilo que queres que te façam!”. Tem que haver respeito.

Entrevistadora - Com alunos diferentes, logo a escola também é diferente. Que diferenças encontras na escola e no teu trabalho de ontem e de hoje?

Entrevistada - Em relação às diferenças, confesso que hoje em dia existe mais burocracia, temos imensos documentos para preencher.

No início da carreira... Uma das coisas que eu gosto imenso de fazer, construir material didático, adoro construir cartazes porque acho que é uma forma de os miúdos aprenderem mais depressa, a visualização, não ficar só pela teoria. Eu gosto que eles vejam, observem, ...

Confesso que ultimamente não tenho tempo para fazer cartazes novos, utilizo os antigos porque temos demasiada burocracia, exigem demasiado de nós, para qualquer situação é preciso preencher dois, três documentos. Há muita papelada no meu entender e o

meu objetivo enquanto professora não é preencher documentos, o meu objetivo é ensinar os meus alunos, é conversar com eles.

O programa também está extremamente extenso, não é nada como era há dez, doze anos atrás, com muita pena minha, porque eu acho que andamos um pouco a impingir demasiada matéria que os miúdos têm que saber.

Os miúdos são tão pequeninos. Este ano tenho uma turma de 1.º ano e todos os dias eles aprendem qualquer coisa nova, é certo que os miúdos nesta idade, como nós costumamos dizer, são esponjas, mas também ficam cansados, é demasiada matéria, são demasiados conhecimentos para crianças pequeninas.

Falta-nos tempo para brincar com eles, para construir materiais com eles, para fazer trabalhos de grupo, pois no trabalho de grupo, “Tem de ser hoje!”, temos que começar e acabar hoje porque amanhã já não posso porque tenho matéria nova para dar.

Eu acho que o sistema educativo falha um bocadinho por aí porque eu tenho falta de passar tempo com os meus alunos a brincar, sair da sala de aula, ir lá para fora, deitar-me na relva, que eu antigamente fazia, olhar para as nuvens e imaginarmos, fazermos desenhos com as nuvens, ... Ultimamente nem consigo fazer isso, podemos sair da sala, mas está tudo controlado, há tempo contado para tudo “Vamos, meninos”, “Despachar!”. Falta isso! Andamos hoje em dia só a impingir matéria aos miúdos, com muita pena minha.

Isso seria eu das coisas que eu mudaria, alterar um bocadinho o programa, não é por terem de ficar o dia todo a absorver matéria que vai fazer deles melhores alunos. Eu não quero crer nisso, eu até acredito que os miúdos entram na escola com muita sede de aprender, eles estão ansiosos, eles querem aprender, foi o que eu senti este ano com este 1.º ano. Estavam desejosos de aprender a ler “Professora, quando vamos aprender a ler?”, “Professora, vamos aprender a ler, é hoje?”. Muitas vezes tinha que os acalmar “Tenham calma, vão com o tempo! Vocês sem se aperceberem vão saber ler e escrever.”

Essa ânsia já começa, pois os miúdos até podem gostar da escola no 1.º ciclo, mas depois quando chegam ao 2.º ciclo, esse interesse, esse entusiasmo, essa paixão por aprender, dissipa-se, vai desaparecendo. Porquê? Porque os miúdos acabam por considerar que a escola é só aprender, é só decorar, não há a parte da compreensão, não há tempo para consolidar conhecimentos.

É isso que eu sinto. Eu acho que isso é uma das coisas que deveria ser diferente porque os miúdos também precisam de se sentir realizados e felizes. Quando os miúdos não estão felizes, não ficam ansiosos, não têm paixão por aprender e também não vão conseguir aprender nada.

Entrevistadora - O que é ser professor do 1.º ciclo? Quem é o professor do 1.º ciclo de hoje?

Entrevistada - Hoje em dia considero que o professor do 1.º ciclo não é só professor, acaba por ser pai, por ser mãe, por ser avó ou avô, e por aí fora.

Nós não estamos cá só para ensinar, estamos cá também para transmitir afetos e infelizmente nos dias de hoje, muitas vezes também estamos cá para lhes inculcar regras de boa educação porque há alunos que chegam à escola e uma das coisas que me surpreende profundamente é não ouvir dos meus alunos “Se faz favor” e “Obrigado”.

Isso são regras que eu exijo desde o início porque eu utilizo esses vocábulos no meu dia-a-dia, por qualquer coisa que eu peço a um aluno eu digo “Se faz favor”, a não ser que

esteja chateada com eles ou que façam barulho. Quando nós dizemos “Sosseguem”, “Calem-se!”, aí muitas vezes esquecemo-nos do “Se faz favor”, mas são palavras que eu utilizo no meu dia-a-dia “Senta-te, se faz favor!”, “Vamos fazer a fila, se faz favor!”, “Obrigada!”.

São palavrinhas, vocábulos de boa educação que eu tenho o cuidado de inculcar. Eu acho que é o mínimo da educação.

Eu acho que em termos familiares há aqui uma quebra, às vezes os pais, infelizmente dado às suas profissões, eles não têm tempo para os filhos. Eu tenho alunos que chegam à escola às oito da manhã e saem da escola às cinco e meia, seis da tarde porque os pais trabalham, ou seja, a vida deles é praticamente na escola e o pouco tempo que estão com os pais, em relação à realidade da minha turma, têm futebol, têm aulas de natação, têm ballet, têm aulas de hip-hop, tempo familiar é pouco.

Entrevistadora - Acabam por passar mais tempo com o professor do que com os próprios pais...

Entrevistada - Sem dúvida. No 1.º ciclo nós criamos uma relação bastante afetiva. Criamos aquele carinho, aquele amor pelos miúdos... São nossos, quando na realidade somos chamados à atenção, eles não são nossos, são de todos, mas eu quero crer que os miúdos que eu tenho este ano são meus... [Sorriu]

Há uma relação muito forte entre nós porque somos professora e também mãe porque qualquer problema que eles tenham vêm falar connosco, abraçam-nos, dão beijinhos, há aquele carinho, coisa que eu não noto quando eles vão para o 2.º ciclo, há mais frieza, embora os meus alunos que já estão noutros ciclos sejam miúdos que ainda hoje me falam, o que é de louvar, porque depois os alunos por norma não nos falam, ignoram-nos...

Entrevistadora - Ficam com vergonha da professora...

Entrevistada - É um bocadinho isso. É a adolescência.

Fico muito contente quando os meus alunos vêm ter comigo e chamam “Professora!”. É uma alegria, uma vaidade em ver os alunos que já foram nossos.

Entrevistadora - O que te desmotiva e entristece na tua profissão?

Entrevistada - Uma das coisas que mais me desmotiva, para além da burocracia, às vezes é o ambiente, aquele ciúme que existe entre colegas, às vezes o facto de nós entrarmos entusiasmados porque fizemos um cartaz e dizemos “Olha, fiz isto. Queres utilizar?” e ouvimos um colega dizer “Para quê perder tempo com isso!”. Realmente essa é a parte que me entristece, sinto que há colegas que são professores, mas que lhes falta a paixão pela profissão.

É verdade que somos mal pagos, é verdade que muitas vezes não somos valorizados, as pessoas não valorizam o nosso trabalho, acham que nós estamos constantemente de férias, não conhecem o outro lado da nossa profissão.

Muitas vezes as pessoas não têm a noção que quando nós saímos da escola vamos para casa e levamos horas e horas a trabalhar, inclusive nos fins de semana. Para termos tudo organizado, enquadrado, termos novas atividades para motivar os nossos alunos, alterar as nossas estratégias, elaborar um cartaz diferente, por exemplo.

A vida de professor não é fácil, é um facto, mas é assim, eu acho que quando nós estamos nesta profissão por paixão, vale tudo. Acho que devemos continuar independentemente das políticas serem ou não as mais corretas, ou concordarmos com elas, mas entendo que não deverei nunca prejudicar os meus alunos, tenho que continuar a ser como sou e de acordo com a minha personalidade e continuar a sonhar.

É isso que eu faço, eu continuo a sonhar, acho que o dia de amanhã será sempre melhor. Tenho que fazer sempre o melhor pelos meus alunos.

Entrevistadora - O que te alegra e dá força nesta profissão?

Entrevistada - Sem dúvida alguma que são os miúdos. Sem dúvida alguma. O sorriso das crianças, um beijinho, muitas vezes brincar com eles e dizer “Eu sou muito má!” e eles responderem “Não. Professora, tu és muito boa e eu gosto muito de ti...” [Sorriu] Sentir o sorriso e ouvir o obrigado dos pais, realmente deixa-me extremamente feliz saber que os pais reconhecem o meu trabalho, estão contentes.

Muitas vezes, sobretudo os pais dos alunos do 1.º ano, são pais extremamente ansiosos e com o tempo vão descomprimindo e vão relaxando, conversam connosco “Ai, professora, realmente estou tão contente, o meu filho já lê!”, “Eu nunca imaginei que ele lesse tão bem!”.

Isso é bastante gratificante, ver um sorriso na cara dos miúdos e dos pais e ouvir um “Obrigada!”, vale tudo para mim.

Entrevistadora - Por isso pode dizer-se que és uma professora feliz?

Entrevistada - Muito feliz! Bastante feliz mesmo! [Sorriu, muito segura]

Entrevistadora - Sentes-te realizada profissionalmente?

Entrevistada - Sinto-me. Sem dúvida alguma. Não mudaria absolutamente nada.

Entrevistadora - Mesmo que tivesses a oportunidade de voltar atrás no tempo, não escolherias outra profissão?

Entrevistada - Jamais! Acho que estou na profissão certa.

Como disse é realmente aquilo que eu sempre sonhei desde criança e gosto muito da minha profissão.

Entrevistadora - Para ti, como seria a escola ideal? Que mudanças seriam necessárias para realmente conseguirmos ter a escola ideal do 1.º ciclo?

Entrevistada - Uma delas seria, não só mudar a política, o programa, como também alterar o número de alunos por turma. Vinte e seis alunos numa turma é tarefa complicada e eu senti isso este ano com vinte e seis alunos de 1.º ano. A preocupação de ter sucesso com todos, aquela preocupação de ter todos os alunos a ler e a escrever corretamente.

Lembro-me que no início, por exemplo, para que a turma toda conseguisse ler eu levaria das nove até cerca do meio-dia e meia, que é a hora do almoço. Não é tarefa fácil sabendo que atrás tenho um programa a cumprir.

As coisas não deveriam de ser tão exigentes. O programa não necessita de ser tão exigente. Nós podemos ter excelentes alunos, os miúdos podem ser sempre excelentes.

Assim como todos nós quando temos demasiada carga de trabalho, o sucesso nunca é tão bom como quando temos menos trabalho. Aqui o objetivo não é impingirmos tanto trabalho, mas sim ter sucesso com o que podemos ensinar.

Entrevistadora - Quais as tuas expetativas em relação ao teu futuro enquanto professora do 1.º ciclo?

Entrevistada - Não sei se o futuro será assim tão risonho.

Acho que imensas coisas têm que ser alteradas. Por um lado quero crer que poderemos ter escolas viradas para as tecnologias, mas para isso os professores também terão que ter formação em tecnologias.

Terá que haver mais formação para os professores para podermos acompanhar esta nova geração que é realmente bastante virada para tecnologias.

Outra situação que eu mudaria seriam os Testes Intermédios, as Provas Finais de 4.º ano. Acho que deveriam terminar com isso, sobretudo no 1.º ciclo. Acho que os miúdos são extremamente pequeninos, ficam demasiado ansiosos, nervosos. Desde pequenos eles são obrigados a encarar os medos, os receios e por isso andam mais ansiosos.

Sinto que só a ideia que vão fazer um teste... E que muitas vezes nem reflete os conhecimentos que os miúdos têm, porque há o sistema nervoso, há uma ânsia, por vezes até os bons alunos são aqueles que têm notas mais baixas.

Hoje somos meramente um número, isto é tudo para estatística.

O que se prevê aqui não é a felicidade dos miúdos em termos de sucesso, mas sim que eles têm que ter sucesso para que a escola fique bem vista. Eu acho que nós não estamos a caminhar para o sucesso, gradualmente vamos caminhando sim para o insucesso.

Os programas são demasiado extensos, estes exames são insucesso. Eu acredito que com tanta implementação de novos programas... Parece que de ano para ano temos novos programas, alteram as metas, alteram os programas.

Existem imensas metas para o 1.º ciclo alcançar, muito difíceis porque eles são tão pequeninos, quero crer que futuramente terão que mudar um bocadinho a política educativa, por exemplo, tirar esses testes, não exigir tanto dos miúdos porque eu acho que nós vamos caminhar para o desinteresse da escola e acaba-se aí um bocadinho o prazer de aprender. Deixa de haver o prazer e é mais a obrigação.

Os miúdos acabam depois por ir para a escola até aos dezoito anos porque são obrigados, porque já não há aquela ânsia de ter uma profissão. Os miúdos deixam de sonhar, os miúdos gradualmente deixam de sonhar. Os professores também, gradualmente, porque se nós temos miúdos que não têm sonhos, nós próprios também acabamos por cair nessa realidade.

Para quê lutar se estamos a navegar contra a maré? Seria bom mudar a política educativa porque o que é mais importante aqui é formarmos crianças que tenham conhecimentos, crianças como seres humanos, bons cidadãos, porque aqui não é só a parte curricular que interessa, mas também a formação pessoal do aluno.

Entrevistadora - Vamos ser positivas e acreditar num futuro risonho para a escola do 1.º ciclo.

Obrigada pela tua colaboração, Ana!

Entrevistada - Obrigada.

Data e local da entrevista

10 de julho de 2015

Loulé

Perfil da entrevistada

- Nome: **ANTÓNIA**
- Data de nascimento: Setembro de 1964
- Idade: 51 anos
- Profissão: Professora do 1.º CEB
- Tempo de serviço docente: 30 anos

Entrevistadora - O que é ser professora do 1.º CEB?

Fale-me da sua profissão, do seu percurso, dos momentos mais e menos significativos, do significado que atribui à profissão, à escola, aos alunos...

Entrevistada - Para mim, ser professora é algo muito complexo. É muito útil, é algo de muito gratificante, é ajudar a formar um ser humano e é algo que implica muita, muita responsabilidade porque nós estamos a lidar com crianças, com seres em formação e o professor é uma peça fundamental no seu percurso de vida.

Entrevistadora - O que a levou a optar pela carreira docente? O que a motivou para esta carreira?

Entrevistada - Às vezes tenho refletido sobre isso e chego à conclusão que não sei [Riu] porque já passaram vinte e nove anos desde o início da minha carreira e quando eu fui para esta profissão a noção que eu tinha da vida, da realidade, não tem nada a ver com a noção que tenho hoje. Se calhar também fui um bocado empurrada pela família porque nós na altura com 17, 18 aninhos não temos muito ainda a noção daquilo que queremos ser, em parte...

Eu comparo a mesma situação com os meus filhos atualmente. Eles quando foram optar por um curso “Oh mãe, eu ainda não sei bem aquilo que eu quero ser...”, se calhar eu também fui assim um bocadinho.

Entrevistadora - Fale-me do seu percurso académico?

Entrevistada - Eu fiz a primária, o 2.º ciclo, depois fiz a secundária e no ano em que entrei no Magistério Primário também fiz o 12.º ano à noite, na altura não era obrigatório ir para o Magistério com o 12.º ano, mas como eu já estava inscrita acabei por não desistir e consegui fazer o Magistério de dia e o 12.º ano à noite.

Depois passaram-se alguns anos e voltei assim que abriram os Complementos de Formação na Escola Superior de Educação, acho que em 2001/2002, eu fiz o Complemento de Formação na área de Educação de Adultos e de Intervenção Comunitária.

Foram dois anos muito intensivos, trabalhar de dia e estudar à noite, até à meia-noite todos os dias, mas foi muito gratificante. Até certa medida, nós ficamos acomodados a um ritmo de vida e ao entrar na Licenciatura, no Complemento, foi uma reviravolta porque tornei-me muito mais ativa. Eu acho que estava também um bocadinho acomodada à instabilidade profissional e a tudo isso, mas depois foi uma dinâmica diferente na minha vida.

Entrevistadora - Quais as expetativas que tinha em relação ao curso superior que a levaria a ser professora? Essas expetativas foram cumpridas ou não foram cumpridas?

Entrevistada - As expetativas que eu tinha era que tudo ia correr bem, que tudo era um mar de rosas, mas no fundo, na nossa carreira, ao longo dos anos, eu fui-me deparando com muitas dificuldades. As nossas políticas cada vez mais têm piorado a situação, e em parte acho que isso tem contribuído para que as minhas expetativas não estejam de acordo com as expetativas que eu tinha há uns anos atrás porque cada vez dificultam mais a carreira do professor, não só em termos de remuneração, mas também em termos pedagógicos. Acho que é sufocante, nós não temos às vezes um espaço de sistematização das matérias porque os programas são demasiado intensivos e falta-nos também um pouco disso.

Entrevistadora - Sentiu que a sua formação inicial foi necessária para a sua prática docente?

Entrevistada - Foi muito necessária.

Eu sou do tempo do Magistério Primário em que o estágio era um estágio intensivo e eu lembro-me que levei um ano inteiro praticamente a estagiar.

Tinha tido contacto com a educação, com as aulas, com os alunos nos outros dois anos anteriores, mas o 3.º ano do curso foi bastante intensivo e eu acho que fiquei bastante preparada porque estagiei com 1.º ano, a base de tudo é o 1.º ano, é quando tudo começa.

Em relação à formação que eu tive acho que foi bastante boa, claro que nada implica que nós não tenhamos ao longo da nossa carreira as formações que são necessárias para o professor se atualizar, o que é muito importante.

Entrevistadora - Que idade tinha quando começou a trabalhar e em que ano letivo foi?

Entrevistada - Eu comecei no dia 17 de outubro de 1986, tinha 21 anos.

Entrevistadora - Como foram os seus primeiros anos de carreira? Como se sentiu perante uma turma?

Entrevistada - Apesar desse estágio que eu tive, eu sentia-me preparada, mas faltava a prática diária. Eu senti-me um bocado desamparada porque estava sozinha.

O primeiro ano em que eu fiquei a trabalhar foi a 90 km de casa, no meio da serra, em Castro Marim, na Funchosa, e a colega que eu tinha mais próxima era na Corte Pequena, a 3 km de distância.

Na altura não havia transportes públicos e os caminhos estavam muito degradados, nem sequer asfalto havia e no inverno então, tornava-se impossível nós nos deslocarmos de uma escola para a outra.

Lembro-me que até ficava fins de semana no monte onde eu vivia durante a semana porque não havia hipóteses de às vezes a colega ir-me buscar de carro e tinha muitas vezes que andar a pé.

Foi complicado porque eu senti-me sozinha, desamparada, no meio do nada... [Sorriu] Tinha sete alunos, dos quatro anos, e sem condições, sem sequer ter luz elétrica.

Então foi muito difícil, uma menininha [Sorriu] que sai de Faro e vai trabalhar assim para o meio do nada, no primeiro ano torna-se difícil, mas depois aos poucos fui aprendendo a viver, a crescer, se calhar, e a ultrapassar algumas dessas dificuldades.

Em relação ao primeiro ano, foi um ano de isolamento, mas também por outro lado foi gratificante no aspeto em que eu tive uma experiência nova. Eu fui professora de adultos dos 50 anos para cima. [Sorriu] O meu aluno mais velho tinha 68 anos e senti-me muito lisonjeada porque eles tratavam-me com muito carinho, tinham objetivos de vida e apesar da larga idade que já tinham, queriam aprender.

Nós estamos a aprender ao longo da vida e ali estava uma prova. Foi o ano em que eu dei aulas a adultos, foi ótimo.

Entrevistadora - Ao longo da sua carreira alguma vez se arrependeu de ter escolhido esta profissão?

Entrevistada - Em certos momentos, tudo me levava a crer que sim, mas eu sou uma pessoa batalhadora por natureza e muito persistente e tudo o que eu pretendo fazer, eu normalmente começo e tenho que acabar porque depois sinto-me mal comigo própria.

Em termos de profissão, eu fui amadurecendo a minha profissão, a minha relação com a profissão e cheguei à conclusão que era aquilo mesmo que eu queria e por isso esses momentos quase nunca existiram até hoje.

Entrevistadora - Como tem sido o seu percurso profissional? Onde já trabalhou?

Entrevistada - Na fase inicial da minha carreira, tive uma situação muito instável porque andava aos pulos de um lado para o outro, de escola em escola.

Estive primeiramente na Funchosa, depois no 2.º ano fui parar ao concelho de Silves, em Corte Peral, bastante longe também, depois estive na Estação, na escola da Estação, e entretanto casei-me, engravidei e na altura o sistema político de colocação de professores era bastante diferente do que é hoje.

Lembro-me na altura, o Silva Guerreiro, que era o nosso diretor escolar, colocou-me na Estação porque o meu bebé tinha só três meses e entretanto acabei por não ir para essa escola, fui para a Patã de Cima e entretanto pulei para a Patã de Baixo, no concelho de Albufeira. Depois fui para S.Lourenço, estive novamente em Almancil e depois acabei por estar um ano de licença sabática e fiquei só a nível administrativo em Quarteira, onde fiquei efetiva. Depois tenho-me mantido em Loulé, estive nove anos na escola do Serradinho, passei para a escola de Loulé n.º3 e agora estou neste agrupamento, já vai para onze anos.

Entrevistadora - Quais os momentos mais marcantes da sua carreira, quer pela positiva, quer pela negativa?

Entrevistada - Pela negativa, eu não diria que tenho muito, não tenho assim grandes episódios porque até acho que tenho uma... Tem sido gratificante neste aspeto, não tenho assim episódios muito negativos.

Tenho-me relacionado sempre bem com os pais e com os alunos.

A nível positivo eu tenho um ano letivo que eu acho que nunca vou tirar da minha cabeça, foi o ano 2006/2007, em que eu tinha várias tarefas e eu dava conta de tudo... [Riu]

Eu tinha a coordenação da escola n.º3, tinha estágio com o Prof. Joca como orientador e também acho que foi um estágio que correu lindamente, foi muito, muito positivo. A Lirolinda estava a fazer a especialização do PNEP e eu ofereci-me para ela ir retirar dados à minha turma, quer dizer, eu é que dava as aulas, eu trabalhava em articulação com ela e foi um ano lindo... [Riu]

Foi o ano que eu acho que me fica na memória. Foi com muito trabalho e com muita alegria.

Eu acho que o que faz a escola são as pessoas que estão no momento e na hora certa na escola, e os alunos claro, e os pais, tudo é um conjunto muito, muito complexo. Acima de tudo o relacionamento que se estabelece entre as pessoas, não só os colegas, mas também as funcionárias e mesmo todos os organismos e instituições que estão à volta criam um clima muito harmonioso e estou a esquecer-me dos colegas das AEC que eram impecáveis em termos de trabalho.

Nós não olhávamos nem sequer a horários, trabalhávamos com gosto e havia colegas que até iam trabalhar de manhã e depois iam à tarde para articular com as outras turmas.

Foi um ano que eu acho que nunca vou esquecer. Foi muito positivo mesmo!

Entrevistadora - Fale-me dos seus alunos. Conte-me algum episódio que queira destacar.

Entrevistada - Eu costumo dizer que os alunos são iguais em todas as escolas. São iguais e são diferentes, mas há sempre um ou outro aluno que fica na nossa memória, quer seja pela positiva ou pela negativa.

Eu tenho casos de alunos que eu me lembro dos episódios de teimosia, ou de revolta, ou da sua própria personalidade. São fruto do meio em que eles estão inseridos e o professor, que é sempre perspicaz, consegue ao fim de algum tempo descobrir o que se passa por detrás da revolta, o que se passa por detrás da teimosia desses comportamentos que diariamente nós vamos tendo na sala de aula.

Eu lembro-me, por exemplo de uma menina e de um menino, que são crianças que eu me lembro pelo seu lado de revolta e de angústia e depois eu, no meu papel de descobrir o que se passa com essas crianças, de questionar, chego à conclusão que por detrás daqueles comportamentos existe muita dor e foi o que eu descobri. Estes vão ficar sempre na memória.

Pelo aspeto bom, há outro caso, por exemplo a cumplicidade de uma aluna e o seu nome vai ficar sempre na minha cabecinha porque, também lá está, a situação familiar faz

com que a criança tenha determinados comportamentos na sala de aula e porque esta menina foi uma menina que... [Ficou pensativa, talvez com saudade]

Eu fiquei sem a turma, saiu a dita lei que o coordenador não podia ter turma se a escola tivesse mais de duzentos alunos, acho que era esta a lei na altura, e então eu fiquei sem a turma. Esta menina tinha um nível de cumplicidade comigo, de falar comigo, desabafar, que às vezes ia bater à minha porta na coordenação para falar “Oh professora Antónia, eu gostava que tu me aconselhasses assim, assim, assim...” e era este tipo de comportamento. Quando se estabelece este tipo de relação entre um professor e um aluno é muito positivo.

Entrevistadora - Também aprende com os seus alunos, Antónia?

Entrevistada - Muito.

Entrevistadora - Como, por exemplo?

Entrevistada - Não só no aspeto de noções cognitivas, mas também coisas que eles sabem às vezes sobre bichos, sobre plantas.

Eu quando estive a dar aulas na serra aprendi imenso com os meus alunos sobre as plantas, sobre o nome das plantas, eu não sabia nada daquilo. Nós chegámos a fazer um herbário com as plantas todas que existiam na serra, lá no ambiente deles, lá em Castro Marim porque eu era uma ignorante nesse aspeto.

Aprende-se muito no aspeto relacional, no sermos mais tolerantes, no falar, no compreender determinados comportamentos que eles têm, eu acho que é uma aprendizagem diária...

Entrevistadora - É uma troca?

Entrevistada - É uma troca, é uma partilha.

Nós damos e estamos a receber deles e cada dia que passa é sempre um pouquinho que acresce à nossa formação.

Entrevistadora - Antónia, já referiu que sempre tem tido um bom relacionamento com os alunos, com os pais, com as funcionárias, e com as colegas das escolas por onde tem passado?

Entrevistada - Também. Eu acho que nunca me dei mal com ninguém. Às vezes é difícil aceitarmos certos comportamentos em alguns colegas.

Eu já tive uma situação com uma colega, mas que eu tentei, “Eu tenho que mudar esta pessoa!” “Eu tenho que ajudar a mudar certos comportamentos nesta pessoa!”, mas depois acabei por desistir porque eu acho que quando é uma criança está a formar-se e nós, os professores, temos um papel muito importante nesse aspeto porque ajudamos a formar a personalidade, não é só transmitir conhecimentos, acima de tudo é formar, mas quando se trata de uma colega, em que se calhar eu estava na minha boa fé de tentar ajudar, mas logo desisti, não vale a pena... [Sorriu]

Em termos de relacionar-me com colegas, eu penso que me dou bem com toda a gente. Nunca causei problemas a ninguém e acho que...

Entrevistadora - Referiu também que fez a sua formação no Magistério Primário, mas que não se ficou por aí, pois ao longo dos anos também tem feito formações. Que ações de formação tem frequentado?

Entrevistada - Eu, a nível de ações de formação contínua tenho frequentado todas porque eu acho que é importante nós estarmos sempre atualizados e em formação.

Fiz a Matemática, fiz Estudo do Meio, fiz o PNEP dois anos seguidos, foram cinquenta e tal aulas assistidas, fiz agora as Expressões e sei que estas assim, que são o ano inteiro, eu faço sempre.

Houve uma altura da minha vida que eu também usava sempre aqueles oito dias anuais para ir a todas as outras sessões de formação. Ultimamente não, não sei se são as tais políticas que estão a desanimar o professor que fazem com que...

Entrevistadora - Quais são as suas áreas e temáticas de maior interesse nas formações que frequenta?

Entrevistada - Todas aquelas que contribuem para a minha formação e que eu possa ajudar os meus alunos, aplicar neles, alguma coisa inovadora também.

Eu já sei algumas coisas, não vou dizer que não sei... [Riu] Há muita coisa para aprender sempre.

Nós aprendemos imenso nas formações e também com os nossos colegas, quando há partilha.

Entrevistadora - Começou então a trabalhar há 29 anos e de certeza que nota diferenças na escola de ontem do 1.º ciclo e na escola de hoje. Que diferenças encontra?

Entrevistada - O professor antes era mais respeitado, hoje já não é tanto, quer pelo aluno, quer pelas famílias e até mesmo pelos nossos políticos porque se pensassem um pouco na carreira dos professores também às vezes não agiam como agem, mas essencialmente pelas pessoas que nos circundam porque o professor está lá muito em baixo.

Entrevistadora - Mudaram os alunos e mudaram os pais, tal como acabou de referir. Acha que hoje, apesar dessa mudança o professor do 1.º ciclo é reconhecido e valorizado pelo nosso sistema educativo e pela nossa sociedade?

Entrevistada - Por alguns ainda, mas pela maioria não, infelizmente.

Entrevistadora - Gosta do seu trabalho?

Entrevistada - Gosto, imenso! [Sorriu]

Se eu não gostasse imenso, eu não vinha todos os dias para a escola às oito da manhã. Isto é um indício que nós gostamos do que estamos a fazer e que estamos empenhados

porque não olho ao horário. Se eu fosse olhar ao horário eu não vinha para aqui às oito e não saía daqui às cinco, às vezes seis horas.

Entrevistadora - Como se sente enquanto professora do 1.º ciclo?

Entrevistada - Eu estou consciente das dificuldades que a nossa carreira tem atualmente, o que me leva às vezes a alguma desmotivação, mas como eu já disse, eu sou muito empenhada e persistente e então facilmente arrebita novamente... [Sorriu] Deixo para trás essa pequena desmotivação.

Às vezes penso assim “Porque trabalho tanto se eu não sou reconhecida pelas entidades políticas ou pelo Ministério, tal como todos os meus colegas?”. Depois penso no lado das crianças e dos pais e são estes que reconhecem o meu trabalho, os alunos e os pais, acima de tudo.

Entrevistadora - O que a desmotiva e entristece?

Entrevistada - As políticas atuais, acima de tudo.

Entrevistadora - O que a alegra? O que lhe dá forças para continuar?

Entrevistada - As crianças... [Sorriu]

Entrevistadora - Se o tempo voltasse para trás, escolhia novamente esta carreira?

Entrevistada - Escolhia. Não estou arrependida.

Entrevistadora - Já referiu que se sente respeitada pelos alunos e pelos pais, não pelo nosso sistema, e mesmo assim sente-se realizada profissionalmente?

Entrevistada - Sim, sinto.

Entrevistadora - É então uma professora feliz?

Entrevistada - Sou, sinto-me feliz aqui.

Entrevistadora - Depois de todo o seu percurso na escola do 1.º ciclo, o que sente em relação aos alunos, aos pais, aos colegas e ao nosso sistema educativo de hoje?

Entrevistada - Algum desânimo. Algum desânimo...

Entrevistadora - O que mudaria na escola que temos hoje?

Entrevistada - A burocracia. Há muito papel para preencher. Nós passamos o tempo todo a preencher papéis quando o fundamental não é isso.

Entrevistadora - Na sua escola ideal de certeza que teríamos menos papéis, e menos burocracia...

Entrevistada - Claro. Sem dúvida alguma. [Riu]

Entrevistadora - Que outras mudanças faria na sua escola ideal?

Entrevistada - Não faria escolas tão grandes como esta... [Riu] Porque tudo corre melhor quando a escola é mais pequena, quando... O ideal foi quando eu estive na escola n.º3, eram quatro professores, duas educadoras e os professores das AEC.

Quanto maior é o mundo, mais complicado se torna, em termos de relacionamentos, horários, conjugar atividades, articular, torna-se tudo muito mais complicado.

Entrevistadora - Que expectativas tem para o seu futuro enquanto professora do 1.º ciclo?

Entrevistada - Em relação ao futuro, ele é tão incógnito que eu não espero nada. Vamos deixar as coisas correrem para ver o que acontece.

Entrevistadora - Como será o futuro da escola do 1.º ciclo e dos professores em Portugal?

Entrevistada - Cada vez será pior. Cada vez mais as pessoas vão sentir dificuldade em ensinar porque cada vez mais há mais interferências, não só no aspeto político, como cada vez mais os pais é que mandam mais na escola e os professores cada vez mais vão ter um papel menor.

Os professores já não são vistos como algo construtor e estão de pés e mãos atadas.

Entrevistadora - Que mudanças prevê para a escola do futuro? Como acha que vai ser a escola do 1.º ciclo dos seus netos?

Entrevistada - Cada vez mais pobre porque as relações humanas cada vez estão mais degradadas, então esses aspetos, o que nós batalhamos diariamente na escola, o relacionamento, tornam as relações cada vez mais complicadas, e cada vez mais será pobre.

Entrevistadora - Muito obrigada pela sua colaboração.

Entrevistada - De nada.

Data e local da entrevista

8 de julho de 2015

Loulé

Perfil da entrevistada

- Nome: **CARLA MARQUES**
- Data de nascimento: 02/05/74
- Idade: 41 anos
- Profissão: Professora do 1.º CEB
- Tempo de serviço docente: 19 anos

Entrevistadora - O que é ser professora do 1.º CEB?

Fala-me da tua profissão, do teu percurso, dos momentos mais e menos significativos, do significado que atribuis à tua profissão, dos teus alunos, da tua escola, ... enfim, o que te vai na alma.

Entrevistada - Bem, para mim o que é ser professora do 1.º ciclo? É para mim muito especial porque desde que eu sou pequenina que eu quis ser professora, não de Matemática, não de Ciências, não de 1.º ciclo, mas de Inglês, todas brincadeiras que eu fazia quando era criança envolviam o bocadinho de ser professora. Eu queria sempre ser a professora, até gostava de dar uns puxões de orelhas e tal, quando eles não me respondiam bem... [Sorriu] É claro que hoje em dia vejo isto de uma forma muito diferente.

Ser professora, independentemente de ser do 1.º ciclo, do 2.º, ser professora é ter muito para dar. É abdicar de muitaaaa [Deu muito ênfase a esta palavra] coisa do plano pessoal para poder estar no plano profissional a cem por cento, duzentos por cento, trezentos por cento.

O meu percurso envolveu dezoito anos e eu já passei... Os meus primeiros dois anos passei-os em Coimbra e foi lá que vinculei e depois, como na altura era um bocadinho mais aventureira, agora sou um bocadinho mais roupão e chinelos, já estou nessa fase, mas na altura, vinte e dois anos, queria aventura...

Os primeiros dois anos, como tinha dito, passei-os em Coimbra, vinculei no segundo ano em Coimbra e depois achei que deveria trocar o vínculo e ir até aos Açores e porque não? “Tanta gente vai para os Açores trabalhar, deixem-me ir para lá também...”

Passei lá dois anos muito bons da minha vida. [Sorriu] É claro que depois a família, que na altura, no início de carreira temos outros horizontes, temos outras preocupações, outras prioridades, começou a faltar-me o meu pilar, a minha família. Eu estava lá muito longe, dois mil e tal quilómetros...

No final do segundo ano já tinha casa, já tinha carro, já tinha tudo resolvido e “Não é aqui o meu poiso!”, então voltei para Coimbra. Consegui mudar o vínculo outra vez para Coimbra e daí para Évora, sou alentejana, vivo aqui, mas nasci em Portalegre, a minha família está toda por lá.

Em Évora, no último ano que estive lá, salvo erro em 2005/2006, como era QZP não havia lugares para toda a gente e então estava já numa colocação administrativa e eu achei que não era isso que eu queria, uma colocação administrativa? Tratar de papéis? Não é para isso que eu vim para o 1.º ciclo, ou para o 2.º ou... Não é para isto que eu quero ser professora.

Resolvi arriscar e manifestar disponibilidade para vir para outro distrito e escolhi o 08, Faro, e pronto, foi aí que começou a minha aventura por terras do Algarve. Eu costumo dizer na brincadeira que sou “algarviana”... [Sorriu] Neste momento já tenho muito do Algarve, apesar de ser alentejana. [Riu]

Vim para cá, fui colocada antes da terceira cíclica e como na altura estava a atravessar uma fase muito complicada da minha vida pessoal, recusei ir para o Ameixial porque era uma zona muito isolada e curiosamente dois dias depois ligaram-me aqui da Direção Regional a perguntar se eu estaria interessada em vir para Loulé ou para Portimão. Assim que eu soube que era no centro, com muita gente à volta, “Ok, vamos para Loulé!” e desde então aqui estou eu.

Dou muita importância à minha profissão. Eu acho que hoje em dia só mesmo quem gosta daquilo que está a fazer aqui, no terreno, é que não pondera outras hipóteses porque de outra forma...

Eu tenho muitas pessoas conhecidas minhas que deixaram esta carreira porque não lhes trazia aquilo que elas pensavam. Eu continuo porque sou teimosa, porque gosto do que faço e porque acho que na vida nada é fácil e se nós não gostamos daquilo que fazemos, então...

Entrevistadora - Depois desses primeiros anos de carreira sentiste que o que aprendeste no curso da formação inicial correspondeu às expectativas?

Entrevistada - A minha formação inicial é de Matemática e Ciências e eu na altura tive colocação nos dois ciclos, era naquela altura em que a Matemática e Ciências ainda estava muito boa, então eu resolvi vir para o 1.º ciclo porque ponderei, já que não estou no Inglês, que era o que eu queria, já que no 9.º ano resolvi embarcar na aventura da Matemática, que era o meu ponto fraco, mais um desafio que eu coloquei a mim mesma, então achei que para mudar ou para fazer alguma coisa bem tem que ser de raiz e então, daí o 1.º ciclo.

A minha formação inicial ensinou-me muita teoria, é claro que a experiência é que me trouxe a prática... [Sorriu] E a teoria não tem a ver com a prática em 90% das situações. Há coisas que os livros não nos ensinam, nós temos que ter muito de nós para conseguirmos dar a volta às situações.

Entrevistadora - Como tem sido o teu percurso profissional? Onde já trabalhaste?

Entrevistada - O meu primeiro ano foi em 97/98, atinjo a maioria este ano... [Sorriu]

Eu comecei por... Concorri e fiquei colocada em Coimbra, no distrito de Coimbra, e fui colocada na Pampilhosa da Serra.

Fui para a Pampilhosa da Serra e lá na Delegação Escolar da altura, disseram-me que eu tinha sido colocada em Porto de Vacas, um sítio que só lá ia quem lá morava e era necessário não se enganar no cruzamento. Aí vou eu, sozinha, com o carrinho do meu pai

porque na altura ainda não tinha carrinho, malas às costas e entrei numa zona de terra batida e vi a terra lá em baixo e eu pensei “Agora como é que eu vou? Tenho que ir muito devagarinho.” Era terra batida, pedras, aí vem ela... “Cheguei, ok, estou viva, está tudo inteiro!”

Apresentei-me e a primeira experiência que eu tive fora, já após o curso, foi numa EBM, uma escola básica mediatizada, a antiga Telescola, a fazer o quê? A dar a parte toda das letras, ora eu acabei de sair de um curso de Matemática, via números e raízes quadradas em tudo quanto era lado e só tive lugar a dar Português, Francês, para quem adora Inglês, Francês?... [Fez uma expressão de desagrado] Educação Moral e Religiosa, História e Geografia de Portugal que eu não tinha desde o 9.º ano porque segui Saúde. Grande desafio para mim, não é?

Era 5.º e 6.º ano, quatro alunos de 5.º e quatro alunos de 6.º. Então como o meu horário era à tarde e o que é que eu fazia? Não tinha nada à minha volta, levantava-me de manhã e estudava. Estudava “Como é que eu vou agora ensinar os meninos a falar Francês se eu... Mas as coisas correram bem, a História então... É uma das áreas que eu menos... Mas aquilo correu bem porque eu estudava tudo para depois poder estar como devia ser e ensinar os meninos como devia ser.

Posso dizer-te que olhava para aqueles vídeos todos, não mostrava vídeos, assumi aquele compromisso e preparava os materiais e levava o tempo a fazer aquilo tudo, também não tinha mais nada para fazer.

Fiz um projeto de dança porque é uma das minhas paixões de sempre. Na altura eu ainda estava na Escola de Dança e então achámos que devíamos fazer, eu não sabia se iria trabalhar até ao final do ano ou não, achei que devia fazer com eles uma apresentação para a festa de Natal com danças de salão, que é o que eu gosto. Fizemos o projeto, fizemos os fatos, fizemos tudo e na véspera do último dia de aulas telefonaram-me da Delegação a dizer que eu tinha ficado desalojada porque a colega que estava lá efetiva regressava...

Então o último dia de aulas do 1.º Período passei dentro do carro à procura de Coimbra para ir buscar a minha carta porque entretanto fiquei desalojada ali, mas fui colocada logo noutra escola que veio a ser em Miranda do Corvo.

Foi um dia um bocadinho triste para mim porque... Mais em início de carreira, nós não damos trezentos por cento, damos mil, e estamos cheias de vontade de fazer tudo e mais alguma coisa e a aceitação dos pais e a aceitação de todos, queremos que as coisas corram mesmo muito bem e o que aconteceu foi que eu já não vi a festa. Entretanto, os meninos sabiam onde eu morava, sabiam a minha morada e qual não foi o meu espanto... [Sorriu] Dois dias antes do dia de Natal, recebo uma encomenda em casa, na altura não havia cd's, era uma cassete VHS, que eles filmaram onde mostraram tudo aquilo que fizeram na festa e deixaram-me uma mensagem no final... [Ficou emocionada] Caíram-me muitas lágrimas e como eu também me apeguei muito a eles, aquilo custou-me um bocadinho. Isto nos primeiros três meses de aulas que eu tive na minha vida.

Entretanto fui colocada na escola de Miranda do Corvo, onde assim por curiosidade descobri nos documentos de mil novecentos e cinquenta e qualquer coisa o nome do meu cunhado mais velho, portanto ele estudou naquela escola onde eu fui trabalhar. É engraçado ver.

Ali fui dar apoio na educação especial, trabalhei com crianças com... Uma das crianças não tinha tronco, tinha uma fibra a revestir a parte do tronco, não tinha mobilidade. Eu estava dentro da aula com ela, ela estava deitada na cama dentro da sala, era complicado, mas os outros miúdos aceitavam-na lindamente e ela estava mais do que

familiarizada. Outro menino que eu tive, com dez anos, estava a nível dos dezoito meses, da descoberta dos pezinhos e das mãos, era autista.

Trabalhei com casos que no início não estava... Daí que eu digo, a formação inicial não me preparou para este tipo de coisas, mas o ano correu muito bem, fiz muitos amigos lá que ainda tenho hoje passados dezassete anos...

O ano acabou e toca a concorrer, aquilo que nós todos sabemos, que é o verão inteiro de comboio de um lado para o outro. Na altura ainda havia mini concursos, havia tudo isso, e lá vou eu. Voltei a ficar em Casal de Ermio, Coimbra, pelo segundo ano. Vinculei, fiquei muito contente, vinculei. Passei um ano muito interessante lá.

A minha professora da primária, a professora Angelina, é de lá, a filha morava lá na altura e como ela manteve sempre contacto com os pais dos alunos, porque tinha casa em Portalegre, um certo dia lembrou-se de perguntar aos meus pais por onde é que eu andava e o que eu estava a fazer porque já não me via há muito tempo, os meus pais disseram-lhe que eu estava colocada na escola de Casal de Ermio. Então a minha professora entrou em contacto com a escola de Casal de Ermio, esta é uma das recordações que eu vou levar para sempre, que tenho para sempre comigo, a minha professora a chegar na automotora, a sair da automotora, a entrar na minha sala com os meus alunos e eu poder apresentar a minha professora do 1.º ciclo aos meus alunos do 1.º ciclo. [Sorriu, parecia muito orgulhosa]

Aí em Casal de Ermio tive uma turma, era lugar unitário, tive vinte e dois alunos do 1.º ao 4.º ano, então eu estava sozinha. Não tinha tarefaira, eu dava o almoço aos meninos, eu passava o dia inteiro com eles, eu era assistente operacional durante o intervalo, vigiava o intervalo, era ama durante o almoço, dava o almoço, então aos mais pequeninos... E era professora durante as horas letivas.

Eu peguei neles, em Casal de Ermio, Coimbra, e autocarro... Lá vão eles para o Visionário, para Santa Maria da Feira e para o Porto, sozinha, completamente sozinha, mas era diferente, a maneira de estar dos miúdos era diferente. Eu levei vinte e duas crianças sozinha, estive das sete da manhã que partimos de Coimbra até às tantas da noite com eles, sozinha, e foi das melhores visitas de estudo que eu tive até hoje.

Assim completa-se o segundo ano e aí vai ela mudar o vínculo para os Açores. No primeiro ano fui para uma escola de Ponta Garça, uma escola complicada, com aquelas turmas, passo a expressão, aquelas turmas dos restos, turma gueto, então a média de idades que eu tinha na minha sala de alunos com 3.º e 4.º ano era catorze anos. Tive uns confrontozinhos iniciais, mas foram grandes amigos. O relacionamento dos miúdos comigo foi excelente, o relacionamento com os pais excelente e fiquei mais um ano.

Fiquei mais um ano e seguindo a experiência na educação especial fiquei no pólo de educação especial de Vila Franca do Campo e aí voltei a contactar com casos muito complicados. Aí tive a certeza que não era isso, não era isso, tinha que ser mesmo o 1.º ciclo.

Então, família, saudades, estou muito longe, fiz as malas, pus tudo dentro do carro, o carro veio de barco até cá, dentro de um contentor, estava tão carregadinho que só havia espaço para eu conduzir, e mal... Eu vim de malinha na mão no avião.

Entretanto consegui entrar em Coimbra novamente, S.Martinho da Cortiça, em Arganil, e estive lá mais dois anos muiiito [Deu ênfase a esta palavra] bons, muito bons. Tive uma turma de 1.º e 2.º ano e gostei muito de lá estar.

Eu acho que as pessoas que moram em sítios com menos infraestruturas, menos acesso a tudo, menos recursos, têm uma afetividade, uma meiguice completamente diferente.

Eu nestes anos todos, que são quatro, como falei, eu tive essa faceta, eu senti essa faceta por parte das pessoas, dos pais, dos alunos, dos colegas, dos auxiliares, toda a gente!

Depois de S.Martinho da Cortiça achei que estava na altura de vir ainda mais para perto dos meus pais e então fui concorrer e vim para a Boa Fé, em Évora. Fiquei no apoio, aliás eu fiquei colocada como professora titular de turma e a colega que ficou com o apoio naquela escola era uma pessoa com muito mais tempo de serviço do que eu. Então, ela propôs ficar eu nos apoios e é assim, temos que ter a humildade de perceber que aquela senhora tinha muito mais tempo de serviço do que eu, muito mais experiência, então vamos deixá-la ficar com a turma e eu estou nos apoios e eu faço o melhor que sei.

No dia em que nós fomos assinar a mudança, foi uma mobilidade interna, descobrimos que éramos primas em terceiro grau, pelos nossos apelidos... [Riu] Há coisas muito engraçadas...

Da Boa Fé, fui para o centro de Évora, estive dois anos no Convento Novo, um ano em S.Mamede e na Comporta. No ano em que estive na Comporta já namorava e entretanto casei nesse ano. Casei nesse ano, viemos mais para perto e estive três anos a trabalhar dentro de Évora. Entretanto divorciei-me e vim para cá, onde tenho estado até hoje.

Estive os primeiros dois anos na Hortas de Stº António e depois fiquei no quadro de agrupamento aqui da Padre Cabanita, fui trabalhar na Escola n.º 2, no ano seguinte fui para a n.º 3 e depois Vale de Rãs e agora a n.º 4.

Entrevistadora - Carla, deu para perceber que és uma professora feliz.

Entrevistada - Sou, sou... [Riu]

Sabes que gosto do que faço e tenho muita pena de hoje em dia haver muita coisa para se fazer que não seja estar com os meninos e pensar neles. Acho que são os dois graves problemas, muita burocracia e sermos os últimos a saber das coisas. Nós que estamos no terreno a trabalhar com as crianças devíamos ter uma opinião a dizer sobre as coisas ou mesmo que não tivéssemos uma opinião a dizer, que fossemos avisados antes e nos preparassem de outra forma. Eu continuo a ver ao fim de dezoito anos de profissão que nós que estamos no terreno com eles somos os últimos a saber dos programas, das metas, disto, daquilo, e isso influencia, quer queiram, quer não.

Entrevistadora - Ao longo do teu percurso profissional tens tentado aperfeiçoar os teus conhecimentos? Tens realizado ações de formação?

Entrevistada - Sim, fiz o PNEP, fiz as Ciências Experimentais e no ano em que eu queira entrar na Matemática, acabaram-se estas formações.

Fiz aquelas formações de um dia em que nós estávamos sentados a ouvir toda a gente a falar, deixei de as fazer, agora só faço aquelas que eu acho que, ou somos obrigadas, ou aquelas que me dizem alguma coisa.

Este ano fiz uma... E depois fiz uma que me propus porque era na área da Matemática, eu este ano estou a fazer permuta de lecionação com outra colega e eu estou na parte da Matemática. Posso dizer que há muito tempo que não tinha uma formação de Matemática que me ensinasse como esta me ensinou.

Entrevistadora - Olhando para trás, pensando em todo o teu percurso, que diferenças encontras entre os alunos e a escola de ontem e os alunos e a escola de hoje? O que mudou?

Entrevistada - Eu não diria os alunos, eu diria a vida de hoje em dia. A atitude dos alunos perante a escola mudou porque a atitude dos pais também mudou e porque a vida dos pais de hoje em dia não é a vida dos pais de antigamente. Os pais de antigamente viviam numa família alargada, tinham os avós, tinham os tios, tinham a família toda ao redor e quando não podiam estar com as crianças, estavam com os avós e com os avós nós aprendemos muito.

Hoje em dia os meninos... Eu sinto-me um bocado... A escola serve para agradecer os pais e a escola serve para serem colocados aqui às oito e meia da manhã e saírem daqui muitas vezes às sete da noite.

Não culpo os pais nesse aspeto porque os pais também têm que fazer pela vida e têm que ganhar dinheiro porque então não há escola, nem nada para ninguém. Noto que a falta de acompanhamento dos pais aos filhos hoje em dia vem trazer muiiiiitas [Deu ênfase a esta palavra] repercussões para a escola porque muitas das atitudes que as crianças têm na escola hoje em dia têm a ver com a falta de atenção, com carência “*Hellow, estou aqui!*” porque muitas das vezes quando nós lhes passamos a mão por cima ou damos um beijinho ou um carinho... [Sorriu]

Entrevistadora - O que te desmotiva e alegra na tua profissão?

Entrevistada - O que me alegra, as crianças... [Sorriu]

O que me desmotiva, as condições em que nós trabalhamos hoje em dia. O professor hoje em dia é visto como um *entertainer*, estás na escola e desde que aprendas a ler e a escrever está tudo muito bem.

A escola é muito mais do que isso, muito mais do que isso!

Entrevistadora - O que mudarias na escola de hoje?

Entrevistada - Na escola se calhar não mudava, mudava era tudo o que está por detrás da escola, mudava muita coisa.

Entrevistadora - Como seria para ti a escola ideal?

Entrevistada - A escola ideal é um edifício, seja grande, seja pequeno, com professores felizes, motivados, porque um professor feliz e motivado consegue motivar os meninos, com pessoas a trabalharem todas para o mesmo fim porque há muitas pessoas que trabalham num sentido e outras noutra e o mais importante são as crianças, ponto final!

Se hoje em dia toda a gente pensa em tudo menos nas crianças, deviam pensar primeiro nelas, eu digo fora e dentro da escola, sejam pais, sejam professores, sejam assistentes operacionais, seja quem for. Muitas das atitudes que se tomam hoje em dia são a pensar no próprio umbigo, os miúdos são os últimos em quem se pensa e acho que isso também é um dos graves problemas.

Entrevistadora - Que expetativas tens para o teu futuro enquanto professora do 1.º ciclo?

Entrevistada - Eu espero muito continuar a ser professora do 1.º ciclo.

As expetativas que eu tenho, sou sincera, há dois anos quando comecei a ver que as condições de trabalho, as condições começaram a ser reduzidas, eu fiquei muito triste e pensei “Onde é que isto me vai levar?”, mas hoje em dia acho que não penso muito nisso. Um ano a seguir a outro ano, eu agora neste momento tenho uma turma de 1.º ano que vai para o 2.º e para o ano estou com eles no 2.º ano, penso muito em função deles, não penso tanto onde vou estar, o que vou fazer, será que a escola... é mais assim.

Entrevistadora - O que se espera para o futuro do 1.º ciclo em Portugal?

Entrevistada - Eu posso dizer o que euuuuu [Deu ênfase a esta palavra] espero para o 1.º ciclo no futuro em Portugal. O 1.º ciclo é a base de tudo e se as coisas tomarem o caminho que estão a tomar. O 1.º ciclo não.... [Ficou pensativa] Olha, aprendes a ler, aprendes a escrever e depois o resto logo se vê, o que está errado, está muiiito [Deu ênfase a esta palavra] errado...

O que eu idealizo para o 1.º ciclo no futuro é que é do início que se começa. O que os outros que estão lá no outro lado idealizam, já são questões políticas e económicas, tudo o que me transcende, são mais uns que também não pensam nas crianças.

Entrevistadora - Queres acrescentar mais alguma coisa?

Entrevistada - Não...

Entrevistadora - Gostei muito de falar contigo. Obrigada.

Questões colocadas após a entrevista

Entrevistadora - Na tua opinião, o trabalho do professor do 1.º ciclo é reconhecido e valorizado pelo nosso sistema educativo e pela nossa sociedade?

Entrevistada - Na minha opinião o 1.º ciclo e, dito por muitos colegas, o “parente pobre da educação”.

Dito isto, não me parece que haja o devido reconhecimento nem a devida valorização. Felizmente, tenho tido experiências de coadjuvação com colegas de 2º ciclo que, após algum tempo de convivência, referem que não faziam ideia do quanto se trabalha e o quanto o professor de 1º ciclo investe na planificação, preparação, aplicação e trabalho com os seus alunos.

Data e local da entrevista

8 de julho de 2015

Loulé

Perfil da entrevistada

- Nome: **FRANCISCA MARTINS**
- Data de nascimento: 09/06/71
- Idade: 44 anos
- Profissão: Professora do 1.º CEB
- Tempo de serviço docente: 19 anos

Entrevistadora - O que é ser professora do 1.º CEB?

Fale-me da sua profissão, do seu percurso, dos momentos mais e menos significativos, do significado que atribui à sua profissão, aos seus alunos, à escola...

Entrevistada - A profissão acabou por vir um pouco na sequência da desistência de outro curso, de ter que fazer uma opção. Candidatei-me duas vezes, não entrei, e à terceira vez que me candidatei entrei. Foi inicialmente o curso de ensino básico, específico para 1.º ciclo, só que o meu percurso tem tido várias etapas. O curso foi em 94/97 e comecei a trabalhar em 1997, no colégio de Vilamoura.

Quando saí da universidade fui convidada para ir trabalhar para um colégio privado, tendo em conta as notas e o desempenho e na altura acabei por, na incerteza do que é que viria, se teria ou não teria emprego, acabei por aceitar. O meu primeiro ano de trabalho foi em 1997 e depois estive a trabalhar durante cinco anos num colégio privado.

Esse foi um momento muito decisivo, pois se calhar a postura que eu tenho e tenho tido ao longo destes anos e continuo a ter porque as coisas eram muito... Não eram rigorosas, nós tínhamos um conselho de educação internacional muito vasto e muito extenso, abrangia muitas áreas e que... Quando eu falava com as minhas colegas que trabalhavam no público, posso dizer que a escola lá já é como a escola é hoje em dia, em termos burocráticos e em termos de papelada e as coisas que nós temos de fazer.

A ideia que eu tinha do ensino público era que era tudo mais leve, não era tão rigoroso. Ali todos os professores faziam parte do Pedagógico, nós começávamos a reunião às cinco da tarde e se à meia-noite os pontos não estivessem todos discutidos não se saía, não se adiava. Eram muitos projetos ligados à comunidade e nós tínhamos de participar em muitos projetos a nível exterior e inicialmente a ideia que eu tinha da escola pública era completamente diferente, pelo menos era o feedback que eu tinha das minhas colegas.

Foram cinco anos em que eu me empenhei e acabei por trazer, quando vim para o ensino público, um pouco daquilo que lá fiz.

Adaptava-se ou não se adaptava, protestava-se ou fazia-se e o empenho que era exigido de nós quase que a família ficava de lado porque tínhamos muitas tarefas que tínhamos que fazer, estávamos envolvidos numa série de projetos que se calhar hoje em dia já temos na nossa escola e desde que estou na escola pública tenho sentido a cada ano que

passa que essa responsabilidade e aquilo que nos é exigido tem vindo a aumentar quase ao nível daquele que eu tive no início da carreira.

Fiquei cinco anos, iniciei com o 4.º ano porque eu tinha muito receio do 1.º ano e quando fiz a entrevista para o emprego foi-me posta a hipótese de lecionar um 1.º ano ou um 4.º ano e uma vez que estagiei no 4.º ano, sentia-me mais à vontade no 4.º, peguei naquela turma de 4.º ano.

Depois nos anos seguintes, foi o meu primeiro grupo, comecei no 1.º ano e ficámos juntos até ao 4.º ano até que eu entretanto casei, tive a minha filha e quando a minha filha tinha seis meses inscrevi-me no Complemento de Formação. Então estava a trabalhar durante o dia com um horário normal e à noite tinha as aulas e quando cheguei ao fim desse Complemento de Formação a menina estava com os três anos e meio, ia começar a escolaridade dela, e face a uma situação que aconteceu eu decidi que ia concorrer e entrei, fiquei QZP na altura, no ensino público.

Concorri para as escolas aqui da zona, na altura ainda havia os agrupamentos horizontais e fiquei, fui colocada na Mãe Soberana.

Nesse aspeto, em termos profissionais, não me posso queixar porque sempre fiquei em casa. Nos primeiros anos estava a vinte minutos do trabalho e fiquei na Mãe Soberana, onde peguei numa turma de 3.º ano e fizemos esses dois anos que foram muito interessantes.

Foi engraçado porque a turma foi apanhada a meio, mas a empatia que se criou com os encarregados de educação, principalmente, foi assim uma coisa extraordinária.

Extraordinária no sentido em que fui bem aceite, gostavam de mim e colaboravam em tudo o que era pedido e eles próprios até pediam.

Foram dois anos engraçados. Nessa altura já estava a fazer o Mestrado e nós fizemos um projeto no final do ano, do 4.º ano, a turma ir passar uns dias fora e então como eu quando estive no colégio já tinha ido a uma quinta de turismo rural ali no Alentejo, fiz a sugestão e depois pôs-se a questão de termos que arranjar dinheiro, temos que ter dinheiro.

Nesse aspeto foram extraordinários porque eu tinha aulas ao sábado e nem sempre estava presente, elas fizeram bolos, elas iam comprar bebidas e vendiam mais caro no mercado para arranjar dinheiro. Elas envolveram-se de tal maneira no projeto que nós chegámos ao fim e conseguimos praticamente tudo. Alguns miúdos que não teriam hipótese de ir porque não tinham dinheiro e até beneficiavam de escalão, elas conseguiram envolver e ir todos.

Fomos todos, foram as mães, foram avós, foram irmãos e então fomos de comboio e em todas as atividades estavam elas sempre muito envolvidas, muito participativas e foi realmente um ano muito interessante porque sentia-se mesmo... Ainda hoje em dia muitas delas encontram-me e tratam-me muito bem, tratam-me mesmo muito bem e temos uma relação quase pessoal com algumas delas e outras já não as vejo. Foi realmente uma experiência muito boa.

Depois quando terminei com essa turma ainda lecionei o 1.º ano, mas como tinha feito o Mestrado em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária, na altura o gabinete de educação de adultos que existia, portanto a Direção Regional tinha um gabinete...

Entrevistadora - Em que ano?

Entrevistada - Talvez 2002/2003.

Aí fui convidada para fazer parte desse gabinete, era um gabinete que promovia os cursos socioeducativos e mesmo o ensino recorrente no concelho de Loulé.

Na altura achei que era um desafio diferente e fui experimentar. Iniciei no dia 1 de setembro com uma série de gente no gabinete, com uma coordenadora que supostamente me iria ensinar.

Na altura existiam os cursos CEFA de Educação e Formação de Adultos, quer de organismos públicos, quer de entidades privadas, e nós tínhamos que fazer a supervisão desses cursos, ou seja, tínhamos que ir. Inicialmente assistíamos a uma reunião entre professores e alunos e depois éramos convidados a ir para os trabalhos finais de cada módulo.

Em Quarteira havia um que era sobre os países do mundo, então houve um grupo que trabalhou o Brasil, outro trabalhou África, outro trabalhou Cabo Verde, portanto vários países e depois aquilo conjugava-se numa grande festa, numa coisa prática, em que elas vinham vestidas com roupa característica, traziam a comida característica, a bebida característica e depois aquilo tornava-se... Algumas eram mais de convívio, outras eram mais formais.

Logo no meu primeiro dia de trabalho fui levada para uma dessas reuniões. Geralmente as reuniões aconteciam às seis da tarde, a partir dessa hora.

Eu comecei a trabalhar, eu gostei daquilo que estava a fazer, entretanto a minha colega que estava comigo e que supostamente me deveria ensinar, reformou-se no dia 25 de setembro e então só tive companhia vinte e cinco dias e fui lançada assim, com cento e tal cursos de socioeducativo que abrangiam bordados, pintura, artes decorativas, uma série de coisas práticas e depois essas pessoas podiam frequentar esse socioeducativo, mas ao mesmo tempo tinham que fazer uma disciplina do 2.º ciclo ou tinham que frequentar o ensino recorrente.

Tinha esses cursos socioeducativos, tinha o ensino recorrente do 1.º e 2.º ciclo do concelho todo de Loulé, ou seja, tinha que fazer depois a supervisão, tinha que pegar no carro às sete da tarde e ia para a Cortelha e para o Ameixial, ia para o Azinhal, onde funcionavam os cursos. Eu tinha que fazer essa supervisão, tanto do socioeducativo, como do 1.º e do 2.º ciclo.

Outra coisa que nós fazíamos... Depois surgiu o financiamento para os cursos CEFA e nós fazíamos essa supervisão, na altura, nesse primeiro ano estive sozinha e no segundo ano da coordenação estive com a colega Nelida.

Nós tínhamos... Cada uma de nós tinha cerca de trinta cursos para supervisionar em várias áreas, geralmente era no concelho de Loulé, mas chegámos a ter também no concelho de Faro. Tínhamos de participar nessas reuniões e alguns convidavam-nos para a apresentação dos trabalhos.

Essa era uma parte, a outra parte era... Eu era representante da Direção Regional em várias... Na Câmara, por exemplo, a Câmara tinha a rede social na altura, e a educação era uma parceira. Eu tinha que estar presente nas reuniões das redes sociais e tinha que representar a educação, tudo o que dizia respeito à educação era comigo que era resolvido, propostas de cursos, propostas de formação, por exemplo.

Uma das atividades da rede social... Foi feita em Quarteira, aqui em Loulé, a Abelheira, mas este foi mais tarde, pois primeiro foi Salir. Depois foi St^a Luzia, o Bairro de St^a Luzia e depois a Abelheira, houve lá problemas e aquilo arrastou-se.

Nós tínhamos uma bolsa e podíamos atribuir essa bolsa para fazer qualquer tipo de atividade, eram as chamadas bolseiras, elas eram pagas através dessa bolsa e então nós, na altura em conjunto com a rede social, na altura do realojamento, nós preparámos um programa baseado na economia doméstica antiga em que se faziam... Preparavam-se, no caso de Salir, eram famílias de etnia cigana e preparava-se a família para ir habitar aquele espaço, no fundo era ensinar-lhes como se usa o fogão, como deviam...

Eles viviam em contentores, era uma comunidade que já estava um pouco mais à frente que as outras comunidades que vivem em... Como em St^a Luzia, que viviam antigamente no monte de St^a Luzia e daí o prédio ter o mesmo nome. Eles aí viviam quase que em barracas enquanto que em Salir viviam em contentores, portanto foi muito mais prático, mais fácil ensinar-lhes estas coisas, que para nós são banais, como ligar um fogão, um microondas, aquelas coisas básicas, cozinhar, como tratar a cozinha.

Em Salir foi um êxito porque a comunidade aderiu muito bem, a maior parte eram mulheres, mas também havia homens, houve uma parte que tinha a ver com toda a família em si.

Aqui em St^a Luzia não correu tão bem porque o tipo de população era diferente e depois em Quarteira acabou por não se fazer, mas a ideia era através da educação proporcionar algumas ferramentas para que eles soubessem viver numa casa.

Essa era uma das coisas, outras coisas eram a nível da rede social, por exemplo quando há os programas de financiamento que nós temos que analisar as propostas das várias entidades. Portanto, tratávamos dessas coisas assim, depois tinha a outra parte em que todas as 5^a feiras, uma semana aqui em Loulé e outra em Quarteira, representava a educação no Núcleo do Rendimento Social de Inserção.

Eu tinha que estar em contacto com as professoras, inclusive o ano passado quando tirei as coisas do gabinete da coordenação, para aproveitar a sala, encontrei uma série de ofícios meus dessa altura, porque eu tinha que fazer o levantamento dos meninos que os pais beneficiavam de rendimento social. Se os meninos fossem menores de idade tinham que frequentar a escolaridade obrigatória ou se fossem adultos, quer dizer, se estivessem fora da escolaridade, tinham que ir para o ensino recorrente.

Eu tinha que falar com os professores, saber se os meninos iam à escola ou se não iam, tinha que no final de todos os períodos enviar para as escolas um pedido das avaliações, e depois na reunião com todos os parceiros, tínhamos a educação, tínhamos o Instituto do Emprego, tínhamos a saúde, tínhamos a ação social, e reuníamos e todos nós dávamos a nossa opinião sobre aquela família.

Era uma das vertentes engraçadas, mas ao mesmo tempo foi assim... Foi assim um bocado complicado... Não era bem complicado, era... Quem está habituado a estar numa escola, na escola no dia-a-dia nós vemos tudo, vemos miúdos com problemas económicos, famílias disfuncionais, mas ali... Então quando eram as reuniões de Quarteira, ali parece que era um pouco de miséria humana, era de tudo. Eram pessoas doentes, era toxicoddependência, pessoas muito... Ver o ser humano num patamar muito, muito baixo.

À 5^a feira tínhamos essas reuniões do rendimento social e à 6^a tínhamos a da rede social e aí estávamos todos, os vários parceiros, com a mesma sensação, porque aqui em Loulé eram pessoas idosas da serra, era a etnia cigana, praticamente o acampamento todo e até tínhamos situações muito engraçadas e tudo mais, mas ali em Quarteira era diferente. Era diferente porque a realidade social era muito diferente daqui e aquilo era muito pesado. Inclusive tivemos uma situação em que uma das nossas colegas, foi perseguida durante algum tempo e ameaçada por um indivíduo que era utente e um dia damos por nós, ele

entra pelo gabinete dela, ela fazia parte da Segurança Social, e ameaça-a dizendo que o fim estava para próximo.

Nós em Quarteira reuníamos numa sala no ginásio da Fundação António Aleixo, era uma sala que era quase um camarote no 1.º andar, só tínhamos uma porta para entrar e sair e a alternativa era saltar. O fulano ameaçou que ia fazer qualquer coisa nesse dia, inclusive falámos com a polícia, acho que era a polícia judiciária, sei que nós naquele dia tínhamos que tentar estar calmos, tipo “Ok. Posso sair daqui vivo ou atirar-me daqui para baixo...” [Riu]

A solução dada pela polícia foi um ficar cá fora, para que depois que o sujeito entrasse no gabinete para falar connosco, ele à porta a tentar perceber se se passava alguma coisa lá dentro, e o outro estava infiltrado na nossa reunião como sendo algum parceiro da equipa.

O que aconteceu foi que o senhor... Há colegas que dizem que ele teria uma arma debaixo da blusa porque o tipo de vestuário que ele levava naquele dia não era o tipo de vestuário que ele costumava usar. Ele é ou era, não sei se ainda é vivo ou não, ligado a algumas criminalidades da zona de Quarteira e vestia-se sempre daquela maneira, isso até tinha um nome próprio que eu já não me recordo, e naquele dia ele estava vestido de maneira diferente, era roupa muito larga.

Nós estávamos todos ali a tentar parecer que estava tudo muito bem e que estava a haver uma reunião muito normal, tudo ali com o coração na mão, e ele olha para este indivíduo, faz assim um movimento, diz qualquer coisa “O senhor é novo aqui. Não o conheço...”, ele responde “Vim substituir uma colega.”

Ele olhou e digamos que o senhor tinha um bocado a característica de polícia à paisana e acho que ele acabou por perceber e depois disse o que tinha a dizer, nós dissemos o que tínhamos a dizer e ele acabou por se ir embora e felizmente não aconteceu nada.

Foi realmente um momento... Nós ali estávamos encurralados naquele espaço e não tínhamos por onde sair e o senhor era conhecido por ser violento, e aliás várias vezes ele foi expulso da Segurança Social de Faro e foram-lhe apreendidas facas.

Aquilo lá era assim, houve outra situação em que uma senhora entrou lá, a colega estava com um pólo branco, a senhora tinha um problema mental ligado a médicos e pensou que era médico e... Eram situações muito fortes e muito pesadas comparativamente aqui à zona de Loulé.

Tinha muitas reuniões e implicava sempre reuniões, os dias eram sempre diferentes, mas tinha uma coisa boa podia tirar férias quando eu queria, mas geralmente não conseguia porque tínhamos sempre todos os dias assuntos para resolver. Tínhamos que encaminhar alunos para este ensino, para aquele, portanto era um trabalho muito variado e depois tínhamos estas reuniões, que entretanto a Câmara decidiu fazer em vez da rede social, que eram os vários parceiros, uma coisa geral a nível de concelho, decidiu fazer isso a nível de Junta de Freguesia, então em cada Junta de Freguesia era uma reunião e então andava, Alte, Ameixial, Cortelha, andava por aí pelas freguesias todas, mas era engraçado, era um tipo de trabalho completamente diferente daquilo que nós temos numa sala de aula, era interessante.

Entrevistadora - Trabalhou quantos anos na Educação de Adultos?

Entrevistada - Trabalhei três, até que os nossos governantes da altura decidiram que não havia necessidade de educação de adultos e acabei por ser eu a encerrar o gabinete.

Na altura a Direção Regional, pois eu estava com destacamento, propôs-me, ou concorria e estávamos no último ano de um concurso e podia ir parar a qualquer sítio, ou então ficava aquele ano na Intervenção Precoce a dar apoio ao concelho de Loulé e concelho de S.Brás.

Acabei por pensar e optar por ir para a Intervenção Precoce. Não me motivava, nem me motivou muito, mas acabou por ser outra experiência. Foi engraçada, inclusive na altura a coordenadora da equipa pediu-me para fazer formação e continuar com ela porque já tinha estado um ano com elas.

Eu um dia estava em S.Brás, no outro dia em S.João da Venda, depois ia para Corotelo, depois ia para S.Brás, era um dia em Alte, outro em Benafim, andava aí a fazer quilómetros no concelho todo. Não era o tipo de trabalho que me sinta vocacionada para fazer.

Valeu o que valeu como experiência, foi engraçado, e depois na altura acabei por optar por concorrer.

Esse ano foi um ano muito complicado a nível pessoal... [Ficou pensativa] É assim... O que me foi atribuído, à exceção de um menino que tinha autismo, aqui em S.João da Venda, os meus casos eram mais de... Era mais aquela fase em que nós estudávamos e observávamos para tentar criar um perfil daquela criança.

Tinha um menino, por exemplo, em S.Brás, que aos três anos tinha pegado fogo à casa da família, eram mais problemas ambientais, e tínhamos que tentar perceber o que estava por detrás daquelas atitudes.

No Corotelo tinha também dois ou três meninos que estavam em estudo, tinham um comportamento que não era normal para crianças de três, quatro anos, portanto no fundo era um bocado recolher informação para ter dados e enquadrá-los em qualquer coisa e saber o que se passava.

Tinha domicílios, foi a pior parte, ter que ir fazer um domicílio, perto aqui da zona, numa casa cheia de bolor, uma casa toda suja, senti que a senhora na altura gostou muito e elogiou o meu trabalho, mas basicamente passei um ano a ensinar a criança a andar, uma criança de quatro anos que praticamente não andava.

Eu levava brinquedos, brincava com ela, fazia jogos, estimulava a andar, mas enfim... Todo o ambiente que a rodeava era um bocado ... Eu com as alergias e com aquilo tudo, começava a tossir e a espirrar, então no auge do inverno, tive que uma vez ou duas sair porque não conseguia mesmo continuar a fazer porque em termos de reação percebi que não me adaptava muito bem àquilo.

Eu tinha momentos em que gostava muito. O dia em que ia para Alte era muito engraçado porque de manhã estava com um menino em Alte e depois dava-lhe a refeição, relaxava um bocadito lá na fonte, quando me permitiam, e depois vinha para Benafim, aliás este menino foi aluno da colega Edite e foi integrado na unidade. Esse tive que acompanhar às terapias porque era de etnia cigana e a mãe não conseguia muito bem responder às perguntas do médico, então levava-o às terapias, acompanhava-o às terapias e às consultas.

Foi assim um ano diferente. Foi mais complicado porque nesse ano o meu marido teve um acidente muito grave e eu acabei por parar ali uns dias para digerir tudo aquilo e depois foi uma roda viva porque vinha de Benafim e ia para Faro.

Foi complicado, mas depois as coisas compuseram-se e ficou tudo bem. Entretanto tive essa proposta para ficar, mas achei que estava na altura de voltar...

Entrevistadora - Ao 1.º ciclo?

Entrevistada - Sim, ao 1.º ciclo.

Entrevistadora - Então, até aqui o seu percurso foi: começou a trabalhar no 1.º ciclo, foi para a Educação de Adultos, para a Intervenção Precoce, e agora retoma o 1.º ciclo?

Entrevistada - Sim. Quando terminei a Intervenção Precoce candidatei-me e fiquei no quadro de escola onde estou agora, neste agrupamento.

Entrevistadora - Nesta nova etapa na escola do 1.º ciclo, quais os momentos mais marcantes, quer pela positiva quer pela negativa?

Entrevistada - O primeiro impacto foi saber que era uma turma de 1.º ano, o tal ano que eu não gostava porque criava-me ansiedade e depois aquilo criava ansiedade aos pais e eu pensava “E se os moços não aprendem a ler? E se os moços não aprendem a escrever?” e depois os pais chateiam-se, então eu sempre que pude, evitei. Efetivamente, a última turma que eu tive antes desta interrupção, foi uma turma de 1.º ano.

Então cheguei aqui ao agrupamento, na reunião falou-se, na altura o professor Manuel falou connosco, fez a reunião geral e aquilo tudo, e 1.º ano, uma turma de vinte alunos, uma turma reduzida porque tinha um menino específico e eu entrei quase em pânico “E agora o que é que eu faço?”. Até hoje este menino continua na minha turma, há sete anos.

Aquele momento inicial foi assim um bocado... Eu pensei “Como é que eu vou gerir isto?” Para além de não gostar do 1.º ano, já havia aquele tempo todo que estava fora e tinha um bocado de receio com os pais.

Uma das coisas que... Naqueles cinco anos no colégio, a postura dos pais era completamente diferente e nós tínhamos que ser muito flexíveis e adaptarmos muito porque tínhamos sempre, como se costuma dizer, dar uma no cravo e outra na ferradura, e então tinha um bocado de receio. Acabei por ficar com aquela turma, tive quatro anos com a turma e o 1.º ano, o primeiro período com essa turma foi muito complicado, se calhar foi o pior momento, tirando aquele que foi influenciado por questões pessoais.

Foi em termos profissionais, o pior momento da minha carreira porque a turma era reduzida, tinha pais que eram um mimo, mas tinha lá uma senhora que chegou a um ponto em que eu já nem quase... Era mesmo já uma reação física. Quando pensava que tinha que ir para a escola, quase que vomitava.

Eu moro ali a 50m da escola e cada vez que pensava que ia chegar e que aquela senhora, ou estava escondida numa despensa ou ia por outra porta, porque ela encurralava-me mesmo, chegou ao momento em que ela ficou proibida de entrar na escola.

Portanto, a criança entrou condicional, foi recusada noutra escola e entrou ali, mas a senhora, que era mãe solteira e a menina tinha nascido precoce, era o que chamamos de “diabinho em pessoa”.

Ela fazia as coisas e acusava-me de as ter feito, acusava os colegas de ter feito e a senhora acreditava em tudo, inclusive batia na mãe e fazia aquelas coisas todas, mas a palavra da menina era sempre a palavra.

Ela durante uns tempos instigou outros pais, dizia que eu tinha réguas e batia nos moços, andou a instigar os pais, não me perseguia pela rua, mas na escola fazia isso, todos os dias ela tinha um motivo, uma razão para me encurralar e para me...

Chegou a um ponto em que eu falei com o professor Manuel e disse-lhe: “Eu vou-me embora! Assim não dá!”

Ela entrava na sala às escondidas e humilhava-me na frente dos outros miúdos, dizia que eu tinha batido, que eu tinha feito isto e aquilo à menina e depois era ver nos outros meninos o ar de aflição porque aquilo que ela estava a dizer não fazia sentido para eles porque eu não fazia nada daquilo.

Foi uma fase muito... Aquele primeiro ano fui gerindo, mas quando chegou o primeiro período do 2.º ano com esta turma, a sorte é que ela entretanto foi embora. Ela arranjou emprego na Suíça e foi embora.

Falei com o professor Manuel na altura porque ia meter atestado e inclusive falámos na hipótese de dar queixa dela na polícia, foi muito complicado. Foi assim daquelas coisas que eu um dia passei-me mesmo com ela, já trabalhei com gente rica, já trabalhei com ciganos, já trabalhei com pescadores, nunca vi uma coisa destas, foi mesmo assim. Aquilo na minha cabeça não tinha lógica. Geralmente quando os pais chegam, como costumamos dizer, com as sete pedras nas mãos, nós vamos desenrolando e desmistificando e os pais no fim dizem: “Realmente você tem razão!”. Eu sempre fiz isso, sempre consegui dialogar com alguém que me consiga perceber e fazia-me confusão porque aquela senhora não conseguia perceber.

Foi mau, mas depois entretanto ela foi-se embora e a turma mudou do dia para a noite. A turma mudou completamente, aliás, às vezes estava sentada no meio deles, como sou assim mais pequenininha, já para os anos finais, 3.º e 4.º ano, entrava alguém na sala e procurava-me.

Eles eram uma turma excelente, colaboravam muito com tudo, se era para estarem calados, estavam calados, se era para brincar, era para brincar, e então aquilo mudou completamente.

Entrevistadora - De um dos momentos mais marcantes pela negativa, passou para um dos momentos mais marcantes pela positiva. Aquela turma acabou por lhe dar muitas alegrias...

Entrevistada - Sim, deu.

Acabei o 4.º ano com eles e ainda hoje em dia os encontro, hoje de manhã encontrei uma aluna que já está no 6.º ano, e foi realmente...

Fizemos um projeto espetacular na horta biológica, fizemos... Era uma turma que trabalhava muito bem, os miúdos envolviam-se e entusiasmavam-se. Qualquer coisa os entusiasmava e eles envolviam-se naquilo e transformavam tudo num arraial, como se costuma dizer. [Sorriu]

Passámos de um momento muito negativo para um momento muito positivo.

Entrevistadora - Ao longo do seu percurso no 1.º ciclo, tem tentado atualizar os seus conhecimentos? Tem frequentado ações de formação?

Entrevistada - Eu comecei com o Bacharelato em 1.º ciclo, depois fiz o Complemento de Formação e Mestrado.

Durante algum tempo, porque na altura nós no colégio trabalhávamos muito com as metodologias da Escola Moderna, naquele ano, há quinze anos, o ano em que a minha filha nasceu, nesse espaço de tempo fiz uma série de formações a nível da Matemática, a nível do Português, sempre dentro dessa metodologia e ainda hoje aplico muita coisa, depois acabei por não ir muito.

Tenho feito sempre que aparece alguma coisa que penso que seja interessante e pode trazer alguma coisa de novo, tenho feito alguma formação.

Entrevistadora - Quais as temáticas que lhe despertam mais a atenção, as de maior interesse?

Entrevistada - Quando estive na Intervenção Precoce a formação foi um pouco nessa área, das necessidades educativas. Por outro lado, também fiz e aperfeiçoei para tentar perceber melhor como funcionava o processo de integração, de referenciação, de atribuição de todos aqueles códigos que parecem uma grande complicação.

A escolha da área liga-se com aquilo que vem lá e que eu acho pertinente.

Entrevistadora - As suas necessidades e lacunas do momento?

Entrevistada - Sim, às vezes também o interesse.

Muitas vezes as formações não são bem aquilo que nós esperamos e ainda recentemente fizemos uma que achávamos que ia ser interessante porque a descrição da formação era muito interessante e na altura estava muito envolvida com a educação ambiental, até porque o meu Mestrado era um bocado na área da sustentabilidade, e também porque na Oferta Complementar, geralmente é a educação ambiental que eu costumo desenvolver. Então aquilo parecia ser interessante e depois foi assim uma coisa que não foi como nós estávamos à espera porque afinal era monitorizar a água no rio e nós não achámos...

Às vezes é tal questão, muitas vezes aquilo que diz lá ou aquilo que parece que vai ser é o que mais nos motiva, mas sempre tento que seja o mais prático possível porque aquelas formações de horas e horas a ouvir gente a falar nem sempre nos dão algo interessante para depois pormos em prática.

Entrevistadora - Pensando no seu percurso pelo 1.º ciclo, que diferenças encontra na escola e nos alunos de ontem e de hoje? O que mudou?

Entrevistada - Desde o início... Uma das grandes diferenças é a maturidade dos alunos, cada vez mais imaturos e depois um pouco uma alteração na família.

Os primeiros anos em que eu comecei, digamos, havia de tudo, como há hoje em dia, se calhar havia coisas mais camufladas que nós sabíamos às vezes pelos jornais e pelas revistas, por outras portas, havia, mas até porque o sítio assim o exigia, havia um

regulamento a nível de comportamento muito rigoroso. Não havia distúrbios, os alunos eram muito certinhos.

Quando vim para o público, foram aqueles dois anos muito bons com aquela turma, como eles já estavam com oito anos, não achei grande diferença, agora o retomar, após a Intervenção Precoce, já notei que havia alguma imaturidade que, por exemplo os outros não tinham.

Neste momento estamos com 1.º ano e comparando esta turma com essas outras turmas dos primeiros anos, é muito isso, é a infantilidade, é a imaturidade e as famílias.

Com a turma A nós não sentimos isso, estamos a fazer a parceria e nós falamos muito nisso. Nós na turma A não notamos porque para a maior parte dos pais já é o segundo filho, têm outros filhos mais velhos, com dez, quinze anos de diferença ou com dois, ou três anos, mas na turma B e na turma do colega da turma C nós notamos isso, são mães muito jovens, elas às vezes não têm... Nem sabem muito bem o que fazem e depois também não sabem como fazer e criam-se, o que se nota muito, muitas inseguranças e problemas com os miúdos, miúdos com famílias complicadas, um namorado hoje, outro namorado amanhã, e isso reflete-se um pouco nas crianças e muitas vezes os maus comportamentos ligam-se com o que acontece em casa. Se em casa não está bem, na escola também não está bem. Acho que esse é o grande problema e depois não há humildade, é tudo muito impulsivo, à bruta...

Os miúdos acabam por trazer isso para a sala e é difícil tentar impor regras quando em casa não há regras, não há respeito pelo professor, não há respeito pela escola e a escola não é valorizada. Isso também está relacionado com os percursos escolares dos próprios pais e das próprias mães que não funcionaram e agora, enfim... Vamos andar e ver o que vai dar. [Sorriu]

Entrevistadora - Gosta de ser professora do 1.º ciclo? Sente-se realizada profissionalmente?

Entrevistada - Sim, sinto-me. Aliás, durante muito tempo, até trabalhar no jardim-de-infância, naquele ano da Intervenção Precoce, achava que nunca na vida tinha aptidão para ser educadora, porque achava que me fazia confusão, até conhecer a dinâmica, depois trabalhei com sete ou oito educadoras diferentes, sete ou oito métodos diferentes e continuo a achar que educadora não. Com os mais velhos, também...

Sim, eu gosto. Acho que sim.

Entrevistadora - O que a desmotiva e a alegra na escola de hoje do 1.º ciclo?

Entrevistada - O que me desmotiva é a burocracia, muitos papéis, muitas coisas que eu acho que não servem para nada e nós acabamos por perder o nosso tempo em sala de aula para fazer coisas interessantes, trabalhar com os alunos.

Ainda hoje de manhã estava a pensar em relação aos meus primeiros anos e esta questão do Inglês e tudo mais, estava a pensar que aqueles alunos tinham as 25 horas letivas das disciplinas nucleares do 1.º ciclo porque tudo o resto, a Educação Física, ... É tudo fora. Os alunos têm 30 horas, mas 25 são mesmo Português, Matemática e Estudo do Meio e nós acabamos por não ter nada disso porque temos Oferta Complementar, temos isto, aquelas coisas todas e as tais 25 horas para trabalhar diretamente e fazer coisas interessantes, desapareceram.

Uma das coisas que eu mais gostava, como já disse, era dar aulas ao 4.º ano porque fazemos coisas espetaculares com o 4.º ano. Os miúdos tinham uma maturidade que lhes permitiam fazer coisas lindas.

Hoje em dia, tive dois anos seguidos de 4.º ano, acumulei depois com a coordenação de escola e com a coordenação de ano, apanhei o primeiro ano dos exames, apanhei o segundo ano dos exames e deixei de dar aulas ao 4.º ano porque já não é a mesma coisa. Nós tínhamos tempo para fazer tudo e hoje temos muitos alunos que a nível motor e a nível de maturidade respondem de maneira completamente diferente, faziam-se coisas maravilhosas.

Hoje em dia não, temos que acelerar o programa porque temos um exame naquela data e então aquela coisa boa que era trabalhar à vontade, fazer trabalho de grupo, levar uma semana ou duas a preparar uma peça de teatro, fazer cenários, fazer adereços, isso perdeu-se tudo. Perdeu-se porque já não se tem tempo para fazer essas coisas, ou se fazem com os pequeninos no 1.º, 2.º ou 3.º ano, ou então não se faz mais porque o facto de o exame estar ali naquela data, naquela altura, faz com que aquela coisa boa de trabalhar com o 4.º ano se perca.

Eu gostava muito dos 4.º anos e depois de dois anos com 4.º ano, foi muito complicado.

Entrevistadora - Que expectativas tem para si, para o seu futuro, enquanto professora do 1.º ciclo? Como vê o seu futuro?

Entrevistada - [Riu] Eu acho que as coisas evoluem e eu gostava de ter mais tempo para fazer as coisas com os alunos no próprio momento, fazer projetos, sem ter que ter papéis, ter em conta isto, ter em conta aquilo, ...

Acho que... A nossa função é mesmo ensinar, é estar na sala de aula, não são todas estas coisas que se criam à volta porque acabamos por ter aquela parte burocrática, precisamos de papel para tudo.

Se calhar perde-se tempo a fazer esses papéis, o tempo que tínhamos para preparar a nossa aula.

Uma das coisas que fui notando ao longo da carreira e os anos foram passando é que, a vida pessoal também mudou, estava solteira em casa dos pais e entretanto casei, mas nos primeiros anos fazemos os trabalhos com gosto, é completamente diferente, e agora não, nós temos tempo para isso.

Agora também temos o computador que veio facilitar, queremos uma coisa qualquer, clicamos ali e temos, mas faziam-se cartazes, preparavam-se as aulas, fazia-se aquilo de uma maneira completamente diferente do que se faz hoje.

Hoje tem que se ter em conta tanta coisa que o tempo que nós tínhamos para preparar uma aula, para preparar uma atividade é mínimo.

Hoje temos que conjugar a família, também conjugo com a coordenação da escola, enfim, ... [Riu] Não é fácil.

O tempo que necessitávamos para fazer estas coisas, já não temos e acho que isso perdeu-se um pouco. Perdeu-se e nós também vamos mudando um pouco, já usamos o material que fizemos, agora temos a net e vamos à procura, mas essa parte perdeu-se um pouco.

Entrevistadora - Como vê a escola do 1.º ciclo no futuro? Como acha que vai ser a escola do 1.º ciclo dos seus netos?

Entrevistada - Será que ainda há escola?... [Riu] Já vamos estar todos numa espécie de videoconferência, no fundo voltando um pouco à Telescola.

Será que os professores serão necessários nessa altura?

Sinceramente não consigo, é muito difícil porque a escola, como é óbvio, não vai mudar assim muito, vamos continuar muito agarrados a exames e essas coisas todas, mas... Se calhar quando chegar à altura deles já é tudo eletrónico, já não há manuais, já não há canetas, é tudo no *tablet* ou no computador.

A evolução que temos tido nestes últimos anos em termos tecnológicos, se calhar aquelas coisas tradicionais que nós usamos...

Se calhar já não se pinta um desenho no papel, faz-se um desenho no *Paint* ou noutros programas quaisquer que inventarem entretanto.

É um bocado difícil tendo em conta a evolução. Isto é uma daquelas coisas que eu trago desde criança, foi uma das maiores lições da minha vida, na adolescência via televisão e achava que no ano 2002 já andava no espaço, gostava muito, ... [Sorriu] E então concebia o mundo diferente, de acordo com aquela epopeia do espaço 2002 e então achava que era nada disto.

Isto está a evoluir com uma rapidez tão grande que não sei. Vai ser decididamente diferente!

Entrevistadora - Gostei muito de falar consigo. Muito obrigada.

Questões colocadas após a entrevista

Entrevistadora - Sentiu que a sua formação inicial (no 1.º ciclo) foi necessária para a sua prática docente?

Entrevistada - A minha formação inicial foi importante porque me permitiu ter a habilitação necessária para lecionar, no entanto, determinadas disciplinas, acho que não tiveram relevância, mas por outro lado, houve docentes que, embora a disciplina fossem generalista, mostraram-me premissas importantes e que ainda hoje as aplico no meu dia-a-dia profissional. No entanto, as mudanças que têm vindo a acontecer desde que tirei o curso, fazem-me sentir que o mesmo foi obsoleto, não tem muito a ver com aquilo que é hoje a minha prática pedagógica, o que tenho sentido nestes anos é que de modo autodidático ou através de formações, tive que alterar as minhas práticas e os meus conhecimentos.

Entrevistadora - Como é a sua relação com os seus alunos, encarregados de educação e colegas?

Entrevistada - Do meu ponto de vista, penso que as relações que mantenho, quer com alunos, com encarregados de educação, quer com colegas, são bastante positivas, pelo menos, é esse o *feed-back* que tenho.

Entrevistadora - Na sua opinião, o trabalho do professor do 1.º ciclo é reconhecido e valorizado pelo nosso sistema educativo e pela nossa sociedade?

Entrevistada - Penso que já não é o que era, não é que seja apologista de um estatuto especial, mas na realidade a importância e o reconhecimento que a profissão tinha já não tem, principalmente, no que diz respeito aos nossos “patrões”, por outro lado, ainda há muitos pais e encarregados de educação que revelam essa importância, especialmente, se os alunos se sentem bem nas nossas turmas e se os resultados são positivos. No entanto, tem a ver com questões geracionais, se a escola foi importante para os pais enquanto alunos, penso que revelam essa importância, se não foi, é mais fácil atacar, antagonizar e desvalorizar o professor do que assumir as suas responsabilidades como pais.

Entrevistadora - O que é ser professora do 1.º ciclo?

Entrevistada - Ser professor é ser tudo: pai, mãe, avó, avô... Chamam-nos tantos nomes que acabamos por ser tudo... Para além daquilo que nos chamam, acho que somos aquelas pessoas que estão mais tempo na vida dos alunos... pelos menos durante o ano escolar... E depois de voarem para outros ciclos escolares, temos sempre aqueles que nos dão um abraço especial, mesmo depois de passarem tantos anos... E que nos fazem sentir que, em algum momento, fomos importantes nas suas vidas.

Entrevistadora - Tem conseguido conciliar a carreira docente com a vida familiar?

Entrevistada - Tenho conseguido gerir as duas coisas.

Data e local da entrevista

9 de julho de 2015

Loulé

Perfil da entrevistada

- Nome: **ISABEL MARUM**
- Data de nascimento: 27/01/72
- Idade: 43 anos
- Profissão: Professora do 1.º CEB
- Tempo de serviço docente: 21 anos

Entrevistadora - O que é ser professora do 1.º CEB?

Fala-me da tua profissão, do teu percurso, dos momentos mais e menos significativos, do significado que atribuis à tua profissão, aos teus alunos, à carreira, ... enfim, ao teu trabalho.

Entrevistada - Para mim ser professora do 1.º ciclo é tudo aquilo que eu quis sempre ser.

Quando acabei a minha escola primária, a minha professora começou uma nova turma e eu ainda fui ajudá-la a ensinar algumas coisas aos miúdos porque o 2.º ciclo começou mais tarde, estava em obras, e nós tivemos ali um interregno de alguns meses e então eu e outras coleguinhas íamos para a escola ajudar a nossa professora.

A imagem que eu tenho da escola primária é uma imagem muito positiva e foi isso que fez com que eu enveredasse por este caminho.

Para além disso, acho que ser professora do 1.º ciclo é muito gratificante porque tu vês crianças que passam por ti e vês crescê-las, vês tornarem-se adolescentes, vês tornarem-se jovens e isso é gratificante porque tu foste uma pessoa importante na vida deles, principalmente quando tu estás mais do que um ano com esses meninos. Isso tem-me acontecido muito porque eu já há quase 16 anos que estou aqui a trabalhar em Loulé, já passaram por mim três turmas do 1.º ao 4.º ano e agora tu encontras aquela malta com dezoito e dezanove anos e “Então, professora, está tu bem?”. Tu pareces que ficas sempre ali estagnada e eles já vão pela vida fora e é muito giro. Nós vemos o tempo passar e realmente já há muito tempo que eu dou aulas e o pessoal já está a crescer.

Gosto muito de ensinar, acho que não conseguiria fazer outra coisa. Gosto de partilhar com os meninos aquilo que sei e aquilo que eles também me ensinam. Ao longo destes vinte anos acho que tenho aprendido muita coisa com os meninos e também tenho passado muitas coisas para eles.

Acabei o curso em 1994, o Bacharelato, depois fiz Complemento de Formação na Universidade Aberta na área de Estudo do Meio, em 1999 e terminei em 2002, portanto agora já tenho a Licenciatura.

Os meus primeiros meses de trabalho, de maio a agosto de 95, foram em Coimbra porque naquele ano o Algarve estava superlotado de professores do 1º ciclo, não havia vagas no Algarve então nós tivemos que sair do nosso distrito.

Fui para uma escola em Coimbra, no sítio da Coselhas, e foi muito giro porque eu fui substituir uma colega que estava de baixa e aparece assim uma professorinha novinha, mas tratavam-te como se fosses a pessoa principal lá da zona, era uma aldeiazita.

Eu fiquei lá na casa de uns senhores ao pé da escola e cada vez que eu passava na escola as pessoas cumprimentavam-me “Bom dia Sr.ª D.Isabel! Como está?” e aquilo levantava o ego porque acabares o curso e seres logo assim tratada como uma pessoa muito importante, acho que é positivo para qualquer um.

Daquilo que eu me lembro dessa experiência foi interessante porque eu peguei num 3.º ano e havia lá alguns meninos complicados, é claro que nós não temos muita experiência para lidar com essas situações, mas eu fui aprendendo a lidar com esses meninos. Depois só tive uma ou duas semanas em trabalho direto porque veio a colega e depois a minha função era, como era uma escola com três lugares, apoiar as outras colegas e fazer alguns serviços lá na escola.

Ficou uma ligação muito grande com este sítio, de vez em quando, quando passava lá de férias, ia lá visitar o senhor onde eu tinha ficado, a casa onde tinha ficado e algumas colegas, entretanto perdi o contacto com elas.

Depois então consegui sempre ter vaga no Algarve. Fiquei em Vale Verde, que é ali na Guia, durante um ano letivo, tinha também pouquinhos alunos porque era escola unitária e também foi uma experiência interessante porque foi aí que eu comecei a lidar com mais do que um ano de trabalho na sala de aula. Aprendi a articular, quando estava a dar matéria a um ano os outros estavam a fazer outro tipo de trabalho e foi aqui em Vale Verde que eu aprendi a tentar conciliar e organizar o meu tempo para dar as aulas. Também foi uma experiência gira, também fiz grandes amizades, com os alunos já perdi o contacto, mas com as colegas continua ainda o contacto com estas colegas da Guia que foram excecionais.

Em 96/97 fui colocada na Azilheira, em S.Marcos da Serra, esta então é que foi uma experiência muito diferente, era uma escolinha da aldeia mesmo, nem sequer era aldeia porque nem tinha casas ali ao pé, a escola ficava assim no monte... [Riu] No cimo do monte e depois a 500 ou 600m, ou se calhar mais, é que tinha ali um conjunto de cinco ou seis casas, o que era então a Azilheira. Esta zona de S.Marcos era um sítio muito importante porque havia um mercado mensal muito... [Sorriu] Onde as pessoas da zona iam lá e vinham do Alentejo, porque isto era mesmo na fronteira com S.Barnabé, passa-se uma ribeira e do outro lado é Alentejo.

Havia o mercado mensal e era nesse dia que se juntava ali muita gente e nós na hora do almoço, eu almoçava na escola com os alunos, lá íamos ver o mercado para ver um bocadinho de civilização porque de resto não passava ali ninguém, não se passava nada... [Sorriu]

Quando eu ia para a Azilheira, eu ia todos os dias, deixava o meu carro em S.Marcos da Serra e depois ia no transporte da Junta de Freguesia que ia recolher os meninos para a escola. Eu fazia esse percurso, ia buscar os meninos com o senhor às casinhas deles, havia meninos que já moravam no outro lado, em S.Barnabé, eram três irmãos, e fazíamos este percurso todo. No final do dia era um táxi contratado pela Junta de Freguesia que ia buscar os meninos e fazia o percurso contrário, ia levar os meninos a casa e deixava-me em S.Marcos da Serra para eu pegar no meu carro e vir para a minha casa.

Foi também uma experiência gira porque este percurso de tu ires à casa dos alunos faz com que mantendas uma relação mais próxima com eles e com os pais e então quando estive na Azilheira vinha sempre carregada, ou com ovos... [Riu] Ou com um molhinho de coentros ou de salsa e também trazia galinhas e coelhos... [Riu] Ainda tinha a minha avó viva e ela é que matava e... Ainda trouxe umas quantas galinhas para casa. Foi giro.

Aqui também tive consciência das dificuldades que muitos alunos passam, principalmente mais nestas zonas do interior, porque havia crianças que tinham muitas dificuldades económicas. Todos comíamos na escola e muitas das vezes eu tinha que dar o meu almoço a esses três irmãos que tinham muitas dificuldades económicas e quase sempre era feijão com massa, massa com feijão, e às vezes uns pedacinhos de pão frito. Era complicado, tu levavas o teu almoço e até te sentias mal de eles não terem nada praticamente para comer e então tínhamos que fazer ali uma espécie de partilha da nossa refeição, mas é gratificante.

Entretanto soube que eles agora estão a enveredar por bons cominhos e acho que têm uma vida razoável e conseguiram superar. Foi complicado, aquela zona é uma zona do interior e passa-se por muitas dificuldades.

Eu estava sozinha, foi um choque muito grande quando eu fiquei colocada neste sítio, até descobrir onde ficava a Azilheira... [Sorriu] Foi um filme porque fiquei eu e mais duas colegas de curso colocadas no mesmo concelho, uma ficou em S.Bartolomeu de Messines, outra noutro sítio que não me recordo o nome, e era um bocadinho mais acima, e eu fui a que fiquei mais longe, fui a que fiquei mesmo lá no limite.

Vinha fazer as reuniões com as colegas de S.Marcos da Serra, tínhamos muito contacto umas com as outras, mas para eu descobrir a Azilheira e para saber onde ficava a escola foi complicado porque eu segui as instruções que me deram, aquilo era uma estrada que nunca mais tinha fim... [Sorriu] E eu nunca mais encontrava a escola e ainda chorei pelo caminho à procura da escola e quando cheguei lá, vi uma escola que era tipo um barracão, era tipo um pré-fabricado, não tinha assim muito estilo de escola. Lá ia eu com a chave da escola, entretanto tinha ido à Delegação e tinham-me dado a chave e pronto, fui conhecer.

Foi assim, o primeiro impacto, foi assim um bocadinho, não digo doloroso, mas foi um choque porque estava habituada a Vale Verde, uma escolinha junto à 125, havia ali muita movimentação e então... Pronto, foi giro, foi muito giro. Deu para conhecer pessoas e deu para conhecer aqueles miúdos do interior e havia uma criança, que depois cresceu e com dezoito anos ainda me ligava a perguntar pela professora Isabel.

Tenho curiosidade em lá passar para ver como é que aquilo está. A escola fechou, acho que foi no ano a seguir, ou mais um ou dois anos e a escola fechou. Houve uma situação muito engraçada porque são coisas que acontecem, mas no inverso passou lá um tornado em S.Marcos da Serra e levou o telhado da escola e chamaram-me para ir resolver o problema... [Sorriu] O telhado da escola voou durante as férias do Natal e lá fui eu ver como é que estava a escola e eu é que tive que tratar das coisas.

Nestas escolinhas normalmente havia uma senhora, a tarefeira, não sei se ainda existem tarefeiras com esta função, não têm auxiliares de educação, as senhoras vão lá duas vezes por semana limpar a escola, tudo o resto és tu que tens que fazer no dia-a-dia, limpar a sala, limpar as mesas, ... Aquilo tinha uma zona suja, assim como esta, onde nós almoçávamos e fazíamos outras atividades de Expressão Plástica, mas a escolinha tinha as condições mínimas para trabalhares, tinha uma pequena biblioteca, tinha rádio, não tinha televisão nem vídeo, mas tinha rádio e dava para trabalhares minimamente e conseguias

fazer um trabalho razoável. Tinha a parte de estares no meio da natureza, de poderes aproveitar aquilo que a natureza te dava para explorares e dares as matérias a nível de Estudo do Meio.

Íamos muitas vezes dar aulas lá para fora, fazermos estudo das plantas, das árvores e dessas coisas, depois também aproveitando o mercado mensal trabalhávamos aquelas áreas que estavam relacionadas com o comércio. Com aquilo que eles traziam ou que às vezes me ofereciam ou outros traziam para partilhar, também falávamos de... Havia sempre um intercâmbio de experiências dos alunos, onde os pais trabalhavam, o que os pais faziam porque basicamente era a agricultura e então havia assim uma partilha de experiências.

Havia meninos que nunca tinham visto o mar, esses três irmãos nunca tinham visto o mar, nunca tinham ido à praia, nunca tinham visto o mar, os outros já tinham assim umas condições económicas mais razoáveis, então de vez em quando lá iam com os pais à praia.

Depois da Azilheira vim então para o concelho de Loulé e fui colocada em Querença. Estive quatro anos na escola de Querença, também é uma escola unitária, mas aqui já era uma escola mais dentro da civilização. Aqui também tive os quatro anos e também gostei muito de estar em Querença. Foi o primeiro contacto com as pessoas do agrupamento que temos hoje em dia.

Aqui em Querença a situação já era um bocadinho diferente porque em Querença quase toda a gente me conhecia porque os meus pais têm uma loja de comércio aqui em Loulé e então era a filha do Sr. Tal... [Riu] E havia muitas pessoas que também conheciam os meus pais e a relação... Sempre consegui ter uma boa relação com os pais e por eles já me conhecerem de outro meio também ajudava com que esta relação se mantivesse.

Por coincidência o meu marido... [Riu] Por acaso não foi por ter estado em Querença, mas a minha sogra vive em Querença, a avó do meu marido vive em Querença e quando eu estava lá a dar aulas já me conheciam como sendo a professora da escola de Querença.

Aqui também foi interessante porque era uma escola que tinha muitas... Tinha boas condições em termos de audiovisuais, tinha televisão, tinha vídeo, tinha fotocopiadora, não tinha problema em tirar fotocópias, mas aqui já tinha então uma senhora que estava a tempo inteiro, uma auxiliar, era de lugar único ainda, depois é que começou a ter Jardim de Infância Itinerante também de lugar único, e tinha boas condições.

A nível de espaço exterior também, os miúdos brincavam, tinham um campo de futebol que na altura já tinha algumas condições e houve logo uma boa relação, mesmo com as pessoas da aldeia porque íamos com frequência ao centro da aldeia, íamos visitar, fazer o estudo do meio local visitando os monumentos que a aldeia tinha, as igrejas, o pelourinho. Tem um lar da 3ª Idade e às vezes íamos apresentar alguns trabalhos aos idosos que lá estavam.

Também quando eu comecei em Querença, começou também a aparecer o jornal de Querença que é “O Maltês” e então todos os meses a escola fazia um pequeno trabalhinho, um texto, ou um texto coletivo que tínhamos trabalhado, ou alguma coisa que tínhamos feito e mandávamos para o jornal da aldeia. Acho que ainda se mantém essa tradição.

Aqui também tive um aluno problemático que a colega que esteve antes de mim teve alguns problemas com ele e eu até me habituar e aprender a lidar com ele, também foi complicado. Era um menino que tinha um problema mental, mas que era uma criança que se escondia debaixo da mesa, que fugia da sala, não queria trabalhar e foi um bocadinho difícil inicialmente lidar com ele. Inicialmente deixava-o, se ele queria ir para a rua, ia para a rua, ele ia sempre acompanhado pela auxiliar para o vigiar, então ele foi também

querendo ficar dentro da sala porque via os outros a fazerem algumas atividades a nível de canções, de Expressão Plástica e ele foi querendo ficar e querendo participar. Chegámos ao final do primeiro ano que eu lá estive e ele já ficava na sala, já estava bem, já ia fazendo alguns trabalhos, e foi assim que ele se foi integrando.

Estive lá quatro anos e entretanto não me recorde de mais nada, pois no nosso dia-a-dia são as coisas normais. Também aqui em Querença havia pessoas que ofereciam coisas e sempre que tu passavas em algum lado era “Bom dia, Sr.^a Professora!”, também era sempre aquela ideia... [Sorriu] A ideia de que a professora era... Nestes sítios é a Sr.^a Professora e o Padre, são as duas pessoas principais da aldeia... [Riu]

Depois então, a partir de 2001 e até agora, tenho estado sempre em Loulé e na Escola n.º4. Já tive três turmas do 1.º ao 4.º ano e agora tenho uma que já estamos no 2.º ano.

Na cidade é tudo muito diferente, os meninos são mais inquietos, são mais... Têm outras experiências de vida que não no campo. Em todas as turmas que passei, penso que tentei sempre manter uma boa relação com os alunos e pelo feedback que tenho tido acho que tenho conseguido. Com os pais também.

A primeira e a segunda turma foi marcante porque na primeira turma tive que interromper porque entretanto tive um filho que nasceu prematuro e estive quase nove meses que fiquei sem dar aulas. Estive de baixa e os pais foram impecáveis porque sempre tentaram manter a ligação, saber como estava e ligavam. Eles viram todo este percurso do menino a nascer e depois o menino a crescer e quando iniciei a turma foi quando me tinha casado, portanto eles praticamente viveram estes momentos comigo e no final desta turma, a primeira turma, que era uma turma com meninos muito bons, os pais fizeram no final um jantar surpresa, reuniram-se os pais e os miúdos e fizemos um convívio no final do ano.

A segunda turma que peguei, também na N.º4 tinha alguns irmãos dos alunos anteriores, também já me conheciam, a relação com alguns pais foi-se mantendo, foi mais fácil de lidar porque também já conheciam o meu trabalho e eles próprios quiseram que os meninos integrassem essa turma e foi uma evolução também gratificante.

Já se notava diferença dos meninos do grupo anterior, já eram meninos mais rebeldes, com menos atenção, o teu trabalho nunca é exatamente igual ao ano anterior, havendo irmãos tu tentas sempre... É uma forma de não fazeres exatamente igual e da mesma forma o expor das atividades, fazer atividades diferentes. Tinha o cuidado de ir ver porque eu guardo sempre os cadernos onde faço os sumários, onde faço os meus apontamentos e essas coisas todas e então tinha o cuidado de ir ver o tinha feito no ano passado para não fazer igual porque eles podiam não saber, mas os pais já tinham tido essa experiência.

Foi interessante, neste segundo grupo em Loulé também tive um menino complicado com Síndrome de Asperger e era um menino integrado nas NEE e inicialmente foi fácil a integração com os pais. Ele sempre foi uma criança muito difícil, tinha uma pessoa que ficava comigo na sala, uma tarefaira que vinha algumas horas durante o dia porque ele era um menino que nunca estava sentado, estava sempre a falar, sempre com aquelas características de autismo, batia nele próprio. No intervalo estava sempre a implicar com todos e então para não haver grandes conflitos havia uma senhora que vinha ficar com este menino a maior parte do tempo e trabalhava com ele, fazia as atividades com ele e estava com ele durante estes momentos.

Se não fosse assim eu não conseguia trabalhar com a restante turma porque ele estava sempre a gritar e estava sempre a... Por exemplo, se ao vir para a escola ele ouvisse uma sirene dos bombeiros ou a ambulância, ele levava o dia todo a repetir “Ti no ni, ti no ni, ...

e a ambulância, e a ambulância, ...” e então era necessário que estivesse sempre alguém ao pé dele para o acalmar.

No final desse grupo fiquei um bocadinho sentida porque estes pais depois acharam que eu não tinha feito o melhor para o menino e então, chegaram ao fim desses quatro anos e o menino ficou sempre na turma, mas chegaram ao fim desses quatro anos e acharam que eu podia ter feito mais, o menino não desenvolveu porque a professora não permitiu, porque a tarefaira não desenvolvia atividades com ele. Houve ali um desentendimento com os pais no final do ano e fiquei com uma pequena mágoa em relação a isso e ainda hoje são os únicos pais que não me falam quando me encontram na rua.

Eu sempre que vejo o menino, ele já está aqui no 2.º ciclo, falo com ele, mas os pais não falam. Se ficaram sentidos, não sei, eu tentei dar o meu melhor e sei que dei o meu melhor e no momento a tarefaira também deu o seu melhor, mas pronto, não conseguimos fazer aquilo que os pais queriam, mas entretanto passou e também neste grupo como já havia pais que me conheciam do grupo anterior também foi muito giro.

Nesta altura eu estava grávida do meu segundo filho, portanto em 2009, estava com uma barrigona enorme e conseguiram secretamente, sem que eu desse por nada, organizar com o meu marido e com a minha melhor amiga, um jantar de final de ano, no último dia, um jantar surpresa, nem os miúdos transpuseram nada.

Então o meu marido já tinha sido contactado por uma das mães que tinha conhecimento com ele e através de uma amiga comum, e conseguiram. Íamos jantar naquele dia e lá íamos jantar, só que depois quando eu chego ao restaurante, começo a olhar lá para dentro e começo a ver a mãe de um, a mãe de outro, ... [Sorriu] E foi um choro pegado... [Riu] Os miúdos estavam à minha espera todos assim em fila, dois a dois, com uma flor na mão, ... [Sorriu e ficou emocionada] e até hoje e sempre que me lembro disso vêm as lágrimas aos olhos.

É nestes momentos que tu vês que o teu trabalho é reconhecido e é gratificante, ver que estavam ali todos, à exceção dos pais do outro menino, estavam ali todos a partilhar aquele momento, em convívio e tudo mais e a forma como eles o fizeram foi excepcional. [Riu]

Os miúdos até disseram “Então a professora não desconfiou de nada?”, “Não, eu não desconfiei de nada.” [Sorriu] Eu estava a desejar boas férias e logo nos víamos no momento da avaliação e eles todos muito orgulhosos porque tinham conseguido manter segredo. Foi muito giro.

Depois com o penúltimo grupo que eu tive também foi durante quatro anos, na n.º 4, já foi mais recente, também já era uma turma diferente das outras, já era turma... As outras duas turmas eram meninos mais trabalhadores e mais empenhados, estes também o eram, também o foram, mas de uma maneira diferente. Também havia nesta turma mais meninos com dificuldades de aprendizagem, tinha mais NEE e nas outras anteriores não, mas claro que em todas elas dei o meu melhor e tentei sempre fazer atividades diferentes.

Nesta então que já havia a preocupação dos novos programas da Matemática, então tentei sempre atualizar-me em relação a isso e tive a coadjuvação de uma colega a nível da Matemática que me ajudou bastante com esta turma a nível de 3.º e 4.º ano porque estava mais dentro dos novos conteúdos.

Todas as turmas têm meninos difíceis e nesta turma também tinha meninos difíceis, mas tentei sempre integrá-los e tentei que os outros tivessem com eles uma boa relação de maneira a que eles não fossem rejeitados.

Penso que neste grupo não houve assim grandes complicações a nível de episódios. Neste grupo que tenho agora no 2.º ano é que o primeiro ano, há dois anos, foi um ano complicado porque o 1.º ano foi difícil. Nesta turma integraram dois meninos do 2.º ano e um deles tem problemas emocionais e foi difícil durante o 1.º Período ele integrar e começar a pensar que tinha que ficar dentro da sala de aula.

Graças a Deus que com a ajuda da família e dos técnicos do Centro de Saúde conseguimos articular e fazer com que o menino começasse a ficar na sala mais calmo e hoje em dia ele é um menino que não dá trabalho, não incomoda e está completamente bem integrado na turma.

Em termos de formação, tento sempre fazer a formação que está de acordo com as áreas que nós lecionamos. Eu gosto imenso de Estudo do Meio, é a minha área de preferência, mas é claro que as outras nós também temos que trabalhar.

Entrevistadora - Sentes que a tua formação inicial, o que aprendeste durante o curso, foi realmente necessário para a tua prática docente?

Entrevistada - Eu acho que na altura em que nós tirávamos o curso, o meu é mesmo 1.º ciclo, faltava muito a parte das metodologias, como deves trabalhar, como deves ensinar os conteúdos aos miúdos. Era muita teoria, eram aquelas teorias dos pedagogos e dos psicólogos, mas depois faltava como lidar com esta criança. Uma criança com necessidades educativas especiais, por exemplo, nunca nos ensinaram a lidar com eles, nós sabíamos aquelas ciências todas e que eles deveriam estar integrados, mas nunca nos foi dito para fazermos assim, ou há esta experiência que devemos tratar assim, era tudo muito teórico.

Eu depois tive conhecimento que em outros cursos depois do meu havia as tais metodologias, mesmos as práticas, as experiências dos colegas mais velhos, como eles lidavam com estas situações.

É claro que nós tivemos a prática pedagógica, mas aquilo da prática pedagógica ninguém te ensina, tu vais para lá e é um bocadinho... É inato. Primeiro é a observação, tu vais observar, normalmente os meninos nesses dias estão sempre muito calmos e tu também não te apercebes... [Riu] Não te apercebes das situações, nós sabemos como é, e no dia-a-dia da prática pedagógica era para tu dares aqueles conteúdos da forma como tu achavas melhor e foi isso que eu senti, eu e as colegas de curso. Faltou a forma como trabalhar, essencialmente davam-te a teoria e tu no teu primeiro ano, se tiveres vocação consegues e consegues articular e então foi isso que eu senti.

Entrevistadora - Alguma vez te arrependeste de teres escolhido a carreira docente?

Entrevistada - Às vezes pensamos, mas não! Acho que se me puserem noutra coisa a nível do ensino acho que não consigo, falta-me qualquer coisa, eu preciso de estar em contacto com os meninos e papéis não, isso não é comigo. Tu estás ali dentro da sala e com o desenrolar da atividade esqueces-te dos teus problemas e não... [Riu] Acho que nunca me arrependi de ter tirado este curso.

Entrevistadora - Que diferenças encontras entre a escola do 1.º ciclo de hoje e aquelas dos teus primeiros anos de carreira? A escola de hoje e a escola de ontem.

Entrevistada - Há algumas diferenças. Tu tinhas mais tempo para trabalhar, para te dedicares à escola. Eu lembro-me que tinhas mais... Tu dedicavas-te mais à escola e tinhas mais... A própria motivação com que tu ias trabalhar também era diferente.

Eu acho que são tempos também diferentes, mas acho que a gratificação e o brilho no olhar que tu vês nas crianças é igual, pois quando tu pegas no início no ano e no final do ano ou durante algumas atividades e os miúdos dizem “Adoro vir à escola! Professora eu gosto tanto de vir à escola.” Agora os miúdos que eu encontro aqui dizem-me “Ai professora, estou desejando que comece a escola, já estou a ficar farta das férias.”

Estes comentários que tu vais ouvindo são os mesmos e o olhar deles, os momentos de alegria, algumas atividades que nunca tiveram oportunidade de fazer e é a escola que lhes proporciona, na relação que tu manténs com os meninos não há diferença. Se calhar estamos mais velhos e temos menos paciência, na altura se calhar tu descias um bocadinho mais ao nível deles.

Em termos de dificuldade de lecionar sim, agora temos mais dificuldades, os programas também são diferentes, são mais ambiciosos, são mais extensos. Tu queres dar tudo e depois não consegues e antigamente tu davas as coisas com mais calma, conseguias dar, apesar de teres os quatro anos. Inicialmente tinha os quatro anos e conseguia-se dar o programa dos quatro anos porque havia menos pressão, havia menos coisas para fazer, não havia os exames, não havia os Testes Intermédios, as coisas corriam melhor e com mais calma.

No relacionamento com os pais, acho que antes o relacionamento era mais próximo, também se calhar agora devido à vida que todos levamos as coisas são mais distantes, mas tento manter sempre uma boa relação com os pais e eles comigo.

A primeira reunião de pais para mim é sempre muito importante porque é lá que eu digo como vou trabalhar e se eles concordam ou não concordam e assim.

Entrevistadora - Sentes que o trabalho do professor do 1.º ciclo é reconhecido e valorizado pela nossa sociedade e pelo nosso sistema educativo?

Entrevistada - Pelo sistema educativo acho que não. [Sorriu] De alguns anos para cá temos vindo a perder estatuto, temos vindo a perder a importância que tínhamos porque eu acho que o professor do 1.º ciclo é muito importante na formação dos meninos e as próprias famílias têm passado um bocadinho para os professores do 1.º ciclo a competência de os educar em tudo, a nível de valores, e deixam um bocadinho de parte as funções que eles têm, então também se confunde um bocadinho por aí as competências do professor.

Em relação ao ministério acho que temos vindo a perder algum estatuto. Em relação às crianças penso que não, acho que tu és sempre a professora da escola primária, a escola do 1.º ciclo, e para a maioria das crianças tu ficas marcada e ficas na memória.

Em relação aos pais penso que também é assim, mas pronto, nós não podemos agradar a toda a gente. Se calhar há pais que me consideram boa professora, há pais que se calhar consideram que não fui boa professora, mas nós damos o nosso melhor, mas não podemos agradar a gregos e a troianos. [Sorriu]

Entrevistadora - Olhando para trás, para todo o teu percurso e todo o trabalho que já fizeste, o que é ser professora do 1.º ciclo?

Entrevistada - Ser professora do 1.º ciclo é dar um pouco de ti aos outros, é... É construíres uma família porque acabam por ser teus filhos, estás mais tempo com eles do que os pais estão com eles em casa. Eu vejo pelos meus filhos, eu estou mais tempo com os meus alunos do que estou com os meus filhos em casa. [Sorriu]

Tu tentas transmitir às crianças aqueles valores que tu gostarias que os teus filhos tivessem ou que tu gostarias que futuramente a civilização humana tivesse. Tentas fazer com que eles cresçam, sejam meninos responsáveis, meninos educados, é o que eu lhes digo “Quando a professora se zanga com vocês, não é porque a professora não gosta de vocês, é porque a professora quer que vocês sejam um bocadinho melhores. Os vossos pais também se zangam com vocês e não é por causa disso que eles não gostam de vocês.”

Eu penso que essencialmente é dar um pouco daquilo que tu tens aos outros, é uma profissão solidária, entre aspas, ... [Sorriu] Tu também vês que todos os dias são dias diferentes, nunca repetes, pode haver alguma semelhança nos conteúdos, mas é sempre diferente.

Naquele dia tu não sabes o que vais esperar, os meninos são diferentes, os meninos todos os dias têm comportamento diferentes e atitudes e tu todos os dias tens coisas novas para resolver. Também é um desafio todos os dias para ti, é diferente de um trabalho que escritório que já sabes que vais ali estar com os papéis. Ali não, nunca sabes o que te espera, coisas boas e coisas más, graças a Deus tenho muitas mais coisas boas do que coisas más, mas isto é como tudo...

Entrevistadora - Isabel, és uma professora feliz?

Entrevistada - Sou. [Riu] Sou uma professora feliz.

Entrevistadora - Sentes-te realizada profissionalmente?

Entrevistada - Sim, acho que sim.

Entrevistadora - Se o tempo voltasse para trás escolhias outra vez esta carreira?

Entrevistada - Escolhia.

Entrevistadora - O que te entristece e te alegra na tua profissão?

Entrevistada - O que me entristece é precisamente não termos o reconhecimento que tínhamos antes. Eu penso que de uma maneira geral os professores estão marcados por tudo. [Sorriu] Tudo o que tem acontecido a nível do sistema educativo e de todas essas complicações que têm havido. A carreira docente, face à sociedade, tem vindo assim um bocadinho a perder importância e isso entristece-me um bocadinho.

O que me desmotiva... [Sorriu] Se calhar se não tivéssemos os ordenados congelados motivava mais e todas essas situações, mas talvez o excesso de papéis desmotiva-me e entristece-me um bocadinho.

Nós antes fazíamos coisas, resolvíamos os mesmos problemas, fazíamos as reuniões e não era necessário perder tanto tempo com grelhas, com papéis e com burocracia e às vezes resolvíamos coisas bem mais complicadas.

O que me alegra é a alegria dos meninos todos os dias, é o contacto com os colegas, com as auxiliares, é tu chegares à escola e veres que és bem recebida, tens um bom ambiente de trabalho e depois o que te alegra são estes pormenores do dia-a-dia, tu vais encontrando um menino que já foi teu aluno, vais encontrando uma mãe que o menino foi teu aluno, e estás ali a conversar e ver o que eles agora estão a fazer. Depois há sempre aqueles momentos “Eles tiveram estas notas devido à professora da escola primária.”

É claro que nós somos bons professores se os meninos forem bons alunos, se tens um menino com dificuldades tu não consegues dar o teu melhor, também depende muito da matéria-prima que tu tens, consegues ir moldando e trabalhando o menino. Tu trabalhas com vinte meninos e tu trabalhas da mesma maneira para todos eles, pois cada um deles é que também vai desenvolvendo as suas competências, cada um tem aquilo que tem.

É isso que me alegra, é ver miúdos que estão na universidade e estão a tirar cursos, outros já tiraram, outros casaram e depois vêm a professora e dizem “Era a professora da mãe!”, é giro.

Entrevistadora - O que mudarias na escola de hoje?

Entrevistada - Nem sei... O que mudaria... Se eu fosse Ministra da Educação não deixava os programas serem tão extensos de cada ano, são muito ambiciosos e os meninos são muito imaturos em relação às competências que se pretendem.

Para já mudava isso, em vez de aumentar o grau de dificuldade, diminuía um bocadinho menos e tentava distribuir pelos quatro anos aquelas competências. Há competências para as quais os meninos não têm maturidade, e vejo pelos meus filhos, não conseguem, vão para um 5.º ano e mesmo assim os conteúdos são muito extensos, não é só a nível de 1.º ciclo, é a nível do ensino básico todo.

Também mudaria as condições de muitas escolas, tentava que as escolas tivessem as condições mínimas para se trabalhar, computadores, projetores, materiais didáticos, tentava que as escolas todas tivessem esses materiais e claro que também daria condições aos alunos para eles estarem bem na escola.

Entrevistadora - Em relação a ti enquanto professora, que expectativas tens para o teu futuro?

Entrevistada - As expectativas são continuar a ter trabalho... [Riu] E ter uma turma para trabalhar, ter sempre turma, mas quando eu ver que já não tenho capacidades ou que naquele momento já não tenho capacidade para estar à frente de uma turma, gostaria de ter o discernimento de decidir “Olha agora vou fazer uma paragem e vou para o apoio ou vou para outra função qualquer.”

Em termos profissionais, é ir fazendo as formações que estão de acordo com aquilo que nós vamos lecionando e também de acordo com o meu interesse pessoal. Também gostaria de fazer um Mestrado ou um Doutoramento, mas isso... [Riu] Já ficou assim para trás porque quando aparecem os filhos já é complicado, mas nunca se sabe, pode surgir alguma oportunidade. Na altura nunca pensei tirar a Licenciatura e depois tirei, juntávamos quatro ou cinco colegas e lá íamos nós fazer, estudávamos em casa e íamos fazer os testes a Silves e era um momento sempre muito divertido as cinco. Íamos almoçar juntas no dia dos exames, bebíamos assim... [Riu] Um vinhito ao almoço para irmos bem dispostas, foi um momento agradável quando estive na Licenciatura.

Daqui futuramente, vamos ver o que surge, mas sempre dando o meu melhor e harmonizando as coisas com os pais, com os alunos, com as auxiliares, com os colegas porque acho que é fundamental um bom ambiente onde que se esteja.

Entrevistadora - Como achas que vai ser a escola do 1.º ciclo do futuro? Como vai ser a escola dos teus netos?

Entrevistada - Como as coisas estão a correr acho que se calhar o professor do 1.º ciclo já não... [Riu] Já não está lá presencialmente, se calhar já dá as aulas a nível de videoconferência e coisas do género, mas eu penso que o professor do 1.º ciclo nunca pode deixar de existir. Penso que eles irão ter um bom professor no 1.º ciclo, está bem, com novas tecnologias, é claro que as pessoas também têm que se adaptar às novas tecnologias e ao evoluir da sociedade, mas penso que a figura do professor tem que estar sempre, seja para todas as disciplinas ou pelo menos para organizar o...

Nós temos a monodocência, mas já se fala em deixar a monodocência, mas penso que a figura do professor é fundamental para na faixa etária que nós trabalhamos eles têm que ter sempre aquela referência, é uma espécie de referência maternal porque os orienta, diz o que têm de fazer porque são meninos muito pequeninos e que mesmo naturalmente eles precisam dessa referência.

Eu acho que apesar do progresso e tudo mais, claro que vamos dar aulas com quadros interativos, mas nessa altura é muito mais do que isso... [Riu] Não faço ideia, com programas de computador, acho que vai ser... Penso que a presença é fundamental e nunca deverá deixar de existir.

Entrevistadora - Há mais alguma coisa que queiras acrescentar?

Entrevistada - Agora não me lembro de mais nada.

Entrevistadora - Muito obrigada pela tua colaboração.

Data e local da entrevista

15 de outubro de 2015

Faro

Perfil da entrevistada

- Nome: **MARIA DE FÁTIMA GONÇALVES**
- Data de nascimento: 26/05/67
- Idade: 48 anos
- Profissão: Professora do 1.º CEB
- Tempo de serviço docente: 28 anos

Entrevistadora - O que é ser professora do 1.º CEB?

Fala-me da tua profissão, do teu percurso, dos momentos mais e menos significativos, do significado que atribuis à profissão, à escola, aos alunos...

Entrevistada - Hoje em dia ser professora do 1.º ciclo é um bocadinho diferente do que era quando eu comecei.

O que é para mim genericamente o professor do 1.º ciclo não corresponde àquilo que é hoje em dia um professor do 1.º ciclo, por isso é que eu comecei por dizer isto porque para mim ser professor do 1.º ciclo é mais do que aquilo que eu estou a fazer atualmente.

É mais importante, é mais significativo na vida dos alunos do que aquilo que neste momento se cinge a atividade docente. Parece um bocadinho estranho, parece um contrassenso, mas hoje em dia pede-se que um professor do 1.º ciclo seja aquilo que ele não devia ser e depois há questões em que ele devia ser e não é.

Vou resumir um bocadinho melhor para organizar o discurso. O professor do 1.º ciclo é um orientador de aprendizagens, é um professor generalista, é monodocente porque tem a seu cargo todas as aprendizagens do currículo e não só, porque as aprendizagens do currículo pretendem preparar os alunos para a vida, dar-lhes a base, é o ensino básico, é o primeiro ciclo, é o mais importante na vida de uma pessoa ainda... [Deu ênfase a esta palavra] Por isso o professor do primeiro ciclo tem que ter, e felizmente em Portugal ainda tem, melhor formação pedagógica e didática do que outro professor qualquer de outro ciclo, de outro grau de ensino, e por isso mesmo é que o seu ensino é mais abrangente, é generalista porque é monodocente, porque trabalha as áreas todas, ou seja, tem que ter uma boa formação em Português, Matemática, nas áreas das Ciências Experimentais, nas Expressões, tudo isso, ...

Portanto, ser professor do 1.º ciclo devia ser orientar os alunos para a vida utilizando todas as aprendizagens de base destas áreas que são significativas e isso implicaria um bom conhecimento de metodologias, um bom conhecimento de estratégias e sobretudo da didática. O que eu acho atualmente é que isso não está a acontecer.

Entrevistadora - O que te levou a optar por esta carreira docente no 1.º ciclo?

Entrevistada - Tinha que andar para trás porque isso prende-se um pouco com a minha infância. Eu era daquelas meninas que felizmente era boa aluna, tinha sucesso e gostei muito das minhas professoras do 1.º ciclo e foi um modelo que ficou.

Eu disse desde pequenina a toda a gente que queria ser professora de escola primária. [Riu] Podia ter decidido outra coisa qualquer, inclusivamente tive outras pequenas ocupações entretanto que podia ter enveredado, mas era mesmo aquilo que eu queria ser... [Riu] Era aquilo que eu queria ser, portanto foi mesmo uma escolha pessoal, inteiramente da minha lavra, não foi uma imposição, não foi sequer porque não podia ser outra coisa qualquer porque infelizmente isso acontece, foi porque queria ser professora do 1.º ciclo.

Entrevistadora - As expetativas que tinhas em relação à carreira foram cumpridas? Sentes-te realizada e a cumprir essas expetativas e esses sonhos?

Entrevistada - Não. Neste momento não. Eu teria que ser um bocadinho má, pelo menos mais rigorosa em relação àquilo que é atualmente a atividade docente, que é muito restritiva. Eu sinto que não sou hoje tão boa professora como era, gosto menos daquilo que faço hoje do que eu gostava e não é por falta de formação, antes pelo contrário, parece que quanto mais formação se tem maiores... É contraditório, mas maiores são as dificuldades que se encontram. Há questões que hoje em dia se passam nas escolas e que não fazem sentido nenhum.

Entrevistadora - Sentes que a tua formação inicial foi necessária e útil?

Entrevistada - Foi. Foi muito boa. Acho que tive uma ótima formação inicial.

Eu sou do último curso do Magistério Primário, portanto a minha formação ainda é a antiga formação de professores para o ensino primário. Eu sou do último curso, eu fechei a casa, digamos, o meu curso fechou a casa.

Era muito boa a formação, tinha alguns problemas, eu achava que era barbaramente elitista, que era muito... Tinha lá as suas contrariedades, mas em termos de preparação para futuros professores do 1.º ciclo era de facto muito boa. Aquilo que eu aprendi à época, eu sinto que ainda hoje me ficou de referência, por mais formações que eu faça, por mais voltas que dê, a minha base é de facto a formação inicial da escola do Magistério Primário.

Entrevistadora - Que idade tinhas quando começaste a lecionar? Foi em que ano letivo?

Entrevistada - Foi em 88. Eu comecei a trabalhar em 1988, logo no início do ano letivo, em outubro, portanto completei esta semana 27 anos de serviço, no dia 12 de outubro. [Sorriu] Comecei a trabalhar a 12 de outubro de 1988, portanto faço 27 anos de serviço, fiz no dia 12.

Entrevistadora - E os teus primeiros anos de carreira? Onde trabalhaste, como foram e como te sentiste?

Entrevistada - Tinha 21 anos quando comecei.

Quando comecei foi muito engraçado e isto tem um bocadinho a ver com a questão da escolha da atividade docente. Naquele tempo, naqueles anos anteriores tinha sido muito

difícil a colocação, havia muita dificuldade de colocação de professores, havia anos que era mais complicado do que outros. No ano anterior tinha sido uma catástrofe e houve colegas que inclusive, do curso anterior ao meu, que tinham ficado o ano inteiro sem trabalhar, sem colocação, ficaram simplesmente em casa.

Eu estava com muito receio que isso acontecesse, não podia pensar que de repente acabava um curso e ia ficar em casa e na altura surgiu a oportunidade de eu ir trabalhar para a Direção de Finanças e então acabei o curso e era para trabalhar de imediato. Eu estive uns dias de férias e comecei logo nas finanças porque havia falta de um técnico e comecei a trabalhar nas finanças. Quando num belo dia me ligaram, em outubro, pois entretanto fiz o concurso, o procedimento normal, e ligaram-me a dizer que eu tinha uma colocação em Silves para o ano inteiro. Era um lugar recentemente criado, era uma escola pequena que passou a ter dois lugares em vez de um e portanto havia falta de uma professora para o ano inteiro.

Eu era uma miúda, tinha 21 anos e ainda tinha os sonhos e as ambições todas que se calhar me tinham colocado na época e disse “Está bem, eu vou.” e larguei tudo, finanças, o sossego da minha casa e o bem estar e agarrei armas e bagagens e fui para Silves à procura de casa num mundo completamente novo.

Na altura era assim, quando se aceitava o lugar tínhamos que nos apresentar de imediato, portanto foi mesmo ir à procura de sítio e começar a trabalhar. Fui um bocadinho aventureira na altura e o primeiro ano foi assim. Eu estava numa escolinha pequenina, no meio do campo onde não via mais ninguém a não ser oito alunos que tinha... [Riu] Como a minha turma era um segundo lugar criado eu tinha os mais velhos, digamos que o equivalente a um 3.º e 4.º ano, é claro que tinham imensas dificuldades, aquilo era quase como uma explicação, meninos à volta de uma mesa grande e faziam coisas diferentes.

Nesse ano tive uma criança com deficiência auditiva profunda, um miúdo que não ouvia nada, integrado nesse grupo. Era um menino de cor e que não ouvia. Não foi fácil, não havia educação especial, não havia nada, absolutamente nada. [Deu ênfase a esta palavra] Aquele menino ia para a escola como os outros, aprendia porque eu tive que ir à procura, é assim quando começamos a trabalhar.

Eu tenho pena de hoje em dia ver colegas que acabam o curso e parece que sabem tudo porque eu lembro-me que na altura achei, quando me deparei com a situação de ter alunos que tinha que ensinar e que tinham que progredir e que tinha que fazer qualquer coisa com eles, eu dizia “Eu não sei nada, eu não aprendi nada! O que faço agora?” [Riu] Se calhar foi a minha sorte porque tive uma tremenda humildade de pensar que tinha que dar a volta, tinha que agarrar em tudo o que pudesse para pôr aquela gente a aprender mais, sobretudo a realidade dessa criança, que eu tive que ir à procura de material e informar-me, nem sequer havia computadores, como se deve imaginar, nem telemóveis havia... [Sorriu]

Era um meio muito pequeno, muito fechado, onde a professora nem sequer ia ao café que era a tasczinha lá no meio do nada porque uma vez eu fui e recomendaram-me, no dia seguinte apareceu uma mãe de uma criança a dizer que eu não podia lá ir porque não ficava bem, quando precisasse de alguma coisa que lhe pedisse porque a professora não podia ir àqueles sítios.

Ainda era assim que as coisas se passavam em 1988, houve dias de desespero, em que eu pensei em desistir e vir-me embora, acordava de manhã e dizia “Eu vou-me embora!”. Ainda por cima tinha que ir apanhar lenha para pôr no termoacumulador para conseguir tomar banho, era assim tudo... Era uma saga autêntica. [Riu] Foi assim um ano de prova de fogo, mas não desisti, tanto que ainda cá ando. [Sorriu]

Entrevistadora - Depois de Silves, onde já trabalhaste?

Entrevistada - Eu nunca saí do Algarve, eu nunca fui para longe, nunca tive que concorrer para as ilhas, nunca saí do Algarve, tive algumas situações menos simpáticas de ir parar assim atrás do sol posto, como se costumava dizer, a escolas pequenas, mas depois havia alguns truques e estratégias que na altura se utilizavam e acabava por ir para a cidade outra vez.

Nesse aspeto não me posso queixar porque não estive assim muito longe, o mais longe que estive foi de facto essa escola em Silves para o ano inteiro, de resto sempre tive a possibilidade de ir e vir todos os dias, pelo menos, não era muito complicado.

Estive uns anos em Albufeira, três anos no concelho de Albufeira, a seguir a Silves estive aqui perto, em Estoi, era uma substituição, mas acabou por ser para o ano inteiro e depois estive em Faro, no Bom João. Depois fui colocada mais longe, no quarto ano de serviço, na serra de Tavira e era mesmo muito longe, aí eram quarenta e tal quilómetros, um exagero.

Surgiu depois a possibilidade de fazer uma permuta com uma colega de Tavira que estava por colocar e entretanto como tinha surgido um lugar em Faro e a mim interessava-me, pedi, fui à Direção Escolar na altura, e pedi para me colocarem nesse lugar porque havia uma colega de Tavira que ia ser colocada imediatamente a seguir e convinha-lhe o lugar. Na altura era possível fazer esta ginástica e era uma colega minha de curso, nós sabíamos onde cada uma tinha ficado colocada e era possível fazer estas trocas e ir lá e o Diretor Escolar dizer “Sim, senhora, faça-se.”

Nunca fiquei muito mal.

Entrevistadora - Como tem sido a relação com os teus alunos ao longo destes anos? Que diferenças notas nos alunos de hoje e nos dos teus primeiros anos?

Entrevistada - A melhor turma que eu tive até hoje foi a turma de Estoi, sem dúvida. Eram dezasseis alunos de 3.º ano e eram uma turma muito boa, muito boa no sentido em que eram meninos com alguma preparação de 1.º e 2.º, portanto já sabiam todos ler, não há, eu sei que não existem, mas era o mais homogéneo que se pode conseguir em termos de grupo de alunos.

Foi possível fazer coisas giras com esses alunos, inclusivamente há uma miúda dessa altura que a mãe é nossa colega também e que de vez em quando ainda me vai dando conta daquilo que faz. Ela está a trabalhar em S.Tomé e Príncipe, é educadora de infância, está lá a gerir um espaço educativo e ainda me vai dando conta disso, ainda me veio pedir para assinar as fitas de final de curso.

Essa turma foi de facto a que me ficou assim na memória com mais saudade porque eram miúdos um bocadinho de campo, mas com referências de cidade porque Estoi é aqui perto de Faro. Em termos de nível socioeconómico era relativamente equilibrado, não eram nada de extraordinário, mas também não eram nada de problemático e eram miúdos muito educados, que é uma coisa que não existe hoje em dia.

Não existe, ponto. [Deu ênfase a esta palavra] Não há, não se está a passar educação no sentido de ser correto, ser cordial. Não existe, simplesmente não existe.

Esta é mesmo uma das principais diferenças e é claro que depois há mesmo uma série de outros aspetos que decorrem disso, da educação, porque quando se diz aos alunos que

têm que ter respeito pela professora, quando os pais conseguem inculcar neles esse princípio, depois há uma série de circunstâncias que decorrem desse facto, o que a professora diz é assim porque a professora disse.

Em tempos lembro-me de uma colega nossa do secundário, que é professora de Português, e que dizia “Eu não sei o que tu dizes ao miúdo, mas ele diz que tem que ser como a professora disse, mesmo que eu tente explicar-lhe de outra forma.” Ela respeitava isso, não dizia ao menino “A professora é parva, não sabe o que diz.” e isso eu já ouvi de pais dizerem aos filhos a propósito eventualmente de outros colegas meus, portanto acredito que dirão de mim também “É parva, não sabe o que diz.”

Não se respeita simplesmente, a sociedade perdeu o respeito pelos professores, perdeu mesmo. [Deu ênfase a esta palavra]

Ouvi uma mãe dizer a um miúdo, a propósito do trabalho de casa que o miúdo não tinha feito, a mãe lá justificou que o menino não tinha feito e ele foi levar à professora e entretanto, veio o intervalo e identifiquei a criança e fui dizer à professora e ela contou-me a história. A mãe foi ter com ele ao intervalo a perguntar “Então, o que ela te disse?”, só o facto de tratar a professora por ela é uma falta de respeito, não é pelo facto de ele dizer “ela”, é porque intrinsecamente se perdeu o respeito pela figura da professora e isso depois acaba por tornar o resto das relações em sala de aula num ambiente escolar muito mais difíceis.

As pessoas não têm respeito pelos professores.

Entrevistadora - E a tua relação com os teus colegas e com as funcionárias?

Entrevistada - Nunca tive nenhum problema de maior, nem com colegas, nem com funcionárias. Sempre tive uma boa relação com colegas, eu acho que as pessoas já me conhecem.

Eu atualmente não gosto da escola, acho que a escola já não é aquilo que era, a escola no global e em particular a escola onde estou.

Não gosto, acho que está muito desorganizada, perdeu uma série de conquistas que se foram adquirindo e que de repente deixaram de existir porque as pessoas que a gerem não sabem fazer, mas isto é a minha opinião pessoal.

Independentemente disso, as pessoas já me conhecem ali na escola, portanto já sabem com o que contam, sabem que eu digo o que tiver de dizer quando achar que tiver de dizer. Eu não falo por trás, eu sempre digo isto nas reuniões e as pessoas conhecem-me, eu prefiro zangar-me com uma colega e lá fora, para os outros, dizer que ela é a melhor que existe. Lá fora eu nunca falo mal de um colega, mesmo que tenha que discutir com ele e isso para mim sempre foi um princípio que me orientou na relação com os colegas, e com os funcionários a mesma coisa. Se eu tiver que dar um berro a uma funcionária, dou, mas ela sabe que no dia seguinte está tudo bem, já passou, as pessoas já sabem com o que contam. [Riu] É mais fácil para mim neste momento, é cómodo. [Riu]

Entrevistadora - Já falaste dos teus alunos. Queria saber se também aprendes com eles? Como?

Entrevistada - Sim, com certeza.

Neste momento estou a aprender aquilo que não queria, que é de facto o projeto de sociedade que estamos a criar que não é dos melhores.

Aprendo coisas sobretudo da vida deles, do contexto e das suas vivências. Como já tenho alguma formação também consigo descortinar e ponho-me a pensar o que será destes miúdos um dia.

Há pequenas questões, para além desta componente menos simpática, há pequenas questões que são giras, são interessantes, comentários que eles fazem, a espontaneidade que têm, é sempre uma aprendizagem para nós porque eles são muito imaturos e isso é uma desvantagem, por outro lado, é uma vantagem porque são muito ingénuos e são muito genuínos, também te dizem aquilo que lhes vem à cabeça e a cabeça nesta idade está muito ligada ao sentimento, portanto tudo é muito afetivo, e dizem, são frontais, são diretos, e isso é uma aprendizagem que as pessoas deviam fazer com os meninos. [Sorriu]

É ser menos elaborado e mais espontâneo, isso eles ensinam-nos todos os dias, que devemos ser espontâneos e que não devemos perder tanto dessa espontaneidade. As relações são mais fáceis porque se resolve logo ali, resolve-se tudo, eles dizem, não tem problema de dizer o que gostam e o que não gostam, o que lhes apetece e não lhes apetece e depois agimos em conformidade. É fácil, é genuíno e isso é bom.

Entrevistadora - Esses momentos mais genuínos acabam por ser os mais marcantes?

Entrevistada - Sim. Eles conseguem pôr-nos à gargalhada e às vezes em situações mais sérias em que surge assim uma espontaneidade dessas, é claro que aquilo desopila, mas é bom desopilar porque a escola está muito tensa.

Estamos muito preocupados com os exames, demasiado preocupados com os exames e isso é a minha grande lamentação, o meu maior constrangimento neste momento para o facto de ensinar é haver exames. Está tudo muito condicionado, nós estamos todos a preparar meninos para exames e isso cria muita tensão na sala de aula e se de vez em quando surgir assim um disparate qualquer, dá para rir um bocado e desopilar aquilo tudo e a professora não ser aquela coisa tão séria que ali está a debitar, a debitar, a debitar.

Entrevistadora - Já falaste que tens atualizado os teus conhecimentos e que tiraste o curso no Magistério Primário. O que fizeste depois disso?

Entrevistada - Em termos de formação académica fiz o Complemento de Formação que dava equivalência à licenciatura com uma especialização em ensino de Inglês para o 1.º ciclo porque a minha área sempre foi as línguas e as letras. Foi em 2002, 2003, estou a fazer as contas e a pensar porque eu não estive sempre na escola, estive uns anos fora do ensino em trabalho direto, estava na Direção Regional da Educação, estive três anos. Entrei em 98 e saí em 2001, só depois é que fiz a equivalência à licenciatura, quando estava na Direção Regional ainda não tinha, fiz depois, portanto talvez em 2003 tenha terminado a equivalência.

Formação sempre fiz, sempre, desde o primeiro ano de serviço.

No primeiro ano de serviço foi uma formação à distância porque era por telefone, com uma colega muito disponível, porque eu pertença a uma associação de professores que promove formação auto-cooperada, portanto as pessoas dessa associação formam-se entre si, entre pares digamos, e quem tem um bocadinho mais de experiência vai passando aos mais novos e assim sucessivamente e mesmo quem tem experiência entre si também troca

as suas experiências e isso para mim sempre foi uma mais-valia. Toda a formação, a grande, grande marca formativa na minha carreira é de facto a do Movimento da Escola Moderna.

Passei os primeiros tempos como formanda e depois passei a ter o estatuto de formadora, ainda não de uma forma oficial, formal porque ainda dei formação durante alguns anos quando ainda não existia conselho científico de formação contínua de professores, depois passou a haver e candidatei-me ao estatuto de formadora. Na altura, curiosamente ainda não tinha, e isto para se perceber um pouco como eu sinto que esta formação é muito boa e esta dinâmica de formar professores é muito boa porque na altura eu ainda não tinha a licenciatura quando obtive... Eu tenho estatuto de formadora desde 1999 e ainda não tinha a licenciatura, foi-me atribuído o estatuto de formadora com base numa situação que se chamava na época de currículo relevante. Eu já teria feito coisas e produzido material suficiente para que o conselho científico me autorizasse ou me concedesse o estatuto de formadora e isso acontece desde 1999, e depois fui progredindo e acrescentando ao estatuto aquilo que ia acontecendo à medida da minha carreira.

Nos últimos anos eu fiz uma formação intensa que foi feita em Lisboa, na ESE de Lisboa, muito rigorosa e muito boa de facto, costume dizer a “*crème de la crème*” do país na área do Português e eu tive essa formação lá, tive essa possibilidade. Depois acabei por dar formação na escola aos meus colegas e também formar outros formadores. Do Algarve foram quatro pessoas selecionadas para ir fazer essa formação durante um ano e eu tive essa sorte de ser selecionada e fiz essa formação porque eu gosto muito, é mesmo a minha área. É a minha área de maior interesse.

Fiz também formação porque sou supervisora de corretores de provas de exame na área da Matemática porque depois também fiz essa formação na Matemática.

São assim as áreas que eu trabalho mais e que eu acho que são as fundamentais, são as essenciais e tudo o resto decorre daí, da aprendizagem em Português e da aprendizagem do raciocínio matemático, não pelo princípio tradicionalista do ler, escrever e contar, de todo, mas porque são as áreas basilares de tudo o resto. É preciso para eu ler um texto informativo de Estudo do Meio, da história de Portugal, seja o que for, eu preciso saber interpretar textos, preciso de ter uma coisa que se chama compreensão da leitura e isso trabalha-se no Português, que por sua vez também é preciso para interpretar problemas de Matemática. Depois há a dinâmica específica do cálculo e da lógica que se trabalha em Matemática e que nos dá elasticidade mental suficiente para resolvermos todas as outras situações das outras áreas. Não é pela perspetiva tradicionalista, mas de facto são as fundamentais o Português e a Matemática. São a base de tudo.

Um aluno bem preparado a Português e Matemática consegue desenvolver tudo o resto. Claro que há a dinâmica própria das Expressões, que quanto mais cedo melhor, e acho que há uma lacuna de facto a esse nível das Expressões no 1.º ciclo porque teriam de ser professores mais especializados. Eu sempre fugi a sete pés da música e as pessoas diziam “Tens bom ouvido!”, mas não chega, já fiz parte de um júri de festival da canção... [Riu] Só tenho bom ouvido, mais nada, não chega o resto. Eu não sei ensinar música, não tenho predisposição para. A Plástica sei um bocadinho melhor, mas as outras áreas não tenho a mínima apetência. Essas de facto também são fundamentais e quanto mais cedo forem introduzidas e trabalhadas com os miúdos melhor, eu sei isso da minha formação académica, mas não tenho predisposição para, por isso essas ficam um bocadinho relegadas nem para segundo, é para terceiro plano. Aquelas em que invisto mais são o Português e a Matemática.

Entrevistadora - Sentes que o trabalho do professor do 1.º ciclo é reconhecido e valorizado?

Entrevistada - Não, de todo. Nem pela sociedade em geral, não!

As pessoas ainda e eu acho que a culpa é dos professores também, sobretudo dos professores do 1.º ciclo, que não se valorizam o suficiente.

Ainda há pessoas que pensam que o professor do 1.º ciclo é menos do que os outros porque trabalha com os meninos da escola primária, porque os meninos da escola primária toda a gente acha que sabe ensinar e toda a gente dá palpites.

Ainda há aquela mentalidade de que um professor do 2.º ou 3.º ciclo pode trabalhar no 1.º, mas os do 1.º não, e quem conhece o meio sabe que é exatamente ao contrário porque a base é a didática e a didática o professor do 1.º ciclo tem mais do que qualquer outro. Isso não é reconhecido de todo, nem sequer pelos pares, pelos próprios colegas, não há esse reconhecimento, não existe e tenho pena porque há países onde isso se passa.

Particpei num projeto europeu e andei por outros países e é uma realidade completamente diferente. O professor do 1.º ciclo, aliás, na maior parte dos países nem existe primeiro ciclo já, já é bastante mais abrangente, e há países onde o professor é o tutor da turma, é o responsável da turma e tem a sua formação, ponto.

Eu tenho mais formação do que a maior parte dos professores dos outros graus de ensino porque inclusivamente eu dou formação e dei o ano passado a colegas do 2.º ciclo na área do Português. Eu tive formandos que são professores de 2.º e 3.º ciclo de Português e se inscreveram para aprender coisas comigo, mas que são casos raros, não é a maioria, nem é a escola, por exemplo. Há episódios, por exemplo, ao nível da gestão em que os professores do 1.º ciclo são relegados para serem coordenados por professores de outros ciclos porque se acha que é uma ofensa aos outros terem que ser coordenados pelos do 1.º, portanto é muito mais grave do que só uma questão da sociedade civil em geral, é a própria escola que não reconhece a própria importância do professor do 1.º ciclo quando a formação académica é igual ou superior à de todos os outros.

Entrevistadora - Apesar de neste momento sentires alguma tristeza em relação ao 1.º ciclo, de certeza que também tens alegrias. O que te motiva apesar desses aspetos menos positivos? O que ainda te alegra?

Entrevistada - Confesso que de vez em quando tenho necessidade de sair uns tempos da escola e há pouco tempo também estive um ano fora porque tenho outra função no Tribunal de Menores e tive oportunidade de sair da escola porque a escola me estava a incomodar particularmente. Depois tenho pena, tenho saudades porque investi a minha vida toda, académica ou não, na educação, o outro é que dizia que a paixão é a educação, mas a minha também é, estas questões da educação incomodam-me porque eu gosto.

Gosto do tema educação, gosto de ensinar, gosto muito de ensinar e isso é o que ainda me mantém ligada à escola de alguma forma porque gosto de ensinar.

Reconheço que há muitos obstáculos, tenho perfeita noção das contrariedades que existem e da quantidade de pessoas que podia ser melhor professor do que é atualmente, eu gosto realmente de ensinar, acho que a escola está muito... Está tudo mau, mas pronto, eu investi toda a minha vida nesta área, é aquilo que eu sei melhor, é a minha praia, como se costuma dizer, portanto não vejo... Já tive e já desempenhei outras funções e não me senti tão realizada como quando vou para a escola com aquela realidade e depois porque é

confortável, nós temos a nossa sala, temos os nossos alunos e tudo o resto fica um bocadinho distante quando fechamos a nossa porta porque temos ali uma data de gente que precisa de nós, que lhes ensinemos e que os preparemos o melhor possível. É isso é, digamos, uma espécie de missão... [Riu] Eu sinto como missão, ponto.

Não é tão gratificante como era ou como sempre foi, neste momento eu sinto que é muito menos gratificante do que alguma vez foi porque tenho mais consciência da realidade também. Antes era imatura, quando comecei era tudo... Tinha alguma rebeldia, acontecia, pintava, enfim... Hoje em dia consigo refletir mais e entristece-me.

Às vezes digo a algumas colegas em conversa, preferia não perceber tanto do que se está a passar... [Sorriu] Era mais feliz se não percebesse e não refletisse tanto sobre isto, tenho pena sobretudo porque os colegas que estão a chegar de novo estão tão mal preparados, sem noção nenhuma do que é ser professor, portanto isto não vai melhorar, com grande pena minha, não vai melhorar de todo, pois vêm com muita má preparação, quer pessoal, quer pedagógica.

Entrevistadora - O que esperas para o futuro do 1.º ciclo?

Entrevistada - Nada de bom porque... Não é com provas da treta, essas que inventaram, que se vai lá.

Eu acho que a formação de base está mal organizada.

Entrevistadora - O que tu mudarias? Como seria a escola ideal?

Entrevistada - A formação de base dos professores é fundamental e eles não estão a vir preparados como deviam. Por isso é que eu digo, tenho muito boas referências da minha escola porque eu aprendi mesmo a base.

Hoje em dia, por exemplo, quando se fala, lá vou eu outra vez ao Português, mas foi a última experiência que eu tive, só para ilustrar o que eu estou a dizer, quando se fala na questão dos métodos de ensino da aprendizagem da leitura e da escrita, há vários métodos, há vários modelos e isso tudo ao explico na formação e os professores que saem da sua formação inicial hoje em dia não têm essa perceção sequer de que há métodos de ensino e de como ensinar uma criança a ler e a escrever, por exemplo, não há.

Uma colega, uma vez eu perguntei-lhe qual o método que utilizava, isto pela questão do livro ou não livro, porque eu não tenho nada a ver com o que as pessoas optam, têm é que saber por onde optar e isso não existe porque a colega respondeu-me que era o do livro porque não conhecia sequer método nenhum e isto não pode acontecer. Têm de conhecer alguma teoria de base e isso não está a ser passado nas escolas, ou pelo menos não está a ser passado com a qualidade que seria necessária. As pessoas chegam à escola e não sabem o que são métodos, não sabem nada. [Deu ênfase a esta palavra]

Atualmente, ainda por cima já não se põe a questão do método único, ser o analítico, ser o João de Deus, ser um de cariz mais sintético ou outro de cariz mais global, esse problema já não se põe hoje em dia, como não se põe, as pessoas também se deixaram de preocupar com isso e isso é lamentável.

Por exemplo, metodologia de resolução de problemas, passamos um pouco à Matemática, as pessoas não sabem o que é isto, não sabem como é a dinâmica da metodologia de resolução de problemas e esta metodologia serve para tudo e esta informação não está a passar.

É claro que eu aprendi coisas de que abdiquei porque não gosto, não é assim que eu acho que é importante ensinar, mas eu conheço-as, eu sei optar porque conheço as várias opções, agora não poder optar porque não se conhece as opções é grave e depois porque gera nos professores a tal falta de consciência de classe, falta de consciência da importância de ser professor e por isso é que os professores estão tão mal vistos também.

Ser professor hoje em dia, para a maior parte dos professores mais jovens, é uma mão cheia de coisa nenhuma. Que causa é que eu vou defender, se eu não tenho causa nenhuma, só lá estou para ganhar alguns cobres ao fim do mês. Perdeu-se essa consciência de classe porque as pessoas também não sabem muito bem o que andam a fazer e há colegas que já me responderam isto, professores de educação física que estão no 1.º ciclo e um respondeu-me “Isto para mim é um guarda-sol para eu me amparar durante uns tempos. Quando puder vou-me embora para outro lado, vou-me embora para dar educação física.” Imagine-se o que era esta pessoa com uma turma do 1.º ciclo, não me venham dizer que aqueles meninos ficaram bem preparados porque é impossível.

Entrevistadora - Em relação a ti, quais as expetativas que tens para ti, para o teu futuro, enquanto professora do 1.º ciclo?

Entrevistada - Depois deste quadro que eu tracei, não são boas, não é verdade... [Sorriu] Eu vou continuar a fazer o que sempre fiz porque é o que eu sei fazer melhor, a menos que me saísse o euromilhões, mesmo assim não sei, eu acho que não, por muito pouco que eu gosto disto, ainda tenho o tal sentido de missão que não me faz fazer outra coisa qualquer, não me deixa fazer outra coisa qualquer.

Estive recentemente requisitada pelo Ministério da Solidariedade e Segurança Social e a certa altura foi-me perguntado se eu queria voltar ou se eu queria ficar lá porque eles não me podiam requisitar de novo. Eu tinha que abdicar da minha carreira na educação e passar a ser uma técnica superior do Ministério da Solidariedade e Segurança Social, era a única forma de lá ficar. Então eu disse “Não, eu não quero.” e pensei durante uns dias e isso era cortar simplesmente com a minha vida de professora, vou deixar de ser professora a partir do momento em que passar para outro Ministério e não quis, portanto, ainda consigo andar por aqui e tive essa prova de fogo recentemente.

Ainda vou continuar por aqui enquanto puder.

Entrevistadora - Queres acrescentar mais alguma coisa?

Entrevistada - Não, já falei tanto...

Entrevistadora - Então, obrigada pela tua participação. Gostei muito de falar contigo.

Data e local da entrevista

2 de julho de 2015

Loulé

Perfil da entrevistada

- Nome: **NATÁLIA**
- Data de nascimento: Novembro de 1974
- Idade: 41 anos
- Profissão: Professora do 1.º CEB
- Tempo de serviço docente: 19 anos

Entrevistadora - O que é ser professora do 1.º CEB?

Fala-me da tua profissão, do teu percurso, dos momentos mais e menos significativos, do significado que atribuis à tua profissão, dos teus alunos, da tua escola, ... enfim, aquilo que te vai na alma.

Entrevistada - Antes de começar pela minha carreira, vou começar pela minha formação. Tudo começou a partir daí.

Não era meu sonho ser professora do 1.º ciclo, quando tinha de responder aquelas perguntas “O que queres ser quando fores grande?” eu nunca tive essa ideia de ser professora de 1.º ciclo, tinha outras ideias, no entanto, calhou. Costumo dizer que calhou. No ano em que eu concorri para a universidade, no primeiro ano não consegui entrar porque o curso que eu queria era em Lisboa, mas no ano a seguir concorri novamente à universidade e havia o curso de 1.º ciclo aqui na Universidade do Algarve, na ESE. Concorri e entrei para esse curso. As aulas eram no pólo de Vila Real de Stº António, aí foi um momento difícil também, tal como o curso em si, porque no primeiro ano eu não estava acostumada a sair de casa, era muito caseira, digamos assim... e com 18 aninhos, acho que ainda era uma criança e ao entrar para esse curso tornei-me logo um pouco independente, muito rapidamente.

Então o primeiro ano e meio fiquei a viver lá em Vila Real de Stº António, mas depois lá convenci a minha mãe a comprar-me um carrito e eu comecei a vir todos os dias para casa. Aí sim, comecei a viver mais o curso sem aquela... aquele problema de estar longe da família e dos meus pais.

Ao longo do curso senti que não havia grande expectativa para integrar a carreira docente porque foi uma fase em que havia muitos professores do 1.º ciclo e havia a ideia que estávamos a tirar um curso para o desemprego.

Eu e as minhas colegas falávamos acerca disso e tínhamos um certo receio e muita esperança que as coisas mudassem e mudaram.

Quando eu comecei a trabalhar, em 97/98, houve mudanças e eu e as minhas colegas, todas elas praticamente, conseguimos começar a trabalhar nesse primeiro ano e logo nos primeiros tempos, mesmo em setembro e por aí.

Entrevistadora - Que idade tinhas quando começaste trabalhar?

Entrevistada - Eu tinha 21, estava quase a fazer 22, por aí...

Em relação ainda à formação, a formação sim foi importante, claro que aprendi coisas novas, tanto mais que eu nunca tinha relação nenhuma com o ensino, quer dizer, não tinha mãe nem pai que fossem professores, havia lá muitas colegas minhas que foram para professoras porque a mãe era professora ou o pai era professor, no meu caso não.

Entrevistadora - Apenas tinhas sido aluna...

Entrevistada - Sim, tinha apenas sido aluna, desde os 5 anos tinha sido aluna e sempre gostei da escola, mas...

A formação foi importante, abriu horizontes que eu desconhecia, tanto a prática pedagógica como a relação com os miúdos, tudo isso. Foi a parte que eu mais gostei... a prática pedagógica. Aquelas partes de teoria, ah, ... para mim, eu não gostava muito, pronto... era só porque tinha que ter boas notas.

A prática pedagógica... Quando trabalhei com uma turma em Monte Gordo, no meu 2.º ano, percebi que se calhar estava no curso certo. Foi aí que eu acabei por ver que se calhar até estou no curso certo, mas ainda tinha aquela dúvida, digamos assim.

Depois comecei a trabalhar, no ano de 97/98 e o meu primeiro ano foi um bocadinho atribulado porque fiquei... aliás, fui convidada a trabalhar no colégio João de Deus, em S.Bartolomeu de Messines, e deparei-me com uma situação completamente diferente daquilo que tinha sido ensinado ao longo da formação, ou seja, o ensino na João de Deus é muito diferente daquilo que nós na formação inicial acabamos por aprender, principalmente em método de ensino. Segue-se a cartilha de João de Deus e por exemplo, na ESE falamos um pouco, mas não nos dão bases nenhuma para trabalhar. Quem trabalha normalmente na escola João de Deus também tirou um curso na João de Deus.

Então nesses primeiros meses, dois meses, fiquei lá, tinha 27 alunos de 1.º e 2.º ano. Foi engraçado porque os meus alunos de 1.º ano já sabiam ler e escrever, aprenderam logo na Pré, poderia ser algo bom, mas também teve muitas contrapartidas porque eram tão pequeninos, já sabiam ler e escrever, mas faltava-lhes tanta coisa.

Era uma escola... eu senti que não era muito aberta à comunidade, primeiro porque os meninos que lá estão são meninos que pagam e são uma elite... Como hei-de dizer?... Têm um estrato social alto, era o filho do médico, o filho do advogado, enfim...

No início foi um pouco difícil, a primeira semaninha, duas semanas, adaptar-me àquela situação, mas depois os miúdos também eram muito queridos, muito meigos, mas foi muito cansativo porque enquanto que no Estado trabalhávamos das nove às três, lá eu trabalhava das nove às cinco e havia dias em que eu estava sempre com os meus alunos, eu acompanhava-os na hora do almoço, almoçava com eles, depois tinha um bocadinho de descanso, para aí cerca de meia hora, por aí...

Mas esses dois meses foram muito cansativos, muito cansativos, tanto mais que eu tinha que me deslocar todos os dias para S.Bartolomeu de Messines, para piorar tinha casado três dias antes e então... [Riu] Ou seja, eu casei no fim de semana e comecei a trabalhar na 3ª feira a seguir, nem deu tempo para... [Riu] Para sentir um pouco a alegria do casamento, mas pronto... deram-me essa hipótese de começar logo a trabalhar e com receio de não conseguir trabalho no Estado, uma colocação, eu aproveitei logo.

Fui com uma colega da minha terra, ela tinha a outra turma de 3.º e 4.º ano, era uma turma muito complicada. Nós começámos a falar uma com a outra pelo caminho, estávamos mesmo tristes e dececionadas com tudo, foi aí que eu quase que me arrependi de ter tirado o curso.

Então nesse mesmo ano, soube que havia falta de professores de apoio e concorri. Fui concorrer, perdi um dia de trabalho e fui concorrer para o apoio.

Entrevistadora - Apoio fora do ensino particular?

Entrevistada - Exatamente. A minha ideia seria ter trabalho na escola pública e deixar a João de Deus. Entretanto, sempre demorou um bocadinho a resposta e eu tomei a decisão de rescindir o contrato, mesmo correndo o risco de ficar o resto do ano sem trabalhar, preferia continuar o resto do ano sem trabalhar do que continuar naquela situação que me desagradava. Ia contra tudo o que tinha aprendido e contra os meus princípios. [Ficou séria]

Entrevistadora - Depois dessa passagem pelo ensino particular, começou o percurso pelo ensino estatal, na escola pública?

Entrevistada - Exato. Concorri ao apoio no ensino especial e em janeiro desse mesmo ano fiquei colocada na Escola de S.Pedro do Mar, em Quarteira. Depois aconteceu uma situação de uma colega querer fazer uma permuta comigo, pois já tinha trabalhado nessa escola e agora estava na Escola D.Francisca de Aragão e gostaria de voltar para a outra de Quarteira. Então fiz uma permuta com essa colega e comecei a trabalhar na D.Francisca de Aragão, a partir daí fiquei sempre no ensino público e por sorte minha fiquei vinculada nesse meu primeiro ano de serviço, o que me deu muita estabilidade, evidentemente. Por isso eu praticamente nunca fui contratada.

Entrevistadora - Foi um ano apenas, um ano letivo?

Entrevistada - Nem chegou a um ano porque eu fiquei... a partir do momento em que ficámos vinculados foi nesse mesmo ano.

Entrevistadora - Então as expetativas negativas que os professores vos tinham passado durante o curso para o desemprego...

Entrevistada - Não foram bem os professores que passaram essa expetativa.

Entrevistadora - Era a ideia que vinha de fora?

Entrevistada - Exatamente.

Entrevistadora - Então isso não correspondeu de maneira nenhuma à realidade?

Entrevistada - Não, nem à minha realidade nem à realidade das minhas colegas que tiraram o curso nesse ano e daí para a frente foram todas, também nunca chegaram a ser contratadas durante um ano inteiro, foi só uma questão de meses, o que é muito bom para quem começa a trabalhar.

O facto de ter ficado vinculada, bem, deu-me estabilidade a nível profissional, a nível pessoal principalmente, eu lembro-me que eu cheguei a casa, na altura em que fiquei vinculada, no dia que soube que tinha ficado vinculada, e cheguei ao pé da minha mãe e do meu marido e disse logo: “Já podemos fazer a nossa casinha!”, o sonho de qualquer pessoa... e pronto. [Sorriu]

Em relação à escola, à D.Francisca de Aragão, essa foi a minha primeira grande experiência, talvez a maior experiência em termos profissionais, porque foi nesta escola que eu adquiri a bagagem para seguir os outros anos daí para a frente. Foi aí que eu aprendi realmente o que é ser professora.

Eu dava apoio, entrava às oito e saía à uma. Dava apoio a algumas turmas, já não me lembro quantas, talvez cinco ou seis turmas, a meninos com necessidades educativas especiais, mas como dava apoio dentro da sala de aula eu tive a oportunidade de conhecer vários métodos de ensino com as minhas colegas e foi aí que...eu digo que foi aí que eu tirei o meu estágio. Foi aí nesse ano.

Via a maneira e forma como lidavam com os miúdos, a forma como resolviam certas situações, era engraçado que mesmo eu sendo a novata na casa e com pouco tempo de serviço, sempre me respeitaram, queriam sempre a minha opinião, senti que o meu trabalho tinha sido valorizado com os miúdos, eles eram... há sempre uma situação ou outra mais complicada, mas nada que ficasse assim na minha memória para dizer “É pá, fiquei traumatizada com aquela situação.” Foram situações que eu consegui resolver também com as professoras desses meninos, dessas crianças, e havia lá casos muito complicados!

Aprendi bastante com as minhas colegas e guardo grande amizade com algumas delas passados muitos anos, apesar de não as ver, mas foi muito marcante esta escola para mim.

Depois... Depois dessa escola, voltei a ficar lá, tive a sorte de ficar lá 2 anos de seguida e depois... Ah, essa escola nessa altura era TEIP e era a maior escola do Algarve. Cáí lá de pára-quadras e caí logo numa escola enorme com muita coisa, muita coisa para aprender.

Depois dessa escola, fiquei numa escola pequenina, no campo, no Monte Seco, em 99/2000, pertence a Loulé, tinha quatro alunos, era um paraíso em relação à outra, eram muitos mais. [Sorriu]

Eram 4 alunos, três do 3.º ano e um do 4.º ano. Os do 3.º ano eram alunos muito bons, aprendiam sempre. Quando eu estava a explicar coisas à aluna do 4.º ano eles estavam sempre a ouvir e aprendiam e a menina do 4.º ano, tinha algumas dificuldades e muitas vezes tinha que rever coisas do 3.º ano, então aquilo acabava muitas vezes por não se perceber muito bem quem era do 3.º e quem era do 4.º. Eu tinha que realmente fazer ali uma mistura de conteúdos e de...

Correu tudo muito bem este ano.

Esta escola tinha uma particularidade muito interessante, era uma escola muito velha, os ratinhos andavam por cima do telhado, aquilo não era uma escola com estrutura de escola, era uma casa que era alugada para servir de escola e então de vez em quando os meus meninos “Professora, que barulho é este?” e eu dizia “Pois, são os ratinhos, também querem aprender.” Assim fomos levando aquilo.

Houve situações, principalmente no inverno em que eu chegava à sala de aula e estava tipo uma piscina, então, antes dos meninos entrarem lá tinha que estar a varrer a água da sala de aula.

Entrevistadora - Era a professora que varria a sala?

Entrevistada - Sim, a professora é que varria. Eu varria porque a tarefaira só ia lá na hora do almoço ou ao final da tarde para fazer a limpeza. Depois havia outras situações engraçadas. Quando havia muito frio, não havia aquecimento, os meninos levavam pantufas, a professora também levava pantufas... [Sorriu] Eu levava pantufas, estava muito frio, colocávamos o aquecedor assim ao pé de nós e estávamos todos agalhovadinhos, parecíamos os pintainhos e a galinha.

Outra coisa engraçada no Monte Seco, como eram quatro alunos lembro-me perfeitamente quando fomos uma vez a uma visita de estudo a Lisboa, fomos ao Jardim Zoológico, também eu parecia uma mãe com quatro filhos, dois de um lado e dois do outro, e as minhas colegas e as outras das outras escolas todas preocupadas a contar os meninos para ver se não perdiam nenhum, e eu, toda contente, feliz da vida a passear com aqueles quatro meninos... [Sorriu]

Depois dessa escola do Monte Seco fui para a Cortelha. Na Cortelha tinha quatro anos de escolaridade, tive treze alunos, tinha lá um diabrete, muito grande, um rapazola, que já tinha dado bastantes problemas às colegas, eu acho que era do 3.º ou do 4.º ano, já era grande e tinha dado muitos problemas.

Então, eu antes de ir para lá, antes de conhecer a escola, já conhecia histórias daquele menino, mas eu não sou pessoa de desmotivar com essas situações... [Mostrou segurança] Então pensei, quando eu o conhecer, logo se vê.

Ele até uma vez foi chamado ao diretor, no ano antes, tinha dado pontapés e sei lá o quê no diretor lá do Agrupamento de Salir, tinha sido um caso complicado, então agora a Natália tinha que aguentar e ver o que é que poderia fazer com aquele menino.

Eu lembro-me perfeitamente que houve um dia em que eu cheguei lá e ele estava em cima de uma árvore, ali mesmo à entrada da escola, havia ali umas árvores e ele estava lá em cima. Mandeí todos entrarem para a sala e ele assim “To, tó, ró, tó, tó...” a fazer-me caretas. Eu digo assim “Estás muito engraçado aí em cima, tens é que ter cuidado para ver se não cais!” e desvalorizei completamente a situação, nem comecei “Desce!”, não, fiz que não era nada comigo. Olha, passado um bocadinho já ele estava a descer.

Depois tornou-se muito meu amigo e nesse ano não me deu problemas nenhuns, tive sorte, se calhar tive sorte...

Entrevistadora - Se calhar não foi só sorte, se calhar ele sentiu que com a professora conseguia a atenção que se calhar em casa e nos outros sítios não tinha?

Entrevistada - Talvez, e sentiu também que não lhe dava atenção nas outras situações, não valorizava aquelas coisinhas, aquelas chamadas de atenção que ele fazia, asneiras que eles me contaram que ele tinha feito no ano anterior.

Ele tentou fazer, mas viu que comigo não ganhava o que ele queria, se calhar seria irritar-me ou aborrecer-me. Não! Vi as coisas com calma.

Então, neste ano, 2000/2001, comecei a tirar o curso, o Complemento de Formação para me dar equivalência à licenciatura, na ESE, em Faro. Foram dois anos, esse ano e o outro, foram dois anos de muito trabalho evidentemente, trabalhar e estudar à noite... Tanto é que no primeiro ano do Complemento, ainda estava na Cortelha, fiquei grávida da minha filha e então, foram dois anos assim de luta. Pronto...

A seguir fui para S.Brás, com uma turma de 25 alunos de 1.º ano, aí acho que foi nesse ano que eu me senti mais professora porque era a primeira vez que eu tinha 1.º ano e logo 25... Tinha uma casa cheia. Penso que era a maior turma lá da escola. A outra turma do 1.º ano tinha 20 alunos porque tinha um menino com necessidades educativas especiais e eu tinha uma turma de 25 alunos.

Quando cheguei lá, não fiquei assustada por ter 25 alunos, mas sentia uma grande responsabilidade, tanto mais que é a minha terra, sou de S.Brás, e pronto, é aquela situação de “Será que no final do ano eu vou conseguir que eles todos estejam a ler e a escrever?”, é isso que se pretende no 1.º ano.

Então, estava um bocadinho apreensiva, mas tudo correu bem.

Tive uma situação, também lá na escola, em que têm por hábito usar um método de ensino da leitura e da escrita muito próprio lá da vila, muito próprio de S.Brás. Lá todas as professoras usam o mesmo método de ensino da leitura e da escrita, que é partir de palavras e começar a fazer frases, mas não exatamente o método das 28 palavras, é outro que elas para ali fizeram uma mistura entre um método e outro, e pronto.

Era o meu primeiro ano com 1.º ano e eu tive receio de optar por esse método e não conseguir depois os meus objetivos, que todos os meninos aprendessem a ler e a escrever. Recusei-me a seguir esse método. Houve uma colega de lá, que já estava reformada, que construiu esse método, que se ofereceu para ir à minha sala de aula no tempo do Português, ela é que ia dar o Português à minha turma, mas eu recusei.

Eu recusei e pensei “Bem, agora é que estou metida em trabalhos! Agora é que tenho mesmo que enfrentar a situação sozinha!”, mas pronto...

Usei o método analítico sintético, era aquele que eu tinha mais material e tinha mais experiência com aquilo que tinha visto as outras colegas trabalharem quando andava a trabalhar em Quarteira, pois todas utilizavam esse método, e então eu... Fui buscar segurança a mim própria e consegui que eles no final do ano todos estivessem preparados para ir para um 2.º ano. Foi...Foi muito bonito!

Ainda hoje eu cruzo-me com eles lá em S.Brás e “Professora! Olha a minha professora de 1.º ano!”, às vezes a professora já nem se lembra do nome deles, mas pronto... [Sorriu] As carinhas continuam a ser as mesmas... [Sorriu] Se estão com o pai ao pé ou a mãe, pronto, vejo logo quem é, mas, já passaram muitos anos.

Entrevistadora - Como te sentes nesse momento em que um jovem vai na rua e te chama de professora? O que sentes quando um aluno se lembra de ti?

Entrevistada - Esses, que já foram alunos há mais tempo, é normal porque eu cruzo-me com eles muitas vezes lá em S.Brás. Eu sinto uma grande alegria, sinto que o meu trabalho foi bem feito, que um professor que fica na memória dos alunos é um professor especial. Há outros que ficam pela negativa e há outros que ficam pela positiva.

Eu acho que, pronto... Quase de certeza, vou ser gabarola...

Entrevistadora - Não é ser gabarola, é ser realista.

Entrevistada - Quase de certeza... Eu tenho a certeza que eu marquei os meus alunos pela positiva!

Eu tenho muitos alunos que ainda me telefonam, ainda se lembram quando a professora do 1.º ciclo faz anos e telefonam-me, dão os parabéns, e pedem-me amizade no *Facebook* e eu ponho-me a pensar “Mas quem é este? Este nome não me é estranho... Ah, é a minha aluna da escola tal, tal...”. Então, lá aceito o pedido de amizade, mas é muito engraçado, alguns deles já estão na universidade e fazem-me sentir velha... [Riu] Ninguém gosta de se sentir velha, não é? [Sorriu] Alguns vêm dar um beijinho à professora e a barba já pica... [Riu] Mas pronto, faz tudo parte do crescimento. Enfim...

Depois de S.Brás fiquei novamente em Quarteira, o bom filho a casa torna. Fiquei novamente em Quarteira, no apoio. Foi um ano também normal, tranquilo, sem problemas nenhuns.

Voltei depois a ter a minha turma no ano a seguir, em 2003/2004, em Estoi. Aí tive uma turma de quinze alunos dos quatro anos... Desculpa, de 4.º ano, e praticamente todos eram repetentes.

Aqui coloca-se aquela questão, chega a professora nova a uma escola e fica com a pior turma, então foi o que aconteceu. Fiquei realmente, na opinião de quem fez as turmas, com a pior turma da escola porque dos quinze, talvez dois ou três é que não eram repetentes.

Eram miúdos com muitos problemas de comportamento, principalmente... tinham mais problemas de comportamento do que problemas de aprendizagem. Eles na sala de aula colaboravam, trabalhavam. Havia lá dois gémeos, um rapaz e uma rapariga que andavam sempre em confronto um com o outro. Tive que arranjar estratégias para os aproximar também como irmãos, mas acho que consegui.

Depois do intervalo, aí sim, eles vinham muito irritadiços mesmo. As auxiliares “Professora, os seus meninos fizeram isto assim, assim no intervalo!”, no dia a seguir “Professora, os seus meninos fizeram isto no intervalo!”. Ok, vamos lá resolver isto.

Então, falei com eles e apesar de eu em casa já ter estudado qual seria a solução para resolver aquele problema na hora do intervalo, fiz uma assembleia de turma, coloquei a questão, pois já eram grandinhos e já não podiam ter aquele mau comportamento no intervalo, estavam a dar um mau exemplo aos outros. Vamos resolver esta situação e pronto, fiz com que fossem ao encontro da minha ideia.

Resolvi... Resolvemos programar o intervalo, ou seja, eles estavam divididos por grupos e cada grupo fazia uma atividade, uns jogavam ao berlinde, outros jogavam futebol, as meninas... não havia tanto conflito entre elas, mas também faziam um determinado jogo, outras outro. Os jogos eram rotativos e foi esta a forma que eu consegui resolver aquela situação do comportamento daquela turma.

Neste ano tive o meu segundo filho e depois fui substituída por uma colega. A colega, falando com ela no final do ano, no início também alguns problemas, mas como eles já estavam habituados à minha maneira de trabalhar ela seguiu aquela maneira daquele esquema do intervalo. O que é certo é que estes meninos mudaram e muito. Tornaram-se crianças mais tranquilas e depois os pais no final do ano agradeceram-me e agradeceram também à colega que continuou o meu trabalho porque tinham sentido também grandes mudanças em casa, a nível de comportamento.

Entrevistadora - Ou seja, as aprendizagens adquiridas na escola a nível de aquisição de regras e de comportamento refletiram-se não só na sala de aula, mas também em casa no ambiente familiar.

Entrevistada - Sim, foi isso que foi transmitido pelos pais. Eles muitas vezes diziam “Professora, ele parece outro lá em casa, parece outro!”

Isso também é muito gratificante, é gratificante ouvirmos estas palavras dos pais porque não é a prenda no final do ano que nos faz bons professores, é o facto dos pais chegarem aos pé de nós e dizerem “Professora, muito obrigada por tudo o que fez pelo nosso filho!”. Eu tenho ouvido isto praticamente todos os anos, aliás, todos os anos. É muito bonito.

Depois disso, depois de ter estado em Estoi com esta turma voltei a trabalhar em S. Brás e foi o último ano que eu estive no apoio. Dava apoio a três escolas, voltei a ... é engraçado, dei apoio à minha turma de 1.º ano, tinha dois alunos que tinham entrado para o ensino especial e foi engraçado vê-los novamente e saber quanto eles cresceram.

Em relação ao agradecimento, também houve uma coisa que me marcou muito ao longo da minha carreira. Eu estive lá em S.Brás no ano 2001/2002, com aquela turma e depois fui substituída por uma colega, uma colega que era lá de S.Brás, mas que, como era nova no ensino, eu nunca tinha falado com ela.

Tive conhecimento que, no Natal, quando ela fez a primeira reunião de pais, ela disse, e isto é bonito de se ouvir de uma colega, disse aos pais que a turma estava muito bem trabalhada, que a professora anterior tinha feito um excelente trabalho. Isto ouvido de uma colega, vale muito, muito, muito...

Eu soube porque uma mãe contou-me. Quando eu saí de lá eles queriam que eu voltasse a ficar com aquela turma, mas eu sabia que não iria ficar porque eu tinha poucos anos de serviço e estava muita gente à minha frente. Eu disse logo que eles iriam ter outra professora no ano a seguir e estavam um bocadinho apreensivos com a pessoa que iria ficar com a turma, é normal, os pais têm sempre essa preocupação. Então, nessa primeira reunião... quando acabou a reunião uma mãe ligou-me e disse-me, era uma pessoa que eu conhecia, disse-me: “Natália, a professora disse isto, isto e isto.”

Eu senti... Foi um dos momentos mais bonitos da minha carreira. [Ficou um pouco emocionada]

É o reconhecimento do nosso trabalho. É muito difícil sermos reconhecidos pelos nossos colegas porque os nossos colegas muitas vezes só querem é arranjar-nos... como hei-de dizer... pontos negativos. Às vezes procuram os pontos negativos “Ela não fez isto assim, assim, mas devia ter feito...”

Aquela colega não, aquela colega foi bastante honesta e soube que também não era uma turma fácil de trabalhar com 25 alunos do 1º ano e...

Eu achei uma altura mesmo bonita da minha carreira. Foram simples palavras, mas que nos marcam para sempre.

Como já disse, dei apoio a essa turma com essa mesma colega que os seguiu os três anos seguidos e gostei também de trabalhar com ela na sala de aula e com as outras colegas lá de S.Brás. Também foi um pouco como aconteceu em Quarteira, havia um bom ambiente, se calhar também tive sorte de ficar com colegas que também... com uma personalidade brincalhona, eram trabalhadoras, pediam a minha opinião, eu participava em muitas coisas que às vezes nem sequer eram exatamente do apoio, mas era sempre chamada a colaborar noutras atividades e então gostei muito de trabalhar no apoio em S.Brás.

No final desse ano comecei a aperceber-me que o ano seguinte iria ser diferente, que não iria ficar no ensino especial. Se concorresse não iria ficar no ensino especial porque ia começar a haver o apoio socioeducativo e no apoio socioeducativo uma das coisas que se começou logo a falar é que os professores iam substituir outros professores.

Então, eu fiz as minhas malinhas e deixei o apoio porque não queria ser professora do socioeducativo, não queria andar a substituir colegas, acho que é um trabalho... muito ingrato porque nós estamos a dar apoio, temos aquela continuidade, temos aquele trabalho para fazer e então de repente “Olha, hoje vais substituir a colega tal, na escola tal.”

Só tenho a admirar realmente as colegas que estão neste tipo de apoio porque não é fácil estar a mudar de turma, muitas vezes durante a semana, e tem-se agravado cada vez mais.

Depois de... depois de ter estado em S.Brás fui para a escola da Goldra, que é uma escola unitária que pertence a este agrupamento onde eu trabalho agora e estive lá durante seis anos.

Comecei com uma turma pequena, treze alunos, mas quando cheguei ao final desse ano já tinha dezassete alunos dos quatro anos de escolaridade. Recebi dois casos complicados provenientes aqui das escolas da cidade porque às vezes há crianças que têm determinado comportamento numa escola e ao mudar, mudam o comportamento. Outras não. Com aqueles dois, por acaso foi bom mudarem para a escola da Goldra.

Um deles era um menino do 1.º ano que estava noutra agrupamento de Loulé e que não o queriam lá. Ele não queria ir à escola, escondia-se debaixo da mesa de casa, gritava com a mãe, gritava com o pai, de maneira nenhuma queria ir à escola.

Eu fui contactada pelo agrupamento, pelo nosso agrupamento e falaram-se se estaria disponível, se poderia receber aquele menino na tentativa de ver se ele acalmava, era só uma experiência, não era definitivo porque ele nem sequer era ali do agrupamento, e pronto, eu disse:”Tudo bem! Vamos lá ver se eu consigo fazer alguma coisa por essa criança, por esse aluno.”

Ele chegou lá e realmente era um caso complicado, um caso mesmo... Ele era agressivo com os outros meninos lá da turma e eles não estavam habituados a essa situação porque eles eram muito meigos, eram muito queridos e... tive que arranjar umas estratégias até conseguir que ele acalmasse um bocadinho.

No final do período... Ah, entretanto fui sendo contactada pelo nosso agrupamento para ver se as coisas estavam a funcionar, como é que estava a situação, pronto... Eu disse que estava a ser um bocadinho complicado, mas que ele até parece que queria mudar, também partiu um bocadinho dele. Ele conseguiu adquirir um comportamento muito melhor e entretanto o menino ficou lá. Antes disso, evidentemente, os pais contactaram-me, foram lá à escola, e mais um momento marcante, é que o avô desse menino também foi à escola.

O avô foi lá e ele disse-me assim: “Professora, por favor ajude o meu neto. Eu quero que ele seja um bom aluno. Eu quero que acima de tudo ele goste de vir à escola”. Isto... o menino tinha lá uma semana de aulas e ele disse assim: “Eu já notei, professora, que ele está diferente. Ele gosta. Ele já não diz que não quer vir para a escola. Ele quer vir à escola.”

Eu expliquei que realmente a situação dele era complicada, que ele apresentava alguns comportamentos inadequados à sala de aula e o avô voltou a pedir-me: “Mas professora, eu acho que você vai conseguir mudá-lo. Por favor, não desista do meu neto.”

Isto vindo de um avô, uma pessoa fica mesmo com uma grande responsabilidade. [Sorriu] Então eu e a dona... a senhora que estava lá a trabalhar comigo, a D.Dina, era a auxiliar, conseguimos com ajuda também dos colegas. Aqui foi muito importante o relacionamento que eles começaram a ter com este menino que era mesmo daqueles casos complicadíssimos.

Eles conseguiram arranjar estratégias na hora do intervalo também para lidarem com esse colega mais problemático e é aí que nós tomamos consciência que nós também podemos aprender com os nossos alunos. Eles também nos ensinam muitas coisas, às vezes eles lembram-se de estratégias que a nós nunca nos passariam pela cabeça. Pronto, foi um pouco o que aconteceu aqui em relação ao comportamento deste aluno. Os próprios colegas arranjaram maneira de saber lidar com ele e de cativá-lo também para as brincadeiras deles. Foi engraçado de se ver.

O trabalho da Goldra foi um trabalho muito bonito. Havia um grande envolvimento da escola com a comunidade, com os pais e não só com os pais, também com os vizinhos ali da escola, pessoas que não tinham ninguém, pela idade já não tinham ninguém na escola, nem netos nem filhos, mas que gostavam de ir à escola.

Havia lá uma senhora que era muito disponível, ia lá ensinar a fazer marmelada, ia ensinar a fazer bolinhos, convidava-nos para irmos à casa dela para irmos comer diospiros, na altura do magusto nós saíamos, íamos buscar caruma para fazermos o magusto e havia sempre um vizinho que dizia “Professora, eu vou consigo para não carregar tanto saco.” Pronto... [Riu]

Era engraçado. Comíamos as castanhas, todos ali na rua, experiências que acho que nunca mais vou esquecer.

Pronto, na Goldra fiquei lá seis anos e no último ano já tinha só 2.º e 3.º ano porque entretanto houve escolas que fecharam e juntaram turmas.

Vim depois para Vale de Rãs, com essa mesma turma, para esta escola, mas agora tem o nome de Escola Manuel Professor Martins Alves, mas começou por ser EB de Vale de Rãs e pronto...

Aqui temos situações... Temos aqui um acampamento de ciganos e temos que aprender a lidar com essa comunidade. É rara a turma que não tem um menino de etnia cigana.

Logo quando abriram esta escola o pessoal docente estava um pouco assustado com essa situação porque ainda há um rótulo muito grande em cima dos meninos ciganos, o que é certo que passado pouco tempo de cá estarmos começámos a perceber que não eram os meninos ciganos, de maneira nenhuma, que davam problemas. Outros davam mais problemas do que os meninos ciganos.

É uma escola muito grande, iniciou-se com catorze turmas de 1.º ciclo e este ano teve menos duas e há aqui uma grande... É preciso saber lidar com todas as pessoas que estão aqui na escola, tanto alunos, pais, colegas, principalmente colegas...

Eu acho que sou uma pessoa que até consigo dar-me bem com toda a gente, mas pronto, há sempre pessoas com que nós nos conseguimos identificar melhor, no entanto acho que a minha relação com o pessoal da escola tem sido boa. Pelas outras escolas por onde tenho passado também tenho tido uma boa relação com os meus colegas... com os outros professores. Sempre tenho colaborado, participado, rimos, brincamos, pronto, o que é normal, não é?

Agora estes últimos anos andamos um bocadinho mais stressados uns com os outros, é o que eu noto, tanta burocracia faz com que o relacionamento entre professores às vezes não seja o melhor, mas noto isso mais no tempo das avaliações, aí é que as pessoas andam muito stressadas umas com as outras porque ao longo do ano está tudo um pouco mais tranquilo.

Em relação a Vale de Rãs, o ano passado tive assim uma situação engraçada, que partilhei contigo...

Entrevistadora - Sim, é verdade. Fomos colegas nessa grande aventura.

Entrevistada - Uma grande aventura que fomos obrigadas [Riu] a embarcar sem direito de voto algum e até fomos ameaçados com um processo disciplinar, mas pronto...

Sim, às vezes as coisas andam para trás, a ditadura poderá voltar ou não...

Então no ano passado fiquei numa turma de 1.º ano e tu também, e fomos obrigadas a ser parceiras, fazer parcerias, que deram outro nome mais engraçado, mas para nós foram sempre parcerias e já nem me lembro qual foi o outro nome que deram...

Entrevistadora - Era “Tu ensinas Português, eu ensino Matemática.”

Entrevistada - Então, foi isso.

E pronto, realmente tu ficaste com ... Ficámos com duas turmas, em vez de uma, duas professoras duas turmas, eu dava Português e tu davas Matemática.

Poderia funcionar muito bem, poderia, no entanto o número de alunos por turma também não ajuda. A minha turma era uma turma muito grande, tinha 26 alunos, a tua era mais pequena, mas tinha o problema de serem meninos condicionais e a imaturidade deles notava-se.

Na minha turma havia o problema de serem muitos, na tua turma havia o problema da imaturidade, para além de haver outra situação na minha turma. Às vezes basta um menino mais problemático e o trabalho já não decorre como deveria decorrer.

Então embarcámos nessa aventura das parcerias e depressa nos apercebemos de todas as dificuldades inerentes às parcerias.

Nós trabalhámos muito bem, havia momentos de partilha, de planificarmos as aulas, o que iríamos fazer, só que quem se lembrou de impor as parcerias no 1.º ano não se lembrou realmente que era um 1.º ano e o ritmo de trabalho deles é muito díspar uns em relação aos outros.

Era essa a maior dificuldade que eu sentia. Quebravam-se as atividades e ao quebrar a atividade quebrava-se também a aprendizagem porque os meninos estavam contigo a ter Matemática, uma hora e meia, a outra turma estava a ter comigo uma hora e meia de Português e depois, a seguir ao intervalo, rodávamos, eu ia dar Português à outra turma e tu davas Matemática aquela turma. Então, tínhamos que quebrar mesmo as atividades, ora quando nós temos uma turma só nossa, isso não acontece. É claro que nós temos tempo, temos oito horas de Português, oito horas de Matemática, sim é verdade, só que nós podemos jogar um pouco com o tempo quando temos só a nossa turma, ou seja, nós acabamos por... estamos a dar um texto em Português ou a trabalhar Português e entretanto é intervalo, mas se calhar ainda temos ali mais meia hora a seguir ao intervalo e podemos acabar aquela tarefa e a tarefa fica terminada.

O que eu senti o ano passado foi precisamente a dificuldade em dar continuidade ou terminar as tarefas mesmo como elas deviam ser terminadas.

Entrevistadora - Isso põe, de certa forma, em causa o que se pretende com o 1.º ciclo, a interdisciplinaridade...

Entrevistada - Exatamente, senti bastante isso porque quando nós estamos a dar Português, às vezes poderá acontecer de nos lembrarmos de “Isto agora ficava engraçado com esta música assim, assim...” porque nós podemos planificar tudo ao pormenor, mas falta sempre qualquer coisa. Às vezes, eu tenho sentido isso ao longo do ano, eu posso planificar muito bem uma aula com tudo ali descriminado, mas quando acontece uma situação de improvisado que surge naquele momento, é isso que surge e não estava na planificação que vai ser marcante para os meninos. Eu sentia-me um bocadinho presa por isso mesmo, por não conseguir inventar, digamos assim, porque eu às vezes também gosto um bocadinho de inventar coisas, coisas... Ser criativa naquele momento em que surge aquela ideia, ou às vezes coisas que os meninos se lembram, e nós o ano passado não tínhamos tempo.

É a falta de tempo que está a marcar neste momento todo o ensino, a falta de tempo para consolidar as matérias, para consolidar tudo o que é importante...

Este ano continuei com a mesma turma, neste caso já está no 2.º ano e acabaram as parcerias, batemos o pé e lá conseguimos acabar com a parceria.

Foi uma vitória muito grande. Os pais também acharam... a maior parte não gostava que isso acontecesse e nós só aguentámos com medo de um processo disciplinar. Isto era qualquer coisa...

Eu senti-me mesmo em baixo de forma o ano passado porque quando nós não estamos... quando nos cortam a motivação acabam por anular um pouco a nossa personalidade. Foi o que eu senti, estava a ser um robot em vez de uma pessoa.

Bem em relação à minha vivência em termos de escola, foi isto que tem acontecido. Eu sempre tentei ter uma boa relação com os colegas, com os pais, com os alunos e como é evidente acho que por agora está tudo bem orientado, por enquanto...

Ao longo destes anos também tenho tentado, para além do Complemento de Formação, novas aprendizagens porque um professor tem de estar sempre a aprender, as coisas mudam a um ritmo alucinante, pronto, é assim mesmo... Então eu tenho procurado atualizar os meus conhecimentos através de ações de formação, através de formações contínuas, fiz os dois anos de PNEP, fiz Matemática, a formação contínua de Matemática, para além disso outras pequenas formações.

Também tenho a confessar que nos primeiros anos de serviço fiz muito mais formações, chegava a fazer três formações por ano, mais do que agora. Agora limito-me a uma ação de formação por ano e dentro... Ah, eu sou uma pessoa muito prática, e formações assim muito teóricas, comigo não! Eu selecionava realmente as formações, aquelas que eram mais práticas e que tivessem mais interesse no meu ponto de vista, mas isso acho que é o que a maior parte faz.

Eu não gosto de fazer nada obrigada e é o que está a acontecer este ano. Este ano somos obrigados a fazer uma formação, foi-nos imposta pelo agrupamento, mais outra imposição, isto já começa a estar muito próximo da tal ditadura que eu falei... [Riu]

Passando à frente, já fiz formação dentro da área da Expressão Plástica, da... Pronto, dentro da Expressão Plástica, Musical, tudo isso e gostei. Esta deste ano que é dentro dessa área, como fui obrigada, pois a coisa já muda de figura, já não tem tanto interesse como isso... Por isso eu acho que está incorreto, quando nós vamos fazer uma formação tem que ser uma formação que nós... que nos interesse acima de tudo, que nos motive e que nós sintamos necessidade de a fazer...

Entrevistadora - Surge uma lacuna e faz-se a formação com essa intenção...

Entrevistada - Exatamente, neste caso, o que está a acontecer este ano é precisamente essa situação de imposição. Obrigam-nos a fazer e faz parte do tempo não letivo e blá, blá, ...

Eu considero que cada vez mais estão a tirar-nos a liberdade, a liberdade a nível profissional porque por exemplo, com esta formação também me tiraram a liberdade a nível pessoal, a nível familiar porque eu tenho que me disponibilizar naquelas horas para fazer aquela formação que eu nem sequer queria fazer... Enquanto que noutra situação eu escolho a formação, vejo o horário da formação, o que tempo que ela vai levar e se está ou não de acordo com a minha vida familiar porque para mim a escola é o meu emprego, é o meu trabalho, não é a minha vida inteira.

Eu estou a sentir que cada vez mais a escola está a roubar-nos muito tempo da nossa vida familiar. Considero que isso está a acontecer cada vez mais.

Uma das grandes diferenças que eu encontro entre a escola de hoje e aquela que eu conheci nos meus primeiros tempos de carreira é que esta está a absorver-nos muito. Nós antes dávamos aquele tempo... como hei-de dizer... eu antes fazia se calhar o mesmo que faço agora, mas fazia com mais prazer, não era obrigada a fazer. Fazia porque queria fazer.

Entrevistadora - Sentias necessidade e fazias por gosto...

Entrevistada - Exatamente. Nos primeiros anos eu perdia tardes inteiras em casa a fazer material, mas material para os meus alunos, é essa a questão que falta agora. Eu fazia cartazes, eu recortava, bem... eu fazia centenas de coisas, até a minha mãe dizia assim: “Não vejo as tuas colegas mais velhas fazerem nada disso!” e eu dizia: “Oh mãe, eu gosto de fazer!”.

O que eu sinto agora é que dão-nos tantas tabelas, tabelinhas, avaliação disto, avaliação daquilo, tanta coisa que não temos tempo para o mais importante, que é realmente preparar as nossas aulas, os nossos materiais, inventar coisas novas. Em contrapartida, temos de dedicar tempo a burocracia e nem sei quem a vai ver e para que serve...

Entrevistadora - Então consideras que uma das principais diferenças entre a escola de hoje e a de ontem é o aumento da burocracia e o aumento do trabalho dos professores...

Entrevistada - Exatamente. Cada vez temos menos tempo para parar, refletir e pensar.

Nós saímos da nossa turma e saímos cansados, saímos esgotados, mas isso é normal, sair cansado é normal, mas depois chegar a casa, parar e refletir “Eh pá, como é que isto aconteceu? O que posso fazer para mudar?”, às vezes acabamos por não ter tempo para esse momento de reflexão.

Outra diferença que eu também noto é que o currículo é muito intensivo e, por exemplo este ano, meninos de segundo ano estavam a aprender coisas que nós antes aprendíamos no ciclo, no 5.º ano, então a maturidade das crianças não chega a certos conteúdos, mas o professor tem que dar voltas e mais voltas para que realmente aquilo seja apreendido pelos meninos.

Noto também um grande stress, sei que já utilizei esta palavra hoje, mas pronto... Há um grande stress, pois o 2.º ano tem os Testes Intermédios e a matéria tem de estar toda dada, os conteúdos têm que estar todos trabalhados. No 4.º ano são os exames, aquela preocupação de ... a criança tem de... Pronto, a matéria tem de ser dada, seja lá como for e isso faz com que se perca o bonito que há no ensino.

Este ano senti que os meus alunos estavam a ser prejudicados noutras áreas porque com a preocupação do Português e da Matemática, às vezes roubava tempo às outras áreas, às áreas da Expressão, é o que a maior parte das pessoas faz... Não está correto, mas nós acabamos por ficar tão limitados no tempo que temos para dar os conteúdos que arranjamos às vezes soluções que, eu até sou contra esse tipo de solução, mas que às vezes não temos outra hipótese.

É a tal coisa, o ranking da escola tem de subir, não pode descer, isto também mais no 4.º ano, evidentemente, mas também no 2.º ano já se sente um pouco isso, o ranking das escolas é uma coisa que preocupa as pessoas em demasia, principalmente as direções.

Sinto que não está a ser... Estas mudanças que têm acontecido ultimamente não têm sido benéficas para a escola.

Entrevistadora - A escola mudou. E os alunos mudaram? Há diferenças entre os alunos de ontem e os alunos de hoje?

Entrevistada - As minhas turmas sempre foram muito heterogéneas, então eu sempre me deparei com muitas realidades, a começar logo pela João de Deus, que foi a primeira em que trabalhei e tal como já disse tinha meninos de um estrato social alto, e no mesmo ano trabalhei com meninos de Quarteira, que eram filhos de pescadores e tinham inúmeros problemas.

As crianças... Dentro da própria turma temos crianças muito diferentes umas das outras, mas sim, há uma pequena mudança em relação às crianças de ontem e as crianças de hoje porque as crianças de hoje estão a viver um momento de crise a todos os níveis, mas mais económica, e eles próprios sentem, apercebem-se e trazem para a escola todos esses problemas.

São meninos que já têm... Que brincam muito pouco e que trazem já uma grande carga em cima deles, uma grande carga porque muitos deles têm os pais desempregados, às vezes os dois pais desempregados, e a situação a nível de escola... Nós tentamos, tentamos, dar-lhes atenção, carinho, e tudo mais e dizer “Olha, a situação do pai vai mudar, vai ter trabalho...”, dar-lhes força, motivá-los um bocadinho, dar-lhes esperança, mas às vezes não é fácil. Psicologicamente é mais difícil trabalhar com eles agora.

Entrevistadora - Hoje, alguns alunos encontram na escola o carinho e o mimo que precisam...

Entrevistada - Sim. Não quero com isto dizer que os pais não saibam dar carinho.

Aqueles que não trabalham e estão desempregados são pessoas que estão também desorientadas com elas próprias e às vezes a atenção que têm para dar ao filho... Eles próprios também se sentem um pouco inferiores, entre aspas, pois como posso dizer ao meu filho que tem que trabalhar e estudar quando eu não tenho trabalho. Há pais que já me têm confrontado com essa situação.

Os pais que trabalham estão sobrecarregados e o tempo que têm para os filhos não é quase nenhum.

Entrevistadora - Assim, os alunos acabam por ficar mais horas com a professora do que com os próprios pais...

Entrevistada - Exatamente. Apesar disso já ser comum, pois eles passam cinco horas, ou quase seis connosco, mas o que eu sinto é que agora os meninos entram para a escola, muitos deles antes das nove da manhã, pois há meninos que às oito da manhã já estão na escola, ou às oito e meia, e saem daqui às seis e meia. Quer dizer, é escola, escola, escola...

Para mim acho que é um grande problema a nível social. A escola tenta dar resposta, mas acho que tem de haver uma consciencialização de todos porque a escola não é a resposta para tudo. Os meninos também têm que ter tempo, independentemente, de estar na escola. Mesmo em período de férias há meninos que passam mais tempo nas férias da escola e continuam a ficar aqui o dia todo.

Entrevistadora - Já não há a avó, a tia, ... Hoje até a avó já tem de trabalhar.

Entrevistada - Muitas vezes a avó é que segura a casa, o orçamento familiar. Outros têm a avó, mas são situações mais complicadas...

Entrevistadora - Apesar de todas as mudanças que já referiste, quer a nível da escola, dos alunos, de tudo, achas que o professor do 1.º ciclo é reconhecido e valorizado quer pela nossa sociedade, quer pelo nosso sistema educativo?

Entrevistada - Eu ainda sou um pouco professor poeta... Ainda acredito que tenhamos algum valor, mas...

Em termos de sistema educativo, a começar pelos nossos governantes, acho que esse valor, esse reconhecimento, está muito aquém e nota-se em bastantes coisas, em bastantes situações, a começar pela tal formação que fomos obrigados a fazer e outras pequenas grandes coisas que vão surgindo.

A partir do momento em que o próprio sistema, os nossos governantes, nos tiram o valor, é normal que a sociedade também comece a tirar valor. A partir do momento em que nós fazemos manifestações e tentamos chamar a atenção para alguma situação que está mal e não nos ligam, acham que estamos a falar para o boneco, a sociedade também vai por arrastão.

A sociedade tem sempre aquela visão de que o professor trabalha pouco, ganha muito e sai cedo... [Sorriu]

Graças a Deus que já há muita gente que não considera isso, já começaram a perceber que realmente o professor não é assim... Os pais, por exemplo, os meus já têm dito “Professora, não sei como tem tanta paciência!...”, “Eu não conseguia ser professora!”, “É

de admirar o trabalho que vocês fazem com os meninos. Em casa já me custa aguentar um, quanto mais vinte e seis...”

Isso é dar valor ao nosso trabalho, apesar de em termos gerais a sociedade ainda ter um pouco essa visão do professor sair cedo, trabalhar pouco e ganhar muito, o que é totalmente mentira.

Entrevistadora - Afinal, o que é ser professor do 1.º ciclo?

Entrevistada - É uma pergunta muito difícil de responder. O que é ser professor do 1.º ciclo?

Para ser professor do 1.º ciclo primeiro tem que se tentar ser um professor marcante porque somos nós que estamos a colocar os alicerces, somos nós que... É a partir de nós, do nosso trabalho que a criança fica ou não motivada para a aprendizagem.

Eu acho que nós temos um trabalho muito importante. Nós... Apesar de muitos deles já terem passado pela Pré, mas aí é aquela situação de contar histórias, de pintar, de desenhar, quando entram para o 1.º ciclo os meninos de repente têm de crescer, têm que aprender a ler, têm que aprender a escrever, então o trabalho do professor do 1.º ciclo é difícil. Acho que é dos mais difíceis, não é por ser professora do 1.º ciclo... [Sorriu] Mas acho que é o trabalho mais difícil de todo o ensino, é o do professor do 1.º ciclo.

Nós damos aquele primeiro alicerce para eles construírem depois toda a casinha que é a aprendizagem deles. Por isso nós temos um papel muito importante. Eu acho que sou uma pessoa muito importante para a sociedade. [Riu]

Entrevistadora - Gostas do teu trabalho?

Entrevistada - Gosto. Gosto. Nunca pensei ter jeito para isto... [Riu] Como já disse...

Entrevistadora - Foi uma vocação que acabaste por descobrir?

Entrevistada - Exatamente. Se calhar já cá estava, mas como eu disse no início não tive... O meu pai não é professor, a minha mãe não é professora, nem o meu avô, nem a minha tia, nem ninguém é professor na família, eu sou a primeira professora da família, então não tinha essa experiência de trás, não é...

Mas... Gosto, gosto muito.

Entrevistadora - Se tivesses que resumir aquilo que mais te entristece e mais te alegra na tua profissão, o que escolherias?

Entrevistada - O que mais me entristece é não podermos ser aquele professor que nós gostaríamos de ser, as tais imposições que ocorrem cada vez mais. Isso é triste e é desmotivante. Ninguém gosta de ser... De nos impingirem coisas... Acho que é isso que mais me entristece.

Nós seguimos as ideias de outros países, mas as ideias que vão buscar são sempre aquelas ou que já estão ultrapassadas ou que não contribuem beneficemente para o ensino. É isso que eu sinto. Quando há outros países com métodos de trabalho que são de

valorizar, mas não são essas as ideias que o Estado tenta implantar nas nossas escolas. É sempre pela negativa.

Entrevistadora - E os teus momentos alegres? O que te motiva mais? O que te dá força para continuar?

Entrevistada - Todos os dias... Todos os dias quando chegamos à escola, e às vezes venho cansada logo de casa, logo de manhã, e depois chego à escola e há sempre um menino ou uma menina que me dá um abraço.

Às vezes em situações de sala de aula também, quando estou chateada com algum aluno e por algum motivo estou a dar-lhe aquele grande raspanete, há sempre um que se levanta e diz “Professora, eu faço-lhe umas massagens.” Oh, é tão bom. [Riu]

É engraçado porque às vezes aquele aluno a quem eu estou a dar o raspanete hoje, no dia seguinte é ele que se levanta e vem ao pé de mim “Professora, tal...”

Entrevistadora - É como se costuma dizer, o 1.º ciclo é o ciclo dos afetos?

Entrevistada - É o ciclo dos afetos, exatamente.

O que também me alegra na minha profissão é que nenhum dia é igual ao outro. Como nós lidamos com seres humanos é impossível, nenhum dia é igual ao outro.

Eu agora penso e olho que trás e digo “Ainda bem que eu não fui para arquitetura!”, que era o que eu gostaria de seguir, porque aí passava metade da minha vida ali fechada num escritório, ligada ao computador e ali sempre com aquela caixinha, sempre a mesma rotina.

Aqui há aquele calor humano, é um dia nunca igual ao outro. É sempre motivante!

Entrevistadora - És uma professora feliz? Sentes-te realizada?

Entrevistada - Sim. Sinto-me realizada, mas sinto que poderia dar muito mais ainda se não nos prendessem tanto as mãos e as ideias... Acho que andam a prender-nos muito as mãos e as ideias.

Entrevistadora - O que mudarias nesta escola de hoje?

Entrevistada - Eu mudaria muita coisa... [Sorriu]

Mudaria muita coisa a começar pelos currículos, dando mais valor à criatividade, às áreas de criatividade das Expressões, porque há crianças que podem não ser boas a Português ou a Matemática, mas depois são boas noutras áreas e podem ser excelentes profissionais no futuro. Acho que passa por aí. Acho que passa por...

Acho que se está a perder um pouco o aluno enquanto ser, enquanto indivíduo, parece que estamos só a trabalhar para os números, números para o sucesso, que às vezes acontece ou não acontece.

Acho que começaria por mudar os currículos, diminuiria o número de alunos por turma, mudaria coisas mais práticas...

Entrevistadora - Essas são situações que só quem está dentro da sala de aula consegue perceber e detetar.

Entrevistada - Claro. É fácil lá de cima nas chefias, nem digo aqui do agrupamento, digo as chefias superiores, é fácil dizer “Não! As turmas têm que ter 26 alunos!”, e mais outras leis ridículas que nos impõem, quando eles só trabalham com números, não trabalham com crianças. Não trabalham no dia-a-dia com essa situação.

Eu acho que turmas mais pequenas seriam motivo para termos mais sucesso.

Entrevistadora - Quais as tuas expetativas em relação ao teu futuro enquanto professora do 1.º ciclo? O que esperas para o futuro?

Entrevistada - O que eu espero para o futuro?

Primeiro tenho esperança que alguma coisa ainda mude porque há algumas coisas que existiam antes e podem voltar a surgir. Antes tínhamos mais liberdade, mais tempo, ...

Em relação às minhas expetativas, a nível de estabilidade, como faço parte do quadro por enquanto não estou preocupada com isso.

Em relação ao futuro, eu tento fazer sempre o melhor que eu posso e é claro que quando nós pegamos numa turma nova ou mesmo quando nós recebemos alunos novos temos sempre aquela preocupação e tudo mais, mas... Tenho esperança que as coisas ainda melhorem.

Entrevistadora - Como vês o futuro dos professores em Portugal?

Entrevistada - Está complicado... Neste momento já está complicado para aqueles que querem entrar para a carreira e mesmo para aqueles que cá estão está complicado.

O que se espera para o futuro? [Sorriu] Eles querem que nós façamos omeletes sem ovos, é o que eles querem. Mas nós somos professores, somos inventivos, vamos conseguir ultrapassar isto tudo. [Sorriu] Acho eu... [Rui]

Entrevistadora - Que mudanças prevês para a escola do futuro? Como será a escola do 1.º ciclo dos teus netos?

Entrevistada - Eu acho que os meus netos vão ter a sorte de ter uma escola com turmas pequenas, em que possam trabalhar várias áreas, em que se dê valor a todas as áreas, poderão estar mais tempo ou não na escola, mas que seja uma escola mais alegre, menos stressante.

Entrevistadora - Para todos?

Entrevistada - Sim, para todos, alunos, professores, pais.

Nós enquanto professores acabamos por transmitir um bocadinho dessa preocupação aos miúdos, nós não queremos, evidentemente não queremos, mas quando eles dizem “Ó professora, há muito tempo que não pintamos com aquarelas...” e nós dizemos “Agora não temos tempo. Esta matéria tem que ser acabada,” estamos a transmitir um pouco dessa ansiedade.

Eu até acho que os miúdos de hoje em dia até são, são... nem sei explicar... mas eu admiro os meus alunos pela capacidade que têm de trabalhar, de se esforçarem sempre cada vez mais, sabendo que às vezes têm que abdicar de algumas coisas que eles gostam em prol de outras.

Eu espero que haja uma mudança muito rapidamente para termos um futuro um bocadinho mais risonho, ok? [Riu]

Entrevistadora - Ficou alguma coisa por dizer?

Entrevistada - Poderá ter ficado alguma coisa por dizer. Isto de ser professor tem muitas histórias, muitas cantilenas, muitas coisas, é complicado falar de tudo e de nos lembrarmos de tudo.

Entrevistadora - Então, continuaremos na nossa próxima conversa. Obrigada pela tua colaboração.

Entrevistada - De nada.

Data e local da entrevista

14 de julho de 2015

Loulé

Perfil da entrevistada

- Nome: **TELMA GUERREIRO**
- Data de nascimento: 26/01/75
- Idade: 40 anos
- Profissão: Professora do 1.º CEB
- Tempo de serviço docente: 19 anos

Entrevistadora - O que é ser professora do 1.º CEB?

Fala-me da tua profissão, do teu percurso, dos momentos mais e menos significativos, do significado que atribuis à profissão, aos teus alunos...

Entrevistada - Neste momento estou com dezoito anos de serviço, comecei a trabalhar em 1997, passei por quatro escolas diferentes. O meu curso é Professores do 1.º ciclo, na variante de Educação Física.

Os dois primeiros anos trabalhei no 2.º ciclo, na área da Educação Física. No primeiro ano tive apenas turma de 5.º e 6.º ano e no segundo ano, fiquei numa escola diferente, tive turmas de 5.º, 6.º, 8.º e 9.º, por exceção. Depois por opção, mudei para o 1.º ciclo, não me sentia muito realizada, não era bem aquilo que eu queria e concorri para o 1.º ciclo.

Fiquei em Quarteira, com uma turma de 3.º ano, foi muito difícil porque foi a primeira experiência a sério e era uma turma com graves problemas comportamentais. Foi um desafio, mas acho que superei esse desafio, correu bem. Nos anos seguintes fiquei colocada em Loulé e há cerca de quinze anos que estou na mesma escola, na escola n.º 4.

Nestes quinze anos apenas uma vez fiz o percurso completo, do 1.º ao 4.º, nos outros anos acabei sempre por pegar no 2.º até ao 4.º, 2.º até ao 4.º e agora neste momento vou manter também o grupo até ao 4.º, vou ter 4.º ano no ano que vem.

Esta já é a minha casa, há quinze anos que estou ali na escola n.º4, já passei por muitas vivências lá e no geral todas boas.

Para mim ser professora faz parte de mim, acho que nasci para ser professora e gosto muito daquilo que faço e a partir daí tenho vantagem em relação às outras pessoas que trabalham sem gostar. Acho que tenho outra vantagem porque na sala, quando estou a dar a aula, as coisas saem muito espontaneamente, até posso ter as coisas muito bem pensadas, mas normalmente há algo sempre que surge porque achei que ficava bem mimar a história, cantar, dançar, fazer os meninos levantarem-se do lugar para fazer um jogo diferente, gosto muito de improvisar. Acho que o facto de ser também da área de Educação Física faz com que eu tenha sempre este bichinho pelo jogo, pelo lúdico, pelo brincar, pelo aprender a brincar, e então aproveito isso e acho que funciona bem.

Ser professora é gostar de ensinar, é conseguir ensinar, é procurar estratégias novas quando não estão a funcionar aquelas que nós apontamos, é sentir o que o aluno precisa, é

ter paciência, é respirar fundo muitas vezes, é ter capacidade de perceber que aqueles meninos muitas vezes estão ali connosco, mas têm uma envolvimento familiar às vezes muito complicada e procuram em nós a solução para muitos dos seus problemas, nós temos que conseguir ler o pensamento, muitas vezes para conseguirmos chegar lá.

Se nós conseguirmos uma boa relação com os nossos alunos é meio caminho andado para que tudo funcione e a partir desse momento eles aceitam o nosso ponto de vista, respeitam e gostam de nós, ajuda muito.

Devemos manter uma boa relação com os pais, não muito próxima, mas também no respetivo ponto, aquele ponto que é necessário para eles nos ajudarem com os seus filhos em casa, por exemplo.

Entrevistadora - As expetativas que tinhas em relação ao curso e à carreira docente foram cumpridas?

Entrevistada - Eu acho que até foram mais do que cumpridas porque na altura quando nós tiramos o curso não sabemos bem o que nos espera, eu achava que gostava de ser professora, mas acho que depois de começarmos a dar aulas é que nós percebemos se gostamos ou não porque a teoria... Nós fizemos estágio e o estágio é uma boa ajuda, ensina-nos muita coisa, mas quando chegamos à realidade profissional estamos lá sozinhas e as decisões são nossas, portanto, eu acho que superei-me até.

As expetativas foram superadas porque como eu gosto daquilo que faço, as coisas foram fluindo bem, e sabia-me bem o que ia fazendo, corriam bem, os resultados eram bons, o feedback era bom, portanto acho que superei as minhas expetativas de forma muito positiva.

Entrevistadora - A formação inicial foi necessária para a tua prática?

Entrevistada - A minha formação inicial foi um bocado atribulada porque eu fui para tirar o curso de professora do 1.º ciclo e fui apanhada de surpresa quando na universidade privada onde eu estava, estava inscrita no Bacharel, e o Bacharel vai terminar e abrem Licenciaturas nas variantes e todas as pessoas mudaram. Eu ainda tentei outras variantes, mas aquela que eu mais me adaptava seria Educação Física e assim foi. Mudei e foi algo que me apanhou despercebida, foi algo que eu não estava à espera e tirei então a variante de Educação Física para ficar com uma Licenciatura.

Assim foi, correu bem, acabei com uma boa nota, fiquei muito satisfeita com o meu resultado final, só que depois na prática, após dois anos de serviço nessa área, vi que não era aquilo que eu queria, não era ali que eu me sentia realizada e então voltei para aquilo que era inicialmente a minha formação e até hoje é aí que estou e não penso em mudar.

Tenho conhecimento de muitos colegas meus de Educação Física que têm muito desgosto de não ir para a área inicial, mas não é o meu caso, gosto muito e acho que é aqui que eu estou bem, faço aquilo que eu gosto.

Entrevistadora - Isso quer dizer que nunca te arrependeste da escolha da carreira no 1.º ciclo?

Entrevistada - Não, não!

Não vejo outra coisa que possa fazer. Não experimentei nunca outra profissão e a minha formação é para isto que me permite, mas penso que aqui estou muito bem, isto não quer dizer que a nossa profissão seja um mar de rosas...

Entrevistadora - Quais os teus momentos mais marcantes no 1.º ciclo, quer pela positiva, quer pela negativa?

Entrevistada - Os mais marcantes são quando, por exemplo, nós temos um aluno que inicialmente é um caso tão complicado, tão complicado, que ninguém consegue resolver, quando nós conseguimos dar a volta a esse aluno e ver que ele está a aprender e a comportar-se melhor e ver que mudou, isso para mim é muito significativo. É o melhor que há! [Sorriu]

Entrevistadora - E pela negativa?

Entrevistada - É a frustração que nós sentimos quando tentamos fazer esse trabalho e não funciona, quando um aluno não muda, quando o encarregado de educação não ajuda, quando parece que está tudo contra e chega a uma certa altura em que nos sentimos muito cansadas porque aquele comportamento influencia o rendimento de toda a turma, influencia a nossa motivação pessoal, não conseguimos ajudar o menino, o menino só prejudica, isso é muito frustrante.

Entrevistadora - Fala-me um pouco mais dos teus alunos. Que episódios gostarias de destacar?

Entrevistada - Em Quarteira foi o meu primeiro ano no 1.º ciclo, foi uma turma muito... Eu caí lá um bocadinho de paraquedas... [Sorriu] Uma colega tinha posto atestado porque estava com uma depressão, a turma era, era algo que parecia uma turma de filme em que os meninos viravam mesas, os meninos andavam por debaixo das cadeiras, os meninos levavam tijolos para a escola, para dentro da sala, portanto assim uma coisa para quem vai trabalhar pela primeira vez, no 1.º ciclo, no 1.º ano... [Sorriu] Eles eram do 3.º, mas foi um bocado assustador. Eu era muito novinha, tinha vinte e três para vinte e quatro anos, aquilo foi um bocadinho assustador.

Os primeiros dias andei em pânico, achei que não fosse aguentar, aquilo parecia mesmo um filme e eu era uma personagem nova. Depois de descobrir o que eles precisavam, as coisas foram fáceis, e o que eles precisavam era carinho e afeto. A partir do momento em que eu conseguir chegar até eles...

Ainda hoje me lembro dos abraços desses alunos, nunca mais tive em toda a minha carreira até hoje, meninos em que eu senti que eram abraços verdadeiros, em que “Obrigado professora por estares aqui e por nos ajudares!”.

Foi muito bom. Lembro-me que havia episódios de pancadaria, inicialmente quando eu cheguei lá, algo mesmo muito grave, desde pedras, empurrões, bater com a cabeça do colega na parede, era tudo muito grave, tudo muito sério, era horrível.

Depois no final do ano conseguimos gerir a turma como se fosse uma turma dita normal, isso para mim foi uma grande alegria. Ainda hoje encontro alguns desses meninos que já são adultos e que me falam com grande carinho e isso para mim é muito bom.

Entrevistadora - Também aprendes com os teus alunos?

Entrevistada - Constantemente. Aprendo a ser mais coerente, mais paciente, aprendo a rir mais... [Riu] Aprendo que devemos ser mais descontraídos para aproveitarmos as coisas e sermos também um pouco crianças para brincarmos com eles. Aprendo muitas vezes conhecimentos que eles trazem, que leram em enciclopédias, pormenores, há meninos que se especializam em astros, em dinossauros, em... Conhecimentos teóricos que eu não possuo e eles ensinam-me muito e eu estou lá para ouvir.

Entrevistadora - Como tem sido a tua relação com os colegas das escolas onde tens lecionado?

Entrevistada - Muitas mudanças têm acontecido nos últimos quinze anos, refiro-me à escola n.º4, que é essa que mais me marca porque é a minha casa. Eu nunca tive nenhum atrito com nenhum colega, também sou teimosa, gosto de marcar os meus pontos de vista, mas quem me conhece sabe que depois, se fui um pouco mais brusca, aquilo passa.

Sempre me dei bem com toda a gente, sou uma pessoa muito dinâmica, gosto de organizar trabalho, normalmente arranjo sempre parceria nesta dinâmica e metemos toda a gente a trabalhar... [Riu] E a malta gosta porque normalmente saem sempre coisas giras.

Confesso que nos últimos anos têm ocorrido algumas mudanças que nos desmotivam para a profissão no sentido de toda a conjuntura social e económica em que nós estamos a viver. Isso afeta-nos muito, até mesmo em termos sociais, o próprio reconhecimento do nosso trabalho pelos encarregados de educação, pela população no geral, comentam e fazem comentários que desconhecem, isso deixa-me um bocado triste porque as pessoas falam um bocadinho daquilo que não sabem bem.

Entrevistadora - Ao longo do teu percurso no 1.º ciclo tens tentado atualizar os teus conhecimentos e as tuas práticas?

Entrevistada - Sim, essa é uma preocupação que eu tenho tido sempre porque acho que nós temos que nos manter em constante formação no sentido de estarmos atualizados em conhecimentos pedagógicos, didáticos, científicos, porque se nós não o fizermos corremos o risco de ficarmos docentes desatualizados e acho que isso é uma tristeza.

Ao longo destes anos todos, que já são alguns, normalmente todos os anos faço formação. As mais significativas, aquelas que eu acho que são mais significativas passaram muito pela... Uma das primeiras que eu fiz, teve uma duração longa, foi a Educação Ambiental pela Arte que tinha a ver com o PREAA e tinha aquelas personagens que ensinaram tanto aos nossos meninos a poupar e a reciclar e tudo mais.

Depois fiz uma em 2004/2005 sobre o Ensino das Línguas Estrangeiras e também foi muito interessante, com a nossa colega Lirólinda. Depois fiz duas grandes formações, o Ensino Experimental de Ciências, em 2007/2008, e logo no ano seguinte o Programa Nacional de Ensino de Português, o PNEP, no ano de 2008/2009.

Todos os anos tenho referências de formações, seminários, encontros, ações de sensibilização, inclusivamente este último ano o Programa de Educação Estética e Artística.

Algo que eu gostava muito de fazer inicialmente era participar todos os anos no Algarmat porque era muito interessante, apesar de agora ser mais difícil e também é uma formação paga e as coisas assim complicam um bocadinho.

Para além disso tudo, também participei sempre com colegas minhas que precisavam da minha ajuda para relatórios ou para usar a minha turma para alguma investigação, ou para aplicação de alguma... Tivemos o caso da minha turma, em 2005/2006, que foi alvo para investigação de atividades de Geometria, no âmbito de uma tese de Mestrado e foi também muito interessante. Logo nessa altura tive a oportunidade de desenvolver atividades de Matemática muito inovadoras, muito bom.

Entrevistadora - Que diferenças encontras na escola do 1.º ciclo de hoje e naquela dos teus primeiros anos de carreira? O que mudou?

Entrevistada - Mudou... Eu acho que as pessoas querem melhorar e no geral queremos mostrar os nossos resultados e queremos simplificar, o que acontece é que muitas vezes a burocracia é muita e eu acho que às vezes nós não somos bons para nós próprios porque não estamos a simplificar, estamos a complicar.

Eu recordo-me que quando comecei, eu preenchia à mão os registos individuais do aluno, o Plano de Recuperação, fazíamos uma síntese para a ata e estava feita a avaliação. Não era muito mais que isto. Fazíamos a reunião com os encarregados de educação, definíamos estratégias, se calhar tínhamos mais tempo para isso, para estar com os pais e ver o que podíamos fazer e eu tinha mais tempo para fazer materiais didáticos e fichas e tinha mais tempo para pensar naquele aluno, o que vou fazer com ele e definir estratégias e construir materiais e procurar livros e procurar metodologias novas.

Agora não me sobra muito tempo porque para além da ata, tenho que fazer a grelha, a síntese, a avaliação, o gráfico, a avaliação da avaliação, o... Há coisas que eu não entendo! Porque tenho que justificar o resultado de um teste, por exemplo, temos que justificar os resultados dos Testes Intermédios, são testes por opção, porquê justificar, não faz muito sentido. Temos que justificar por que é que o aluno baixou de nível no exame em relação à nota que o professor atribuiu, temos que justificar os resultados do 1.º, do 2.º, do 3.º e do 4.º ano, o que correu mal e o que correu bem, e todos os anos repetimos as mesmas coisas e toda a gente sabe o que é. Acho que assim cansa muito porque perdemos demasiado tempo a fazer coisas que não são aquelas coisas que precisamos. Acho que podíamos simplificar um pouco.

Entrevistadora - Na tua opinião, o trabalho do professor do 1.º ciclo é reconhecido e valorizado pelo nosso sistema educativo?

Entrevistada - Eu antes achava que sim, agora começo a ter dúvidas. Começo a ter dúvidas porque gostaria de ter um ordenado melhor, gostaria de ter mais condições para criar os meus filhos, em termos de abono de família não tenho, gostaria de ter ajudas para comprar livros para a nossa profissão e não temos, *software*, não há qualquer ajuda, é tudo por nossa conta, a formação é paga.

Acho que merecíamos um pouco mais de reconhecimento porque o nosso trabalho é muito importante, nós estamos a formar cidadãos para o futuro e por vezes estamos no supermercado e ouvimos um encarregado de educação falar do professor como se o conhecesse e como se tratasse de uma pessoa tão vulgar, tão comum e isso deixa-me muito triste e o nosso sistema faz o mesmo connosco, não nos reconhece.

Entrevistadora - O que te desmotiva e entristece na tua profissão, para além disso que acabaste de referir?

Entrevistada - Essencialmente, o que acabei de referir deixa-me muito triste.

Outra coisa que me deixa muito triste é o facto de alguns colegas entrarem em atritos e não... Não se aceitam. Parece que antigamente as pessoas aceitavam-se melhor, agora parece que ficam muito pé atrás uns com os outros.

Eu tenho muita sorte na escola em que estou, sempre tive uma relação pessoal com todos os colegas fantástica e contínuo a ter, mas apercebo-me que... Não gosto de ouvir colegas que falam mal de colegas, não gosto! É uma coisa que me deixa triste porque não somos todos iguais, lógico, é só uma questão de nos respeitarmos e ponto final, não temos que ser os melhores amigos, mas se nos respeitássemos não ouvíamos certas coisas que às vezes são tristes de ouvir.

Entrevistadora - O que te motiva e alegra?

Entrevistada - Ir trabalhar e dizer bom dia aos meus meninos, rir com eles, saber que eles me dão aqueles belos abraços quando eu chego, e quando eles dizem “Professora, não gosto das férias porque não te vejo!” ou “Professora, tu és a minha segunda mãe!”

Estes comentários dão-me muita alegria e também gosto de ir ao intervalo e beber um cafezinho com as minhas colegas e rirmos do bom que nos acontece.

Entrevistadora - Sentes-te realizada profissionalmente?

Entrevistada - Sim, sinto-me. Gosto daquilo que faço e é lógico que há espetos menos bons que eu sinto ultimamente, como a questão burocrática, os papéis que nos rodeiam, alguma desvalorização que atribuem à nossa profissão, mas de uma forma geral tenho pena de não ser melhor, mas é assim.

Entrevistadora - O que mudarias na escola de hoje?

Entrevistada - Mais responsabilização para os pais. Os encarregados de educação muitas vezes libertam-se de responsabilidades que são deles como pais. A partir do momento que são pais não podem passar para a escola determinada responsabilidade, a educação dá-se em casa!

Os princípios de boa educação não vêm de casa e não podemos controlar isto. Como vamos educar um filho se o próprio pai acha que o filho está a fazer bem, a desrespeitar o professor, desrespeitar os colegas, as auxiliares. Nós professores ficamos sem argumento porque o encarregado de educação acha que o professor não está a dar conta da situação, não está a saber gerir a situação porque em casa o menino porta-se muito bem e está tudo muito bem.

Isto é muito complicado. Temos uma sociedade muito complexa, em que temos famílias... Sem ligação, sem afetos, pais separados e nós lidamos com isto diariamente e precisávamos de mais tempo para eles, mas também mais ajudas. Precisávamos de mais horas de apoio pedagógico individualizado, mais psicólogos disponíveis, mais pessoas que nos ajudassem diretamente, não acontece muito...

Entrevistadora - Que expectativas tens para o teu futuro enquanto professora do 1.º ciclo?

Entrevistada - Eu espero que o sistema reconheça mais o nosso trabalho, que nos valorize, que nos respeite, que nos atribua aquilo que nós temos direito por natureza, um salário que nos reconheça, nós estudámos para isso, nós trabalhamos para isso, condições sociais que nos ajudem e o próprio sistema de ensino que valorize o nosso trabalho, reconhecendo e dando autonomia, mas também de forma a que consigamos ser respeitados por encarregados de educação, por uma comunidade.

É lógico que o professor tem que fazer para isso, mas às vezes o que eu sinto é “Será que eu vou aguentar trabalhar até aos sessenta e sete anos? Como?”

Como isto está, as turmas já são tão heterogéneas, como é que eu vou aguentar? As minhas colegas estão com cinquenta anos e estão desorientadas, estão super cansadas, aflige-me um bocadinho o futuro porque o futuro não me parece muito risonho.

Entrevistadora - Que mudanças prevês para a escola do futuro? Como achas que vai ser a escola do 1.º ciclo dos teus netos?

Entrevistada - Eu quero acreditar que as coisas vão melhorar. Eu não posso acreditar que todos os anos vai ser pior, não posso e não quero. Eu até nem sou muito otimista, mas em relação a este aspeto não quero pensar que vai piorar todos os anos porque se eu tiver esse pensamento as coisas no futuro vão ser difíceis e se calhar vamos ter que recorrer ao ensino privado.

Eu quero acreditar que as coisas vão ser... Que o ensino vai ser valorizado, que o papel do professor vai ser reconhecido, que lhe atribuam o respetivo valor e que o deixem trabalhar no seu melhor, naquilo que sabemos fazer, mas que temos que ter algumas condições para o fazer. Para isso a sociedade tem que mudar e aí é que eu tenho medo, tenho medo do que aí vem.

A escola do futuro espero que não seja um pesadelo, espero que as coisas ao longo dos tempos vão evoluindo porque meninos mal comportados sempre houve, não vai deixar de acontecer, mas o Ministério da Educação tem que também fornecer às escolas, aos órgãos de gestão a soberania, tem que oferecer condições e nós também temos que sentir vontade de trabalhar e neste momento foi-nos retirado muito.

Ao longo do futuro eu espero que os professores sejam... Devolvam algumas dessas vontades e os professores tenham mais vontade de trabalhar porque ultimamente... Nós dávamos muitas horas à escola por nossa autoria, agora já começamos a pensar duas vezes porque então quem nos reconhece, só nos tiram, não nos dão nada, estamos por nossa conta.

Entrevistadora - Gostei muito de falar contigo. Há mais alguma coisa que queiras acrescentar?

Entrevistada - Não, mas gostei muito desta entrevista, acho que correu bem.

Foi um desabafo, foi recordar este meu percurso e fez-me recordar uma entrevista que eu dei na altura do PNEP para uma revista do Ministério da Educação em que as perguntas eram muito semelhantes “Porquê que eu tinha participado naquela formação?...” portanto iam muito ao encontro.

Eu recordo-me que algumas das respostas foram ao encontro do que eu dei aqui hoje. Sou uma pessoa positiva por natureza em relação à minha profissão, não em tudo, mas tive a sorte de encontrar e faço aquilo que gosto, consigo gerir a minha família com a profissão, tive que fazer mudanças, não me dedico à escola, como inicialmente, tantas horas, mas consegui arranjar estratégias pessoais para o fazer. Obrigada, Cláudia.

Entrevistadora - Eu é que tenho que agradecer, obrigada!

ANEXO III - ROTEIRO BIOGRÁFICO-VISUAL

HISTÓRIAS DE VIDA DE PROFESSORES DO 1.º CEB

ROTEIRO BIOGRÁFICO-VISUAL

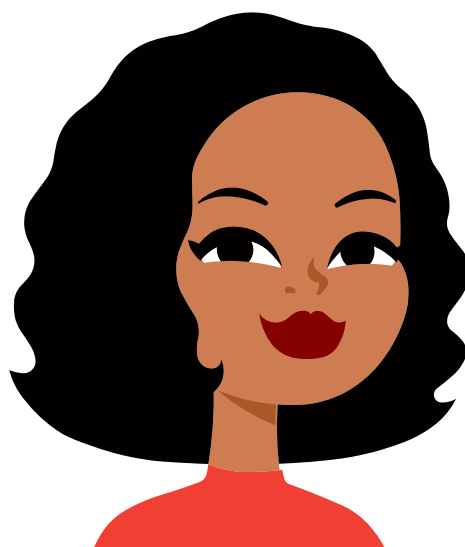
Quem é a Ana Jacinto?



HISTÓRIAS DE VIDA DE PROFESSORES DO 1.º CEB

ROTEIRO BIOGRÁFICO-VISUAL

Quem é a Antónia?



HISTÓRIAS DE VIDA DE PROFESSORES DO 1.º CEB

ROTEIRO BIOGRÁFICO-VISUAL

Quem é a Carla Marques?



HISTÓRIAS DE VIDA DE PROFESSORES DO 1.º CEB

ROTEIRO BIOGRÁFICO-VISUAL

Quem é a Francisca Martins?



HISTÓRIAS DE VIDA DE PROFESSORES DO 1.º CEB

ROTEIRO BIOGRÁFICO-VISUAL

Quem é a Isabel Marum?



HISTÓRIAS DE VIDA DE PROFESSORES DO 1.º CEB

ROTEIRO BIOGRÁFICO-VISUAL

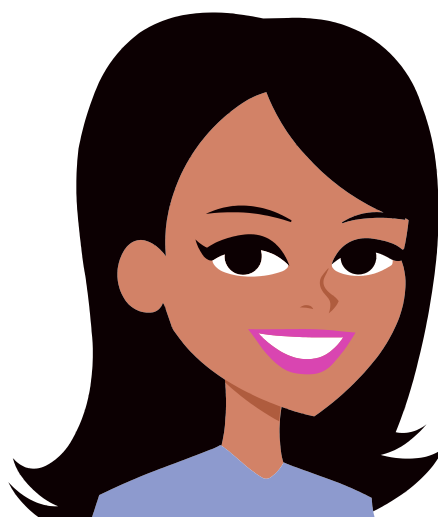
Quem é a Maria de Fátima Gonçalves?



HISTÓRIAS DE VIDA DE PROFESSORES DO 1.º CEB

ROTEIRO BIOGRÁFICO-VISUAL

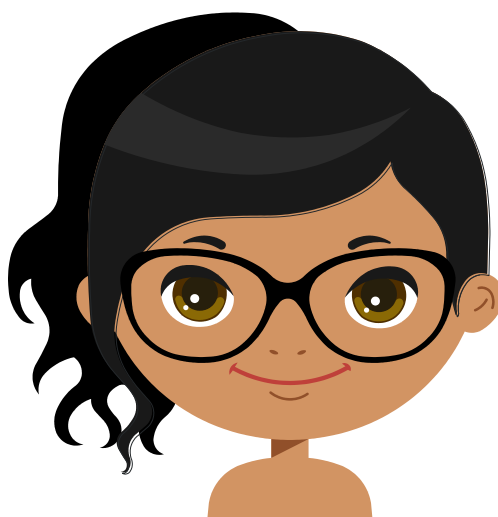
Quem é a Natália?



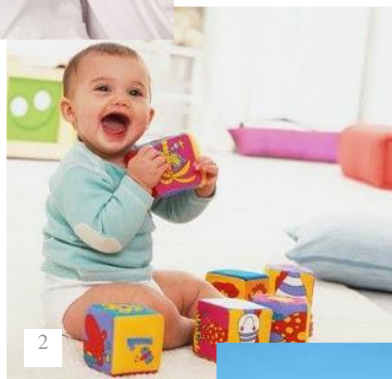
HISTÓRIAS DE VIDA DE PROFESSORES DO 1.º CEB

ROTEIRO BIOGRÁFICO-VISUAL

Quem é a Telma Guerreiro?



Nascimento e Infância



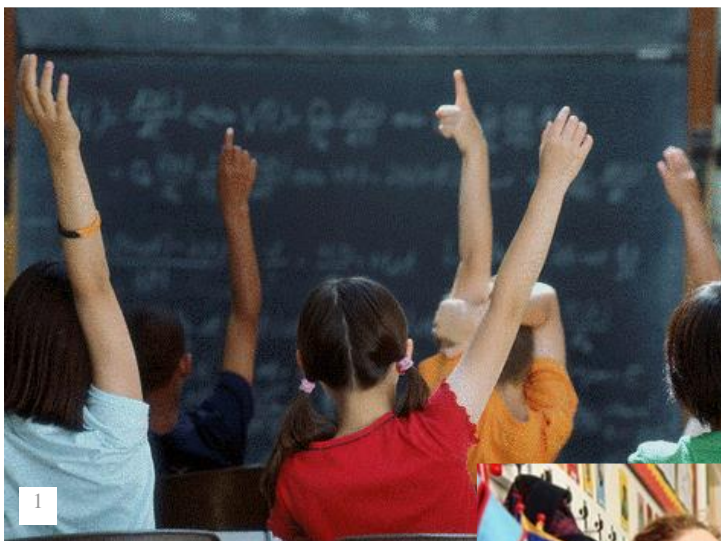
- Quando e onde nasceu?
- Como foi a sua infância?
- Como era em criança? O que fazia e como brincava?
- Quantos irmãos tem? Como era a sua relação com eles?
- Quais as melhores recordações dessa fase da sua vida?
- Foi uma criança feliz?
- Como era a sua relação com os seus pais?

1 - http://jornaljoseensene.com.br/portal/wp-content/uploads/2014/01/familia_shutterstock_86362363-650x3501.jpg

2 - http://www.focoemgeracoes.com.br/wordpress/wp-content/uploads/2011/11/crianca_brincando.jpg

3 - http://1.bp.blogspot.com/_o133V5PFELc/TBvtA4TQJ7I/AAAAAAAAA8/2yy55ytOJyg/s1600/criancas-brincando-grande3.jpg

Percurso Escolar no Ensino Primário



1



2

- Que idade tinha quando entrou para a escola primária?
- Onde estudou no ensino primário?
- Que lembranças guarda do seu tempo de aluna?
- Quais as lembranças que guarda da sua Escola Primária e da(s) sua(s) professor(as)?
- O que a marcou mais pela positiva e pela negativa?
- Há algum episódio que queira destacar?

1 - <http://www.livrosepessoas.com/wp-content/uploads/2015/01/crianças-escola.gif>

2 - http://goodtoknow.media.ipcdigital.co.uk/111/000000bff/d6bb_orh412w625/woman-boy-school.HowToChooseRightSchool.Getty.jpg

Percurso Escolar no Ensino Preparatório



- Que idade tinha quando iniciou o ensino preparatório?
- Onde estudou no ensino preparatório?
- O ensino preparatório deixou recordações? Quais?

1 - <http://www.prof2000.pt/users/eb23gvasco/escola/imagens/Fotos%20Festa%20da%20Ci%U00fancia0007.jpg>

Juventude/Adolescência



- Como foi a sua juventude/adolescência?
- Quais as melhores e piores recordações da sua juventude/adolescência?
- Há algum episódio que queira recordar?

1 - <https://fixados.files.wordpress.com/2012/07/jovens.jpg>

2 - http://www.ufmbb.org.br/ufmbbnew/images/stories/pais_adolescentes.jpg

3 - <https://franklinarlos.files.wordpress.com/2010/07/jovens1.jpg>

Percurso Escolar no Ensino Secundário



- Que idade tinha quando iniciou o ensino secundário?
- Onde estudou no ensino secundário?
- O ensino secundário deixou recordações? Quais?

1 - http://portfolio.jocavi.net/obras/misc/ESL_Loule/002.jpg

2 - https://i.ytimg.com/vi/ZTc3_fMp5aY/maxresdefault.jpg

Escolha da Carreira Docente



- Quando era criança o que sonhava para o seu futuro profissional?
- Quais as razões que a levaram a escolher a carreira docente?
- Foram cumpridas as expectativas que tinha em relação ao curso superior que a levaria à carreira docente? Porquê?
- Acha que fez a escolha correta para a sua carreira profissional?

1 - http://www.africa21online.com/arquivos/artigos/3977_artigo_universidade.jpg

2 - <http://inglesparaleigos.com/wp-content/uploads/2012/10/Dia-do-Professor.jpg>

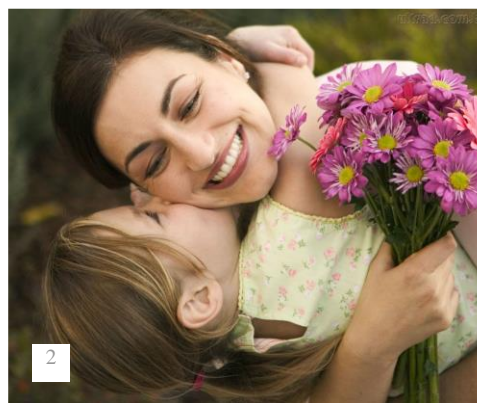


- Que idade tinha quando iniciou o ensino superior?
- Onde estudou no ensino superior?
- Como foi o seu percurso no ensino superior?
- Depois de ter completado o seu percurso de aluna (primário, preparatório, secundário e superior) quais os professores que deixaram saudade e recordações (boas ou más)?

1 - http://www.fchs.ualg.pt/xcail/imagens/Logo_Ualg.jpg

2 - <http://4.bp.blogspot.com/-7PcfRu8Jkf4/Tc2R6wfDyLI/AAAAAAAAAVc/zIH-LdFTXFw/s1600/queima-das-fitas-2010.jpg>

Pais



- Como descreve os seus pais?
- Há algum episódio vivido com eles que queira recordar?
- Que lições de vida recebeu dos seus pais que hoje ainda recorda?
- Sentiu-se apoiada por eles nas escolhas da sua vida e da sua carreira?
- Como é hoje a sua relação com eles?

1 - <http://revistacrescer.globo.com/Revista/Crescer/foto/0,,69430354,00.jpg>

2 - http://29.media.tumblr.com/tumblr_lki4ls3JtC1qfl29co1_500.jpg

3 - http://66.media.tumblr.com/tumblr_m5idsyrXFW1r7bzhf.jpg

4 - <http://www.blogviverfeliz.com.br/wp-content/uploads/2015/01/mae-e-filho.jpg>

Primeiros Anos de Carreira Docente



- Que idade tinha quando começou a sua carreira docente?
- Sentiu que a sua formação inicial foi a necessária para a prática docente?
- O que sentiu quando os seus primeiros alunos a chamaram de “professora”?
- Como foram os seus primeiros anos de serviço?

1 - <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/fa/EscolaPrimaria.jpg>

2 - http://www.oestadoce.com.br/sites/default/files/importados/professores_1.jpg

3 - http://www.grupocev.com/arquivos/img_news/reuniao_pais.jpg



“**Educação** não transforma o mundo. Educação muda pessoas. **Pessoas** transformam o mundo.”

Paulo Freire

2

- Como se define/identifica enquanto professora do 1.º CEB?
- Como poderia definir o seu percurso profissional?
- Quais os momentos mais marcantes (pela positiva e pela negativa) da sua carreira?
- Como é a sua relação com os seus alunos, encarregados de educação e colegas?
- Que momentos vividos na escola gostaria de recordar?

1 - <http://www.insper.edu.br/conhecimento/wp-content/uploads/2014/01/professores.jpg>

2 - <http://4.bp.blogspot.com/-kWM7du6iWxU/VZSCIb4Z6I/AAAAAAAAAMc/WL3wRyntee0/s320/Frase%2BPaulo%2BFreire.png>

O Trabalho e a Família

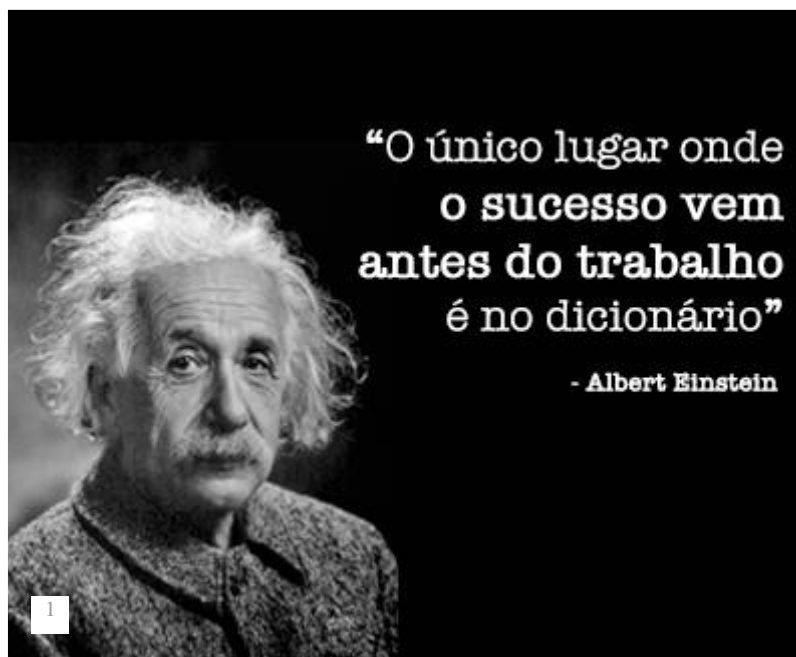


- Quais as recordações que guarda do dia do seu casamento?
- Como definiria a vida de casada?
- É uma mulher feliz? Porquê?
- O que é para si a maternidade?
- Quais as maiores alegrias que os seus filhos lhe deram?
- Há algum episódio vivido com eles que queira recordar?
- É uma mãe feliz? Porquê?
- Como se consegue conciliar a carreira docente com a vida familiar?

1 - <http://static.bolsademulher.com/files/2013/04/casamento-noivos-altar.jpg>

2 - http://diariodigital.sapo.pt/images_content/2013/amamentar300903.jpg

3 - <http://noticias.universia.com.br/br/imagens/docentes/p/pr/professor-brasileiro-mais-mal-pago-noticias.jpg>



- Como poderia definir e caracterizar o professor do 1.º CEB?
- Como se sente enquanto professora do 1.º CEB?
- Se fosse Ministra da Educação, que mudanças traria para a escola do 1.º CEB e para os seus professores?

1 - <http://mensagens.culturamix.com/blog/wp-content/gallery/2-222/frases-sobre-a-importancia-do-trabalho-em-equipe-6.jpg>

Expetativas Futuras



- Como vê o seu futuro?
- O que espera para o futuro dos professores do 1.º CEB em Portugal?
- Como será a escola do futuro?

1 - http://www.educacao.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/imagens/a_6305.jpg

A sua vida

Avalie/classifique os vários momentos da sua vida segundo esta escala:

1	Infeliz
2	Pouco Feliz
3	Feliz
4	Muito Feliz

- Infância
- Percurso escolar no ensino primário
- Percurso escolar no ensino preparatório
- Juventude/Adolescência
- Percurso escolar no ensino secundário
- Percurso escolar no ensino superior
- Primeiros anos de carreira
- Percurso profissional: Carreira docente
- Relação com os seus pais
- Casamento
- Maternidade

Muito obrigada pela sua colaboração!

ANEXO IV - TRANSCRIÇÕES DAS 2.^a ENTREVISTAS NARRATIVAS

Data e local da entrevista

28 de julho de 2015

Loulé

Perfil da entrevistada

- Nome: **ANA CRISTINA JACINTO**
- Data de nascimento: 19/07/74
- Idade: 41 anos
- Profissão: Professora do 1.º CEB
- Tempo de serviço docente: 18 anos

Entrevistadora - Quem é a Ana Jacinto?

Gostaria de me falasses sobre a pessoa que és hoje e que recordasses as etapas da tua vida, como o teu nascimento, a tua infância, o teu percurso escolar, a tua carreira, a tua família, ...

Entrevistada - Eu nasci a 19 de julho de 1974, depois do 25 de abril. Nasci em Lourenço Marques, em Moçambique.

Vivi aí até aos cinco meses, os meus pais depois da revolução foram obrigados a emigrar e emigraram para a África do Sul, para Joanesburgo, onde vivi até, aproximadamente, aos doze anos.

Considero a minha infância muito feliz, era uma criança muito feliz.

Como criança sempre fui muito traquina, muito brincalhona, sempre gostei muito de brincar. Brincava com as crianças que viviam no prédio, o prédio tinha um pátio exterior onde costumávamos brincar *cricket*, que é um desporto inglês, costumávamos brincar à cabra-cega, à apanhada, aos polícias e ladrões, subíamos árvores, andávamos nos carros de rolamentos, andei sempre de patins, de bicicleta, fazia trinta por uma linha. Realmente era uma criança que adorava brincar na rua. O exterior era a minha vida, era mesmo criança.

Sozinha, porque também era um bocadinho individualista, brincava com as minhas bonecas, com as minhas loiças porque tinha medo que os outros estragassem as minhas coisas... [Riu] Também era assim um bocadinho individualista.

Desde pequena, desde que me lembro, sempre brinquei às professoras.

Tenho um irmão mais velho do que eu. A nossa relação enquanto jovens sempre foi de gato e cão, discutíamos imenso, aquelas discussões que são normais naquela idade.

Somos completamente diferentes. Ele era extremamente caseiro, eu não, como já referi gostava muito de brincar na rua, era mais social... [Sorriu]

Realmente a minha infância foi uma época muitíssimo feliz. Acho que fui mesmo criança, na altura certa e na altura devida.

A relação com os meus pais era muitíssimo boa. Como menina do papá posso dizer que sempre tive uma relação mais próxima do meu pai, foi ele que me ensinou a nadar, era ele que estudava comigo.

É diferente a relação entre um pai e uma filha e a relação de uma mãe e uma filha. Não menosprezando a minha mãe [Deu ênfase a esta frase], sem dúvida, mas a relação é diferente, acho que é normal.

Como vivi na África do Sul até aos doze anos, o ano letivo funciona de forma diferente, nós tínhamos aulas de janeiro a dezembro e as férias eram repartidas ao longo do ano. Como faço anos em julho e a escola começa em janeiro, ingressei na escola quase com sete anos.

A minha entrada na escola foi espetacular, espetacular. Lembro-me do meu primeiro dia de aulas...

Quero acrescentar que no prédio onde eu morava só viviam portugueses e nesse prédio eu era a única que não andava na escola, então enquanto os meus amiguinhos iam todos para a escola eu tinha que ficar em casa e para mim era bastante frustrante.

Então o meu primeiro dia de aulas foi o dia mais feliz da minha vida. Lembro-me de ter chegado à escola e a minha professora perguntar: “Então Ana, queres ir para casa ou ficar na escola?” e eu lembro-me de lhe ter dito: “Não, não. Eu quero ficar na escola.” porque entretanto havia outras coleguinhas que choravam e queriam os pais, mas eu não, nada!

Para mim a escola era o meu mundo. Desde o início que há esse fascínio pela escola.

Eu estudei numa escola inglesa, tinha o regime inglês e chamava-se *I H Harris*, era uma escola que ia até aproximadamente ao 6.º ano, na altura andava eu e o meu irmão. O meu irmão é quatro anos mais velho do que eu.

Posso dizer que foi o melhor tempo... Sendo criança, adorava ir para a escola, conviver com outras crianças porque eu nunca tive Pré. Na altura não íamos para a Pré, a minha mãe era doméstica, ficava em casa, brincava sozinha enquanto os meus amigos estavam na escola. O que fui aprendendo foi com os meus pais, não o Inglês porque eles não falavam Inglês, mas eu quando entrei para a escola já sabia falar Inglês e também a língua local que era o *Africance*, já tinha algum vocabulário.

As nossas aulas eram só de manhã, e à tarde tinha aulas de Português, não todos os dias, mas se não me engano eram duas a três vezes por semana. Nós também tínhamos o ensino do Português, onde os meus pais sempre fizeram questão que falássemos Português.

Em casa éramos obrigados a falar Português à mesa com os meus pais porque o jantar era sagrado, era a união familiar e fora do jantar nós falávamos Inglês, só eu com o meu irmão, com os meus pais só foi Português, sempre. Na rua com as restantes crianças era tudo em Inglês.

Posso dizer que nesta altura, sendo criança, nós não temos muito a noção de política. Na África do Sul, na altura, vivíamos o Apartheid, seriam os brancos para um lado e os negros para o outro lado, não havia convívio, não havia mistura.

Na escola onde eu andava éramos todos brancos, crianças brancas, professores brancos, só os funcionários é que eram negros e todos do sexo masculino, não havia ninguém do sexo feminino que limpasse a escola, mas posso dizer que da minha parte

sempre existiu um excelente relacionamento com eles, eles eram extremamente meiguinhos connosco, muito atenciosos, cinco estrelas, não há nada a apontar. Por isso posso dizer que a minha escola primária foi excepcional.

O sistema na África do Sul, em relação à escola, funciona de maneira diferente, nós todos os anos temos uma professora diferente, no 1.º ano tive uma professora, no 2.º outra e assim sucessivamente.

Eu fiz até ao 5.º ano na África do Sul, na altura depois, uma vez que a situação também já estava a ficar um bocado instável, os meus pais com receio que voltassem a reviver os momentos que viveram em Moçambique, porque partiram de Moçambique sem nada, com duas crianças ao colo e pouca coisa, pensaram que o melhor talvez fosse emigrar para Portugal enquanto era tempo para poderem partir com mais alguma coisa, sem ser só a roupa no corpo, e então decidiram partir para Portugal.

Quando cheguei a Portugal foi a 27 de janeiro de 1987, fomos para Castro Verde, o meu pai é natural de Castro Verde.

Fui para o 6.º ano, no Ciclo Preparatório de Castro Verde, entretanto já tinha perdido um período, comecei o 6.º ano em janeiro.

Não posso dizer que tenha sido um ano fácil, mas também não foi difícil porque o facto de ser nova numa vila as pessoas são mais carinhosas, nós somos bem-vindos, na altura era conhecida pela “africana”, “Vem aí a africana!” [Riu]

Sempre tive ajuda dos meus colegas, eram extremamente atenciosos, também é certo, tinha o meu pai para me ajudar porque o meu pai... O sonho do meu pai era ser professor e não pôde ser, ele tem o 7.º ano antigo, considero-o uma pessoa extremamente culta, uma pessoa que gosta de ler e então era a pessoa que me ajudava mesmo, a minha mãe tem o 4.º ano.

Foi um ano mais difícil na disciplina de Matemática, eu fui muito bem recebida, mas a Matemática... Uma das frases que ficou da minha professora de Matemática foi que eu não estava preparada para um 6.º ano porque a minha Matemática era de um 4.º ano.

Então aí os meus pais tiveram que encontrar uma explicadora de Matemática para me poder ajudar, para eu poder ultrapassar as dificuldades que eu sentia a Matemática. Realmente tive sucesso, aprendi, consegui fazer o 6.º ano, mesmo chegando a meio e passei para o 7.º ano.

Fiz o 6.º ano, não me lembro se tirei quatro a Matemática no final, acho que consegui tirar um quatro e a partir daí fui sempre muito boa aluna a Matemática e gosto muito de Matemática, independentemente de ter escolhido as línguas.

Em relação às minhas lembranças de escola posso dizer que sempre foram espetaculares porque a escola sempre foi a minha vida porque fora da escola, é o que acontece infelizmente hoje quando a escola termina e entramos de férias, não temos grandes amigos. Acaba-se a escola, acabam-se as amizades porque alguns vão de férias, eu na altura não ia, ficava em casa, não tinha liberdade, embora tivesse mais liberdade em Portugal do que propriamente na África do Sul porque aí não tinha grande liberdade, deixo aqui um à parte, o máximo que poderia fazer na África do Sul era ir à mercearia a dois quarteirões dali porque havia segurança na altura, podia andar a pé, embora houvesse já alguns receios, eram os receios de existirem bombas nos baldes do lixo... Enquanto criança sempre andei à vontade, nunca tive problemas nenhuns com ninguém.

Em Portugal realmente houve algum choque, algum choque em termos de mentalidades. Nós na África do Sul, em termos de vestuário tínhamos uniforme porque é próprio do sistema inglês, tínhamos dois uniformes, um uniforme de verão e um uniforme de inverno e somos todos iguais, todos usamos o mesmo uniforme, não existia aquela discriminação em relação à roupa. Aqui em Portugal notava que havia mais vaidade, sobretudo as minhas colegas do 6.º ano miravam-se umas às outras “Tens esta roupa tão bonita!” e a minha mentalidade nunca foi para aí, sempre foi para os estudos, a escola serve para estudar, para brincar porque nós também tínhamos momentos de brincadeira. Eu fui muito feliz na escola!

Em relação à adolescência, bem ... A adolescência é sempre uma fase um bocadinho mais doida ... [Riu] Nós passamos por altos e baixos e que achamos que não há compreensão por parte dos nossos pais, isso é o que nós pensamos enquanto somos adolescentes, não nos entendem, as suas ideias já são ultrapassadas, ...

Na adolescência para além de me ter sempre dedicado aos estudos, sempre fui uma pessoa que desde nova tracei objetivos na minha vida. Sempre tracei objetivos, sei o que quero, sempre sonhei ser professora, não porque o meu pai quis ser e não foi, nada disso, mas sempre foi uma paixão, para além de adorar crianças sempre foi uma paixão ensinar, acho fascinante.

Então na adolescência estudava, queria ser boa aluna, o meu objetivo era ser mesmo boa aluna, sempre fui competitiva, nunca gostei de ficar atrás de ninguém, achava que se todos conseguiam ter boas notas eu também conseguiria, nem que para isso tivesse que estudar mais, mas fazia, e fazia com gosto, gostava daquilo que aprendia, daquilo que me era transmitido, por isso acho que a minha adolescência em termos escolares foi fantástica.

É normal na adolescência surgirem os namoricos, os namoricos que não funcionam, tudo próprio da idade ... [Sorriu] Choramos para um canto, rimos para o outro. Eu acho que isso é perfeitamente normal.

É verdade que em relação às amigas, em termos de adolescência no liceu ficaram pouquíssimas amigas, ou quase nenhuma, acho que ficaram mais os conhecidos.

As amigas mais profundas que me ficaram foram realmente as da escola preparatória, acho que havia uma maior ligação porque quando vim para o liceu, vou só referir que andei em Castro Verde até ao 7.º ano, fiz o 6.º e o 7.º ano, entretanto os meus pais decidiram sair de Castro Verde porque em termos de futuro para os meus pais, que até eram bastante jovens na altura, não havia grande futuro, e decidiram abrir um negócio e viemos morar para Loulé, então eu fui para a Escola Secundária de Loulé e fui para o 8.º ano. Nessa altura a escola Secundária de Loulé era a partir do 8.º ano.

Vim para o 8.º ano, foi um recomeçar, conhecer novos colegas, alguns dos quais ainda mantenho contacto, outros não, seguimos rumos completamente diferentes.

O 8.º ano foi um ano de conhecimento, mesmo em termos de disciplinas foi um ano... Foi bom, mas também um bocado complicado em termos de... Lembro-me de ter Físico-Química, que detestei, não percebia nada, para mim era Chinês, mas tirando isso acho que foi muito bom.

No 9.º ano comecei a sentir a competição a sério, estava numa turma só de raparigas e toda a gente tinha um objetivo na vida, era tirar boas notas para poder seguir a sua área de sonho.

Aí sim, éramos uma turma extremamente competitiva, era competir ao máximo e depois nós passamos aí uma fase mais complicada em que, por exemplo eu, venho de uma

família média, classe média, e convivemos com classes altas em que para além de serem bons alunos há sempre aquela tendência da moda e talvez tenha sido essa a fase mais complicada da minha idade.

Começa o interesse pelas marcas, na altura toda a gente usava *Levi's* e eu não usava, toda a gente usava *All Star* e eu não usava e achava que para ser aceite pelos meus colegas eu tinha que ser excelente aluna porque em termos de roupa eu não podia competir com eles. Até que decidi aos catorze anos que começaria a trabalhar no verão, o meu verão não seria ir para a praia, mas sim trabalhar, só para poder ter umas *Levi's*.

É impressionante o que nós fazemos para sermos aceites pelos outros... Agora acaba por ser uma infantilidade, mas na altura, muito honestamente, acabamos por achar que não pertencemos aqui, que somos diferentes, toda a gente tinha, era *Benetton*, lembro-me de uma colega que os pais eram médicos e só usava *Benetton*, outros usavam só *Levi's*, eu usava aquilo que os meus pais podiam comprar na altura, e talvez tenha sido essa a fase mais marcante da minha adolescência que ainda hoje falo nisso e é algo que agora não ligo.

Noto que aquilo que eu senti a partir do meu 9.º ano e sobretudo no 9.º ano, noto que os miúdos hoje em dia já sentem isso no 4.º ano. O ano passado tive um 4.º ano e havia muito a preocupação das marcas e é impressionante como as crianças são cada vez mais precoces em termos de discriminação e às vezes é preciso incutir isso neles porque não é a roupa que nos faz, é o nosso interior, a nossa personalidade.

Como já referi, o meu sonho sempre foi ser professora, não sei explicar porquê, sempre foi a profissão que me fascinou, sempre quis ser professora, achava que essa era a carreira indicada e acho que escolhi bem porque realmente essa é a carreira do meu sonho.

Se eu tivesse que voltar atrás e escolher outra profissão, muito honestamente não sei qual seria, não faço a mínima ideia, mas faria qualquer coisa para sobreviver, sem dúvida. [Sorriu] Desde os catorze que trabalho durante o verão e faço tudo, tudo o que puder fazer eu faço, de forma honesta.

Já referi que a Matemática sempre foi uma das minhas disciplinas preferidas, realmente não era o Português, confesso, o Português nunca foi a minha língua preferida, só que talvez a paixão pelo Inglês, pelo facto de eu ser bilingue, porque eu sempre falei Inglês e também por ter começado, porque quando entrei no 10.º ano escolhi o Alemão e o Alemão foi uma língua que me fascinou. Foi uma língua extremamente difícil, tem de ser trabalhada diariamente, tem de ser praticada, não é muito fácil, então esse era o meu sonho e talvez também fosse a professora que fez com que eu gostasse mais de Alemão, era uma professora extremamente cativante, extremamente simpática, compreendia-nos, ajudava-nos e eu acho que só por si cativou-me para gostar muito mais da língua, então o meu sonho era realmente tirar Germânicas.

Quando concorri, no primeiro ano que concorri à universidade só escolhi Germânicas e fui tão inteligente, porque a imaturidade não dava para mais, e só concorri a duas universidades porque estava tão confiante que entraria. Escolhi só Coimbra e Lisboa, infelizmente... [Riu]

Não entrei, o que para mim foi um choque temendo, lembro-me de ter chorado porque achava que me tinham cortado todos os meus sonhos e então fui convencida e aliciada por uma colega a voltarmos novamente ao 12.º ano e a seguirmos o Latim. Então fomos mais um ano, fomos fazer a disciplina de Latim, iniciei Geografia, mas achei que Geografia não seria para a área que eu queria, então durante o ano, no Liceu, tivemos Latim. O objetivo não era seguir Latim, nem nada parecido, o objetivo era subir a média porque se subisse a média no ano seguinte poderia ingressar na universidade.

Nesse ano, quando terminei a disciplina de Latim, concorri novamente à universidade, aí já fui mais ponderada, achava que realmente as Germânicas se calhar seriam bastante difíceis e decidi, confesso que foi naquela de eu vou, foi mais naquela de entrar para a universidade, tirar um curso superior e então escolhi Português/Inglês. Inglês porque eu gosto e Português...

Quando soube que tinha ficado, tinha entrado na universidade, o meu entusiasmo foi tanto, tanto que eu só fui para a universidade em outubro. Não fui praxada, perdi essa parte toda das praxes porque não me sentia feliz, achava que não era aquilo que eu queria, mas tinha entrado na universidade, na altura era o que os meus pais teriam possibilidade porque seria perto de casa, eles também não tinham tantas possibilidades para me ter fora de casa e então Português/Inglês foi mesmo “Ok, entrei na universidade.”

Confesso que não era o curso dos meus sonhos, não era, realmente não era, mas vamos para a frente.

Confesso que acabei por gostar porque vi uma vertente prática e eu gosto mais da prática. A teoria no meu entender, depois de ter iniciado a minha carreira profissional, acho que em termos teóricos ficou muito aquém, acho que houve alguns conceitos que nós precisávamos, alguma preparação que precisávamos para a nossa vida profissional e nós nunca a tivemos, no caso dos métodos de leitura, nunca aprendi métodos de leitura. O único que aprendi foi aquele que me ensinaram, o analítico sintético, e acho que a universidade não me preparou assim tão bem quanto se pensa. Acho que existe muita teoria que na prática não serve para nada, isto no meu entender, talvez esteja errada, mas creio que não porque a minha experiência já me disse que não.

Entre com dezanove anos para o ensino superior, estudei na Universidade do Algarve, na ESE, na Penha. O meu percurso no ensino superior foi bom, houve momentos muitíssimos bons, muito trabalho, sobretudo na parte da prática letiva, na preparação, na organização, ...

Foram quatro anos para conhecer novos colegas, pessoas com quem nunca tinha trabalhado, aliás, vou só voltar atrás porque tinha uma colega com quem já tinha estudado no 12.º, a Isa, estudámos juntas no liceu e estudámos juntas na universidade e depois fomos conhecendo outras pessoas de Olhão, Portimão, Albufeira, do Alentejo. Foi um percurso muitíssimo engraçado.

Em relação à universidade, as notas foram boas, podiam ter sido melhores, a média no final de curso foi de catorze, infelizmente nesse ano era a nota mais alta que davam, foi a nota mais alta que nós tivemos nesse ano, em 1998, foi catorze, na minha turma, tivemos catorze valores.

Os meus pais sempre tiveram o cuidado de me inculir a boa educação, o “se faz favor” e o “obrigada” fazem parte da minha educação, são princípios que ainda hoje regem a minha personalidade, ser humilde, não é por ter um curso superior que sou mais do que ninguém, temos que ser humildes, temos que respeitar os outros, compreender os outros e saber partilhar aquilo que nós temos, estes são os princípios da minha educação.

É uma filosofia que ainda hoje eu tento passar aos meus alunos, a humildade deve fazer parte do ser humano, estamos cá de passagem, estamos cá para nos ajudarmos uns aos outros, ninguém é mais do que ninguém, não há necessidade de invejar o que os outros têm, é essa a minha educação. Ser uma pessoa que respeita os outros e que seja respeitada também, são os princípios da minha educação.

Vivi tantos episódios com os meus pais, sobretudo na infância. Aqueles momentos em que somos criança, aqueles momentos em que me ensinaram a nadar, aqueles momentos em que não queriam que eu fosse brincar para a rua porque eram horas de jantar e eu vinha a correr para dentro de casa e apagava a luz da sala de jantar para poder brincar mais cinco minutos, passar férias, sobretudo na África do Sul, vivíamos longe da praia, vivíamos em Joanesburgo e vivíamos sensivelmente a 600km da praia então a nossa vida era ir para os parques, para as piscinas, então aos fins de semana costumávamos fazer piqueniques.

O nosso domingo, no verão, era fazer piqueniques. O Natal, como é no verão na África do Sul, também era... Juntávamo-nos com outros portugueses porque vivíamos numa comunidade só de portugueses, juntávamo-nos todos no prédio e comemorávamos o Natal, partilhávamos, cada um levava a sua comida e partilhávamos, era uma festa para todos e então íamos para os parques e comemorávamos o Natal nos parques, nas piscinas.

Às vezes passávamos fins de semana fora, em... Eram tipo *resorts*, chamavam-se Apat, era um recinto onde nós podíamos alugar *bungalows* e ficávamos lá durante o fim de semana e tínhamos direito jogar mini-golf, tínhamos as piscinas, ... São memórias que ficam para sempre.

Lições de vida que já tenha recebido dos meus pais, como referi anteriormente, as lições de vida... Essencialmente aquelas que fazem parte da minha personalidade, são a humildade, o saber aceitar os outros independentemente de ter vivido num país onde existia o Apartheid, a diferenciação de raças, sempre me incutiram que eu devo aceitar e respeitar toda a gente, independentemente da sua cor, da sua religião, dos seus princípios.

Em relação à minha carreira, sempre fui muito apoiada pelos meus pais, tanto pelo meu pai como pela minha mãe, talvez um bocadinho mais pelo meu pai uma vez que esta era a profissão que ele desejava ter seguido, mas que não conseguiu e então sempre fui muito apoiada na minha carreira, nas minhas escolhas, embora como já referi, fosse sempre uma criança rebelde, sempre tive os pés bem assentes e sempre soube o que queria na minha vida.

A minha relação com eles hoje é boa, é aberta, baseada no diálogo.

Em relação à escolha das línguas, quando escolhi as línguas, como já referi anteriormente o Português não era a minha língua de sonho, não era o que eu queria seguir, escolhi o Português/Inglês, fiquei em Faro. Não de arrependo, hoje gosto do que estou a fazer.

Optei pelo 1.º ciclo dada a minha experiência um bocadinho conturbada no estágio. Estagiei em Vila Real de Stº António, tinha uma turma de 5.º ano, lecionávamos Português em parceria com uma colega e tínhamos uma turma de 6.º ano de Inglês.

A turma de 6.º ano era constituída por miúdos vindos essencialmente de Monte Gordo, sem grandes objetivos na vida, um bocadinho agressivos na forma como falavam.

Enquanto que os miúdos do 5.º ano eram extremamente mimosos porque tinham acabado de vir do 4.º ano, muito atenciosos, interessados em aprender, tinham objetivos na vida, a turma de 6.º ano de Inglês era uma turma bem complicada, não nos facilitou a vida.

Em termos de estágio, eram miúdos que não estavam interessados, eu lembro-me de um dia, como nós temos sempre a tendência de fazer cartazes, levar materiais para poder explicar melhor aos miúdos, lembro-me de um dia entrar na escola com a minha colega e com os cartazes e um dos alunos de 6.º ano exclamou: “Oh! Lá vêm aí as chatas outra vez! Nunca mais se vão embora!”.

Confesso que me senti um bocadinho um peixinho fora de água, pensei “Realmente eu não sou bem vinda. Eu acho que estas não são as turmas que farão parte dos meus sonhos.”, então optei por seguir o 1.º ciclo em que os miúdos são mais mimosos, são miúdos acabam por ser mais atenciosos.

Nós moldamos um bocadinho as crianças à nossa personalidade, à nossa forma de estar e de ser e os miúdos de 2.º ciclo são miúdos que vão entrar... Já estão na pré-adolescência, alguns têm objetivos na vida, outros não têm, alguns vão para a escola porque têm que ir, porque são obrigados a cumprir a escolaridade obrigatória, então essa foi a razão da minha escolha do 1.º ciclo.

Confesso que o 1.º ciclo ... Sinto-me realizada no 1.º ciclo, mas também já me sinto um bocadinho cansada, acho que o 1.º ciclo é gratificante, é extremamente gratificante, sobretudo um 1.º ano, em que nós ensinamos a ler, semeamos e vamos colher logo aquilo que semeamos, mas já me vou sentindo um bocadinho cansada, não pelos miúdos em si, mas pela burocracia toda envolvente, temos imensa burocracia.

Eu perco mais tempo a preencher papelada do que propriamente a dedicar-me à preparação das minhas aulas, à criação de materiais... Não tenho tempo para criar materiais que é aquilo que eu gosto. Eu gosto de criar materiais, eu acho que é através da visualização de cartazes que os miúdos conseguem compreender melhor, então noto que em relação ao 1.º ciclo não há tempo para isso.

O 1.º ciclo absorve-nos, é corrigir tudo o que os miúdos fazem, é preencher papelada, enquanto que no 2.º ciclo não há e o que interessa, daquilo que vou observando, é que lecionamos aqueles quarenta e cinco minutos ou noventa minutos e pronto, quem sabe, sabe, e quem não sabe, não sabe. No 1.º ciclo há sempre aquela preocupação, pelo menos é a minha preocupação, todos os miúdos têm que saber, eu tenho que fazer com que todos compreendam, com que todos cheguem lá, com que todos consigam aprender aquilo que é pretendido. Nessa perspetiva o 1.º ciclo é bem mais cansativo.

Infelizmente sinto que há colegas que não dão o valor devido ao 1.º ciclo, criticam demasiado o 1.º ciclo, não sabendo muitas vezes o trabalho que está por detrás porque o 2.º ciclo não tem nada a ver com o 1.º.

Essa foi a minha opção, 1.º ciclo e não estou arrependida, embora confesso que já me vou sentindo cansada.

Como conciliar a carreira docente com a vida familiar... Eu no início da carreira achava que a vida era só trabalho, trabalhava, era o planificar, era organizar materiais, mas com a idade e vendo que quanto mais se trabalha mais trabalho temos, quanto mais fazemos mais nos arranjam, entendi que temos que arranjar tempo para tudo.

Se for necessário ir mais cedo para a escola, vou, tento corrigir o máximo de coisas possíveis na escola, tento levar o menos possível para casa, tento arranjar tempo para a minha família, tento arranjar tempo para mim porque é essencial, mesmo para o nosso bem estar porque levar a vida só na escola, realmente já não dá porque em primeiro lugar está a nossa família.

Eu costumo às vezes dizer, se alguma coisa de mal ou de errado me acontecer, eu depressa sou substituída na minha profissão, mas na minha vida familiar jamais serei substituída por quem quer que seja.

Em relação ao professor do 1.º ciclo, ele é generalista, tem que saber tudo o que vai lecionar. Toda a gente espera que o professor do 1.º ciclo domine todas as áreas, embora

nós saibamos que existem áreas onde nós somos melhores ou gostamos mais do que outras, às vezes é necessário ver isso.

O professor do 1.º ciclo para além de ser professor, hoje em dia também é pai, é mãe, consegue ser avô e avó, é um pilar para as crianças e muitas vezes um herói. Eu sinto isso em relação aos meus alunos. Para eles eu sou uma heroína, tudo o que a professora diz é sagrado, muitas vezes os próprios pais vêm conversar comigo “Ai professora, se a professora disser que é para fazer isto ele faz e se for eu ele não faz!, então às vezes é preciso dizer aos pais “Diga-lhe que falou comigo.” porque é a única forma de levar os miúdos a bom porto porque a professora é realmente um pilar, eles vêm na professora o seu herói.

Como será o futuro das escolas? Como já referi, estudei na África do Sul, e aí o ensino é diferente, realmente na escola o objetivo é estudar, há mais facilitismo em relação aos materiais, os materiais são emprestados, sobretudo os manuais. Os manuais são emprestados no início do ano, nós somos responsáveis, é-nos inculcida responsabilidade desde tenra idade, nós temos que cuidar dos nossos manuais, não podemos escrever nos manuais e no final do ano têm que ser devolvidos. Se não forem devolvidos em boas condições, então aí sim, os encarregados de educação são obrigados a pagar os manuais à escola.

Aqui em Portugal, infelizmente investe-se muito dinheiro em manuais que muitas vezes só servem para esse mesmo ano, penso que no futuro não será muito melhor. Penso que os pais investirão imenso em manuais, por vezes há manuais que nem são utilizados, eu falo por mim, lembro-me de, no liceu, os meus pais gastarem dinheiro em manuais e alguns nem sequer eram abertos, nem utilizados para nada.

Espero que o futuro seja melhor em relação à escola, para além dos manuais que houvesse um investimento, talvez começar a seguir outros países, emprestar os manuais, que infelizmente as famílias vivem situações precárias com bastantes dificuldades.

Acho que o ensino deveria ser um bocadinho virado mais para a pesquisa, para a experiência porque muitas vezes trabalhamos imenso nos manuais porque os pais gastam dinheiro e há sempre essa obrigatoriedade. Se calhar não seriam necessários tantos manuais porque às vezes também não são adequados, há certos exercícios que não são adaptados à realidade dos miúdos, nem à faixa etária.

Eu acho que nós enquanto professores devíamos ter liberdade para construir os nossos próprios materiais, as nossas próprias fichas. O manual serve de suporte e é esse o objetivo, se por um lado podemos usar o manual como suporte para lecionarmos as nossas aulas, por outro lado somos obrigados a escrever nos manuais porque depois os pais queixam-se que gastaram dinheiro e não são utilizados

A escola do futuro será uma escola mais virada para a tecnologia, mas dado que os programas são demasiado extensos, muitas vezes nem há tempo para utilizarmos as tecnologias como deve de ser.

A minha vida ... Em relação à minha vida:

Infância - Muito feliz

Percurso escolar no ensino primário - Muito feliz

Percurso escolar no ensino preparatório - Muito feliz

Juventude - Eu considero a minha juventude talvez feliz, dadas as situações em que temos altos e baixos.

Percurso escolar no ensino secundário - Muito feliz, sempre fui uma pessoa muito determinada, sempre soube o que queria

Percurso escolar no ensino superior - Muito feliz, embora não tenha aproveitado muito bem a minha vida académica ... [Riu] Foi mais para estudar.

Primeiros anos de carreira - MUITÍSSIMO feliz, era o realizar de um sonho.

Carreira docente - Embora ache que existe muita burocracia, é aquilo que eu faço e acho que sou muito feliz na minha carreira.

Relação com os seus pais - Muito feliz

Entrevistadora - Muito obrigada, Ana!

Data e local da entrevista

22 de julho de 2015

Loulé

Perfil da entrevistada

- Nome: **ANTÓNIA**
- Data de nascimento: Setembro de 1964
- Idade: 51 anos
- Profissão: Professora do 1.º CEB
- Tempo de serviço docente: 30 anos

Entrevistadora - Quem é a Antónia?

Gostaria de me falasse sobre a pessoa que é hoje e que recordasse as etapas da sua vida, como o seu nascimento, a sua infância, o seu percurso escolar, a sua carreira, a sua família, ...

Entrevistada - Eu sou a Antónia, nasci em casa, em setembro de 1964, numa casa constituída só por um compartimento, em S.João da Venda. Foi um parto muito atribulado porque a minha mãe sofreu imenso, foram quatro dias de sofrimento e finalmente cá está esta linda prenda ... [Riu]

Portanto aí fui crescendo até um ano, dois aninhos de idade, depois vivi em Albufeira porque acompanhei os meus pais para o local de trabalho quatro anos. Voltei novamente para S.João da Venda e entrei na escola primária por volta dos meus sete anos e pouco.

Era uma criança, não me lembro bem, mas a minha mãe diz que eu era muito, muito traquina, muito teimosa, muito traquina, andava sempre a fazer patifarias ... [Riu]

Brincava sozinha porque ali ao lado não havia muitas crianças para brincar, só havia um menino que me lembro do nome, era o Carlinhos, Charles, porque ele era inglês. Então eu com ele, as brincadeiras eram muitas delas por gestos porque ele falava Inglês e eu falava Português e ele só vinha no período de verão. Havia uns ingleses que tinham mesmo uma casa daquelas antigas, tradicionais, ali ao lado da casa da minha mãe e nós brincávamos assim.

Na altura a minha mãe construiu uma vivenda, daquelas vivendas antigas, e eu continuava sempre ali sozinha porque poucas crianças havia fora do período escolar. Não tenho irmãos, ainda mais uma agravante para estar sozinha, como criança.

A minha infância foi sempre um período calmo, não tenho assim grandes recordações em termos de memórias, de ... Era uma criança feliz, no fundo, apesar de viver ... E sempre achei falta de um irmão e mesmo hoje sinto a falta de um irmão.

Não sei se por isso, mas a minha mãe não quis ter mais filhos porque veio de uma família muito numerosa, não sei se isso justifica, mas eles eram oito irmãos e a minha avó até faleceu bastante cedo porque se calhar até continuaria a ter filhos. Ela tinha trinta e sete anos quando faleceu e já tinha oito filhos. Talvez por isso a minha mãe não me quis

arranjar uma companhia para eu brincar enquanto criança. Por um lado é bom, por outro não é.

A minha relação com os meus pais foi sempre com muito respeitinho, até porque as regras de vida em sociedade também acho que se alteraram um bocado e hoje em dia nós toleramos mais coisas nos filhos do que antigamente se toleravam, saídas à noite, nem pensar nisso.

Relativamente ao período de criança, sempre com respeito, os pais sempre a colaborarem comigo, apesar de não terem... Por exemplo, nas ajudas de trabalhos escolares não terem grande instrução, a minha mãe tem simplesmente o 3.º ano e o meu pai fez o exame de adultos, de 4.º ano em adulto. Portanto o meu pai é que, lembro-me que me ajudava muito a nível de trabalhos de escola e de trabalhos de casa, à luz do candeeiro porque na altura nem havia luz elétrica.

Em termos de infância ... A nível de brincadeiras lembro-me de brincar com as bonecas, lembro-me de brincar às pedrinhas, lembro-me de brincar nos baloiços que o meu pai construía nas árvores que havia por ali à volta de casa.

O domingo era um dia muito importante porque no domingo era dia de vestir roupa nova e de dar umas voltinhas na estrada ... [Riu] E um pouco mais. Não me lembro assim de mais nada.

Fui saudável, não tive episódios de falta de saúde.

Tinha sete anos já feitos quando entrei na escola primária. Estudei sempre na primária em S.João da Venda, era um edifício cedido por um senhor da região considerado um comerciante rico que deu o seu primeiro andar da casa onde vivia para lá funcionar a escola.

O que eu me lembro desta fase da primária é a minha bata branca, lembro-me da famosa régua comprida de madeira de 2cm de espessura, por acaso não levei com ela porque fui sempre boa aluna ... [Sorriu] Mas lembro-me da famosa régua, lembro-me das orelhas de burro nos colegas que às vezes ficavam na janela e as orelhas às vezes caíam... [Riu] Não permaneciam espetadinhas como no burro... [Riu]

Lembro-me de uma escada muito íngreme que nós tínhamos que descer e subir para ir para a sala no 1.º andar. Eram duas salas com soalho de madeira. Nós é que limpávamos a sala. Ao sábado íamos ao poço buscar água, lavávamos a sala toda. O sábado funcionava como o dia da limpeza na escola primária.

A minha professora, a última, era a professora Soledade e por engraçado que pareça encontrei-a no Bom João no estágio do Magistério Primário. [Ficou arrepiada] Até me estou a arrepiar porque são coisas que nos marcam.

Sempre guardei boas recordações das professoras, apesar do regime que se vivia, foi uma fase ... Quando eu acabei o 4.º ano foi na fase do 25 de abril em 74, tinha dez aninhos e eu lembro-me como era tudo muito exigente, desde a pontualidade, as batinhas muito brancas, as carteiras inclinadas, os tinteiros que não podiam manchar as folhas de papel, mas lembro-me dela com muita saudade.

Recordo-me do exame do 4.º ano e lembro-me dos conselhos dela e lembro-me que ela devia de ser uma professora que fugia um pouco, se calhar, ao regime que se vivia na altura porque, por exemplo, não me lembro dela andar a bater nos meninos com a régua, eu por acaso não levei, mas não me lembro nada desses episódios.

Já falei da parte positiva ... Tive um imenso desgosto quando acabei a primária e fui para o 2º ciclo em Faro, na Afonso III porque tinha uma ligação muito forte com a professora Soledade.

Pela negativa... Nas duas salas eram meninos dos quatro anos e alguns bastante mais velhos, com quinze anos, sei lá... E desses lembro-me que às vezes havia episódios de medos, de tentarem fazer maldades, aquelas maldades de criança.

Lembro-me de um dia a minha mãe ter saído porque foi a qualquer sítio e eu deixei a mochila em casa e eu chorei baba e ranho porque não fui à escola nesse dia.

Lembro-me de uma atividade que fiz na escola em que nós tínhamos ... Era uma atividade de Educação Física, tínhamos que fazer um percurso por entre as amendoeiras, na altura da primavera e eu adorei aquelas corridas. Eu já de si era traquina, então andar a correr no meio das árvores, aquilo era um espetáculo. [Riu]

Em relação ao ensino primário foi assim. Depois eu fui para a Afonso III e na altura os meninos ficavam pela primária, não seguiam os estudos, então eu, uma menina ali do campo, tinha de apanhar um autocarro e tinha que ir para a Afonso III sozinha, era um bico de obra!

Tinha cerca de 10 anos quando eu entrei na Afonso III e cresci imenso neste ano porque eu ia sozinha, para já, já ia sozinha para a escola primária, tinha que passar a passagem de nível, o caminho de ferro, que já era uma grande responsabilidade, depois ter que apanhar um autocarro para ir para Faro estudar, cerca de 10km de distância, ir e vir, mais outra responsabilidade que me fez crescer imenso.

Lembro-me até do revisor do autocarro me ensinar a pedir um bilhete porque eu não sabia ... [Riu]

A minha mãe só foi comigo no primeiro dia, aliás, dois dias, foi no dia da matrícula e depois foi no dia da apresentação e depois eu fiquei por minha conta.

Eu fui crescendo assim, a responsabilidade foi crescendo, só que entretanto eu estive três anos nesta escola porque chumbei um ano. Apesar, como já referi, fiz o meu exame de 4.º ano com dezassete valores e ter sido boa aluna, só que aconteceu um episódio familiar em que o meu pai teve um grave acidente, fez uma fratura craniana. Ele esteve três dias em Faro, no hospital velho assim morre não morre, e depois transferiram-no para o Stª Maria de helicóptero. Ele ficou lá internado um mês em coma e depois do mês em coma veio a recuperação, foi demasiado lenta e eu fiquei praticamente entregue aos meus cuidados, sozinha, com doze anos e então acabei por chumbar um ano. Uns dias estava com uma tia, não me ligava assim grande importância e depois passado algum tempo a minha mãe apercebeu-se e então fiquei com uma vizinha, mas faltava-me a mãe, faltava-me o pai e eu estava sozinha, entregue aos meus próprios ... Às minhas próprias orientações.

Neste ano eu estive para deixar de estudar porque a minha mãe era... Sempre foi o pulso forte de lá de casa e na altura ela dizia-me: “Ai é? Chumbaste? Então acabou-se o estudo. Vais para a costura, tiras o curso de modista!” [Riu]

Eu por acaso tinha uma prima que vivia em Olhão e que veio de Luanda, na altura, e em termos de mentalidade era um pouco mais aberta do que a minha mãe e então ela lá convenceu a minha mãe a fazer-me a matrícula, já até fora do tempo, e depois fui para o 2.º ano do ciclo novamente.

Só sei que nesse ano tirei cinco a tudo, a partir daí nunca mais tirei uma negativa. Eu jurei a mim própria: “Isto já foi ultrapassado, o meu pai já está melhor e a partir deste

momento eu tenho que lutar. Eu tenho um objetivo que é conseguir acabar todas as fases deste ensino, então eu vou conseguir.”

Nunca tive explicações, nunca tive ninguém que me ajudasse em coisa alguma e então a partir daí sempre batalhei e consegui por conta própria.

Acabado de repetir este ano na Afonso III, a solução era ir para o liceu ou para a Tomás Cabreira e eu fui para a Tomás Cabreira. Na Tomás Cabreira fiz cinco anos, do 7.º ao 11.º ano, na altura era o 3.º unificado, o 4.º unificado, o 5.º e por aí fora.

Continuei a minha batalha em termos de conseguir, mas sem ter ainda bem definido aquilo que eu queria ser. Eu estudava, o meu objetivo era conseguir sempre melhores notas. No 9.º ano dispensei a tudo, na altura havia exames, mas eu consegui. Era por pontuação, quantos mais cinco tivéssemos ou quatro, somados tinha que atingir trinta e dois pontos... [Fez uma expressão de dúvida] Eu sei que excedi até bastante e consegui dispensar todos os exames.

Lembro-me nesta altura que a disciplina, eu nunca fui assim muito virada para as línguas, e na disciplina de Inglês foi onde eu sofri um bocado porque não conseguia os resultados que pretendia obter nas outras porque não percebia e a professora, até me lembro que ela às vezes se apercebia da minha angústia, mas pronto, tirei positiva, não tirei negativa no Inglês e consegui fazer a disciplina e tudo mais.

Nesta fase na Tomás Cabreira não tenho assim grandes lembranças da adolescência e da juventude, nunca fui muito de namoricos, nem de sair fora da normalidade. Na altura o fumar já era uma anormalidade e eu nunca fui... Nunca me despertou muito para esse tipo de coisas.

Tive uma grande amiga nesta altura que me ficou na memória. Ao longo da minha vida tenho tido alguns episódios com pessoas com quem me relaciono e que me ligo mais a elas e nesta fase tive uma, foi a Elsa.

A Elsa foi uma pessoa que me marcou muito porque podíamos conversar e desabafar e era aquela nossa... Nossa amiga porque às vezes precisamos de uma amiga.

No secundário falta só frisar a questão do 12.º ano porque eu saí com o 11.º, na altura fiz os exames de admissão ao Magistério Primário, com nota treze, consegui entrar no Magistério Primário e tinha-me inscrito ao mesmo tempo no Liceu João de Deus para fazer o 12.º ano, caso não conseguisse entrar no Magistério. Só que depois eu gostei tanto de estar lá no Magistério, comecei a ligar-me ao curso que acabei por fazer e como não sou de desistir das coisas acabei por fazer o 12.º ano à noite, que era na altura só três disciplinas, Geografia, História e... Filosofia, eu era do curso de Humanidades. Depois acabei por não desistir do 12.º ano, fui fazê-lo e fiz o 1.º ano do Magistério também com nota boa, catorze. Na altura era uma boa nota porque havia um limite estabelecido dentro da turma em que a média da turma não podia exceder treze e meio, as nossas notas, dentro do grupo turma do Magistério eram controladas com o nível da média da turma, não é como agora que se pode tirar dezoito ou dezanove, não há um limite para tirar nota.

Foi um ano doloroso no sentido de não ter tempo, podia ter feito muito melhor o Magistério, não tinha era tempo porque chegava todos os dias praticamente à meia-noite e levantava-me às sete da manhã, foi muito complicado. O meu pai ia buscar-me todos os dias à estação, menos à 6ª Feira, de bicicleta a motor. Às vezes o comboio atrasava-se e lá estava ele à espera na estação, pela filha.

Depois acabei o curso do Magistério Primário, cá está o tal ano de estágio, encontrei a minha professora da primária. Nesta altura, como professora eu penso que, no fundo, se

calhar era aquele sonho que eu tinha e que não estava ali bem delineado, porque é isto que eu quero. Eu sempre gostei muito de pediatria ou de outra área assim relacionada com crianças.

As razões que me levaram para a carreira docente não foram muito bem definidas, como eu já disse na primeira entrevista, não estava ali, acho que era novinha demais, tinha na altura dezanove anos. Saí do Magistério com vinte e dois, foi o meu primeiro ano de trabalho e em termos de expectativas em relação ao curso eu acho que era aquilo que eu queria, era partilhar, ensinar, formar que eu acho que é uma coisa muito importante. Nós estamos a colaborar na formação de um novo ser, um ser humano que está em formação da sua personalidade, apesar dela já lá existir, está a ser moldada e nós estamos a... Os miúdos vêem o professor como um modelo.

Acho que fiz a escolha correta, não estou nada, nada arrependida.

Quando eu iniciei o ensino superior tinha por volta dos meus vinte anos, vinte, vinte e um e vinte e dois, foi a fase de... Estudei sempre em Faro, no Magistério Primário e foi uma fase que me deixou bastantes boas recordações, quer de relacionamento com os colegas do grupo, quer com os professores, quer com as crianças.

Eu lembro-me que no estágio, no último dia de estágio, eu chorei, chorei, chorei, chorei, chorei, não parava de chorar... [Riu] O professor disse: “Ó rapariga, estás a chorar tanto, não vale a pena! Vais ter que chorar muito pela tua vida” e bem dito, bem feito. Quando nós terminamos um 4.º ano e estamos os quatro anos com os meninos é como tu dizes, os nossos “pinguinhos de chuva”, marcam-nos sempre, há sempre meninos, numa maneira geral são todos, mas há sempre alguns que nos marcam mais do que outros, ou pela positiva ou pela negativa e nós não deixamos de ter no futuro saudades deles e de nos lembrarmos.

Os professores que me deixaram saudade... A professora Soledade, quase que diz a palavra saudade, é uma delas, a da primária. A da primária foi a que mais saudades me deixou. A professora de Inglês também me deixou saudades porque ela queria ajudar-me, mas não conseguia porque se calhar eu tinha um bocado de dificuldade na parte das línguas, ainda hoje sou assim, é uma aversão que eu tenho às línguas. Línguas para mim não me dizem nada, não gosto, não gosto! Só tinha que fazer a disciplina porque a tinha que fazer e ela acho que foi uma das pessoas que me deixou alguma marca.

Houve uma outra professora, a professora Cândida, de Português, era demasiado exigente no 11.º ano, foi uma professora que me marcou porque ela era tão exigente e eu acho que lhe dava luta, ela exigia e eu correspondia àquilo que ela exigia e não me lembro assim de mais nenhum professor.

Os meus pais foram sempre um modelo para mim, de luta, um modelo de... Aquele modelo que nós olhamos para eles e vê... Segue os seus conselhos, segue as suas regras porque vê que são certas, podem até não ser, mas para mim foram sempre um modelo.

Não é por acaso e à toa, que eu sou, se calhar isto é defeito ou não sei se é virtude, sou em termos horários terrível, e exijo isso dos meus alunos também. Aprendi com a minha mãe e com o meu pai a respeitar horários, isto é um exemplo.

Episódios que eu tenha vivido com eles há muitos, há bons, há maus... O meu pai com cinquenta anos partiu, eu prefiro até nem falar disso. Foi de férias, para mim foi de férias. Em relação à minha mãe, a minha mãe desleixou-se nesse momento, acho que deixou de ter vida própria...

Eu acho que podia ter tido muito mais se a vida e o destino não fosse... Não fosse isso o que aconteceu. Eu com vinte e quatro anos tinha já um filho, casei-me aos vinte e três e depois quando o meu pai faleceu fiquei com mais um filho, a minha mãe. Ela deixou de trabalhar, deixou de ter a sua própria autonomia, então eu fiquei com mais um filho aos meus vinte e quatro anos, portanto o apoio foi pouco a partir daqui... [Ficou muito emocionada e chorou]

Em relação à minha carreira docente, eu já referi na anterior entrevista que tive os nove anos na minha fase da profissão em que andei sempre com aquela instabilidade, estou aqui, estou ali, nunca sei para onde vou no próximo ano, ainda se fosse com a próxima turma dentro da mesma escola, mas não, era o próximo ano onde eu irei parar.

Andei sempre naquela instabilidade e passei por vários sítios, cada ano era uma escola. Lembro-me que só tive dois anos seguidos na mesma escola, foi em Almancil, de resto andei aos pulinhos, até que me estabeleci aqui no concelho de Loulé e então aí tive uma turma no Serradinho e pela primeira vez vi o fruto do meu trabalho do 1.º ao 4.º ano e é muito bom, é muito gratificante quando especialmente no princípio do 2.º ano se vê que os meninos já estão a ler e a escrever, isso é maravilhoso. Eu nunca tive essa experiência, só a tive aqui no concelho de Loulé.

Em relação ao ser professora, para mim deve ser uma das profissões mais importantes que existem na sociedade porque nós somos acima de tudo formadores e ao mesmo tempo tomamos a posição de formando porque estamos em constante aprendizagem com os nossos próprios alunos. Nós aprendemos com eles e eles connosco.

No fundo eu até nem posso considerar que o meu percurso profissional tivesse sido assim muito mau porque a partir do 9.º ano de serviço, mais ou menos, tem sido muito bom em termos de trabalho e de ver fruto do trabalho na escola e ter momentos, com eu já referi também na entrevista anterior, momentos marcantes, quer pela positiva, quer pela negativa, a relação que se cria com os alunos e até mesmo com alguns encarregados de educação.

O dia do meu casamento foi um dia muito importante para mim... [Sorriu] Foi um dia muito esperado, foi um dia que eu vivi intensamente e foi um dia muito rápido... [Riu] Tenho trinta anos de serviço e vinte e nove anos de casamento. Só que a vida mudou muito de solteira para casada porque eu tive os filhos todos muito seguidos. Com vinte e nove anos já tinha os três filhos e sem ajuda de ninguém, como quem diz, a minha mãe sempre me ajudou até eles irem para a Pré-Primária.

Como ela se dedicou muito aos netos, ela ficou sempre com eles até irem para a Pré-Primária e foi também uma ajuda para ela superar a perda do marido.

Essa fase que eu vivi até eles entrarem na primária e mesmo até irem para o 2.º ciclo foi muito complicado porque eram quase todos da mesma idade, era não só o aspeto das refeições, do vestuário, dos banhos, mas também a fase de ajuda na escola. Então eu dividia as tarefas, como hoje ainda faço com o meu marido, ele ajudava no Inglês, ele domina muito bem o Inglês e a Matemática e eu fazia a ajuda na outra parte.

Sou uma mãe feliz, posso crer. Apesar de alguns episódios de saúde que aconteceram com o meu mais velho, mas considero-me uma mãe feliz porque eu acho que fiz o melhor que pude em termos de educação, assim como faço com os meus alunos, tentar passar certos conceitos que eu acho que são muito úteis na vida deles e regras e falar, comunicar.

Acho que fiz o meu melhor, agora se eles querem seguir ou não aquilo que eu tentei fazer, está na mão deles, agora são todos homens, o mais novo tem vinte e um, o do meio tem vinte e quatro, o mais velho tem vinte e seis.

Também posso dizer que tem sido muito difícil nestes anos todos conciliar esta vida familiar muito ocupada com a carreira docente, uma vez que a carreira exige muito de nós e como exige demasiado, não digo muito, digo demasiado, e a vida familiar também exige demasiado, às vezes eu tinha que pôr a vida familiar à frente e a carreira docente depois. Eu vou explicar porquê, por exemplo, um filho meu precisava de ajuda num trabalho e eu tenho a minha aula para planificar, primeiro eu ajudo no trabalho e depois lá para a meia-noite, uma da manhã, logo ia planificar. [Sorriu] É neste sentido só.

Em termos de formação, nós temos a nossa vida escolar e depois temos a formação e às vezes chegamos tardíssimo a casa e às vezes é complicado gerir isto tudo. Gerir os horários da escola, gerir a roupa para passar a ferro, os almoços e jantares, temos que pensar antecipadamente no que vamos fazer no dia a seguir e obriga a um grande desgaste normalmente, mas depois recompensa porque nós na nossa profissão conseguimos ver também os resultados positivos nos nossos alunos, quando nós trabalhamos a fundo com eles.

Lá em casa às vezes também é preciso deixar de fazer certas coisas em família ou ir passear para ocupar esse tempo com coisas da nossa carreira porque o professor do 1.º ciclo não termina as aulas, pelo menos eu não faço isso, não termino as aulas aqui, eu levo as coisas para casa e depois quando tenho um tempinho, enquanto o jantar se faz, lá vou eu adiantar outras coisas que preciso de fazer para os meus alunos.

O professor do 1.º ciclo é uma peça fundamental na educação. Começa na Pré, a Pré-Primária é fundamental, o 1.º ciclo continua a ser fundamental e é a base de tudo. Acho que é a base. A base está aqui. Se formos ver bem os diferentes níveis, somos nós que pomos os meninos a ler e a escrever e a decifrar um código que é muito complexo e... [Sorriu] Depois tudo o resto que nós lhes podemos passar em termos de educação, que às vezes deveria de vir de casa e não vem, somos nós que tentamos dar e que eles às vezes não entendem, não é?

Se um aluno em casa não tem regras a comer à mesa, se um aluno em casa não tem horário de deitar-se ou mesmo não tem carinho, somos nós que lhe damos.

Sinto-me, enquanto professora, acho que realizada.

Se eu fosse Ministra da Educação, já disse na outra entrevista, tentava acabar com toda a burocracia que existe e acho que tentava ouvir mais as opiniões dos professores sobre as suas dificuldades hoje em dia na escola, coisas que às vezes são desnecessárias, levamos tanto tempo a falar sobre assuntos desnecessários e sobre o que é importante não se fala.

Eu estou pensando, em termos de expectativas para o futuro, que isto vai melhorar, mas cá dentro penso que isto melhoras não tem. A tendência é piorar.

A minha vida, em termos de infância posso classificar de feliz.

Percurso escolar no ensino primário, muito feliz

Percurso escolar no ensino preparatório, feliz.

Juventude, também foi feliz.

No secundário, igualmente.

No ensino superior também.

Nos primeiros anos de carreira, apesar de algum isolamento e da instabilidade, eu penso também que tudo correu bem, não posso considerar que fui infeliz, acho que fui feliz.

Em termos de carreira, no global, também posso considerar-me no 3, feliz.
A relação com os pais, não posso pôr muito feliz dado o episódio que aconteceu.
Em termos de casamento e de maternidade, muito feliz.

Entrevistadora - Muito obrigada, Antónia!

Data e local da entrevista

15 de julho de 2015

Loulé

Perfil da entrevistada

- Nome: **CARLA MARQUES**
- Data de nascimento: 02/05/74
- Idade: 41 anos
- Profissão: Professora do 1.º CEB
- Tempo de serviço docente: 19 anos

Entrevistadora - Quem é a Carla Marques?

Gostaria de me falasses sobre a pessoa que és hoje e que recordasses as etapas da tua vida, como o teu nascimento, a tua infância, o teu percurso escolar, a tua carreira, a tua família, ...

Entrevistada - A Carla Marques é tanta coisa... [Riu]

A Carla Marques começou por ser um Carlos. Eu nasci no dia 2 de maio de 74, a seguir ao Dia do Trabalhador, e as senhoras enfermeiras que estavam muito contentes a ver as manifestações todas pela televisão acharam que eu tinha qualquer coisa lá que não estava efetivamente, então a notícia que deram ao meu pai e às minhas irmãs é que tínhamos ali um menino, que era eu.

Então como o meu pai se chama Carlos, achavam que o único menino devia de ser um Carlos. É claro que quando se aperceberam que não era um Carlos, foi muito fácil pôr-me Carla. Pronto, fica Carla.

Já disse que nasci no dia 2 de maio de 1974, nasci em Portalegre, no hospital velho, fui o último bebé a nascer no hospital velho que hoje está transformado na Santa Casa da Misericórdia, onde trabalha uma das minhas irmãs, então ela muitas vezes diz-me “Hoje estive no quarto onde tu nasceste!” [Riu]

Quando eu nasci já não se esperava mais ninguém na família e então a minha mãe tinha quarenta e cinco anos e o meu pai quarenta e seis. A minha mãe foi ao médico, estava assim com uns sintomas muito estranhos e o médico achou que era uma menopausa precoce, entretanto não era, era eu mesmo.

Muito sinceramente, tenho três irmãs, uma delas com dezoito anos de diferença, uma com quinze e uma com dez, no seio de uma família grande com mãe e pai a trabalhar, na altura trabalhavam, com uma irmã com dezoito anos que já estava a estudar em Lisboa, com uma com quinze que já namorava, tenho um cunhado que me conhece desde a barriga da minha mãe, tenho quarenta e um anos... E uma outra com dez anos de diferença de mim, pois quando eu comecei a ter um bocadinho a noção que existia, lá por volta dos cinco, seis anos, o grande modelo foi a minha irmã Maria José, tinha ela dezasseis. Então eu queria andar atrás dela para tudo quanto era lado e ela na sua adolescência queria mais era que eu não andasse atrás dela.

Posso dizer que a minha infância foi uma infância muito feliz, mas muito sozinha, no sentido que na minha família, mesmo na família alargada, primos, tios, a prima mais dentro da minha idade tinha nove anos de diferença de mim, portanto eu nunca tive primos para brincar, mas por outro lado desenvolvi assim umas aptidões interessantes.

A minha mãe costumava trabalhar na casa de uma senhora que tinha um grande quintal, então eu como não tinha com quem brincar, como ela tinha um cão que já me tinha mordido porque eu gostava muito de brincar com ele e ele já estava cansado, mordeu-me, então eu deixei e tive que me afastar, tenho assim aqui umas cicatrizes ainda... [Mostrou as cicatrizes na mão]

Então comecei a pensar que era interessante pegar nas folhinhas das árvores, juntar por tamanhos e então atribuir os valores das notas. Comecei a brincar sozinha às mercearias e conseguia estar sozinha, arranjava sempre uma forma de me entreter.

Sempre fui uma criança calma, ao contrário do que muitas pessoas pensam, por ser a última não fui a mimada... [Riu] Não fui porque não havia tempo, os pais estavam a trabalhar e as manas mais velhas tinham mais o que fazer, tomavam conta de mim e pronto!

Carinho, por aí adiante, era da minha avó... [Sorriu] A minha avó é que me dava... É que me ia buscar à escola, dava-me o lanche, contava-me histórias [Deu ênfase a esta palavra] assim... [Riu]

O relacionamento que eu tive sempre com as minhas irmãs foi sempre... Eu era a mana mais nova, portanto eu tinha que obedecer às ordens de todas. Se uma dizia que eu tinha que ir para a esquerda, eu ia para a esquerda, mas depois a outra dizia que eu tinha que ir para a direita e eu ia para a direita, depois a certa altura pensava "Então, vou para a esquerda ou para a direita?" [Riu] Mas sempre me dei muito bem com elas, menos com a Bizé porque como era um grande modelo para mim, como ela tinha mais o que fazer porque estava na adolescência, como já disse, ela não queria que eu andasse atrás dela, exotava-me, então nós tínhamos ali umas guerrazitas, mas isto com a idade passou tudo.

As melhores recordações que eu tenho da minha infância são a minha passagem para o 1.º ano. A minha mãe na altura, estás a ver, quarenta e cinco mais seis, cinquenta e um, e com cinquenta e um anos foi fazer a alfabetização, ou seja, ela entrou para a escola, fez a alfabetização no ano em que eu entrei para o 1.º ano. A recordação de estar sentada à mesa a fazer os meus trabalhos de casa e a minha mãe ao lado... [Riu] A fazer os dela, é muito interessante, é uma experiência que eu me lembro, que é muito boa.

Os lanches e as histórias que a minha avó me contava, o tempo que passei... Porque eu continuo a dizer que... Até aos três, quatro anos é tão bom estar com a família, aquele núcleo mais alargado que hoje em dia, por imposição dos empregos, por deslocalização das pessoas de uns sítios para os outros, já não existe muito e as pessoas acabam por ter uma vida muito stressante e não têm tempo para nada e os meninos não ficam com os avós, não usufruem daqueles mimos dos avós, que é uma coisa...

Uma das recordações que eu tenho, que não é das melhores, era pensar, quando entrei para o 1.º ciclo todos os meus colegas na Hora das Novidades de 2ª Feira falavam que tinham estado na casa dos avós, tinham feito isto, feito aquilo, mas a minha avó vivia connosco porque já era muito velhota, então eu nunca tinha nada para contar da minha avó, a não ser do tempo que passava comigo, mas em contrapartida tinha os meus tios todos que moram na zona de Évora e então era raro o fim de semana que nós não nos juntávamos, tinha outras experiências, outras coisas giras para contar.

Outra recordação menos feliz, a minha passagem do 4.º ano para o 5.º. Isto vem tudo na sequência de uma recordação ótima, passei do 4.º ano para o 5.º ano, então a minha madrinha ofereceu-me quinze dias em Lisboa com ela e levou-me a todos os lados, Estufa Fria, Jardim Zoológico, Mosteiro do Jerónimos, quer dizer, eu conheci naqueles quinze dias coisas que os meus colegas nem falavam e para mim foi mais uma das grandes recordações que tenho.

Na sequência dessa excelente recordação vem uma recordação menos boa, foi a minha adaptação ao 5.º ano. Fui sozinha para aquela escola, os meus colegas ficaram todos na outra e foi muito complicado para mim adaptar-me e é uma das coisas que eu ainda hoje penso quando deixo uma turma de 4.º ano, sabemos que nem sempre é possível, mas peço sempre e tento sempre que possível que eles permaneçam juntos porque vem-me à memória... Se calhar não tem nada a ver, mas pode ter havido e então é melhor jogar pelo seguro porque eles ficam desamparados e não quero que eles sintam aquilo que eu senti na altura.

Fui uma criança feliz, muiiiito [Deu ênfase a esta palavra] feliz.

Os meus pais, com quarenta e cinco anos de diferença, ao contrário do que seria de esperar, eu nunca... Pais mais velhos... Eu vou para uma escola e a minha mãe já tem idade para ser minha avó e vai-me levar à escola, eu nunca tive esses preconceitos, felizmente. Ficava tão feliz quando a minha mãe me podia levar... [Riu]

Nunca fui aquela filha, a menina que o pai e a mãe acarinhavam e mimavam de outra forma, até porque nem a minha mãe, nem o meu pai, nunca nenhum deles teve o feitio de estar sempre aos beijinhos, aos carinhos, e uma das coisas que eu sempre aprendi, que acho que é muito importante, apesar de eu ser assim muito física como tu me conheces, sempre a dar beijinho aqui e abracinho ali, aprendi que isto de nós andarmos sempre aos abraços aos filhos, aos irmãos, é muito bom para nós, conforta-nos, mas os atos, as coisas que se fazem dizem-nos muito mais... Só vim a perceber isto mais tarde... [Deu ênfase a esta frase]

Eu entrei na escola primária com seis anos, tinha feito seis anos em maio, portanto entrei em outubro. Estudei na escola n.º4, do Bairro dos Acentos, em Portalegre.

A primeira lembrança que eu guardo do meu tempo de aluna... Eu era canhota e sou, e na altura a minha mãe pediu encarecidamente à minha professora que tentasse contrariar-me, não queria que eu fosse canhota, então lembro-me tão bem da minha professora Angelina, pegar na minha mãozinha esquerda, colocá-la atrás das minhas costas e atá-la à cadeira. Então eu estive uma semana a tentar fazer qualquer coisa com a mão direita.

Ainda hoje só escrevo com a mão direita, não consigo escrever com a esquerda, mas também o resto é tudo à esquerda. Já tentei comer sopa com a mão direita e esquece... Tenho um péssimo relacionamento a comer esparguete porque sempre com a mão direita voa tudo para quanto é lado. Mas temos sempre que tirar as coisas boas das situações e na altura aquilo pareceu-me muito mau, mas hoje em dia é-me extremamente útil, porquê? Estou a dar simetrias aos meninos, estou a escrever no quadro, em vez de escrever com a mão direita e depois ir fazer o outro lado com a mão esquerda, não! Pego em dois giz e faço tudo de uma vez... [Riu] Escrevo em espelho lindamente, com a letra tal e qual como com a mão direita, portanto temos que tirar a parte boa de cada coisa. [Riu]

A minha escola primária era uma escola P3. Lembro-me também que na altura chegava-se ao Natal e já começávamos a arranhar a leitura e muitos de nós já liam bem. Então eu regresssei no 2.º Período e a professora pediu para ler qualquer coisa e eu li um

texto, mas li o texto tão bem que a minha professora até me ofereceu um anel que ainda hoje guardo, com quatro pedras azuis da cor daquela cadeira.

Era uma menina muito calada, muito sossegada, muito tímida, não parece, mas é... [Riu] Era muito bem comportada, gostava muito de aprender, aliás... O meu sonho desde sempre, acho que todas as brincadeiras que tive até à entrada na escola da educação básica, tinham a ver com estar com pessoas. Acho que nunca gostei daquelas profissões em que tu estás muito tempo só contigo própria, que tens que escrever, que tens que te concentrar, não! Comunicação! [Deu ênfase a esta palavra]

A partir do momento em que eu entrei na escola, o meu sonho passou a ser, ser professora. Queria tanto ser professora!

Eu adorava Inglês. Era giríssimo eu olhar para a televisão e não perceber nada do que eles diziam, nem do que estava ali escrito, mas ainda me lembro e ainda guardo um livrinho em que eu tentava, quando comecei a saber escrever, “*I love you*” e eu percebia que “*I love you*” quer dizer que te amo, então “Ai luve iu” [Deu ênfase a esta frase] e à frente “Amo-te”, então eu comecei a traduzir o Inglês à minha moda. A minha paixão era ser professora de Inglês, sempre foi.

As brincadeiras que eu me lembro desde aí, foram sempre a ser professora de Inglês. Eu era professora de Inglês da minha irmã mais velha, era professora de Inglês da minha avó, era professora de Inglês de toda a gente.

Acho que o percurso do 1.º ciclo foi um percurso muito, muito bom. Tenho muito, muito boas recordações, talvez assim mais à frente eu te vá contar uma das grandes experiências que eu tive, não propriamente no 1.º ciclo, mas com a minha professora do 1.º ciclo e na escola onde eu trabalhei pela primeira vez, a escola onde eu entrei para estudar pela primeira vez. Há coincidências muito giras...

Dos dez para os onze entrei no 5.º ano, estudei na escola preparatória, na altura chamava-se Ensino Preparatório Cristóvão Falcão, a tal escola para onde eu fui sozinha.

As recordações menos boas são exatamente as da adaptação e o facto de eu na altura ser um bocadinho caladinha a mais. Falam de *bullying* hoje em dia, sempre houve aqueles meninos mais velhos que acham que podem abusar um bocadinho dos meninos mais novos e isso sempre fez parte e sempre há-de fazer parte, dêem-lhe o nome que derem.

Lembro-me de uma colega que eu tinha que era muito mais alta do que eu, que achava por bem andar sempre a atazanar, até que um dia eu estava no pavilhão, estava a tomar o meu duchezinho após a aula de Educação Física e ela estava a mexer na minha carteira. Então eu achei por bem confrontá-la e ela como era mais alta do que eu, achou que eu... Pronto, eu tive que saltar para as costas dela e tive que fazer valer a minha posição para ela perceber e então dei-lhe uma mordidela e ela teve que levar três pontos, mas também nunca mais ninguém se meteu comigo e a partir daí fui muito feliz, no 2.º ciclo também.

Posso dizer-te que essa situação em termos pessoais afetou-me muito no estudo porque mesmo em casa, quando eu supostamente estava muito segura, antes desta situação toda de eu me impor, na minha casa onde eu me sentia segura, muito mais vezes eu pensava como iria ser o meu dia a seguir, o que é que ela me iria fazer, do que nos trabalhos de casa que eu tinha para fazer.

Depois de resolver essa questão, nunca mais se pôs esse caso. As minhas notas subiram, eu fiquei muito mais contente e voltei ao meu sonho de ser professora porque tive ali uma fase em que queria ser da GNR por causa dessas meninas... [Riu]

Fui uma jovem normal, uma adolescente um bocadinho revoltada, mas dentro do normal. Fazendo uma retrospectiva, acho que a minha adolescência foi uma adolescência em que eu vivi tudo o que tinha para viver nessa fase, assim como a minha infância, acho que as experiências que tive na infância foram as que eu tinha que ter, por isso é que sempre que eu agora olho para trás, costumo dizer isto, às vezes na brincadeira, mas é um bocado a sério, a idade fica-me muito bem. Eu gosto mais de mim agora do que se calhar gostava de mim naquela altura e a pessoa que eu gosto hoje foi a pessoa que foi sendo feita e criada naquela altura. Não sinto que tenha que... Que tenha deixado alguma coisa por fazer.

Acho que não tenho más recordações da adolescência e juventude. Sempre fui muito brincalhona, sempre tive muitos amigos, sempre tive muitos conhecidos, sempre fui muito de ir ao cinema, de passear, de... Não tenho nenhum episódio assim que eu ache que... Negativo acho que não me lembro de nenhum, muito sinceramente. De positivo, sim, lembro-me de uns tantos... [Riu]

No 9.º ano nós tivemos uma área vocacional, tínhamos uma professora que era por sinal, psicóloga também, e ela fez-nos muitos testes ao longo do ano e no final do ano falou-nos sobre as possíveis profissões que nós pudéssemos ter. Adivinha qual é que foi uma daquelas que foi logo a primeira? Professora! [Deu ênfase a esta palavra]

Professora, educadora, atendimento ao público, serviço de balcão, ... Estava no bom caminho.

No 9.º ano eu fui da turma de Desporto, era muito ligada ao desporto. Posso dizer que eu entre o 5.º ano e o 12.º ano, desde basquetebol e olha que eu sou pequenina, mas eu era aquela que conseguia encestar a meio do campo, tinha muita pontaria, devia de ser de ser canhota... [Riu]

Desde basquetebol, voleibol, futebol feminino, ainda os meus dedos grandes hoje se queixam disso, tive muitas vezes que ir ao tal endireita porque os ossinhos... As articulações ficavam um bocadinho... [Fez uma careta] Ginástica rítmica, fiz parte do Desportivo Futebol Clube de Portalegre, o primeiro clube onde jogou o José Mourinho, mas não digas nada... O pai era treinador... [Deu ênfase a esta frase e riu]

Fiz parte do atletismo, ia aos regionais, quer dizer... Fui muito ligada ao desporto. Eu achava que o desporto tinha que entrar na minha vida de alguma forma.

É óbvio, como sabes, que as turmas de desporto são aquelas turmas... Então eu de menina bem comportada passei a fazer parte de uma turma... Eram processos disciplinares e coisas assim. E depois é assim, por um pagam todos porque ninguém queria dizer nada.

No 10.º ano, Humanísticas... Inglês [Deu ênfase a esta palavra], Português e Filosofia que eram assim as minhas notas mais... [Sorriu] Ou Saúde, Físico-Química, Matemática, uuuu... [Fez uma careta] Estás a ver ali assim aquelas áreas menos boas, mas...

Se eu posso dizer algo sobre mim é que eu sempre gostei de desafios e então é assim, naquela altura, ou eu optava por aquilo que eu gostava e que eu já dominava minimamente ou então ia à descoberta de mais qualquer coisa para conseguir dominar, para conseguir aprender mais. Depois também tínhamos as saídas em termos profissionais e a minha irmã que era enfermeira sempre a chatear-me “Vai para Saúde...”. Fui para Saúde. Físico-Química, Matemática, ta, ta, ta...

Posso dizer que no 10.º ano a melhor nota que tive foi de Matemática, uma coisa que para mim era impensável, mas curiosamente estes três anos serviram-me para aprender a gostar das Matemáticas, a gostar das Ciências, a gostar de tudo o que era mais para o lado

objetivo e acho que isso também me ajudou na minha vida pessoal porque se eu antes ia ao Porto para chegar a Lisboa, agora vou direta a Lisboa, não sou capaz de fazer assim muitos rodeios. Acho que a objetividade da parte científica também me ajudou muito pessoalmente. Só tive a ganhar.

No 12.º ano, o bichinho do Inglês, o bichinho do Inglês... Foi o primeiro ano em que podias prestar provas específicas de uma área que não a tua e então eu estive muiiiito [Deu ênfase a esta palavra] dividida porque podíamos fazer três provas específicas e então, ou vou fazer prova de Português e de Inglês para ir para a parte do ensino do Inglês ou então, já que andei três anos e aprendi a gostar disto, por que não continuar aqui?

Foi um ano engraçado porque o meu pai era vigia de fogos na Serra de S.Mamede e eu tinha que estudar, então durante o dia descansava e à noite, entre as onze da noite e a uma da manhã, estava acordada a vigiar fogos e a estudar para as provas específicas, e assim foi.

Quando concorri entrei em dois lugares, entrei em Évora no ensino de Biologia e Geologia e entrei em Portalegre, na ESE de Portalegre, professora do ensino básico, variante de Matemática e Ciências.

Aí, como eram duas coisas que eu gostava, pesou uma coisa completamente diferente que foi, os meus pais sempre trabalharam, nunca tiveram... Sempre foram da opinião que mais vale, enquanto cá estamos e precisamos de ajudar os filhos, do que um dia mais tarde nós partirmos, nem nós usufruímos, nem eles usufruíram e ainda por cima se calhar as coisas... Vão-se afastar. Então, foram sempre ajudando as filhas porque entretanto casaram e tudo isto.

Eu pensava “Bem, somos duas filhas...” A Bizé... Que entretanto foi minha professora de Educação Física, mas isso são outras histórias, enquanto ela não fez as provas todas para o ensino superior e entrou na enfermagem, andou por ali sendo professora de Educação Física e foi minha professora...

Entretanto ela conseguiu entrar e eu pensei “ A minha irmã está a tirar o curso, eu entro agora, se for para Évora, embora tenha a minha família e que possa ficar na casa dos meus tios, mas obviamente vou ter que...” O gasto em termos monetários, financeiros, ia ser complicado e o que me levou a ficar e a tirar o curso de Matemática e Ciências foi precisamente isso, foi “Ok, se posso não privar os meus pais e não deixar os meus pais passarem necessidades, eu prefiro ficar aqui”. Assim foi e estive quatro anos a tirar o curso e aproveiteiiii [Deu ênfase a esta palavra] à brava.

Tenho voz de cana rachada, mas olha que aproveitava e andava sempre a sair com as tunas e fazia *playback* e aquilo era um espetáculo... [Sorriu]

Lembro-me nas vésperas dos testes, dos exames e das frequências, o pessoal todo stressado e eu nas vésperas ia sempre para a piscina coberta dar umas braçadas para descontraír. Estudava antes e depois nas vésperas aquilo corria bem.

Tirei então o curso e a minha mãe sempre me dizia: “Filha, vê lá, tens a certeza?”. Chegou ao final do curso e a minha mãe, como eu achava que a média que eu tinha não me satisfazia, então eu quis fazer dois exames e a minha mãe achou que as minhas colegas “Ó filha, agora vais-te propor a fazer exames e as tuas colegas já estão a concorrer e vão todas entrar e tu ficas de fora!”, “Tenha calma, mãe!”, e assim foi.

Fui fazer os exames, subiu-me a nota e fui das primeiras a ser colocada. Fiquei colocada em Coimbra, como já falei.

Acho que foi a escolha correta para a minha carreira profissional, sim, muito! Eu já da outra vez te disse que acho que não sei fazer mais nada, acho que é isto que eu gosto. Acho não, tenho a certeza, é isto que eu quero, é isto que eu gosto! Para fazer é de princípio, por isso eu não estou na Matemática e nas Ciências, mas estou no 1.º ciclo.

Comecei o curso com dezoito e acabei com vinte e dois anos. Estudei na ESE de Portalegre, o percurso foi muito bom, muito normal, conheci muitas pessoas.

Acho que eu cresci muito aí porque sabes, cidade de interior, sempre as mesmas pessoas e depois tu comesças a contactar com pessoas de outros sítios e abre-te muito os horizontes.

Quando acabei o curso achei que já chegava de estar em Portalegre e como ia começar a trabalhar e a ganhar dinheiro, já não estava a sobrecarregar os meus pais, fiquei em Coimbra e no segundo ano como não tive colocação logo... No segundo ou no terceiro?... No segundo vinculei... Agarrei em mim e fui para os Açores e fui conhecer um bocado e acho que isso também foi muito importante.

A minha mãe infelizmente já cá não está, mas... Como é que eu descrevo os meus pais?... Há quem diga, não sei se acredito ou não, se calhar nesta situação acredito, há quem diga que não é a família que escolhe, são as crianças que vêm ao mundo que escolhem a família e eu se pudesse voltar outra vez ali ao espermatozóide e ao óvulo, eu não escolheria ninguém a não ser a família que tive... [Sorriu]

Os meus pais... Como é que eu os descrevo? Tenho tantos, tantos adjetivos para os descrever que eu acho que... É aquilo a que eu mais assemelho à perfeição... [Ficou emocionada]

Eu recordo todos os dias episódios vividos com os meus pais, não sei se por a minha mãe já cá não estar, se por eu já estar há muito tempo afastada da minha família, dá-me um valor diferente porque quer se queira, quer não, quando nós estamos juntos todos os dias sabemos que a família está ali, podemos ir vê-la a qualquer momento e mesmo que eu inconscientemente sinta saudades, quando estamos longe tem outras proporções...

Episódios vividos com os meus pais são muitos e acho que são tantos e tão bons que não há nenhum que eu possa salientar porque acho que estou a ser injusta em relação aos outros. Posso dizer-te que a humildade e a sinceridade dos meus pais acho que foram das características, foram e são, as características que os meus pais têm que sempre me guiaram. O bom humor, como se diz “Não saís às pedras da rua!”... Eu este verão tive a oportunidade de levar uma amiga a visitar os meus pais, uma amiga daqui, os meus pais, a minha família, a minha mãe não, infelizmente, e o único comentário que ela me fez quando regressámos, estávamos no café as duas a conversar e ela diz-me “Sabes o que eu te digo, Carla? Eu conheço-te há oito anos, sabia que eras assim muito extrovertida, muito brincalhona, mas agora eu tenho a certeza que tu não saís às pedras da rua”. Porquê? O meu pai, as minhas irmãs, somos todos assim, ainda bem que eu nesse aspeto não saí às pedras da rua... [Riu]

Senti-me apoiada nas minhas escolhas, sempre! Mais pelo meu pai, do que pela minha mãe. Porquê? Ela sempre me aconselhou quando eu pedi que me aconselhasse, sempre tentou encaminhar-me, mas a escolha era sempre... Nunca se meteu, nem na escolha da... Em nada.

Mas a minha mãe, se calhar o coração de mãe a falar, quando eu lhe falei na minha ida para os Açores, lembro-me que uma semana antes de eu ir, a minha mãe mal dormiu. O facto de ela saber que eu ia para tão longe... Mas isso foi só até eu ir e depois voltar e a

minha mãe ver que as coisas estavam todas bem e que eu estava... Que estava tudo bem e aí...

Com a minha mãe a minha relação sempre foi muito de... A minha mãe sempre foi muito... Eu na altura não percebia, agora percebo... Muito mais “Filha, isto podes, isto não podes, aquilo não podes mesmo!” Sempre me traçou muito bem os meus limites.

O meu pai era mais “deixa andar”, “deixa andar”, ainda tenho uma situação que eu nunca mais me esqueço. [Sorriu] No final do 8.º ano, foi o ano mais complicado da minha vida de estudante, uma vez sentei-me ao lado do meu pai e resolvi perguntar-lhe: “Ó pai, há uma coisa que me incomoda. Porque é que o pai nunca foi a uma reunião minha da escola? Porque é que nunca foi perguntar à minha professora como é que sou eu na escola?” e o meu pai olhou para mim e disse assim: “Olha lá filha, a tua mãe não vai lá já mais do que é necessário, então para que vou lá eu também?”. Ele sentia-se, para já as notícias que tinha não eram más, e depois para quê ir o homem incomodar mais se a mulher já lá ia... [Riu]

A minha formação inicial foi necessária para a minha prática docente, em termos teóricos foi. Na forma de lidar com certas situações, não! Agora a parte teórica, as didáticas do ensino, as metodologias do ensino, contribuíram sim. A formação inicial de uma forma ou de outra contribuiu, muito menos do que aquilo que nós achamos que deve contribuir, mas depois nós percebemos que não pode ser mais do que aquilo. Aquilo é só o início e o resto nós também temos que saber fazer pela nossa vida profissional e adaptarmos e atualizarmos.

Com os meus primeiros alunos, acho que de certa forma, não me soou muito mal chamarem-me de professora porque nesse mesmo verão, e claro que eu escrevi a todas as editoras para me mandarem livros e então sempre que eu olhava para um envelope e que lia “Exma. Sr.ª Professora” aquilo fazia-me assim qualquer coisa e eu “Ai, mas quem é? Sou eu, pois é!” [Deu ênfase a esta frase] E acho que aquela “Exma. Sr.ª Professora” quando já só ouvia “Professora” já me parecia mais normal... [Riu]

Os meus primeiros anos de serviço, como já disse, foram muitos espalhados, com muitas experiências, muitas coisas muito boas, claro que também houve coisas menos boas, mas a minha filosofia é um bocado essa, vamos aprender com as coisas más e transformemo-las em algo que nos sirva para a parte boa.

Acho que sou uma professora de 1.º ciclo preocupada com aqueles olhinhos que estão à minha frente, acho que às vezes acabo por, em termos de empatia, ser... E é por aí que eu muitas vezes consigo agarrar neles, consigo criar muita empatia com eles e ter miúdos que ainda hoje, doze, catorze anos, miúdos que eu fui professora lá nos Açores que me telefonam e que me dizem “À senhora, ê so tou telefonando, lembra-se de mim, o Paulo Roberto? É para lhe dizer senhora, que ê vou casar este ano.” [Esta frase foi dita com pronúncia açoriana] Vê bem, há dezasseis anos que eu fui professora dele, ou quinze, se ainda se lembra de mim para me dar uma notícia tão importante na vida dele, de alguma forma eu...

Momentos mais marcantes pela positiva... Eu estou contente, eu não tenho nada de... Não há nada que eu sinta que...

Com os meus alunos acho que tenho uma relação muito saudável, com os encarregados de educação, felizmente em dezoito anos de carreira, também tem sido saudável. Em relação aos colegas, como é a minha relação com as colegas?... [Sorriu] É saudável também! [Riu]

Olha, há uma coisa que eu me lembro ainda hoje e sempre que sinto esse cheiro vem-me à memória. Nós na altura entrávamos ali por volta de seis, sete de outubro, as primeiras chuvas, aquele cheiro a terra molhada, ... Eram sempre nesses dias que eu ia com a minha mãe comprar as coisas para a escola, então associo aqueles primeiros dias de outono, aquelas primeiras chuvas...

As recordações que eu guardo do dia do meu casamento... Acho que foi o único dia da minha vida que consegui reunir toda a gente que foi até aquela data especial para mim, portanto só por si já é um acontecimento gigantesco.

Tenho muita pena hoje em dia, e já passaram doze anos que me divorciei e já explico porquê... [Riu] Tenho muita pena quando hoje em dia eu folheio o meu álbum de casamento e vejo que aquelas pessoas que tão especiais foram para mim em alturas da minha vida, já há muitas que não estão cá... [Ficou emocionada] Faz parte da vida...

O meu ex-marido era meu amigo de infância, fomos sempre os melhores amigos. A vida deu muitas voltas e cada um foi para seu lado e quando nos reencontrámos achámos que “Ainda cá se sente qualquer coisa...” [Deu ênfase a esta frase] Achámos que... Agora olhando para trás se calhar, olha, podíamos ter-nos mantido assim...

Casámos, fomos muito felizes durante três anos. A única complicação é que ele trabalhava em Lisboa e eu trabalhava em Évora. Ele achava que conseguia ir e vir todos os dias, imaginas o que é fazer uma viagem de 200km às cinco da manhã e voltar depois às oito da noite?

Entretanto a minha vida em Évora, vida profissional, casa escola, escola casa, tratar da casa, fazer as coisas de casa e o nosso relacionamento teve um desgaste tão grande que a certa altura sentámo-nos e aquilo que nós achávamos que era certo, o facto de ele ter que ir e vir todos os dias, aliás, ele achava que era certo e eu aconselhei-o várias vezes a não vir todos os dias... Sentámo-nos ao lado um do outro, e como sempre fomos muito amigos, olhámos um para o outro e “O que é que estamos a fazer aqui os dois juntos? As nossas vidas em conjunto não fazem sentido. A tua vida é em Lisboa e a minha vida é aqui”. E pronto, foi cada um para a sua vida, não há filhos do relacionamento, também na altura achávamos que não estava e devido a estas situações todas acabámos por não os ter, e foi aí que eu de repente achei por bem colocar-me à disposição de mais um distrito e vim cá parar... [Riu]

Sou uma mulher feliz. Porquê? Tenho tudo o que preciso. Não tenho uma pessoa, um companheiro por assim dizer, mas talvez mais tarde eu venha a pensar assim, mas se calhar neste momento, as escolhas anteriores ... Se calhar...

A maternidade... Se fosse há uns cinco anos atrás diria que era um sonho adiado, agora digo-te que é um sonho impossível... [Sorriu]

Por tudo aquilo que eu já disse, não consegui conciliar a minha carreira com a minha vida familiar... [Riu] E segui em frente.

O professor do 1.º ciclo é o exemplo, é o amigo, é o psicólogo, é o pai e a mãe, é o irmão mais velho, é o médico, é o enfermeiro, é tudo!

Professor do 1.º ciclo é professor na aula, é psicólogo porque os miúdos destas idades contam tanta coisa que muitas vezes é preciso desmistificar, é enfermeiro quando lá fora dão uma quedazinha e depois não querem que ninguém mais vá desinfetar a ferida e “Só quero a minha professora!” [Deu ênfase a esta frase], ou por exemplo quando têm um dente a abanar e dizem aos pais que não querem porque é a professora que tem que tirar o dente e depois a professora não gosta nada de tirar o dente, mas pronto... [Sorriu]

Acho que é, não quero estar... Porque sou suspeita, mas acho que é a profissão mais eclética que existe, somos de tudo um pouco e não vale a pena as pessoas acharem que “É pá, sou professora, chego ali, dou o meu recado e venho-me embora!”, quem pensa assim mais vale não estar cá.

Enquanto professora do 1.º ciclo sinto-me... Tem a ver comigo... Ser professora do 1.º ciclo eu acho que encaixa... [Suspirou]

Se eu fosse Ministra da Educação traria para a escola do 1.º ciclo condições de trabalho e condições de trabalho não é no sentido de mais computadores, mais quadros, mais recursos didáticos e multimédia, não! É ... Voltarem a ter orgulho na profissão porque agora tu tens uma percentagem que continua a gostar do que faz, mas... Eu não critico, nem a mim me cabe isso, mas... Sentir que as pessoas trabalham por amor à camisola, essa era a primeira, criar condições para que as pessoas voltassem a trabalhar por amor à camisola.

Em termos de... Como os programas estão sempre a mudar e nessa parte eu acho que nós somos como... Somos sempre os últimos a saber e eu acho que aí começa tudo mal. Devíamos ser os primeiros a saber para podermos criar e dar a nossa opinião porque nós estamos no terreno. Os professores devem ser os primeiros a serem ouvidos e ainda mais na infância, ponto final!

Como vejo o meu futuro... Vejo-me aqui muito parecida com esta senhora, olha já uso óculos, só não uso bata, mas vejo-me aqui muito parecida com esta senhora... [Estava a olhar para a imagem do Roteiro Biográfico-Visual] Mas com um sorriso, é só o que falta aqui porque pelo que eu estou aqui a ver, é a nível de um 3.º, 4.º ano e deve ser do 1.º ciclo, portanto no 1.º ciclo temos mesmo que sorrir, só o facto de nós chegarmos, entrarmos na sala e virmos a sorrir, os miúdos já têm outro comportamento.

Não gostava que a escola do futuro fosse uma escola impessoal como já se fala há tanto tempo... [Sorriu] Pode ser uma utopia, pode ser uma daquelas especulações, mas eu não me vejo um dia a ser professora sentada na minha sala com um computador à frente e a fazer uma videoconferência para os meus alunos, não vejo! Tenho que estar ali, ao pé deles. [Deu ênfase a esta frase]

A minha vida... Avaliar e classificar os momentos da minha vida:

Infância - 4;

Percurso escolar no ensino primário - 4;

Percurso escolar no ensino preparatório - Não vou dar 4 porque não gostei daquela primeira questão da adaptação, vale 3;

Juventude e Adolescência - Se fosse a minha mãe, se calhar não me daria, mas eu dou um 4 porque eu fui muito feliz. A minha mãe é que... Teve as suas preocupações de mãe de adolescente, não é verdade?

Ensino Secundário - Também. Tu vais achar assim “Esta mulher é 4 para tudo, está feliz com tudo?”, mas estou, não posso dizer outra coisa... [Deu ênfase a esta frase]

Ensino superior - 4, não há 5?...

Primeiros anos de carreira - 4;

Percurso profissional: Carreira docente - 4;

Relação com os seus pais - Os meus? 10... [Riu] 4;

Casamento - Pois aí no casamento é assim, eu não posso dizer que não fui feliz, podia ter sido muito feliz, fui feliz enquanto fui casada, 3;

Maternidade - Não sei o que é...

Entrevistadora - Muito obrigada, Carla!

Data e local da entrevista

29 de julho de 2015

Loulé

Perfil da entrevistada

- Nome: **FRANCISCA MARTINS**
- Data de nascimento: 09/06/71
- Idade: 44 anos
- Profissão: Professora do 1.º CEB
- Tempo de serviço docente: 19 anos

Entrevistadora - Quem é a Francisca Martins?

Gostaria de me falasse sobre a pessoa que é hoje e que recordasse as etapas da sua vida, como o seu nascimento, a sua infância, o seu percurso escolar, a sua carreira, a sua família, ...

Entrevistada - Eu nasci a 9 de junho de 1971. Nasci em Argenteuil, na França, os meus pais foram trabalhar para França e eu nasci em França. Muito pequenina, com menos de um ano vim morar para a casa dos meus avós, cá em Portugal, onde fiquei até os dez anos com os meus avós porque aos dez anos fui para outro sítio.

Quando vim para cá, tenho algumas memórias, algumas coisas contaram-me...

Sei que passei algum tempo em França no Jardim de Infância, mas como não falava Português, não me entendiam e era um bocado reguila, fui convidada a sair... [Riu] Entretanto os meus pais trabalhavam e arranjaram uma ama e um dia aperceberam-se que ela poderia estar a maltratar-me e então decidiram que eu ficasse de vez com os meus avós cá em Portugal.

Do nascimento à entrada para a escola primária passava o tempo a ir e vir, passava um tempo em Portugal com os meus avós e quando os meus pais tinham mais facilidade em estar comigo ia.

Até aos seis anos andei a fazer estas idas e vindas e aos seis anos decidimos que eu faria a escola primária em Portugal. Então aí fiquei com os meus avós e nas férias do Natal, da Páscoa e nas férias grandes, a seguir às férias dos meus pais, ia com eles para França, levava as férias em França e a escola em Portugal.

Os meus avós moravam numa terrinha ali no interior algarvio, no Zambujal, não tínhamos eletricidade, não tínhamos... Era campo, as casas não tinham, e algumas delas ainda não têm, as mais antigas e depois foram ficando abandonadas, não tinham água e não tinham luz.

Mais tarde, estava eu no 4.º ano e lembro-me da grande festa da chegada da luz, era uma aldeia que devia de ter umas cento e poucas pessoas, mas que se envolviam muito nestas coisas. A estrada não era alcatroada, não havia eletricidade, havia aldeias, não são bem aldeias, são um monte de casas que estavam separadas sem pontes e quando apareciam estas grandes obras as pessoas juntavam-se e faziam grandes festas.

A partir dos meus nove anos a aldeia começou a ter essas coisas todas, a luz, a ponte, a estrada alcatroada, ...

Aí vivi até aos dez anos, fiz aí a primária. Lembro-me de... A sala tinha os quatro anos, cada fila era um ano e também me recordo de algumas professoras, inclusive uma delas voltei a trabalhar com ela no final da carreira dela.

Era uma escola pequenina, éramos poucos, e... As nossas brincadeiras hoje em dia não são consideradas brincadeiras muito pedagógicas... [Riu] Hoje em dia era *bullying*... [Riu] Lembro-me de, na altura, há quase trinta, quarenta anos, na altura a base de Beja estava a funcionar e uma das coisas que nós gostávamos muito de fazer na hora do almoço, a escola ficava no monte e o cercado era todo à volta, então nós deitávamo-nos em cima do cercado porque àquela hora passavam sempre os caças que estavam a fazer os treinos, então eram todos os gaiatos deitados naquele muro de barriga para cima, a olhar para o céu para ver os jatos.

Outras coisas... Havia o cesto da refeição de um colega, e a mãe estava constantemente a fazer queixas, porque nós usávamos o cesto de cana para jogar à bola.

Aquilo era campo e a condição era antes da noite, estar em casa, portanto nós andávamos por li, corríamos, saltávamos, fazíamos asneiras.

Outra coisa que gostávamos de fazer no inverno era nas descidas, com sacos de plástico na lama, quando criava aquela lamazinha, deslizar por ali abaixo e isso era sempre sinal de levar umas palmadas quando chegasse a casa cheia de lama e essas coisas todas, mas era... Brincávamos nessas coisas, rebolávamos, ...

Quando chegava o calor e a erva crescia nós púnhamos lá no monte e vínhamos rebolando até chegar ao muro.

Não havia brinquedos... Quer dizer, havia brinquedos, mas em termos de escola as brincadeiras nossas eram todas assim, fazer guerras de pedras, à conta disso tenho algumas cicatrizes na cabeça porque fui atingida... [Sorriu] Subir às árvores, sempre foi muito mais de... Na altura, ali nos montes, em redor já era conhecida como Maria-Rapaz porque só fazia asneiras porque as meninas não se comportavam daquela maneira, as meninas brincavam com bonecas e estavam num cantinho e eu fazia muita asneira. [Riu] Eu fazia muita asneira, o que irritava um pouco a minha avó porque ela... Depois as pessoas falavam “A sua neta é isto, parece um demónio...”, mas para mim foi uma infância muito feliz e são recordações que eu guardo como tendo sido... Tenho um pouco de pena que a minha filha não tenha vivido estas parvoíces todas porque foram parvoíces, mas foram muito boas.

Tenho muito boas recordações dessa época, embora quando chegasse a casa, essa parte das memórias já não é tão boa... [Riu] A minha avó irritava-se muito comigo porque eu sujava a roupa, não podia ver uma poça de água que tinha que pôr o pé na água, chegava a casa toda molhada, era os *collants* rasgados, era lama nas calças... A parte de lá de casa não era assim tão boa, mas diverti-me imenso.

Entretanto os meus pais estavam em França e eu estava com eles nas férias e eles vinham cá, geralmente vinham mês e meio de férias e eu depois voltava com eles até as aulas começarem em outubro.

Aí era diferente, eles viviam numa cidade, mas tinham muita... Eram coisas diferentes, aqui era Maria-Rapaz, mas com a minha mãe já era sempre um bocadito mais calma. Ela abria assim os olhos quando via asneira e eu respeitava e aquilo tudo. Era

diferente porque os meus primos e os meus tios moravam junto a nós em França e nós passávamos os fins de semana juntos.

Eu ia com a minha mãe trabalhar, ela trabalhava às oito da manhã, saía de casa às sete para apanhar os transportes para Paris para fazer lá as suas limpezas. Era engraçado porque ela trabalhava a horas e cada patroa dela era uma pessoa diferente, com características diferentes e nesses tempos que eu passava lá com ela, ela ficava a trabalhar e eu ia com as senhoras passear, íamos às compras, ou deixavam-me usufruir das coisas delas, da televisão, dos livros, das revistas

Cada uma era diferente, mas muitas vezes, porque ela estava muito tempo, as manhãs inteiras, havia uma senhora grega que era muito querida, tratava-nos de maneira diferente, não nos tratava como o português imigrante que vai para França e estamos a falar dos anos oitenta quando havia muito a imagem de que o português, coitado, teve que ir ganhar a vida, mas ela como era uma pessoa que também tinha saído do país dela, era muito querida.

Mesmo a minha mãe a fazer a limpeza, ela queria que a minha mãe andasse de cabelo arranjado, com a roupa a combinar e aquelas coisas todas e tratava-me muito bem. Geralmente quando a minha mãe mudava de sítio, eu ficava com ela e íamos para Paris passear, lembro-me das primeiras blusas *Benetton* que nem sequer se falava cá, aqueles casaquinhos com os pintainhos, que eu achava aquilo horrível, mas que ela achava que era muito giro e comprou-me dois ou três de cores diferentes... [Sorriu] Passeávamos muito, íamos aos museus, conheci o Louvre, aquelas catedrais todas, conheci muitos espaços em França porque eu ia com ela enquanto a minha mãe trabalhava, então aquilo era engraçado, uma pessoa com dez aninhos nas ruas de Paris, parece que o mundo está cá em cima e nós vamos ali...

Foi uma infância feliz, pelo menos até aos dez anos, aquela parte em que as coisas se faziam sem responsabilidade, foi um momento engraçado.

Irmãos não tenho, tinha com os meus primos, como acabava por passar muito tempo em França, era uma espécie de irmãos com quem eu brincava e me relacionava e fazíamos uma série de brincadeiras, mas irmãos, com pena não tenho... [Sorriu]

Como nasci em junho, entrei para a primária aos seis anos. Aí fiz no monte, no Zambujal, naquela sala com quatro turmas, com um armário que era a biblioteca, para mim era uma espécie de tesouro porque uma das professoras incutiu-me, ou pelo menos transmitiu-me, não sei como ela fez, o gosto pela leitura e gostava muito de ler e tinha grandes discussões com a minha avó, pelo menos até à chegada da luz, porque ela dizia que estar a ler à luz do candeeiro a petróleo dava cabo dos olhos, mas eu queira ler e chegava aquele momento da história e eu queira ler...

Tínhamos grandes discussões por causa disso porque ela achava que não e "Se quiseres ler, lê de dia. Não tens nada que ler à noite porque estragas os olhos", mas à noite no campo não havia nada para fazer e então ler era realmente o que eu mais gostava.

Deste tempo lembro-me de ser muito rápida a fazer as coisas, sempre com a cabeça no ar, fazia tudo muito depressa para ser a primeira para depois não ter nada para fazer. Tínhamos realmente os quatro anos e às vezes eu conseguia ser mais rápida do que os anos avançados e aquilo para mim era motivo de orgulho.

Lembro-me de ainda no outro dia eu e o colega Orlando tivemos a fazer as contas e se eu tivesse chumbado na 4.ª tinha sido aluna dele. [Riu] Estivemos a fazer as contas das colegas que por lá passaram.

Recordo-me do ano das estagiárias, aquilo foi uma loucura, vinham moças novas de fora com coisas novas, nós ali no meio do monte perdidos no espaço, estávamos para aí a duas horas de autocarro de Loulé, estávamos mesmo ali isolados e para apanharmos o autocarro tínhamos que andar 7km a pé para poder apanhar e elas apareceram ali.

Apareceram com montes de coisas, papel de cenário, as tintas, pintar com as mãos, aquelas coisas que nós habitualmente não fazíamos, os passeios no campo porque geralmente ficávamos na sala, íamos para o campo porque íamos brincar, mas com elas não.

Lembro-me de ter saído, de ter uma daquelas blusas de pêlos e a minha avó dizia-me “Tem cuidado, vais para aí e não estragues a blusa!”, lembro-me de termos ido para uma zona de estevas e vim de lá com a blusa toda cheia daquele verniz das estevas e aquilo deixou a mulher toda irritada, enfim... [Riu]

Foi uma fase muito engraçada. Tenho algumas situações com a professora, mas a relação que nós tínhamos com os professores era diferente. O chão da sala era de madeira e eram aquelas secretárias inclinadas e então os livros estavam sempre a cair e como eu não parava, os livros estavam sempre a cair e então eu estava constantemente a ser chamada à atenção e depois eram as idas à casa de banho.

Eu estava sempre a pedir para ir à casa de banho e a professora começou a achar que eu exagerava nas idas à casa de banho e um dia disse-me: “Se tens assim tanta vontade, faz aí!”, e eu como tinha muita vontade... [Riu] Fiz e então estávamos naquelas cadeiras, com chão de madeira sem verniz nem nada, era pinho mesmo creme e começa a ficar assim uma mancha debaixo da mesa. A senhora abriu os olhos e eu “Mas você disse que se eu tivesse vontade, fizesse, e eu tinha.”

Ela não acreditava e depois aquilo era assim, não havia sanitas, era assim uma coisa onde nós metíamos o pé e tinha um buraco e eu tinha muito medo de cair para o buraco, então demorava, até me conseguir pôr a jeito, demorava um certo tempo porque tinha medo de cair lá para dentro e ninguém me encontrar lá no buraco... [Riu] Então demorava muito tempo e a senhora achava que eu vinha para a rua para brincar, mas era mesmo vontade. A partir daí nunca mais tive problemas com a casa de banho.

Nós morávamos no campo e os meus pais continuavam em França e eu quando cheguei à altura de ir para o 5.º ano acabei por, os meus pais na altura tinham comprado um terreno e construído uma casa em S.Bartolomeu de Messines e então conhecíamos um casal que tinha... Vendia máquinas de costura e máquinas de lã e depois acolhia as meninas que compravam as máquinas para fazer tipo um estágio, para ensinar e era uma pessoa próxima da família e dos amigos. Então fiquei com eles, fiquei a morar com eles nesses dois anos, no 5.º e no 6.º ano. Fiquei a morar com eles e fiz até ao 9.º ano em S.Bartolomeu de Messines.

Quando fui para o 7.º ano a minha mãe veio, deixou... Acabou por voltar e o meu pai ficou em França. Fomos morar as duas e foi uma época um bocadinho complicada porque nunca tinha vivido assim a tempo inteiro com a minha mãe e houve alguns conflitos, mas nada de anormal.

Desta fase, a parte inicial do 5.º ano foi difícil porque eu estava habituada, era uma Maria-Rapaz que dominava lá no campo, e depois vim para ali e por exemplo, uma das coisas que foi mais complicado de lidar era a relação que eu tinha com os rapazes porque se no campo eu brincava com os rapazes e era igual aos rapazes, quando cheguei ali, sentávamos, os colegas sentavam-se e a idade já era outra, já havia rapazes de onze, doze anos, e já viam as raparigas noutra perspectiva e então não achava muita piada que me

metessem as mãos nas pernas, que me apalpassem as pernas debaixo da mesa, então cada vez que isso aconteceu...

Não aceitei aquilo muito bem e começou assim uma fase complicada de umas reações cada vez que me tocavam ou faziam uma brincadeira que eu não gostava, eu batia. Eu andava sempre com as pernas negras, tinha sempre queixas dos professores, mas era nesse sentido porque aquilo para mim não fazia sentido e não tinham nada que me andarem aqui a apalpar, nem mexer, nem fazer coisas que eu não gostava.

Foi um bocado complicado o 1.º e o 2.º ano, mas depois ... Tive um professor que foi designado para falar comigo e perceber o que se passava e eu expliquei: “Não quero e é uma maneira que tenho de me defender”, mas aquilo foi falado e as coisas acalmaram-se.

Depois foi uma escolaridade normal, cheguei ao 9.º ano, fui para uma turma de Arte e Design.

As turmas de Arte e Design naquela escola eram consideradas maléficas, más, todos diziam que os meninos maus, os que chumbavam, os que não queriam estudar iam para aquela turma, mas não era bem assim. A turma de Arte e Design era diferente das outras opções e o que acontecia muitas vezes era que como essa turma era vista dessa maneira, naturalmente criámos uma certa empatia entre todos os alunos e quando havia alguma situação de antagonismo com um professor, a turma toda levantava-se e apoiava o colega, havia uma grande cumplicidade.

Aconteceu sermos suspensos das aulas porque de repente, era aquelas escolas que tinham buracos no teto, não sei explicar o tipo de edifício que aquilo era, mas têm assim uns quadrados, o teto da sala parece uma caixa de ovos, então aquilo tinha uns buracos e alguém decidiu começar a fazer rolinhos de papel e atirar para o teto. Fomos fazendo, fomos fazendo e aquilo lá ficou até que um dia aquilo começou tudo a cair no meio da aula e de repente, dois dias de suspensão.

Eram coisas assim, havia um colega que vinha de Alte, passava pela praça tirava, roubava, umas tangerinas lá no supermercado e no meio da aula começa tudo a comer tangerinas, tudo a atirar as cascas das tangerinas cá para baixo. Veio o diretor e mais um dia de suspensão. Aquilo era tudo assim, ninguém se acusava, todos estávamos metidos naquilo e era engraçado.

Nas disciplinas de Arte e Design o professor era muito porreiro, era diferente, íamos para o campo buscar pedras para fazer esculturas, íamos às oficinas buscar peças para fazermos esculturas, desenhávamos na rua, mas não era aquela de ir para a rua e não fazer nada, nós íamos para a rua e fazíamos.

Eu gostava daquilo, mas não gostavam assim muito de nós, mas foi realmente um ano muito bom, gostei muito, até porque essa turma acabou por ser a turma que vinha do 5.º ano, já nos conhecíamos e aqueles que vieram de fora eram aqueles que tinham chumbado, então nós criámos ali um grande grupo e era uma turma muito coesa e fez com que realmente o 9.º ano fosse um excelente ano de estudo.

Por essa altura, quando terminei o 9.º ano, o meu pai já tinha regressado e estávamos a morar os três juntos. Foi assim uma parte complicada porque apesar de estarmos muito juntos, viver como uma família nunca tínhamos vivido e eu na altura já tinha catorze, quinze anos, tinha a minha perspetiva sobre as coisas e a minha mãe achava que eu tinha que ver como ela via. Então foi assim uma fase um bocado confusa, não tivemos assim... Não fui uma adolescente rebelde, nem fiz asneiras, mas vivi interiormente essa situação porque não a considerava justa, porque ela também não me conseguia explicar. Eu tinha o

respeito pelos meus pais, eram adultos, mas não tinha o à vontade para falar com eles e explicar-lhes aquilo que sentia. Eles é que mandavam, era um pouco a mentalidade das pessoas daquela idade e enquanto eles mandavam, fazia-se assim. Esse é um dos aspetos que hoje em dia eu tento perceber com a minha filha, mas respeitando, perceber o que ela sente em relação a isso, uma vez que eu não tive oportunidade de explicar porque pensava assim ou pensava assado. Eu dizia desta maneira e “Lá vens tu com as tuas ideias. Tem que ser assim!” e as coisas funcionavam um bocado assim, por isso foi um período mais... Foi um pouco angustiante, sei lá, mas pronto, passou-se.

Entretanto aos quinze anos, portanto nós fazíamos o básico em Messines e quando chegávamos ao 9.º ano tínhamos que ir para a Escola Secundária de Silves, ficava ali a cerca de vinte e poucos quilómetros, íamos fazer o secundário.

Nessa altura tinha quinze anos, fui estudar para Silves e assim um dos momentos mais marcantes foi ter que apanhar pela primeira vez um autocarro. Nunca tinha andado de autocarro sozinha e de repente ter que ir para a paragem esperar pelo autocarro, aquilo foi assim: “E agora? E se eu perco o autocarro? E se eu não consigo entrar? E se depois, à vinda para cá?”.

Destes primeiros momentos de secundário foi assim a coisa mais... Nem foi “E agora onde vou comer? A cantina ... A escola nova...”, não, foi mesmo o autocarro.

Aquilo entretanto resolveu-se porque nos primeiros tempos fomos no autocarro da carreira, mas depois a câmara municipal pôs um autocarro para fazer o transporte dos alunos de manhã, tarde e almoço, portanto aquilo foi secundário.

Foram uns anos engraçados, eu fui para a área das Humanísticas, tinha algumas disciplinas... Nunca fui muito de Matemática, Físico-Químicas, Geografia, nem dessas coisas, arranjei maneira de fugir a isto tudo. Geralmente tinha negativa a Matemática e Físico-Química... [Riu] Mas tinha que ter positiva nas outras para passar o ano. Até que no 8.º ano estive um bocado complicado porque a Geografia veio meter-se no meio, mas... Perante isso tudo pensei, há a hipótese de deixar a Matemática e as Químicas e então fui para Humanísticas, para a área de Jornalismo.

Foi interessante porque eles tinham na altura uma rádio local e nós podíamos fazer programas na rádio, fizemos jornais, ... Era uma turma também muito... Eram pessoas novas, vindas de vários sítios porque aquela zona apanhava desde Albufeira, Armação de Pêra, Carvoeiro, Lagoa, não havia escolas secundárias nesses sítios e então vinham todos para ali. Éramos os da serra, que éramos nós, mais os do litoral, mas não havia conflitos, o pessoal dava-se todo bem uns com os outros.

Foram dois anos porque no final do 11.º fui fazer as provas de admissão para a Universidade Católica, para o curso de Direito e entrei.

Terminei o secundário no 11.º e entrei na Universidade Católica no ano zero em Direito. Não fiz o 12.º porque o chamado ano zero dá-nos uma certa admissão ao primeiro ano, no 12.º ano tínhamos três disciplinas em Humanísticas e ali não, já tínhamos oito ou nove disciplinas, Introdução ao Latim, Direito Romano, portanto já algumas bases, para além das disciplinas bases do 12.º ano, já tínhamos algumas disciplinas ligadas ao curso de Direito e depois entrava-se diretamente para o primeiro ano e concluía-se o curso. Em vez de fazer a admissão no primeiro ano com o 12.º, fazia-se no 11.º para o ano zero.

Estive lá três anos, mas não gostei e foi assim uma fase complicada da minha vida porque houve um momento em que fisicamente recusei mesmo porque não gostava e então acabei por interromper o curso e ir estudar para o Liceu Camões para fazer o 12.º ano

porque não tinha feito. Se continuasse no curso, tudo bem, se quisesse voltar a ingressar na universidade, aí tinha que voltar ao 12.º para fazê-lo.

Fui fazê-lo no Liceu Camões, fiquei lá um ano, não era assim tão mais velha que os alunos, era um bocado... Ainda hoje mantenho algumas amigas que conheci lá na altura e entretanto à noite estava a fazer um curso semi-profissional de Relações Públicas que abrangia várias áreas, desde Receção, Marketing, Publicidade, Relações Públicas, portanto de dia fazia o 12.º e à noite estava no IADE a fazer esse curso de um ano.

Quando terminei o 12.º ano, apanhei aquelas PGA todas, foi no ano em que fizemos uma série de provas e ficava-se com a nota mais alta e foi assim em termos escolares, foi um ano um bocado atribulado nesse sentido porque para entrarmos na universidade tivemos que fazer duas ou três provas e depois contava a nota mais alta, e então aquilo foi assim um bocado complicado.

Entretanto já tinha terminado o 12.º e terminado o curso e decidi regressar ao Algarve e vim para casa dos meus pais... [Riu] Vim morar para casa dos meus pais e entretanto candidatei-me à universidade com as notas que tinha e com as notas da PGA, com aquelas médias todas que tinha e candidatei-me.

Nesse ano a minha primeira opção para um curso superior foi Turismo, mas não consegui entrar e então decidi inscrever-me aqui em Loulé, no liceu, para fazer melhoria de nota para tentar no ano seguinte os exames.

Entretanto, na altura eram só duas ou três disciplinas por fazer, aquilo tinha uma aula de manhã, depois tinha outra ao fim do dia e outra dali a dois dias e uma das professoras tinha partido o pé, estava de baixa e aborreci-me com aquela situação e decidi procurar emprego.

Decidi procurar emprego para estar entretida e então arranjei uma empresa de trabalho temporário, indicaram-me e eu fui lá e fui fazer uma entrevista e fiquei a trabalhar numa loja de decorações nas Escanxinas, na estrada para Vale do Lobo e agora já nem existe. Fiquei lá a trabalhar como secretária, atendia o telefone, fazia as cartitas na máquina de escrever porque ainda não havia computadores, e entretanto comecei a atender os clientes. O dono era uma pessoa já de uma certa idade, uma pessoa muito mais velha, já com mais experiência e tinha o seu lugar na sociedade, foi-me ensinando a fazer as coisas e inicialmente comecei a vender na loja e a fazer aquela parte de secretariado, a atender na loja, comecei a atender os clientes e cheguei ao momento em que já ia à casa dos clientes em substituição dele para tirar medidas e fazer a proposta de decoração e isso tudo. Trabalhei lá um ano, mas chegou a uma altura que, pelos vistos fui boa aluna e ele deu-me à vontade para fazer isso.

Entretanto, ia estudando, porque pensei “Não vou subir as notas do secundário, mas vou ao menos tentar que a nota de admissão seja superior.” No ano anterior nós em Filosofia só demos Kant e Engel e quando eu cheguei à prova havia toda uma série de outros pensadores que o professor não tinha dado nada e então depois acabei por arranjar os manuais e aqueles apoios ao estudo e acabei por estudar para preparar-me para a prova para ver se conseguia entrar de novo.

Foi aí que me candidatei e fui para o 1.º ciclo. Entretanto aquilo começou a ficar um bocado mau e a loja acabou por fechar e eu que já trabalhava há um ano, aquilo sabia bem, embora vivendo em casa dos pais, mas financeiramente tinha uma certa autonomia... [Sorriu] Era aquela: “Vou aqui...” e claro, se tenho o meu dinheiro próprio, se tenho o meu carro, já não há aquela dependência.

Entretanto arranjei... Uma amiga minha, o primo tinha, tem, uma imobiliária e arranjou-me... Porque no final, naqueles últimos meses lá na loja de decorações, ele entretanto pegou numa loja de imobiliário na Marina de Vilamoura e passava mais tempo na marina e eu passava mais tempo ali, mas ele trazia umas coisas para eu fazer ali. Então como já estava assim um bocado familiarizada com aquilo, ela disse-me: “O meu primo precisa de alguém, não queres ir?”. Eu disse: “Posso ir, vou fazer a entrevista de trabalho. Isto é o seguinte, se em setembro eu tiver nota para entrar, vou-me embora. Portanto, venho, fico aqui, mas na condição de se eu entrar para a universidade em setembro, eu vou-me embora.”

Assim foi, passei lá o verão, trabalhei e quando saíram as notas entrei no curso de 1.º ciclo, mesmo do 1.º ciclo, na altura no pólo de Vila Real de Stº António, Bacharelato, três anos em Vila Real de Stº António.

Como era muito longe acabei por ficar lá, os meus pais acabaram por me ajudar a alugar uma casa e acabei por ficar lá durante a semana e depois vinha no comboio, vinha à 6ª Feira à noite. No 1.º ano ia para Faro porque nós tínhamos umas disciplinas em Faro e no fim do dia a carrinha da universidade levava-nos.

Foram assim três anos sossegados, já com uma idade... O meu percurso universitário foi dos vinte e três aos vinte e sete, vinte e oito. Nesta idade já é diferente de se ter dezoito anos... [Riu] Então já as coisas foram feitas com mais calma, já havia mais empenho, e a notazita até foi porreira, à exceção das disciplinas de Matemática e Físico-Química que acabaram por descer as outras, mas a média de saída não... Até nem foi má de toda.

Foi um ensino superior calmo, não daquelas grandes loucuras, em Vila Real também não há assim grande vida académica, há qb... [Riu] Então foi assim um ensino superior muito... Calmo.

Fiquei lá os três anos, vinha a casa e estava com os meus pais ao fim de semana. Mais uma vez isto de voltar a casa é complicado, portanto, comecei a morar com os meus pais aos treze anos, depois aos dezassete fui-me embora para Lisboa, depois voltei aos vinte e um, fiquei dos vinte e um aos vinte e três e aos vinte e três fui-me embora outra vez, fiquei três anos fora.

Aquela parte de vir a casa e de querermos... Andamos livres a semana toda, somos donos da nossa vida, entre aspas, e depois voltar a casa, ter horas para entrar, horas para sair e aquelas coisas todas, é assim... É assim um bocado complicado, mas pronto.

Nessa altura já namorava com o meu marido e ele ia muitas vezes, havia muitos fins de semana que eu não vinha porque ele ia lá ter, ele já tinha carro, íamos à praia e aquelas coisas todas e não vinha a casa.

Vir a casa ao fim de semana, querer sair ou querer estar mais tempo, aquilo era assim um bocado complicado porque eles “Estás cá em casa, tens regras” e eu dizia “Eu passo semanas inteiras... Desde os dezassete anos que eu passo semanas inteiras, meses fora de casa...”, mas “Tu estás lá... E aqui estamos com o coração nas mãos.”

Então havia sempre aquela... Sempre foram assim um bocado dominantes, um bocado fechados.

A minha mãe na altura ficou um bocado chateada por eu ter desistido ao curso de Direito e depois... Acabou por me apoiar na escolha seguinte e acho que... Hoje em dia diz que eu trabalho muito... [Riu] E passo muito tempo fora de casa, mas penso que está satisfeita.

Ainda no outro dia estava o meu pai a contar um episódio porque eu terminei a universidade e como já falámos no outro dia, eu terminei e universidade e recebi o convite para ir trabalhar para o Colégio de Vilamoura, nem sequer foi concurso, foi convite, fiz a entrevista e passei. O meu pai estava a contar isso à minha filha, muito orgulhoso: “Estás a ver. Tens que ser como a tua mãe, foi escolhida” porque ela não é assim muito ligada à escola.

Sinto que eles me apoiaram e me apoiam hoje em dia.

Estou naquilo que escolhi.

Como disse, fui entrevistada, fiquei no Colégio de Vilamoura, onde trabalhei durante cinco anos. Como fiz o percurso tarde, quando saí da universidade tinha vinte e sete anos, já namorávamos há oito anos e em consequência de tudo isto, aquilo já nem era carne, nem era peixe, era aquela coisa e então decidimos no final do meu primeiro ano de serviço, decidimos, algures ali pelo meio, casar.

Foi assim um processo um bocado complicado porque a família queria grandes festas, igrejas e aquelas coisas todas e nós queríamos uma coisa simples e então as ideias de uns entravam em choque com as ideias de outros, chegou a um ponto e dissemos: “Já não se faz nada!”, “Calma, vamos fazer assim uma coisa pequenina, só para a família sem grandes coisas.”

Entretanto a escolha do vestido para a minha mãe foi assim “Ah...”, então diz que eu fui de vestido de ir à praia, embora branco, mas vestido de ir à praia. Foi uma coisa simples, foi aquilo que pensámos, até que ainda costumamos dizer na brincadeira um ao outro: “Ainda nos falta um casamento, ainda fazemos um graaande [Deu ênfase a esta palavra] casamento.”

Foi passando por várias etapas, os cinco anos do colégio... Portanto eu casei-me em 98 e depois a Inês nasceu em 2000, como tinha uma certa idade decidimos que já tínhamos esperado muito tempo, já estávamos a chegar aos trinta, começámos a fazer contas e decidimos que, até tínhamos a nível de emprego alguma estabilidade, então estava na hora de aumentar a família e veio a Inês.

Veio a Inês, sendo que o momento em que a Inês nasceu, se calhar foi assim... É um dos momentos do auge da minha vida, foi de parto natural... O momento da expulsão, aquele sair é daquelas coisas que às vezes ainda me arrepio. Não foi muito doloroso, foi um parto de duas horas e meia, não sofri assim muito e felizmente a minha filha em termos de saúde sempre esteve bem, nunca teve problemas, agora só aos doze, treze anos é que teve uns problemas com as amígdalas, mas aquilo resolveu-se.

Não perdi noites de sono com ela, foi um bebé... Vimos pessoas que não dormem porque o bebé chora, porque isto, porque aquilo, não, a minha Inês sempre foi...

Sempre a criámos de maneira a que ela fosse muito autónoma e fizesse tudo sozinha porque ela... Teve aí uma situação ali na entrada da primária que descobriu um bocado isso, mas até aos seis anos sempre foi... Com supervisão, mas lavava-se sozinha, comia sozinha, escolhia a roupa, eu deixava uma roupa e ela ia às escondidas e trocava por aquilo que ela queria, sempre foi muito autónoma.

Felizmente nunca nos deu, nunca perdemos uma noite de sono com ela, sempre... Também tive uma boa professora que já ia no terceiro filho e que me ensinou alguns truques e então mediante esses conselhos... Foi realmente... Não posso dizer que... Se calhar se tivesse tido outro, não ia ser tão bom, tão calma a maternidade.

Quando ela tinha seis meses eu decidi fazer o Complemento de Formação, tive nessa altura, e a minha mãe ainda tem, mas ela agora já tem quinze anos é diferente, mas a minha mãe sempre me apoiou e até foi das pessoas que mais me incentivou “A miúda agora tem seis meses, são dois anos e ela não se lembra, tem o pai e tem-nos a nós, não vai sentir muito a tua falta, se calhar vai sentir mais quando for mais velha.”, então foi no fundo um bocado ela que me incentivou a fazer o Complemento de Formação e aí foi assim...

Nessa fase a conciliação das duas coisas era tipo sair de casa às oito da manhã e chegar à meia-noite e às vezes havia dias em que não a via, mas fez-se, foi-se conciliando, o pai também ajudava e acabámos por...

Depois, mais tarde tornou-se um bocadito mais complicado, aquela fase em que eu estive na coordenação da Educação de Adultos. Quando ela chegou aos três anos e meio, eu estava no colégio e decidi “Olha, agora preciso de acompanhá-la, ela precisa de ir para a escola e então está na hora de eu ir para outras paragens.” Foi aí que eu saí do colégio e entrei para o público.

Entretanto a primária foi um bocadinho mais complicado, houve alguns episódios, o acidente do meu marido, foram situações mais difíceis, mas tem-se conseguido conciliar. Faz-se como se pode e agora neste momento, em termos de... Nesse sentido tenho muito mais tempo disponível porque a rapariga está com quinze anos, tem as suas amigas, tem a sua vida e eu já não sinto tanto a culpo quando tenho que ficar até mais tarde ou ter que levá-la para a reunião e essas coisas todas.

Entrevistadora - Peço-lhe que avalie os principais momentos da sua vida.

Entrevistada - A minha infância foi muito feliz.

O ensino primário também foi muito feliz.

O ensino preparatório também foi.

A juventude/adolescência foi assim... Foi feliz.

O secundário foi feliz.

O superior foi muito feliz.

A carreira também. É assim... Até agora... No geral o meu percurso profissional considero muito feliz.

Tenho uma relação feliz com os meus pais.

E muito feliz com o casamento e a maternidade.

Entrevistadora - Muito obrigada, Francisca!

Data e local da entrevista

23 de julho de 2015

Loulé

Perfil da entrevistada

- Nome: **ISABEL MARUM**
- Data de nascimento: 27/01/72
- Idade: 43 anos
- Profissão: Professora do 1.º CEB
- Tempo de serviço docente: 21 anos

Entrevistadora - Quem é a Isabel Marum?

Gostaria de me falasses sobre a pessoa que és hoje e que recordasses as etapas da tua vida, como o teu nascimento, a tua infância, o teu percurso escolar, a tua carreira, a tua família, ...

Entrevistada - Eu nasci no dia 27 de janeiro de 1972, em Loulé.

Fui uma criança, daquilo que me lembro, uma criança feliz, uma infância feliz.

Aos quatro anos integrei o Rancho Folclórico Infantil de Loulé porque gostava e gosto muito de dançar, então estive no rancho até aos trinta anos.

Brincava essencialmente na rua porque os meus pais tinham e têm uma loja de comércio numa das ruas principais aqui de Loulé e a rua era fechada ao trânsito, então nós, eu e os filhos dos outros senhores das lojas, brincávamos na rua à apanhada, a saltar ao elástico, à macaca, ... Essencialmente a minha infância foi passada a brincar na rua, não havia ATL, nem centros de explicações, portanto... [Riu] Era uma infância muito mais saudável.

Tenho dois irmãos, um mais velho e outro mais novo, sou a menina do meio e mantive sempre uma relação mais próxima com o meu irmão mais novo do que com o meu irmão mais velho. Temos uma diferença de sete anos, tanto do mais velho como do mais novo, mas a minha relação foi mais próxima com o mais novo talvez por o mais velho ser rapaz e não ligava tanto à menina e então liguei-me mais ao meu irmão mais novo.

Tenho boas recordações da minha infância, não me lembro de situação nenhuma que me tenha marcado. Sempre tive com os meus pais também uma relação de respeito, não muito próxima...

A relação com os meus pais foi uma relação sempre de respeito, não muito próxima porque eles já tinham uma certa idade, então tiveram filhos um bocadinho mais tarde, mas daquilo que me lembro, brincávamos, íamos à praia, fazíamos passeios... Não aquela relação de os pais são os amigos, mas são pais.

Penso que fui bastante feliz com a educação que me deram. Nós fazíamos passeios, brincávamos, lembro-me de ir à praia, lembro-me de... Nós tínhamos uns tios em Viseu e todos os anos íamos passar férias a Viseu e fazíamos imensos passeios.

A minha infância essencialmente... Também os passeios que eu fazia eram com o rancho, passeávamos muito pelo país e...

Entreí na escola primária com seis anos e o meu ensino primário foi feito em Loulé, na altura era a Escola do Serradinho, era a escola n.º1, agora é a Mãe Soberana e daquilo que me lembro da escola, tenho as melhores recordações do ensino primário, tanto que hoje em dia sou professora do 1.º ciclo devido a isso.

A minha professora era uma senhora, também já com uma certa idade, mas com métodos e didáticas muito modernas que eu agora utilizo aquilo que ela utilizava. Ela já utilizava material de *cuisenaire*, já utilizava técnicas de cálculo diferentes com materiais... Apresentava materiais diferentes, portanto era uma senhora muito para a frente. Uma professora muito moderna para a idade que tinha e naquela altura...

Fiz grandes amizades na escola primária e... Gostei muito de frequentar a escola primária, tanto que no final do 4.º ano a escola para onde eu ingressei no 2.º ciclo estava em obras e não começou logo em setembro e nós durante aquele período de tempo... Eu ainda regresssei à escola primária para ajudar a minha professora com a turma do 1.º ano que ela iria receber. Lembro-me de estar lá com o ponteiro a ensinar a tabuada... [Riu] Para os meninos dizerem a tabuada, é uma imagem que tenho constantemente.

Pela negativa, não me lembro da escola primária me marcar pela negativa. Sei que uma vez a professora deu-me assim um safanão na cabeça porque eu estava a conversar, mas de resto não... Não tenho assim... Não tenho aspetos negativos a referir.

Lembro-me de brincar no pátio da escola, de fazer aquelas brincadeiras normais de criança, não... Não gostava de beber o leite da escola, o leite escolar não gostava de beber e... [Riu] E de resto, penso que sempre foi... O meu percurso escolar foi muito agradável.

Depois quando iniciei o ensino preparatório foi na... O que hoje se chama de Escola Duarte Pacheco, fiz lá o 5.º e 6.º ano, em Loulé, e também tenho boas recordações. Sempre fui uma menina muito bem educada... [Riu] Muito aplicada, não respondia aos professores, portanto tentava sempre dar o meu melhor, daí não ter assim momentos muito negativos que me lembre.

Foi um percurso agradável, onde conheci novos colegas, os professores também... Ainda tenho alguns em memória, foram agradáveis.

Quando passei para o liceu, portanto o 7.º, 8.º, 9.º e o resto do secundário foram... Na altura era tudo no liceu e foi também em Loulé e todo esse percurso foi feito na Escola Secundária de Loulé.

Houve algumas situações engraçadas de turmas por onde frequentei. Na altura eram alunos rebeldes, gostavam de fazer algumas asneiras e ainda me lembro de uma situação em que estávamos na sala e então o colega começava a passar o papel a dizer que às tantas horas tínhamos todos que olhar para o teto.

Então, às tantas horas, lá olhávamos todos para o teto e o professor ficava muito assustado porque estava toda a gente a olhar para o teto e o professor: "O que se está a passar? O que se está a passar? O teto vai cair?". Estava tudo a olhar para o teto porque o rapaz era o líder da turma e então lá fazia aquilo de vez em quando que era para quebrar as monotonias das aulas de Matemática.

Outras situações desses colegas... Havia uma professora que tinha já uma certa idade e que não se deslocava muito bem e então... Era de estatura baixa e o que é que esse colega fazia? Escondia o apagador por cima da... O quadro tinha a lâmpada por cima e a

senhora quando chegava à sala nunca sabia do apagador e lá começava: “Onde o menino pôs o apagador?”.

Perdíamos imenso tempo com estas situações porque estes meninos não gostavam de estudar e nós gostávamos daquelas brincadeiras porque sempre eram um momento para perdermos aulas. Tirando isso, foi um percurso normal, o que... Também havia festas na escola, também participava nas festas, mas nunca fui muito de... De participar na Associação de Estudantes, não era muito participativa nesse aspeto.

A minha juventude e adolescência, basicamente passava no rancho, frequentava o rancho, tínhamos os ensaios, tínhamos as saídas, naquela altura não havia muito mais atividades tirando isso. Depois também frequentava a catequese e tinha os encontros de catequese e basicamente era assim, era com os meus irmãos, com a minha família e com os meus amigos destas atividades.

Tive e tenho grandes amigos que iniciei no rancho porque na altura era a única atividade que... Onde as crianças podiam ocupar-se aqui em Loulé. Era o rancho, a música, a banda e depois a catequese, os escutas e as guias e então ainda temos, tenho grandes laços e recordações com pessoas que eu frequentei no rancho.

No rancho nós fazíamos imensas atividades para além das atuações fora nos festivais de folclore, fazíamos festas de Natal onde fazíamos teatro, fazíamos festivais da canção... [Riu] Quando fazíamos as viagens de autocarro também fazíamos passagem de modelos, cantávamos, ...

Foi um momento muito... Muito bem passado e quando nós nos encontramos dizemos: “Vocês lembram-se disto? Temos de voltar outra vez ao rancho.” Acho que já não era igual porque a prioridade da vida agora é diferente e na altura era tudo muito mais leve, mais bem vivido.

Depois quando terminei o ensino secundário, a minha perspetiva inicialmente não era ser professora do 1.º ciclo, era ser professora de Geografia. Fiz o exame, na altura eram as provas específicas, e fiz o exame de admissão e concorri à primeira opção para ir para Coimbra para tirar ensino de Geografia, só que por décimas não consegui entrar.

Então resolvi frequentar um ano noturno e fazer mais uma disciplina, na altura era o Português, acho que havia o Português A e o Português B, e fiz com outra amiga. Fizemos um ano de ensino noturno para depois então concorrer ao ensino primário em Faro só no ano seguinte.

Tive um ano de espera depois de acabar o 12.º ano, tive um ano de espera e só no ano seguinte é que entrei realmente no 1.º ciclo, na ESE de Faro. Durante esse ano em que estudava à noite dava explicações durante o dia, eu e essa minha amiga que por acaso é madrinha do meu filho. Depois ela tirou educadora de infância. Demos explicações durante um ano para aproveitar então esse tempo de espera para entrar na universidade.

Então nesse ano a seguir consegui realmente entrar na primeira opção, nesse ano foi mesmo a primeira opção que foi ensino primário na Escola Superior de Educação de Faro.

Na altura devia ter dezanove anos quando entrei na Universidade do Algarve e também foram três anos muito agradáveis onde aprendi aquilo que agora estou a aplicar, algumas coisas porque outras vamos aprendendo ao longo do tempo.

Os três anos foram muito bem passados. Inicialmente eu não participava naquelas atividades académicas, tanto que fugi da Semana Académica para não ser praxada... [Riu] Mas o percurso académico foi agradável, fiz grandes amizades e aprendemos coisas e

participámos em experiências em comum muito interessantes. Depois, mesmo no final do 3.º ano, então é que nós participávamos mais nas atividades da universidade. Íamos aos arraiais e...

Essencialmente gostei deste período porque foi a hipótese que eu tive de sair um bocadinho de casa, debaixo da alçada dos pais. Tínhamos os trabalhos de grupo, então eu tinha que ficar... Eu estava em Loulé e todos os dias ia para Faro, deslocava-me de autocarro de manhã e depois quando o meu pai me deixava levar o carro, de vez em quando lá levava o carro. Ficávamos lá na casa de outras colegas que tinham quarto alugado para fazer os trabalhos de grupo e então aproveitávamos para depois ir um bocadinho para... [Riu] Para a noite. Foi assim um bocadinho o libertar da família porque a relação de respeito que tenho com os meus pais era precisamente isso, não havia muito aquela liberdade que há hoje em dia, mesmo com dezoito anos não conseguia sair de casa com tanta facilidade como os jovens de quinze e dezasseis anos.

No final do 3.º ano, portanto o meu curso foi de três anos, foi Bacharelato inicialmente, depois posteriormente fiz a Licenciatura através da Universidade Aberta e comecei depois a trabalhar, não logo no primeiro ano, mas passados alguns meses. No final de maio do ano a seguir a que terminei o curso comecei a trabalhar então em Coimbra porque na altura o Algarve não tinha vagas para professores do 1.º ciclo.

Os meus pais, como já referi anteriormente, hoje em dia o meu pai tem oitenta e dois anos e a minha mãe tem setenta e quatro, na altura não foram uns pais muito novos, mas sempre tentaram dar aos três filhos as melhores condições que puderam e recordo-me disso perfeitamente. Eles sempre nos deram o melhor e não tive razão de queixa, sempre tivemos aquilo que queríamos na altura e nunca houve dificuldades, graças a Deus não tínhamos muitas dificuldades económicas.

Os episódios que eu me lembro de passar com eles são as viagens que nós fazíamos, os passeios, os momentos de convívio de família. No verão fazíamos muitos piqueniques em Quarteira naquela zona do pinhal quando vinha a minha família do Norte e eu recordo-me perfeitamente de brincar com os meus primos, de levarmos as mantas e estarmos sentados no chão a fazer o piquenique e depois irmos para a praia.

Eles sempre me inculcaram os valores de amizade, de respeito, de... Eu também agora tento passar aos meus filhos e também aos meus alunos, todos esses valores que os meus pais também me passaram.

Eles sempre me deram o apoio que eu... Tudo aquilo que eu achava que gostava de fazer eles apoiavam-me, é claro que quando eu disse que queria ir para Coimbra a ideia não foi lá muito agradável. Ir estudar para fora na altura não era assim muito... Não era bem visto, não era muito agradável deixar uma filha ir para Coimbra para concorrer à primeira opção, mas pronto, era aquilo que eu queria na altura e então... Se calhar para eles até foi uma sorte não ter entrado... [Riu] Ter ficado aqui próximo de casa.

Eles gostam daquilo que eu faço e para eles acho que é um orgulho a filha estar aqui em Loulé a trabalhar e depois os pais dizem: “A sua filha foi professora do meu filho.”. Acho que é sempre um orgulho para eles.

Hoje em dia a minha relação com eles é uma relação próxima porque eles adoram os netos, tenho dois filhos e eles adoram os netos, mas também devido à idade já também não saem muito, ainda continuam no estabelecimento comercial que têm e vão passando o tempo assim.

A relação que nós temos mais é também através dos netos, passeamos um bocadinho ao fim de semana, eles vão visitar os avós e pronto, tentam nos dar o apoio que eu às vezes preciso para ficar umas horinhas com os miúdos.

A minha carreira docente iniciei com vinte e três anos, depois de terminar o Bacharelato e comecei em Coimbra precisamente, não fui lá tirar o curso, mas fui trabalhar os primeiros meses em Coimbra... [Riu] Numa escola de Coselhas.

Depois disso, vim então para o Algarve e desde essa altura, desde 95 que me encontro no Algarve e não tenho saído do Algarve.

É claro que a minha família não ficou muito contente de eu ir para fora, mas era o que havia na altura e o importante era ter tempo de serviço. Claro que depois apoiaram-me e nos primeiros dias foram-me lá levar, foram conhecer onde eu ia ficar, andaram à procura de quarto comigo e depois ainda foram lá passar o fim de semana na casa dos senhores onde eu fiquei, manteve-se também uma boa relação.

Passsei por algumas escolas, estive em Vale Verde, na Azilheira e depois vim para o concelho de Loulé e já há alguns anos que estou aqui no concelho de Loulé.

Durante este percurso de vida e trabalho, entretanto casei em 2002, estava na escola de Querença, casei com um rapaz que já conhecia há muito tempo, mas que na altura não dava para namorar, éramos só amigos.

Foi um momento importante, é claro que o casamento é sempre um momento importante. Foi planeado com muita antecedência, foi feito de acordo com aquilo que nós gostaríamos e de acordo com aquilo que sonhámos.

Considero que a minha vida de casada é uma vida normal, é uma vida feliz e temos partilhado bons e maus momentos.

A minha maternidade... O meu primeiro filho nasceu em 2004, mas foi uma situação muito atribulada porque ele nasceu prematuro, nasceu com vinte e três semanas, então foi assim um período assim um bocadinho complicado, mas graças a Deus, correu tudo bem, ele conseguiu superar todas as dificuldades que inicialmente tinha.

Portanto neste período estive de licença e foram praticamente seis meses que eu estive no hospital e depois em casa com ele, mas pronto, a situação passou. Foi uma situação muito complicada porque todos os dias o meu filho estava em perigo de vida e era viver um dia de cada vez, mas graças a Deus, ele tem onze anos e está um excelente menino.

Depois o meu segundo filho nasceu em 2009, de parto normal, não houve situação nenhuma complicada, muito pelo contrário, nasceu às quarenta e uma semanas, o rapaz não queira... [Sorriu] Não queria sair cá para fora.

Apreendi muito com o nascimento do meu primeiro filho porque aprendemos a viver um dia de cada vez, a não ter muitas expectativas com as coisas porque às vezes não acontecem como nós queremos e a culpa não é nossa, as coisas acontecem porque têm que acontecer. Ele também nos deu muitas alegrias, passámos por experiências agradáveis e as agradáveis têm superado as menos agradáveis.

Sou uma mãe feliz, acho que sim... [Sorriu] Porque os meus filhos dão-me muitas alegrias e porque tento dar-lhes aquilo que... O melhor para eles estarem bem porque se eles estão bem, nós estamos bem.

Tenho tentado conciliar a carreira docente com a vida familiar porque tenho um horário de trabalho que permite que eu vá buscar os meus filhos à escola, apesar de eles

terem que ficar ainda algum tempo no ATL ou mais algumas horas na escola, mas permite-me que eu vá buscar os meus filhos à escola.

Normalmente é o pai que os leva, o mais velho já vai a pé para a escola, o pequenino não, mas normalmente sou eu que os vai buscar ao final do dia e tentamos sempre conciliar os nossos horários de forma a podermos estar presentes na vida familiar. Quando não é possível, quando há reuniões, então aí temos que chamar os avós e outras pessoas da família para darem esse apoio porque o horário do meu marido às vezes não permite.

A minha profissão... Eu adoro aquilo que faço, gosto muito de ensinar. Não gosto de mexer em papéis e de ter que trabalhar com papéis, gosto muito de ensinar.

Acho que o professor do 1.º ciclo é um mágico que faz crescer crianças, faz crescer adultos responsáveis, educados e tu dás o teu melhor. Tu passas mais tempo com os teus alunos do que passas com a tua família. É isso que eu tento fazer, ser o professor que os alunos gostam, aquele professor que fica na memória, ser exigente, mas ao mesmo tempo lúdico, afetivo, preocupado com as necessidades que os meninos têm, os problemas familiares, tentar dar-lhes apoio porque eles também passam muito tempo connosco e às vezes há coisas que os pais não se apercebem logo, então é importante o professor de 1.º ciclo manter essa relação de proximidade com os alunos.

Penso que tenho conseguido manter essa relação porque é agradável quando tu vais na rua e quando encontras um ex-aluno teu que te trata por professor e fala e está a conversar contigo e tu sentes que realmente foste uma pessoa importante na vida deles. Principalmente aqui em Loulé, eu tive sempre turmas do 1.º ao 4.º ano, então consegues ver o crescimento e é importante, foram quatro anos passados na vida de uma criança. Basicamente tu ficas na memória deles e nunca te esqueces, como eu nunca esqueci da minha professora da escola primária, uma senhora que eu me lembro constantemente e tenho muito boas memórias disso, então eu tento também passar para os meus alunos essas boas memórias que tive do 1.º ciclo.

Se eu fosse Ministra da Educação faria muitas mudanças... [Riu] Primeiro começava com as condições que as escolas têm, é imprescindível que as escolas tenham materiais, tenham meios audiovisuais em todas as salas para podermos... Para os alunos aprenderem de forma lúdica, de forma moderna e não ser só estar a expor matéria, ler livros e tudo mais.

Depois também dava melhores condições aos professores do 1.º ciclo, se calhar voltava atrás nalgumas medidas que nos foram retiradas, tentava dar mais motivação para os professores, para poderem estar mais tempo nas aulas de forma agradável, não se preocuparem tanto com decretos, com leis e com legislação e darem mais tempo aos alunos e ao ensino de forma a que também eles tenham sucesso. Se calhar o sucesso que agora eles querem que os alunos tenham, se calhar reflete-se também muito por aí. Os programas são demasiado extensos, as turmas são demasiado grandes e tu não consegues chegar aos alunos da mesma forma que tu chegavas há uns anos atrás. Antes a matéria era dada, tu davas a matéria toda, tinhas tempo para sistematizar, agora é tudo dado à pressa porque a matéria é muita e as crianças têm uma imaturidade que não conseguem chegar aos conteúdos que nós queremos e tudo isto dificulta e faz com que, se calhar, os resultados não sejam tão positivos como o Ministério pretende.

Penso que por alguns anos o meu futuro ainda se mantém... Ainda seja mantido aqui na escola onde estou, na n.º4, e não penso mudar de agrupamento, só por um motivo muito grave.

Tenho saudades do tempo em que trabalhei na escola de Querença, é uma escolinha da aldeia, em que as coisas são feitas com um ritmo diferente e não há esta pressão tão grande como há nas escolas da cidade.

O meu futuro prevejo que seja a dar aulas, não me vejo a ter outra função, mas se entretanto surgir, é claro que darei o meu melhor como estou a dar agora, mas penso que será basicamente a dar aulas.

O futuro dos professores do 1.º ciclo... Eu penso que continuarão por muitos anos porque é essencial as bases nas crianças e o contacto que têm com os professores e devido também ao modo de vida que as famílias têm hoje em dia as crianças têm necessidade de ter uma referência. Se não estão tantas horas com o pai e com mãe, penso que é importante a referência que têm do professor do 1.º ciclo que poderá ser um pai e uma mãe substituta e onde eles possam ser um porto de abrigo, onde eles tenham um conforto, uma palavra de amizade, uma palavra de apoio nalguma situação.

Eu penso que o futuro dos professores do 1.º ciclo ainda vai ser por muitos e longos anos, apesar das novas tecnologias, se calhar, nos substituírem nalgumas coisas, mas também enquanto não equiparem as escolas com novas tecnologias não podem tirar os professores do 1.º ciclo... [Riu]

A escola do futuro prevejo que seja com grandes tecnologias a nível de computadores, quadros interativos que nós já temos, mas não os aplicamos no nosso agrupamento. A nível de programas de ensino de computador penso que daqui para a frente é capaz das coisas melhorarem. Não sei se será mais benéfico ou menos benéfico para os alunos, penso que o lápis e a borracha ainda continua a ser importante e não só a máquina de calcular. Às vezes a máquina de calcular não permite fazer grandes exercícios mentais.

Penso que a escola ainda vai ter grandes momentos, vamos aguardar por isso... [Riu]

Concluindo, considero a minha infância muito feliz.

O meu percurso escolar no ensino primário, feliz.

O meu percurso no ensino preparatório, feliz.

A minha juventude e adolescência, feliz.

O meu percurso escolar no ensino secundário, feliz.

O meu percurso escolar no ensino superior, feliz.

Os meus primeiros anos de carreira, muito felizes. Gostei muito dos primeiros anos.

O meu percurso profissional, feliz.

A relação com os pais, feliz.

O casamento, muito feliz.

A maternidade, muito feliz.

Entrevistadora - Muito obrigada, Isabel!

Data e local da entrevista

22 de outubro de 2015

Faro

Perfil da entrevistada

- Nome: **MARIA DE FÁTIMA GONÇALVES**
- Data de nascimento: 26/05/67
- Idade: 48 anos
- Profissão: Professora do 1.º CEB
- Tempo de serviço docente: 28 anos

Entrevistadora - Quem é a Maria de Fátima Gonçalves?

Gostaria de me falasses sobre a pessoa que és hoje e que recordasses as etapas da tua vida, como o teu nascimento, a tua infância, o teu percurso escolar, a tua carreira, a tua família, ...

Entrevistada - A Maria de Fátima Gonçalves nasceu em 1967, há 48 anos, em Olhão.

A minha infância não foi muito normal... [Riu] Não foi como a infância da maior parte das crianças porque eu nasci com uma insuficiência cardíaca que fez com que eu tivesse uma infância muito controlada, muito regulada, muito atenta e muito vigiada por médicos, nomeadamente da pediatria e da cardiologia.

Descobriu-se muito cedo que era uma persistência do canal arterial, ou seja, era uma abertura entre as duas aurículas que fazia com que o sangue fosse sempre sangue venoso, nunca era sangue arterial, nunca estava completamente limpo, o que fazia com que eu andasse constantemente cansada.

Brincadeiras de rua e todas essas atividades de saltar e pular que a maior parte das crianças faz, eu não fiz até aos dez anos porque só consegui ser operada aos dez anos porque era muito frágil, era muito franzina e não havia possibilidade. O risco era demasiado elevado antes dos dez anos e aí foi quando se achou que eu já tinha condições mínimas [Deu ênfase a esta palavra] para assegurar alguma sobrevivência e mesmo assim foi uma cirurgia complicada, que foi feita de urgência, eu estava mesmo já, como se diz, nas últimas, e isso condicionou os meus primeiros dez anos de vida.

Fiquei muito em casa, comecei a ler muito cedo [Sorriu] porque tinha livros e a família começou a comprar livros porque era, é assim, não havia muitos brinquedos na altura e bonecas, aquilo era uma seca porque era sempre igual e nunca lhes achei muita piada... [Sorriu] Então, tive a sorte de ter um tio que era da Marinha, com quem vivi mais tarde depois da operação, que estava na época a trabalhar em Macau e que me trazia ou mandava muitas novidades, aquelas novidades dos americanos, de Hong Kong e assim eu tive acesso muito cedo.

Para mim não foi mau na altura porque eu estava em casa, não podia andar a brincar e a saltar como andava por exemplo a minha irmã, que é três anos mais nova, mas depois tinha todos esses mimos, digamos, que eram os brinquedos, os jogos tipo Lego. Eu tive

esse tipo de jogos muito cedo porque tinha que estar entretida com qualquer coisa, ninguém me aguentava em casa se não fosse com qualquer coisa. [Riu]

Livros, o meu pai lia muito, sempre leu muito e sempre comprou muitos livros portanto eu tinha cinco anos quando o meu pai me inscreveu no Círculo dos Leitores para ser eu a escolher livros porque eu pedia-lhe. Via a revista que a senhora ia lá entregar a casa, na altura era assim, ia uma senhora lá a casa e ele fazia a encomenda e depois levavam. Portanto eu comecei muito cedo a querer comprar livros infantis e os que havia na altura, que eram sobretudo os contos de fadas. Tudo quanto era livrinhos pequeninos que havia à venda que o meu pai via, comprava-me, quase todos os dias eu tinha um livrinho.

A minha infância foi assim, apesar de condicionada pelo facto de eu não me poder cansar, nem podia ir à praia no verão, custava-me mais porque o ar da praia é mais intenso e tinha dificuldades, ficava roxa, ia para o hospital levar oxigénio, era horrível. Era tudo muito controlado, portanto foi tudo muito condicionado por isso.

Tenho uma irmã, a minha relação com a minha irmã, ... Não sei, eu acho poderia ser sido melhor, talvez por esse condicionalismo. É suposto, a certa altura a irmã mais nova ter mais atenções do que a irmã mais velha, nós temos três anos de diferença, mas devido à minha problemática, eu fui sempre muito mais apapricada, andava sempre, como se diz, “o ai Jesus menino”.

Acho que a minha irmã sempre sentiu um pouquinho isso e o nosso relacionamento foi sempre muito condicionado por isso. Separámo-nos aos dez anos, eu fui para Lisboa quando foi a operação e depois precisava de vigilância e aqui no Algarve não havia, eu nem sequer pude ser operada cá porque não havia nem meios, nem médicos para me operar, portanto depois fui para casa dos meus tios para Lisboa. A minha irmã ficou cá com os meus pais e eu fui para Lisboa e vinha cá só nas férias ou eles iam lá visitar-me.

Eu acho que a minha irmã sempre sentiu que eu era... Tinha mais atenção do que ela e de alguma forma tinha sido privilegiada. Ainda hoje há alguma fricção por via disso. Ela tem um feitio muito agreste, é complicado... [Sorriu]

A relação com a minha irmã sempre foi complicada, é pacífica, é razoável, mas não é uma relação de irmãs. Isso eu sei, sinto que não é e podia ter sido melhor.

De certa forma até fui uma criança feliz porque a minha família, não só os meus pais, porque nós vivíamos com os meus avós na mesma casa, a casa era dos meus avós, era uma casa grande, e vivíamos lá todos e tanto os meus pais, como os meus avós, apapricaram-me muito e eu fui muito mimada.

Não fui feliz por andar aos saltos e aos pulos como andavam os outros miúdos, mas como a casa era grande e tinha quintal, também havia sempre gente lá em casa e havia no verão os banhos de mangueira e aquelas coisas todas. Eu não ia à praia, mas eles iam, mas eu fui-me habituando a isso, eu acho que adquiri um mecanismo de defesa tal que a certa altura não me fazia diferença eles irem à praia e eu não ir, nunca me importou, não achei que isso tenha sido um problema na minha vida porque fui muito compensada de outra forma, não senti muito.

A relação com os meus pais sempre foi boa, sobretudo com o meu pai, com quem eu tive sempre uma afinidade muito grande, talvez pela leitura. Hoje penso que o meu gosto pela leitura e o facto de ter estudado Literatura e isso tudo se deve a essa paixão que o meu pai tinha pelos livros. O meu pai trabalhava numa empresa de congelação de peixe, mas tinha tempo e lia, lia muito, sempre leu muito. Para além de ter um cálculo matemático

fantástico, que eu achava que era impressionante, na altura fazia contas com uma facilidade maluca, também tinha essa vertente da leitura.

Era a menina do pai, sempre fui, e acho que desde a vida toda do meu pai eu senti que qualquer que fosse o problema contava mais com o meu pai do que com a minha mãe. A minha mãe barafustava mais, sempre barafustou, era mais intransigente em algumas coisas, depois o meu pai facilitava um bocadinho a vida. Os papéis estavam ali assim um bocadinho invertidos, a minha mãe de tudo fazia um problema e o meu pai arranjava solução rapidamente, aquilo compensava um pouco e depois tinha o apoio dos meus avós, mais da minha avó porque o meu avô entretanto faleceu, mas a minha avó cuidava da casa e de tudo o que dizia respeito às coisas. Criava pombos porque eu gostava de canja de pombo e como não comia nada, tinha a criação de pombos para poder fazer as canjas para eu comer, para me alimentar minimamente.

Por essas coisas todas acho que a minha infância foi muito boa, tenho muito boas recordações da infância.

Eu entrei para a escola muito cedo. Para já aprendi a ler muito cedo, aprendi a ler com o meu avô em casa, como eu costumo dizer, pelo método mais natural possível, que era sentada no colo do meu avô a ouvir as notícias do jornal.

O meu avô lia o jornal, a minha avó acho que só sabia assinar o nome, apesar de ser uma guerreira e de dar conta de tudo e mais alguma coisa, não era escolarizada, pelo menos não me lembro, mas o meu avô não, o meu avô tinha alguma formação e lia, lia o jornal e era informado.

Então, ele lia-me o jornal, como eu estava sempre em casa, sentava-me no colo e ia lendo as notícias. Aquela rotina de ler as notícias e eu ir vendo os títulos à medida que ele lia, vendo as palavras à medida que ele lia, fez com que eu sozinha aprendesse a ler. Do nada eu de repente comecei a ler, ninguém sabe como, nem eu própria, mas sei que a certa altura comecei eu a ler o jornal em voz alta e comecei a identificar palavras daquelas que ele lia. Eu fiz o processo natural, o mais natural possível... [Sorriu]

Quando cheguei aos seis anos e eu tinha que ir para a escola e era a altura de ir para a escola, ... As escolas na altura estavam cheias e tinha que se esperar por vaga, as crianças só entravam se houvesse vaga e em Olhão nesse ano, no ano em que eu entrei para a escola, em 73, estavam cheias. A escola mais próxima da minha casa, que é mesmo no meio da cidade, estava cheia, não havia vaga e eu teria que ir para uma escola mais afastada ou então tinha que esperar pelo ano seguinte, que era o que acontecia com a maior parte das crianças da minha idade que entraram com sete anos porque não havia vaga. Não havia e esperava-se pelo ano seguinte, era normal na época, sobretudo nesse ano.

Como eu tinha esta circunstância de ter a problemática cardíaca e já ninguém me aguentava em casa porque eu já sabia ler e não estava a fazer nada em casa, os meus tios começaram a desafiar o meu pai para eu ir para o privado, na altura o Colégio da Bernardete, que era o mais conhecido em Olhão e foi assim, fui para o privado que era perto da minha casa. Não era onde é agora, era mais próximo da baixa e era perto de casa, portanto eu podia ir e vir todos os dias sozinha, na altura os miúdos iam para a escola sozinhos, não eram os pais que os levavam e podia ir e vir todos os dias sem grande cansaça e sobretudo porque estava mais tempo ocupada e assim podia aliviar um bocadinho o ambiente lá em casa. [Riu]

Passei a ir para o Colégio da Bernardete todos os dias, aos seis anos e passava lá o dia, entrava às oito e meia e saía às cinco e meia da tarde. Passava lá literalmente o dia. Vinha a casa almoçar porque era perto, dava para vir almoçar e já não havia cantina porque o

colégio já estava numa fase em que só havia mesmo a escola primária. Já tinham sido extintos os anos seguintes, portanto quintos e sextos, que na altura chamava-se preparatório ainda, mas tinham acabado porque a Bernardete tinha o colégio de S.Brás e tudo era em S.Brás e ali só havia escola primária. Agora já há o edifício novo, é diferente, e agora é gerido pela filha dela que era minha colega na altura na escola.

Passava lá o dia na escola e foi assim, entrei aos seis anos para lá.

Tenho boas lembranças, gostei muito das minhas professoras e tive professoras diferentes, curiosamente, apesar de ser colégio. No 1.º e 2.º ano tive uma professora que era uma senhora já velhinha, era a D.Rita, lembro-me perfeitamente, uma senhora tradicionalmente [Deu ênfase a esta palavra] professora, com carrapito no alto da cabeça, com óculos, dura, ensinava ali tudo, punha toda a gente a trabalhar todo o dia, tínhamos que fazer aquelas rotinas complicadíssimas das provas. Lembro-me por exemplo das provas naquelas folhas enormes de papel almaço, com uma dobra no lado esquerdo, que tinha uma medida certa que nós tínhamos que calcular, medir exatamente e fazer essas coisas todas. Foi difícil, era muito exigente.

Quando se deu o 25 de abril eu estava no 2.º ano, antiga 2.ª classe, e eu costumo dizer que o 25 de abril não passou no colégio. Não se sentiu absolutamente nada, ficou tudo exatamente na mesma, as rotinas todas, o rigor, a exigência, era tudo... Os meninos na altura eram muito bem preparados e havia o brio de ser do colégio. Estava tudo ali assim muito em cima de nós e trabalhávamos imenso... [Deu ênfase a esta palavra]

Eu gostava muito daquilo e gostava muito dessa professora porque como já sabia ler quando fui para a escola, eu acho que ela percebeu que tinha a vida facilitada. Eu de repente era uma espécie de ajudante da D.Rita, ia ajudar os outros meninos a aprender as coisas, andava atrás dela, basicamente, era ajudante de campo da D.Rita. Era preciso ir buscar alguma coisa, eu ia buscar, o que quer que fosse, eu ia fazer porque já estava um bocadinho mais adiantada, não só pela leitura, como pela componente escrita.

Lá em casa a minha mãe e o meu pai compravam-me cadernos para eu fazer letras e descobri, quando o meu pai faleceu e tivemos que fazer limpezas, descobri um bocado de papel de seda com uma série de letras feitas por mim, que eu ia fazendo para estar entretida. O meu pai dizia “Este chama-se a, faz o a”, não só tinha a parte da leitura como tinha a motricidade fina e algum desenho de letra conhecido. Era mesmo a ajudante da D.Rita... [Riu]

Para mim a ideia de professora vem daí, eu acho que foi mesmo o princípio de tudo e foi uma boa referência. Nunca ninguém se zangou comigo... Era de facto uma boa referência.

Entretanto a D.Rita reformou-se e veio uma outra professora, a D.Fátima, que na altura era jovem, que veio de Angola, veio com o 25 de abril e com os retornados. Essa senhora apareceu, foi contratada e era professora lá em Angola e entretanto conseguiu colocação na vaga da D.Rita.

Em Angola o sistema era um bocadinho diferente do que era o nosso na altura. Era uma professora exigente na mesma, mas um bocadinho mais arejada, o que é compreensível, ser professora em África na altura não era fácil e de repente chega-se ali a um colégio com meninos escolarizados e a senhora andava sempre bem disposta. Aquilo corria tudo bem. [Riu] Estava tudo ali no ponto, tudo preparadíssimo pela D.Rita e foi-lhe dado de mão beijada uma 3.ª classe cinco estrelas.

Já tínhamos manual na altura, não me lembro do meu livro de 3.ª classe, mas lembro-me do 4.º, era dos novos manuais que surgiram depois do 25 de abril e que eu tenho um exemplar. Chamava-se “Amanhecer” o livro de leitura, tinha textos interessantes, já tinha fichas de trabalho, já havia algum trabalho que não aqueles livros clássicos que nós conhecemos da escola primária à antiga portuguesa.

Eu acho que apanhei de tudo desde que comecei na 1.ª classe até à 4.ª, foi de tudo um pouco, mas foi uma experiência interessante por isso mesmo, porque foi muito diversificada.

No final da 4.ª classe, como nós estávamos no particular, tínhamos que ir fazer exame, tinha que se fazer exame para se fazer a homologação da escola, dos quatro anos da escola primária. Tivemos que fazer exame com um júri e aí a D.Fátima andava nervosa de facto porque tinha que preparar para aquilo.

Era um exame feito numa sala, era a tal prova escrita com papel almaço dobrado no lado esquerdo, onde tínhamos que fazer um texto, uma cópia de um texto, responder às perguntas que a senhora passava no quadro, fazia-se a interpretação do texto, a gramática, a nossa produção escrita, que já se fazia na altura, lembro-me disto perfeitamente, os problemas e as contas. Tínhamos que fazer contas grandes, complicadas, o algoritmo das quatro operações, com as provas reais, a operação inversa, e a prova dos nove acho que não, na altura, lembro-me dessa professora nos ensinar a prova dos nove e dizer que não era legal, não se devia fazer, ela ensinava, mas não era correto. Correto era a operação inversa.

Tínhamos isso e os famosos problemas das torneiras a pingar, aquelas contas. Depois tínhamos a oral, que era uma leitura em voz alta e algumas perguntas do texto feitas pelos outros professores.

O júri era constituído pela minha professora e mais um professor e uma professora, lembro-me perfeitamente, que estavam numa secretária grande, juntaram as secretárias, e estavam mesmo tipo júri, nós todos sentados nas carteiras, carteiras mesmo à antiga, e depois éramos chamados por ordem alfabética para ir fazer a leitura, algumas perguntas do mapa.

Lembro-me que tive que ir ao mapa e estava tão nervosa, tão nervosa que não via nada no mapa porque o mapa era enorme para uma pirlalha minúscula como eu, o mapa de parede era assim eu coisa muito grande, aqueles de tecido, e tínhamos que apontar rios, serras. Já não tive que fazer a parte que as pessoas costumam dizer das colónias e dos caminhos-de-ferro. Lembro-me de rios, serras e as províncias, tinha que indicar e papaguear as províncias todas no mapa, dizer desde o Minho por ali fora até ao Algarve.

O júri, esses dois senhores, colocavam-nos um problema que liam em voz alta, de Matemática, e nós tínhamos que resolver no quadro. Íamos para cima do estrado e resolvíamos no quadro de giz. Isto foi a minha prova de 4.ª classe. [Riu]

Na altura, como eu apanhei o 25 de abril a meio, já era 1.º e 2.º ano da 1.ª fase e 1.º e 2.º ano da 2.ª fase, portanto quando eu acabei a escola primária, a seguir ao 25 de abril, já não se chamavam classes, as classes foram extintas nessa altura. Eu brinco quando as pessoas ainda chamam classes, eu digo: “Classes já não há desde que eu era aluna da escola primária.”

Quando eu acabei o 4.º ano de escolaridade, já acabei o 2.º ano da 2.ª fase, já em 77, e depois fui operada logo nesse verão, fui operada em agosto.

Eu não tenho más memórias dessa altura, não tenho nada que me tenha ficado, ou eu sou uma pessoa muito positiva... [Riu] Tiro partido das coisas boas, ou de facto esse período foi muito bom, apesar da problemática que tinha.

Eu gostava muito [Deu ênfase a esta palavra] de ir à escola, ia muito cedo para a escola, era eu e a filha de um médico lá de Olhão, que era o Dr. Reis, éramos sempre as primeiras a chegar.

Já no 4.º ano, ou seja, no 2.º ano da 2.ª fase, já não conseguia ir sozinha, era o meu pai que tinha que me levar, já não tinha forças e a certa altura teve que ser mesmo com cadeira de rodas porque eu já não tinha força, cansava-me ao andar. Fui perdendo muita capacidade respiratória ao longo dos anos e já foi assim muito no limite que eu acabei a 4.ª classe para poder ser operada.

Já era um bocadinho doloroso mexer-me, locomover-me, mas independentemente desse obstáculo, o resto, de um modo geral, foi um bom contributo para o meu desenvolvimento harmonioso.

Fui operada e a seguir fui para Lisboa, para casa dos meus tios porque tinha vigilância médica mais próxima e porque o médico cirurgião que me operou era clínico do Hospital de Santa Marta e portanto estava lá mais próxima.

A intenção quando fui para Lisboa era mesmo essa, era que eu fosse para Lisboa para ter um acompanhamento médico, depois estive lá oito anos. Acabei por fazer lá a escolaridade toda... [Sorriu]

A minha tia é minha madrinha, é a irmã mais velha da minha mãe, portanto as filhas, ela casou muito cedo, a minha mãe é que casou mais tarde, já tinha trinta anos quando eu nasci, as minhas primas na altura em que eu fui para lá já eram crescidas, já eram adultas, casaram um pouco logo a seguir. Uma delas já era professora na altura e já andava por aí fora colocada e a outra minha prima também casou pouco depois e o marido era da Marinha Mercante, passava muito tempo fora e ela ia com ele. Os meus tios estavam já praticamente sozinhos, acabaram por me proporcionar mais atenção e mais disponibilidade também, e foram insistindo e eu fui ficando. Fui criando o meu círculo de amigos lá e depois já era difícil vir.

Eu acho que o meu pai sempre teve a mágoa de eu não querer vir definitivamente para baixo e volta e meia perguntava se eu estava bem porque ele preferia que eu tivesse vindo mais cedo para cá.

Criou-se aquele circuitozinho que eu gostava, gostava muito da escola e estava muito ambientada lá e portanto fui ficando e acabei por fazer lá o 12.º ano. [Sorriu] Fiz sempre tudo por ali naquela zona.

Logo quando fui para cima fui para o 5.º ano do preparatório, para a Escola do Alfeite, que hoje se chama Escola Comandante Conceição e Silva, que era mesmo juntinho ao trabalho do meu tio. Na altura ele já estava lá, ele ainda fez uma comissão depois dessa de Macau, já tinha vindo, compraram casa naquela zona e ele ia todos os dias para o Alfeite. Os meus professores eram colegas dele, eram conhecidos, ele era uma figura conhecida que impunha algum respeito.

Houve assim alguns episódios engraçados por ali, ele não deixava passar nada em claro porque ele foi sempre muito exigente comigo com as notas. Ele achava que eu tinha capacidade para ter sempre mais e então habituou-se à história dos cinco. Eu tinha que ter cinco obrigatoriamente, se aparecesse uma nota mais fraquinha de teste, ele tinha logo que perceber onde eu tinha falhado, o que se passava.

Lembro-me, por exemplo, no 8.º ano, em que eu tive alguns problemas com a Matemática porque tinha tido no 7.º ano um professor muito bom, daqueles que toda a gente gosta, mas que não se fazia nada. [Sorriu] Era divertidíssimo e achava que aquilo tudo era brincadeira, quando chegou o 8.º ano e veio um professor mais rigoroso, curiosamente eram homens e eu lembro-me deles, este era mais velho, era um senhor daqueles militares que tinha abandonado a carreira da Marinha, mas era professor, tinha formação nessa área, eu vi-me grega, aquilo patinou muito.

O meu tio comprou-me um livro, que não era o livro adotado, não era o manual da altura, era o famoso livro do Palma Fernandes, quem é mais velho conhece, é um livro grossíssimo só com exercícios, muitos, muitos exercícios e no final tinha as soluções, muitas expressões numéricas, equações, era mesmo um livro de treino, era o famoso Palma Fernandes. O meu tio comprou-me o Palma Fernandes e eu todos os dias fazia uma série de exercícios e ele depois corrigia. Se aquilo estava errado eu tinha que fazer tudo de novo, ele ia ver às soluções e se a minha solução não fosse a que lá estava, apagava tudo e fazia de novo. Aquilo foi horrível. [Sorriu]

O meu 8.º ano de Matemática foi péssimo por causa do maldito Palma Fernandes... [Riu] Nunca mais me esqueço, mas que me deu algum arcaboço para subir a nota porque era mesmo treino, era muito mecânico o ensino da Matemática. Eu costumo dizer que há questões que eu só percebi como é o raciocínio mais tarde, já no Magistério, quando tive que ensinar. Nesse aspeto tive bons professores de Matemática na formação inicial de professores porque na altura era mecânico. Era assim, arranjámos truques, decorávamos fórmulas e bola para a frente. Era mesmo assim.

Depois no 9.º ano havia exames, na altura toda a gente tinha que fazer, a não ser que dispensasse, e o fito do meu tio era que eu tivesse os cinco todos para eu poder dispensar o exame, o que acabou por acontecer. Eu não fiz exames de 9.º ano porque dispensei, tinha lá o somatório dos pontos necessários e não cheguei a fazer exame de 9.º ano, mas fiquei sempre com o calcanhar de Aquiles na Matemática e deixei logo a Matemática, para grande desgosto de toda a gente, deixei logo a Matemática no 9.º ano, arrumei com a Matemática. [Riu]

Fui logo para o 10.º para Letras, toda a gente achava que não, inclusive professores meus a tentar convencer-me a seguir outro curso porque na altura já encaminhava, muito mais ainda do que agora, encaminhava mesmo para a opção de futuro e toda a gente achava que eu tinha potencialidades para outro tipo de cursos que não as Letras. Letras era para as meninas tolas, era pouco só Letras, mas eu gostava mesmo era das literaturas e das línguas, tinha muita facilidade nas línguas e portanto fui para Letras. Fui fazer o 10.º, 11.º e 12.º com as literaturas, em Almada.

Tenho algumas recordações giras do preparatório, por exemplo a recordação de ouvir os meus professores dizerem, e daí que eu acho que tive uma boa escola primária, dizer que e eu ter a perceção que muitas das coisas que ensinavam eu já sabia, já tinha ouvido, já tinha aprendido, portanto foi muito fácil para mim.

Na época foi um período muito conturbado na educação, tinha-se dado o 25 de abril, ainda estava tudo em plenas reformas, o ensino estava a ser todo reformado e aquilo estava tudo um reboliço, por isso quem estava na escola pública nesses anos, e eu estava na 2.ª classe quando foi o 25 de abril, foi mesmo a meio, quem estava na escola pública provavelmente andou ali assim um bocadinho mais à deriva. Eu, como não houve 25 de abril no colégio, acabei por passar incólume por todo esse processo e fazer um percurso mais linear e correu bem, claro que quando comecei a ter boas notas aquilo era fantástico, estava tudo bem. [Sorriu]

Era bem organizado, lembro-me, apesar de a maior parte dos professores serem militares, ser uma zona militar, a Marinha, os militares da carreira da Marinha todos moravam por ali e tinham os filhos ali, os amigos lá de casa eram filhos dos militares amigos do meu tio, eram oficiais da Marinha do Alfeite. Apesar de tudo isso, eu acho, e dos professores serem muito desse espírito, eu recordo-me de experiências giras, de fazer coisas que hoje eu gostaria que houvesse na escola e por exemplo o meu filho não teve.

Eu lembro-me de fazer trabalhos de grupo em que as amigas iam lá para casa pesquisar nos livros, ou íamos para a biblioteca porque não havia computadores, era em livros, e depois usava uma máquina de escrever do meu tio para passar os trabalhos à máquina porque era mais bonito, e cortávamos, uma vez fiz uma desgraça, cortei uma imagem de um livro porque precisava para ilustrar o trabalho. [Riu] Apanhei uma sarabanda de todo o tamanho porque era daqueles livros tipo enciclopédia e eu esquartejei-o porque aquela imagem era mesmo, mesmo para ali. [Sorriu]

Havia esse espírito dos trabalhos de grupo, trabalhávamos muito em grupo, mesmo em sala de aula, fazíamos experiências, por exemplo nas Ciências e depois na Físico-Química. Lembro-me de fazer muitas experiências, de ter um laboratório giro, ter trabalhos oficinais, com sala das madeiras, com sala da mecânica e eram salas próprias para as madeiras e para a mecânica, tínhamos isso tudo e havia esse material e essas experiências todas.

Hoje eu não vejo nada disso, há muito mais tecnologias, há muito mais facilidade, mas há menos criatividade e o ensino é muito do papel, é muito rotineiro, e a minha escola era boa por isso. Eu tenho muito boas referências desse tempo por isso, porque eu acho que tive experiências muito diversificadas.

Mais tarde, melhor ainda, quando fui para Letras ia ao teatro porque a Câmara de Almada oferecia aos alunos de Literatura bilhetes para o teatro, era comum fazer-se isso cada vez que estreava uma peça, na altura da Companhia de Teatro de Almada onde estava o Luís Vicente, que é agora o patrão da ATA, que eu conheço de novinho, de lá, porque ia ver as peças todas que estreava.

Ao Teatro Nacional, fui algumas vezes, íamos ao Teatro Nacional ver peças, inclusive para aí no 11.º ou 12.º ano lembro-me de ter ido ver um vídeo de uma peça que era uma obra de leitura integral que tínhamos no programa e como a peça não estava em cena na altura, a minha professora de Literatura conseguiu junto da companhia do Teatro D.Maria que nós fossemos ver o vídeo que existia dessa peça. Fomos todos para o Teatro Nacional ver a peça do “Judeu”.

Outra experiência gira que tive foi com uma outra professora que nos dava uma disciplina chamada Noções de Administração Pública, que é uma coisa que eu acho que hoje devia existir porque as pessoas não são politizadas e isso aflige-me, incomoda-me. Se calhar essa disciplina devia voltar a aparecer nas escolas porque houve para aí um pseudo-projeto de Cidadania, de Educação para a Cidadania que não resultou porque eu acho que ninguém sabia muito bem o que andava a fazer.

O que é certo é que nessa altura tive essa disciplina chamada Noções de Administração Pública, que era ao fim ao cabo a organização política do Estado, a história, desde Esparta, nós estudámos as várias organizações políticas e o tipo de regimes, que é presidencialista nos Estados Unidos, por exemplo, era mesmo estudar a história da organização política dos países. Como é que isto tudo se organizava politicamente, não do partido A ou do partido B, mas como era a dinâmica política do Estado, como se gere um Estado, ao fim ao cabo, e isso eu aprendi nessa disciplina.

Nesse ano, em 84/85, no último ano em que lá estive, foi pela primeira vez discutida na Assembleia da República a Lei do Aborto, a primeira vez de sempre. Na altura foi quando passou com aquelas três salvaguardas, a lei que veio até há pouco tempo foi discutida no Parlamento nessa altura e essa minha professora levou-nos ao Parlamento e nós assistimos à discussão da Lei do Aborto, tenho essa referência. Tenho essa experiência de ter estado nas galerias do Parlamento a assistir à discussão da Lei do Aborto.

Era uma escola gira, tenho muito boas referências e isto fica. Por exemplo na altura da ... Hoje em dia não se fazem visitas de estudo, a não ser ir sempre aos mesmos sítios que até enjoa, o meu filho levou não sei quanto tempo a ir, e os mais crescidos da escola secundária, a ir a Lisboa, ao Mosteiro dos Jerónimos e pouco mais, ou ao Oceanário ou qualquer coisa do género, não se faz mais nada.

Eu, por exemplo, quando estudei as “Viagens da minha terra” de Almeida Garrett, para aí no 10.º ano, fiz com a minha professora de Português e o professor de História, estes dois lembro-me que eu gostava imenso, fizemos o percurso das “Viagens da minha terra” ao vivo. Nós fizemos a volta toda e passámos lá na casa, que era a suposta casa da Joanhinha que aparece na história, e fizemos o percurso das viagens. Tivemos em Santarém e fizemos isso tudo, portanto as “Viagens da minha terra” que é uma coisa chatíssima, para mim foi uma delícia, foi feita ao vivo e a cores, em visita de estudo, fizemos o percurso todo.

Foi outra escola, outro tempo, havia de facto visitas de estudo para estudar, com carácter pedagógico. Houve então esta preocupação, que eu acho interessantíssima, que foi a professora de Português e o professor de História e aproveitou-se para fazer estudo. Fazia-se na altura e hoje não se faz, não sinto nada disso.

Hoje ninguém quer fazer visitas de estudo e depois é ver quem está disponível, e quem está disponível normalmente é quem tem um dia muito sobrecarregado no dia em que calha a visita de estudo porque assim vê-se livre dos moços todos nesse dia e lá vão todos felizes e contentes, mas vão para tomar conta dos miúdos. Não se vai fazer uma visita de estudo. [Deu ênfase a esta palavra]

Nós gostávamos daquilo, eu lembro-me. Lembro-me com saudade, lembro-me como uma boa recordação desse tempo, lembro-me de aprender coisas e gostar de aprender. Lembro-me de almoçarmos em Santarém, de termos almoçado com o professor de História e nós éramos adolescentes, meninas, e de conversar com o professor e as meninas todas deliciosas, todas estas coisas giras, eram conversas saudáveis de meninas adolescentes daquele tempo.

Não tenho más recordações, não tenho nenhum episódio que fosse assim horrível, não tenho. Tenho muito boas recordações da escola, por isso tenho muita pena e tive muita pena porque o meu filho teve muitos obstáculos porque teve uma má escola, teve maus professores que eu não tive e portanto comigo correu bem e com ele correu mal, de facto.

Essa experiência tenho pena de perceber agora, porque tenho um contraponto com a minha escola.

A minha juventude e adolescência foi passada no meio da escola. [Riu] Foi boa, foi positiva, foi gira. [Sorriu]

Tinha muitos amigos, alguns ainda hoje, conservo até hoje desse tempo, de vez em quando vou lá a cima ou vêm cá. A minha amiga Cristina... Ainda hoje encontrei, quando estive ali no tribunal, o irmão da Cristina, o irmão mais velho dessa minha amiga de

escola, lá de cima, que por coincidência veio trabalhar aqui para o Algarve. A Cristina quando cá vem, nós encontramos-nos.

Ainda tenho amigos desse tempo porque foi muito bom. Tinha um grupo muito giro de amigos que eram praticamente todos da minha idade, éramos colegas de escola, de turma, e depois derivámos quando chegou ao 10.º ano, uns foram para a Matemática, outros foram para Letras e outros para Filosofia, lembro-me por exemplo que a Cristina foi para Filosofia, a Ana Júlia foi comigo para Letras, Português e depois havia mais uns ... Tínhamos um grupo giro, pronto, depois havia ali assim alguns namoricos pelo meio. O meu primeiro namorado foi um desses, era engraçado. Foi muito saudável, foi feliz até aos 18 anos, foi normal.

Eu acabei o 12.º ano com dezoito anos e fiz o ensino secundário na escola que ainda existe, a Escola Secundária Anselmo de Andrade, em Almada, era uma daquelas dos riquinhos. Normalmente vou ver, curiosamente quando saem os rankings vou sempre ver, e é uma das que está bem, sempre esteve bem cotada. Era a escola das meninas das Letras porque em Almada, era mais ou menos como é aqui, agora já nem tanto, mas estava muito... Era muito setorial, havia a Anselmo que era das Letras, depois havia a Emídio Navarro que era para as Engenharias e aquilo estava assim mais dividido porque a escola tem muita gente, Almada é um concelho grande e acaba por concentrar ali muita gente.

Isto tudo condicionou o facto de eu ter escolhido esta carreira e o facto de ainda me conservar porque eu tenho muito boas recordações da escola, do meu tempo de escola. Para um indivíduo as maiores referências são as suas, as próprias, isso foi uma coisa que eu aprendi há muitos anos porque alguém me disse e fez sentido. Eu nunca mais me esqueci que quando falha a técnica as referências pessoais, as aprendizagens pessoais são as que emergem, são aquelas que nós usamos. Se há professores que levantam a mão, se há professores que usam mais ditados ou... É quando tudo falha, quando parece correr mal que nós recorremos às nossas próprias experiências.

Como as minhas experiências foram boas, se alguma coisa falha em termos técnicos, aquilo que eu tenho são recordações boas, acabo por ir insistindo um pouco nisto, se calhar já devia ter abandonado e mandado tudo às ortigas.

Sim, não é gratificante ser professor hoje em dia. Se formos minimamente racionais, não é de todo. Neste momento as pessoas só lá estão ou porque têm muita necessidade ou porque ainda gostam disto.

Entrevistadora - Mas percebe-se na maneira como tu falas, tu ainda vibras...

Entrevistada - Sim, era o que eu te dizia na outra entrevista, é de facto aquilo em que eu investi os quarenta e tal anos da minha vida, é a educação.

Eu às vezes ouço pessoas falarem, pessoas que investem mais na saúde, mais noutra área qualquer e conseguem. Eu consigo falar sobre educação, consigo reportar-me e leio muito também, quando saem documentos novos tento manter-me mais ou menos atualizada e ver as novas correntes e as novas metodologias, novas e velhas, tento manter-me minimamente informada acerca daquilo que se passa em educação. Fico um bocadinho desalentada...

Quando acabei o 12.º ano, na altura não foi muito simpático, confesso, porque eu gostava muito de Letras e tive muito boas notas no secundário também e a minha ideia era seguir Português, exclusivamente, ir para a Faculdade de Letras de Lisboa e seguir Português. Na altura havia duas notas de entrada diferentes para quem entrava em

Português, era para os alunos que no secundário tinham tido Latim e os alunos que no secundário não tinham tido Latim e eu estupidamente e porque não me apercebi disto, e na altura não tive também quem se tivesse apercebido a tempo de me aconselhar, fiz Latim no 10.º ano, estudei Latim, mas como era optativa, e aquilo era uma seca, era horrível, e eu era adolescente e estava a sair da casca na altura porque há um período em que se é mais rebelde do que qualquer outra, positivamente marimbei-me para o Latim e deixei o Latim. No 11.º ano já não tive Latim e no 12.º já não havia. Quem tinha tido Latim no 10.º e 11.º ano acumulava a nota e dava-lhe uma média com alguns pontos de diferença para a entrada na Faculdade de Letras.

Ora, eu só tinha um ano e não servia para nada, tinha que ter os dois, resultado, tinha que ir pela média mais alta, só podia entrar com a média mais alta e a diferença era tremenda e esse ano de exames de acesso foi mais uma das tais experiências que se foi fazendo, foi antes ainda da PGA, foi uma pseudoprova que chamaram Prova de Aferição, que foi o único ano em que essa prova existiu e foi uma barbárie. Foi uma razia diabólica.

A minha nota de Português era dezanove e no exame tive doze e acho que foi das melhores porque havia colegas com dezanove a Matemática e que tiveram quatro no exame. Aquilo foi assim uma razia tremenda nesse ano. Resultado, no meio daquele somatório todo, eu não tinha nota suficiente para entrar em Português, para entrar para Letras, Português/Francês na altura, era o antigo curso clássico de Românicas.

Não tinha nota por muito pouco, no cômputo geral era preciso 14,8 ou 15,8, não me lembro muito bem, sei que me faltavam duas ou três décimas na média e não consegui. Não entrei e para não ficar parada, e aí lembro-me do conselho da minha tia, o meu tio já não estava em casa nessa altura e depois veio a falecer, infelizmente, dizia, porque eu pensei: “Vou ficar parada e depois para o ano tento outra vez.” e a minha tia dizia-me: “Um ano parada é um ano para trás. Tu vais desinvestir, não vais estudar nada, vais andar à boa vida, não tens horários, depois não estudas, e em vez de parar é de facto regredir”.

Começou-se a ver outras opções, o Magistério Primário. Na altura foi a minha tia ainda comigo a Lisboa, à Escola do Magistério Primário, que era em Benfica, onde é hoje a Escola Superior de Educação, que é um edifício muito bonito, apalaçado, lá para Benfica, é pertinho do Centro Comercial Colombo. Fomos lá ver, fazer a inscrição, aquela coisa toda porque havia exames de acesso também. Os exames de admissão às escolas do Magistério eram paralelos aos outros, isto porque na altura para entrar no Magistério só se precisava ter o 11.º ano, não era exigido o 12.º, nem o 12.º fazia média.

Eu entrei para a escola do Magistério como se não tivesse 12.º ano feito, não precisei daquelas notas para nada, nem daquele ano para nada e tinha que se fazer um exame específico lá dentro, mesmo para entrar, era exame de admissão, que era Português, Filosofia e Matemática, para quem tinha chumbado a Matemática alguma vez na vida. Eu não fiz exame de Matemática apesar de só ter tido Matemática até ao 9.º ano, mas como passei sempre, nunca tive nenhuma negativa a Matemática, fiquei dispensada deste exame, fiz exame a Português e a Filosofia.

Entretanto havia número de vagas limite para entrar nas escolas do Magistério e eram pouquíssimas, entravam duas turmas por ano em cada escola do Magistério, só. Havia cinquenta vagas para Lisboa, para a escola do Magistério de Benfica e aqui para Faro havia quarenta vagas, a única diferença é que aqui em Faro havia duzentos e tal candidatos e em Lisboa eram dois mil para cinquenta vagas.

Eu tinha que optar na altura e o meu pai disse-me: “O que é que vais ficar aí a fazer havendo uma probabilidade muito forte de não entrar lá em cima? Não vais ficar aí a fazer nada.”

Aí acabou por valer mesmo a razão e vim fazer o exame de admissão ao Magistério de Faro. Fiz o exame de admissão e depois ainda voltei para Lisboa e só vim... Fiz os exames que eram o exame escrito e o exame oral, havia escritas e orais e as orais eram assistidas, tu podias ir assistir se quisesses, qualquer pessoa assistia, e os alunos que estavam a prestar exame tinham público, o exame era público e era complicado. A escola do Magistério tinha assim um peso na vida das pessoas, uma coisa um bocadinho sinistra.

Fiz os exames e soube que tinha ficado aprovada na escrita e passava à oral, então depois fiz as orais de Português e Filosofia. O professor de Português que me fez exame depois foi o meu professor durante os três anos, que trabalha atualmente na Escola Superior de Educação e Comunicação, é o professor Artur Gonçalves. Foi quem me fez o exame e quem foi depois o meu professor durante os três anos do Magistério. É uma pessoa que eu acho que de facto, em termos da área, é muito competente. A maior parte das pessoas não gosta dele, como ele costuma dizer: “Ainda está para descobrir como eu estive vinte anos sem lhe falar.”, porque ele fez uma maldade muito grande, mas isso pronto, é próprio lá do feitio dele e acabei por ultrapassar apesar de achar que foi uma maldade.

Fiz os exames, escritos e orais, e depois fui-me embora para Lisboa outra vez. Eu achei que não ia entrar aqui e que depois ia concorrer a outra coisa qualquer lá em cima. Havia a hipótese do curso de Guias na Escola Hoteleira do Estoril, havia assim algumas outras hipóteses de escolas de formação, que eram privadas, ou semiprivadas, como era o Magistério, eram um modelo à parte do ensino superior e onde eu poderia entrar.

Quando soube que tinha ficado, não sei porquê não vim logo, eu nem sequer fiz aquela receção, não me sujeitei às famosas receções ao caloiro. Eu sei que cheguei uma semana depois das aulas terem começado. [Riu] Já tinham começado as aulas quando eu cheguei. Vim e sempre que podia ia lá acima.

Eu acho que em termos de aprendizagem para ser professor foi uma boa escola, em termos humanos, em termos sociais era muito mau, era horrível. As pessoas tinham muito má formação em termos pessoais, sociais e morais. Havia gente com fortes recalcamientos e que faziam muita pressão.

Era uma escola só com mulheres. No meu curso acabaram por entrar quarenta e cinco pessoas e só havia um homem, eram quarenta e quatro mulheres. Aquilo era estranho, era muito esquisito. Nunca tive grandes problemas, a não ser algumas tretas que eu achava que eram horrorosas.

Lembro-me que a certa altura fizemos uma lista das notas que cada uma tinha e dos respetivos carros e aquilo correspondia mais ou menos, conforme o aspeto do carro.

Era muito elitista, era o nome da família ou o que a família fazia, o que a família tinha, isso condicionava um pouco a forma como as pessoas eram tratadas ali dentro. Esse tipo de valores morais que eu estava a referir são esses. Era mau, era muito mau. As pessoas não eram aquilo que valiam.

Era também a questão da média nacional que condicionava, a nota não era a que as pessoas valiam, era aquilo que a média nacional sujeitava. A soma das notas todas da turma tinha que dar entre 13,4 e 13,6. Havia os meninos preferidos que tinham altas notas e

depois tinha que haver notas muito baixas, portanto eu acho que as coisas se passavam um pouco ao contrário.

Arranjava-se argumento, achavas que a fulana tal e não gostavas da cara dela, então o máximo que lhe ias dar era um 12, por exemplo, então vamos arranjar argumentos que justifiquem que aquela pessoa tenha um 12, ou que a outra pessoa tenha 10. Passavam-se as coisas um bocadinho ao contrário, por isso é que eu digo que era mau por isto.

Claro que quem era minimamente inteligente percebia isso, era tudo muito condicionado pelo aspeto das pessoas e a forma como as pessoas eram tratadas era acomodada à classificação que se achava que aquilo ia dar para bater certo lá na média. Não havia muitos valores a esse nível.

O rapaz, por exemplo, era assim um suprasumo das senhoras todas, era o único rapaz, ele tinha um ar muito seminarista e portanto era muito bem visto lá pelas senhoras. Andava sempre com as senhoras pela mãozinha e levava flores e aquela coisa toda e é claro que foi a nota mais alta do meu curso.

Ainda hoje nós cobramos isso, por exemplo, quando fizemos o almoço de curso falámos nisso, foi no ano passado, falámos com o professor José Alberto Gonçalves, ele foi nosso professor e nós dissemos para que é que foi aquela lufa-lufa para dar uma nota tão alta ao rapaz, se ele a seguir foi-se enfiar na aldeia do Piódão, na Serra da Estrela, e nunca mais saiu de lá, nunca mais fez mais nada na vida. É o professor da aldeia, tem três ou quatro alunos. Houve uma colega de Portimão que foi visitá-lo e que disse que ele tem sete alunos, três são filhos e quatro são sobrinhos.

Era o rapaz... Era empenhado, não tinha mais nada para fazer, não saía, aquilo corria sempre bem, era muito dedicado, não digo que não tenha, mas para ele ter um 17, saíram colegas, uma colega, com 10 e 10 é uma nota com que não se tinha colocação na altura, de certeza absoluta. Era condicionar a vida das pessoas e isto fazia-se e isso sempre me incomodou. Era eu perceber muito cedo que as pessoas eram acomodadas e a forma como se tratavam as pessoas e as oportunidades que lhes eram dadas eram em função daquele retrato preconcebido que se tinha feito daquela pessoa. Havia muito preconceito moral, ético, à volta das pessoas, alunas do Magistério. Isso é que era mau, era muito injusto. Tinha a contingência da tal média nacional, mas depois as pessoas usavam e abusavam dos pequenos poderes em função dessa treta da média nacional.

Mais coisas...

Os meus pais?!...

Eu já descrevi os meus pais anteriormente.

O meu pai já faleceu, mas de facto era... Eu fiquei muito mal. Foi o pior período da minha vida, foi quando o meu pai faleceu, foi mesmo dramático para mim. Ainda hoje tenho saudades do meu pai porque foi mesmo uma pessoa muito importante na minha vida... [Ficou emocionada]

Era um homem muito generoso e isso eu aprendi com ele, acho que tenho esse bichinho. Aquela generosidade que ele conseguia transmitir a toda a gente, era uma pessoa boa e era muito trabalhador. Trabalhava para nos sustentar a todos, a minha irmã, por exemplo, acabou por ir para o colégio também porque não ia ficar atrás e o meu pai tinha que trabalhar bastante porque pagava duas filhas num colégio que era caríssimo. Não éramos ricos, ninguém tinha para aí posses do outro mundo, era o trabalho do meu pai, com algum apoio dos meus avós, que sustentava aquilo tudo, mas sempre aguentou.

Se me senti apoiada por eles?... Sempre. Sempre, sempre.

A relação com a minha mãe nunca foi muito pacífica... [Riu] Eu acho que a minha mãe é uma pessoa muito autocentrada, o mundo gira à volta dela... [Riu] É difícil o relacionamento com a minha mãe. Ela teve problemas de saúde também quando era miúda, foi sujeita a medicação e foi uma intervenção assim um bocadinho mais complicada, com um medicamento fortíssimo que teve que vir de Londres e condicionou um pouco. A minha mãe teve uma ameaça de paralisia cerebral que foi atalhada com esses tais medicamentos que foram mandados vir de Londres e portanto também se tornou uma pessoa muito autocentrada.

A minha mãe, por exemplo, quando fui operada teve uma espécie de ataque em que deixou de ouvir, bloqueou metade da cara e deixou de funcionar. Teve inclusivamente um problema de córnea, estoirou, porque aquele lado empancou, digamos.

Eu acho que ela finalmente tinha que dedicar atenção a alguém, não podia ser só ela o centro das atenções. Quando era pequenina, por exemplo, era a minha avó que me dava banho, que me dava comer à boca porque ela não tinha paciência e ficava logo transtornadíssima, indisposta e aquilo era horrível para ela porque eu não fazia o que ela queria. Sempre foi assim muito em função dela própria. Depois tinha o contraponto da minha avó e do meu pai, mas a minha mãe era muito autocentrada e nunca foi muito pacífica, mas pronto, não foi nada de espetacular nem particularmente complicado.

Mais...

Que idade é que eu tinha quando comecei a minha carreira? Pois tinha vinte e um anos. [Sorriu]

Foi quando acabei o curso, fui logo colocada pouco depois.

Eu faço os vinte e um em maio e fui colocada ainda nesse ano, portanto em 1988 comecei a trabalhar.

O que sentiu quando os seus primeiros alunos a chamaram de professora? É engraçado porque muito recentemente é que os meus alunos me chamam “professora”. Sempre foi a Tisha, só Tisha. O chamar “professora não sei quantas”, curiosamente é estranho porque eu era muito jovem e não tinha...

É claro que naquele ano que estive lá para aquele desterro atrás do sol-posto e para aquelas pessoas mais de ambiente de aldeia era a professora e era impensável que os filhos não chamassem a professora sem ser por “professora”, mas era a professora Tisha.

Tisha já vinha, veio da minha escola secundária. Foram as minhas amigas, o meu grupo de escola secundária que me começou a chamar Tisha porque Fátima era um nome pesado, assim muito grande e em casa sempre me chamaram Fatinha, era Fatinha, não era Fátima.

Uma amiga minha, um dia na brincadeira disse “Fatinha Fatisha. Olha lá, ficas só Tisha porque isto é um nome muito grande.” Uma era Ana, outra era Tita, outra era não sei quê, éramos assim e então ficou Tisha e sempre foi Tisha e para os miúdos também.

Nas escolas, por exemplo aqui da cidade, mesmo ali já em S.Luís, tenho turmas que me chamaram sempre só Tisha, nunca me chamaram “professora Tisha” ou “professora”.

Atualmente tenho essa necessidade porque acho que se perdeu o respeito pelo facto de nós sermos professoras. A coisa aligeirou de tal maneira que eu tenho que fazer questão de que me chamem professora, os miúdos sobretudo, porque os pais também. Acho que é estranho, é estúpido, mas a questão do título nunca me fez assim muita moça.

Chamar “professora” nunca teve nada a ver com respeito e hoje em dia acho que isso faz falta. O título para mim é uma muleta, foi ao fim ao cabo uma muleta para incutir respeito nos outros. Tu chamas “senhor doutor” e se não chamares “senhor doutor” continuas a ter respeito por um médico ou por um advogado, ou outra coisa qualquer, não é por aí.

Hoje em dia há tão pouco respeito que voltou a surgir a necessidade, e no meu caso surgiu mesmo a necessidade de me chamarem “professora Tisha” porque as coisas viraram uma rebaldaria tal, uma falta de respeito tal, que tem que se exigir e temos que ir buscar aquela coisa bacoca dos títulos que não fazem muito sentido.

O meu casamento...

Eu não sou casada. [Riu] Não sou. Posso definir tudo o resto, mas o dia do casamento não porque eu nunca casei. Nós nunca casámos, vivemos juntos há 20 anos. Faz 20 anos. Nunca casei, no entanto sempre vivemos juntos e corre tudo bem.

A maternidade foi muito bom. Foi muito bom ser mãe. Foi complicado, difícil, o Martim foi muito complicado para nascer, fui em coma para Lisboa, mais uma vez... [Riu] Sempre que tenho que me submeter a alguma intervenção de saúde é sempre nas últimas e tive em coma de facto, foi muito doloroso.

O Martim foi muito prematuro, foram assim uns anos difíceis. Na altura eu não estava na escola, estava na Direção Regional de Educação, portanto também consegui ter ali assim... De facto tinha colegas fabulosos nessa altura, são as tias do Martim. [Sorriu] Foi um grande apoio, mas tem sido difícil.

O Martim foi complicado, teve fisioterapia durante dois anos, era ir buscar, eu na altura morava em Vilamoura e trabalhava em Faro e a fisioterapia era em Faro. Eu vinha trabalhar de manhã, depois ia buscar o Martim a Vilamoura porque ele estava em casa com a minha mãe, trazia-o para a fisioterapia, levava-o outra vez a Vilamoura e depois vinha trabalhar outra vez e ao fim do dia ia de volta. Fazia seis viagens assim para trás e para a frente. Na altura era cansativo, complicado. Foi difícil, depois ele começou a ter a natação, depois tinha as consultas mensais em Lisboa, tinha que todos os meses ir a Lisboa durante alguns anos.

Não foi fácil ser mãe... [Sorriu] E pronto, fechou a fábrica.

É um facto que tive sempre apoio. Nesses três primeiros anos do Martim eu estava na Direção Regional, não era trabalho direto com os alunos, era mais fácil de gerir porque se houvesse uma dificuldade qualquer, um problema qualquer, o trabalho que eu tinha para fazer ficava para o dia seguinte e pronto, tive essa flexibilidade. Depois não, quando voltei à escola, também o Martim já tinha alguma resistência e já conseguia. Depois tive o apoio da minha mãe, portanto ele só foi para o Jardim de Infância já com três anos e muitos meses, quase quatro.

Ele é de janeiro e entrou em setembro no Jardim de Infância quando já tinha feito os três em janeiro, quase a fazer os quatro.

Conciliar a carreira com a vida familiar? Não é sempre fácil, houve opções que eu tive que fazer, por exemplo, não me inscrevi no Mestrado mais cedo porque houve uma altura em que era para me inscrever, mas o Martim estava a entrar para o 1.º ano de escolaridade, estava a entrar para a escola e achei que ele ia precisar de alguma assistência e de apoio porque ele tem algumas problemáticas, por ter sido muito prematuro e era preciso controlar mais.

Tive que fazer algumas opções a esse nível entre a carreira e isso. Em relação ao resto da vida familiar nunca tive problemas, antes pelo contrário, sempre me deu apoio.

Como eu costumo dizer, nunca me incentivou, mas também nunca me obstaculizou no que quer que eu quisesse fazer.

Foi sempre o Martim que eu pus à frente, mas foi opção, inclusive interrompi o Mestrado e deixei a tal cadeira por fazer por causa do Martim, por causa desta problemática toda que ele teve. Tinha que parar alguma coisa, portanto ...

Eu sou muito perfeccionista, ou faço bem feito ou não faço e então parei. Era preciso dar assistência ao Martim, não me arrependo, foi uma opção. Tenho pena, mas não me arrependo. [Sorriu]

É engraçado porque em Lisboa nas consultas os médicos reconheciam-no e estavam sempre a dizer isso “O Martim está bem porque o Martim tem pais fabulosos”. O Martim sempre esteve à frente de tudo na minha vida desde que nasceu e é a primeira prioridade.

O Martim já tem dezassete anos e ele só está bem como está, depois de tudo o que também já passou, coitado, também como eu digo, não tem uma estrela, tem uma cruz na testa porque nós vamos conseguindo amparar a estrutura dele e o desenvolvimento mais ou menos harmonioso.

Não me posso queixar, não é um miúdo revoltado, não é um miúdo que se meta em confusões porque tem alguma estrutura de retaguarda e isso faz com que eu não me tenha arrependido um milímetro. [Riu]

Como é que eu me sinto enquanto professora do 1.º ciclo? Muito pouco professora.

Muito genericamente, depois de tudo o que eu já disse, muito pouco em relação àquilo que eu gostaria de ser, àquilo que eu acho que deve ser um professor do 1.º ciclo.

Neste momento sou muito pouco. Acho que a escola está a dar mais obstáculos do que facilitadores à vida de um professor e está a rebentar-se completamente com a escola pública, dramaticamente.

Se eu fosse Ministra mudava tudo. [Riu] Começava pelo modelo de gestão das escolas, é um sério obstáculo, as escolas estão todas desorganizadas. Os mega agrupamentos desestruturaram completamente as escolas, nada faz sentido, não há articulação, não há intercâmbio de recursos, não há tudo aquilo que era suposto terem sido as grandes parangonas da organização dos agrupamentos.

Uma das vantagens de ser agrupamento era a facilidade na gestão dos recursos, quer físicos, quer humanos, nada disso se faz, nada mesmo. Este modelo é muito mau e depois é um modelo autocrático, é tudo centrado na figura de um diretor e está tudo nas mãos daquela pessoa. É ele que escolhe os adjuntos, tudo depende dele por ali abaixo em escalada e é humanamente impossível funcionar assim.

Uma escola já é difícil, um agrupamento inteiro é impossível, é humanamente inconcebível que uma pessoa consiga fazer um bom trabalho, mesmo que queira, é impossível fazer um bom trabalho. Quando há problemas, dispara-se por todas as frentes, que é o que está a acontecer na maior parte dos agrupamentos, portanto está tudo desorganizadíssimo.

Como é que eu vejo o meu futuro? E o que espero para o futuro dos professores em Portugal?

Já disse este ano de 2015, mais vezes do que gostaria, que deveria emigrar por tudo isto, porque a escola não presta. É mau, é mau ser professor, é mau ser aluno.

Eu acho que os meus alunos são infelizes porque está tudo errado. A organização está... Eu sinto que está errado, cada um faz o melhor que pode. É claro que eles são meninos felizes à sua maneira, mas estamos a criar crianças horrorosas, autocentradas, egoístas, voltou a história do não se pode copiar porque estão sempre a fazer testes, sempre a ser avaliados e isso destrói o espírito de equipa e as interações sociais todas. Estes meninos estão a desaprender de viver em sociedade, a escola está a fazer com que eles desaprendam de ser seres sociais, completamente. Já não há brincadeiras que prestem, nada. São meninos infelizes, a escola não é boa.

Para o futuro tenho grande, grande, grande ceticismo, para não dizer desconfiança e não é bom. Ou se muda qualquer coisa, ou se percebe que isto de facto está errado e se tenta mudar porque entretanto destruíram-se muitos valores.

Não há professores novos, os professores estão a ficar velhos nas escolas pelo facto de não se poderem reformar mais cedo, estão a ficar velhos, estão a ficar frustrados porque é desumano exigir a uma pessoa com mais de sessenta anos, e sessenta já acho que é o limite, que trabalhe com crianças, é um distanciamento brutal, é violento porque é um distanciamento brutal da sua própria vivência, da sua energia.

Um professor para trabalhar com miúdos tem que ter energia, tem que ser novo, não pode ser uma pessoa de sessenta anos. Mesmo nos outros ciclos, as pessoas estão exaustas, entra numa turma enorme, passados não sei quantos minutos sai e vai para outra turma enorme, as pessoas não têm capacidade para isto, não se lembram do nome dos miúdos, onde iam na matéria, isto é horrível porque é muito exigente. Andar a mudar de sala em sala e de turma em turma para os outros ciclos também é violento, para nós é violento porque o diferencial das idades é muito maior ainda.

Aquelas brincadeiras, os programas de televisão dos miúdos, tenho que estar a perguntar-lhes, eles é que me vão dizendo quais são as novidades e eu começo a ser daqui a pouco da idade das avós deles. Isto é muito complicado para uma criança de seis anos que entra, ou de cinco como os meus, que entraram na escola, é horrível, é uma velha, é porque é um distanciamento muito grande e depois nós já não temos energia.

Os miúdos são pequeninos, as cadeiras são pequenas, as mesas são pequenas, andas constantemente dobrada sobre eles para ensinar as coisas, rebentas com a coluna, as pernas. Para lhes explicar alguma coisa, vou-me sentando nas mesas deles e depois é uma postura completamente incorreta.

Isto ao longo dos anos vai pesando, portanto é humanamente impossível, não vale a pena querer que os professores trabalhem mais e depois claro, as pessoas neste momento são obrigadas, está tudo contrariado, isto condiciona a vida toda das pessoas, vai-se mal disposta para a escola, respinga-se com colegas, respinga-se com funcionários, leva-se os moços todos a direito, ninguém tem paciência para fazer nada, nem atividades giras, nem criar nada.

Os novos, poucos, que estão a chegar à escola que vêm de vez em quando fazer uma substituição apanham com este panorama de gente frustrada, que lhes diz logo “Não precisas de fazer nada disso porque não vale a pena.” É melhor até que nem faça para não dar ideias a ninguém, portanto quem consegue entrar neste momento numa escola para trabalhar e é novo, está a apanhar péssimos vícios, está a apanhar tudo errado, tudo aquilo que não era suposto. O pouco que possa ter aprendido, e que eu já acho que também não é

grande coisa, morre por ali porque chega às escolas com este panorama, as pessoas não estão contentes.

Quem está no privado, por exemplo, é horrível, é pior ainda, há gente no privado que tem que lavar a própria sala. Aquilo tem que render e os privados estão a perder alunos, portanto tem que se fazer de tudo um pouco.

A escola não tem grande futuro se isto não mudar mesmo tudo radicalmente.

Entrevistadora - Para terminar pedia-te que atribuísse uma classificação a cada um dos momentos da tua vida já referidos, com as classificações de 1 a 4.

Entrevistada - Isto é complicado, eu só estive a falar bem, o que queres que eu diga agora. É assim:

A infância foi muito boa, 4.

O percurso escolar no ensino primário também.

O percurso no ensino preparatório também.

Juventude e adolescência também.

O secundário foi o período melhor da minha vida.

O ensino superior não foi, não porque eu não achasse que era válido, é porque era mau em termos humanos e em termos sociais, 3 ou menos ainda. Não foi bom. 2. Eu não gostei, mas depois quando fiz a parte da Licenciatura, não, já foi bom. O equivalente ao superior mesmo foi horrível.

Primeiros anos de carreira, 3.

O teu percurso profissional, 3.

A relação com os pais, 4, foi sempre boa.

Casamento e maternidade também.

É um bocado presunçoso, mas eu acho que é porque eu sou positiva e isso é que me vai aguentando no meio disto tudo.

Como eu costumo dizer, quando eu tinha dez anos os médicos disseram aos meus pais que eu não ia aguentar portanto prepararam, e daí que a minha mãe teve aquele choque, prepararam-me porque eu não tinha muito tempo de vida. Se sobrevivesse à operação, não ia sobreviver porque isto era muito complicado, a minha operação demorou seis horas, foi coração aberto, com as costelas serradas, ficou tudo aqui uma manta de retalhos, não era suposto, portanto aos dez anos já não devia cá estar.

Como costumo dizer, já estou a dever muitos, portanto o facto de eu ter resistido fez com que eu fosse uma pessoa mais positiva e acho que só assim é que aguento com os embates. Algumas coisas menos positivas eu aguento por isso.

Entrevistadora - Gostei muito de falar contigo. Muito obrigada.

Data e local da entrevista

20 de julho de 2015

Loulé

Perfil da entrevistada

- Nome: **NATÁLIA**
- Data de nascimento: Novembro de 1974
- Idade: 41 anos
- Profissão: Professora do 1.º CEB
- Tempo de serviço docente: 19 anos

Entrevistadora - Quem é a Natália?

Gostaria de me falasses sobre a pessoa que és hoje e que recordasses as etapas da tua vida, como o teu nascimento, a tua infância, o teu percurso escolar, a tua carreira, a tua família, ...

Entrevistada - A Natália é uma menina que nasceu em novembro de 1974, no Hospital Distrital de Faro.

A Natália apesar de ter pedido muitas vezes para ter um mano, nunca chegou a ter nenhum irmão, sou filha única, fui uma menina mimada, mas não em excesso. [Sorriu]

Tive uma infância muito saudável, muito feliz porque vivia no campo e há muita liberdade e ao mesmo tempo muita união entre as crianças. Desde muito cedo que comecei a conviver com as crianças do sítio onde vivia, e onde vivo ainda, e brincávamos muito na casa uns dos outros. Eram brincadeiras muito saudáveis, muito engraçadas, imaginativas, nós de pequenas folhas e de pequenos pauzinhos fazíamos assim os nossos jogos e as nossas brincadeiras.

Para além disso também tive a vantagem de ter um tio que era nove anos mais velho do que eu, mas que era muito criança, então era como se fosse meu irmão e andava sempre atrás dele. Para onde ele ia, tinha que me levar. Quando ele saía da escola ia guardar as cabrinhas da minha avó e eu ia atrás. Então brincava também muito com os amigos dele e com as minhas amigas mais pequenas.

Tenho muitas recordações boas dessas aventuras. Nós brincávamos muitas vezes na minha casa porque era aquela que era mais ao centro do sítio, então iam muito para a minha casa. Tinha um baloiço que dava para todos brincarem. Fui muito feliz.

Os meus pais eram novos, a minha mãe tinha dezassete anos e o meu pai tinha dezanove quando eu nasci, por isso eram pais muito brincalhões, principalmente o meu pai. A mãe é sempre aquela responsabilidade de fazer o almoço, o jantar e essas coisas todas, mas o pai tem sempre mais tempo.

Acho que fui muito privilegiada nesse sentido porque o meu pai era muiiito [Deu ênfase a esta palavra] brincalhão e gostava de andar sempre a mostrar... A dizer quais eram os passarinhos que estavam naquele ninho, a falar-me muito sobre a natureza, sempre a ensinar-me canções e a assobiar e todas aquelas coisas.

Fui um pouco “Maria-rapaz” porque como estava habituada com o meu tio e também com o meu pai era muito jogo de bola, jogo de... Às vezes coisas típicas de rapaz.

Como já disse fui privilegiada e também o fui noutra sentido, a minha casa era mesmo perto da escola primária, então eu desde pequena, aí com três, quatro anos, eu já sabia o horário em que os meninos iam para o intervalo, o horário do almoço e o horário da saída e então ia sempre espreitar por detrás de casa para espreitar os meninos a brincar e então sempre tive esse grande interesse pela escola, para entrar para a escola.

Às vezes escapava-me de casa e ia mesmo lá à escola primária e então a professora abria a porta e eu lá ficava sentadinha a um cantinho a ouvir as matérias que estavam a dar até que a minha mãe dava pela minha falta... [Riu] E tinha que me ir buscar à escola.

Com cinco anos entrei para a escola, como fazia anos em novembro consegui entrar com cinco anos, e lá perto de casa, na Mesquita, havia uma escola nova, tinha sido inaugurada havia dois ou três anos no máximo, era o *Ex Libris*, tinha tudo o que era moderno, agora já não está assim tão moderna como isso, mas era uma escola muito bonita.

Nós éramos um grupo, havia duas salas, tínhamos 1.º e 2.º ano numa sala, 3.º e 4.º noutra sala, mas éramos todos muito amigos, mesmo os mais velhos eram muito amigos dos mais novos, e havia uma grande... Uma boa relação entre nós.

As recordações que eu tenho dessa altura são boas recordações. Eu acho que era uma menina muito atinadinha no trabalho, no entanto, logo no 1.º ano, nas primeiras duas semanas tive um episódio negativo, mas que não foi assim... Não me marcou para o resto da vida.

Eu lembro-me que estava na sala, atrás, e a professora estava a ensinar o “a, e, i, o, u” e eu só estava de conversa com uma colega e entretanto, naquele tempo... [Riu] Usava-se assim a palmatória, então a Natália, sem estar à espera apanhou uma bela chapadinha na cara. Claro que chorei naquela altura e a minha mãe foi perguntar à professora o que eu estava a fazer e a professora explicou que eu estava a falar. Entretanto a minha mãe “Qual era a matéria? O que se estava a falar naquela altura?”, então chegou-se à conclusão que, evidentemente eu já conhecia as letras, já sabia ler algumas palavras e aquilo para mim não estava a ser significativo porque a professora estava a dar uma coisa que eu já sabia e na minha cabecinha podia estar a falar porque eu já sabia aquilo... [Riu] Daí a chapadinha, mas não foi uma coisa que marcasse pela negativa, foi só um episódio, nunca mais também tal aconteceu.

Não tive só uma professora no 1.º ciclo, tive mais do que uma professora, recordo-me que tive pelo menos quatro professoras, porque entretanto houve um ano que uma delas estava grávida. O engraçado disto tudo é que eu consigo acompanhar as minhas professoras da escola primária porque neste momento elas ainda são minhas colegas, dão aulas em S.Brás, três delas dão aulas em S.Brás, a primeira, aquela que me deu a chapada nunca mais a vi... [Riu] Mas as outras três dão aulas em S.Brás, já trabalhei com elas, foi muito engraçado porque é aquela coisa de nós sermos alunos e de repente agora somos colegas, como é que eu as vou tratar... [Sorriu] Mas é engraçado porque elas também eram muito novas quando me deram aulas, eram muito novas.

Em relação a esse tempo recordo-me de uma escola onde não havia grades, onde nós podíamos estar a brincar tanto no recinto da escola, como nas terras ali ao lado, e era a tal liberdade que agora não há e aquela despreocupação porque não havia medo de estar a brincar num sítio que não era da escola, também não aparecia ninguém que nos pudesse fazer mal, era assim um pouco... Infelizmente isso já não acontece neste momento.

Tenho boas recordações das professoras primárias que tive e hoje são minhas amigas. Ainda se fazia uso da régua, a Natália nunca apanhou com nenhuma... [Sorriu] Mas recordo-me de uns amigos meus que uma vez fizeram uma asneira qualquer e então a professora ia dar vinte reguadas num e mais vinte reguadas noutra. O primeiro apanhou as vinte reguadas e no segundo a régua partiu-se e aquilo foi uma risota naquela sala. Depois começaram a esconder a régua à professora e depois apanharam outra vez, mas aí eu não estava envolvida nessas coisas. Eu não! [Sorriu] Eu sempre me portei muito bem... [Riu]

Depois a mudança para o ensino preparatório, para o 2.º ciclo, foi uma grande mudança porque aí a escola já era uma escola na vila, a Natália era pequenina nessa altura, só tinha nove anos, eu só tinha nove aninhos, era a mais pequena do grupo, sempre fui a mais pequena, a mais novinha. Então a minha mãe incumbiu logo lá uns meninos, os maiores lá da zona, porque tinham que tomar conta de mim porque nós abalávamos de casa por volta das sete e pouco, não me recordo bem a hora, porque íamos no autocarro da Câmara, levava-nos à escola e depois só nos ia buscar às seis da tarde, então era aquele tempo todo na escola.

Houve uma vez que eu até fiquei lá na brincadeira, esqueci-me do autocarro, a sorte é que houve alguém que, quando estavam todos no autocarro, estava quase a abalar e alguém se lembrou “Onde está a Natália? A Natália não está aqui!”. Lá foram buscar a Natália que estava de brincadeira com outros, sabe Deus onde... [Sorriu]

Eu, como já disse, sempre fui das mais novas e isso para mim também era um pouco motivo de orgulho porque sentia-me importante por ser a mais nova.

Eu fiz o ensino preparatório no Externato de S.Brás de Alportel, antes era um colégio particular, mas depois passou a ser público e era... Tinha a diretora que era a professora Bernardete que tinha ali mão pesada com o pessoal, aquilo ali ninguém se podia comportar mal porque a coisa corria mesmo mal.

Até quando nós tínhamos alguma hora livre, toda a gente gosta de uma hora livre, depois de ter quatro cinco disciplinas ter uma hora livre porque o professor faltou, aquilo era uma alegria, só que tínhamos que nos esconder porque se a professora Bernardete soubesse, andava à nossa procura, metia-nos dentro de uma sala e depois era ela que dava a aula, normalmente era de Francês... [Riu] Então aquilo saía muito mal porque havia sempre umas palmadinhas a dar... [Riu]

Era engraçado que quando nós víamos o carro da professora chegar, da professora Bernardete, da diretora, aquilo era quem mais podia fugir para se esconder por tudo quanto era canto, só para ela não nos apanhar.

O ensino preparatório são aqueles momentos em que nós aprendemos... Começamos a crescer, começamos a lidar com... Começamos a crescer em todas as dimensões, tanto pessoais, como sociais, começamos a lidar com outras pessoas, neste caso, nós éramos do campo começámos a lidar com muitas pessoas da vila, com outra maneira de pensar. Já havia nessa altura quem se escondesse por detrás da escola para fumar o seu cigarrinho, então aqueles locais... Lá em casa avisavam-me logo “Natália, não vás ali para aquele sítio, ali é onde eles fumam.”, e a Natália não ia porque a Natália era muito bem comportada... [Sorriu]

Deu para crescer, deu para... Era nesta altura que falávamos sobre aqueles assuntos que às vezes em casa tínhamos uma certa vergonha de falar com os pais, descobríamos as coisas através de revistas, uma comprava uma revista uma semana, na outra comprava na semana seguinte, e líamos e depois perguntávamos às miúdas mais crescidas, então havia essa fase e foi muito engraçada.

Em termos de escola, de aulas, há sempre professores que nos marcam. Lembro-me perfeitamente de um professor de História, que infelizmente já morreu, que me marcou, é daqueles que nós ouvíamos e éramos capazes de estar ali duas horas ou três a ouvi-lo, e outros que também me apoiaram sempre.

A minha juventude e adolescência, nesta altura foi quando começámos a descobrir os namorados, as amigadas, que ficam para o resto da vida...

Tive uma juventude e adolescência também muito normal, nunca fui para certas vicissitudes como eu via alguns adolescentes irem porque já nessa altura também havia muita droga, principalmente lá no colégio já havia, também procurei sempre fugir dessas coisas, nunca tive esses problemas, nem droga, nem tabaco, nada dessas coisas. Sempre fui saudável, também porque os meus pais conversavam comigo sobre esses assuntos e eu quando tinha alguma dúvida perguntava, nunca houve aquela... Sempre tive pais, como já disse, que também eram muito amigos, eram muito meus amigos e procuravam desviar-me de algumas situações que ninguém gosta.

Em relação às recordações que eu tenho desta altura... É principalmente isto, é a descoberta, o primeiro namorado, essas coisinhas assim... [Riu]

Lembro-me de uma situação, essa marcou-me um pouco porque até hoje ainda não sei se quem preconizou essa situação se agiu bem ou se agiu mal, foi uma aula que demos ao ar livre. Não me recordo quem era a professora, não me recordo qual era disciplina, só me recordo que a um dado momento a professora tirou um cigarro e perguntou se já tínhamos experimentado fumar e alguns disseram que não e ela disse “Então, hoje vão experimentar!”.

Até hoje ainda não sei se ela fez aquilo para nos afastar, não sei se foi pela positiva, se foi pela negativa. Comigo não deu, mas achei muito estranho naquela altura, achei muito estranho essa professora fazer esse tipo de situação. Não me recordo qual foi, sei que estava sentada debaixo de uma árvore e realmente o cigarrinho correu todos os meninos que estavam ali. Meninos? Nesta altura já devíamos ter uns quinze anos. Recordo-me disso perfeitamente e até hoje não consigo ver o motivo de tal situação.

Depois o ensino secundário foi ainda no colégio, fiz lá o 10.º e o 11.º, tinha catorze anos quando entrei para o 10.º ano, era relativamente nova. Entretanto muitos amigos meus já tinham ficado pelo caminho, alguns já estavam desiludidos com o ensino, já queriam ir trabalhar, enfim, todas aquelas coisas daquelas alturas e daquelas idades.

Fiz lá o 10.º e o 11.º ano e depois o 12.º fui fazer no liceu, em Faro, à noite. Aqui apercebi-me, no liceu em Faro, apercebi-me que havia um pouco... É aquela situação em que o professor... Eu estava na área de Letras, e então lá o professor de Inglês entrava, dizia boa noite em Inglês e continuava a falar em Inglês o resto da aula e o pessoal que foi dali do colégio ficava assim um pouco de boca aberta porque não tivemos esse tipo de ensino, tudo tinha sido um pouco mais leve.

Eu fiquei muito surpreendida e pensei “Não posso ficar para trás! Tenho que começar mesmo a falar Inglês.” Foi um pouco puxado, foi um pouco difícil, mas até consegui fazer. Foi uma mudança um bocadinho estranha.

Não tenho assim muitas recordações do ensino secundário.

Quando terminei o secundário estava na altura de escolher uma profissão, de fazer a escolha decisiva, ou ia para a universidade ou começava a trabalhar. Os meus pais sempre me encaminharam para continuar a estudar e então eu, naquela altura não tinha ainda intenção de ser professora, simplesmente calhou.

Antes disso tive um ano que não entrei para a universidade e continuei a estudar, fui fazer Latim durante um ano, achei que... Foi importante porque eu quando acabei o secundário tinha dezassete anos e aquele ano deu-me tempo para eu parar e ganhar um bocadinho mais de maturidade, por isso quando entrei para a universidade já tinha dezoito aninhos e já tinha outra maturidade.

Fui estudar para o pólo de Vila Real de Stº António e foi aí que tirei o meu curso de professora do 1.º ciclo, mais tarde é que tirei a Licenciatura como Complemento de Formação.

Os meus pais foram pessoas sempre muito importantes ao longo de toda a minha vida. A minha mãe sempre esteve aberta a qualquer pergunta que eu lhe fizesse, repreendia-me sempre na altura certa, mas sempre... É um pilar que eu tenho, ela sempre me orientou e deu bons conselhos. O meu pai sempre foi mais brincalhão. Eles complementam-se um ao outro e acho que é assim que devem funcionar os pais.

Como sendo rapariga, evidentemente que alguma dúvida que eu tinha sobre certos assuntos, ia mais depressa falar com a minha mãe do que ia falar com o meu pai, mas não quer dizer que tivesse vergonha de falar com o meu pai porque eu nunca fui muito vergonhosa, mas realmente a minha mãe respondia aquilo que eu precisava de saber, então nunca tive segredos com eles, nem quando comecei a namorar, nunca tive nenhum segredo com eles.

As lições de vida que recebi dos meus pais sempre foram que temos que trabalhar para aquilo que queremos, os meus pais são pessoas de muito trabalho, só fizeram o 4.º ano, mas têm-se orientado na vida, na medida que têm conseguido.

A minha mãe tem sido uma lutadora e o meu pai também, evidentemente. Sempre me apoiaram nas escolhas que fiz, a minha mãe ficou muito contente quando soube que eu ia ser professora, era a primeira na família.

Têm-me apoiado em tudo desde o momento que eu entrei no curso, no 1.º ano não me sentia bem a viver em Vila Real de Stº António e então no ano a seguir a minha mãe comprou-me um carrinho e eu ia todos os dias e vinha de Vila Real de Stº António a S.Brás.

Foi também muito importante porque eu acho que não teria aguentado o curso até ao fim se não tivesse... Estava muito ligada aos meus pais e então não conseguia, via que não conseguia dormir lá e ficar lá uma semana inteira porque só estava a pensar na casa, na família e no namorado... [Riu]

A minha relação com os meus pais sempre foi muito boa e continua a ser até hoje. A minha mãe é que tem ficado com os meus filhos sempre que eu preciso.

Quando comecei a trabalhar também coincidiu um pouco com a altura em que casei. Nesta altura os meus pais também se disponibilizaram para me comprar um apartamento para eu poder ter a minha independência com o meu marido, sempre tiveram à frente de todas estas decisões por isso a partir do momento em que eu comecei a ir e vir todos os dias da universidade a casa, aí tornou-se mais fácil estar na universidade.

Quando eu acabei o curso também me apoiaram, partilhei sempre com a minha mãe todos os momentos, as histórias com as crianças, todos aqueles sentimentos que nós sentimos nos primeiros anos quando começamos a trabalhar e então foram sempre bons e até agora tudo tem corrido muito bem.

Ser professora para mim é um complemento daquilo que eu sou como pessoa, afinal penso que nasci para ser professora e consigo conciliar o facto de ser professora, de ser mãe, de ser esposa, de ser filha... Porque para mim tudo tem calhado ao mesmo tempo, é assim, eu acabei o curso, no mesmo ano em que acabei o curso casei, comecei a trabalhar, por isso sempre tudo esteve muito ligado.

Quando eu mudei, mudei tudo ao mesmo tempo, de jovem estudante, passei a trabalhar e a começar a constituir a minha família. Foi tudo ao mesmo tempo porque eu sou de grandes mudanças.

Claro que o facto de estar casada com a pessoa certa também é muito importante porque isto de ser marido de professora não é para toda a gente... [Riu] Porque nós passamos muito tempo... Levamos trabalho para casa, para quem acha que não levamos, levamos muiiito [Deu ênfase a esta palavra] trabalho para casa, e às vezes colocamos as coisas de lá de casa em segundo plano e se não temos um marido compreensivo e que nos entenda e que perceba que “Não, eu tenho que fazer este trabalho porque não consegui fazer ou porque aumentaram o trabalho e tenho que fazer em casa.”, às vezes pode dar problemas. Nunca foi o meu caso porque tentei sempre conciliar as duas coisas.

Tenho sido feliz no meu casamento, posso dizer que sou uma mulher feliz porque tudo aquilo que eu tenho sonhado também tenho conseguido, não é que tenha sonhos assim grandiosos, mas o normal. Tenho tido um pouco de sorte porque também as coisas têm acontecido um pouco à minha medida. Fiquei vinculada no primeiro ano de serviço, o que foi muito bom, quando eu achei que deveria ter o primeiro filho, consegui ter o primeiro filho, no mês em que queria que ele nascesse ele nasceu, depois quis ter o segundo, programei também para nascer naquele mês, e nasceu naquele mês, por isso estás a ver, sou de grandes programas... [Riu]

A partir do momento em que os nossos filhos nascem a nossa vida transforma-se, tanto mais que a minha primeira filha nasceu quando eu ainda estava a tirar a Licenciatura à noite e mais uma vez o apoio do meu marido foi muito importante. Ele ficava com ela enquanto eu ia estudar à noite e a minha mãe ficava... Quando eu comecei a trabalhar ficou sempre com a minha filha e depois mais tarde também com o meu filho, por isso eles não sabem o que é ir à creche, nada disso. Só foram à Pré quando estava na idade de ir para a Pré, até lá foram uns privilegiados porque era a avozinha para tudo e mais alguma coisa.

Quando estão doentes a minha mãe fica com eles, também tenho essa sorte porque ainda não precisei de dar faltas por estarem doentes, a não ser que seja alguma situação grave porque realmente a minha mãe está lá e não se importa de me substituir nessas alturas.

A maternidade foi um momento muito feliz. Foi não, continua a ser! Aqueles dois momentos, o primeiro momento aliás, quando nasce o nosso primeiro bebé transforma-nos, eles começam a comandar a nossa vida durante algum tempo até que nós começamos depois a dosear as coisas, mas nos primeiros meses eles é que comandam a nossa vida, mas depois dão-nos muitas alegrias.

Dão-nos alegrias que nós nunca conseguiremos obter em mais sítio nenhum, os meus filhos são crianças muito saudáveis, alegres, brincalhonas e são obedientes. Ainda nunca me deram nenhum problema de maior, que continuem assim... [Sorriu] Um já tem dez anos, onze aliás... Ele já tem onze anos e ela tem catorze, têm três anos de diferença. Até hoje não tenho nada a salientar de negativo em relação a eles, tanto na escola, como noutras situações, nunca me envergonharam, entre aspas, nem no supermercado, nada dessas coisas, nunca fizeram birras fora de casa... [Sorriu] Eu sempre disse “Birras é só em

casa. Fora de casa, não!”, então eles portam-se muito bem quando vão para fora de casa... [Riu]

Sou uma mãe muito feliz, mesmo. Até gostaria de ter mais filhos, só que a vida às vezes não possibilita essas situações.

Situações com eles tinha centenas para contar, mas assim uma em concreto... Só sei que eles gostavam muito de dormir ao colo. Eu passava horas com eles a dormir ao colo e depois ia colocá-los no berço e eles acordavam porque já não estavam perto da mãe. Tanto um como o outro são muito ligados a mim, nota-se perfeitamente. Eu estou em casa com eles o dia inteiro, o pai chega, estão um bocadinho com o pai, mas passado um bocadinho já têm de saber onde eu estou porque não podem perder a mãe de vista. Eu já disse “Vocês devem ter um radar para saber onde eu estou!”.

Posso dizer que sou uma mãe muiiiito [Deu ênfase a esta palavra] feliz e ponho aqui o “muito” com letra maiúscula, mesmo muito feliz, adoro os meus filhos mesmo.

Neste momento eles estão assim numa fase um bocadinho mais complicada, é entrar na adolescência para um, ela já está na adolescência, às vezes sente... Choca um bocadinho, mas acho que faz parte do crescimento, no entanto eu noto que ela, tal como eu fazia com a minha mãe, qualquer dúvida que tem, recorre a mim, pergunta, conta-me muita coisa que se passa na escola.

Ele já nem tanto, mas acho que isso é típico de rapaz, mas ela sempre foi uma menina que conta o que se passa na escola e quando não concorda com alguma coisa, vê que alguma coisa não está certa, procura saber qual é a minha opinião, tanto a nível de... Como o professor dá a aula, como o professor... Procura muito perceber se eu estou de acordo com ela ou se não estou de acordo com ela, se estaria certa ou não estaria certa, então ela ainda é muito agarrada à mãe.

No fim de contas, como sou feliz ao ser mãe, também sou muito feliz ao ser professora. Acho que escolhi a profissão certa, sinto-me muito bem, é um prolongamento daquilo que eu sou como mãe e também sou um pouco como professora. Procuro estar atenta ao que se passa com os meus alunos, preocupo-me se eles têm alguns problemas, levo isso na cabeça para casa e lá em casa ainda continuo a pensar porque será que aquele menino disse isto assim, e então ainda levo para casa todas essas situações que se passam na sala de aula.

Haveria muitas mudanças que poderíamos fazer em termos de situação, como as coisas estão agora, há muita coisa que deveria ser mudada em prole das crianças porque estamos a esquecer que estamos a trabalhar com seres humanos e não com números, agora só pensam em números e números.

Espero que no futuro haja mais tempo para o professor explorar a criatividade dos alunos, o espírito crítico, todas essas coisas que agora estão um bocadinho postas de parte. Faz parte do programa, mas não nos dão tempo para isso, então eu espero sinceramente que no futuro volte um bocadinho atrás ao que nós éramos antes, em que dávamos mais atenção à criatividade, ao espírito crítico, a certas situações que hoje, nos dias de hoje, estão um bocadinho em segundo plano.

Se eu tivesse que classificar a minha vida numa escala eu diria que, a começar pela minha infância, eu fui muiiiito [Deu ênfase a esta palavra] feliz na minha infância. O ensino primário também para mim foi uma época muito feliz, o ensino preparatório eu ia colocar no feliz porque aí já houve situações... Pronto, descobertas e coisas que... Algumas situações que... Colocaria no feliz.

A juventude, a adolescência também no feliz, aliás, no muito feliz, eu acho que fui muito feliz nessa altura, não havia preocupações... [Sorriu]

O percurso escolar no ensino secundário foi feliz, no ensino superior também fui feliz, nos primeiros anos de carreira também fui feliz, o percurso profissional e a carreira docente fui feliz... Não, muito feliz!

A relação com os meus pais, muito, muito, muito feliz. O meu casamento também muito, muito, muito feliz e a maternidade então... [Riu] Isso foi excelente, muito feliz também... [Riu]

Entrevistadora - Obrigada, Natália.

Data e local da entrevista

23 de julho de 2015

Loulé

Perfil da entrevistada

- Nome: **TELMA GUERREIRO**
- Data de nascimento: 26/01/75
- Idade: 40 anos
- Profissão: Professora do 1.º CEB
- Tempo de serviço docente: 19 anos

Entrevistadora - Quem é a Telma Guerreiro?

Gostaria de me falasses sobre a pessoa que és hoje e que recordasses as etapas da tua vida, como o teu nascimento, a tua infância, o teu percurso escolar, a tua carreira, a tua família, ...

Entrevistada - Nasci em Faro, no Hospital de Faro e minha naturalidade é de Faro.

Tenho um irmão, um irmão mais velho, três anos mais velho que eu. O meu irmão é uma pessoa muito importante na minha vida. Brincámos muito, fomos muito amigos, apesar de o meu irmão sempre ter um papel de pai. Até hoje assume um papel de pai, protege-me muito. A irmã é a menina dos olhos dele.

Eu era uma criança muito tímida, reservada, envergonhada, mas feliz.

Tenho uma relação super boa com a minha mãe. A minha mãe é a minha melhor amiga e na altura já se verificava isso. Com o meu pai sou mais afastada.

Os meus pais são uma grande referência para mim e até hoje mantemos uma família muito unida.

As recordações que tenho da minha infância são boas, podem-se classificar como boas.

Faço anos em janeiro e quando entrei para a escola primária tinha seis anos e passados uns meses fiz sete, já com alguma maturidade.

Lembro-me que antes de entrar na escola tinha uma grande vontade de ir para a escola e dizia todos os dias, quando passava perto da escola: “Esta vai ser a minha escola. Quando começa a escola? Quando começa a escola?”.

Quando comecei a escola foi uma grande desilusão para mim, lembro-me de chorar todos os dias, não querer ir à escola e ficar muito nervosa.

A professora era extremamente agressiva com os alunos, exigente e não respeitava o ritmo de trabalho de cada um, exigindo sempre o sucesso, que muitas vezes era difícil de alguns alunos conseguirem.

Recordo-me... Eu estudei na escola de Loulé do Serradinho, toda a vida morei em Loulé, era a escola da freguesia onde eu residia, morava perto da escola.

Tenho recordações da escola primária muito más que influenciaram muito a minha personalidade até quase aos dias de hoje pela negativa, no sentido de não conseguir falar muitas vezes em frente de um grupo, de um grande grupo, de ter que lidar com a minha timidez e alguma insegurança porque para enfrentar a professora tínhamos que ter muita coragem porque se a resposta não fosse certa, vinha daí alguma coisa má.

Recordo-me de ver episódios que me marcaram até hoje, de violência, colegas que foram agredidos à minha frente e tudo isto mexeu muito comigo.

Ainda hoje eu tenho colegas que encontro, que são pessoas que eu conheço e que andaram comigo na escola primária e todas referem que sofremos muito nas mãos daquela professora e é com alguma pena que digo isto porque gostava que tivesse sido diferente.

Quando iniciei o ensino preparatório, foi em Loulé também, logo ao lado da escola primária, na Engenheiro Duarte Pacheco, uma escola relativamente nova. Nova em todos os aspetos, nova fisicamente, no espaço para mim e na forma como funcionava.

Foi espetacular perceber que os professores não batiam, perceber que os professores ouviam os alunos e perceber que eu podia estar mais descontraída, foi muito bom, apesar de eu sentir que tinha dificuldades em falar, tinha dificuldades em ter confiança em mim porque não estava habituada a fazê-lo. Já foi uma fase mais feliz da minha vida, apesar de sentir alguma insegurança devido ao meu passado escolar.

Não conseguia lidar com a disciplina de Francês... [Sorriu] Recordo-me perfeitamente que foi um choque para mim, não tinha ninguém que me ajudasse e eu não conseguia gostar da língua... [Sorriu]

Iniciei o ensino secundário com treze anos, no liceu de Loulé, a Escola Secundária de Loulé, que me deixou recordações boas.

Fui uma aluna sempre muito certinha... [Riu] Nunca me envolvi em problemas escolares, nem com colegas, nem com distúrbios, nada disso... Estudava, fazia as minhas tarefas de estudante, cumpria com as minhas obrigações, nunca dei problemas aos meus pais no sentido de irem à escola resolver alguma coisa, mantinha as minhas notas sempre positivas dentro de um bom nível. Era daqueles alunos que se calhar os professores nem se lembravam às vezes que eu estava ali na sala, pela positiva porque continuei a ser uma aluna que não gostava muito de participar e pela negativa também porque não dava muito trabalho aos professores, estava sossegadinha.

A minha adolescência foi vivenciada sempre de uma forma muito calma porque quando eu tinha onze anos mudei de casa para o campo. Eu estava habituada a morar na cidade e quando mudei para o campo fiquei com restrição em relação às minhas amigas, às minhas atividades porque não podia sair de casa, não tinha ninguém que morava perto de mim e ficava muitas vezes em casa isolada.

O meu irmão mais velho servia muitas vezes para eu poder aproveitar alguma coisa da minha adolescência, apesar de que ele controlava muito as minhas saídas e as minhas amizades, portanto também não era assim muito fácil, mas pode-se dizer que não me envolvi em conflitos, não vivi... Não vivi amizades complicadas, não tive problemas em termos de qualquer tipo de experiência que me levasse a algum episódio difícil, portanto o balanço é positivo.

E relação à minha carreira docente, eu não... Nunca disse desde criança que gostava de ser professora, nunca tive assim decidido aquilo que queria ser. Acho que foi um bocadinho o destino que me levou a ser professora, mas acho que tive muita sorte em escolher esta profissão porque gosto muito daquilo que faço.

Gosto de ensinar e as minhas expectativas, dentro daquilo que eu faço no meu dia-a-dia estão cumpridas, sinto-me feliz.

Em relação ao ensino superior, tive que optar pelo ensino privado porque não consegui entrar em nenhuma escola pública. Tinha dezanove anos quando fui estudar para Odivelas, no Instituto Superior de Ciências Educativas.

Foi com muito orgulho que consegui bolsa de estudo que me ajudou a pagar o curso durante o período que lá estive.

Foi uma época muito boa da minha vida, vou recordá-la para sempre como uma das melhores épocas da minha vida. Fiz grandes amigos, melhorei enquanto pessoa porque aprendi muito, gostei de estar longe de casa e de criar a minha autonomia, senti-me... Senti que estava a crescer enquanto pessoa e adorei aprender, estudar, divertir-me e fazer uma nova família com amigos.

Os professores da universidade também acabaram por me marcar, tive... Realizei muitas aprendizagens muito boas, foi um período muito bom.

Os meus pais... Os meus pais são a minha referência. Sou mais próxima da minha mãe do que do meu pai, por questão de feitio. O meu pai isola-se mais e a minha mãe é mais afetiva. Estão muito presentes na minha vida, em todos os momentos. Sempre me apoiaram, sempre estiveram presentes. Temos uma relação muito próxima e... Próxima geograficamente e próxima afetivamente... [Sorriu] Não sei viver sem eles!

Em relação à minha carreira docente, iniciei a minha carreira com vinte e um anos, no 2.º ciclo, na variante de Educação Física que me permitiu verificar que preferia fazer uma mudança, não era ali que estava bem, que me sentia realizada profissionalmente e mudei para o 1.º ciclo ao terceiro ano. Aí encontrei o meu percurso profissional até hoje. Portanto, sinto-me mais realizada no 1.º ciclo, é isto que eu gosto de fazer!

Tenho uma boa relação com colegas, alunos e encarregados de educação e até hoje tenho momentos marcantes pela positiva, não recordo nenhum negativo.

O trabalho e a família... Do dia do casamento recordo todos os pormenores como se fosse hoje. Foi um dia magnífico e muito especial para mim e para o meu marido. Foi assim tipo dia de uma princesa, foi muito bonito.

A vida de casada para mim é partilha, compreensão, respeito e se isto funcionar, corre tudo muito bem.

Sou feliz, tenho momentos de felicidade, tenho muitos, o que faz de mim uma mulher feliz.

A maternidade é um desses momentos de felicidade. Nasci para ser mãe e sou muito maternal. Sou capaz de... De muita coisa pelos meus filhos, muitos sacrifícios e eles são a minha prioridade.

Eles dão-me muitas alegrias, é lógico que muiiito [Deu ênfase a esta palavra] trabalho, é uma exigência muito grande para mim, mas acho que tenho conseguido fazer um bom trabalho.

Adoro... Os episódios que mais recordo dos meus filhos são quando eles começam... O primeiro é a primeira gargalhada. A primeira gargalhada faz de nós... Esquecemos tudo o que é difícil e ficamos a pensar naquilo e cada vez que ouvimos o nosso filho a dar a primeira gargalhada é fantástico.

Os primeiros passos, vê-los a andar sozinhos é... É delicioso.

Quando começa a falar e dizem uma frase que o meu filho diz constantemente: “Mãe, gosto muito de ti!”, é assim uma coisa... Não nos lembramos de mais nada, só nos lembramos daquilo e os bons momentos superam sempre os maus, sempre, sempre e estas frases são fantásticas.

Sou muito feliz porque tenho... Tenho dois filhos espetaculares, uma menina e um menino, com alguma diferença de idade, mas que me completam e são a minha alegria.

Consigo conciliar a minha vida profissional com a minha vida familiar com algumas estratégias.

Desde que o meu filho nasceu o que eu consigo... O que eu encontrei como solução foi ficar na escola após o horário letivo e trabalho das três e meia até mais ou menos às cinco horas, quando o vou buscar ao infantário, e nesta hora e meia todos os dias faço a gestão do meu trabalho. Desta forma não levo trabalho para casa para não ficar sobrecarregada e assim o marido não reclama muito. [Sorriu]

Ser professora do 1.º ciclo é ser mãe, tia, psicóloga, avó e passar um bocadinho por todas estas presenças na vida dos meninos... É saber ensinar, é saber partilhar, é saber dar afeto e conseguir transformar os nossos meninos em seres mais completos.

Gostaria que o nosso sistema de ensino valorizasse mais o trabalho do professor, dando-lhe mais regalias, por exemplo.

Espero que o futuro, o meu futuro e o futuro dos meus colegas e dos meninos que frequentam a escola, seja positivo, seja bom em termos de aprendizagem e que os professores tenham condições... Condições psicológicas, condições laborais para o fazer.

Vamos às notas: [Riu]

Infância - Feliz

Percurso escolar no ensino primário - Infeliz

Percurso escolar no ensino preparatório - Pouco Feliz

Juventude/Adolescência - Feliz

Percurso escolar no ensino secundário - Feliz

Percurso escolar no ensino superior - Muito feliz

Primeiros anos de carreira - Feliz

Percurso profissional: Carreira docente - Muito feliz

Relação com os seus pais - Muito feliz

Casamento - Muito feliz

Maternidade - Muito feliz

Entrevistadora - Muito obrigada pela colaboração!

ANEXO V - ANÁLISE DO CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS

Professora do 1.º CEB

- Nome: **ANA CRISTINA JACINTO**
- Idade: 41 anos
- Tempo de serviço docente: 18 anos

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
Nascimento e Infância	<p>“Eu nasci a 19 de julho de 1974, depois do 25 de abril. Nasci em Lourenço Marques, em Moçambique.</p> <p>Vivi aí até aos cinco meses, os meus pais depois da revolução foram obrigados a emigrar e emigraram para a África do Sul, para Joanesburgo, onde vivi até, aproximadamente, aos doze anos.”</p> <ul style="list-style-type: none">▪ Recordações da infância <p>“Considero a minha infância muito feliz, era uma criança muito feliz.”</p> <p>“Como criança sempre fui muito traquina, muito brincalhona, sempre gostei muito de brincar.”</p> <p>“Desde pequena que sonhei ser professora, sempre foi o meu sonho. Lembro-me que quando era pequena adorava brincar sozinha às escolas, era a minha profissão de sonho. Costumava brincar no meu quarto, sem bonecos, era mesmo só escola, com o planifério na parede e conversava sozinha, ia descobrindo países e surgiu assim o amor à profissão de professora.”</p> <p>“Realmente a minha infância foi uma época muitíssimo feliz. Acho que fui mesmo criança, na altura certa e na altura devida.”</p> <p>“Vivi na África do Sul até aos doze anos.”</p> <ul style="list-style-type: none">▪ Relação com os irmãos e os pais <p>“Tenho um irmão mais velho do que eu. A nossa relação enquanto jovens sempre foi de gato e cão, discutíamos imenso, aquelas discussões que são normais naquela idade.</p> <p>Somos completamente diferentes.”</p> <p>“A relação com os meus pais era muitíssimo boa. Como menina do papá posso dizer que sempre tive uma relação mais próxima do meu pai, foi ele que me ensinou a nadar, era ele que estudava comigo.</p> <p>É diferente a relação entre um pai e uma filha e a relação de uma mãe e uma filha. Não menosprezando a minha mãe, sem dúvida, mas a relação é diferente, acho que é normal.”</p>

Análise e Interpretação

A Ana nasceu em Lourenço Marques de (Moçambique), mas devido à instabilidade

Análise e Interpretação

política originada pela queda do regime em Portugal, a 25 de abril de 1974, os seus pais foram obrigados a emigrar quando ela ainda tinha cinco meses de idade. Assim, a sua infância foi passada na África do Sul, em Joanesburgo, e aí cresceu feliz com os pais e com os amigos.

As suas brincadeiras eram partilhadas com os amigos na rua e nos parques onde corriam e brincavam dentro daquela liberdade de criança que desconhecia todos os sentimentos negativos de racismo que os rodeavam.

Para além das brincadeiras na rua com os amigos, a Ana também brincava feliz em casa imaginando que era professora e daí nasceu um sonho que mais tarde se veio a tornar realidade.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Percurso escolar no ensino primário</p>	<p>“Eu estudei numa escola inglesa, tinha o regime inglês e chamava-se <i>I H Harris</i>.”</p> <p>“Como faço anos em julho e a escola começa em janeiro, ingressei na escola quase com sete anos. A minha entrada na escola foi espetacular, espetacular.”</p> <p>▪ Recordações do ensino primário</p> <p>“O meu primeiro dia de aulas foi o dia mais feliz da minha vida. Lembro-me de ter chegado à escola e a minha professora perguntar: “Então Ana, queres ir para casa ou ficar na escola?” e eu lembro-me de lhe ter dito: “Não, não. Eu quero ficar na escola.” porque entretanto havia outros coleguinhas que choravam e queriam os pais, mas eu não, nada!</p> <p>Para mim a escola era o meu mundo. Desde o início que há esse fascínio pela escola.”</p> <p>“Sendo criança, adorava ir para a escola, conviver com outras crianças porque eu nunca tive Pré.”</p> <p>“As nossas aulas eram só de manhã, e à tarde tinha aulas de Português, não todos os dias. Nós também tínhamos o ensino do Português, onde os meus pais sempre fizeram questão que falássemos Português.”</p> <p>“Na África do Sul, na altura, vivíamos o Apartheid, seriam os brancos para um lado e os negros para o outro lado, não havia convívio, não havia mistura.</p> <p>Na escola onde eu andava éramos todos brancos, crianças brancas, professores brancos, só os funcionários é que eram negros e todos do sexo masculino, não havia ninguém do sexo feminino que limpasse a escola, mas posso dizer que da minha parte sempre existiu um excelente relacionamento com eles, eles eram extremamente meiguinhos connosco, muito atenciosos. Por isso posso dizer que a minha escola primária foi excepcional.”</p> <p>“O sistema na África do Sul, em relação à escola, funciona de maneira diferente, nós todos os anos temos uma professora diferente, no 1.º ano tive</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	uma professora, no 2.º outra e assim sucessivamente.”

Análise e Interpretação

A entrada para a escola foi um dos grandes momentos da vida da Ana, pois tal como sempre imaginou nas suas brincadeiras, teve a oportunidade de viver o seu sonho.

A Ana estudou numa escola que seguia o regime Inglês e onde se falava Inglês, por isso no período da tarde frequentava aulas de Português, uma exigência dos pais para que a Ana e o irmão nunca perdessem a memória do seu país, Portugal.

Apesar de ter vivido, dos cinco meses aos doze anos, num ambiente de segregação racial devido ao regime do Apartheid, conseguiu ser feliz e aprender a respeitar todos, pois mesmo não convivendo com pessoas negras, a não ser com os funcionários da escola, nunca sentiu essa diferença nem essa superioridade.

Hoje a Ana reconhece que as diferenças entre o sistema educativo inglês eram notórias em relação ao sistema português. Dessas diferenças destacou o calendário escolar com início em janeiro, o uso de uniforme e a mudança de professora de ano para ano.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
Percorso escolar no ensino preparatório	<p>“Eu fiz até ao 5.º ano na África do Sul.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Recordações do ensino preparatório <p>“Quando cheguei a Portugal foi a 27 de janeiro de 1987, fomos para Castro Verde. Fui para o 6.º ano, no Ciclo Preparatório de Castro Verde, entretanto já tinha perdido um período, comecei o 6.º ano em janeiro.</p> <p>Não posso dizer que tenha sido um ano fácil, mas também não foi difícil porque o facto de ser nova numa vila as pessoas são mais carinhosas, nós somos bem-vindos, na altura era conhecida pela “africana”.”</p> <p>“O sonho do meu pai era ser professor e não pôde ser, ele tem o 7.º ano antigo, considero-o uma pessoa extremamente culta, uma pessoa que gosta de ler e então era a pessoa que me ajudava mesmo, a minha mãe tem o 4.º ano.”</p> <p>“Foi um ano mais difícil na disciplina de Matemática, eu fui muito bem recebida, mas a Matemática... Uma das frases que ficou da minha professora de Matemática foi que eu não estava preparada para um 6.º ano porque a minha Matemática era de um 4.º ano.</p> <p>Então aí os meus pais tiveram que encontrar uma explicadora de Matemática para me poder ajudar. Realmente tive sucesso, aprendi, consegui fazer o 6.º ano, mesmo chegando a meio e passei para o 7.º ano.”</p> <p>“Em relação às minhas lembranças de escola posso dizer que sempre foram espetaculares porque a escola sempre foi a minha vida porque fora da escola, é o que acontece infelizmente hoje quando a escola termina e entramos de férias, não temos grandes amigos.”</p> <p>“Em Portugal realmente houve algum choque, algum choque em termos de</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>mentalidades.”</p> <p>“Nós na África do Sul tínhamos uniforme porque é próprio do sistema inglês e somos todos iguais, não existia aquela discriminação em relação à roupa.</p> <p>Aqui em Portugal notava que havia mais vaidade, sobretudo as minhas colegas do 6.º ano miravam-se umas às outras e a minha mentalidade nunca foi para aí, sempre foi para os estudos, a escola serve para estudar, para brincar porque nós também tínhamos momentos de brincadeira. Eu fui muito feliz na escola!”</p> <p>“As amizades mais profundas que me ficaram foram realmente as da escola preparatória.”</p> <p>“Andei em Castro Verde até ao 7.º ano, fiz o 6.º e o 7.º ano, entretanto os meus pais decidiram sair de Castro Verde.”</p>

Análise e Interpretação

O percurso da Ana no ensino preparatório foi repartido entre o 5.º ano em Joanesburgo (África do Sul) e o 6.º ano em Castro Verde (Portugal).

A chegada a Portugal, já no decorrer do ano letivo, não foi fácil, mas o bom acolhimento de todos facilitou essa grande mudança.

Na escola as principais dificuldades prenderam-se com a disciplina da Matemática, pois a exigência de um 6.º ano fez com que a Ana sentisse dificuldade em acompanhar os conteúdos e transformasse essa dificuldade em determinação e empenho. Ela esforçou-se bastante e essas dificuldades foram superadas com êxito.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Juventude/ Adolescência</p>	<p>“A adolescência é sempre uma fase um bocadinho mais doida.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Recordações da juventude/adolescência <p>“Nós passamos por altos e baixos e achamos que não há compreensão por parte dos nossos pais, isso é o que nós pensamos enquanto somos adolescentes, não nos entendem, as suas ideias já são ultrapassadas, ...”</p> <p>“Na adolescência para além de me ter sempre dedicado aos estudos, sempre fui uma pessoa que desde nova tracei objetivos na minha vida. Sempre tracei objetivos, sei o que quero, sempre sonhei ser professora, não porque o meu pai quis ser e não foi, nada disso, mas sempre foi uma paixão, para além de adorar crianças, sempre foi uma paixão ensinar, acho fascinante.”</p> <p>“Na adolescência estudava, queria ser boa aluna, o meu objetivo era ser mesmo boa aluna, sempre fui competitiva, nunca gostei de ficar atrás de ninguém, achava que se todos conseguiram ter boas notas eu também conseguiria, nem que para isso tivesse que estudar mais, mas fazia, e fazia com gosto, gostava daquilo que aprendia, daquilo que me era transmitido, por isso acho que a minha adolescência em termos escolares foi fantástica.”</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>“É normal na adolescência surgirem os namoricos, os namoricos que não funcionam, tudo próprio da idade. Choramos para um canto, rimos para o outro. Eu acho que isso é perfeitamente normal.”</p> <p>“É verdade que em relação às amizades, em termos de adolescência no liceu ficaram pouquíssimas amizades, ou quase nenhuma, acho que ficaram mais os conhecidos.”</p>

Análise e Interpretação

A Ana foi uma adolescente determinada e competitiva. Para conseguir alcançar os seus objetivos, esforçou-se bastante para obter bons resultados escolares e acompanhar os colegas, inclusive nos gostos e modas da altura.

Para não se sentir diferente dos outros, trabalhava nas férias escolares para conseguir alguma autonomia e comprar aquelas peças de vestuário que todos os adolescentes usavam e assim conseguia sentir-se igual e integrada no grupo da turma.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Percurso escolar no ensino secundário</p>	<p>“Vimos morar para Loulé, então eu fui para a Escola Secundária de Loulé e fui para o 8.º ano.”</p> <p>▪ Recordações do ensino secundário</p> <p>“O 8.º ano foi um ano de conhecimento. Foi bom, mas também um bocado complicado. Lembro-me de ter Físico-Química, que detestei, não percebia nada, para mim era Chinês, mas tirando isso acho que foi muito bom.”</p> <p>“No 9.º ano comecei a sentir a competição a sério, estava numa turma só de raparigas e toda a gente tinha um objetivo na vida, era tirar boas notas para poder seguir a sua área de sonho.”</p> <p>“Éramos uma turma extremamente competitiva e depois nós passamos aí uma fase mais complicada em que, por exemplo eu, venho de uma família média, classe média, e convivemos com classes altas em que para além de serem bons alunos há sempre aquela tendência da moda e talvez tenha sido essa a fase mais complicada da minha idade.</p> <p>Começa o interesse pelas marcas, na altura toda a gente usava e eu não e achava que para ser aceite pelos meus colegas eu tinha que ser excelente aluna porque em termos de roupa eu não podia competir com eles. Até que decidi aos catorze anos que começaria a trabalhar no verão, o meu verão não seria ir para a praia, mas sim trabalhar, só para poder ter umas <i>Levi's</i>.”</p> <p>“A Matemática sempre foi uma das minhas disciplinas preferidas.”</p> <p>“O meu sonho era realmente tirar Germânicas. Quando concorri, no primeiro ano que concorri à universidade só escolhi Germânicas e só concorri a duas universidades porque estava tão confiante que entraria. Escolhi só Coimbra e Lisboa, infelizmente...”</p> <p>Não entrei, o que para mim foi um choque temendo, lembro-me de ter</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>chorado porque achava que me tinham cortado todos os meus sonhos e então fui convencida e aliciada por uma colega a voltarmos novamente ao 12.º ano e a seguirmos o Latim.”</p> <p>“Então fomos mais um ano, fomos fazer a disciplina de Latim, iniciei Geografia, mas achei que Geografia não seria para a área que eu queria, então durante o ano, no Liceu, tivemos Latim. O objetivo era subir a média porque se subisse a média no ano seguinte poderia ingressar na universidade.”</p> <p>“Nesse ano, quando terminei a disciplina de Latim, concorri novamente à universidade, aí já fui mais ponderada, achava que realmente as Germânicas se calhar seriam bastante difíceis e decidi, confesso que foi naquela de eu vou, foi mais naquela de entrar para a universidade, tirar um curso superior e então escolhi Português/Inglês. Inglês porque eu gosto e Português...”</p> <p>Quando soube que tinha ficado, tinha entrado na universidade, o meu entusiasmo foi tanto, tanto que eu só fui para a universidade em outubro.”</p>

Análise e Interpretação

O percurso da Ana no ensino secundário foi pautado por muito empenho, dedicação e competitividade entre colegas de turma, pois todos queriam ter bons resultados e ser os melhores.

O final do secundário ficou marcado pelo momento negativo da não entrada no ensino superior no curso que desejava, mas a Ana não desistiu e no ano letivo seguinte continuou a estudar e candidatou-se novamente.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Percurso escolar no ensino superior</p>	<p>“Entre com dezanove anos para o ensino superior, estudei na Universidade do Algarve, na ESE, na Penha.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Recordações do ensino superior <p>“Confesso que não era o curso dos meus sonhos, não era, realmente não era, mas vamos para a frente.</p> <p>Confesso que acabei por gostar porque vi uma vertente prática e eu gosto mais da prática.”</p> <p>“O meu percurso no ensino superior foi bom, houve momentos muitíssimos bons, muito trabalho, sobretudo na parte da prática letiva, na preparação, na organização, ... “</p> <p>“Foram quatro anos para conhecer novos colegas, pessoas com quem nunca tinha trabalhado. Foi um percurso muitíssimo engraçado.”</p> <p>“Em relação à universidade, as notas foram boas, podiam ter sido melhores, a média no final de curso foi de catorze, infelizmente nesse ano era a nota mais alta que davam, foi a nota mais alta que nós tivemos nesse ano, em 1998, foi catorze, na minha turma, tivemos catorze valores.”</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	“Acabei o curso em 1998, tinha feito os 24 anos.”

Análise e Interpretação

Pela segunda vez, a Ana candidatou-se ao ensino superior e ingressou no curso de Português e Inglês, na Universidade do Algarve.

Esta nova fase não foi iniciada com empenho nem alegria, pois nessa altura a Ana sonhava com o curso de Germânicas, mas acabou por ceder aos seus sonhos e à medida que frequentava as aulas, a motivação e a alegria foram aumentando.

Dos quatro anos passados no ensino superior guarda boas recordações e muitas aprendizagens.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
Escolha da carreira docente	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Razões para a escolha da carreira docente
	<p>“Desde pequena que sonhei ser professora, sempre foi o meu sonho. Lembro-me que quando era pequena adorava brincar sozinha às escolas, era a minha profissão de sonho.”</p>
	<p>“Quando cheguei ao 12.º ano continuei com o sonho de ser professora, não da variante que tenho hoje, a variante que eu desejava era Alemão e Inglês, a minha paixão eram as línguas. Como não tive oportunidade de entrar nesse curso que era em Coimbra e em Lisboa, eram as duas únicas universidades, optei no ano seguinte, porque nesse ano não entrei na faculdade, por fazer o 12.º ano para melhorar a minha média e depois ingressei na universidade em Faro, em Português e Inglês.”</p>
	<p>“O meu sonho sempre foi ser professora, não sei explicar porquê, sempre foi a profissão que me fascinou, sempre quis ser professora, achava que essa era a carreira indicada e acho que escolhi bem porque realmente essa é a carreira do meu sonho.”</p>
	<p>“Se eu tivesse que voltar atrás e escolher outra profissão, muito honestamente não sei qual seria, não faço a mínima ideia, mas faria qualquer coisa para sobreviver, sem dúvida.”</p>
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Formação inicial
	<p>“A teoria no meu entender, depois de ter iniciado a minha carreira profissional, acho que em termos teóricos ficou muito aquém, acho que houve alguns conceitos que nós precisávamos, alguma preparação que precisávamos para a nossa vida profissional e nós nunca a tivemos, no caso dos métodos de leitura, nunca aprendi métodos de leitura.”</p>

Análise e Interpretação

A Ana desde criança que sonhava vir a ser professora, por isso a entrada na carreira docente foi mais um dos grandes momentos da sua vida.

Apesar do seu curso superior ter a variante de 1.º e 2.º CEB, a Ana optou pelo 1.º CEB por

Análise e Interpretação

vocação, pois com a experiência vivida na sua prática pedagógica no 2.º CEB teve a certeza que não era ali que se sentia professora, mas sim junto dos mais novos, no 1.º CEB.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
Primeiros anos de carreira docente	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 1.º Ano de trabalho “Comecei por trabalhar em S.Bartolomeu de Messines.” ▪ Recordações dos primeiros anos de carreira “Os meus primeiros anos para além de serem anos de euforia e de entusiasmo, porque achava que finalmente tinha entrado no mercado de trabalho e ia fazer aquilo que eu realmente amava fazer, foram anos entusiasmantes, todos eles até agora, embora ao longo da carreira vamos vendo também o lado negativo.”

Análise e Interpretação

Os primeiros anos de carreira docente da Ana foram anos de grande entusiasmo e dedicação, pois ela sentia-se a viver o seu sonho.

A Ana foi e continua a ser uma professora muito dedicada ao seu trabalho e aos seus alunos e para isso trabalhava na escola e em casa na preparação de materiais para as suas aulas e esses eram momentos de satisfação e prazer.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
Percorso profissional	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Experiência profissional “Optei pelo 1.º ciclo dada a minha experiência um bocadinho conturbada no estágio do 2.º ciclo. Confesso que me senti um bocadinho um peixinho fora de água, pensei “Realmente eu não sou bem-vinda. Eu acho que estas não são as turmas que farão parte dos meus sonhos.”, então optei por seguir o 1.º ciclo em que os miúdos são mais mimosos, são miúdos acabam por ser mais atenciosos. Nós moldamos um bocadinho as crianças à nossa personalidade, à nossa forma de estar e de ser.” “Já trabalhei em várias escolas e já tenho 17 anos de serviço.” “Comecei por trabalhar em S.Bartolomeu de Messines.” “O meu segundo ano foi na EB1 da Nave, que fica em Monchique.” “No terceiro ano de serviço fui para a EB1 da Pedreira que fica em Silves, uma escola unitária. Era uma escola que não tinha funcionária, lembro-me de ter ido para a escola e inicialmente tive que ser eu a fazer a limpeza, eu varria e lavava a chão da sala, as casas de banho, ... O meu almoço ou era limpar ou era ajudar a servir os almoços aos miúdos.” “No meu quarto ano de serviço vim para S.Brás de Alportel.” “No ano seguinte fiquei QZP, em 2002, fui para a EBI de Salir, trabalhei no

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>Agrupamento de Salir durante 10 anos.”</p> <p>“Desses 10, estive um ano na EB1 de Alte, e mais tarde no apoio e durante sete anos fiquei colocada na EB1 da Tôr.”</p> <p>“Mais tarde quando a EB1 de Salir passou a fazer parte da Escola Padre João Coelho Cabanita, passou a mega agrupamento, vim para Loulé.”</p> <p>▪ Momentos significativos</p> <p>“Durante sete anos fiquei colocada na EB1 da Tôr que foram os melhores anos da minha carreira, não só pelos miúdos, também pelos pais, extremamente participativos, empenhados, preocupados, como pelas funcionárias, muito humanas, extremamente humanas, sempre prontas para ajudar.</p> <p>Foi uma das minhas melhores passagens. Mais marcantes e mais felizes, tenho que confessar.”</p> <p>“Vim para Loulé e confesso que vir para Loulé foi um dos meus piores momentos.”</p> <p>▪ Relação com os alunos, encarregados de educação e colegas</p> <p>“Desde o início da minha carreira eu tento manter um excelente relacionamento com os pais dos meus alunos porque acredito que estamos cá para trabalharmos juntos porque o objetivo é o sucesso dos alunos. Aqui não está em causa o meu sucesso, está em causa o sucesso dos miúdos por isso nós temos que trabalhar em conjunto.”</p> <p>“Ao longo do nosso percurso aprendemos imenso com os nossos alunos. Já aprendi tanta coisa, sobretudo com os miúdos do campo, coisas sobre a agricultura.”</p> <p>“Na nossa profissão estamos sempre a aprender, não só com os nossos colegas, como também com os nossos alunos. Acho que é uma troca diária de sabedorias e de conhecimentos.”</p> <p>▪ Formação contínua</p> <p>“Eu tenho o cuidado de fazer todos os anos formação. Prefiro fazer formação nas áreas que são do meu interesse. Confesso que as formações que eu gosto mais de fazer são a nível da Matemática, gosto muito de Matemática.”</p> <p>“As formações têm enriquecido a minha prática.”</p> <p>▪ Mudanças na escola de hoje</p> <p>“Em relação às diferenças, confesso que hoje em dia existe mais burocracia, temos imensos documentos para preencher.”</p> <p>“Confesso que ultimamente não tenho tempo para fazer cartazes novos, utilizo os antigos porque temos demasiada burocracia, exigem demasiado de nós, para qualquer situação é preciso preencher dois, três documentos. Há muita papelada no meu entender e o meu objetivo enquanto professora não é preencher documentos, o meu objetivo é ensinar os meus alunos, é</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>conversar com eles.</p> <p>O programa também está extremamente extenso, não é nada como era há dez, doze anos atrás, com muita pena minha, porque eu acho que andamos um pouco a impingir demasiada matéria que os miúdos têm que saber.”</p> <p>“Falta-nos tempo para brincar com eles, para construir materiais com eles, para fazer trabalhos de grupo.”</p> <p>▪ Reconhecimento e valorização do papel do professor do 1.º CEB</p> <p>“Em relação ao papel do professor, sinto que sempre fui respeitada pelos pais dos meus alunos.”</p> <p>▪ A carreira docente e a vida familiar</p> <p>“Como conciliar a carreira docente com a vida familiar... Eu no início da carreira achava que a vida era só trabalho, trabalhava, era o planificar, era organizar materiais, mas com a idade e vendo que quanto mais se trabalha mais trabalho temos, quanto mais fazemos mais nos arranjam, entendi que temos que arranjar tempo para tudo.”</p>

Análise e Interpretação

Ao longo dos dezoito anos de carreira, a Ana já lecionou em várias escolas do Algarve e sempre se sentiu muito motivada e feliz por desempenhar esse tão nobre papel.

A Ana tem sido uma professora muito empenhada na boa relação com os seus alunos, encarregados de educação, colegas e funcionárias das escolas por onde tem lecionado.

A formação contínua tem sido uma constante ao longo destes anos de carreira, pois a Ana considera que é necessário aperfeiçoar e atualizar os conhecimentos.

Refletindo sobre todos estes anos já passados com os alunos, a Ana reconhece que teve que aprender a conciliar de forma equilibrada a carreira e a vida pessoal e familiar, pois houve mudanças no trabalho do professor, hoje em dia a burocracia acaba por sobrecarregar os professores e roubar-lhes tempo essencial para a reflexão e preparação da sua prática letiva.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Ser professora do 1.º CEB</p>	<p>▪ Ser professora do 1.º CEB</p> <p>“Hoje em dia considero que o professor do 1.º ciclo não é só professor, acaba por ser pai, por ser mãe, por ser avó ou avô, e por aí fora.</p> <p>Nós não estamos cá só para ensinar, estamos cá também para transmitir afetos e infelizmente nos dias de hoje, muitas vezes também estamos cá para lhes incutir regras de boa educação porque há alunos que chegam à escola e uma das coisas que me surpreende profundamente é não ouvir dos meus alunos “Se faz favor” e “Obrigado”. São palavrinhas, vocábulos de boa educação que eu tenho o cuidado de incutir. Eu acho que é o mínimo da educação.”</p> <p>“No 1.º ciclo nós criamos uma relação bastante afetiva. Criamos aquele</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>carinho, aquele amor pelos miúdos ...”</p> <p>“Há uma relação muito forte entre nós porque somos professora e também mãe porque qualquer problema que eles tenham vêm falar connosco, abraçam-nos, dão beijinhos, há aquele carinho.”</p> <p>“Em relação ao professor do 1.º ciclo, ele é generalista, tem que saber tudo o que vai lecionar.”</p> <p>“O professor do 1.º ciclo para além de ser professor, hoje em dia também é pai, é mãe, consegue ser avô e avó, é um pilar para as crianças e muitas vezes um herói. Eu sinto isso em relação aos meus alunos. Para eles eu sou uma heroína, tudo o que a professora diz é sagrado, muitas vezes os próprios pais vêm conversar comigo.”</p> <p>“A vida de professor não é fácil, é um facto, mas é assim, eu acho que quando nós estamos nesta profissão por paixão, vale tudo.”</p> <p>▪ Realização profissional</p> <p>“Não me arrependo de ter escolhido a profissão de professora, jamais! Até costume dizer que se não fosse professora não saberia que outra profissão poderia ter. Não sei fazer mais nada. Adoro fazer aquilo que faço.”</p> <p>“Fico muito contente quando os meus alunos vêm ter comigo e chamam “Professora!”. É uma alegria, uma vaidade em ver os alunos que já foram nossos.”</p> <p>“Uma das coisas que mais me desmotiva, para além da burocracia, às vezes é o ambiente, aquele ciúme que existe entre colegas. Essa é a parte que me entristece, sinto que há colegas que são professores, mas que lhes falta a paixão pela profissão.”</p> <p>“É verdade que somos mal pagos, é verdade que muitas vezes não somos valorizados, as pessoas não valorizam o nosso trabalho, acham que nós estamos constantemente de férias, não conhecem o outro lado da nossa profissão.</p> <p>Muitas vezes as pessoas não têm a noção que quando nós saímos da escola vamos para casa e levamos horas e horas a trabalhar, inclusive nos fins de semana.”</p> <p>“Acho que devemos continuar independentemente das políticas serem ou não as mais corretas, ou concordarmos com elas, mas entendo que não deverei nunca prejudicar os meus alunos, tenho que continuar a ser como sou e de acordo com a minha personalidade e continuar a sonhar.</p> <p>É isso que eu faço, eu continuo a sonhar, acho que o dia de amanhã será sempre melhor. Tenho que fazer sempre o melhor pelos meus alunos.”</p> <p>“Sem dúvida alguma que são os miúdos. Sem dúvida alguma. O sorriso das crianças, um beijinho, muitas vezes brincar com eles.”</p> <p>“Sentir o sorriso e ouvir o obrigado dos pais, realmente deixa-me extremamente feliz saber que os pais reconhecem o meu trabalho, estão contentes.”</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>“Isso é bastante gratificante, ver um sorriso na cara dos miúdos e dos pais e ouvir um “Obrigada!”, vale tudo para mim.”</p> <p>“Muito feliz! Bastante feliz mesmo!”</p> <p>“Acho que estou na profissão certa. Como disse é realmente aquilo que eu sempre sonhei desde criança e gosto muito da minha profissão.”</p> <p>“Essa foi a minha opção, 1.º ciclo e não estou arrependida, embora confesso que já me vou sentindo cansada.”</p> <p>“Sinto-me realizada no 1.º ciclo, mas também já me sinto um bocadinho cansada, acho que o 1.º ciclo é gratificante, é extremamente gratificante, sobretudo um 1.º ano, em que nós ensinamos a ler, semeamos e vamos colher logo aquilo que semeamos, mas já me vou sentindo um bocadinho cansada, não pelos miúdos em si, mas pela burocracia toda envolvente, temos imensa burocracia.”</p> <p>▪ Mudanças para a escola do 1.º CEB</p> <p>“As coisas não deveriam de ser tão exigentes. O programa não necessita de ser tão exigente.”</p> <p>“No 1.º ciclo há sempre aquela preocupação, pelo menos é a minha preocupação, todos os miúdos têm que saber, eu tenho que fazer com que todos compreendam, com que todos cheguem lá, com que todos consigam aprender aquilo que é pretendido. Nessa perspetiva o 1.º ciclo é bem mais cansativo.”</p> <p>“Infelizmente sinto que há colegas que não dão o valor devido ao 1.º ciclo, criticam demasiado o 1.º ciclo, não sabendo muitas vezes o trabalho que está por detrás porque o 2.º ciclo não tem nada a ver com o 1.º.”</p> <p>“Uma delas seria, não só mudar a política, o programa, como também alterar o número de alunos por turma.”</p>

Análise e Interpretação

A Ana hoje é uma professora realizada, feliz e muito confiante na escolha que fez para a sua carreira, pois deste modo conseguiu materializar o seu sonho de criança.

O papel do professor do 1.º CEB é considerado, pela Ana, como primordial, pois o professor é aquele professor que transmite conhecimentos e afetos e esses são os grandes momentos do trabalho do professor.

Mais uma vez a burocracia é referida como um travão à motivação e criatividade dos professores, que precisam de liberdade e tempo para refletirem e criarem para os seus alunos. Também os extensos programas e o número elevado de alunos por turma impede que o trabalho realizado pelo professor e pelos alunos consiga evoluir de modo mais positivo.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
Expetativas	▪ Expetativas pessoais e profissionais

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
futuras	<p>“Não sei se o futuro será assim tão risonho.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Futuro do 1.º CEB <p>“Acho que imensas coisas têm que ser alteradas.”</p> <p>“Seria bom mudar a política educativa porque o que é mais importante aqui é formarmos crianças que tenham conhecimentos, crianças como seres humanos, bons cidadãos, porque aqui não é só a parte curricular que interessa, mas também a formação pessoal do aluno.”</p> <p>“Acho que o ensino deveria ser um bocadinho virado mais para a pesquisa, para a experiência porque muitas vezes trabalhamos imenso nos manuais porque os pais gastam dinheiro e há sempre essa obrigatoriedade.</p> <p>Eu acho que nós enquanto professores devíamos ter liberdade para construir os nossos próprios materiais, as nossas próprias fichas. O manual serve de suporte e é esse o objetivo, se por um lado podemos usar o manual como suporte para lecionarmos as nossas aulas, por outro lado somos obrigados a escrever nos manuais porque depois os pais queixam-se que gastaram dinheiro e não são utilizados.”</p> <p>“A escola do futuro será uma escola mais virada para a tecnologia, mas dado que os programas são demasiado extensos, muitas vezes nem há tempo para utilizarmos as tecnologias como deve de ser.”</p>

Análise e Interpretação

A Ana reconhece que para o futuro do 1.º CEB são necessárias mudanças, pois será primordial repensar as políticas educativas e voltar a focar o ensino e as aprendizagens no sucesso dos alunos e no trabalho dos professores, que cada vez está mais direcionado para a burocracia.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
Relação com os pais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Relação com os pais no passado <p>“Os meus pais sempre tiveram o cuidado de me inculcar a boa educação, o “se faz favor” e o “obrigada” fazem parte da minha educação, são princípios que ainda hoje regem a minha personalidade, ser humilde, não é por ter um curso superior que sou mais do que ninguém, temos que ser humildes, temos que respeitar os outros, compreender os outros e saber partilhar aquilo que nós temos, estes são os princípios da minha educação.”</p> <p>“É uma filosofia que ainda hoje eu tento passar aos meus alunos, a humildade deve fazer parte do ser humano, estamos cá de passagem, estamos cá para nos ajudarmos uns aos outros, ninguém é mais do que ninguém, não há necessidade de invejar o que os outros têm, é essa a minha educação. Ser uma pessoa que respeita os outros e que seja respeitada também, são os princípios da minha educação.”</p> <p>“Vivi tantos episódios com os meus pais, sobretudo na infância. Aqueles momentos em que somos criança, aqueles momentos em que me ensinaram</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>a nadar, aqueles momentos em que não queriam que eu fosse brincar para a rua porque eram horas de jantar e eu vinha a correr para dentro de casa e apagava a luz da sala de jantar para poder brincar mais cinco minutos, passar férias, sobretudo na África do Sul.”</p> <p>“Lições de vida que já tenha recebido dos meus pais, essencialmente aquelas que fazem parte da minha personalidade, são a humildade, o saber aceitar os outros.</p> <p>Independentemente de ter vivido num país onde existia o Apartheid, a diferenciação de raças, sempre me inculcaram que eu devo aceitar e respeitar toda a gente, independentemente da sua cor, da sua religião, dos seus princípios.”</p> <p>“Em relação à minha carreira, sempre fui muito apoiada pelos meus pais, tanto pelo meu pai como pela minha mãe, talvez um bocadinho mais pelo meu pai uma vez que esta era a profissão que ele desejava ter seguido, mas que não conseguiu e então sempre fui muito apoiada na minha carreira, nas minhas escolhas, embora fosse sempre uma criança rebelde, sempre tive os pés bem assentes e sempre soube o que queria na minha vida.”</p> <p>▪ Relação com os pais no presente</p> <p>“A minha relação com eles hoje é boa, é aberta, baseada no diálogo.”</p>

Análise e Interpretação

A relação da Ana com os pais foi e continua a ser muito feliz, pois desde sempre sentiu o amor e o apoio dos pais nas suas escolhas e decisões, no entanto identifica-se como a “menina do papá” porque, apesar de a mãe estar sempre presente na sua vida, a ligação com o pai foi sempre muito especial.

Com o pai partilhou brincadeiras, aprendizagens e um grande sonho, o ensino, pois o seu pai gostaria de ter sido professor e através da sua filha Ana conseguiu realizar esse sonho.

Professora do 1.º CEB

- Nome: **ANTÓNIA**
- Idade: 51 anos
- Tempo de serviço docente: 30 anos

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Nascimento e Infância</p>	<p>“Nasci em casa em setembro de 1964, numa casa constituída só por um compartimento, em S.João da Venda.”</p> <p>“Foi um parto muito atribulado porque a minha mãe sofreu imenso, foram quatro dias de sofrimento.”</p> <p>▪ Recordações da infância</p> <p>“Aí fui crescendo até um ano, dois aninhos de idade, depois vivi em Albufeira porque acompanhei os meus pais para o local de trabalho quatro anos. Voltei novamente para S.João da Venda.”</p> <p>“A minha mãe diz que eu era muito, muito traquina, muito teimosa, muito traquina, andava sempre a fazer patifarias.”</p> <p>“Brincava sozinha porque ali ao lado não havia muitas crianças para brincar, só havia um menino, era o Carlinhos, Charles, ele era inglês. Então eu com ele, as brincadeiras eram muitas delas por gestos porque ele falava Inglês e eu falava Português e ele só vinha no período de verão.”</p> <p>“A minha infância foi sempre um período calmo, não tenho assim grandes recordações em termos de memórias. Era uma criança feliz.”</p> <p>“Sempre achei falta de um irmão e mesmo hoje sinto a falta de um irmão. Não sei se por isso, mas a minha mãe não quis ter mais filhos porque veio de uma família muito numerosa.”</p> <p>“Lembro-me de brincar com as bonecas, lembro-me de brincar às pedrinhas, lembro-me de brincar nos baloiços que o meu pai construía nas árvores que havia por ali à volta de casa.”</p> <p>“O domingo era um dia muito importante porque no domingo era dia de vestir roupa nova e de dar umas voltinhas na estrada e pouco mais.”</p> <p>▪ Relação com os irmãos e pais</p> <p>“Não tenho irmãos, ainda mais uma agravante para estar sozinha, como criança.”</p> <p>“A minha relação com os meus pais foi sempre em criança, sempre com respeito, os pais sempre a colaborarem comigo, apesar de não terem... Por exemplo, nas ajudas de trabalhos escolares não terem grande instrução, a minha mãe tem simplesmente o 3.º ano e o meu pai fez o exame de adultos, de 4.º ano em adulto. O meu pai é que, lembro-me que me ajudava muito a nível de trabalhos de escola e de trabalhos de casa, à luz do candeeiro porque na altura nem havia luz elétrica.”</p>

Análise e Interpretação

A Antónia nasceu em S.João da Venda (Faro), em casa, no seio de uma família humilde e foi uma filha muito desejada e amada.

A sua infância foi feliz, embora não tivesse tido muitas crianças com quem brincar e partilhar os sonhos de criança, mas as recordações são positivas.

Sempre manifestou um forte desejo em ter irmãos, mas as origens humildes da mãe, numa família com muitos filhos, tiveram alguma influência nessa decisão.

A Antónia recorda, com carinho, os momentos passados com o pai, os baloiços que ele lhe construía para brincar e a sua ajuda na realização dos trabalhos de casa da escola.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Percurso escolar no ensino primário</p>	<p>“Entre na escola primária por volta dos meus sete anos e pouco.”</p> <p>▪ Recordações do ensino primário</p> <p>“Estudei sempre na primária em S.João da Venda, era um edifício cedido por um senhor da região considerado um comerciante rico que deu o seu primeiro andar da casa onde vivia para lá funcionar a escola.”</p> <p>“O que eu me lembro desta fase da primária é a minha bata branca, lembro-me da famosa régua comprida de madeira de 2cm de espessura, por acaso não levei com ela porque fui sempre boa aluna.</p> <p>Lembro-me da famosa régua, lembro-me das orelhas de burro nos colegas que às vezes ficavam na janela e as orelhas às vezes caíam.”</p> <p>“Lembro-me de uma escada muito íngreme que nós tínhamos que descer e subir para ir para a sala no 1.º andar.”</p> <p>“Eram duas salas com soalho de madeira. Nós é que limpávamos a sala. Ao sábado íamos ao poço buscar água, lavávamos a sala toda. O sábado funcionava como o dia da limpeza na escola primária.”</p> <p>“A minha professora, a última, era a professora Soledade e por engraçado que pareça encontrei-a no Bom João no estágio do Magistério Primário.”</p> <p>“Sempre guardei boas recordações das professoras, apesar do regime que se vivia.”</p> <p>“Quando eu acabei o 4.º ano foi na fase do 25 de abril em 74, tinha dez aninhos e eu lembro-me como era tudo muito exigente, desde a pontualidade, as batinhas muito brancas, as carteiras inclinadas, os tinteiros que não podiam manchar as folhas de papel, mas lembro-me dela com muita saudade.”</p> <p>“Recordo-me do exame do 4.º ano e lembro-me dos conselhos dela e lembro-me que ela devia de ser uma professora que fugia um pouco, se calhar, ao regime que se vivia na altura porque, por exemplo, não me lembro dela andar a bater nos meninos com a régua, eu por acaso não levei, mas não me lembro nada desses episódios.”</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>“Tive um imenso desgosto quando acabei a primária e fui para o 2º ciclo em Faro, na Afonso III porque tinha uma ligação muito forte com a professora Soledade.”</p> <p>“Pela negativa... Nas duas salas eram meninos dos quatro anos e alguns bastante mais velhos, com quinze anos. E desses lembro-me que às vezes havia episódios de medos, de tentarem fazer maldades, aquelas maldades de criança.”</p> <p>“Lembro-me de um dia a minha mãe ter saído porque foi a qualquer sítio e eu deixei a mochila em casa e eu chorei porque não fui à escola nesse dia.”</p> <p>“Lembro-me de uma atividade que fiz na escola. Era uma atividade de Educação Física, tínhamos que fazer um percurso por entre as amendoeiras, na altura da primavera e eu adorei aquelas corridas. Eu já de si era traquina, então andar a correr no meio das árvores, aquilo era um espetáculo.”</p> <p>“Fiz o meu exame de 4.º ano com dezassete valores e fui boa aluna.”</p> <p>“A professora Soledade, quase que diz a palavra saudade, é uma delas, a da primária. A da primária foi a que mais saudades me deixou.”</p>

Análise e Interpretação

O percurso no ensino primário foi significativo na vida da Antónia, pois para além da alegria que sentia por estar na escola, também gostava muito das professoras e uma delas foi muito marcante.

A Antónia recorda com saudade a professora Soledade, que, para além de sua professora, também foi muito sua amiga.

O regime político da altura era diferente do atual, mas apesar de a Antónia ter notado essas diferenças, não sentiu qualquer reflexo negativo e marcante no seu percurso escolar.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Percurso escolar no ensino preparatório</p>	<p>“Fui para a Afonso III e na altura os meninos ficavam pela primária, não seguiam os estudos.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Recordações do ensino preparatório <p>“Eu, uma menina ali do campo, tinha de apanhar um autocarro e tinha que ir para a Afonso III sozinha, era um bico de obra!”</p> <p>“Tinha cerca de 10 anos quando eu entrei na Afonso III e cresci imenso neste ano porque eu ia sozinha, já ia sozinha para a escola primária, tinha que passar a passagem de nível, o caminho de ferro, que já era uma grande responsabilidade, depois ter que apanhar um autocarro para ir para Faro estudar, cerca de 10km de distância, ir e vir, mais outra responsabilidade que me fez crescer imenso.</p> <p>Lembro-me até do revisor do autocarro me ensinar a pedir um bilhete porque eu não sabia.</p> <p>A minha mãe só foi comigo no primeiro dia, aliás, dois dias, foi no dia da</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>matrícula e depois foi no dia da apresentação e depois eu fiquei por minha conta.”</p> <p>“Eu fui crescendo assim, a responsabilidade foi crescendo, só que entretanto eu estive três anos nesta escola porque chumbei um ano.”</p> <p>“O meu pai teve um grave acidente, fez uma fratura craniana. Ele esteve três dias em Faro, no hospital velho, e depois transferiram-no para o Stª Maria de helicóptero. Ele ficou lá internado um mês em coma e depois veio a recuperação, foi demasiado lenta e eu fiquei praticamente entregue aos meus cuidados, sozinha, com doze anos e então acabei por chumbar um ano.</p> <p>Uns dias estava com uma tia, não me ligava assim grande importância e depois passado algum tempo a minha mãe apercebeu-se e fiquei com uma vizinha, mas faltava-me a mãe, faltava-me o pai e eu estava sozinha, entregue às minhas próprias orientações.”</p> <p>“Nesse ano eu estive para deixar de estudar porque a minha mãe era... Sempre foi o pulso forte de lá de casa e na altura ela dizia-me: “Ai é? Chumbaste? Então acabou-se o estudo. Vais para a costura, tiras o curso de modista!”</p> <p>“Eu tinha uma prima que em termos de mentalidade era um pouco mais aberta do que a minha mãe e então ela lá convenceu a minha mãe a fazer-me a matrícula, já até fora do tempo, e depois fui para o 2.º ano do ciclo novamente.”</p> <p>“Só sei que nesse ano tirei cinco a tudo, a partir daí nunca mais tirei uma negativa. Eu jurei a mim própria: “Isto já foi ultrapassado, o meu pai já está melhor e a partir deste momento eu tenho que lutar. Eu tenho um objetivo que é conseguir acabar todas as fases deste ensino, então eu vou conseguir.”</p> <p>“Nunca tive explicações, nunca tive ninguém que me ajudasse em coisa alguma e então a partir daí sempre batalhei e consegui por conta própria.”</p>

Análise e Interpretação

Este período da vida da Antónia pode caracterizar-se por dois grandes momentos:

1.º Momento - Entrada para o ensino preparatório em Faro, o que obrigava a uma grande responsabilidade de uma criança que não estava habituada a ter que deslocar-se sozinha, de autocarro, de S.João da Venda até Faro e tudo o que isso implicava. Para além de toda essa responsabilidade, também a tristeza, o medo e a solidão marcam este 1.º momento, pois com o acidente do pai a Antónia passou por grandes dificuldades e tudo isso refletiu-se no seu aproveitamento escolar, tendo reprovado no 6.º ano.

2.º Momento - Depois de superados todos os problemas e de quase ter deixado de estudar, a Antónia ganha forças e define objetivos muito concretos para a sua vida. A partir daí, aquela criança frágil e desprotegida, tornou-se numa criança muito decidida e forte e as suas atitudes e os seus resultados escolares tornaram-se muito significativos.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
Juventude/ Adolescência	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Recordações da juventude/adolescência <p>“Não tenho assim grandes lembranças da adolescência e da juventude, nunca fui muito de namoricos, nem de sair fora da normalidade. Na altura o fumar já era uma anormalidade e eu nunca fui... Nunca me despertou muito para esse tipo de coisas.”</p> <p>“Tive uma grande amiga nesta altura que me ficou na memória. A Elsa foi uma pessoa que me marcou muito porque podíamos conversar e desabafar e era aquela nossa amiga porque às vezes precisamos de uma amiga.”</p>

Análise e Interpretação

A adolescência foi uma etapa pouco marcante da vida de Antónia, pouco significativa, pois nada se alterou e a sua vida continuou como sempre foi até aí.

A recordação mais marcante desta etapa é a grande amizade que sentia pela amiga Elsa, que deixou saudade.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
Percorso escolar no ensino secundário	<p>“Acabado de repetir este ano na Afonso III, a solução era ir para o liceu ou para a Tomás Cabreira e eu fui para a Tomás Cabreira.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Recordações do ensino secundário <p>“Na Tomás Cabreira fiz cinco anos, do 7.º ao 11.º ano, na altura era o 3.º unificado, o 4.º unificado, o 5.º e por aí fora.”</p> <p>“Continuei a minha batalha em termos de conseguir, mas sem ter ainda bem definido aquilo que eu queria ser.”</p> <p>“Eu estudava, o meu objetivo era conseguir sempre melhores notas. No 9.º ano dispensei a tudo, na altura havia exames, mas eu consegui.”</p> <p>“Eu saí com o 11.º, na altura fiz os exames de admissão ao Magistério Primário, com nota treze, consegui entrar no Magistério Primário e tinha-me inscrito ao mesmo tempo no Liceu João de Deus para fazer o 12.º ano, caso não conseguisse entrar no Magistério.</p> <p>Só que depois eu gostei tanto de estar lá no Magistério, comecei a ligar-me ao curso que acabei por fazer e como não sou de desistir das coisas acabei por fazer o 12.º ano à noite do curso de Humanidades.”</p> <p>“Acabei por não desistir do 12.º ano, fui fazê-lo e fiz o 1.º ano do Magistério também com nota boa, catorze.”</p> <p>“Foi um ano doloroso no sentido de não ter tempo, podia ter feito muito melhor o Magistério, não tinha era tempo porque chegava todos os dias praticamente à meia-noite e levantava-me às sete da manhã, foi muito complicado.</p> <p>O meu pai ia buscar-me todos os dias à estação, menos à 6ª Feira, de bicicleta a motor. Às vezes o comboio atrasava-se e lá estava ele à espera na</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	estação, pela filha.”

Análise e Interpretação

Desde o ensino preparatório que a Antónia assumiu um compromisso com ela própria e definiu os seus objetivos pessoais, que passavam pela sua realização em termos escolares.

O seu percurso foi realizado nas escolas secundárias de Faro e até ao 11.º ano foi no regime diurno e no 12.º ano foi no regime noturno, pois coincidiu com o 1.º ano do Magistério Primário.

Esta etapa ficou marcada pelo empenho, esforço e dedicação da Antónia e também dos seus pais, pois como moravam em S.João da Venda, o pai sempre presente, ia buscá-la à estação de comboios à noite, quando chegava das aulas em Faro.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
Percurso escolar no ensino superior	<p>“Na altura não era obrigatório ir para o Magistério com o 12.º ano, mas como eu já estava inscrita acabei por não desistir e consegui fazer o Magistério de dia e o 12.º ano à noite.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Recordações do ensino superior <p>“Estudei sempre em Faro, no Magistério Primário e foi uma fase que me deixou bastantes boas recordações, quer de relacionamento com os colegas do grupo, quer com os professores, quer com as crianças.”</p> <p>“Eu lembro-me que no estágio, no último dia de estágio, eu chorei, chorei, chorei, chorei, não parava de chorar.</p> <p>O professor disse: “Ó rapariga, estás a chorar tanto, não vale a pena! Vais ter que chorar muito pela tua vida” e bem dito, bem feito.”</p> <p>“Na altura havia um limite estabelecido dentro da turma em que a média da turma não podia exceder treze e meio, as nossas notas, dentro do grupo turma do Magistério eram controladas com o nível da média da turma, não é como agora que se pode tirar dezoito ou dezanove, não há um limite para tirar nota.”</p> <p>“Saí do Magistério com vinte e dois.”</p> <p>“Depois passaram-se alguns anos e voltei assim que abriram os Complementos de Formação na Escola Superior de Educação, acho que em 2001/2002, eu fiz o Complemento de Formação na área de Educação de Adultos e de Intervenção Comunitária.”</p>

Análise e Interpretação

O curso do Magistério Primário foi outra etapa muito significativa na vida da Antónia. Estes três anos também foram anos de muito trabalho e dedicação e hoje a Antónia reconhece que foram muito positivos e úteis para o seu percurso profissional.

O carinho que sentia pelos seus alunos das turmas onde estagiava é uma das grandes

Análise e Interpretação

recordações dessa etapa.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Escolha da carreira docente</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Razões para a escolha da carreira docente <p>“Acabei o curso do Magistério Primário, e nesta altura, como professora eu penso que, no fundo, se calhar era aquele sonho que eu tinha e que não estava ali bem delineado, porque é isto que eu quero. Eu sempre gostei muito de pediatria ou de outra área assim relacionada com crianças.”</p> <p>“Às vezes tenho refletido sobre isso e chego à conclusão que não sei porque já passaram vinte e nove anos desde o início da minha carreira e quando eu fui para esta profissão a noção que eu tinha da vida, da realidade, não tem nada a ver com a noção que tenho hoje. Se calhar também fui um bocado empurrada pela família porque nós na altura com 17, 18 aninhos não temos muito ainda a noção daquilo que queremos ser.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Formação inicial <p>“Em termos de expectativas em relação ao curso eu acho que era aquilo que eu queria, era partilhar, ensinar, formar que eu acho que é uma coisa muito importante.”</p> <p>“Eu sou do tempo do Magistério Primário em que o estágio era um estágio intensivo e eu lembro-me que levei um ano inteiro praticamente a estagiar.</p> <p>Tinha tido contacto com a educação, com as aulas, com os alunos nos outros dois anos anteriores, mas o 3.º ano do curso foi bastante intensivo e eu acho que fiquei bastante preparada porque estagiei com 1.º ano, a base de tudo é o 1.º ano, é quando tudo começa.”</p>

Análise e Interpretação

Quando a Antónia entrou para o Magistério Primário, por volta dos seus 17 anos, ainda não se sentia verdadeiramente vocacionada para a carreira docente, mas toda a sua envolvência e os seus pais, levaram-na para esse caminho.

Hoje sente-se realizada e afirma com convicção que essa foi a escolha certa.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Primeiros anos de carreira docente</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 1.º Ano de trabalho <p>“Eu comecei no dia 17 de outubro de 1986, tinha 21 anos.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Recordações dos primeiros anos de carreira <p>“Foi complicado (na Funchosa) porque eu senti-me sozinha, desamparada, no meio do nada. Tinha sete alunos, dos quatro anos, e sem condições, sem sequer ter luz elétrica.”</p> <p>“Foi muito difícil, uma menininha que sai de Faro e vai trabalhar assim para</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>o meio do nada, no primeiro ano torna-se difícil, mas depois aos poucos fui aprendendo a viver, a crescer, se calhar, e a ultrapassar algumas dessas dificuldades.”</p> <p>“Foi o ano em que eu dei aulas a adultos, foi ótimo.”</p> <p>“Na fase inicial da minha carreira, tive uma situação muito instável porque andava aos pulos de um lado para o outro, de escola em escola.”</p>

Análise e Interpretação

Os primeiros nove anos de carreira ficaram marcados pela incerteza e pela instabilidade, tendo transitado constantemente de escola para escola, no Algarve.

As recordações desses anos são pouco positivas porque, associada a essa grande instabilidade, estavam também os medos e receios de uma jovem adulta que se viu sozinha perante a sua realidade.

A Antónia trabalhou como docente do 1.º CEB com crianças, mas também com adultos, num ano letivo, e essa nova experiência revelou-se muito gratificante.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Percurso profissional</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Experiência profissional <p>“Tive os nove anos da minha profissão em que andei sempre com aquela instabilidade, estou aqui, estou ali, nunca sei para onde vou no próximo ano, ainda se fosse com a próxima turma dentro da mesma escola, mas não, era o próximo ano onde eu irei parar.</p> <p>Andei sempre naquela instabilidade e passei por vários sítios, cada ano era uma escola.”</p> <p>“O primeiro ano em que eu fiquei a trabalhar foi a 90 km de casa, no meio da serra, em Castro Marim, na Funchosa.</p> <p>Na altura não havia transportes públicos e os caminhos estavam muito degradados, nem sequer asfalto havia.”</p> <p>“Foi um ano de isolamento, mas também por outro lado foi gratificante no aspeto em que eu tive uma experiência nova. Eu também fui professora de adultos dos 50 anos para cima.</p> <p>O meu aluno mais velho tinha 68 anos e senti-me muito lisonjeada porque eles tratavam-me com muito carinho, tinham objetivos de vida e apesar da larga idade que já tinham, queriam aprender.”</p> <p>“Estive primeiramente na Funchosa, depois no 2.º ano fui parar ao concelho de Silves, em Corte Peral, bastante longe também, depois estive na Estação, na escola da Estação.”</p> <p>“O nosso diretor escolar colocou-me na Estação porque o meu bebé tinha só três meses e entretanto acabei por não ir para essa escola, fui para a Patã de Cima e entretanto pulei para a Patã de Baixo, no concelho de Albufeira.”</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>“Depois fui para S.Lourenço, estive novamente em Almancil e depois acabei por estar um ano de licença sabática e fiquei só a nível administrativo em Quarteira, onde fiquei efetiva.”</p> <p>“Depois tenho-me mantido em Loulé, estive nove anos na escola do Serradinho, passei para a escola de Loulé n.º3 e agora estou neste agrupamento, já vai para onze anos.”</p> <p>▪ Momentos significativos</p> <p>“Pela negativa, eu não diria que tenho muito, não tenho assim grandes episódios. Tem sido gratificante neste aspeto, não tenho assim episódios muito negativos.”</p> <p>“A nível positivo eu tenho um ano letivo que eu acho que nunca vou tirar da minha cabeça, foi o ano 2006/2007, em que eu tinha várias tarefas e eu dava conta de tudo.</p> <p>Eu tinha a coordenação da escola n.º3, tinha estágio com o Prof. Joca como orientador e também acho que foi um estágio que correu lindamente.</p> <p>A Lirolinda estava a fazer a especialização do PNEP e eu ofereci-me para ela ir retirar dados à minha turma, quer dizer, eu é que dava as aulas, eu trabalhava em articulação com ela e foi um ano lindo.</p> <p>Foi o ano que eu acho que me fica na memória. Foi com muito trabalho e com muita alegria. Nós não olhávamos nem sequer a horários, trabalhávamos com gosto.</p> <p>Foi um ano que eu acho que nunca vou esquecer. Foi muito positivo mesmo!”</p> <p>“Eu lembro-me de uma menina e de um menino, que são crianças que eu me lembro pelo seu lado de revolta e de angústia e depois eu, no meu papel de descobrir o que se passa com essas crianças, de questionar, chego à conclusão que por detrás daqueles comportamentos existe muita dor e foi o que eu descobri. Estes vão ficar sempre na memória.”</p> <p>“Pelo aspeto bom, há outro caso, a cumplicidade de uma aluna e o seu nome vai ficar sempre na minha cabecinha porque, também lá está, a situação familiar faz com que a criança tenha determinados comportamentos na sala de aula.”</p> <p>▪ Relação com os alunos, os encarregados de educação e os colegas</p> <p>“Tenho-me relacionado sempre bem com os pais e com os alunos.”</p> <p>“Aprende-se muito no aspeto relacional, no sermos mais tolerantes, no falar, no compreender determinados comportamentos que eles têm, eu acho que é uma aprendizagem diária.</p> <p>Não só no aspeto de noções cognitivas, mas também coisas que eles sabem às vezes sobre bichos, sobre plantas.”</p> <p>“É uma troca, é uma partilha. Nós damos e estamos a receber deles e cada dia que passa é sempre um pouquinho que cresce à nossa formação.”</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>“Em termos de relacionar-me com colegas, eu penso que me dou bem com toda a gente. Nunca causei problemas a ninguém.”</p> <p>“No fundo eu até nem posso considerar que o meu percurso profissional tivesse sido assim muito mau porque a partir do 9.º ano de serviço, mais ou menos, tem sido muito bom em termos de trabalho e de ver fruto do trabalho na escola e ter momentos marcantes, quer pela positiva, quer pela negativa, a relação que se cria com os alunos e até mesmo com alguns encarregados de educação.”</p> <p>▪ Formação contínua</p> <p>“Eu, a nível de ações de formação contínua tenho frequentado todas porque eu acho que é importante nós estarmos sempre atualizados e em formação.</p> <p>Fiz a Matemática, fiz Estudo do Meio, fiz o PNEP dois anos seguidos, foram cinquenta e tal aulas assistidas, fiz agora as Expressões e sei que estas assim, que são o ano inteiro, eu faço sempre.”</p> <p>“Houve uma altura da minha vida que eu também usava sempre aqueles oito dias anuais para ir a todas as outras sessões de formação. Ultimamente não, não sei se são as tais políticas que estão a desanimar o professor.”</p> <p>“Eu já sei algumas coisas, não vou dizer que não sei. Há muita coisa para aprender sempre. Nós aprendemos imenso nas formações e também com os nossos colegas, quando há partilha.”</p> <p>▪ Mudanças na escola de hoje</p> <p>“O professor antes era mais respeitado, hoje já não é tanto, quer pelo aluno, quer pelas famílias e até mesmo pelos nossos políticos porque se pensassem um pouco na carreira dos professores também às vezes não agiam como agem, mas essencialmente pelas pessoas que nos circundam porque o professor está lá muito em baixo.”</p> <p>▪ Reconhecimento e valorização do papel do professor do 1.º CEB</p> <p>“Por alguns ainda é valorizado, mas pela maioria não, infelizmente.”</p>

Análise e Interpretação

Ultrapassados os primeiros nove anos de serviço, a carreira da Antónia estabilizou e a partir daí têm sido grandes os momentos de prazer e felicidade no trabalho diário com os alunos.

A Antónia recorda com carinho alguns alunos que foram marcantes e contribuíram para o seu enriquecimento enquanto pessoa e professora.

A relação com os alunos, encarregados de educação e colegas tem sido sempre positiva ao longo destes 29 anos de carreira e a Antónia deixa transparecer um carinho especial quando recorda os seus alunos.

A formação contínua tem sido uma preocupação constante na carreira da Antónia e ela continua a frequentar essas formações, no entanto, devido a toda a realidade que hoje envolve a carreira docente, já começa a sentir algum desinteresse.

Análise e Interpretação

Relembrando todo o seu percurso profissional, a Antónia reconhece que hoje a escola do 1.º CEB está diferente e essas diferenças não têm sido muito benéficas, quer para os alunos, quer para os professores.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p style="text-align: center;">Ser professora do 1.º CEB</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Ser professora do 1.º CEB <p>“Ser professora é algo muito complexo. É muito útil, é algo de muito gratificante, é ajudar a formar um ser humano e é algo que implica muita, muita responsabilidade porque nós estamos a lidar com crianças, com seres em formação e o professor é uma peça fundamental no seu percurso de vida.”</p> <p>“O professor do 1.º ciclo é uma peça fundamental na educação. Começa na Pré, a Pré-Primária é fundamental, o 1.º ciclo continua a ser fundamental e é a base de tudo. A base está aqui.</p> <p>Se formos ver bem os diferentes níveis, somos nós que pomos os meninos a ler e a escrever e a decifrar um código que é muito complexo.”</p> <p>“Em relação ao ser professora, para mim deve ser uma das profissões mais importantes que existem na sociedade porque nós somos acima de tudo formadores e ao mesmo tempo tomamos a posição de formando porque estamos em constante aprendizagem com os nossos próprios alunos. Nós aprendemos com eles e eles connosco.”</p> <p>“Depois tudo o resto que nós lhes podemos passar em termos de educação, que às vezes deveria de vir de casa e não vem, somos nós que tentamos dar e que eles às vezes não entendem, não é?”</p> <p>Se um aluno em casa não tem regras a comer à mesa, se um aluno em casa não tem horário de deitar-se ou mesmo não tem carinho, somos nós que lhe damos.”</p> ▪ Realização profissional <p>“Eu fui amadurecendo a minha profissão, a minha relação com a profissão e cheguei à conclusão que era aquilo mesmo que eu queria e por isso esses momentos (de arrependimento) quase nunca existiram até hoje.”</p> <p>“Gosto, imenso! Se eu não gostasse imenso, eu não vinha todos os dias para a escola às oito da manhã. Isto é um indício que nós gostamos do que estamos a fazer e que estamos empenhados porque não olho ao horário. Se eu fosse olhar ao horário eu não vinha para aqui às oito e não saía daqui às cinco, às vezes seis horas.”</p> <p>“Eu estou consciente das dificuldades que a nossa carreira tem atualmente, o que me leva às vezes a alguma desmotivação, mas como eu já disse, eu sou muito empenhada e persistente e então facilmente arrebita novamente, deixo para trás essa pequena desmotivação.”</p> <p>“Às vezes penso assim “Porque trabalho tanto se eu não sou reconhecida pelas entidades políticas ou pelo Ministério, tal como todos os meus</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>colegas?”.</p> <p>Depois penso no lado das crianças e dos pais e são estes que reconhecem o meu trabalho, os alunos e os pais, acima de tudo.”</p> <p>“O que me desmotiva e entristece são as políticas atuais, acima de tudo.”</p> <p>“O que a alegra e dá forças para continuar são as crianças.”</p> <p>“Se o tempo voltasse para trás, escolhia novamente esta carreira. Não estou arrependida.”</p> <p>“Sim, sinto-me realizada profissionalmente.”</p> <p>“Sinto-me feliz aqui.”</p> <p>“Algum desânimo. Algum desânimo em relação aos alunos, aos pais, aos colegas e ao nosso sistema educativo de hoje.”</p> <p>▪ Mudanças para a escola do 1.º CEB</p> <p>“Mudaria a burocracia. Há muito papel para preencher. Nós passamos o tempo todo a preencher papéis quando o fundamental não é isso.”</p> <p>“Não faria escolas tão grandes porque tudo corre melhor quando a escola é mais pequena. Quanto maior é o mundo, mais complicado se torna, em termos de relacionamentos, horários, conjugar atividades, articular, torna-se tudo muito mais complicado.”</p> <p>“Acho que fiz a escolha correta, não estou nada, nada arrependida.”</p>

Análise e Interpretação

Ser professor do 1.º CEB, segundo a Antónia, é muito gratificante, pois desse modo contribui-se para a formação e educação de crianças e o professor do 1.º ciclo representa um modelo, uma base para esses alunos.

A escolha da carreira docente foi a escolha certa e não sente qualquer arrependimento, pois a Antónia sente-se muito realizada e feliz, no entanto, devido a todas as políticas do atual sistema educativo, sente algum desânimo e desrespeito pelo trabalho do professor. Assim, algo terá de mudar e essas mudanças terão de passar pela escola.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Expetativas futuras</p>	<p>▪ Expetativas pessoais e profissionais</p> <p>“Em relação ao futuro, ele é tão incógnito que eu não espero nada.”</p> <p>▪ Futuro do 1.º CEB</p> <p>“Cada vez será pior. Cada vez mais as pessoas vão sentir dificuldade em ensinar porque cada vez mais há mais interferências, não só no aspeto político, como cada vez mais os pais é que mandam mais na escola e os professores cada vez mais vão ter um papel menor.”</p> <p>“Os professores já não são vistos como algo construtor e estão de pés e</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>mãos atadas.”</p> <p>“Cada vez mais pobre porque as relações humanas cada vez estão mais degradadas, então esses aspetos, o que nós batalhamos diariamente na escola, o relacionamento, tornam as relações cada vez mais complicadas, e cada vez mais será pobre.”</p> <p>“Se eu fosse Ministra da Educação tentava acabar com toda a burocracia que existe e acho que tentava ouvir mais as opiniões dos professores sobre as suas dificuldades hoje em dia na escola, coisas que às vezes são desnecessárias, levamos tanto tempo a falar sobre assuntos desnecessários e sobre o que é importante não se fala.”</p> <p>“Eu estou pensando, em termos de expetativas para o futuro, que isto vai melhorar, mas cá dentro penso que isto melhoras não tem. A tendência é piorar.”</p>

Análise e Interpretação

Devido a todas as políticas atuais, as expetativas futuras da Antónia não são muito otimistas, pois segundo ela, as condições de trabalho dos professores têm vindo a degradar-se e isso não lhe dá muita esperança em relação ao futuro.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Relação com os pais</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Relação com os pais no passado <p>“A minha relação com os meus pais foi sempre com muito respeitinho, até porque as regras de vida em sociedade também acho que se alteraram um bocado e hoje em dia nós toleramos mais coisas nos filhos do que antigamente se toleravam, saídas à noite, nem pensar nisso.”</p> <p>“Os meus pais foram sempre um modelo para mim, de luta, um modelo de... Aquele modelo que nós olhamos para eles e vê... Segue os seus conselhos, segue as suas regras porque vê que são certas, podem até não ser, mas para mim foram sempre um modelo.</p> <p>Não é por acaso e à toa, que eu sou, se calhar isto é defeito ou não sei se é virtude, sou em termos horários terrível, e exijo isso dos meus alunos também. Aprendi com a minha mãe e com o meu pai a respeitar horários, isto é um exemplo.”</p> <p>“Episódios que eu tenha vivido com eles há muitos, há bons, há maus...”</p> <p>O meu pai com cinquenta anos partiu, eu prefiro até nem falar disso. Foi de férias, para mim foi de férias. Em relação à minha mãe, desleixou-se nesse momento, acho que deixou de ter vida própria.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Relação com os pais no presente <p>“Eu acho que podia ter tido muito mais se a vida e o destino não fosse... Não fosse isso o que aconteceu.”</p> <p>“Quando o meu pai faleceu fiquei com mais um filho, a minha mãe. Ela</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	deixou de trabalhar, deixou de ter a sua própria autonomia, então eu fiquei com mais um filho aos meus vinte e quatro anos, portanto o apoio foi pouco a partir daqui...”

Análise e Interpretação

A relação da Antónia com os pais foi sempre muito forte, envolvendo muito respeito e parceria. Foi uma filha amada e muito apoiada e isso contribuiu para a sua formação pessoal.

Hoje a Antónia recorda com muita dor e saudade o seu pai, que faleceu vítima de um acidente. Esse momento trágico foi marcante na sua vida, pois para além da dor da perda do pai, veio também o sofrimento de assistir à desolação da mãe perante esse facto.

A partir desse dia, a vida de Antónia, já casada e com um filho bebé, sofreu um grande impacto e apesar da dor, ela teve que conseguir ser forte para encorajar e cuidar da sua mãe até hoje.

A Antónia recorda com muita saudade e até se emociona quando fala dos momentos que viveu com os seus pais.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
Casamento	“Casei-me aos vinte e três anos.”
	“O dia do meu casamento foi um dia muito importante para mim. Foi um dia muito esperado, foi um dia que eu vivi intensamente e foi um dia muito rápido.”
	“Tenho trinta anos de serviço e vinte e nove anos de casamento. Só que a vida mudou muito de solteira para casada porque eu tive os filhos todos muito seguidos.”
	“Em termos de casamento e de maternidade, muito feliz.”
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ A carreira docente e a vida familiar “Posso dizer que tem sido muito difícil nestes anos todos conciliar esta vida familiar muito ocupada com a carreira docente, uma vez que a carreira exige muito de nós, exige demasiado, não digo muito, digo demasiado.”

Análise e Interpretação

A Antónia é uma mulher feliz e muito apoiada pelo marido em todos os momentos da sua vida e tem contado sempre com esse apoio para conseguir gerir da melhor forma a sua carreira profissional e o bem-estar da vida familiar.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
Maternidade	“Eu com vinte e quatro anos tinha já um filho.”
	“Com vinte e nove anos já tinha os três filhos e sem ajuda de ninguém,

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>como quem diz, a minha mãe sempre me ajudou até eles irem para a Pré-Primária. Como ela se dedicou muito aos netos, foi também uma ajuda para ela superar a perda do marido.”</p> <p>“Essa fase que eu vivi até eles entrarem na primária e mesmo até irem para o 2.º ciclo foi muito complicado porque eram quase todos da mesma idade, era não só o aspeto das refeições, do vestuário, dos banhos, mas também a fase de ajuda na escola.</p> <p>Então eu dividia as tarefas, como hoje ainda faço com o meu marido, ele ajudava no Inglês, ele domina muito bem o Inglês e a Matemática e eu fazia a ajuda na outra parte.”</p> <p>“Sou uma mãe feliz, posso crer. Apesar de alguns episódios de saúde que aconteceram com o meu mais velho, mas considero-me uma mãe feliz porque eu acho que fiz o melhor que pude em termos de educação, assim como faço com os meus alunos, tentar passar certos conceitos que eu acho que são muito úteis na vida deles e regras e falar, comunicar.”</p> <p>“Acho que fiz o meu melhor, agora se eles querem seguir ou não aquilo que eu tentei fazer, está na mão deles, agora são todos homens, o mais novo tem vinte e um, o do meio tem vinte e quatro, o mais velho tem vinte e seis.”</p>

Análise e Interpretação

A Antónia é uma mãe feliz de três filhos, já jovens adultos, no entanto tem passado por momentos muito marcantes com o seu filho mais velho, devido a problemas de saúde. Apesar de todo o sofrimento, a Antónia tem conseguido continuar com a sua vida de mulher, mãe e professora e tem sido uma guerreira e um grande apoio para o filho e para a família.

Professora do 1.º CEB

- Nome: **CARLA MARQUES**
- Idade: 41 anos
- Tempo de serviço docente: 19 anos

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Nascimento e Infância</p>	<p>“Eu nasci no dia 2 de maio de 74, a seguir ao Dia do Trabalhador.”</p> <p>“Nasci em Portalegre, no hospital velho, fui o último bebé a nascer no hospital velho que hoje está transformado na Santa Casa da Misericórdia.”</p> <p>▪ Recordações da infância</p> <p>“A Carla começou por ser um Carlos.”</p> <p>“As senhoras enfermeiras acharam que eu tinha qualquer coisa lá que não estava efetivamente, então a notícia que deram ao meu pai e às minhas irmãs é que tínhamos ali um menino, que era eu.</p> <p>Então como o meu pai se chama Carlos, achavam que o único menino devia de ser um Carlos. É claro que quando se aperceberam que não era um Carlos, foi muito fácil pôr-me Carla.”</p> <p>“Quando eu nasci já não se esperava mais ninguém na família e então a minha mãe tinha 45 anos e o meu pai 46. A minha mãe foi ao médico, estava assim com uns sintomas muito estranhos e o médico achou que era uma menopausa precoce, entretanto não era, era eu mesma.”</p> <p>“A minha infância foi muito feliz, mas muito sozinha, no sentido que na minha família, mesmo na família alargada, primos, tios, a prima mais dentro da minha idade tinha nove anos de diferença de mim, portanto eu nunca tive primos para brincar, mas por outro lado desenvolvi assim umas aptidões interessantes.”</p> <p>“Carinho, por aí adiante, era da minha avó... A minha avó é que me dava... É que me ia buscar à escola, dava-me o lanche, contava-me histórias.”</p> <p>“Todas as brincadeiras que eu fazia quando era criança envolviam o bocadinho de ser professora. Eu queria sempre ser a professora, até gostava de dar uns puxões de orelhas e tal, quando eles não me respondiam bem...”</p> <p>“Fui uma criança feliz, muito feliz.”</p> <p>▪ Relação com os irmãos e os pais</p> <p>“Eu era a mana mais nova, portanto eu tinha que obedecer às ordens de todas.”</p> <p>“Quando eu comecei a ter um bocadinho a noção que existia, lá por volta dos cinco, seis anos, o grande modelo foi a minha irmã Maria José, tinha ela dezasseis. Então eu queria andar atrás dela para tudo quanto era lado e ela na sua adolescência queria mais era que eu não andasse atrás dela.”</p> <p>“Sempre fui uma criança calma, ao contrário do que muitas pessoas pensam,</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	por ser a última não fui a mimada porque não havia tempo, os pais estavam a trabalhar e as manas mais velhas tinham mais o que fazer, tomavam conta de mim e pronto!”

Análise e Interpretação

A Carla nasceu no seio de uma família onde já não se esperava a chegada de nenhum bebé, mas mesmo assim foi uma filha muito amada.

A infância da Carla foi muito feliz, no entanto, tal como ela refere, sentia-se sozinha, pois como as suas irmãs já eram adolescentes e não tinha mais ninguém na família com a sua idade, não teve companheiros de aventuras e de brincadeiras.

A sua avó assumiu um importante papel na sua infância, pois os pais da Carla tinham que trabalhar, as irmãs adolescentes iam para a escola e depois disso não gostavam muito de ter que ficar com uma criança a controlá-las e a avó dava-lhe o afeto e a companhia que necessitava.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Percurso escolar no ensino primário</p>	<p>“Eu entrei na escola primária com seis anos, tinha feito seis anos em maio, portanto entrei em outubro. Estudei na escola n.º4, do Bairro dos Acentos, em Portalegre.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Recordações do ensino primário <p>“As melhores recordações que eu tenho da minha infância são a minha passagem para o 1.º ano.</p> <p>A minha mãe na altura, com cinquenta e um anos foi fazer a alfabetização, ou seja, ela entrou para a escola, fez a alfabetização no ano em que eu entrei para o 1.º ano. A recordação de estar sentada à mesa a fazer os meus trabalhos de casa e a minha mãe ao lado a fazer os dela, é muito interessante, é uma experiência que eu me lembro, que é muito boa.”</p> <p>“A primeira lembrança que eu guardo do meu tempo de aluna... Eu era canhota e sou, e na altura a minha mãe pediu encarecidamente à minha professora que tentasse contrariar-me, não queria que eu fosse canhota, então lembro-me tão bem da minha professora Angelina, pegar na minha mãozinha esquerda, colocá-la atrás das minhas costas e atá-la à cadeira. Então eu estive uma semana a tentar fazer qualquer coisa com a mão direita.”</p> <p>“Lembro-me também que na altura chegava-se ao Natal e já começávamos a arranhar a leitura e muitos de nós já liam bem. Então eu regresssei no 2.º Período e a professora pediu para ler qualquer coisa e eu li um texto, mas li o texto tão bem que a minha professora até me ofereceu um anel que ainda hoje guardo, com quatro pedras azuis.”</p> <p>“Era uma menina muito calada, muito sossegada, muito tímida. Era muito bem comportada, gostava muito de aprender.”</p> <p>“Uma das recordações que eu tenho, que não é das melhores, era pensar,</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>quando entrei para o 1.º ciclo todos os meus colegas na Hora das Novidades de 2ª Feira falavam que tinham estado na casa dos avós, tinham feito isto, feito aquilo, mas a minha avó vivia connosco porque já era muito velhota, então eu nunca tinha nada para contar da minha avó, a não ser do tempo que passava comigo, mas em contrapartida tinha os meus tios todos que moram na zona de Évora e então era raro o fim de semana que nós não nos juntávamos, tinha outras experiências, outras coisas giras para contar.”</p> <p>“Passei do 4.º ano para o 5.º ano, então a minha madrinha ofereceu-me quinze dias em Lisboa com ela e levou-me a todos os lados, Estufa Fria, Jardim Zoológico, Mosteiro do Jerónimos, quer dizer, eu conheci naqueles quinze dias coisas que os meus colegas nem falavam e para mim foi mais uma das grandes recordações que tenho.”</p> <p>“Eu vou para uma escola e a minha mãe já tem idade para ser minha avó e vai-me levar à escola, eu nunca tive esses preconceitos, felizmente. Ficava tão feliz quando a minha mãe me podia levar.”</p> <p>“As brincadeiras que eu me lembro desde aí, foram sempre a ser professora de Inglês. Eu era professora de Inglês da minha irmã mais velha, era professora de Inglês da minha avó, era professora de Inglês de toda a gente.”</p> <p>“Acho que o percurso do 1.º ciclo foi um percurso muito, muito bom. Tenho muito, muito boas recordações.”</p> <p>“Há uma coisa que eu me lembro ainda hoje e sempre que sinto esse cheiro vem-me à memória. Nós na altura entrávamos ali por volta de seis, sete de outubro, as primeiras chuvas, aquele cheiro a terra molhada, ... Eram sempre nesses dias que eu ia com a minha mãe comprar as coisas para a escola, então associo aqueles primeiros dias de outono, aquelas primeiras chuvas...”</p>

Análise e Interpretação

O percurso escolar da Carla no ensino primário foi muito positivo, pois nas suas brincadeiras de criança já imaginava que era professora e aqui na escola, conseguia viver o seu sonho.

Um dos momentos mais marcantes do seu percurso deu-se logo na 1.ª classe, no início do ano letivo, quando a sua mãe e a professora não aceitaram o facto de ela ser esquerdina e tentaram contrariar essa situação.

Outra recordação muito feliz foi vivenciada junto da sua mãe, pois a Carla recorda que no seu primeiro ano a mãe também frequentava as aulas de alfabetização de adultos e no final do dia as duas juntavam-se para fazer os trabalhos de casa.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Percursos escolar no ensino</p>	<p>“Dos dez para os onze entrei no 5.º ano, estudei na escola preparatória, na altura chamava-se Ensino Preparatório Cristóvão Falcão, a tal escola para onde eu fui sozinha.”</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
preparatório	<p>▪ Recordações do ensino preparatório</p> <p>“Outra recordação menos feliz, a minha passagem do 4.º ano para o 5.º. Uma recordação menos boa, foi a minha adaptação ao 5.º ano. Fui sozinha para aquela escola, os meus colegas ficaram todos na outra e foi muito complicado para mim adaptar-me.”</p> <p>“As recordações menos boas são exatamente as da adaptação e o facto de eu na altura ser um bocadinho caladinha a mais.</p> <p>Lembro-me de uma colega que eu tinha que era muito mais alta do que eu, que achava por bem andar sempre a atazanar, até que um dia ela estava a mexer na minha carteira. Então eu achei por bem confrontá-la e ela como era mais alta do que eu tive que saltar para as costas dela e tive que fazer valer a minha posição para ela perceber e então dei-lhe uma mordidela e ela teve que levar três pontos, mas também nunca mais ninguém se meteu comigo e a partir daí fui muito feliz, no 2.º ciclo também.”</p> <p>“Depois de resolver essa questão, nunca mais se pôs esse caso. As minhas notas subiram, eu fiquei muito mais contente e voltei ao meu sonho de ser professora porque tive ali uma fase em que queria ser da GNR por causa dessas meninas.”</p>

Análise e Interpretação

O percurso escolar da Carla no ensino preparatório ficou marcado por momentos bons e por momentos difíceis.

Um dos momentos mais difíceis desta fase foi a adaptação, pois a Carla sentiu-se muito sozinha numa escola nova onde não conhecia ninguém, nem sequer tinha os seus colegas de escola por perto, pois todos frequentavam outra escola.

Para além disso, outro episódio negativo, relacionou-se com uma situação de *bullying* vivida pela Carla. Essa situação prolongou-se por algum tempo e refletiu-se no bem estar e nos resultados escolares, mas a Carla ganhou coragem, enfrentou essa colega e o mal estar terminou.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
Juventude/ Adolescência	<p>“Fui uma jovem normal, uma adolescente um bocadinho revoltada, mas dentro do normal.”</p> <p>▪ Recordações da juventude/adolescência</p> <p>“Acho que a minha adolescência foi uma adolescência em que eu vivi tudo o que tinha para viver nessa fase, assim como a minha infância, acho que as experiências que tive na infância foram as que eu tinha que ter, por isso é que sempre que eu agora olho para trás, costumo dizer isto, às vezes na brincadeira, mas é um bocado a sério, a idade fica-me muito bem. Eu gosto mais de mim agora do que se calhar gostava de mim naquela altura e a pessoa que eu gosto hoje foi a pessoa que foi sendo feita e criada naquela altura. Não sinto que tenha deixado alguma coisa por fazer.”</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>“Acho que não tenho más recordações da adolescência e juventude. Sempre fui muito brincalhona, sempre tive muitos amigos, sempre tive muitos conhecidos, sempre fui muito de ir ao cinema, de passear, de... Não tenho nenhum episódio assim que eu ache negativo. De positivo, sim, lembro-me de uns tantos.”</p> <p>“Entre o 5.º e o 12.º ano, desde basquetebol, voleibol, futebol feminino, ginástica rítmica, fiz parte do Desportivo Futebol Clube de Portalegre, fiz parte do atletismo, ia aos regionais, ... Fui muito ligada ao desporto. Eu achava que o desporto tinha que entrar na minha vida de alguma forma.”</p>

Análise e Interpretação

A Carla foi uma adolescente muito feliz, alegre e divertida com todos. Aproveitou muito bem todos os momentos e esteve sempre rodeada por muitos amigos que compartilhavam as suas brincadeiras e o seu gosto pelo desporto.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Percurso escolar no ensino secundário</p>	<p>“No 9.º ano eu fui da turma de Desporto, era muito ligada ao desporto. No 10.º ano, fui para Saúde.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Recordações do ensino secundário <p>“No 9.º ano nós tivemos uma área vocacional, tínhamos uma professora que era psicóloga também, e ela fez-nos muitos testes ao longo do ano e no final do ano falou-nos sobre as possíveis profissões que nós pudéssemos ter. Aquela que foi logo a primeira, professora!</p> <p>Professora, educadora, atendimento ao público, serviço de balcão, ... Estava no bom caminho.”</p> <p>“No 10.º ano a melhor nota que tive foi de Matemática, uma coisa que para mim era impensável, mas curiosamente estes três anos serviram-me para aprender a gostar das Matemáticas, a gostar das Ciências, a gostar de tudo o que era mais para o lado objetivo e acho que isso também me ajudou na minha vida pessoal porque se eu antes ia ao Porto para chegar a Lisboa, agora vou direta a Lisboa, não sou capaz de fazer assim muitos rodeios. Acho que a objetividade da parte científica também me ajudou muito pessoalmente. Só tive a ganhar.”</p> <p>“No 12.º ano foi um ano engraçado porque o meu pai era vigia de fogos na Serra de S.Mamede e eu tinha que estudar, então durante o dia descansava e à noite, entre as onze da noite e a uma da manhã, estava acordada a vigiar fogos e a estudar para as provas específicas.”</p>

Análise e Interpretação

A Carla sempre foi uma jovem muito disposta a enfrentar desafios e o curso que frequentou no ensino secundário foi prova disso. Ela matriculou-se em Saúde com o intuito de provar a si mesma que conseguia superar mais esse desafio com sucesso e conseguiu,

Análise e Interpretação

pois apesar de ser uma pessoa muito divertida e brincalhona, também era muito empenhada e trabalhadora.

No final do secundário ficou mais um ano letivo a repetir algumas disciplinas para melhorar a sua média final de curso e depois disso conseguiu ingressar no ensino superior.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Percorso escolar no ensino superior</p>	<p>“Comecei o curso com 18 e acabei com 22 anos. Estudei na ESE de Portalegre.”</p> <p>▪ Recordações do ensino superior</p> <p>“Quando concorri entrei em dois lugares, entrei em Évora no ensino de Biologia e Geologia e entrei em Portalegre, na ESE de Portalegre, professora do ensino básico, variante de Matemática e Ciências.”</p> <p>“O gasto em termos monetários, financeiros, ia ser complicado e o que me levou a ficar e a tirar o curso de Matemática e Ciências foi precisamente isso, foi “Ok, se posso não privar os meus pais e não deixar os meus pais passarem necessidades, eu prefiro ficar aqui”.</p> <p>“O percurso foi muito bom, muito normal, conheci muitas pessoas.”</p> <p>“Acho que eu cresci muito aí porque sabes, cidade de interior, sempre as mesmas pessoas e depois tu comesças a contactar com pessoas de outros sítios e abre-te muito os horizontes.”</p> <p>“Estive quatro anos a tirar o curso e aproveitei à brava.”</p> <p>“Tenho voz de cana rachada, mas olha que aproveitava e andava sempre a sair com as tunas e fazia <i>playback</i> e aquilo era um espetáculo.”</p> <p>“Lembro-me nas vésperas dos testes, dos exames e das frequências, o pessoal todo stressado e eu ia sempre para a piscina coberta dar umas braçadas para descontraír. Estudava antes e depois nas vésperas aquilo corria bem.”</p> <p>“Chegou ao final do curso e como eu achava que a média que eu tinha não me satisfazia, fui fazer exames, subiu-me a nota e fui das primeiras a ser colocada.”</p> <p>“Quando acabei o curso achei que já chegava de estar em Portalegre e como ia começar a trabalhar e a ganhar dinheiro, já não estava a sobrecarregar os meus pais, fiquei em Coimbra.”</p>

Análise e Interpretação

Apesar da Carla ser uma pessoa muito brincalhona e muito divertida, também era muito empenhada e preocupada com a sua família e isso refletiu-se na escolha que fez na entrada para o ensino superior, pois optou por um curso lecionado em Portalegre, onde morava, para não sobrecarregar os pais com todas as despesas que implicariam os estudos longe de casa.

Apesar dessa ponderação na escolha do curso, ela nunca se arrependeu da sua escolha e foi

Análise e Interpretação

muito feliz com os colegas e os seus resultados escolares foram bastante positivos. Esta foi uma etapa muito feliz e muito bem vivida na vida da Carla.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
Escolha da carreira docente	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Razões para a escolha da carreira docente “A partir do momento em que eu entrei na escola, o meu sonho passou a ser, ser professora. Queria tanto ser professora!” “Acho que foi a escolha correta para a minha carreira profissional, sim, muito! Acho que não sei fazer mais nada, acho que é isto que eu gosto. Acho não, tenho a certeza, é isto que eu quero, é isto que eu gosto! Para fazer é de princípio, por isso eu não estou na Matemática e nas Ciências, mas estou no 1.º ciclo.” ▪ Formação inicial “A minha formação inicial ensinou-me muita teoria, é claro que a experiência é que me trouxe a prática e a teoria não tem a ver com a prática em 90% das situações. Há coisas que os livros não nos ensinam, nós temos que ter muito de nós para conseguirmos dar a volta às situações.”

Análise e Interpretação

O sonho de criança era ser professora, por isso, mais tarde, na escolha do curso para a entrada no ensino superior a decisão foi muito óbvia, a Carla sabia e sentia que queria ser professora.

Apesar de ter frequentado um curso que também lhe deu habilitações para lecionar no 2.º CEB, a carreira no 1.º CEB foi uma escolha ponderada e consciente, da qual ela não se arrepende.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
Primeiros anos de carreira docente	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 1.º Ano de trabalho “Fiquei colocada em Coimbra, no distrito de Coimbra, e fui colocada na Pampilhosa da Serra.” ▪ Recordações dos primeiros anos de carreira “Os meus primeiros anos de serviço, foram muitos espalhados, com muitas experiências, muitas coisas muito boas, claro que também houve coisas menos boas, mas a minha filosofia é um bocado essa, vamos aprender com as coisas más e transformemo-las em algo que nos sirva para a parte boa.” “Com os meus primeiros alunos, acho que de certa forma, não me sou muito mal chamarem-me de professora porque nesse mesmo verão, e claro que eu escrevi a todas as editoras para me mandarem livros e então sempre que eu olhava para um envelope e que lia “Exma. Sr.ª Professora” aquilo fazia-me assim qualquer coisa e eu “Ai, mas quem é? Sou eu, pois é!” e

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	acho que aquela “Exma. Sr.ª Professora” quando já só ouvia “Professora” já me parecia mais normal.”

Análise e Interpretação

Nos primeiros anos de carreira docente, a Carla lecionou em escolas de diferentes localidades, tendo sido professora titular de turma e professora de apoio na educação especial.

Estes foram anos muito felizes, de muito empenho e trabalho e de muitas alegrias vividas com os alunos.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
Percorso profissional	<p>▪ Experiência profissional</p> <p>“O meu percurso envolveu dezoito anos.”</p> <p>“O meu primeiro ano foi em 97/98. Fiquei colocada em Coimbra, no distrito de Coimbra, e fui colocada na Pampilhosa da Serra.”</p> <p>“Fui para a Pampilhosa da Serra e lá na Delegação Escolar da altura, disseram-me que eu tinha sido colocada em Porto de Vacas, um sítio que só lá ia quem lá morava e era necessário não se enganar no cruzamento.”</p> <p>“Apresentei-me e a primeira experiência que eu tive fora, já após o curso, foi numa EBM, uma escola básica mediatizada, a antiga Telescola a dar a parte toda das letras. Ora eu acabei de sair de um curso de Matemática, via números e raízes quadradas em tudo quanto era lado e só tive lugar a dar Português, Francês, para quem adora Inglês, Francês?... Educação Moral e Religiosa, História e Geografia de Portugal que eu não tinha desde o 9.º ano porque segui Saúde. Grande desafio para mim.”</p> <p>“Olhava para aqueles vídeos todos, não mostrava vídeos, assumi aquele compromisso e preparava os materiais e levava o tempo a fazer aquilo tudo, também não tinha mais nada para fazer.</p> <p>Fiz um projeto de dança porque é uma das minhas paixões de sempre.”</p> <p>“Na véspera do último dia de aulas telefonaram-me da Delegação a dizer que eu tinha ficado desalojada porque a colega que estava lá efetiva regressava.”</p> <p>“Entretanto fui colocada logo noutra escola que veio a ser em Miranda do Corvo. Ali fui dar apoio na educação especial.”</p> <p>“Voltei a ficar em Casal de Ermio, Coimbra, pelo segundo ano. Vinculei, fiquei muito contente. Passei um ano muito interessante lá.”</p> <p>“Completa-se o segundo ano e aí vai ela mudar o vínculo para os Açores. No primeiro ano fui para uma escola de Ponta Garça.”</p> <p>“Fiquei mais um ano e seguindo a experiência na educação especial fiquei no pólo de educação especial de Vila Franca do Campo e aí voltei a contactar com casos muito complicados. Aí tive a certeza que não era isso,</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>não era isso, tinha que ser mesmo o 1.º ciclo.”</p> <p>“Então, família, saudades, estou muito longe, fiz as malas. Consegui entrar em Coimbra novamente, S.Martinho da Cortiça, em Arganil, e estive lá mais dois anos muito bons, muito bons.”</p> <p>“Depois de S.Martinho da Cortiça achei que estava na altura de vir ainda mais para perto dos meus pais e vim para a Boa Fé, em Évora. Fiquei no apoio.”</p> <p>“Da Boa Fé, fui para o centro de Évora, estive dois anos no Convento Novo, um ano em S.Mamede e na Comporta.”</p> <p>“Viemos mais para perto e estive três anos a trabalhar dentro de Évora.”</p> <p>“Em Évora, no último ano que estive lá, salvo erro em 2005/2006, como era QZP não havia lugares para toda a gente e então estava já numa colocação administrativa. Resolvi arriscar e manifestar disponibilidade para vir para outro distrito e escolhi o 08, Faro, e foi aí que começou a minha aventura por terras do Algarve.”</p> <p>“Vim para cá, fui colocada e como na altura estava a atravessar uma fase muito complicada da minha vida pessoal, recusei ir para o Ameixial porque era uma zona muito isolada e curiosamente dois dias depois ligaram-me da Direção Regional a perguntar se eu estaria interessada em vir para Loulé ou para Portimão. Assim que eu soube que era no centro, com muita gente à volta, “Ok, vamos para Loulé!” e desde então aqui estou eu.”</p> <p>“Estive os primeiros dois anos na Hortas de Stº António e depois fiquei no quadro de agrupamento aqui da Padre Cabanita, fui trabalhar na Escola n.º2, no ano seguinte fui para a n.º3 e depois Vale de Rãs e agora a n.º4.”</p> <p>“Estou a fazer permuta de lecionação com outra colega e eu estou na parte da Matemática.”</p> <p>▪ Momentos significativos</p> <p>“A minha professora entrou em contacto com a escola de Casal de Ermio, esta é uma das recordações que eu vou levar para sempre, que tenho para sempre comigo, a minha professora a chegar na automotora, a sair da automotora, a entrar na minha sala com os meus alunos e eu poder apresentar a minha professora do 1.º ciclo aos meus alunos do 1.º ciclo.”</p> <p>“Ter miúdos que ainda hoje, doze, catorze anos, miúdos que eu fui professora lá nos Açores que me telefonam.”</p> <p>▪ Relação com os alunos, encarregados de educação e colegas</p> <p>“Com os meus alunos acho que tenho uma relação muito saudável, com os encarregados de educação, felizmente em dezoito anos de carreira, também tem sido saudável. Em relação aos colegas, é saudável também.”</p> <p>▪ Formação contínua</p> <p>“Fiz o PNEP, fiz as Ciências Experimentais. Fiz aquelas formações de um dia em que nós estávamos sentados a ouvir toda a gente a falar, deixei de as fazer, agora só faço aquelas que eu acho que, ou somos obrigadas, ou</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>aquelas que me dizem alguma coisa.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Mudanças na escola de hoje <p>“A atitude dos alunos perante a escola mudou porque a atitude dos pais também mudou e porque a vida dos pais de hoje em dia não é a vida dos pais de antigamente.”</p> <p>“A escola serve para agradar os pais e a escola serve para serem colocados aqui às oito e meia da manhã e saírem daqui muitas vezes às sete da noite.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Reconhecimento e valorização do papel do professor do 1.º CEB <p>“Somos sempre os últimos a saber e eu acho que aí começa tudo mal.”</p> <p>“Na minha opinião o 1.º ciclo e, dito por muitos colegas, o “parente pobre da educação”.</p> <p>Dito isto, não me parece que haja o devido reconhecimento nem a devida valorização. Felizmente, tenho tido experiências de coadjuvação com colegas de 2º ciclo que, após algum tempo de convivência, referem que não faziam ideia do quanto se trabalha e o quanto o professor de 1º ciclo investe na planificação, preparação, aplicação e trabalho com os seus alunos.”</p>

Análise e Interpretação

Ao longo dos seus dezanove anos de carreira, a Carla já lecionou em muitas escolas do país, de Norte a Sul e até nas Ilhas dos Açores. Foi professora na EBM, foi professora titular de turma no 1.º CEB e professora de apoio na educação especial, mas a sua verdadeira vocação e alegria está no 1.º CEB.

A relação com os seus alunos tem sido muito positiva e prova disso é o contacto que ainda mantém com alguns dos seus antigos alunos. A sua boa disposição e alegria facilitam as suas relações, pois é uma professora muito disposta a relacionar-se com todos, sejam alunos, encarregados de educação, colegas ou funcionárias da escola.

A formação contínua tem acompanhado o seu percurso profissional, mas tem sido criteriosa na escolha das formações a frequentar, pois há muito para aprender, mas essa aprendizagem tem que ser útil e necessária.

A Carla reconhece que o 1.º CEB tem passado por algumas transformações e com elas o papel do professor tem sido desvalorizado.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Ser professora do 1.º CEB</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Ser professora do 1.º CEB <p>“É para mim muito especial porque desde que eu sou pequenina que eu quis ser professora.”</p> <p>“Ser professora, independentemente de ser do 1.º ciclo, do 2.º, ser professora é ter muito para dar. É abdicar de muita coisa do plano pessoal para poder estar no plano profissional a cem por cento, duzentos por cento, trezentos por cento.”</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>“O professor do 1.º ciclo é o exemplo, é o amigo, é o psicólogo, é o pai e a mãe, é o irmão mais velho, é o médico, é o enfermeiro, é tudo!”</p> <p>“Acho que é a profissão mais eclética que existe, somos de tudo um pouco e não vale a pena as pessoas acharem que “É pá, sou professora, chego ali, dou o meu recado e venho-me embora!”, quem pensa assim mais vale não estar cá.”</p> <p>▪ Realização profissional</p> <p>“Gosto do que faço e tenho muita pena de hoje em dia haver muita coisa para se fazer que não seja estar com os meninos e pensar neles. Acho que são os dois graves problemas, muita burocracia e sermos os últimos a saber das coisas. Nós que estamos no terreno a trabalhar com as crianças devíamos ter uma opinião a dizer sobre as coisas ou mesmo que não tivéssemos uma opinião a dizer, que fossemos avisados antes e nos preparassem de outra forma.”</p> <p>“O que me alegra, as crianças...</p> <p>O que me desmotiva, as condições em que nós trabalhamos hoje em dia. O professor hoje em dia é visto como um <i>entertainer</i>, estás na escola e desde que aprendas a ler e a escrever está tudo muito bem.</p> <p>A escola é muito mais do que isso, muito mais do que isso!”</p> <p>“Acho que sou uma professora de 1.º ciclo preocupada com aqueles olhinhos que estão à minha frente, acho que às vezes acabo por, em termos de empatia, ser... E é por aí que eu muitas vezes consigo agarrar neles, consigo criar muita empatia com eles.”</p> <p>▪ Mudanças para a escola do 1.º CEB</p> <p>“Na escola se calhar não mudava, mudava era tudo o que está por detrás da escola, mudava muita coisa.”</p> <p>“A escola ideal é um edifício, seja grande, seja pequeno, com professores felizes, motivados, porque um professor feliz e motivado consegue motivar os meninos, com pessoas a trabalharem todas para o mesmo fim porque há muitas pessoas que trabalham num sentido e outras noutra e o mais importante são as crianças, ponto final!”</p> <p>“Se eu fosse Ministra da Educação traria para a escola do 1.º ciclo condições de trabalho e condições de trabalho não é no sentido de mais computadores, mais quadros, mais recursos didáticos e multimédia, não! É ... Voltarem a ter orgulho na profissão porque agora tu tens uma percentagem que continua a gostar do que faz, mas... Eu não critico, nem a mim me cabe isso, mas... Sentir que as pessoas trabalham por amor à camisola, essa era a primeira, criar condições para que as pessoas voltassem a trabalhar por amor à camisola.”</p>

Análise e Interpretação

Ser professora é muito especial, tal como refere a Carla, pois requer uma entrega e uma partilha completa, para que se consiga proporcionar momentos de verdadeira

Análise e Interpretação

aprendizagem e bem estar aos alunos.

Ser professora do 1.º CEB é ser tudo para os alunos, pois eles vêm na professora aquela pessoa que muitas vezes representa todos os papéis nas suas vidas.

A Carla é uma professora muito feliz e não se arrepende da escolha que fez para a sua carreira, no entanto sente que as condições de trabalho dos professores deveriam melhorar e assim todos beneficiariam, professores e alunos.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Expetativas futuras</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Expetativas pessoais e profissionais <p>“Eu espero muito continuar a ser professora do 1.º ciclo.</p> <p>As expetativas que eu tenho, sou sincera, há dois anos quando comecei a ver que as condições de trabalho, as condições começaram a ser reduzidas, eu fiquei muito triste e pensei “Onde é que isto me vai levar?”, mas hoje em dia acho que não penso muito nisso.”</p> <p>“Como vejo o meu futuro... Vejo-me com um sorriso, no 1.º ciclo temos mesmo que sorrir, só o facto de nós chegarmos, entrarmos na sala e virmos a sorrir, os miúdos já têm outro comportamento.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Futuro do 1.º CEB <p>“Não gostava que a escola do futuro fosse uma escola impessoal como já se fala há tanto tempo. Pode ser uma utopia, pode ser uma daquelas especulações, mas eu não me vejo um dia a ser professora sentada na minha sala com um computador à frente e a fazer uma videoconferência para os meus alunos, não vejo! Tenho que estar ali, ao pé deles.”</p>

Análise e Interpretação

Como consequência da sua boa disposição perante a vida, a Carla quer acreditar que no futuro vai continuar a sorrir e a exercer a sua profissão, feliz com o seu trabalho e os seus alunos.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Relação com os pais</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Relação com os pais no passado <p>“Nunca fui aquela filha, a menina que o pai e a mãe acarinhavam e mimavam de outra forma, até porque nem a minha mãe, nem o meu pai, nunca nenhum deles teve o feitio de estar sempre aos beijinhos, aos carinhos, e uma das coisas que eu sempre aprendi, que acho que é muito importante, apesar de eu ser assim muito física, sempre a dar beijinho aqui e abracinho ali, aprendi que isto de nós andarmos sempre aos abraços aos filhos, aos irmãos, é muito bom para nós, conforta-nos, mas os atos, as coisas que se fazem dizem-nos muito mais... Só vim a perceber isto mais tarde.”</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>“Se pudesse voltar outra vez ali ao espermatozóide e ao óvulo, eu não escolheria ninguém a não ser a família que tive.”</p> <p>“Os meus pais... Como é que eu os descrevo? Tenho tantos, tantos adjetivos para os descrever que eu acho que... É aquilo a que eu mais assemelho à perfeição.”</p> <p>“Eu recordo todos os dias episódios vividos com os meus pais, não sei se por a minha mãe já cá não estar, se por eu já estar há muito tempo afastada da minha família, dá-me um valor diferente.”</p> <p>“Episódios vividos com os meus pais são muitos e acho que são tantos e tão bons que não há nenhum que eu possa salientar porque acho que estou a ser injusta em relação aos outros.”</p> <p>“A humildade e a sinceridade dos meus pais foram e são as características que os meus pais têm que sempre me guiaram.”</p> <p>“Senti-me apoiada nas minhas escolhas, sempre! Mais pelo meu pai, do que pela minha mãe. Porquê? Ela sempre me aconselhou quando eu pedi que me aconselhasse, sempre tentou encaminhar-me, mas a escolha era sempre... Nunca se meteu, nem na escolha da... Em nada.”</p> <p>“Com a minha mãe a minha relação sempre foi muito de... Eu na altura não percebia, agora percebo... Muito mais “Filha, isto podes, isto não podes, aquilo não podes mesmo!” Sempre me traçou muito bem os meus limites.</p> <p>O meu pai era mais “deixa andar”.”</p> <p>▪ Relação com os pais no presente</p> <p>“Relação com os meus pais? 10...”</p>

Análise e Interpretação

Apesar da Carla não ter sido uma filha muito mimada durante a infância devido ao ritmo de vida dos seus pais, que sempre trabalharam muito para que nada faltasse a todas as suas filhas, mesmo assim a Carla foi uma filha muito amada.

Os pais foram sempre o seu apoio e também a sua preocupação, pois a Carla sempre reconheceu o esforço que os pais fizeram para educar e criar as filhas e levou isso em consideração nas suas escolhas ao longo da vida.

Hoje recorda com carinho os momentos vividos com os pais e sente muita saudade da sua mãe que faleceu. Apesar de viver longe da família, não se distanciou deles, pois continua a visitá-los e a conviver com todos, sempre que possível.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Casamento</p>	<p>“No ano em que estive na Comporta já namorava e entretanto casei nesse ano.”</p> <p>“Casámos, fomos muito felizes durante três anos.”</p> <p>“As recordações que eu guardo do dia do meu casamento... Acho que foi o</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>único dia da minha vida que consegui reunir toda a gente que foi até aquela data especial para mim, portanto só por si já é um acontecimento gigantesco. Tenho muita pena hoje em dia, e já passaram doze anos que me divorciei, quando folheio o meu álbum de casamento e vejo que aquelas pessoas que tão especiais foram para mim em alturas da minha vida, já há muitas que não estão cá.”</p> <p>“O nosso relacionamento teve um desgaste tão grande que a certa altura sentámo-nos ao lado um do outro, e como sempre fomos muito amigos, olhámos um para o outro e “O que é que estamos a fazer aqui os dois juntos? As nossas vidas em conjunto não fazem sentido.”</p> <p>“Entretanto divorciei-me e vim para cá, onde tenho estado até hoje.”</p> <p>“Sou uma mulher feliz. Tenho tudo o que preciso. Não tenho uma pessoa, um companheiro por assim dizer, mas talvez mais tarde eu venha a pensar assim, mas se calhar neste momento, as escolhas anteriores ...”</p> <p>“No casamento é assim, eu não posso dizer que não fui feliz, podia ter sido muito feliz, fui feliz enquanto fui casada.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ A carreira docente e a vida familiar <p>“Não consegui conciliar a minha carreira com a minha vida familiar.”</p>

Análise e Interpretação

O casamento foi uma etapa inicialmente feliz na vida da Carla, mas devido a diversos fatores, teve o seu final e apesar de ter terminado de comum acordo, trouxe sofrimento.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
Maternidade	<p>“Não sei o que é...”</p> <p>“A maternidade... Se fosse há uns cinco anos atrás diria que era um sonho adiado, agora digo-te que é um sonho impossível.”</p>

Análise e Interpretação

A Carla não é mãe, mas talvez tivesse sido uma mãe muito feliz e carinhosa.

Professora do 1.º CEB

- Nome: **FRANCISCA MARTINS**
- Idade: 44 anos
- Tempo de serviço docente: 19 anos

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Nascimento e Infância</p>	<p>“Eu nasci a 9 de junho de 1971. Nasci em Argenteuil, na França.”</p> <p>▪ Recordações da infância</p> <p>“Os meus pais foram trabalhar para França e eu nasci em França. Muito pequenina, com menos de um ano vim morar para a casa dos meus avós, cá em Portugal, onde fiquei até os dez anos com os meus avós.”</p> <p>“Sei que passei algum tempo em França no Jardim de Infância, mas como não falava Português, não me entendiam e era um bocado reguila, fui convidada a sair.”</p> <p>“Os meus pais trabalhavam e arranjaram uma ama e um dia aperceberam-se que ela poderia estar a maltratar-me e então decidiram que eu ficasse de vez com os meus avós cá em Portugal.”</p> <p>“Do nascimento à entrada para a escola primária passava o tempo a ir e vir, passava um tempo em Portugal com os meus avós e quando os meus pais tinham mais facilidade em estar comigo ia.”</p> <p>“Até aos seis anos andei a fazer estas idas e vindas e aos seis anos decidimos que eu faria a escola primária em Portugal. Então aí fiquei com os meus avós e nas férias do Natal, da Páscoa e nas férias grandes, a seguir às férias dos meus pais, ia com eles para França, levava as férias em França e a escola em Portugal.”</p> <p>“Os meus avós moravam numa terrinha ali no interior algarvio, no Zambujal, não tínhamos eletricidade, não tínhamos... Era campo, as casas não tinham, e algumas delas ainda não têm, as mais antigas e depois foram ficando abandonadas, não tinham água e não tinham luz.”</p> <p>“Estava eu no 4.º ano e lembro-me da grande festa da chegada da luz.”</p> <p>“A partir dos meus nove anos a aldeia começou a ter essas coisas todas, a luz, a ponte, a estrada alcatroada, ...”</p> <p>“Aquilo era campo e a condição era antes da noite, estar em casa, portanto nós andávamos por ali, corríamos, saltávamos, fazíamos asneiras.”</p> <p>“Outra coisa que gostávamos de fazer no inverno era nas descidas, com sacos de plástico na lama, quando criava aquela lamazinha, deslizar por ali abaixo e isso era sempre sinal de levar umas palmadas quando chegasse a casa cheia de lama e essas coisas todas, mas era... Brincávamos nessas coisas, rebolávamos, ...</p> <p>Quando chegava o calor e a erva crescia nós púnhamos lá no monte e vínhamos rebolando até chegar ao muro.”</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>“Na altura, ali nos montes em redor, já era conhecida como Maria-Rapaz porque só fazia asneiras porque as meninas não se comportavam daquela maneira, as meninas brincavam com bonecas e estavam num cantinho e eu fazia muita asneira.”</p> <p>“Eu fazia muita asneira, o que irritava um pouco a minha avó porque as pessoas falavam “A sua neta é isto, parece um demónio...”, mas para mim foi uma infância muito feliz e são recordações que eu guardo.”</p> <p>“Tenho muito boas recordações dessa época, embora quando chegasse a casa, essa parte das memórias já não é tão boa... A minha avó irritava-se muito comigo porque eu sujava a roupa, não podia ver uma poça de água que tinha que pôr o pé na água, chegava a casa toda molhada, era os <i>collants</i> rasgados, era lama nas calças... A parte de lá de casa não era assim tão boa, mas diverti-me imenso.”</p> <p>“Foi uma infância feliz, pelo menos até aos dez anos, aquela parte em que as coisas se faziam sem responsabilidade, foi um momento engraçado.”</p> <p>▪ Relação com os irmãos e os pais</p> <p>“Irmãos não tenho, tinha os meus primos, como acabava por passar muito tempo em França, era uma espécie de irmãos com quem eu brincava e me relacionava e fazíamos uma série de brincadeiras, mas irmãos, com pena não tenho.”</p> <p>“Os meus pais estavam em França e eu estava com eles nas férias e eles vinham cá, geralmente vinham mês e meio de férias e eu depois voltava com eles até as aulas começarem em outubro.</p> <p>Aí era diferente, eles viviam numa cidade. Eram coisas diferentes, aqui era Maria-Rapaz, mas com a minha mãe já era sempre um bocadito mais calma. Ela abria assim os olhos quando via asneira e eu respeitava e aquilo tudo.”</p> <p>“Eu ia com a minha mãe trabalhar, saía de casa às sete para apanhar os transportes para Paris para fazer lá as suas limpezas. Era engraçado porque ela trabalhava a horas e cada patroa dela era uma pessoa diferente, com características diferentes e nesses tempos que eu passava lá com ela, ela ficava a trabalhar e eu ia com as senhoras passear, íamos às compras, ou deixavam-me usufruir das coisas delas, da televisão, dos livros, das revistas.”</p>

Análise e Interpretação

A Francisca nasceu em França e até à entrada para a escola primária viveu em França com os pais e em Portugal, no Zambujal, com os avós.

A sua infância foi vivida muito intensamente, sempre com muita energia para brincar, correr, pular e saborear a liberdade de viver e crescer no campo.

Junto com as brincadeiras, vinham as asneiras e as traquinices e por isso na aldeia todos a conheciam e consideravam-na “Maria-Rapaz”, pois ela era diferente das outras meninas, não ficava entretida a brincar com as bonecas, mas sim a correr com os rapazes.

Apesar da distância dos pais e das palmadas recebidas, hoje reconhecidas como justas, a

Análise e Interpretação

Francisca viveu uma infância muito feliz.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
Percorso escolar no ensino primário	<p>“Como nasci em junho, entrei para a primária aos seis anos. Aí fiz no monte, no Zambujal.”</p> <p>▪ Recordações do ensino primário</p> <p>“Era uma escola pequenina, éramos poucos.”</p> <p>“A sala com quatro turmas, com um armário que era a biblioteca, para mim era uma espécie de tesouro porque uma das professoras incutiu-me, ou pelo menos transmitiu-me, não sei como ela fez, o gosto pela leitura e gostava muito de ler e tinha grandes discussões com a minha avó, pelo menos até à chegada da luz, porque ela dizia que estar a ler à luz do candeeiro a petróleo dava cabo dos olhos, mas eu queira ler e chegava aquele momento da história e eu queira ler.”</p> <p>“A sala tinha os quatro anos, cada fila era um ano e também me recorde de algumas professoras, inclusive uma delas voltei a trabalhar com ela no final da carreira dela.”</p> <p>“A escola ficava no monte e o cercado era todo à volta, então nós deitávamo-nos em cima do cercado porque àquela hora passavam sempre os caças que estavam a fazer os treinos, então eram todos os gaiatos deitados naquele muro de barriga para cima, a olhar para o céu para ver os jatos.”</p> <p>“Havia o cesto da refeição de um colega, e a mãe estava constantemente a fazer queixas, porque nós usávamos o cesto de cana para jogar à bola.”</p> <p>“Lembro-me de ser muito rápida a fazer as coisas, sempre com a cabeça no ar, fazia tudo muito depressa para ser a primeira para depois não ter nada para fazer.</p> <p>Tínhamos realmente os quatro anos e às vezes eu conseguia ser mais rápida do que os anos avançados e aquilo para mim era motivo de orgulho.”</p> <p>“Recordo-me do ano das estagiárias, aquilo foi uma loucura, vinham moças novas de fora com coisas novas, nós ali no meio do monte perdidos no espaço, estávamos para aí a duas horas de autocarro de Loulé, estávamos mesmo ali isolados e para apanharmos o autocarro tínhamos que andar 7km a pé e elas apareceram ali.</p> <p>Apareceram com montes de coisas, papel de cenário, as tintas, pintar com as mãos, aquelas coisas que nós habitualmente não fazíamos, os passeios no campo porque geralmente ficávamos na sala.”</p> <p>“Foi uma fase muito engraçada.”</p> <p>“O chão da sala era de madeira e eram aquelas secretárias inclinadas e então os livros estavam sempre a cair e como eu não parava, os livros estavam sempre a cair e então eu estava constantemente a ser chamada à atenção.”</p> <p>“Eu estava sempre a pedir para ir à casa de banho e a professora começou a</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>achar que eu exagerava e um dia disse-me: “Se tens assim tanta vontade, faz aí!”, e eu como tinha muita vontade, fiz. A senhora abriu os olhos e eu “Mas você disse que se eu tivesse vontade, fizesse, e eu tinha.”</p> <p>Ela não acreditava e depois aquilo era assim, não havia sanitas, era assim uma coisa onde nós metíamos o pé e tinha um buraco e eu tinha muito medo de cair para o buraco, então demorava um certo tempo porque tinha medo de cair lá para dentro e ninguém me encontrar lá no buraco. A partir daí nunca mais tive problemas com a casa de banho.”</p>

Análise e Interpretação

A Francisca foi uma criança irrequieta e feliz e também na escola primária transbordava energia, pois recorda que realizava as suas tarefas cheia de pressa e bastante distraída.

Ela guarda memórias felizes do seu percurso no ensino primário e recorda que foi nesta etapa da sua vida que despertou para a leitura, pois uma das suas professoras primárias conseguiu inculcar-lhe esse gosto.

A leitura foi também mais um dos motivos de “rebeldia” da Francisca com a avó, pois como lá na aldeia ainda não havia luz elétrica, a avó não permitia que ela lesse os livros à luz do candeeiro a petróleo, pois segundo a avó seria prejudicial para a visão.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Percurso escolar no ensino preparatório</p>	<p>“Fiz até ao 9.º ano em S.Bartolomeu de Messines.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Recordações do ensino preparatório <p>“Nós morávamos no campo e os meus pais continuavam em França e eu quando cheguei à altura de ir para o 5.º ano acabei por, os meus pais na altura tinham comprado um terreno e construído uma casa em S.Bartolomeu de Messines e então conhecíamos um casal que tinha... Vendia máquinas de costura e máquinas de lãs e depois acolhia as meninas que compravam as máquinas para fazer tipo um estágio, para ensinar e era uma pessoa próxima da família e dos amigos. Então fiquei com eles, fiquei a morar com eles nesses dois anos, no 5.º e no 6.º ano.”</p> <p>“A parte inicial do 5.º ano foi difícil porque eu era uma Maria-Rapaz que dominava lá no campo e depois vim para ali e uma das coisas que foi mais complicado de lidar era a relação que eu tinha com os rapazes porque se no campo eu brincava com os rapazes e era igual aos rapazes, quando cheguei ali a idade já era outra, já havia rapazes de onze, doze anos, e já viam as raparigas noutra perspetiva e então não achava muita piada.</p> <p>Começou assim uma fase complicada de umas reações cada vez que me tocavam ou faziam uma brincadeira que eu não gostava, eu batia.”</p>

Análise e Interpretação

Durante a frequência do ensino preparatório a Francisca não viveu com os pais, nem com

Análise e Interpretação

os avós, mas com os amigos da família em S.Bartolomeu de Messines.

O percurso escolar no ensino preparatório apesar de feliz, também foi marcante, pois esta foi uma etapa de mudança. Aquela criança que estava habituada a liderar, a brincar com os rapazes e a sentir-se igual a eles, deparou-se com outra realidade e apesar de ter sido um pouco difícil no início, a Francisca conseguiu moldar-se à nova realidade.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
Juventude/ Adolescência	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Recordações da juventude/adolescência <p>“O meu pai já tinha regressado e estávamos a morar os três juntos. Foi assim uma parte complicada porque apesar de estarmos muito juntos, viver como uma família nunca tínhamos vivido e eu na altura já tinha catorze, quinze anos, tinha a minha perspetiva sobre as coisas e a minha mãe achava que eu tinha que ver como ela via. Então foi assim uma fase um bocado confusa.”</p> <p>“Não fui uma adolescente rebelde, nem fiz asneiras, mas vivi interiormente essa situação porque não a considerava justa, porque ela (mãe) também não me conseguia explicar.”</p>

Análise e Interpretação

Aquela criança irrequieta e enérgica cresceu e teve que se adaptar a todas as mudanças e novas experiências que a vida lhe proporcionava. Nesta fase da adolescência por vezes não foi fácil para a Francisca compreender essas mudanças e ela reconhece que talvez a falta de diálogo com os pais tivesse contribuído para isso, no entanto foi uma adolescente feliz.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
Percurso escolar no ensino secundário	<p>“Fiz até ao 9.º ano em S.Bartolomeu de Messines.”</p> <p>“Tinha quinze anos, fui estudar para Silves.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Recordações do ensino secundário <p>“Quando fui para o 7.º ano a minha mãe acabou por voltar e o meu pai ficou em França. Fomos morar as duas e foi uma época um bocadinho complicada porque nunca tinha vivido assim a tempo inteiro com a minha mãe e houve alguns conflitos, mas nada de anormal.”</p> <p>“Foi uma escolaridade normal, cheguei ao 9.º ano, fui para uma turma de Arte e Design.”</p> <p>“Quando terminei o 9.º ano, o meu pai já tinha regressado e estávamos a morar os três juntos.</p> <p>Foi assim uma parte complicada porque apesar de estarmos muito juntos, viver como uma família nunca tínhamos vivido e eu na altura já tinha catorze, quinze anos, tinha a minha perspetiva sobre as coisas e a minha mãe achava que eu tinha que ver como ela via. Então foi assim uma fase um</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>bocado confusa.”</p> <p>“Nessa altura tinha quinze anos, fui estudar para Silves (Escola Secundária de Silves) e assim um dos momentos mais marcantes foi ter que apanhar pela primeira vez um autocarro.</p> <p>Nunca tinha andado de autocarro sozinha e de repente ter que ir para a paragem esperar pelo autocarro, aquilo foi assim: “E agora? E se eu perco o autocarro? E se eu não consigo entrar? E se depois, à vinda para cá?”.</p> <p>Destes primeiros momentos de secundário foi assim a coisa mais... Nem foi “E agora onde vou comer? A cantina ... A escola nova...”, não, foi mesmo o autocarro.</p> <p>Aquilo entretanto resolveu-se porque nos primeiros tempos fomos no autocarro da carreira, mas depois a câmara municipal pôs um autocarro para fazer o transporte dos alunos.”</p> <p>“Foram uns anos engraçados, eu fui para a área das Humanísticas, para a área de Jornalismo.”</p> <p>“Foram dois anos porque no final do 11.º fui fazer as provas de admissão para a Universidade Católica, para o curso de Direito e entrei.”</p> <p>“Estive lá (Universidade Católica) três anos, mas não gostei e foi assim uma fase complicada da minha vida porque houve um momento em que fisicamente recusei mesmo porque não gostava e então acabei por interromper o curso e ir estudar para o Liceu Camões para fazer o 12.º ano porque não tinha feito. Se continuasse no curso, tudo bem, se quisesse voltar a ingressar na universidade, aí tinha que voltar ao 12.º para fazê-lo.”</p> <p>“Fui fazê-lo no Liceu Camões, fiquei lá um ano, não era assim tão mais velha que os alunos, era um bocado.</p> <p>À noite estava a fazer um curso semi-profissional de Relações Públicas, portanto de dia fazia o 12.º e à noite estava no IADE a fazer esse curso de um ano.”</p> <p>“Entretanto já tinha terminado o 12.º e terminado o curso e decidi regressar ao Algarve e vim para casa dos meus pais.”</p> <p>“Candidatei-me à universidade. Nesse ano a minha primeira opção para um curso superior foi Turismo, mas não consegui entrar e então decidi inscrever-me aqui em Loulé, no liceu, para fazer melhoria de nota para tentar no ano seguinte os exames.”</p> <p>“Aborreci-me com aquela situação e decidi procurar emprego para estar entretida e então arranjei uma empresa de trabalho temporário, indicaram-me e eu fui lá e fui fazer uma entrevista e fiquei a trabalhar numa loja de decorações. Fiquei lá a trabalhar como secretária.”</p> <p>“Trabalhei lá um ano, ia estudando, porque pensei “Não vou subir as notas do secundário, mas vou ao menos tentar que a nota de admissão seja superior.”</p> <p>“Passei lá o verão, trabalhei e quando saíram as notas entrei no curso de 1.º</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	ciclo.”

Análise e Interpretação

O percurso da Francisca no ensino secundário ficou marcado pelos momentos passados com os colegas e pelas peripécias com eles vividas.

Esta foi uma etapa inicialmente reduzida, pois a Francisca optou por ingressar no Ano Zero do Curso de Direito em Lisboa e frequentou a Universidade Católica, em Lisboa. Como não se sentiu realizada, nem feliz, a Francisca desistiu do Curso de Direito e voltou ao ensino secundário para frequentar o 12.º ano.

Depois de concluído o ensino secundário, candidatou-se novamente ao ensino superior e não teve sucesso, por isso foi trabalhar e continuou a estudar para melhorar a sua média final de curso.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
Percurso escolar no ensino superior	<p>“Terminei o secundário no 11.º e entrei na Universidade Católica no ano zero em Direito. Não fiz o 12.º porque o chamado ano zero dá-nos uma certa admissão ao primeiro ano.”</p> <p>▪ Recordações do ensino superior</p> <p>“Estive lá três anos, mas não gostei e foi uma fase complicada da minha vida porque houve um momento em que fisicamente recusei mesmo porque não gostava e então acabei por interromper o curso.”</p> <p>“Entre no curso de 1.º ciclo, mesmo do 1.º ciclo, na altura no pólo de Vila Real de Stº António, Bacharelato, três anos em Vila Real de Stº António.”</p> <p>“O curso foi em 94/97.”</p> <p>“Como era muito longe acabei por ficar lá, os meus pais acabaram por me ajudar a alugar uma casa e depois vinha no comboio, vinha à 6ª Feira à noite.”</p> <p>“Foram assim três anos sossegados. O meu percurso universitário foi dos vinte e três aos vinte e sete, vinte e oito. Nesta idade já é diferente de se ter dezoito anos. Já as coisas foram feitas com mais calma, já havia mais empenho, e a notazita até foi porreira, à exceção das disciplinas de Matemática e Físico-Química que acabaram por descer as outras, mas a média de saída não... Até nem foi má de toda.”</p> <p>“Foi um ensino superior calmo, não daquelas grandes loucuras.”</p> <p>“Tinha feito o Mestrado em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária.”</p>

Análise e Interpretação

A Francisca frequentou dois cursos diferentes no ensino superior, em momentos distintos da sua vida, mas apenas no último conseguiu sentir a confiança e a certeza de que seria

Análise e Interpretação

para continuar. Esse foi o curso de professores do 1.º CEB.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
Escolha da carreira docente	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Razões para a escolha da carreira docente “A profissão acabou por vir um pouco na sequência da desistência de outro curso, de ter que fazer uma opção.” ▪ Formação inicial “Permitiu ter a habilitação necessária para lecionar, no entanto, determinadas disciplinas acho que não tiveram relevância, mas por outro lado, houve docentes que, embora a disciplina fosse generalista, mostraram-me premissas importantes e que ainda hoje as aplico no meu dia-a-dia profissional.”

Análise e Interpretação

A docência não foi a primeira opção para a carreira da Francisca, pois inicialmente optou pelo Direito, mas acabou por ser onde se sentiu confiante e realizada.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
Primeiros anos de carreira docente	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 1.º Ano de trabalho “O meu primeiro ano de trabalho foi em 1997 e depois estive a trabalhar durante cinco anos num colégio privado.” ▪ Recordações dos primeiros anos de carreira “Quando saí da universidade fui convidada para ir trabalhar para um colégio privado, tendo em conta as notas e o desempenho.” “Foram cinco anos em que eu me empenhei e acabei por trazer, quando vim para o ensino público, um pouco daquilo que lá fiz.”

Análise e Interpretação

Os primeiros anos de carreira foram anos de muito trabalho e empenho, pois a Francisca foi convidada para trabalhar num colégio privado e esforçou-se bastante para desempenhar as suas funções da melhor forma e assim corresponder às expectativas.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
Percurso profissional	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Experiência profissional “Como fiz o percurso tarde, quando saí da universidade tinha vinte e sete anos.” “Fui entrevistada, fiquei no Colégio de Vilamoura, onde trabalhei durante

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>cinco anos.”</p> <p>“Quando a minha filha tinha seis meses inscrevi-me no Complemento de Formação.”</p> <p>“Fui colocada na Mãe Soberana, fizemos esses dois anos.”</p> <p>“Nessa altura já estava a fazer o Mestrado.”</p> <p>“Como tinha feito o Mestrado em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária, fui convidada para fazer parte desse gabinete, era um gabinete que promovia os cursos socioeducativos e mesmo o ensino recorrente no concelho de Loulé.”</p> <p>“Trabalhei três, até que os nossos governantes da altura decidiram que não havia necessidade de educação de adultos e acabei por ser eu a encerrar o gabinete.”</p> <p>“Na altura a Direção Regional, pois eu estava com destacamento, propôs-me, ou concorria ou ficava aquele ano na Intervenção Precoce a dar apoio ao concelho de Loulé e concelho de S.Brás.”</p> <p>“Acabei por pensar e optar por ir para a Intervenção Precoce. Não me motivava, nem me motivou muito, mas acabou por ser outra experiência.”</p> <p>“Entretanto tive essa proposta para ficar, mas achei que estava na altura de voltar ao 1.º ciclo.”</p> <p>“Quando terminei a Intervenção Precoce candidatei-me e fiquei no quadro de escola onde estou agora, neste agrupamento.”</p> <p>▪ Momentos significativos</p> <p>“Aquele momento inicial foi assim um bocado... Eu pensei “Como é que eu vou gerir isto?” Para além de não gostar do 1.º ano, já havia aquele tempo todo que estava fora e tinha um bocado de receio com os pais.”</p> <p>“Foi em termos profissionais, o pior momento da minha carreira porque a turma era reduzida, tinha pais que eram um mimo, mas tinha lá uma senhora que chegou a um ponto em que eu já nem quase... Era mesmo já uma reação física. Quando pensava que tinha que ir para a escola, quase que vomitava.”</p> <p>“Foi mau, mas depois entretanto ela foi-se embora e a turma mudou do dia para a noite.</p> <p>Eles eram uma turma excelente, colaboravam muito com tudo, se era para estarem calados, estavam calados, se era para brincar, era para brincar, e então aquilo mudou completamente.</p> <p>Passámos de um momento muito negativo para um momento muito positivo.”</p> <p>▪ Relação com os alunos, encarregados de educação e colegas</p> <p>“As relações que mantenho quer com alunos, com encarregados de educação, quer com colegas são bastante positivas, pelo menos, é esse o <i>feedback</i> que tenho.”</p> <p>“Geralmente quando os pais chegam, como costumamos dizer, com as sete</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>pedras nas mãos, nós vamos desenrolando e desmistificando e os pais no fim dizem: “Realmente você tem razão!”. Eu sempre fiz isso, sempre consegui dialogar.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Formação contínua <p>“Eu comecei com o Bacharelato em 1.º ciclo, depois fiz o Complemento de Formação e Mestrado.”</p> <p>“Tenho feito sempre que aparece alguma coisa que penso que seja interessante e pode trazer alguma coisa de novo, tenho feito alguma formação.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Mudanças na escola de hoje <p>“Uma das grandes diferenças é a maturidade dos alunos, cada vez mais imaturos e depois um pouco uma alteração na família.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Reconhecimento e valorização do papel do professor do 1.º CEB <p>“Penso que já não é o que era, não é que seja apologista de um estatuto especial, mas na realidade a importância e o reconhecimento que a profissão tinha já não tem, principalmente, no que diz respeito aos nossos “patrões”, por outro lado, ainda há muitos pais e encarregados de educação que revelam essa importância, especialmente, se os alunos se sentem bem nas nossas turmas e se os resultados são positivos.”</p>

Análise e Interpretação

Ao longo dos dezanove anos de carreira, a Francisca já viveu diferentes experiências profissionais, pois iniciou a sua carreira no ensino privado, trabalhou na Educação de Adultos, na Intervenção Precoce e no ensino público. Todas essas experiências serviram para evidenciar a sua verdadeira vocação e preferência, o trabalho no 1.º ciclo.

Os momentos mais marcantes da sua carreira prendem-se com os seus alunos e muitas são as boas recordações, apesar das mudanças evidentes na escola e nos alunos.

A relação com os alunos, encarregados de educação, colegas e funcionárias da escola tem sido sempre pautada pelo respeito e cordialidade.

A necessidade de aperfeiçoar e aumentar os seus conhecimentos na área tem sido uma constante, por isso a Francisca já frequentou o Complemento de Formação, o Mestrado e muitas ações de formação contínua ao longo do seu percurso.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Ser professora do 1.º CEB</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Ser professora do 1.º CEB <p>“Ser professor é ser tudo: pai, mãe, avó, avô... Chamam-nos tantos nomes que acabamos por ser tudo. Para além daquilo que nos chamam, acho que somos aquelas pessoas que estão mais tempo na vida dos alunos, pelo menos durante o ano escolar e depois de voarem para outros “ciclos escolares”, temos sempre aqueles que nos dão um abraço especial, mesmo depois de passarem tantos anos e que nos fazem sentir que, em algum</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>momento, fomos importantes nas suas vidas.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Realização profissional <p>“Sinto-me realizada.”</p> <p>“O que me desmotiva é a burocracia, muitos papéis, muitas coisas que eu acho que não servem para nada e nós acabamos por perder o nosso tempo em sala de aula para fazer coisas interessantes, trabalhar com os alunos.”</p> <p>“Nós tínhamos tempo para fazer tudo e hoje temos muitos alunos que a nível motor e a nível de maturidade respondem de maneira completamente diferente, faziam-se coisas maravilhosas.”</p> <p>“Hoje em dia não, temos que acelerar o programa porque temos um exame naquela data e então aquela coisa boa que era trabalhar à vontade, fazer trabalho de grupo, levar uma semana ou duas a preparar uma peça de teatro, fazer cenários, fazer adereços, isso perdeu-se tudo.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Mudanças para a escola do 1.º CEB <p>“A nossa função é mesmo ensinar, é estar na sala de aula, não são todas estas coisas que se criam à volta porque acabamos por ter aquela parte burocrática, precisamos de papel para tudo.</p> <p>Se calhar perde-se tempo a fazer esses papéis, o tempo que tínhamos para preparar a nossa aula.”</p>

Análise e Interpretação

Ser professor é ser um pouco de tudo para os alunos, pois segundo a Francisca os alunos sentem no professor um pouco a presença de todas as figuras importantes das suas vidas.

A Francisca é uma professora feliz e realizada, no entanto reconhece que as mudanças implementadas ao longo destes últimos anos têm dificultado o trabalho do professor e isso também se tem refletido nos alunos.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Expetativas futuras</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Expetativas pessoais e profissionais <p>“Eu acho que as coisas evoluem e eu gostava de ter mais tempo para fazer as coisas com os alunos no próprio momento, fazer projetos, sem ter que ter papéis, ter em conta isto, ter em conta aquilo.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Futuro do 1.º CEB <p>“Será que ainda há escola? Já vamos estar todos numa espécie de videoconferência, no fundo voltando um pouco à Telescola.”</p> <p>“Será que os professores serão necessários nessa altura? Sinceramente não consigo, é muito difícil porque a escola, como é óbvio, não vai mudar assim muito, vamos continuar muito agarrados a exames e essas coisas todas, mas... Se calhar quando chegar à altura deles já é tudo eletrónico, já não há manuais, já não há canetas, é tudo no <i>tablet</i> ou no computador.”</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>“Se calhar já não se pinta um desenho no papel, faz-se um desenho no <i>Paint</i> ou noutros programas quaisquer que inventarem entretanto.”</p> <p>“É um bocado difícil tendo em conta a evolução. Isto é uma daquelas coisas que eu trago desde criança, foi uma das maiores lições da minha vida, na adolescência via televisão e achava que no ano 2002 já andava no espaço, gostava muito, ...</p> <p>Então concebia o mundo diferente, de acordo com aquela epopeia do espaço 2002 e então achava que era nada disto.”</p> <p>“Isto está a evoluir com uma rapidez tão grande que não sei. Vai ser decididamente diferente!”</p>

Análise e Interpretação

A Francisca acredita que no futuro continuará no ensino e tem a esperança de voltar a viver momentos de verdadeira aprendizagem e motivação com os alunos, sem que sejam reflexo de pressões e obrigações.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Relação com os pais</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Relação com os pais no passado <p>(Adolescência) “Eu tinha o respeito pelos meus pais, eram adultos, mas não tinha o à vontade para falar com eles e explicar-lhes aquilo que sentia. Eles é que mandavam, era um pouco a mentalidade das pessoas daquela idade e enquanto eles mandavam, fazia-se assim. Esse é um dos aspetos que hoje em dia eu tento perceber com a minha filha, mas respeitando, perceber o que ela sente em relação a isso, uma vez que eu não tive oportunidade de explicar porque pensava assim ou pensava assado.</p> <p>Eu dizia desta maneira e “Lá vens tu com as tuas ideias. Tem que ser assim!” e as coisas funcionavam um bocado assim, por isso foi um período mais... Foi um pouco angustiante, mas pronto, passou-se.”</p> <p>“A minha mãe na altura ficou um bocado chateada por eu ter desistido ao curso de Direito e depois... Acabou por me apoiar na escolha seguinte e acho que... Hoje em dia diz que eu trabalho muito e passo muito tempo fora de casa, mas penso que está satisfeita.”</p> <p>“Fiquei lá os três anos (Vila Real de Stº António), vinha a casa e estava com os meus pais ao fim de semana. Mais uma vez isto de voltar a casa é complicado, portanto, comecei a morar com os meus pais aos treze anos, depois aos dezassete fui-me embora para Lisboa, depois voltei aos vinte e um, fiquei dos vinte e um aos vinte e três e aos vinte e três fui-me embora outra vez, fiquei três anos fora.”</p> <p>“A minha mãe sempre me apoiou e até foi das pessoas que mais me incentivou “A miúda agora tem seis meses, são dois anos e ela não se lembra, tem o pai e tem-nos a nós, não vai sentir muito a tua falta, se calhar vai sentir mais quando for mais velha.”, então foi no fundo um bocado ela</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>que me incentivou a fazer o Complemento de Formação.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Relação com os pais no presente <p>“Sinto que eles me apoiaram e me apoiam hoje em dia.”</p>

Análise e Interpretação

Durante a infância e a adolescência a Francisca não viveu sempre com os pais, pois estavam emigrados em França, no entanto, passava algum tempo com eles durante as férias escolares. O seu porto de abrigo e de apoio foi sempre a casa dos avós, com quem ela vivia cá em Portugal.

Como consequência dessa distância, a relação com os pais foi um pouco atribulada e segundo ela, na fase da adolescência sentiu-se confusa, pois foi nessa idade que começou a viver com os pais em Portugal.

Hoje sente nos pais o seu grande apoio e a relação com eles é sólida e feliz.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
Casamento	<p>“Eu casei-me em 98.”</p> <p>“Quando saí da universidade tinha vinte e sete anos, já namorávamos há oito anos e então decidimos no final do meu primeiro ano de serviço, decidimos, algures ali pelo meio, casar.”</p> <p>“Foi um processo um bocado complicado porque a família queria grandes festas, igrejas e aquelas coisas todas e nós queríamos uma coisa simples e então as ideias de uns entravam em choque com as ideias de outros, chegou a um ponto e dissemos: “Já não se faz nada!”, “Calma, vamos fazer assim uma coisa pequenina, só para a família sem grandes coisas.”</p> <p>“A escolha do vestido para a minha mãe foi assim “Ah...”, então diz que eu fui de vestido de ir à praia, embora branco, mas vestido de ir à praia.”</p> <p>“Foi uma coisa simples, foi aquilo que pensámos, até que ainda costumamos dizer na brincadeira um ao outro: “Ainda nos falta um casamento, ainda fazemos um grande casamento.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ A carreira docente e a vida familiar <p>“Tenho conseguido gerir as duas coisas.”</p>

Análise e Interpretação

O casamento da Francisca foi um momento muito feliz e importante na sua vida, mas não foi exatamente como idealizou, pois não foi fácil conjugar as opiniões de todos os familiares. A Francisca e o marido ainda sonham com esse momento e talvez um dia possam vivê-lo novamente, mas de acordo com os seus gostos pessoais e sonhos.

A vida familiar e a carreira docente têm caminhado lado a lado e a Francisca tem conseguido conciliar ambas na sua vida.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
Maternidade	<p>“A Inês nasceu em 2000, como tinha uma certa idade decidimos que já tínhamos esperado muito tempo, já estávamos a chegar aos trinta, começámos a fazer contas e decidimos que, até tínhamos a nível de emprego alguma estabilidade, então estava na hora de aumentar a família e veio a Inês.”</p> <p>“Veio a Inês, sendo que o momento em que a Inês nasceu, se calhar foi assim... É um dos momentos do auge da minha vida, foi de parto natural... O momento da expulsão, aquele sair é daquelas coisas que às vezes ainda me arrepio. Não foi muito doloroso, foi um parto de duas horas e meia, não sofri assim muito e felizmente a minha filha em termos de saúde sempre esteve bem, nunca teve problemas.”</p>

Análise e Interpretação

A Francisca é uma mãe muito feliz e a maior e mais verdadeira memória da sua vida é a do nascimento da filha.

Ela tenta proporcionar à filha tudo aquilo que na sua infância e juventude não viveu com os seus pais.

Professora do 1.º CEB

- Nome: **ISABEL MARUM**
- Idade: 43 anos
- Tempo de serviço docente: 21 anos

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
Nascimento e Infância	<p>“Eu nasci no dia 27 de janeiro de 1972, em Loulé.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Recordações da infância <p>“Fui uma criança feliz, uma infância feliz.”</p> <p>“Aos quatro anos integrei o Rancho Folclórico Infantil de Loulé porque gostava e gosto muito de dançar, então estive no rancho até aos trinta anos.”</p> <p>“Também os passeios que eu fazia eram com o rancho, passeávamos muito pelo país.”</p> <p>“Brincava essencialmente na rua porque os meus pais tinham e têm uma loja de comércio e a rua era fechada ao trânsito, então nós, eu e os filhos dos outros senhores das lojas, brincávamos na rua à apanhada, a saltar ao elástico, à macaca, ...”</p> <p>“Tenho boas recordações da minha infância, não me lembro de situação nenhuma que me tenha marcado.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Recordações com os irmãos e os pais <p>“Tenho dois irmãos, um mais velho e outro mais novo, sou a menina do meio e mantive sempre uma relação mais próxima com o meu irmão mais novo do que com o meu irmão mais velho. Temos uma diferença de sete anos, tanto do mais velho como do mais novo.”</p> <p>“A relação com os meus pais foi uma relação sempre de respeito, não muito próxima porque eles já tinham uma certa idade, então tiveram filhos um bocadinho mais tarde, mas daquilo que me lembro, brincávamos, íamos à praia, fazíamos passeios... Não aquela relação de os pais são os amigos, mas são pais.”</p>

Análise e Interpretação

A Isabel nasceu em Loulé e teve uma infância feliz.

Da sua infância recorda os momentos de brincadeira na rua, à porta da loja dos pais com as outras crianças e os momentos de convívio e alegria vividos no grupo de Rancho Folclórico que integrava.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
Percurso escolar no ensino	<p>“Entrei na escola primária com seis anos e o meu ensino primário foi feito em Loulé, na altura era a Escola do Serradinho, era a escola n.º1, agora é a</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>primário</p>	<p>Mãe Soberana.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Recordações do ensino primário <p>“A minha professora era uma senhora, também já com uma certa idade, mas com métodos e didáticas muito modernas que eu agora utilizo aquilo que ela utilizava. Ela já utilizava material de <i>cuisenaire</i>, já utilizava técnicas de cálculo diferentes com materiais...</p> <p>Apresentava materiais diferentes, portanto era uma senhora muito para a frente. Uma professora muito moderna para a idade que tinha.”</p> <p>“Fiz grandes amizades na escola primária.”</p> <p>“Lembro-me de brincar no pátio da escola, de fazer aquelas brincadeiras normais de criança.”</p> <p>“O meu percurso escolar foi muito agradável.”</p> <p>“Quando acabei a minha escola primária, a minha professora começou uma nova turma e eu ainda fui ajudá-la a ensinar algumas coisas aos miúdos porque o 2.º ciclo começou mais tarde, estava em obras, e nós tivemos ali um interregno de alguns meses e então eu e outras coleguinhas íamos para a escola ajudar a nossa professora.”</p> <p>“A imagem que eu tenho da escola primária é uma imagem muito positiva e foi isso que fez com que eu enveredasse por este caminho.”</p>

Análise e Interpretação

O percurso escolar da Isabel no ensino primário foi feliz porque para além das novas aprendizagens, a professora primária foi um grande exemplo e veio daí o desejo e vontade de um dia seguir o caminho da docência.

A Isabel recorda com muita saudade aqueles momentos em que, depois de ter terminado a 4.ª classe, ajudava a sua professora na aula com os novos alunos, pois isso fazia com que ela já se sentisse uma professora.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Percurso escolar no ensino preparatório</p>	<p>“Quando iniciei o ensino preparatório foi na que hoje se chama de Escola Duarte Pacheco, fiz lá o 5.º e 6.º ano, em Loulé, e também tenho boas recordações.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Recordações do ensino preparatório <p>“Sempre fui uma menina muito bem educada, muito aplicada, não respondia aos professores, portanto tentava sempre dar o meu melhor, daí não ter assim momentos muito negativos que me lembre.”</p> <p>“Foi um percurso agradável, onde conheci novos colegas, os professores também... Ainda tenho alguns em memória, foram agradáveis.”</p>

Análise e Interpretação

O percurso escolar da Isabel no ensino preparatório foi um percurso regular e recorda-se de ser uma aluna educada, trabalhadora e aplicada.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
Juventude/ Adolescência	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Recordações da juventude/adolescência <p>“A minha juventude e adolescência, basicamente passava no rancho, frequentava o rancho, tínhamos os ensaios, tínhamos as saídas, naquela altura não havia muito mais atividades tirando isso. Depois também frequentava a catequese e tinha os encontros de catequese e basicamente era assim, era com os meus irmãos, com a minha família e com os meus amigos destas atividades.”</p> <p>“Tive e tenho grandes amigos que iniciei no rancho.”</p>

Análise e Interpretação

A adolescência da Isabel foi muito equilibrada e dessa etapa da sua vida recorda os amigos e o convívio no grupo do Rancho Folclórico e da catequese.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
Percurso escolar no ensino secundário	<p>“Quando passei para o liceu, portanto o 7.º, 8.º, 9.º e o resto do secundário foram no liceu e todo esse percurso foi feito na Escola Secundária de Loulé.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Recordações do ensino secundário <p>“Houve algumas situações engraçadas de turmas por onde frequentei. Na altura eram alunos rebeldes, gostavam de fazer algumas asneiras e ainda me lembro de uma situação em que estávamos na sala e então o colega começava a passar o papel a dizer que às tantas horas tínhamos todos que olhar para o teto.</p> <p>Então, às tantas horas, lá olhávamos todos para o teto e o professor ficava muito assustado.”</p> <p>“Quando terminei o ensino secundário, a minha perspetiva inicialmente não era ser professora do 1.º ciclo, era ser professora de Geografia. Fiz o exame e concorri à primeira opção para ir para Coimbra para tirar ensino de Geografia, só que por décimas não consegui entrar.”</p> <p>“Resolvi frequentar um ano noturno e fazer mais uma disciplina, na altura era o Português e fiz com outra amiga. Fizemos um ano de ensino noturno para depois então concorrer ao ensino primário em Faro só no ano seguinte.”</p> <p>“Durante esse ano em que estudava à noite dava explicações durante o dia, eu e essa minha amiga que por acaso é madrinha do meu filho.”</p>

Análise e Interpretação

No ensino secundário a Isabel continuou com o seu bom comportamento e dedicação, no entanto os seus colegas proporcionavam-lhe alguns momentos de euforia e de algumas peripécias na sala de aula, natural nos jovens desta faixa etária.

Depois de terminar o ensino secundário a Isabel candidatou-se ao ensino superior e aí passou por uma grande desilusão, pois não conseguiu ingressar.

Ela não desistiu do seu sonho de prosseguir estudos e ano letivo seguinte continuou a estudar, de noite, para melhorar os seus resultados escolares e de dia trabalhou como explicadora.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Percurso escolar no ensino superior</p>	<p>“Conseguí entrar na primeira opção, nesse ano foi mesmo a primeira opção que foi ensino primário na Escola Superior de Educação de Faro.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Recordações do ensino superior <p>“Devia ter dezanove anos quando entrei na Universidade do Algarve e também foram três anos muito agradáveis onde aprendi aquilo que agora estou a aplicar, algumas coisas porque outras vamos aprendendo ao longo do tempo.”</p> <p>“Os três anos foram muito bem passados. Inicialmente eu não participava naquelas atividades académicas, tanto que fugi da Semana Académica para não ser praxada.”</p> <p>“O percurso académico foi agradável, fiz grandes amizades e aprendemos coisas e participámos em experiências em comum muito interessantes.”</p> <p>“No final do 3.º ano, então é que nós participávamos mais nas atividades da universidade, íamos aos arraiais.”</p> <p>“Gostei deste período porque foi a hipótese que eu tive de sair um bocadinho de casa, debaixo da alçada dos pais.”</p> <p>“O meu curso foi de três anos, foi Bacharelato inicialmente, depois posteriormente fiz a Licenciatura através da Universidade Aberta.”</p>

Análise e Interpretação

O curso de professores do 1.º CEB foi a primeira escolha da Isabel e foi esse o curso que ela frequentou.

Os três anos no ensino superior foram felizes e enriquecedores, no entanto, só no último ano é que a Isabel teve a oportunidade de frequentar as atividades académicas e saborear todos aqueles momentos de convívio entre colegas.

Mais tarde a Isabel frequentou o curso de Complemento de Formação e essa também foi uma experiência muito gratificante.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
Escolha da carreira docente	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Razões para a escolha da carreira docente “Tenho as melhores recordações do ensino primário, tanto que hoje em dia sou professora do 1.º ciclo devido a isso.” “Para mim ser professora do 1.º ciclo é tudo aquilo que eu quis sempre ser.” ▪ Formação inicial “Eu acho que na altura em que nós tirávamos o curso, o meu é mesmo 1.º ciclo, faltava muito a parte das metodologias, como deves trabalhar, como deves ensinar os conteúdos aos miúdos. Era muita teoria, eram aquelas teorias dos pedagogos e dos psicólogos, mas depois faltava como lidar com esta criança. Uma criança com necessidades educativas especiais, por exemplo, nunca nos ensinaram a lidar com eles, nós sabíamos aquelas ciências todas e que eles deveriam estar integrados, mas nunca nos foi dito para fazermos assim, ou há esta experiência que devemos tratar assim, era tudo muito teórico.”

Análise e Interpretação

A Isabel foi uma aluna muito feliz no seu percurso no ensino primário e isso foi muito decisivo na escolha da sua futura carreira, pois ela sempre quis seguir o bom exemplo da sua professora primária e ser também uma professora do 1.º CEB.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
Primeiros anos de carreira docente	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 1.º Ano de trabalho “Fui para uma escola em Coimbra, no sítio da Coselhas.” ▪ Recordações dos primeiros anos de trabalho “Os meus primeiros meses de trabalho, de maio a agosto de 95, foram em Coimbra porque naquele ano o Algarve estava superlotado de professores do 1º ciclo, não havia vagas no Algarve então nós tivemos que sair do nosso distrito.” “Gostei muito dos primeiros anos.”

Análise e Interpretação

Os primeiros anos de carreira da Isabel foram anos de muito trabalho, empenho e também muita felicidade porque foram a concretização do seu sonho de criança.

Apesar de estar longe de casa, a Isabel aceitou esse desafio com muita força e vontade e conseguiu sentir-se segura e feliz.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
Percurso	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Experiência profissional

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>profissional</p>	<p>“A minha carreira docente iniciei com vinte e três anos, depois de terminar o Bacharelato e comecei em Coimbra precisamente, não fui lá tirar o curso, mas fui trabalhar os primeiros meses em Coimbra.”</p> <p>“Fui para uma escola em Coimbra, no sítio da Coselhas, e foi muito giro porque eu fui substituir uma colega que estava de baixa e aparece assim uma professorinha novinha, mas tratavam-te como se fosses a pessoa principal lá da zona, era uma aldeiazita.”</p> <p>“Eu fiquei lá na casa de uns senhores ao pé da escola e cada vez que eu passava na escola as pessoas cumprimentavam-me “Bom dia, Sr.ª D.Isabel! Como está?” e aquilo levantava o ego porque acabares o curso e seres logo assim tratada como uma pessoa muito importante, acho que é positivo para qualquer um.”</p> <p>“Só tive uma ou duas semanas em trabalho direto porque veio a colega e depois a minha função era, como era uma escola com três lugares, apoiar as outras colegas e fazer alguns serviços lá na escola.”</p> <p>“Depois então consegui sempre ter vaga no Algarve.”</p> <p>“Fiquei em Vale Verde, na Guia, durante um ano letivo, tinha também pouquinhos alunos porque era escola unitária e também foi uma experiência interessante porque foi aí que eu comecei a lidar com mais do que um ano de trabalho na sala de aula. Aprendi a articular, quando estava a dar matéria a um ano os outros estavam a fazer outro tipo de trabalho e foi aqui em Vale Verde que eu aprendi a tentar conciliar e organizar o meu tempo para dar as aulas.”</p> <p>“Em 96/97 fui colocada na Azilheira, em S.Marcos da Serra, esta então é que foi uma experiência muito diferente, era uma escolinha da aldeia mesmo, nem sequer era aldeia porque nem tinha casas ali ao pé, a escola ficava no cimo do monte.”</p> <p>“Nestas escolinhas normalmente havia uma senhora, a tarefeira, não têm auxiliares de educação, as senhoras vão lá duas vezes por semana limpar a escola, tudo o resto és tu que tens que fazer no dia-a-dia, limpar a sala, limpar as mesas, ...”</p> <p>“Depois da Azilheira vim então para o concelho de Loulé e fui colocada em Querença.”</p> <p>“Estive quatro anos na escola de Querença, também é uma escola unitária, mas aqui já era uma escola mais dentro da civilização. Aqui também tive os quatro anos e também gostei muito de estar em Querença.”</p> <p>“Depois então, a partir de 2001 e até agora, tenho estado sempre em Loulé e na Escola n.º4. Já tive três turmas do 1.º ao 4.º ano e agora tenho uma que já estamos no 2.º ano.”</p> <p>▪ Momentos significativos</p> <p>(Escola da Azilheira) “Aqui também tive consciência das dificuldades que muitos alunos passam, principalmente mais nestas zonas do interior, porque havia crianças que tinham muitas dificuldades económicas.</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>Todos comíamos na escola e muitas das vezes eu tinha que dar o meu almoço a esses três irmãos que tinham muitas dificuldades económicas. Era complicado, tu levavas o teu almoço e até te sentias mal de eles não terem nada praticamente para comer e então tínhamos que fazer ali uma espécie de partilha da nossa refeição, mas é gratificante.”</p> <p>“A primeira e a segunda turma foi marcante porque na primeira turma tive que interromper porque entretanto tive um filho que nasceu prematuro e estive quase nove meses que fiquei sem dar aulas. Estive de baixa e os pais foram impecáveis porque sempre tentaram manter a ligação, saber como estava e ligavam.”</p> <p>“Nesta altura eu estava grávida do meu segundo filho, portanto em 2009, estava com uma barrigona enorme e conseguiram secretamente, sem que eu desse por nada, organizar com o meu marido e com a minha melhor amiga, um jantar de final de ano, no último dia, um jantar surpresa, nem os miúdos transpareceram nada.”</p> <p>“Quando eu chego ao restaurante, começo a olhar lá para dentro e começo a ver a mãe de um, a mãe de outro, ... E foi um choro pegado... Os miúdos estavam à minha espera todos assim em fila, dois a dois, com uma flor na mão e até hoje e sempre que me lembro disso vêm as lágrimas aos olhos.</p> <p>É nestes momentos que tu vês que o teu trabalho é reconhecido e é gratificante.”</p> <p>▪ Relação com os alunos, encarregados de educação e colegas</p> <p>“Penso que tenho conseguido manter essa relação porque é agradável quando tu vais na rua e quando encontras um ex-aluno teu que te trata por professor e fala e está a conversar contigo e tu sentes que realmente foste uma pessoa importante na vida deles.”</p> <p>“No relacionamento com os pais, acho que antes o relacionamento era mais próximo, também se calhar agora devido à vida que todos levamos as coisas são mais distantes, mas tento manter sempre uma boa relação com os pais e eles comigo.”</p> <p>▪ Formação contínua</p> <p>“Acabei o curso em 1994, o Bacharelato, depois fiz Complemento de Formação na Universidade Aberta na área de Estudo do Meio, em 1999 e terminei em 2002, portanto agora já tenho a Licenciatura.”</p> <p>“Tento sempre fazer a formação que está de acordo com as áreas que nós lecionamos. Eu gosto imenso de Estudo do Meio, é a minha área de preferência, mas é claro que as outras nós também temos que trabalhar.”</p> <p>▪ Mudanças na escola de hoje</p> <p>“Eu acho que são tempos também diferentes, mas acho que a gratificação e o brilho no olhar que tu vês nas crianças é igual, pois quando tu pegas no início no ano e no final do ano ou durante algumas atividades e os miúdos dizem “Adoro vir à escola! Professora eu gosto tanto de vir à escola.”</p> <p>“Em termos de dificuldade de lecionar sim, agora temos mais dificuldades,</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>os programas também são diferentes, são mais ambiciosos, são mais extensos. Tu queres dar tudo e depois não consegues e antigamente tu davas as coisas com mais calma, conseguias dar, apesar de teres os quatro anos.”</p> <p>▪ Reconhecimento e valorização do papel do professor do 1.º CEB</p> <p>“De alguns anos para cá temos vindo a perder estatuto, temos vindo a perder a importância que tínhamos porque eu acho que o professor do 1.º ciclo é muito importante na formação dos meninos e as próprias famílias têm passado um bocadinho para os professores do 1.º ciclo a competência de os educar em tudo, a nível de valores, e deixam um bocadinho de parte as funções que eles têm, então também se confunde um bocadinho por aí as competências do professor.”</p> <p>“Em relação ao ministério acho que temos vindo a perder algum estatuto.”</p> <p>“Em relação às crianças penso que não, acho que tu és sempre a professora da escola primária, a escola do 1.º ciclo, e para a maioria das crianças tu ficas marcada e ficas na memória. Em relação aos pais penso que também é assim, mas pronto, nós não podemos agradar a toda a gente.”</p>

Análise e Interpretação

Ao longo destes 21 anos de carreira a Isabel já lecionou em diversas escolas do nosso país, de Norte a Sul, e de todas elas guarda boas lembranças.

Os momentos mais marcantes da sua carreira prendem-se com episódios vividos com os alunos e com os encarregados de educação que, por várias vezes, reconheceram todo o seu esforço e dedicação.

A relação da Isabel com os alunos, encarregados de educação, colegas e funcionários das escolas onde tem lecionado tem sido sempre pautada pelo respeito, simpatia e cordialidade.

Ao longo do seu percurso a Isabel tem frequentado ações de formação contínua com o intuito de aperfeiçoar os seus conhecimentos e assim aperfeiçoar as suas práticas.

A Isabel reconhece que tem assistido a mudanças no 1.º CEB ao longo da sua carreira e que hoje os programas escolares são mais exigentes, mais extensos e os professores estão a perder estatuto.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Ser professora do 1.º CEB</p>	<p>▪ Ser professora do 1.º CEB</p> <p>“Ser professora do 1.º ciclo é dar um pouco de ti aos outros, é construíres uma família porque acabam por ser teus filhos, estás mais tempo com eles do que os pais estão com eles em casa. Eu vejo pelos meus filhos, eu estou mais tempo com os meus alunos do que estou com os meus filhos em casa.</p> <p>Tu tentas transmitir às crianças aqueles valores que tu gostarias que os teus filhos tivessem ou que tu gostarias que futuramente a civilização humana tivesse. Tentas fazer com que eles cresçam, sejam meninos responsáveis, meninos educados.”</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>“Ser professora do 1.º ciclo é muito gratificante porque tu vês crianças que passam por ti e vês crescê-las, vês tornarem-se adolescentes, vês tornarem-se jovens e isso é gratificante porque tu foste uma pessoa importante na vida deles, principalmente quando tu estás mais do que um ano com esses meninos.”</p> <p>“O professor do 1.º ciclo é um mágico que faz crescer crianças, faz crescer adultos responsáveis, educados e tu dás o teu melhor. Tu passas mais tempo com os teus alunos do que passas com a tua família. É isso que eu tento fazer, ser o professor que os alunos gostam, aquele professor que fica na memória, ser exigente, mas ao mesmo tempo lúdico, afetivo, preocupado com as necessidades que os meninos têm, os problemas familiares, tentar dar-lhes apoio porque eles também passam muito tempo connosco e às vezes há coisas que os pais não se apercebem logo, então é importante o professor de 1.º ciclo manter essa relação de proximidade com os alunos.”</p> <p>“Eu penso que essencialmente é dar um pouco daquilo que tu tens aos outros, é uma profissão solidária.”</p> <p>“Tu também vês que todos os dias são dias diferentes, nunca repetes, pode haver alguma semelhança nos conteúdos, mas é sempre diferente.”</p> <p>“Também é um desafio todos os dias para ti, é diferente de um trabalho que escritório que já sabes que vais ali estar com os papéis. Ali não, nunca sabes o que te espera, coisas boas e coisas más, graças a Deus tenho muitas mais coisas boas do que coisas más, mas isto é como tudo.”</p> <p>▪ Realização profissional</p> <p>“Gosto muito de ensinar, acho que não conseguiria fazer outra coisa. Gosto de partilhar com os meninos aquilo que sei e aquilo que eles também me ensinam. Ao longo destes vinte anos acho que tenho aprendido muita coisa com os meninos e também tenho passado muitas coisas para eles.”</p> <p>“Acho que se me puserem noutra cargo a nível do ensino acho que não consigo, falta-me qualquer coisa, eu preciso de estar em contacto com os meninos e papéis não, isso não é comigo. Tu estás ali dentro da sala e com o desenrolar da atividade esqueces-te dos teus problemas.”</p> <p>“Acho que nunca me arrependi de ter tirado este curso.”</p> <p>“Sou uma professora feliz.”</p> <p>“O que me entristece é precisamente não termos o reconhecimento que tínhamos antes. Eu penso que de uma maneira geral os professores estão marcados por tudo. Tudo o que tem acontecido a nível do sistema educativo e de todas essas complicações que têm havido. A carreira docente, face à sociedade, tem vindo assim um bocadinho a perder importância e isso entristece-me um bocadinho.”</p> <p>“Se calhar se não tivéssemos os ordenados congelados motivava mais e todas essas situações, mas talvez o excesso de papéis desmotiva-me e entristece-me um bocadinho.”</p> <p>“O que me alegra é a alegria dos meninos todos os dias, é o contacto com os</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>colegas, com as auxiliares, é tu chegares à escola e veres que és bem recebida, tens um bom ambiente de trabalho e depois o que te alegra são estes pormenores do dia-a-dia, tu vais encontrando um menino que já foi teu aluno, vais encontrando uma mãe que o menino foi teu aluno, e estás ali a conversar e ver o que eles agora estão a fazer.”</p> <p>“É isso que me alegra, é ver miúdos que estão na universidade e estão a tirar cursos, outros já tiraram, outros casaram e depois vêm a professora e dizem “Era a professora da mãe!”, é giro.”</p> <p>“Eu adoro aquilo que faço, gosto muito de ensinar. Não gosto de mexer em papéis e de ter que trabalhar com papéis, gosto muito de ensinar.”</p> <p>▪ Mudanças para a escola do 1.º CEB</p> <p>“Se eu fosse Ministra da Educação não deixava os programas serem tão extensos de cada ano, são muito ambiciosos e os meninos são muito imaturos em relação às competências que se pretendem.</p> <p>Para já mudava isso, em vez de aumentar o grau de dificuldade, diminuía um bocadinho e tentava distribuir pelos quatro anos aquelas competências. Há competências para as quais os meninos não têm maturidade.”</p> <p>“Também mudaria as condições de muitas escolas, tentava que as escolas tivessem as condições mínimas para se trabalhar, computadores, projetores, materiais didáticos, tentava que as escolas todas tivessem esses materiais e claro que também daria condições aos alunos para eles estarem bem na escola.”</p> <p>“Também dava melhores condições aos professores do 1.º ciclo, se calhar voltava atrás nalgumas medidas que nos foram retiradas, tentava dar mais motivação para os professores, para poderem estar mais tempo nas aulas de forma agradável, não se preocuparem tanto com decretos, com leis e com legislação e darem mais tempo aos alunos e ao ensino de forma a que também eles tenham sucesso.”</p> <p>“Os programas são demasiado extensos, as turmas são demasiado grandes e tu não consegues chegar aos alunos da mesma forma que tu chegavas há uns anos atrás.”</p>

Análise e Interpretação

Segundo a Isabel, ser professora do 1.º CEB é ser um mágico que faz crescer crianças, faz crescer adultos responsáveis.

Ser professora é dar um pouco de si aos outros e esse papel é muito gratificante.

Hoje a Isabel é uma professora feliz e que nunca se arrependeu de ter escolhido a carreira docente, sente-se capaz e motivada para continuar a “fazer magia” com os seus alunos.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
Expetativas	▪ Expetativas pessoais e profissionais

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
futuras	<p>“As expetativas são continuar a ter trabalho e ter uma turma para trabalhar, ter sempre turma, mas quando eu ver que já não tenho capacidades ou que naquele momento já não tenho capacidade para estar à frente de uma turma, gostaria de ter o discernimento de decidir “Olha agora vou fazer uma paragem e vou para o apoio ou vou para outra função qualquer.”</p> <p>“Em termos profissionais, é ir fazendo as formações que estão de acordo com aquilo que nós vamos lecionando e também de acordo com o meu interesse pessoal.”</p> <p>“Também gostaria de fazer um Mestrado ou um Doutoramento, mas isso já ficou para trás porque quando aparecem os filhos já é complicado, mas nunca se sabe, pode surgir alguma oportunidade.”</p> <p>“Daqui futuramente, vamos ver o que surge, mas sempre dando o meu melhor e harmonizando as coisas com os pais, com os alunos, com as auxiliares, com os colegas porque acho que é fundamental um bom ambiente onde quer que se esteja.”</p> <p>▪ Futuro do 1.º CEB</p> <p>“Como as coisas estão a correr acho que se calhar o professor do 1.º ciclo já não está lá presencialmente, se calhar já dá as aulas a nível de videoconferência e coisas do género, mas eu penso que o professor do 1.º ciclo nunca pode deixar de existir.”</p> <p>“Penso que eles irão ter um bom professor no 1.º ciclo, está bem, com novas tecnologias, é claro que as pessoas também têm que se adaptar às novas tecnologias e ao evoluir da sociedade, mas penso que a figura do professor tem que estar sempre, seja para todas as disciplinas ou pelo menos para organizar.”</p> <p>“Nós temos a monodocência, mas já se fala em deixar a monodocência, mas penso que a figura do professor é fundamental, é uma espécie de referência maternal porque os orienta, diz o que têm de fazer porque são meninos muito pequeninos e que mesmo naturalmente eles precisam dessa referência.”</p> <p>“Penso que a escola ainda vai ter grandes momentos, vamos aguardar por isso.”</p>

Análise e Interpretação

Em relação ao seu futuro profissional, a Isabel espera continuar a sua jornada no 1.º CEB sempre com o cuidado de melhorar e aperfeiçoar as suas práticas e assim também beneficiar os seus alunos.

Em relação ao 1.º CEB, a Isabel tem esperança num futuro risonho e muito positivo.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
Relação	▪ Relação com os pais no passado

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
com os pais	<p>“Penso que fui bastante feliz com a educação que me deram. Nós fazíamos passeios, brincávamos, lembro-me de ir à praia.</p> <p>Nós tínhamos uns tios em Viseu e todos os anos íamos passar férias a Viseu e fazíamos imensos passeios.”</p> <p>“Foi assim um bocadinho o libertar da família porque a relação de respeito que tenho com os meus pais era precisamente isso, não havia muito aquela liberdade que há hoje em dia, mesmo com dezoito anos não conseguia sair de casa com tanta facilidade como os jovens de quinze e dezasseis anos.”</p> <p>“O meu pai tem oitenta e dois anos e a minha mãe tem setenta e quatro, na altura não foram uns pais muito novos, mas sempre tentaram dar aos três filhos as melhores condições que puderam e recordo-me disso perfeitamente. Eles sempre nos deram o melhor e não tive razão de queixa, sempre tivemos aquilo que queríamos na altura e nunca houve dificuldades, graças a Deus não tínhamos muitas dificuldades económicas.”</p> <p>“Eles sempre me inculcaram os valores de amizade, de respeito, de... Eu também agora tento passar aos meus filhos e também aos meus alunos, todos esses valores que os meus pais também me passaram.”</p> <p>“Eles sempre me deram apoio. Tudo aquilo que eu achava que gostava de fazer eles apoiavam-me.”</p> <p>▪ Relação com os pais no presente</p> <p>“Eles gostam daquilo que eu faço e para eles acho que é um orgulho a filha estar aqui em Loulé a trabalhar e depois os pais dizem: “A sua filha foi professora do meu filho.”. Acho que é sempre um orgulho para eles.”</p> <p>“Hoje em dia a minha relação com eles é uma relação próxima porque eles adoram os netos, tenho dois filhos e eles adoram os netos.”</p>

Análise e Interpretação

A relação da Isabel com os pais foi sempre feliz e muito marcada pelo respeito e pela boa educação.

Os seus pais sempre a apoiaram nas suas decisões e ainda hoje a apoiam e participam na sua vida.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
Casamento	<p>“Durante este percurso de vida e trabalho, casei em 2002, estava na escola de Querença, casei com um rapaz que já conhecia há muito tempo, mas que na altura não dava para namorar, éramos só amigos.”</p> <p>“Foi um momento importante.”</p> <p>“Foi planeado com muita antecedência, foi feito de acordo com aquilo que nós gostaríamos e de acordo com aquilo que sonhámos.”</p> <p>“Considero que a minha vida de casada é uma vida normal, é uma vida feliz</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>e temos partilhado bons e maus momentos.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ A carreira docente e a vida familiar <p>“Tenho tentado conciliar a carreira docente com a vida familiar porque tenho um horário de trabalho que permite que eu vá buscar os meus filhos à escola.”</p>

Análise e Interpretação

A Isabel é uma mulher casada, feliz e tem contado sempre com o apoio do marido. A vida familiar e a carreira profissional têm sido vividas de forma equilibrada e a Isabel tem conseguido gerir ambas.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Maternidade</p>	<p>“O meu primeiro filho nasceu em 2004, mas foi uma situação muito atribulada porque ele nasceu prematuro, nasceu com vinte e três semanas, então foi assim um período assim um bocadinho complicado, mas graças a Deus, correu tudo bem, ele conseguiu superar todas as dificuldades que inicialmente tinha.”</p> <p>“Neste período estive de licença e foram praticamente seis meses que eu estive no hospital e depois em casa com ele, mas a situação passou.”</p> <p>“Foi uma situação muito complicada porque todos os dias o meu filho estava em perigo de vida e era viver um dia de cada vez, mas graças a Deus, ele tem onze anos e está um excelente menino.”</p> <p>“Aprendi muito com o nascimento do meu primeiro filho porque aprendemos a viver um dia de cada vez, a não ter muitas expectativas com as coisas porque às vezes não acontecem como nós queremos e a culpa não é nossa, as coisas acontecem porque têm que acontecer.”</p> <p>“Depois o meu segundo filho nasceu em 2009, de parto normal, não houve situação nenhuma complicada, muito pelo contrário, nasceu às quarenta e uma semanas, o rapaz não queira sair cá para fora.”</p> <p>“Sou uma mãe feliz porque os meus filhos dão-me muitas alegrias e porque tento dar-lhes o melhor para eles estarem bem porque se eles estão bem, nós estamos bem.”</p>

Análise e Interpretação

A Isabel é uma mãe muito feliz, mas o nascimento do seu primeiro filho ficou marcado por momentos de grande dor e sofrimento.

O seu primeiro filho nasceu prematuro e, tal como a Isabel descreve, foram momentos de grande preocupação, pois havia a possibilidade de o bebé não sobreviver.

Passados esses momentos difíceis a Isabel teve a oportunidade de viver momentos de felicidade com os seus dois filhos e hoje é uma mãe muito feliz.

Professora do 1.º CEB

- Nome: **MARIA DE FÁTIMA GONÇALVES**
- Idade: 48 anos
- Tempo de serviço docente: 28 anos

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Nascimento e Infância</p>	<p>“A Maria de Fátima Gonçalves nasceu em 1967, há 48 anos, em Olhão.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Recordações da infância <p>“A minha infância não foi muito normal... Não foi como a infância da maior parte das crianças porque eu nasci com uma insuficiência cardíaca que fez com que eu tivesse uma infância muito controlada, muito regulada, muito atenta e muito vigiada por médicos, nomeadamente da pediatria e da cardiologia.</p> <p>Descobriu-se muito cedo que era uma persistência do canal arterial, ou seja, era uma abertura entre as duas aurículas que fazia com que o sangue fosse sempre sangue venoso, nunca era sangue arterial, nunca estava completamente limpo, o que fazia com que eu andasse constantemente cansada.”</p> <p>“Brincadeiras de rua e todas essas atividades de saltar e pular que a maior parte das crianças faz, eu não fiz até aos dez anos porque só consegui ser operada aos dez anos porque era muito frágil, era muito franzina e não havia possibilidade. O risco era demasiado elevado antes dos dez anos e aí foi quando se achou que eu já tinha condições mínimas para assegurar alguma sobrevivência e mesmo assim foi uma cirurgia complicada, que foi feita de urgência, eu estava mesmo já, como se diz, nas últimas, e isso condicionou os meus primeiros dez anos de vida.”</p> <p>“Fiquei muito em casa, comecei a ler muito cedo porque tinha livros e a família começou a comprar livros porque era, é assim, não havia muitos brinquedos na altura e bonecas, aquilo era uma seca porque era sempre igual e nunca lhes achei muita piada...”</p> <p>“Para mim não foi mau na altura porque eu estava em casa, não podia andar a brincar e a saltar como andava por exemplo a minha irmã, que é três anos mais nova, mas depois tinha todos esses mimos, digamos, que eram os brinquedos, os jogos tipo Lego. Eu tive esse tipo de jogos muito cedo porque tinha que estar entretida com qualquer coisa, ninguém me aguentava em casa se não fosse com qualquer coisa.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Relação com os irmãos e pais <p>“A relação com os meus pais sempre foi boa, sobretudo com o meu pai, com quem eu tive sempre uma afinidade muito grande, talvez pela leitura. Hoje penso que o meu gosto pela leitura e o facto de ter estudado Literatura, e isso tudo, se deve a essa paixão que o meu pai tinha pelos livros.”</p> <p>“O meu pai lia muito, sempre leu muito e sempre comprou muitos livros, portanto eu tinha cinco anos quando o meu pai me inscreveu no Círculo dos</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>Leitores para ser eu a escolher livros porque eu pedia-lhe.”</p> <p>“Tudo quanto era livrinhos pequeninos que havia à venda que o meu pai via, comprava-me, quase todos os dias eu tinha um livrinho.”</p> <p>“Era a menina do pai, sempre fui, e acho que desde a vida toda do meu pai eu senti que qualquer que fosse o problema contava mais com o meu pai do que com a minha mãe. A minha mãe barafustava mais, sempre barafustou, era mais intransigente em algumas coisas, depois o meu pai facilitava um bocadinho a vida.”</p> <p>“A minha mãe de tudo fazia um problema e o meu pai arranjava solução rapidamente, aquilo compensava um pouco e depois tinha o apoio dos meus avós, mais da minha avó porque o meu avô entretanto faleceu.”</p> <p>“Tenho uma irmã, a minha relação com a minha irmã, ... Não sei, eu acho poderia ser sido melhor, talvez por esse condicionalismo. É suposto, a certa altura a irmã mais nova ter mais atenções do que a irmã mais velha, nós temos três anos de diferença, mas devido à minha problemática, eu fui sempre muito mais apapicada, andava sempre, como se diz, “o ai Jesus menino”.”</p> <p>“Acho que a minha irmã sempre sentiu um pouquinho isso e o nosso relacionamento foi sempre muito condicionado por isso. Separámo-nos aos dez anos, eu fui para Lisboa quando foi a operação.”</p> <p>“Eu acho que a minha irmã sempre sentiu que eu era... Tinha mais atenção do que ela e de alguma forma tinha sido privilegiada. Ainda hoje há alguma fricção por via disso. Ela tem um feitio muito agreste, é complicado...”</p> <p>“A relação com a minha irmã sempre foi complicada, é pacífica, é razoável, mas não é uma relação de irmãs. Isso eu sei, sinto que não é e podia ter sido melhor.”</p>

Análise e Interpretação

A Maria de Fátima nasceu em Olhão com um problema cardíaco que lhe condicionou a vida até aos dez anos de idade.

Devido ao delicado estado de saúde, a sua infância não foi uma infância igual à das outras crianças, pois a Maria de Fátima não pôde correr, saltar e brincar na rua.

Esse condicionalismo fez com que a Maria de Fátima descobrisse outras formas de se divertir e sonhar e com a atenção e carinho do avô e do pai, ela aprendeu a ler e o gosto pela leitura alimentou os seus sonhos de criança.

O seu problema de saúde não só lhe condicionou as brincadeiras de infância, como também foi a razão de alguns atritos na relação com a irmã, três anos mais nova.

Apesar de todos os cuidados e limitações, a Maria de Fátima foi uma criança muito feliz.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
Percurso	“Eu entrei para a escola muito cedo. Para já aprendi a ler muito cedo,

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>escolar no ensino primário</p>	<p>aprendi a ler com o meu avô em casa, como eu costumo dizer, pelo método mais natural possível, que era sentada no colo do meu avô a ouvir as notícias do jornal.”</p> <p>“Aquela rotina de ler as notícias e eu ir vendo os títulos à medida que ele lia, vendo as palavras à medida que ele lia, fez com que eu sozinha aprendesse a ler. Do nada eu de repente comecei a ler, ninguém sabe como, nem eu própria, mas sei que a certa altura comecei eu a ler o jornal em voz alta e comecei a identificar palavras daquelas que ele lia. Eu fiz o processo natural, o mais natural possível...”</p> <p>▪ Recordações do ensino primário</p> <p>“Quando cheguei aos seis anos e eu tinha que ir para a escola e era a altura de ir para a escola, ... As escolas na altura estavam cheias e tinha que se esperar por vaga, as crianças só entravam se houvesse vaga e em Olhão nesse ano, no ano em que eu entrei para a escola, em 73, estavam cheias.</p> <p>A escola mais próxima da minha casa, que é mesmo no meio da cidade, estava cheia, não havia vaga e eu teria que ir para uma escola mais afastada ou então tinha que esperar pelo ano seguinte.”</p> <p>“Como eu tinha esta circunstância de ter a problemática cardíaca e já ninguém me aguentava em casa porque eu já sabia ler e não estava a fazer nada em casa, os meus tios começaram a desafiar o meu pai para eu ir para o privado, na altura o Colégio da Bernardete, e foi assim que fui para o privado que era perto da minha casa.”</p> <p>“Passei a ir para o Colégio da Bernardete todos os dias, aos seis anos e passava lá o dia, entrava às oito e meia e saía às cinco e meia da tarde. Passava lá literalmente o dia. Vinha a casa almoçar porque era perto.”</p> <p>“Tenho boas lembranças, gostei muito das minhas professoras e tive professoras diferentes, curiosamente, apesar de ser colégio. No 1.º e 2.º ano tive uma professora que era uma senhora já velhinha, era a D.Rita, lembro-me perfeitamente, uma senhora tradicionalmente professora, com carrapito no alto da cabeça, com óculos, dura, ensinava ali tudo, punha toda a gente a trabalhar todo o dia, tínhamos que fazer aquelas rotinas complicadíssimas das provas.”</p> <p>“Quando se deu o 25 de abril eu estava no 2.º ano, antiga 2.ª classe, e eu costumo dizer que o 25 de abril não passou no colégio. Não se sentiu absolutamente nada, ficou tudo exatamente na mesma, as rotinas todas, o rigor, a exigência, era tudo... Os meninos na altura eram muito bem preparados e havia o brio de ser do colégio.”</p> <p>“Eu gostava muito daquilo e gostava muito dessa professora porque como já sabia ler quando fui para a escola, eu acho que ela percebeu que tinha a vida facilitada. Eu de repente era uma espécie de ajudante da D.Rita, ia ajudar os outros meninos a aprender as coisas, andava atrás dela, basicamente, era ajudante de campo da D.Rita. Era preciso ir buscar alguma coisa, eu ia buscar, o que quer que fosse, eu ia fazer porque já estava um bocadinho mais adiantada, não só pela leitura, como pela componente escrita.”</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>“Para mim a ideia de professora vem daí, eu acho que foi mesmo o princípio de tudo e foi uma boa referência.”</p> <p>“Entretanto a D.Rita reformou-se e veio uma outra professora, a D.Fátima, que na altura era jovem.”</p> <p>“Eu acho que apanhei de tudo desde que comecei na 1.ª classe até à 4.ª, foi de tudo um pouco, mas foi uma experiência interessante por isso mesmo, porque foi muito diversificada.”</p> <p>“No final da 4.ª classe, como nós estávamos no particular, tínhamos que ir fazer exame, tinha que se fazer exame para se fazer a homologação da escola, dos quatros anos da escola primária.”</p> <p>“Quando eu acabei o 4.º ano de escolaridade, já acabei o 2.º ano da 2.ª fase, já em 77, e depois fui operada logo nesse verão, fui operada em agosto.”</p> <p>“Fui perdendo muita capacidade respiratória ao longo dos anos e já foi assim muito no limite que eu acabei a 4.ª classe para poder ser operada.”</p> <p>“Fui operada e a seguir fui para Lisboa, para casa dos meus tios porque tinha vigilância médica mais próxima e porque o médico-cirurgião que me operou era clínico do Hospital de Santa Marta e portanto estava lá mais próxima.”</p> <p>“Eu gostava muito de ir à escola.”</p>

Análise e Interpretação

O percurso da Maria de Fátima no ensino primário foi muito feliz e as boas recordações ainda persistem.

A Maria de Fátima frequentou o ensino privado, pois na altura não havia vaga para a entrada no ensino público, e a grande motivação e gosto pela leitura e escrita foram preponderantes nessa tomada de decisão, pois o seu pai, apesar de todo o esforço que isso implicaria, fez questão de proporcionar uma boa educação às duas filhas.

As professoras primárias foram figuras muito marcantes na vida da Maria de Fátima, mas a professora da 1.ª e 2.ª classe, a D.Rita, foi uma pessoa inesquecível e uma fonte de inspiração para a escolha futura de uma carreira, a docência.

O rigor, a exigência e o bom exemplo da D.Rita foram marcantes e ainda hoje a Maria de Fátima recorda esses momentos e essa professora com carinho e saudade.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Percurso escolar no ensino preparatório</p>	<p>“Os meus tios estavam já praticamente sozinhos, acabaram por me proporcionar mais atenção e mais disponibilidade também, e foram insistindo e eu fui ficando. Fui criando o meu círculo de amigos lá e depois já era difícil vir.”</p> <p>▪ Recordações do ensino preparatório</p> <p>“Logo quando fui para cima fui para o 5.º ano do preparatório, para a Escola do Alfeite, que hoje se chama Escola Comandante Conceição e</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>Silva.”</p> <p>“Houve assim alguns episódios engraçados por ali, ele (tio) não deixava passar nada em claro porque ele foi sempre muito exigente comigo com as notas. Ele achava que eu tinha capacidade para ter sempre mais e então habituou-se à história dos cinco. Eu tinha que ter cinco obrigatoriamente, se aparecesse uma nota mais fraquinha de teste, ele tinha logo que perceber onde eu tinha falhado, o que se passava.”</p> <p>“Tenho algumas recordações giras do preparatório, por exemplo a recordação de ouvir os meus professores dizerem, e daí que eu acho que tive uma boa escola primária, dizer que muitas das coisas que ensinavam eu já sabia, já tinha ouvido, já tinha aprendido, portanto foi muito fácil para mim.”</p> <p>“Era bem organizado, lembro-me, apesar de a maior parte dos professores serem militares, ser uma zona militar, a Marinha, os militares da carreira da Marinha todos moravam por ali e tinham os filhos ali, os amigos lá de casa eram filhos dos militares amigos do meu tio, eram oficiais da Marinha do Alfeite. Apesar de tudo isso, eu acho, e dos professores serem muito desse espírito, eu recordo-me de experiências giras, de fazer coisas que hoje eu gostaria que houvesse na escola.”</p> <p>“Eu lembro-me de fazer trabalhos de grupo em que as amigas iam lá para casa pesquisar nos livros, ou íamos para a biblioteca porque não havia computadores, era em livros, e depois usava uma máquina de escrever do meu tio para passar os trabalhos à máquina porque era mais bonito, e cortávamos, uma vez fiz uma desgraça, cortei uma imagem de um livro porque precisava para ilustrar o trabalho.”</p> <p>“Havia esse espírito dos trabalhos de grupo, trabalhávamos muito em grupo, mesmo em sala de aula, fazíamos experiências, por exemplo nas Ciências e depois na Físico-Química. Lembro-me de fazer muitas experiências, de ter um laboratório giro, ter trabalhos oficinais, com sala das madeiras, com sala da mecânica e eram salas próprias para as madeiras e para a mecânica, tínhamos isso tudo e havia esse material e essas experiências todas.”</p> <p>“Eu tenho muito boas referências desse tempo por isso, porque eu acho que tive experiências muito diversificadas.”</p>

Análise e Interpretação

Devido ao agravamento do seu estado de saúde, depois de terminar a 4.ª classe, a Maria de Fátima teve que se submeter a uma intervenção cirúrgica. Essa intervenção era muito delicada e por isso foi realizada em Lisboa por uma equipa médica especializada.

A necessidade constante de acompanhamento e vigilância médica fez com que a Maria de Fátima tivesse que deixar os seus pais e irmã em Olhão e se mudasse para Lisboa, para a casa dos tios.

Aí, em Lisboa, a Maria de Fátima deu início a um novo ciclo da sua vida. Os tios receberam-na com muito carinho e disponibilidade.

Análise e Interpretação

O percurso no ensino preparatório em Lisboa foi também um percurso muito feliz, marcado pelos momentos de trabalho e aprendizagem, pela partilha e inovação em sala de aula e pelas amizades.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
Juventude/ Adolescência	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Recordações da juventude/adolescência <p>“A minha juventude e adolescência foi passada no meio da escola. Foi boa, foi positiva, foi gira.</p> <p>Tinha muitos amigos, alguns ainda hoje, conservo até hoje desse tempo, de vez em quando vou lá a cima ou vêm cá.”</p> <p>“Tínhamos um grupo giro, pronto, depois havia ali assim alguns namoricos pelo meio. O meu primeiro namorado foi um desses, era engraçado. Foi muito saudável, foi feliz até aos 18 anos, foi normal.”</p>

Análise e Interpretação

A adolescência foi uma etapa da vida da Maria de Fátima passada na companhia dos tios, em Lisboa, mas com o acompanhamento dos pais, que sempre estiveram presentes na sua vida.

Esta foi uma etapa muito feliz, vivida com grande intensidade, sempre rodeada de muitos amigos e de grande empenho e dedicação às tarefas escolares.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
Percurso escolar no ensino secundário	<p>“Gostava muito da escola e estava muito ambientada lá (Almada) e portanto fui ficando e acabei por fazer lá o 12.º ano. Fiz sempre tudo por ali naquela zona.”</p> <p>“O secundário foi o período melhor da minha vida.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Recordações do ensino secundário <p>“Fiz o ensino secundário na escola que ainda existe, a Escola Secundária Anselmo de Andrade, em Almada.”</p> <p>“Era uma escola gira, tenho muito boas referências e isto fica.”</p> <p>“Nós gostávamos daquilo, eu lembro-me. Lembro-me com saudade, lembro-me como uma boa recordação desse tempo, lembro-me de aprender coisas e gostar de aprender.”</p> <p>“Lembro-me, por exemplo, no 8.º ano, em que eu tive alguns problemas com a Matemática porque tinha tido no 7.º ano um professor muito bom, daqueles que toda a gente gosta, mas que não se fazia nada.”</p> <p>“Quando chegou o 8.º ano e veio um professor mais rigoroso, era um senhor daqueles militares que tinha abandonado a carreira da Marinha, mas era professor, tinha formação nessa área, eu vi-me grega, aquilo patinou muito.</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>O meu tio comprou-me um livro, era o famoso livro do Palma Fernandes, é um livro grossíssimo só com exercícios, muitos, muitos exercícios e no final tinha as soluções, muitas expressões numéricas, equações, era mesmo um livro de treino, era o famoso Palma Fernandes.</p> <p>O meu tio comprou-me o Palma Fernandes e eu todos os dias fazia uma série de exercícios e ele depois corrigia. Se aquilo estava errado eu tinha que fazer tudo de novo, ele ia ver às soluções e se a minha solução não fosse a que lá estava, apagava tudo e fazia de novo. Aquilo foi horrível.</p> <p>O meu 8.º ano de Matemática foi péssimo por causa do maldito Palma Fernandes.”</p> <p>“Depois no 9.º ano havia exames, na altura toda a gente tinha que fazer, a não ser que dispensasse, e o fito do meu tio era que eu tivesse os cinco todos para eu poder dispensar o exame, o que acabou por acontecer.”</p> <p>“Fui para o 10.º para Letras, toda a gente achava que não, inclusive professores meus a tentar convencer-me a seguir outro curso.”</p> <p>“Toda a gente achava que eu tinha potencialidades para outro tipo de cursos que não as Letras. Letras era para as meninas tolas, era pouco só Letras, mas eu gostava mesmo era das literaturas e das línguas, tinha muita facilidade nas línguas e portanto fui para Letras. Fui fazer o 10.º, 11.º e 12.º com as literaturas, em Almada.”</p> <p>“Quando fui para Letras ia ao teatro porque a Câmara de Almada oferecia aos alunos de Literatura bilhetes para o teatro, era comum fazer-se isso cada vez que estreava uma peça, na altura da Companhia de Teatro de Almada.”</p> <p>“Ao Teatro Nacional, fui algumas vezes, íamos ao Teatro Nacional ver peças.”</p> <p>“Outra experiência gira que tive foi com uma outra professora que nos dava uma disciplina chamada Noções de Administração Pública, que é uma coisa que eu acho que hoje devia existir porque as pessoas não são politizadas e isso aflige-me, incomoda-me.</p> <p>A minha professora levou-nos ao Parlamento e nós assistimos à discussão da Lei do Aborto, tenho essa referência. Tenho essa experiência de ter estado nas galerias do Parlamento a assistir à discussão da Lei do Aborto.”</p> <p>“Eu, por exemplo, quando estudei as “Viagens da minha terra” de Almeida Garrett, para aí no 10.º ano, fiz com a minha professora de Português e o professor de História, estes dois lembro-me que eu gostava imenso, fizemos o percurso das “Viagens da minha terra” ao vivo.”</p> <p>“Quando acabei o 12.º ano, na altura não foi muito simpático, confesso, porque eu gostava muito de Letras e tive muito boas notas no secundário também e a minha ideia era seguir Português, exclusivamente, ir para a Faculdade de Letras de Lisboa e seguir Português.”</p> <p>“Tisha já vinha, veio da minha escola secundária. Foram as minhas amigas, o meu grupo de escola secundária que me começou a chamar Tisha porque Fátima era um nome pesado, assim muito grande e em casa sempre me</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>chamaram Fatinha, era Fatinha, não era Fátima.</p> <p>Uma amiga minha, um dia na brincadeira disse “Fatinha Fatisha. Olha lá, ficas só Tisha porque isto é um nome muito grande.” Uma era Ana, outra era Tita, outra era não sei quê, éramos assim e então ficou Tisha e sempre foi Tisha e para os miúdos também.”</p>

Análise e Interpretação

O percurso no ensino secundário, tal como o primário e preparatório, foi muito relevante na vida da Maria de Fátima.

As novas aprendizagens, as inovações nas práticas em sala de aula, o esforço e empenho, os bons resultados escolares e as amizades são hoje recordados com muita saudade, pois todo o percurso escolar da Maria de Fátima em Lisboa foi muito feliz e significativo para a pessoa que a Maria de Fátima é hoje.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Percurso escolar no ensino superior</p>	<p>“No meio daquele somatório todo, eu não tinha nota suficiente para entrar em Português, para entrar para Letras, Português/Francês na altura, era o antigo curso clássico de Românicas.</p> <p>Não tinha nota por muito pouco.”</p> <p>“Começou-se a ver outras opções, o Magistério Primário.”</p> <p>▪ Recordações do ensino superior</p> <p>“Eu entrei para a escola do Magistério como se não tivesse 12.º ano feito, não precisei daquelas notas para nada, nem daquele ano para nada.”</p> <p>“Entretanto havia número de vagas limite para entrar nas escolas do Magistério e eram pouquíssimas, entravam duas turmas por ano em cada escola do Magistério, só. Havia cinquenta vagas para Lisboa, para a escola do Magistério de Benfica e aqui para Faro havia quarenta vagas, a única diferença é que aqui em Faro havia duzentos e tal candidatos e em Lisboa eram dois mil para cinquenta vagas.”</p> <p>“Aí acabou por valer mesmo a razão e vim fazer o exame de admissão ao Magistério de Faro. Fiz o exame de admissão e depois ainda voltei para Lisboa.”</p> <p>“Fiz os exames, escritos e orais, e depois fui-me embora para Lisboa outra vez. Eu achei que não ia entrar aqui e que depois ia concorrer a outra coisa qualquer lá em cima.”</p> <p>“Quando soube que tinha ficado, não sei porquê não vim logo, eu nem sequer fiz aquela receção, não me sujeitei às famosas receções ao caloiro. Eu sei que cheguei uma semana depois das aulas terem começado. Vim e sempre que podia ia lá acima.”</p> <p>“Eu acho que em termos de aprendizagem para ser professor foi uma boa escola, em termos humanos, em termos sociais era muito mau, era horrível.</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>As pessoas tinham muito má formação em termos pessoais, sociais e morais. Havia gente com fortes recalcamientos e que faziam muita pressão.”</p> <p>“Era muito elitista, era o nome da família ou o que a família fazia, o que a família tinha, isso condicionava um pouco a forma como as pessoas eram tratadas ali dentro. Esse tipo de valores morais que eu estava a referir são esses. Era mau, era muito mau. As pessoas não eram aquilo que valiam.”</p> <p>“Era também a questão da média nacional que condicionava, a nota não era a que as pessoas valiam, era aquilo que a média nacional sujeitava. A soma das notas todas da turma tinha que dar entre 13,4 e 13,6. Havia os meninos preferidos que tinham altas notas e depois tinha que haver notas muito baixas, portanto eu acho que as coisas se passavam um pouco ao contrário.”</p> <p>“Claro que quem era minimamente inteligente percebia isso, era tudo muito condicionado pelo aspeto das pessoas e a forma como as pessoas eram tratadas era acomodada à classificação que se achava que aquilo ia dar para bater certo lá na média. Não havia muitos valores a esse nível.”</p> <p>“O ensino superior não foi, não porque eu não achasse que era válido, é porque era mau em termos humanos e em termos sociais, 3 ou menos ainda. Não foi bom. Eu não gostei, mas depois quando fiz a parte da Licenciatura, não, já foi bom. O equivalente ao superior mesmo foi horrível.”</p>

Análise e Interpretação

Os três anos de frequência do curso no Magistério Primário foram anos de grande aprendizagem e ao mesmo tempo de grande desilusão, pois a Maria de Fátima sentiu sempre que os professores e o próprio sistema não valorizavam o esforço e empenho dos alunos.

A Maria de Fátima reconhece que em termos académicos, o Magistério Primário foi uma grande escola de preparação para futuros professores primários.

Posteriormente, no decorrer da sua carreira, a Maria de Fátima voltou a ingressar o ensino superior para frequentar o Complemento de Formação que lhe daria equivalência à Licenciatura e essa foi uma etapa vivida com mais tranquilidade e veracidade.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Escolha da carreira docente</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Razões para a escolha da carreira docente <p>“Eu era daquelas meninas que felizmente era boa aluna, tinha sucesso e gostei muito das minhas professoras do 1.º ciclo e foi um modelo que ficou.</p> <p>Eu disse desde pequenina a toda a gente que queria ser professora de escola primária.”</p> <p>“Era aquilo que eu queria ser, portanto foi mesmo uma escolha pessoal, inteiramente da minha lavra, não foi uma imposição, não foi sequer porque não podia ser outra coisa qualquer porque infelizmente isso acontece, foi porque queria ser professora do 1.º ciclo.”</p> <p>“Isto tudo condicionou o facto de eu ter escolhido esta carreira e o facto de</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>ainda me conservar porque eu tenho muito boas recordações da escola, do meu tempo de escola.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Formação inicial <p>“Foi muito boa. Acho que tive uma ótima formação inicial.</p> <p>Eu sou do último curso do Magistério Primário, portanto a minha formação ainda é a antiga formação de professores para o ensino primário.”</p> <p>“Era muito boa a formação, tinha alguns problemas, eu achava que era barbaramente elitista, que era muito... Tinha lá as suas contrariedades, mas em termos de preparação para futuros professores do 1.º ciclo era de facto muito boa. Aquilo que eu aprendi à época, eu sinto que ainda hoje me ficou de referência, por mais formações que eu faça, por mais voltas que dê, a minha base é de facto a formação inicial da escola do Magistério Primário.”</p>

Análise e Interpretação

O percurso escolar muito feliz e positivo e a professora primária D.Rita foram decisivas para a escolha da carreira docente, sempre ambicionada desde criança pela Maria de Fátima.

Apesar de a carreira de docente do 1.º CEB não ter sido a sua primeira opção na escolha do curso a seguir no ensino superior, pois inicialmente devido à sua grande motivação para as línguas, a Maria de Fátima queria frequentar o curso clássico de Românicas, Português/Francês, o ensino foi sempre uma certeza e o modelo da D.Rita acabou por ser um exemplo a seguir.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Primeiros anos de carreira docente</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 1.º Ano de trabalho <p>“Foi em 88. Eu comecei a trabalhar em 1988, logo no início do ano letivo, em outubro, portanto completei esta semana 27 anos de serviço, no dia 12 de outubro.”</p> <p>“Tinha 21 anos quando comecei.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Recordações dos primeiros anos de carreira <p>“Não podia pensar que de repente acabava um curso e ia ficar em casa e na altura surgiu a oportunidade de eu ir trabalhar para a Direção de Finanças e então acabei o curso e era para trabalhar de imediato.”</p> <p>“Ligaram-me a dizer que eu tinha uma colocação em Silves para o ano inteiro.”</p> <p>“Eu era uma miúda, tinha 21 anos e ainda tinha os sonhos e as ambições todas que se calhar me tinham colocado na época e disse “Está bem, eu vou.” e larguei tudo, finanças, o sossego da minha casa e o bem estar e agarrei armas e bagagens e fui para Silves à procura de casa num mundo completamente novo.”</p>

Análise e Interpretação

Os primeiros anos de carreira foram vividos com muita esperança e empenho, acreditando que se poderia fazer sempre mais e melhor pelos alunos.

Apesar das dificuldades, a Maria de Fátima esforçou-se bastante para proporcionar momentos de bem-estar e aprendizagem aos seus alunos e com isso também sentir-se bem e realizada.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Percurso profissional</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Experiência profissional <p>“Eu nunca saí do Algarve, eu nunca fui para longe, nunca tive que concorrer para as ilhas, nunca saí do Algarve.”</p> <p>“Fui um bocadinho aventureira na altura e o primeiro ano foi assim. Eu estava numa escolinha pequenina (Silves), no meio do campo onde não via mais ninguém a não ser oito alunos que tinha... Como a minha turma era um segundo lugar criado eu tinha os mais velhos, digamos que o equivalente a um 3.º e 4.º ano, é claro que tinham imensas dificuldades, aquilo era quase como uma explicação, meninos à volta de uma mesa grande e faziam coisas diferentes.</p> <p>Nesse ano tive uma criança com deficiência auditiva profunda, um miúdo que não ouvia nada, integrado nesse grupo. Era um menino de cor e que não ouvia. Não foi fácil, não havia educação especial, não havia nada, absolutamente nada.”</p> <p>“Tive uma tremenda humildade de pensar que tinha que dar a volta, tinha que agarrar em tudo o que pudesse para pôr aquela gente a aprender mais, sobretudo a realidade dessa criança, que eu tive que ir à procura de material e informar-me.”</p> <p>“Estive uns anos em Albufeira, três anos no concelho de Albufeira, a seguir a Silves estive aqui perto, em Estoi, era uma substituição, mas acabou por ser para o ano inteiro e depois estive em Faro, no Bom João. Depois fui colocada mais longe, no quarto ano de serviço, na serra de Tavira.”</p> <p>“Surgiu depois a possibilidade de fazer uma permuta com uma colega de Tavira que estava por colocar e entretanto como tinha surgido um lugar em Faro e a mim interessava-me, pedi, fui à Direção Escolar na altura, e pedi para me colocarem nesse lugar porque havia uma colega de Tavira que ia ser colocada imediatamente a seguir e convinha-lhe o lugar.”</p> <p>“Eu não estive sempre na escola, estive uns anos fora do ensino em trabalho direto, estava na Direção Regional da Educação, estive três anos.”</p> <p>“Estive recentemente requisitada pelo Ministério da Solidariedade e Segurança Social e a certa altura foi-me perguntado se eu queria voltar ou se eu queria ficar lá porque eles não me podiam requisitar de novo. Eu tinha que abdicar da minha carreira na educação e passar a ser uma técnica superior do Ministério da Solidariedade e Segurança Social, era a única forma de lá ficar. Então eu disse “Não, eu não quero.” e pensei durante uns</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>dias e isso era cortar simplesmente com a minha vida de professora, vou deixar de ser professora a partir do momento em que passar para outro Ministério e não quis, portanto, ainda consigo andar por aqui e tive essa prova de fogo recentemente.”</p> <p>▪ Momentos significativos</p> <p>“A melhor turma que eu tive até hoje foi a turma de Estou, sem dúvida. Eram dezasseis alunos de 3.º ano e eram uma turma muito boa, muito boa no sentido em que eram meninos com alguma preparação de 1.º e 2.º, portanto já sabiam todos ler, não há, eu sei que não existem, mas era o mais homogêneo que se pode conseguir em termos de grupo de alunos.</p> <p>Foi possível fazer coisas giras com esses alunos, inclusivamente há uma miúda dessa altura que de vez em quando ainda me vai dando conta daquilo que faz.”</p> <p>“Essa turma foi de facto a que me ficou assim na memória com mais saudade. Eram miúdos muito educados, que é uma coisa que não existe hoje em dia.”</p> <p>▪ Relação com os alunos, os encarregados de educação e os colegas</p> <p>“Nunca tive nenhum problema de maior, nem com colegas, nem com funcionárias. Sempre tive uma boa relação com colegas, eu acho que as pessoas já me conhecem.”</p> <p>“Lá fora eu nunca falo mal de um colega, mesmo que tenha que discutir com ele e isso para mim sempre foi um princípio que me orientou na relação com os colegas, e com os funcionários a mesma coisa. Se eu tiver que dar um berro a uma funcionária, dou, mas ela sabe que no dia seguinte está tudo bem, já passou, as pessoas já sabem com o que contam.”</p> <p>“Neste momento estou a aprender aquilo que não queria, que é de facto o projeto de sociedade que estamos a criar que não é dos melhores.</p> <p>Aprendo coisas sobretudo da vida deles, do contexto e das suas vivências.”</p> <p>“Há pequenas questões, para além desta componente menos simpática, há pequenas questões que são giras, são interessantes, comentários que eles fazem, a espontaneidade que têm, é sempre uma aprendizagem para nós porque eles são muito imaturos e isso é uma desvantagem, por outro lado, é uma vantagem porque são muito ingênuos e são muito genuínos, também te dizem aquilo que lhes vem à cabeça e a cabeça nesta idade está muito ligada ao sentimento, portanto tudo é muito afetivo, e dizem, são frontais, são diretos, e isso é uma aprendizagem que as pessoas deviam fazer com os meninos.</p> <p>É ser menos elaborado e mais espontâneo, isso eles ensinam-nos todos os dias, que devemos ser espontâneos e que não devemos perder tanto dessa espontaneidade.”</p> <p>“Eles conseguem pôr-nos à gargalhada e às vezes em situações mais sérias em que surge assim uma espontaneidade dessas, é claro que aquilo desopila, mas é bom desopilar porque a escola está muito tensa.”</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>▪ Formação contínua</p> <p>“Em termos de formação académica fiz o Complemento de Formação que dava equivalência à licenciatura com uma especialização em ensino de Inglês para o 1.º ciclo.”</p> <p>“Formação sempre fiz, sempre, desde o primeiro ano de serviço.”</p> <p>“No primeiro ano de serviço foi uma formação à distância porque era por telefone, com uma colega muito disponível, porque eu pertenceo a uma associação de professores que promove formação auto-cooperada, portanto as pessoas dessa associação formam-se entre si, entre pares digamos, e quem tem um bocadinho mais de experiência vai passando aos mais novos e assim sucessivamente e mesmo quem tem experiência entre si também troca as suas experiências e isso para mim sempre foi uma mais-valia. Toda a formação, a grande, grande marca formativa na minha carreira é de facto a do Movimento da Escola Moderna.”</p> <p>“Passei os primeiros tempos como formanda e depois passei a ter o estatuto de formadora, ainda não de uma forma oficial, formal porque ainda dei formação durante alguns anos quando ainda não existia conselho científico de formação contínua de professores, depois passou a haver e candidatei-me ao estatuto de formadora.”</p> <p>“Eu tenho estatuto de formadora desde 1999 e ainda não tinha a licenciatura, foi-me atribuído o estatuto de formadora com base numa situação que se chamava na época de currículo relevante. Eu já teria feito coisas e produzido material suficiente para que o conselho científico me autorizasse ou me concedesse o estatuto de formadora e isso acontece desde 1999, e depois fui progredindo e acrescentando ao estatuto aquilo que ia acontecendo à medida da minha carreira.”</p> <p>“Nos últimos anos eu fiz uma formação intensa que foi feita em Lisboa, na ESE de Lisboa, muito rigorosa e muito boa de facto. Depois acabei por dar formação na escola aos meus colegas e também formar outros formadores.”</p> <p>“Fiz também formação porque sou supervisora de corretores de provas de exame na área da Matemática porque depois também fiz essa formação na Matemática.”</p> <p>“Aqueles em que invisto mais são o Português e a Matemática.”</p> <p>“É claro que eu aprendi coisas de que abdiquei porque não gosto, não é assim que eu acho que é importante ensinar, mas eu conheço-as, eu sei optar porque conheço as várias opções, agora não poder optar porque não se conhece as opções é grave e depois porque gera nos professores a tal falta de consciência de classe, falta de consciência da importância de ser professor e por isso é que os professores estão tão mal vistos também.”</p> <p>▪ Mudanças na escola de hoje</p> <p>“Não é tão gratificante como era ou como sempre foi, neste momento eu sinto que é muito menos gratificante do que alguma vez foi porque tenho mais consciência da realidade também. Antes era imatura. Tinha alguma rebeldia, acontecia, pintava, enfim...Hoje em dia consigo refletir mais e</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>entristece-me.”</p> <p>“Não há, não se está a passar educação no sentido de ser correto, ser cordial. Não existe, simplesmente não existe.</p> <p>Esta é mesmo uma das principais diferenças e é claro que depois há mesmo uma série de outros aspetos que decorrem disso, da educação, porque quando se diz aos alunos que têm que ter respeito pela professora, quando os pais conseguem inculcar neles esse princípio, depois há uma série de circunstâncias que decorrem desse facto, o que a professora diz é assim porque a professora disse.”</p> <p>“Ser professor hoje em dia, para a maior parte dos professores mais jovens, é uma mão cheia de coisa nenhuma.”</p> <p>▪ Reconhecimento e valorização do papel do professor do 1.º CEB</p> <p>“Não, de todo. Nem pela sociedade em geral, não!</p> <p>As pessoas ainda e eu acho que a culpa é dos professores também, sobretudo dos professores do 1.º ciclo, que não se valorizam o suficiente. Ainda há pessoas que pensam que o professor do 1.º ciclo é menos do que os outros porque trabalha com os meninos da escola primária, porque os meninos da escola primária toda a gente acha que sabe ensinar e toda a gente dá palpites.”</p> <p>“As pessoas não têm respeito pelos professores.”</p> <p>“Há episódios, por exemplo, ao nível da gestão em que os professores do 1.º ciclo são relegados para serem coordenados por professores de outros ciclos porque se acha que é uma ofensa aos outros terem que ser coordenados pelos do 1.º, portanto é muito mais grave do que só uma questão da sociedade civil em geral, é a própria escola que não reconhece a própria importância do professor do 1.º ciclo quando a formação académica é igual ou superior à de todos os outros.”</p>

Análise e Interpretação

Ao longo destes 27 anos de carreira, a Maria de Fátima trabalhou sempre em escolas do Algarve, no entanto teve alguns anos em que não lecionou e trabalhou na Direção Regional de Educação e recentemente no Tribunal de Menores.

A educação que sempre tem sido a sua paixão, tem-lhe trazido algumas desilusões e isso tem feito com que aquela alegria e força que a movia esteja a enfraquecer.

A relação com os alunos, pais, colegas e encarregados de educação tem sido sempre pautada pelo respeito e pela frontalidade e isso é o que define a Maria de Fátima enquanto pessoa.

A formação contínua tem sido uma constante e ao longo destes anos a Maria de Fátima tem realizado um percurso muito completo e enriquecedor na área do Português e da Matemática e por isso tem sido formanda e formadora.

O Movimento da Escola Moderna é uma das suas grandes fontes de aprendizagem e aí tem desenvolvido um trabalho contínuo.

Análise e Interpretação

Refletindo sobre estes 27 anos de carreira e sobre a escola do 1.º CEB, a Maria de Fátima reconhece que as mudanças que têm vindo a acontecer têm enfraquecido o papel do professor e o respeito pelo seu trabalho e isso tem feito com que ela se sinta desiludida e por vezes muito dececionada.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Ser professora do 1.º CEB</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Ser professora do 1.º CEB <p>“Hoje em dia ser professora do 1.º ciclo é um bocadinho diferente do que era quando eu comecei.”</p> <p>“Para mim ser professor do 1.º ciclo é mais do que aquilo que eu estou a fazer atualmente.</p> <p>É mais importante, é mais significativo na vida dos alunos do que aquilo que neste momento se cinge a atividade docente.”</p> <p>“Hoje em dia pede-se que um professor do 1.º ciclo seja aquilo que ele não devia ser e depois há questões em que ele devia ser e não é.”</p> <p>“O professor do 1.º ciclo é um orientador de aprendizagens, é um professor generalista, é monodocente porque tem a seu cargo todas as aprendizagens do currículo e não só, porque as aprendizagens do currículo pretendem preparar os alunos para a vida, dar-lhes a base, é o ensino básico, é o primeiro ciclo, é o mais importante na vida de uma pessoa ainda...”</p> <p>“Ser professor do 1.º ciclo devia ser orientar os alunos para a vida utilizando todas as aprendizagens de base destas áreas que são significativas e isso implicaria um bom conhecimento de metodologias, um bom conhecimento de estratégias e sobretudo da didática. O que eu acho atualmente é que isso não está a acontecer.”</p> <p>“Um professor para trabalhar com miúdos tem que ter energia, tem que ser novo, não pode ser uma pessoa de sessenta anos.”</p> <p>“Os miúdos são pequeninos, as cadeiras são pequenas, as mesas são pequenas, andas constantemente dobrada sobre eles para ensinar as coisas, reventas com a coluna, as pernas. Para lhes explicar alguma coisa, vou-me sentando nas mesas deles e depois é uma postura completamente incorreta. Isto ao longo dos anos vai pesando, portanto é humanamente impossível, não vale a pena querer que os professores trabalhem mais.”</p> ▪ Realização profissional <p>“Gosto menos daquilo que faço hoje do que eu gostava e não é por falta de formação, antes pelo contrário, parece que quanto mais formação se tem maiores... É contraditório, mas maiores são as dificuldades que se encontram. Há questões que hoje em dia se passam nas escolas e que não fazem sentido nenhum.”</p> <p>“Eu atualmente não gosto da escola, acho que a escola já não é aquilo que era, a escola no global e em particular a escola onde estou.</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>Não gosto, acho que está muito desorganizada, perdeu uma série de conquistas que se foram adquirindo e que de repente deixaram de existir porque as pessoas que a gerem não sabem fazer, mas isto é a minha opinião pessoal.”</p> <p>“Investi a minha vida toda, académica ou não, na educação, o outro é que dizia que a paixão é a educação, mas a minha também é, estas questões da educação incomodam-me porque eu gosto.</p> <p>Gosto menos daquilo que faço hoje do que eu gostava e não é por falta de formação, antes pelo contrário, parece que quanto mais formação se tem maiores... É contraditório, mas maiores são as dificuldades que se encontram.</p> <p>“Está tudo mau, mas pronto, eu investi toda a minha vida nesta área, é aquilo que eu sei melhor, é a minha praia, como se costuma dizer, portanto não vejo... Já tive e já desempenhei outras funções e não me senti tão realizada como quando vou para a escola com aquela realidade e depois porque é confortável, nós temos a nossa sala, temos os nossos alunos e tudo o resto fica um bocadinho distante quando fechamos a nossa porta porque temos ali uma data de gente que precisa de nós, que lhes ensinemos e que os preparemos o melhor possível. É isso é, digamos, uma espécie de missão... Eu sinto como missão, ponto.”</p> <p>“Sim, não é gratificante ser professor hoje em dia. Se formos minimamente racionais, não é de todo. Neste momento as pessoas só lá estão ou porque têm muita necessidade ou porque ainda gostam disto.”</p> <p>“Como é que eu me sinto enquanto professora do 1.º ciclo? Muito pouco professora.</p> <p>Muito genericamente, muito pouco em relação àquilo que eu gostaria de ser, àquilo que eu acho que deve ser um professor do 1.º ciclo.</p> <p>Neste momento sou muito pouco. Acho que a escola está a dar mais obstáculos do que facilitadores à vida de um professor e está a rebentar-se completamente com a escola pública, dramaticamente.”</p> <p>▪ Mudanças para a escola do 1.º CEB</p> <p>“Se eu fosse Ministra mudava tudo. Começava pelo modelo de gestão das escolas, é um sério obstáculo, as escolas estão todas desorganizadas. Os mega agrupamentos desestruturaram completamente as escolas, nada faz sentido, não há articulação, não há intercâmbio de recursos, não há tudo aquilo que era suposto terem sido as grandes parangonas da organização dos agrupamentos.</p> <p>Uma das vantagens de ser agrupamento era a facilidade na gestão dos recursos, quer físicos, quer humanos, nada disso se faz, nada mesmo. Este modelo é muito mau e depois é um modelo autocrático, é tudo centrado na figura de um diretor e está tudo nas mãos daquela pessoa.”</p>

Análise e Interpretação

A Maria de Fátima considera que ser professor do 1.º CEB é ser um orientador de aprendizagens e isso hoje em dia está a ser deturpado, pois o ensino vive apenas em função dos resultados e das médias dos exames e não do enriquecimento das aprendizagens dos alunos.

O professor do 1.º ciclo hoje é alguém com quem a Maria de Fátima já não se identifica e por isso sente-se desmotivada e triste em relação à sua carreira.

A escolha da carreira docente foi uma decisão que se foi materializando à medida que o seu percurso escolar ia evoluindo, seguindo sempre os bons exemplos dos seus professores, por isso nasceu daí um espírito de missão que a Maria de Fátima sentiu que deveria seguir no seu percurso enquanto professora.

Hoje, com todas as dificuldades, desilusões e obstáculos que são impostos aos professores, o que prevalece e ainda lhe dá forças para continuar é mesmo esse grande espírito de missão.

Apesar da tristeza que a Maria de Fátima transmite quando se refere à escola de hoje, o seu olhar ainda brilha quando fala do trabalho em sala de aula que realiza com os seus alunos, esquecendo tudo o que está à sua volta.

A Maria de Fátima evidencia que as mudanças são urgentes na educação e que é necessário mudar tudo, como o modelo de gestão dos agrupamentos e das escolas, a formação inicial dos professores, as práticas em sala de aula e a valorização e respeito da carreira docente.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Expetativas futuras</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Expetativas pessoais e profissionais <p>“Depois deste quadro que eu tracei, não são boas, não é verdade... Eu vou continuar a fazer o que sempre fiz porque é o que eu sei fazer melhor, a menos que me saísse o euromilhões, mesmo assim não sei, eu acho que não, por muito pouco que eu gosto disto, ainda tenho o tal sentido de missão que não me faz fazer outra coisa qualquer, não me deixa fazer outra coisa qualquer.”</p> <p>“Ainda vou continuar por aqui enquanto puder.”</p> <p>“Já disse este ano de 2015, mais vezes do que gostaria, que deveria emigrar por tudo isto, porque a escola não presta. É mau, é mau ser professor, é mau ser aluno.”</p> <p>“Para o futuro tenho grande, grande, grande ceticismo, para não dizer desconfiança e não é bom. Ou se muda qualquer coisa, ou se percebe que isto de facto está errado e se tenta mudar porque entretanto destruíram-se muitos valores.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Futuro do 1.º CEB <p>“Nada de bom porque... Não é com provas da treta, essas que inventaram, que se vai lá.</p> <p>Eu acho que a formação de base está mal organizada.”</p>

Análise e Interpretação

As expectativas para o futuro profissional não são muito encorajadoras, no entanto apesar de a Maria de Fátima se sentir desiludida, irá continuar a desempenhar o seu papel de professora e dar continuidade à sua missão.

Em relação ao futuro da educação e do ensino, a Maria de Fátima não acredita na mudança e na melhoria.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Relação com os pais</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Relação com os pais no passado <p>“De certa forma até fui uma criança feliz porque a minha família, não só os meus pais, porque nós vivíamos com os meus avós na mesma casa, a casa era dos meus avós, era uma casa grande, e vivíamos lá todos e tanto os meus pais, como os meus avós, apaparam-me muito e eu fui muito mimada.”</p> <p>“Se me senti apoiada por eles?... Sempre. Sempre, sempre.”</p> <p>“Quando era pequenina, por exemplo, era a minha avó que me dava banho, que me dava comer à boca porque ela (mãe) não tinha paciência e ficava logo transtornadíssima, indisposta e aquilo era horrível para ela porque eu não fazia o que ela queria. Sempre foi assim muito em função dela própria. Depois tinha o contraponto da minha avó e do meu pai, mas a minha mãe era muito autocrada e nunca foi muito pacífica, mas pronto, não foi nada de espetacular nem particularmente complicado.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Relação com os pais no presente <p>“O meu pai já faleceu, mas de facto era... Eu fiquei muito mal. Foi o pior período da minha vida, foi quando o meu pai faleceu, foi mesmo dramático para mim. Ainda hoje tenho saudades do meu pai porque foi mesmo uma pessoa muito importante na minha vida...”</p> <p>Era um homem muito generoso e isso eu aprendi com ele, acho que tenho esse bichinho.”</p> <p>“A relação com a minha mãe nunca foi muito pacífica... Eu acho que a minha mãe é uma pessoa muito autocrada, o mundo gira à volta dela... É difícil o relacionamento com a minha mãe.”</p> <p>“Depois tive o apoio da minha mãe, portanto ele (Martim) só foi para o Jardim de Infância já com três anos e muitos meses, quase quatro.”</p>

Análise e Interpretação

A relação com os pais foi sempre muito feliz, apesar do distanciamento durante alguns anos na infância e na adolescência.

O pai da Maria de Fátima foi um grande modelo e exemplo para a sua vida e é com muita saudade que ela recorda os momentos felizes vividos com ele.

A relação da Maria de Fátima com a mãe foi sempre um pouco mais delicada, mas apesar de todas as diferenças e contrariedades, a Maria de Fátima conseguiu ser uma criança feliz

Análise e Interpretação

em família, na companhia dos pais, irmã e avós.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
Casamento	<p>“Eu não sou casada. Nós nunca casámos, vivemos juntos há 20 anos. Faz 20 anos. Nunca casei, no entanto sempre vivemos juntos e corre tudo bem.”</p> <p>“Em relação ao resto da vida familiar nunca tive problemas, antes pelo contrário, sempre me deu apoio.</p> <p>Como eu costumo dizer, nunca me incentivou, mas também nunca me obstaculizou no que quer que eu quisesse fazer.”</p> <p>▪ A carreira docente e a vida familiar</p> <p>“Conciliar a carreira com a vida familiar? Não é sempre fácil, houve opções que eu tive que fazer, por exemplo, não me inscrevi no Mestrado mais cedo porque houve uma altura em que era para me inscrever, mas o Martim estava a entrar para o 1.º ano de escolaridade, estava a entrar para a escola e achei que ele ia precisar de alguma assistência e de apoio porque ele tem algumas problemáticas, por ter sido muito prematuro e era preciso controlar mais.</p> <p>Tive que fazer algumas opções a esse nível entre a carreira e isso.”</p>

Análise e Interpretação

A Maria de Fátima é uma mulher feliz e apesar de não ter casado oficialmente, considera-se uma mulher casada e muito apoiada pelo marido na jornada que tem sido a sua vida a dois.

Não tem sido fácil gerir a carreira profissional com a vida familiar, mas a Maria de Fátima tem contado sempre com o apoio do marido e quando teve que optar, a vida familiar foi a sua prioridade.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
Maternidade	<p>“A maternidade foi muito bom. Foi muito bom ser mãe. Foi complicado, difícil, o Martim foi muito complicado para nascer, fui em coma para Lisboa, mais uma vez... Sempre que tenho que me submeter a alguma intervenção de saúde é sempre nas últimas e tive em coma de facto, foi muito doloroso.</p> <p>O Martim foi muito prematuro, foram assim uns anos difíceis. Na altura eu não estava na escola, estava na Direção Regional de Educação, portanto também consegui ter ali assim... De facto tinha colegas fabulosos nessa altura, são as tias do Martim. Foi um grande apoio, mas tem sido difícil.”</p> <p>“Foi sempre o Martim que eu pus à frente, mas foi opção, inclusive interrompi o Mestrado e deixei a tal cadeira por fazer por causa do Martim, por causa desta problemática toda que ele teve. Tinha que parar alguma</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>coisa, portanto ...”</p> <p>“É engraçado porque em Lisboa, nas consultas, os médicos reconheciam-no e estavam sempre a dizer isso “Ele está bem porque tem pais fabulosos”. Ele sempre esteve à frente de tudo na minha vida desde que nasceu e é a primeira prioridade.”</p> <p>“Não foi fácil ser mãe... E pronto, fechou a fábrica.”</p>

Análise e Interpretação

A Maria de Fátima é uma mãe muito feliz e o seu filho tem sido a grande força e prioridade da sua vida.

O nascimento e a infância do filho ficaram marcados por momentos muito difíceis, mas que foram superados e hoje, apesar de ainda sentir algumas consequências desses problemas vividos, é um filho muito amado, apoiado e que sempre teve e tem a mãe a seu lado.

Professora do 1.º CEB

- Nome: **NATÁLIA**
- Idade: 41 anos
- Tempo de serviço docente: 19 anos

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
Nascimento e Infância	<p>“Nasceu em novembro de 1974, no Hospital Distrital de Faro.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Recordações da infância <p>“Tive uma infância muito saudável, muito feliz porque vivia no campo e há muita liberdade e ao mesmo tempo muita união entre as crianças.”</p> <p>“Desde muito cedo que comecei a conviver com as crianças do sítio onde vivia, e onde vivo ainda, na Mesquita, e brincávamos muito na casa uns dos outros. Eram brincadeiras muito saudáveis, muito engraçadas, imaginativas, nós de pequenas folhas e de pequenos pauzinhos fazíamos assim os nossos jogos e as nossas brincadeiras.”</p> <p>“Tive a vantagem de ter um tio que era nove anos mais velho do que eu, mas que era muito criança, então era como se fosse meu irmão e andava sempre atrás dele. Para onde ele ia, tinha que me levar.”</p> <p>“Tenho muitas recordações boas dessas aventuras.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Relação com os irmãos e os pais <p>“Sou filha única, fui uma menina mimada, mas não em excesso.”</p> <p>“Os meus pais eram novos, a minha mãe tinha dezassete anos e o meu pai tinha dezanove quando eu nasci, por isso eram pais muito brincalhões, principalmente o meu pai.”</p> <p>“Fui um pouco “Maria-Rapaz” porque como estava habituada com o meu tio e também com o meu pai era muito jogo de bola, jogo de... Às vezes coisas típicas de rapaz.”</p>

Análise e Interpretação

A Natália viveu uma infância muito feliz, na companhia dos pais, ainda muito jovens, dos familiares, onde se destaca um primo, e dos muitos amigos com quem brincava.

Cresceu no campo e as suas brincadeiras com o pai, o primo e os amigos evidenciavam a liberdade e a alegria de uma criança feliz.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
Percurso escolar no ensino primário	<p>“Com cinco anos entrei para a escola lá perto de casa, na Mesquita, uma escola nova.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Recordações do ensino primário <p>“A minha casa era mesmo perto da escola primária, então eu desde pequena,</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>aí com três, quatro anos, eu já sabia o horário em que os meninos iam para o intervalo, o horário do almoço e o horário da saída e então ia sempre espreitar por detrás de casa para espreitar os meninos a brincar e então sempre tive esse grande interesse pela escola, para entrar para a escola.</p> <p>Às vezes escapava-me de casa e ia mesmo lá à escola primária e então a professora abria a porta e eu lá ficava sentadinha a um cantinho a ouvir as matérias que estavam a dar até que a minha mãe dava pela minha falta e tinha que me ir buscar à escola.”</p> <p>“Nós éramos um grupo, havia duas salas, tínhamos 1.º e 2.º ano numa sala, 3.º e 4.º noutra sala, mas éramos todos muito amigos, mesmo os mais velhos eram muito amigos dos mais novos, e havia uma boa relação entre nós.”</p> <p>“As recordações que eu tenho dessa altura são boas recordações. Eu acho que era uma menina muito atinadinha no trabalho.”</p> <p>“Recordo-me de uma escola onde não havia grades, onde nós podíamos estar a brincar tanto no recinto da escola, como nas terras ali ao lado, e era a tal liberdade que agora não há e aquela despreocupação porque não havia medo de estar a brincar num sítio que não era da escola, também não aparecia ninguém que nos pudesse fazer mal.”</p> <p>“Tenho boas recordações das professoras primárias que tive e hoje são minhas amigas. Ainda se fazia uso da régua, a Natália nunca apanhou com nenhuma...”</p> <p>“O engraçado disto tudo é que eu consigo acompanhar as minhas professoras da escola primária porque neste momento elas ainda são minhas colegas, três delas dão aulas em S.Brás. Já trabalhei com elas, foi muito engraçado porque é aquela coisa de nós sermos alunos e de repente agora somos colegas, como é que eu as vou tratar...”</p>

Análise e Interpretação

Desde bem pequena, antes da entrada para a escola, a Natália já sentia uma imensa curiosidade pela Escola Primária perto de casa, o que a levava a ficar à espera da hora do intervalo para observar, de sua casa, os alunos que brincavam no recreio.

Essa curiosidade fez com que, por várias vezes, ela saísse de casa, fosse até à escola e fosse recompensada com o convite da professora para entrar na sala e assistir à aula.

O percurso escolar da Natália no ensino primário foi por isso muito feliz porque ela teve a oportunidade e o prazer de frequentar aquela escola que tanto desejo e curiosidade lhe causava.

Como consequência dessa motivação e vontade, ela foi sempre uma aluna bem comportada e trabalhadora.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Percurso escolar no ensino preparatório</p>	<p>“Eu fiz o ensino preparatório no Externato de S.Brás de Alportel, antes era um colégio particular, mas depois passou a ser público. Tinha a diretora que era a professora Bernardete que tinha ali mão pesada com o pessoal, aquilo ali ninguém se podia comportar mal porque a coisa corria mesmo mal.”</p> <p>▪ Recordações do ensino preparatório</p> <p>“A mudança para o ensino preparatório, para o 2.º ciclo, foi uma grande mudança porque aí a escola já era uma escola na vila, eu só tinha nove aninhos, era a mais pequena do grupo, sempre fui a mais novinha.”</p> <p>“Íamos no autocarro da Câmara, levava-nos à escola e depois só nos ia buscar às seis da tarde, então era aquele tempo todo na escola.”</p> <p>“Eu sempre fui das mais novas e isso para mim também era um pouco motivo de orgulho porque sentia-me importante por ser a mais nova.”</p> <p>“O ensino preparatório são aqueles momentos em que nós aprendemos... Começamos a crescer em todas as dimensões, tanto pessoais, como sociais, começamos a lidar com outras pessoas, neste caso, nós éramos do campo começámos a lidar com muitas pessoas da vila, com outra maneira de pensar.”</p> <p>“A Natália era muito bem comportada.”</p> <p>“Era nesta altura que falávamos sobre aqueles assuntos que às vezes em casa tínhamos uma certa vergonha de falar com os pais, descobríamos as coisas através de revistas, uma comprava uma revista uma semana, na outra comprava na semana seguinte, e líamos e depois perguntávamos às miúdas mais crescidas e foi muito engraçado.”</p> <p>“Lembro-me perfeitamente de um professor de História, que infelizmente já morreu, que me marcou, é daqueles que nós ouvíamos e éramos capazes de estar ali duas horas ou três a ouvi-lo, e outros que também me apoiaram sempre.”</p>

Análise e Interpretação

A entrada no ensino preparatório ficou marcada pela mudança e pela responsabilidade, pois aquela menina que vivia perto da escola e sentia a segurança de ter sempre os pais por perto, agora encontrava-se sozinha, numa escola grande, longe de casa e tinha que ir e voltar todos os dias de autocarro.

Apesar dessa mudança, o percurso escolar da Natália no ensino preparatório foi uma fase feliz da sua vida pois, foi aí que começou a ganhar autonomia, confiança e a aprender muito com as suas vivências e amizades.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Juventude/ Adolescência</p>	<p>“Tive uma juventude e adolescência também muito normal, nunca fui para certas vicissitudes como eu via alguns adolescentes irem.”</p> <p>▪ Recordações da juventude/adolescência</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>“Em relação às recordações que eu tenho desta altura... É principalmente isto, é a descoberta, o primeiro namorado, essas coisinhas assim.”</p> <p>“Nesta altura foi quando começámos a descobrir os namorados, as amizades, que ficam para o resto da vida...”</p> <p>“Lembro-me de uma situação, essa marcou-me um pouco porque até hoje ainda não sei se quem preconizou essa situação se agiu bem ou se agiu mal, foi uma aula que demos ao ar livre. Só me recordo que a um dado momento a professora tirou um cigarro e perguntou se já tínhamos experimentado fumar e alguns disseram que não e ela disse “Então, hoje vão experimentar!”</p> <p>Até hoje ainda não sei se ela fez aquilo para nos afastar, não sei se foi pela positiva, se foi pela negativa. Comigo não deu, mas achei muito estranho naquela altura, achei muito estranho essa professora fazer esse tipo de situação.”</p>

Análise e Interpretação

A adolescência foi mais uma etapa muito feliz da vida da Natália. Apesar de ter tido uma adolescência muito saudável e calma, sem dramas nem problemas, conseguiu viver novas experiências e amizades que enriqueceram a sua vida.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Percurso escolar no ensino secundário</p>	<p>“Depois o ensino secundário foi ainda no colégio, fiz lá o 10.º e o 11.º, tinha catorze anos quando entrei para o 10.º ano, era relativamente nova.”</p> <p>“Depois o 12.º fui fazer no liceu, em Faro, à noite.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Recordações do ensino secundário <p>“Não tenho assim muitas recordações do ensino secundário.”</p> <p>“Tive um ano que não entrei para a universidade e continuei a estudar, fui fazer Latim durante um ano, achei que... Foi importante porque eu quando acabei o secundário tinha dezassete anos e aquele ano deu-me tempo para eu parar e ganhar um bocadinho mais de maturidade.”</p>

Análise e Interpretação

O percurso escolar da Natália no ensino secundário ficou marcado pelo empenho, pelo esforço e também pela desilusão. No final do ensino secundário, por dois anos consecutivos, a Natália candidatou-se ao ensino superior e não conseguiu ingressar. Mesmo assim não desistiu e matriculou-se novamente para conseguir melhorar os resultados escolares em algumas disciplinas e só depois conseguiu o seu objetivo.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Percurso</p>	<p>“Quando terminei o secundário estava na altura de escolher uma profissão,</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>escolar no ensino superior</p>	<p>de fazer a escolha decisiva, ou ia para a universidade ou começava a trabalhar. Os meus pais sempre me encaminharam para continuar a estudar.”</p> <p>“No ano a seguir concorri novamente à universidade e havia o curso de 1.º ciclo aqui na Universidade do Algarve, na ESE. Concorri e entrei para esse curso.”</p> <p>▪ Recordações do ensino superior</p> <p>“Quando entrei para a universidade já tinha dezoito aninhos e já tinha outra maturidade.</p> <p>Fui estudar para o pólo de Vila Real de Stº António e foi aí que tirei o meu curso de professora do 1.º ciclo.”</p> <p>“As aulas eram no pólo de Vila Real de Stº António, aí foi um momento difícil também, tal como o curso em si, porque no primeiro ano eu não estava acostumada a sair de casa, era muito caseira...”</p> <p>“Com 18 aninhos, acho que ainda era uma criança e ao entrar para esse curso tive um ano que não entrei, muito rapidamente.”</p> <p>“Então o primeiro ano e meio fiquei a viver lá em Vila Real de Stº António, mas depois ... comecei a vir todos os dias para casa. Aí sim, comecei a viver mais o curso...”</p> <p>“Ao longo do curso senti que não havia grande expectativa para integrar a carreira docente porque foi uma fase em que havia muitos professores do 1.º ciclo e havia a ideia que estávamos a tirar um curso para o desemprego.”</p> <p>“2000/2001, comecei a tirar o Complemento de Formação para me dar equivalência à licenciatura, na ESE, em Faro.”</p> <p>“Foram dois anos de muito trabalho evidentemente, trabalhar e estudar à noite.”</p>

Análise e Interpretação

O desejo inicial da Natália era seguir o ensino superior na área de Arquitetura, mas o destino assim não quis e depois de dois anos consecutivos sem conseguir ingressar nesse curso, candidatou-se e entrou no curso de Professores do 1.º CEB, onde hoje se sente feliz e realizada.

O seu percurso no ensino superior começou por ser muito difícil e desgastante, pois estudava e morava em Vila Real de Stº António e a distância de casa e dos pais fazia com que os dias fossem uma tortura. Como não suportava mais essa ausência e distância, passou a ir e voltar todos os dias para casa e desde aí começou a sentir-se muito mais empenhada e concentrada nos estudos e no seu papel de professora.

Posteriormente, já grávida do primeiro filho, a Natália voltou a frequentar o ensino superior para frequentar o Complemento de Formação que lhe daria a equivalência a uma Licenciatura, uma vez que o seu curso inicial apenas correspondia ao grau de Bacharelato.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Escolha da carreira docente</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Razões para a escolha da carreira docente <p>“Não era meu sonho ser professora do 1.º ciclo, quando tinha de responder aquelas perguntas “O que queres ser quando fores grande?” eu nunca tive essa ideia de ser professora de 1.º ciclo, tinha outras ideias, no entanto, calhou.”</p> <p>“Quando trabalhei com uma turma em Monte Gordo, no meu 2.º ano, percebi que se calhar estava no curso certo. Foi aí que eu acabei por ver que se calhar até estou no curso certo, mas ainda tinha aquela dúvida, digamos assim.”</p> <p>“Eu agora penso e olho que trás e digo “Ainda bem que eu não fui para arquitetura!”, que era o que eu gostaria de seguir, porque aí passava metade da minha vida ali fechada num escritório, ligada ao computador e ali sempre com aquela caixinha, sempre a mesma rotina.</p> <p>Aqui há aquele calor humano, é um dia nunca igual ao outro. É sempre motivante!”</p> <p>“Acho que escolhi a profissão certa, sinto-me muito bem, é um prolongamento daquilo que eu sou como mãe e também sou um pouco como professora. Procuo estar atenta ao que se passa com os meus alunos, preocupo-me se eles têm alguns problemas, levo isso na cabeça para casa e lá em casa ainda continuo a pensar porque será que aquele menino disse isto assim, e então ainda levo para casa todas essas situações que se passam na sala de aula.”</p> ▪ Formação inicial <p>“A formação foi importante, abriu horizontes que eu desconhecia, tanto a prática pedagógica como a relação com os miúdos, tudo isso. Foi a parte que eu mais gostei... a prática pedagógica. Aquelas partes de teoria não gostava muito, era só porque tinha que ter boas notas.”</p>

Análise e Interpretação

Esta carreira não foi a primeira escolha da Natália, pois sonhava com um futuro na área da Arquitetura, mas tal como ela refere, a carreira docente “calhou” e esse foi o caminho que seguiu e que hoje lhe proporciona grandes momentos de prazer e de alegria.

Hoje a Natália sente que afinal é no ensino, junto das crianças, que se sente feliz e talvez não se conseguisse sentir assim na Arquitetura.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Primeiros anos de carreira docente</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 1.º Ano de trabalho <p>“Comecei a trabalhar, no ano de 97/98, no colégio João de Deus, em S.Bartolomeu de Messines.”</p> ▪ Recordações dos primeiros anos de carreira <p>“Comecei a trabalhar, no ano de 97/98 e o meu primeiro ano foi um</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>bocadinho atribulado... Fui convidada a trabalhar no colégio João de Deus, em S.Bartolomeu de Messines, e deparei-me com uma situação completamente diferente daquilo que tinha sido ensinado ao longo da formação.”</p>

Análise e Interpretação

O primeiro ano de trabalho da Natália foi um ano de grandes mudanças na sua vida. Nesse ano conseguiu realizar alguns dos seus sonhos, pois iniciou o seu percurso, então desejado, como professora, casou, saiu de casa dos pais e adquiriu casa própria e conseguiu vincular no Quadro de Zona Pedagógica do Algarve.

Mesmo com todas estas transformações na sua vida, conseguiu dedicar-se aos seus alunos e lecionou em várias escolas, desempenhando funções de professora titular de turma e de professora de apoio na educação especial durante os seus primeiros anos de carreira.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Percorso profissional</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Experiência profissional “Comecei a trabalhar, no ano de 97/98, no colégio João de Deus, em S.Bartolomeu de Messines.” “Eu tomei a decisão de rescindir o contrato...” “Concorri ao apoio no ensino especial e em janeiro desse mesmo ano fiquei colocada na Escola de S.Pedro do Mar, em Quarteira. Fiz uma permuta e comecei a trabalhar na D.Francisca de Aragão, a partir daí fiquei sempre no ensino público e por sorte minha fiquei vinculada nesse meu primeiro ano de serviço.” “Em relação à escola, à D.Francisca de Aragão, essa foi a minha primeira grande experiência, talvez a maior experiência em termos profissionais. Dava apoio a algumas turmas...” “Voltei a ficar lá, tive a sorte de ficar lá 2 anos de seguida.” “Depois dessa escola, fiquei numa escola pequenina, no campo, no Monte Seco, em 99/2000.” “Depois dessa escola do Monte Seco fui para a Cortelha.” “A seguir fui para S.Brás, ... Acho que foi nesse ano que eu me senti mais professora porque era a primeira vez que eu tinha 1.º ano e logo 25...” “Depois de S.Brás fiquei novamente em Quarteira, no apoio.” “Voltei depois a ter a minha turma no ano a seguir, em 2003/2004, em Estoi.” “Voltei a trabalhar em S. Brás e foi o último ano que eu estive no apoio. Dava apoio a três escolas.” “Deixei o apoio porque não queria ser professora do socioeducativo, não

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>queria andar a substituir colegas, acho que é um trabalho muito ingrato.”</p> <p>“Fui para a escola da Goldra ... estive lá durante seis anos.”</p> <p>“Vim depois para Vale de Rãs, mas agora tem o nome de Escola Manuel Professor Martins Alves.</p> <p>Então no ano passado fiquei numa turma de 1.º ano e fomos obrigadas fazer parcerias.”</p> <p>▪ Momentos significativos</p> <p>(Escola do Monte Seco) “Esta escola era uma escola muito velha, os ratinhos andavam por cima do telhado, aquilo não era uma escola com estrutura de escola, era uma casa que era alugada para servir de escola e então de vez em quando os meus meninos “Professora, que barulho é este?” e eu dizia “Pois, são os ratinhos, também querem aprender.” Assim fomos levando aquilo.</p> <p>Houve situações em que eu chegava à sala de aula e estava tipo uma piscina, então, antes dos meninos entrarem lá tinha que estar a varrer a água da sala de aula.</p> <p>Eu varria porque a tarefaira só ia lá na hora do almoço ou ao final da tarde para fazer a limpeza.”</p> <p>(Escola de S.Brás) “Tive conhecimento que, no Natal, quando a colega fez a primeira reunião de pais, e isto é bonito de se ouvir de uma colega, disse aos pais que a turma estava muito bem trabalhada, que a professora anterior tinha feito um excelente trabalho. Isto ouvido de uma colega, vale muito, muito, muito...</p> <p>Foi um dos momentos mais bonitos da minha carreira.</p>

Análise e Interpretação

Ao longo do seu percurso profissional de 19 anos de carreira, a Natália já trabalhou em diversas escolas do Algarve como professora titular de turma, professora de apoio na educação especial e professora de apoio educativo.

Os momentos mais significativos da sua carreira foram vividos com os alunos e daí transparece a boa relação que estabelece com eles e também com os encarregados de educação, colegas e funcionárias das escolas onde tem trabalhado.

Com o intuito de atualizar os seus conhecimentos e aperfeiçoar as suas práticas, a Natália tem frequentado ações de formação contínua que lhe têm proporcionado novas aprendizagens.

Hoje, refletindo sobre as mudanças na escola do 1.º CEB, a Natália reconhece que são vários os fatores, entre eles o excesso de burocracia e os programas muito extensos, que têm contribuído para essa mudança pouco positiva, pois estão a sobrecarregar os professores, roubando-lhes tempo para a reflexão, para o trabalho com os alunos e para a sua vida pessoal e familiar.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Ser professora do 1.º CEB</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Ser professora do 1.º CEB <p>“Para ser professor do 1.º ciclo primeiro tem que se tentar ser um professor marcante porque somos nós que estamos a colocar os alicerces, somos nós que... É a partir de nós, do nosso trabalho que a criança fica ou não motivada para a aprendizagem.”</p> <p>“O trabalho do professor do 1.º ciclo é difícil. Acho que é dos mais difíceis, não é por ser professora do 1.º ciclo... Acho que é o trabalho mais difícil de todo o ensino, é o do professor do 1.º ciclo.”</p> <p>“Nós damos aquele primeiro alicerce para eles construírem depois toda a casinha que é a aprendizagem deles. Por isso nós temos um papel muito importante. Eu acho que sou uma pessoa muito importante para a sociedade.”</p> ▪ Realização profissional <p>“Eu sinto uma grande alegria, sinto que o meu trabalho foi bem feito, que um professor que fica na memória dos alunos é um professor especial.”</p> <p>“Eu tenho a certeza que eu marquei os meus alunos pela positiva!”</p> <p>“Os alunos também nos ensinam muitas coisas, às vezes eles lembram-se de estratégias que a nós nunca nos passariam pela cabeça.”</p> <p>“É a falta de tempo que está a marcar neste momento todo o ensino, a falta de tempo para consolidar as matérias, para consolidar tudo o que é importante.”</p> <p>“Gosto. Nunca pensei ter jeito para isto... Gosto, gosto muito.”</p> <p>“O que mais me entristece é não podermos ser aquele professor que nós gostaríamos de ser, as tais imposições que ocorrem cada vez mais. Isso é triste e é desmotivante.”</p> <p>“Todos os dias quando chegamos à escola e há sempre um menino ou uma menina que me dá um abraço.”</p> <p>“O que também me alegra na minha profissão é que nenhum dia é igual ao outro.”</p> <p>“Sinto-me realizada, mas sinto que poderia dar muito mais ainda se não nos prendessem tanto as mãos e as ideias... Acho que andam a prender-nos muito as mãos e as ideias.”</p> ▪ Mudanças para a escola do 1.º CEB <p>“Mudaria muita coisa a começar pelos currículos, dando mais valor à criatividade.”</p> <p>“Acho que começaria por mudar os currículos, diminuiria o número de alunos por turma, mudaria coisas mais práticas.”</p>

Análise e Interpretação

Ser professor do 1.º CEB não é fácil, reconhece a Natália, mas destaca a importância desse

Análise e Interpretação

papel no desenvolvimento de uma criança.

Ser professor do 1.º CEB é ser marcante e a Natália sente que marcou os seus alunos pela positiva.

Hoje a Natália é uma professora realizada, feliz com a sua escolha de carreira, mas sente que as atuais mudanças no sistema educativo têm fragilizado os professores e o 1.º CEB e por isso são necessárias mudanças.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Expetativas futuras</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Expetativas pessoais e profissionais “Primeiro tenho esperança que alguma coisa ainda mude porque há algumas coisas que existiam antes e podem voltar a surgir. Antes tínhamos mais liberdade, mais tempo, ...” “Em relação às minhas expetativas, a nível de estabilidade, como faço parte do quadro por enquanto não estou preocupada com isso. Em relação ao futuro, eu tento fazer sempre o melhor que eu posso.” ▪ Futuro do 1.º CEB “Tenho esperança que as coisas ainda melhorem.” “Eles querem que nós façamos omeletes sem ovos, é o que eles querem. Mas nós somos professores, somos inventivos, vamos conseguir ultrapassar isto tudo.” “Eu acho que os meus netos vão ter a sorte de ter uma escola com turmas pequenas, em que possam trabalhar várias áreas, em que se dê valor a todas as áreas, poderão estar mais tempo ou não na escola, mas que seja uma escola mais alegre, menos stressante.” “Eu espero que haja uma mudança muito rapidamente para termos um futuro um bocadinho mais risonho.”

Análise e Interpretação

A Natália quer acreditar na mudança e num futuro risonho para o ensino e para o 1.º CEB. Na sua opinião todas estas fases pouco positivas que se têm vivido podem ser ultrapassadas e o futuro pode ser feliz para os professores e para os alunos.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Relação com os pais</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Relação com os pais no passado “Acho que fui muito privilegiada nesse sentido porque o meu pai era muito brincalhão e gostava de andar sempre a mostrar... A dizer quais eram os passarinhos que estavam naquele ninho, a falar-me muito sobre a natureza, sempre a ensinar-me canções e a assobiar e todas aquelas coisas.” “Os meus pais conversavam comigo sobre esses assuntos e eu quando tinha

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>alguma dúvida perguntava, nunca houve aquela... Sempre tive pais que também eram muito amigos, eram muito meus amigos e procuravam desviar-me de algumas situações que ninguém gosta.”</p> <p>“Os meus pais foram pessoas sempre muito importantes ao longo de toda a minha vida. A minha mãe sempre esteve aberta a qualquer pergunta que eu lhe fizesse, repreendia-me sempre na altura certa, mas sempre... É um pilar que eu tenho, ela sempre me orientou e deu bons conselhos. O meu pai sempre foi mais brincalhão.”</p> <p>“Como sendo rapariga, evidentemente que alguma dúvida que eu tinha sobre certos assuntos, ia mais depressa falar com a minha mãe do que ia falar com o meu pai, mas não quer dizer que tivesse vergonha de falar com o meu pai porque eu nunca fui muito vergonhosa, mas realmente a minha mãe respondia aquilo que eu precisava de saber, então nunca tive segredos com eles, nem quando comecei a namorar, nunca tive nenhum segredo com eles.”</p> <p>“A minha mãe tem sido uma lutadora e o meu pai também, evidentemente.”</p> <p>“Sempre me apoiaram nas escolhas que fiz, a minha mãe ficou muito contente quando soube que eu ia ser professora, era a primeira na família.”</p> <p>“Têm-me apoiado em tudo desde o momento que eu entrei no curso... Foi muito importante porque eu acho que não teria aguentado o curso até ao fim se não tivesse... Estava muito ligada aos meus pais e então não conseguia, via que não conseguia dormir lá e ficar lá uma semana inteira porque só estava a pensar na casa, na família e no namorado...”</p> <p>“Partilhei sempre com a minha mãe todos os momentos.”</p> <p>▪ Relação com os pais no presente</p> <p>“A minha relação com os meus pais sempre foi muito boa e continua a ser até hoje.”</p>

Análise e Interpretação

A relação da Natália com os pais tem sido excelente, pois foi uma filha muito querida e amada e tem sido sempre o objetivo de vida dos seus pais. Eles têm participado em todos os momentos da sua vida e têm sido sempre o seu apoio e a sua força.

A Natália tem nos pais a grande referência e exemplo e por isso eles são parte fundamental da sua vida.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Casamento</p>	<p>“Quando comecei a trabalhar também coincidiu um pouco com a altura em que casei. Nesta altura os meus pais também se disponibilizaram para me comprar um apartamento para eu poder ter a minha independência com o meu marido.”</p> <p>“Tinha casado três dias antes e então... ou seja, eu casei no fim de semana e</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>comecei a trabalhar na 3ª feira a seguir, nem deu tempo para... Para sentir um pouco a alegria do casamento.”</p> <p>“Para mim tudo tem calhado ao mesmo tempo, eu acabei o curso, no mesmo ano em que acabei o curso casei, comecei a trabalhar, por isso sempre tudo esteve muito ligado.</p> <p>Quando eu mudei, mudei tudo ao mesmo tempo, de jovem estudante, passei a trabalhar e a começar a constituir a minha família. Foi tudo ao mesmo tempo porque eu sou de grandes mudanças.”</p> <p>“Tenho sido feliz no meu casamento, posso dizer que sou uma mulher feliz porque tudo aquilo que eu tenho sonhado também tenho conseguido.”</p> <p>▪ A carreira docente e a vida familiar</p> <p>“Claro que o facto de estar casada com a pessoa certa também é muito importante porque isto de ser marido de professora não é para toda a gente.</p> <p>Levamos trabalho para casa, para quem acha que não levamos, levamos muito trabalho para casa, e às vezes colocamos as coisas de lá de casa em segundo plano e se não temos um marido compreensivo e que nos entenda e que perceba que “Não, eu tenho que fazer este trabalho porque não consegui fazer ou porque aumentaram o trabalho e tenho que fazer em casa.”, às vezes pode dar problemas.</p> <p>Nunca foi o meu caso porque tentei sempre conciliar as duas coisas.”</p>

Análise e Interpretação

A Natália é uma mulher feliz e reconhece que devido ao excesso de trabalho de um professor, não é fácil ser casado com uma professora, mas tem do seu marido muita compreensão e muito apoio.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
Maternidade	<p>“Fiquei vinculada no primeiro ano de serviço, o que foi muito bom, quando eu achei que deveria ter o primeiro filho, consegui ter o primeiro filho, no mês em que queria que ele nascesse ele nasceu, depois quis ter o segundo, programei também para nascer naquele mês, e nasceu naquele mês, por isso estás a ver, sou de grandes programas...”</p> <p>“No primeiro ano do Complemento, ainda estava na Cortelha, fiquei grávida da minha filha.”</p> <p>“Neste ano (Estoi, 2003/2004) tive o meu segundo filho.”</p> <p>“A partir do momento em que os nossos filhos nascem a nossa vida transforma-se.”</p> <p>“A maternidade foi um momento muito feliz. Foi não, continua a ser! Aqueles dois momentos, o primeiro momento aliás, quando nasce o nosso primeiro bebé transforma-nos, eles começam a comandar a nossa vida durante algum tempo até que nós começamos depois a dosear as coisas,</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>mas nos primeiros meses eles é que comandam a nossa vida, mas depois dão-nos muitas alegrias.”</p> <p>“Dão-nos alegrias que nós nunca conseguiremos obter em mais sítio nenhum, os meus filhos são crianças muito saudáveis, alegres, brincalhonas e são obedientes.”</p> <p>“Ele já tem onze anos e ela tem catorze, têm três anos de diferença.”</p> <p>“Sou uma mãe muito feliz, mesmo. Até gostaria de ter mais filhos, só que a vida às vezes não possibilita essas situações.”</p> <p>“Posso dizer que sou uma mãe muito feliz e ponho aqui o “muito” com letra maiúscula, mesmo muito feliz, adoro os meus filhos mesmo.”</p> <p>“No fim de contas, como sou feliz ao ser mãe, também sou muito feliz ao ser professora.”</p>

Análise e Interpretação

A Natália é uma mãe muito feliz e realizada com os seus dois filhos que lhe proporcionam momentos de grande felicidade e realização pessoal, o que também se reflete na boa relação que tem com os seus alunos.

Professora do 1.º CEB

- Nome: **TELMA GUERREIRO**
- Idade: 40 anos
- Tempo de serviço docente: 19 anos

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
Nascimento e Infância	<p>“Nasci em Faro, no Hospital de Faro.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Recordações da infância <p>“Eu era uma criança muito tímida, reservada, envergonhada, mas feliz.”</p> <p>“As recordações que tenho da minha infância são boas, podem-se classificar como boas.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Relação com os irmãos e os pais <p>“Tenho um irmão, um irmão mais velho, três anos mais velho que eu.”</p> <p>“O meu irmão é uma pessoa muito importante na minha vida. Brincámos muito, fomos muito amigos, apesar de o meu irmão sempre ter um papel de pai. Até hoje assume um papel de pai, protege-me muito. A irmã é a menina dos olhos dele.”</p> <p>“A minha mãe é a minha melhor amiga e na altura já se verificava isso. Com o meu pai sou mais afastada.”</p>

Análise e Interpretação

A Telma foi uma criança feliz e o seu irmão mais velho foi a sua principal companhia nas brincadeiras e aventuras de criança.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
Percorso escolar no ensino primário	<p>“Eu estudei na escola de Loulé do Serradinho, toda a vida morei em Loulé, morava perto da escola.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Recordações do ensino primário <p>“Faço anos em janeiro e quando entrei para a escola primária tinha seis anos e passados uns meses fiz sete, já com alguma maturidade.”</p> <p>“Lembro-me que antes de entrar na escola tinha uma grande vontade de ir para a escola e dizia todos os dias, quando passava perto da escola: “Esta vai ser a minha escola. Quando começa a escola?”</p> <p>Quando comecei a escola foi uma grande desilusão para mim, lembro-me de chorar todos os dias, não querer ir à escola e ficar muito nervosa.”</p> <p>“A professora era extremamente agressiva com os alunos, exigente e não respeitava o ritmo de trabalho de cada um, exigindo sempre o sucesso, que muitas vezes era difícil de alguns alunos conseguirem.”</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>“Tenho recordações da escola primária muito más que influenciaram muito a minha personalidade até quase aos dias de hoje pela negativa, no sentido de não conseguir falar muitas vezes em frente de um grupo, de um grande grupo, de ter que lidar com a minha timidez e alguma insegurança porque para enfrentar a professora tínhamos que ter muita coragem porque se a resposta não fosse certa, vinha daí alguma coisa má.”</p> <p>“Recordo-me de ver episódios que me marcaram até hoje, de violência, colegas que foram agredidos à minha frente e tudo isto mexeu muito comigo.”“Sofremos muito nas mãos daquela professora e é com alguma pena que digo isto porque gostava que tivesse sido diferente.”</p>

Análise e Interpretação

O percurso escolar da Telma no ensino primário foi muito negativo, pois a Telma recorda com tristeza a desilusão que sentiu, pois inicialmente tinha muita ansiedade e vontade em ir para a escola e depois de se confrontar com uma realidade completamente contrária às suas expetativas, o medo e a tristeza foram constantes.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Percurso escolar no ensino preparatório</p>	<p>“Quando iniciei o ensino preparatório, foi em Loulé também, logo ao lado da escola primária, na Engenheiro Duarte Pacheco, uma escola relativamente nova.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Recordações do ensino preparatório <p>“Foi espetacular perceber que os professores não batiam, perceber que os professores ouviam os alunos e perceber que eu podia estar mais descontraída, foi muito bom, apesar de eu sentir que tinha dificuldades em falar, tinha dificuldades em ter confiança em mim porque não estava habituada a fazê-lo.”</p> <p>“Já foi uma fase mais feliz da minha vida, apesar de sentir alguma insegurança devido ao meu passado escolar.”</p>

Análise e Interpretação

O ensino preparatório marcou o início de uma nova etapa na vida da Telma, pois aí começou a sentir interesse e motivação por frequentar as aulas e a sentir-se bem na escola.

Apesar dessa novidade, eram evidentes as marcas deixadas pelo ensino primário, pois a Telma era uma criança muito tímida e com baixa autoestima.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Juventude/ Adolescência</p>	<p>“A minha adolescência foi vivenciada sempre de uma forma muito calma porque quando eu tinha onze anos mudei de casa para o campo.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Recordações da juventude/adolescência

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>“Eu estava habituada a morar na cidade e quando mudei para o campo fiquei com restrição em relação às minhas amigas, às minhas atividades porque não podia sair de casa, não tinha ninguém que morava perto de mim e ficava muitas vezes em casa isolada.”</p> <p>“O meu irmão mais velho servia muitas vezes para eu poder aproveitar alguma coisa da minha adolescência, apesar de que ele controlava muito as minhas saídas e as minhas amizades, portanto também não era assim muito fácil, mas pode-se dizer que não me envolvi em conflitos, não vivi... Não vivi amizades complicadas, não tive problemas em termos de qualquer tipo de experiência que me levasse a algum episódio difícil, portanto o balanço é positivo.”</p>

Análise e Interpretação

A adolescência foi uma fase um pouco solitária na vida da Telma, pois com a mudança de residência para o campo, viu-se privada da companhia das suas amigas e por isso sentiu-se um pouco sozinha.

Mais uma vez o seu irmão foi a sua companhia, mas agora já ele representava o papel de irmão mais velho que controlava e cuidava da irmã mais nova.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
Percorso escolar no ensino secundário	<p>“Iniciei o ensino secundário com treze anos, no liceu de Loulé, a Escola Secundária de Loulé, que me deixou recordações boas.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Recordações do ensino secundário <p>“Fui uma aluna sempre muito certinha.”</p> <p>“Nunca me envolvi em problemas escolares, nem com colegas, nem com distúrbios, nada disso.”</p> <p>“Estudava, fazia as minhas tarefas de estudante, cumpria com as minhas obrigações, nunca dei problemas aos meus pais no sentido de irem à escola resolver alguma coisa, mantinha as minhas notas sempre positivas dentro de um bom nível.”</p>

Análise e Interpretação

O percurso da Telma no ensino secundário foi muito regular e equilibrado, pois a Telma era uma aluna aplicada, empenhada e bem comportada.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
Percorso escolar no ensino superior	<p>“O meu curso é Professores do 1.º ciclo, na variante de Educação Física.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Recordações do ensino superior <p>“Tive que optar pelo ensino privado porque não consegui entrar em nenhuma escola pública. Tinha dezanove anos quando fui estudar para</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>Odivelas, no Instituto Superior de Ciências Educativas.</p> <p>Foi com muito orgulho que consegui bolsa de estudo que me ajudou a pagar o curso durante o período que lá estive.”</p> <p>“A minha formação inicial foi um bocado atribulada porque eu fui para tirar o curso de professora do 1.º ciclo e fui apanhada de surpresa quando na universidade privada onde eu estava, estava inscrita no Bacharel, e o Bacharel vai terminar e abrem Licenciaturas nas variantes e todas as pessoas mudaram. Eu ainda tentei outras variantes, mas aquela que eu mais me adaptava seria Educação Física e assim foi. Mudei e foi algo que eu não estava à espera e tirei então a variante de Educação Física para ficar com uma Licenciatura.”</p> <p>“Fiz grandes amigos, melhorei enquanto pessoa porque aprendi muito, gostei de estar longe de casa e de criar a minha autonomia. Senti que estava a crescer enquanto pessoa e adorei aprender, estudar, divertir-me e fazer uma nova família com amigos.</p> <p>Os professores da universidade também acabaram por me marcar. Realizei muitas aprendizagens muito boas, foi um período muito bom.”</p> <p>“Correu bem, acabei com uma boa nota, fiquei muito satisfeita com o meu resultado final.”</p> <p>“Foi uma época muito boa da minha vida, vou recordá-la para sempre como uma das melhores épocas da minha vida.”</p>

Análise e Interpretação

O percurso da Telma no ensino superior foi muito feliz e gratificante.

A Telma recorda com saudade essa fase tão feliz e importante para o seu crescimento enquanto futura professora e enquanto pessoa, pois como vivia longe dos pais, teve que ganhar autonomia e enfrentar sozinha o seu dia-a-dia.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Escolha da carreira docente</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Razões da escolha da carreira docente <p>“Nunca disse desde criança que gostava de ser professora, nunca tive assim decidido aquilo que queria ser. Acho que foi um bocadinho o destino que me levou a ser professora, mas acho que tive muita sorte em escolher esta profissão porque gosto muito daquilo que faço.”</p> <p>“Para mim ser professora faz parte de mim, acho que nasci para ser professora e gosto muito daquilo que faço e a partir daí tenho vantagem em relação às outras pessoas que trabalham sem gostar.</p> <p>Acho que tenho outra vantagem porque na sala, quando estou a dar a aula, as coisas saem muito espontaneamente, até posso ter as coisas muito bem pensadas, mas normalmente há algo sempre que surge porque achei que ficava bem mimar a história, cantar, dançar, fazer os meninos levantarem-se</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>do lugar para fazer um jogo diferente, gosto muito de improvisar.</p> <p>Acho que o facto de ser também da área de Educação Física faz com que eu tenha sempre este bichinho pelo jogo, pelo lúdico, pelo brincar, pelo aprender a brincar, e então aproveito isso e acho que funciona bem.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Formação inicial <p>“Nós fizemos estágio e o estágio é uma boa ajuda, ensina-nos muita coisa, mas quando chegamos à realidade profissional estamos lá sozinhas e as decisões são nossas, portanto, eu acho que superei-me até.”</p>

Análise e Interpretação

Apesar da carreira docente não ter sido o sonho de criança da Telma, ela sente que o destino a levou para este caminho e hoje acredita que foi realmente a sua melhor escolha porque é muito feliz no exercício do seu papel de professora do 1.º CEB.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
Primeiros anos de carreira docente	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 1.º Ano de trabalho <p>“Trabalhei no 2.º ciclo, na área da Educação Física.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Recordações dos primeiros anos de carreira <p>“Iniciei a minha carreira com vinte e um anos, no 2.º ciclo, na variante de Educação Física que me permitiu verificar que preferia fazer uma mudança, não era ali que estava bem, que me sentia realizada profissionalmente e mudei para o 1.º ciclo ao terceiro ano.</p> <p>Aí encontrei o meu percurso profissional até hoje. Portanto, sinto-me mais realizada no 1.º ciclo, é isto que eu gosto de fazer!”</p>

Análise e Interpretação

A Telma iniciou o seu percurso profissional no 2.º CEB, como professora de Educação Física, mas rapidamente percebeu que a sua vocação não era aquela, mas sim o 1.º CEB.

Depois dessa mudança, a Telma tem trabalhado sempre no 1.º CEB e sente-se muito realizada profissionalmente.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
Percurso profissional	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Experiência profissional <p>“Neste momento estou com dezoito anos de serviço, comecei a trabalhar em 1997, passei por quatro escolas diferentes.”</p> <p>“Os dois primeiros anos trabalhei no 2.º ciclo, na área da Educação Física. No primeiro ano tive apenas turma de 5.º e 6.º ano e no segundo ano, fiquei numa escola diferente, tive turmas de 5.º, 6.º, 8.º e 9.º, por exceção.”</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>“Depois por opção, mudei para o 1.º ciclo, não me sentia muito realizada, não era bem aquilo que eu queria e concorri para o 1.º ciclo.”</p> <p>“Em Quarteira foi o meu primeiro ano no 1.º ciclo.”</p> <p>“Fiquei em Quarteira, foi muito difícil porque foi a primeira experiência a sério.”</p> <p>“Eu era muito novinha, aquilo foi um bocadinho assustador.</p> <p>Os primeiros dias andei em pânico, achei que não fosse aguentar, aquilo parecia mesmo um filme e eu era uma personagem nova. Depois de descobrir o que eles precisavam, as coisas foram fáceis, e o que eles precisavam era carinho e afeto.</p> <p>Ainda hoje me lembro dos abraços desses alunos, nunca mais tive em toda a minha carreira até hoje, meninos em que eu senti que eram abraços verdadeiros, em que “Obrigado professora por estares aqui e por nos ajudares!”</p> <p>Foi muito bom.”</p> <p>“Nos anos seguintes fiquei colocada em Loulé e há cerca de quinze anos que estou na mesma escola, na escola n.º 4. Esta já é a minha casa, já passei por muitas vivências lá e no geral todas boas.”</p> <p>“Gosto muito e acho que é aqui que eu estou bem, faço aquilo que eu gosto.”</p> <p>“Não vejo outra coisa que possa fazer. Não experimentei nunca outra profissão e a minha formação é para isto que me permite, mas penso que aqui estou muito bem, isto não quer dizer que a nossa profissão seja um mar de rosas.”</p> <p>▪ Momentos significativos</p> <p>“Os mais marcantes são quando, por exemplo, nós temos um aluno que inicialmente é um caso tão complicado que ninguém consegue resolver, quando nós conseguimos dar a volta a esse aluno e ver que ele está a aprender e a comportar-se melhor e ver que mudou, isso para mim é muito significativo. É o melhor que há!”</p> <p>“Pela negativa é a frustração que nós sentimos quando tentamos fazer esse trabalho e não funciona, quando um aluno não muda, quando o encarregado de educação não ajuda, quando parece que está tudo contra e chega a uma certa altura em que nos sentimos muito cansadas porque aquele comportamento influencia o rendimento de toda a turma, influencia a nossa motivação pessoal, não conseguimos ajudar o menino, o menino só prejudica, isso é muito frustrante.”</p> <p>▪ Relação com os alunos, encarregados de educação e colegas</p> <p>“Se nós conseguirmos uma boa relação com os nossos alunos é meio caminho andado para que tudo funcione e a partir desse momento eles aceitam o nosso ponto de vista, respeitam e gostam de nós, ajuda muito. Devemos manter uma boa relação com os pais, não muito próxima, mas</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>também no respetivo ponto, aquele ponto que é necessário para eles nos ajudarem com os seus filhos em casa, por exemplo.”</p> <p>“Aprendo (com os alunos) a ser mais coerente, mais paciente, aprendo a rir mais. Aprendo que devemos ser mais descontraídos para aproveitarmos as coisas e sermos também um pouco crianças para brincarmos com eles.”</p> <p>“Aprendo muitas vezes conhecimentos que eles trazem, que leram em enciclopédias, pormenores, há meninos que se especializam em astros, em dinossauros, em conhecimentos teóricos que eu não possuo e eles ensinam-me muito e eu estou lá para ouvir.”</p> <p>“Eu nunca tive nenhum atrito com nenhum colega, também sou teimosa, gosto de marcar os meus pontos de vista, mas quem me conhece sabe que depois, se fui um pouco mais brusca, aquilo passa.”</p> <p>“Sempre me dei bem com toda a gente, sou uma pessoa muito dinâmica, gosto de organizar trabalho, normalmente arranjo sempre parceria nesta dinâmica e metemos toda a gente a trabalhar e a malta gosta porque normalmente saem sempre coisas giras.”</p> <p>▪ Formação contínua</p> <p>“Ao longo destes anos todos, que já são alguns, normalmente todos os anos faço formação.”</p> <p>“É uma preocupação que eu tenho tido sempre porque acho que nós temos que nos manter em constante formação no sentido de estarmos atualizados em conhecimentos pedagógicos, didáticos, científicos, porque se nós não o fizermos corremos o risco de ficarmos docentes desatualizados e acho que isso é uma tristeza.”</p> <p>“Uma das primeiras que eu fiz foi a Educação Ambiental pela Arte que tinha a ver com o PEEA.</p> <p>Depois fiz uma em 2004/2005 sobre o Ensino das Línguas Estrangeiras e também foi muito interessante. Depois fiz duas grandes formações, o Ensino Experimental de Ciências, em 2007/2008, e logo no ano seguinte o Programa Nacional de Ensino de Português, o PNEP, no ano de 2008/2009.”</p> <p>“Todos os anos tenho referências de formações, seminários, encontros, ações de sensibilização, inclusivamente este último ano o Programa de Educação Estética e Artística.”</p> <p>“Também participei sempre com colegas minhas que precisavam da minha ajuda para relatórios ou para usar a minha turma para alguma investigação. Tivemos o caso da minha turma, em 2005/2006, que foi alvo para investigação de atividades de Geometria, no âmbito de uma tese de Mestrado e foi também muito interessante. Logo nessa altura tive a oportunidade de desenvolver atividades de Matemática muito inovadoras, muito bom.”</p> <p>▪ Mudanças na escola de hoje</p> <p>“Confesso que nos últimos anos têm ocorrido algumas mudanças que nos</p>

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
	<p>desmotivam para a profissão no sentido de toda a conjuntura social e económica em que nós estamos a viver.</p> <p>Isso afeta-nos muito, até mesmo em termos sociais, o próprio reconhecimento do nosso trabalho pelos encarregados de educação, pela população no geral, comentam e fazem comentários que desconhecem, isso deixa-me um bocado triste porque as pessoas falam um bocadinho daquilo que não sabem bem.”</p> <p>“Eu acho que as pessoas querem melhorar e no geral queremos mostrar os nossos resultados e queremos simplificar, o que acontece é que muitas vezes a burocracia é muita e eu acho que às vezes nós não somos bons para nós próprios porque não estamos a simplificar, estamos a complicar.”</p> <p>“Acho que assim cansa muito porque perdemos demasiado tempo a fazer coisas que não são aquelas coisas que precisamos. Acho que podíamos simplificar um pouco.”</p> <p>“Gostaria de ter um ordenado melhor, gostaria de ter mais condições para criar os meus filhos, em termos de abono de família não tenho, gostaria de ter ajudas para comprar livros para a nossa profissão e não temos, <i>software</i>, não há qualquer ajuda, é tudo por nossa conta, a formação é paga.”</p> <p>▪ Reconhecimento e valorização do papel do professor do 1.º CEB</p> <p>“Acho que merecíamos um pouco mais de reconhecimento porque o nosso trabalho é muito importante, nós estamos a formar cidadãos para o futuro e por vezes estamos no supermercado e ouvimos um encarregado de educação falar do professor como se o conhecesse e como se tratasse de uma pessoa tão vulgar, tão comum e isso deixa-me muito triste e o nosso sistema faz o mesmo connosco, não nos reconhece.”</p>

Análise e Interpretação

Ao longo dos 19 anos de carreira, sendo os dois primeiros no 2.º CEB, a Telma já lecionou em várias escolas do 1.º CEB e os momentos mais marcantes têm sido vividos com os seus alunos.

É no 1.º CEB que a Telma se sente feliz e realizada e pretende continuar a trabalhar.

A relação com os alunos, encarregados de educação, colegas e funcionários das escolas onde tem trabalhado tem sido sempre muito positiva, pois a Telma é uma pessoa alegre e bem disposta e isso reflete-se no relacionamento com ela.

A formação tem sido contínua ao longo da sua carreira, pois tem sentido a necessidade de aprofundar as suas aprendizagens e adquirir novos conhecimentos que possa pôr em prática na aula com os alunos.

A Telma reconhece a existência de mudanças na escola do 1.º CEB e na desvalorização do trabalho dos professores.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p style="text-align: center;">Ser professora do 1.º CEB</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Ser professora do 1.º CEB <p>“Ser professora do 1.º ciclo é ser mãe, tia, psicóloga, avó e passar um bocadinho por todas estas presenças na vida dos meninos. É saber ensinar, é saber partilhar, é saber dar afeto e conseguir transformar os nossos meninos em seres mais completos.”</p> <p>“Ser professora é gostar de ensinar, é conseguir ensinar, é procurar estratégias novas quando não estão a funcionar aquelas que nós apontamos, é sentir o que o aluno precisa, é ter paciência, é respirar fundo muitas vezes, é ter capacidade de perceber que aqueles meninos muitas vezes estão ali connosco, mas têm uma envolvimento familiar às vezes muito complicada e procuram em nós a solução para muitos dos seus problemas, nós temos que conseguir ler o pensamento, muitas vezes para conseguirmos chegar lá.”</p> ▪ Realização profissional <p>“Outra coisa que me deixa muito triste é o facto de alguns colegas entrarem em atritos e não se aceitarem. Parece que antigamente as pessoas aceitavam-se melhor, agora parece que ficam muito pé atrás uns com os outros.”</p> <p>“O que me motiva e alegra é ir trabalhar e dizer bom dia aos meus meninos, rir com eles, saber que eles me dão aqueles belos abraços quando eu chego, e quando eles dizem “Professora, não gosto das férias porque não te vejo!” ou “Professora, tu és a minha segunda mãe!”.</p> <p>Estes comentários dão-me muita alegria e também gosto de ir ao intervalo e beber um cafezinho com as minhas colegas e rirmos do bom que nos acontece.”</p> <p>“Sinto-me realizada profissionalmente. Gosto daquilo que faço e é lógico que há espetos menos bons que eu sinto ultimamente, como a questão burocrática, os papéis que nos rodeiam, alguma desvalorização que atribuem à nossa profissão, mas de uma forma geral tenho pena de não ser melhor, mas é assim.”</p> <p>“Sou uma pessoa positiva por natureza em relação à minha profissão, não em tudo, mas tive a sorte de encontrar e faço aquilo que gosto, consigo gerir a minha família com a profissão, tive que fazer mudanças, não me dedico à escola, como inicialmente, tantas horas, mas consegui arranjar estratégias pessoais para o fazer.”</p> <p>“Gosto de ensinar e as minhas expectativas, dentro daquilo que eu faço no meu dia-a-dia estão cumpridas, sinto-me feliz.”</p> ▪ Mudanças para a escola do 1.º CEB <p>“Mais responsabilização para os pais. Os encarregados de educação muitas vezes libertam-se de responsabilidades que são deles como pais. A partir do momento que são pais não podem passar para a escola determinada responsabilidade, a educação dá-se em casa!”</p>

Análise e Interpretação

Ser professora do 1.º CEB, segundo a Telma, é conseguir ensinar, saber partilhar e saber dar afeto.

Ser professora do 1.º CEB é muito gratificante para a Telma e é aí que ela se sente realizada profissionalmente, no entanto reconhece que há algumas particularidades que a entristecem, como o aumento da burocracia e a desvalorização do papel do professor.

A Telma reconhece que é necessário mudar e melhorar em alguns aspetos no ensino e no papel dos pais, pois cada vez mais estão a passar a missão da educação dos filhos para a escola.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Expetativas futuras</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Expetativas pessoais e profissionais <p>“Eu espero que o sistema reconheça mais o nosso trabalho, que nos valorize, que nos respeite, que nos atribua aquilo que nós temos direito por natureza, um salário que nos reconheça, nós estudámos para isso, nós trabalhamos para isso, condições sociais que nos ajudem e o próprio sistema de ensino que valorize o nosso trabalho, reconhecendo e dando autonomia, mas também de forma a que consigamos ser respeitados por encarregados de educação, por uma comunidade.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Futuro do 1.º CEB <p>“Eu quero acreditar que as coisas vão melhorar. Eu não posso acreditar que todos os anos vai ser pior, não posso e não quero.”</p> <p>“Eu quero acreditar que o ensino vai ser valorizado, que o papel do professor vai ser reconhecido, que lhe atribuam o respetivo valor e que o deixem trabalhar no seu melhor, naquilo que sabemos fazer, mas que temos que ter algumas condições para o fazer. Para isso a sociedade tem que mudar e aí é que eu tenho medo, tenho medo do que aí vem.”</p> <p>“Gostaria que o nosso sistema de ensino valorizasse mais o trabalho do professor, dando-lhe mais regalias, por exemplo.”</p> <p>“Espero que o futuro, o meu futuro e o futuro dos meus colegas e dos meninos que frequentam a escola, seja positivo, seja bom em termos de aprendizagem e que os professores tenham condições psicológicas, condições laborais para o fazer.”</p>

Análise e Interpretação

A Telma acredita que o futuro trará mais esperança e mudanças positivas para o 1.º CEB e para os professores, pois merecem um reconhecimento pelo seu trabalho tão digno e relevante na vida das crianças.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
<p>Relação</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Relação com os pais no passado

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
com os pais	<p>“Sempre me apoiaram, sempre estiveram presentes.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Relação com os pais no presente <p>“Tenho uma relação super boa com a minha mãe.</p> <p>Os meus pais são uma grande referência para mim e até hoje mantemos uma família muito unida.”</p> <p>“Os meus pais são a minha referência. Sou mais próxima da minha mãe do que do meu pai, por questão de feitio. O meu pai isola-se mais e a minha mãe é mais afetiva. Estão muito presentes na minha vida, em todos os momentos. Temos uma relação muito próxima, próxima geograficamente e próxima afetivamente. Não sei viver sem eles!”</p>

Análise e Interpretação

A relação da Telma com os pais sempre foi muito boa, principalmente com a mãe que continua muito presente na sua vida.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
Casamento	<p>“Do dia do casamento recordo todos os pormenores como se fosse hoje.</p> <p>Foi um dia magnífico e muito especial para mim e para o meu marido. Foi assim tipo dia de uma princesa, foi muito bonito.”</p> <p>“A vida de casada para mim é partilha, compreensão, respeito e se isto funcionar, corre tudo muito bem.”</p> <p>“Sou feliz, tenho momentos de felicidade, tenho muitos, o que faz de mim uma mulher feliz.”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ A carreira docente e a vida familiar <p>“Consigo conciliar a minha vida profissional com a minha vida familiar com algumas estratégias.</p> <p>Desde que o meu filho nasceu o que eu consigo... O que eu encontrei como solução foi ficar na escola após o horário letivo e trabalho até quando o vou buscar ao infantário, e nesta hora e meia todos os dias faço a gestão do meu trabalho. Desta forma não levo trabalho para casa para não ficar sobrecarregada e assim o marido não reclama muito.</p>

Análise e Interpretação

A Telma é uma mulher casada e muito feliz e recorda com emoção o dia do seu casamento.

A carreira profissional e a vida familiar não têm sido fáceis de conciliar, mas a Telma já ultrapassou esse obstáculo e conseguiu encontrar estratégias que agora lhe permitem conciliar de forma harmoniosa a carreira e a família.

Categorias	Subcategorias e Unidades de Significado (excertos das entrevistas)
Maternidade	<p>“A maternidade é um desses momentos de felicidade. Nasci para ser mãe e sou muito maternal. Sou capaz de muita coisa pelos meus filhos, muitos sacrifícios e eles são a minha prioridade.</p> <p>Eles dão-me muitas alegrias, é lógico que muito trabalho, é uma exigência muito grande para mim, mas acho que tenho conseguido fazer um bom trabalho.”</p> <p>“A primeira gargalhada faz de nós... Esquecemos tudo o que é difícil e ficamos a pensar naquilo e cada vez que ouvimos o nosso filho a dar a primeira gargalhada é fantástico.</p> <p>Os primeiros passos, vê-los a andar sozinhos é... É delicioso.”</p> <p>“Quando começa a falar e dizem uma frase que o meu filho diz constantemente: “Mãe, gosto muito de ti!”, é assim uma coisa... Não nos lembramos de mais nada, só nos lembramos daquilo e os bons momentos superam sempre os maus, sempre, sempre e estas frases são fantásticas.”</p> <p>“Sou muito feliz porque tenho dois filhos espetaculares, uma menina e um menino, com alguma diferença de idade, mas que me completam e são a minha alegria.”</p>

Análise e Interpretação

A Telma é uma mãe muito feliz e os seus dois filhos são a sua maior alegria e fonte de inspiração.

ANEXO VI - PERCURSOS DE VIDA

Professora do 1.º CEB

- Nome: **ANA CRISTINA JACINTO**
- Idade: 41 anos
- Tempo de serviço docente: 18 anos

Nascimento

19 de julho de 1974	Lourenço Marques - Moçambique
---------------------	-------------------------------

Percurso escolar no ensino primário

1981 - 7 anos	Escola <i>I H Haris</i> (Joanesburgo - África do Sul) - 1.º ano
1982 - 8 anos	Escola <i>I H Haris</i> (Joanesburgo - África do Sul) - 2.º ano
1983 - 9 anos	Escola <i>I H Haris</i> (Joanesburgo - África do Sul) - 3.º ano
1984 - 10 anos	Escola <i>I H Haris</i> (Joanesburgo - África do Sul) - 4.º ano

Percurso escolar no ensino preparatório

1985 - 11 anos	Escola <i>I H Haris</i> (Joanesburgo - África do Sul) - 5.º ano
1986/1987 - 12 anos	Escola Preparatória de Castro Verde - 6.º ano

Percurso escolar no ensino secundário

1987/1988 - 13 anos	Escola Secundária de Castro Verde - 7.º ano
1988/1989 - 14 anos	Escola Secundária de Loulé - 8.º ano
1989/1990 - 15 anos	Escola Secundária de Loulé - 9.º ano
1990/1991 - 16 anos	Escola Secundária de Loulé - 10.º ano
1991/1992 - 17 anos	Escola Secundária de Loulé - 11.º ano
1992/1993 - 18 anos	Escola Secundária de Loulé - 12.º ano Candidatou-se ao ensino superior, mas não conseguiu.
1993/1994 - 19 anos	Escola Secundária de Loulé - Latim do 12.º ano

Percurso escolar no ensino superior

1994/1995 - 20 anos	Universidade do Algarve - Escola Superior de Educação - Curso de professores do 1.º ciclo, variante de Português/Inglês - 1.º ano
---------------------	---

Percurso escolar no ensino superior	
1995/1996 - 21 anos	Universidade do Algarve - Escola Superior de Educação - Curso de professores do 1.º ciclo, variante de Português/Inglês - 2.º ano
1996/1997 - 22 anos	Universidade do Algarve - Escola Superior de Educação - Curso de professores do 1.º ciclo, variante de Português/Inglês - 3.º ano
1997/1998 - 23 anos	Universidade do Algarve - Escola Superior de Educação – Curso de professores do 1.º ciclo, variante de Português/Inglês - 4.º ano

Carreira Docente	
1998/1999 - 24 anos	Escola Básica de S.Bartolomeu de Messines
1999/2000 - 25 anos	EB1 da Nave (Monchique)
2000/2001 - 26 anos	EB1 da Pedreira (Silves)
2001/2002 - 27 anos	Escola Básica n.º 2 de S.Brás de Alportel
2002/2003 - 28 anos	EBI de Salir - 28 anos Ficou vinculada
2003/2004 - 29 anos	EB1 de Alte
2004/2005 - 30 anos	Apoio Educativo no Agrupamento de Salir (Alte, Benafim, Freixo Seco, Salir)
2005/2006 - 31 anos	EB1 da Tôr
2006/2007 - 32 anos	EB1 da Tôr
2007/2008 - 33 anos	EB1 da Tôr
2008/2009 - 34 anos	EB1 da Tôr
2009/2010 - 35 anos	EB1 da Tôr
2010/2011 - 36 anos	EB1 da Tôr
2011/2012 - 37 anos	EB1 da Tôr
2012/2013 - 38 anos	EB1 de Vale de Rãs (Loulé)
2013/2014 - 39 anos	EB1 de Vale de Rãs (Loulé)
2014/2015 - 40 anos	EB Prof. Manuel Martins Alves (Loulé)
2015/2016 - 41 anos	EB Prof. Manuel Martins Alves (Loulé)

Professora do 1.º CEB

- Nome: **ANTÓNIA**
- Idade: 51 anos
- Tempo de serviço docente: 30 anos

Nascimento

Setembro de 1964	S.João da Venda - Faro
------------------	------------------------

Percurso escolar no ensino primário

1971/1972 - 7 anos	Escola Primária de S.João da Venda - 1.ª classe
1972/1973 - 8 anos	Escola Primária de S.João da Venda - 2.ª classe
1973/1974 - 9 anos	Escola Primária de S.João da Venda - 3.ª classe
1974/1975 - 10 anos	Escola Primária de S.João da Venda - 4.ª classe

Percurso escolar no ensino preparatório

1975/1976 - 11 anos	Escola Preparatória D: Afonso III (Faro) - 1.º ano (= 5.º ano)
1976/1977 - 12 anos	Escola Preparatória D: Afonso III (Faro) - 2.º ano (= 6.º ano)
1977/1978 - 13 anos	Escola Preparatória D: Afonso III (Faro) - 2.º ano (= 6.º ano)

Percurso escolar no ensino secundário

1978/1979 - 14 anos	Escola Industrial e Comercial de Faro (posteriormente designada de Escola Secundária de Tomás Cabreira) - 3.º unificado (= 7.º ano)
1979/1980 - 15 anos	Escola Industrial e Comercial de Faro (posteriormente designada de Escola Secundária de Tomás Cabreira) - 4.º unificado (= 8.º ano)
1980/1981 - 16 anos	Escola Secundária de Tomás Cabreira - 5.º unificado (= 9.º ano)
1981/1982 - 17 anos	Escola Secundária de Tomás Cabreira - 6.º unificado (= 10.º ano)
1982/1983 - 18 anos	Escola Secundária de Tomás Cabreira - 7.º unificado (= 11.º ano)

Percurso escolar no ensino superior

1983/1984 - 19 anos	Liceu João de Deus (Faro) - 12.º ano (Ensino noturno) Magistério Primário (Faro) - 1.º ano
1984/1985 - 20 anos	Magistério Primário (Faro) - 2.º ano
1985/1986 - 21 anos	Magistério Primário (Faro) - 3.º ano

Carreira Docente	
1986/1987 - 22 anos	EB1 da Funchosa (Castro Marim) - Educação de Adultos Ficou vinculada
1987/1988 - 23 anos	EB1 Almancil Casamento: agosto de 1987
1988/1989 - 24 anos	EB1 de Corte Peral (S. Marcos da Serra - Silves) Delegação Escolar de Loulé EB1 Estação Nascimento do 1.º filho: novembro de 1988
1989/1990 - 25 anos	EB1 Patã - Boliqueime
1990/1991 - 26 anos	EB1 Vale Carro - Patã de Baixo (Albufeira)
1991/1992 - 27 anos	EB1 Almancil Nascimento do 2.º filho: janeiro de 1992
1992/1993 - 28 anos	EB1 Almancil
1993/1994 - 29 anos	EB1 São Lourenço (Loulé) Licença sabática - Colocação administrativa na Escola D.Francisca de Aragão (Quarteira) Ficou efetiva Nascimento do 3.º filho: dezembro de 1993
1994/1995 - 30 anos	EB1 do Serradinho (Loulé)
1995/1996 - 31 anos	EB1 do Serradinho (Loulé)
1996/1997 - 32 anos	EB1 do Serradinho (Loulé)
1997/1998 - 33 anos	EB1 do Serradinho (Loulé)
1998/1999 - 34 anos	EB1 do Serradinho (Loulé)
1999/2000 - 35 anos	EB1 do Serradinho (Loulé)
2000/2001 - 36 anos	EB1 do Serradinho (Loulé)
2001/2002 - 37 anos	EB1 do Serradinho (Loulé) Complemento de Formação
2002/2003 - 38 anos	EB1 do Serradinho (Loulé) Pós Graduação
2003/2004 - 39 anos	EB1 n.º 3 de Loulé
2004/2005 - 40 anos	EB1 n.º 3 de Loulé
2005/2006 - 41 anos	EB1 n.º 3 de Loulé
2006/2007 - 42 anos	EB1 n.º 3 de Loulé

Carreira Docente	
2007/2008 - 43 anos	EB1 n.º 3 de Loulé
2008/2009 - 44 anos	EB1 n.º 3 de Loulé
2009/2010 - 45 anos	EB1 n.º 3 de Loulé
2010/2011 - 46 anos	EB1 n.º 3 de Loulé
2011/2012 - 47 anos	EB1 de Vale de Rãs (Loulé)
2012/2013 - 48 anos	EB1 de Vale de Rãs (Loulé)
2013/2014 - 49 anos	EB1 de Vale de Rãs (Loulé)
2014/2015 - 50 anos	EB Prof. Manuel Martins Alves (Loulé)
2015/2016 - 51 anos	EB Prof. Manuel Martins Alves (Loulé)

Professora do 1.º CEB

- Nome: **CARLA MARQUES**
- Idade: 41 anos
- Tempo de serviço docente: 19 anos

Nascimento

2 de maio de 1974	Portalegre
-------------------	------------

Percurso escolar no ensino primário

1980/1981 - 6 anos	Escola n.º 4 do Bairro dos Assentos (Portalegre) - 1.º ano
1981/1982 - 7 anos	Escola n.º 4 do Bairro dos Assentos (Portalegre) - 2.º ano
1982/1983 - 8 anos	Escola n.º 4 do Bairro dos Assentos (Portalegre) - 3.º ano
1983/1984 - 9 anos	Escola n.º 4 do Bairro dos Assentos (Portalegre) - 4.º ano

Percurso escolar no ensino preparatório

1984/1985 - 10 anos	Escola Preparatória Cristóvão Falcão (Portalegre) - 5.º ano
1985/1986 - 11 anos	Escola Preparatória Cristóvão Falcão (Portalegre) - 6.º ano

Percurso escolar no ensino secundário

1986/1987 - 12 anos	Escola Secundária Mouzinho da Silveira (Portalegre) - 7.º ano
1987/1988 - 13 anos	Escola Secundária Mouzinho da Silveira (Portalegre) - 8.º ano
1988/1989 - 14 anos	Escola Secundária Mouzinho da Silveira (Portalegre) - 9.º ano
1989/1990 - 15 anos	Escola Secundária Mouzinho da Silveira (Portalegre) - 10.º ano
1990/1991 - 16 anos	Escola Secundária Mouzinho da Silveira (Portalegre) - 11.º ano
1991/1992 - 17 anos	Escola Secundária Mouzinho da Silveira (Portalegre) - 12.º ano
1992/1993 - 18 anos	Escola Secundária Mouzinho da Silveira (Portalegre) - 12.º ano (Melhoria de nota)

Percurso escolar no ensino superior

1993/1994 - 19 anos	Escola Superior de Educação de Portalegre - Curso de professores do ensino básico, variante de Matemática e Ciências - 1.º ano
1994/1995 - 20 anos	Escola Superior de Educação de Portalegre - Curso de professores do ensino básico, variante de Matemática e Ciências - 2.º ano

Percurso escolar no ensino superior	
1995/1996 - 21 anos	Escola Superior de Educação de Portalegre - Curso de professores do ensino básico, variante de Matemática e Ciências - 3.º ano
1996/1997 - 22 anos	Escola Superior de Educação de Portalegre - Curso de professores do ensino básico, variante de Matemática e Ciências - 4.º ano
Carreira Docente	
1997/1998 - 23 anos	EBM de Porto de Vacas (Pampilhosa da Serra - Coimbra) EB1 de Miranda do Corvo
1998/1999 - 24 anos	Casal de Ermio (Coimbra) Ficou vinculada
1999/2000 - 25 anos	EB1 de Ponta Garça (Açores) Mudança de vínculo
2000/2001 - 26 anos	Apoio na Educação Especial em Vila Franca do Campo (Açores)
2001/2002 - 27 anos	EB1 Casal de Ermio (Coimbra)
2002/2003 - 28 anos	EB1 de Martinho da Cortiça (Arganil - Coimbra)
2003/2004 - 29 anos	Apoio Educativo em Boa Fé (Évora) - 29 anos Casamento: maio de 2004
2004/2005 - 30 anos	EB1 da Comporta (Alcácer do Sal - Évora)
2005/2006 - 31 anos	EB1 de Convento Novo (Évora)
2006/2007 - 32 anos	EB1 de S. Mamede (Évora) Divórcio: julho de 2007
2007/2008 - 33 anos	EB1 das Hortas de Stº António (Loulé)
2008/2009 - 34 anos	EB1 das Hortas de Stº António (Loulé) Entrou para Quadro de Agrupamento do Agrupamento Padre João Coelho Cabanita
2009/2010 - 35 anos	EB1 n.º 2 de Loulé
2010/2011 - 36 anos	EB1 n.º 2 de Loulé
2011/2012 - 37 anos	EB1 Vale de Rãs (Loulé)
2012/2013 - 38 anos	EB1 Vale de Rãs (Loulé)
2013/2014 - 39 anos	EB1 Vale de Rãs (Loulé)
2014/2015 - 40 anos	EB1 n.º 4 de Loulé
2015/2016 - 41 anos	EB1 n.º 4 de Loulé

Professora do 1.º CEB

- Nome: **FRANCISCA MARTINS**
- Idade: 44 anos
- Tempo de serviço docente: 19 anos

Nascimento

9 de junho de 1971	Argenteuil - França
--------------------	---------------------

Percurso escolar no ensino primário

1977/1978 - 6 anos	Escola Primária do Zambujal - 1.ª classe
1978/1979 - 7 anos	Escola Primária do Zambujal - 2.ª classe
1979/1980 - 8 anos	Escola Primária do Zambujal - 3.ª classe
1980/1981 - 9 anos	Escola Primária do Zambujal - 4.ª classe

Percurso escolar no ensino preparatório

1981/1982 - 10 anos	Escola Preparatória S.Bartolomeu de Messines - 5.º ano
1982/1983 - 11 anos	Escola Preparatória S.Bartolomeu de Messines - 6.º ano

Percurso escolar no ensino secundário

1983/1984 - 12 anos	Escola Preparatória S.Bartolomeu de Messines - 7.º ano
1984/1985 - 13 anos	Escola Preparatória S.Bartolomeu de Messines - 8.º ano
1985/1986 - 14 anos	Escola Preparatória S.Bartolomeu de Messines - 9.º ano
1986/1987 - 15 anos	Escola Secundária de Silves - 10.º ano
1987/1988 - 16 anos	Escola Secundária de Silves - 11.º ano

Percurso escolar no ensino superior

1988/1989 - 17 anos	Universidade Católica (Lisboa) - Ano Zero
1989/1990 - 18 anos	Universidade Católica (Lisboa) - Curso de Direito - 1.º Ano
1990/1991 - 19 anos	Universidade Católica (Lisboa) - Curso de Direito - 2.º Ano

Percurso escolar no ensino secundário

1991/1992 - 20 anos	Liceu Camões (Lisboa) - 12.º ano IADE (Lisboa) - Curso de Relações Públicas
---------------------	--

Percurso escolar no ensino secundário

1992/1993 - 21 anos	Escola Secundária de Loulé - 12.º ano (Melhoria de notas, mas acabou por desistir) Candidatou-se ao ensino superior, mas não conseguiu.
---------------------	--

Percurso escolar no ensino superior

1994/1995 - 23 anos	Universidade do Algarve - Pólo de Vila Real de Stº António - Curso de professores do 1.º ciclo - 1.º ano
1995/1996 - 24 anos	Universidade do Algarve - Pólo de Vila Real de Stº António - Curso de professores do 1.º ciclo - 2.º ano
1996/1997 - 25 anos	Universidade do Algarve - Pólo de Vila Real de Stº António - Curso de professores do 1.º ciclo - 3.º ano

Carreira Docente

1997/1998 - 26 anos	Colégio Internacional de Vilamoura Casamento: julho de 1998
1998/1999 - 27 anos	Colégio Internacional de Vilamoura Formação em Filosofia para Crianças
1999/2000 - 28 anos	Colégio Internacional de Vilamoura Responsável pela aplicação do Programa Gestão Flexível do Currículo numa turma de 2.º ano Nascimento da filha: fevereiro de 2000
2000/2001 - 29 anos	Colégio Internacional de Vilamoura Responsável pela aplicação do Programa Gestão Flexível do Currículo numa turma de 3.º ano Complemento de Formação em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária - Universidade do Algarve - 1.º ano
2001/2002 - 30 anos	Colégio Internacional de Vilamoura Complemento de Formação em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária - Universidade do Algarve - 2.º ano
2002/2003 - 31 anos	EB1 Mãe Soberana (Loulé)
2003/2004 - 32 anos	EB1 Mãe Soberana (Loulé) Mestrado em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária - Universidade de Sevilha - 1.º ano
2004/2005 - 33 anos	EB1 Mãe Soberana (Loulé) Mestrado em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária - Universidade de Sevilha - 2.º ano

Carreira Docente	
2005/2006 - 34 anos	Coordenadora do Gabinete de Educação de Adultos da Direção Regional no concelho de Loulé
2006/2007 - 35 anos	Coordenadora do Gabinete de Educação de Adultos da Direção Regional no concelho de Loulé
2007/2008 - 36 anos	Coordenadora do Gabinete de Educação de Adultos da Direção Regional no concelho de Loulé
2008/2009 - 37 anos	Membro da Equipa de Intervenção Precoce do concelho de Loulé e São Brás de Alportel
2009/2010 - 38 anos	EB1 n.º 4 de Loulé
2010/2011 - 39 anos	EB1 n.º 4 de Loulé
2011/2012 - 40 anos	EB1 n.º 4 de Loulé
2012/2013 - 41 anos	EB1 n.º 4 de Loulé
2013/2014 - 42 anos	EB1 n.º 4 de Loulé
2014/2015 - 43 anos	EB1 n.º 4 de Loulé
2015/2016 - 44 anos	EB1 n.º 4 de Loulé

Professora do 1.º CEB

- Nome: **ISABEL MARUM**
- Idade: 43 anos
- Tempo de serviço docente: 21 anos

Nascimento

27 de janeiro de 1972 | Loulé

Percurso escolar no ensino primário

1978/1979 - 6 anos	EB1 do Serradinho (Loulé) - 1.º ano
1979/1980 - 7 anos	EB1 do Serradinho (Loulé) - 2.º ano
1980/1981 - 8 anos	EB1 do Serradinho (Loulé) - 3.º ano
1981/1982 - 9 anos	EB1 do Serradinho (Loulé) - 4.º ano

Percurso escolar no ensino preparatório

1982/1983 - 10 anos	Escola Engenheiro Duarte Pacheco - 5.º ano
1983/1984 - 11 anos	Escola Engenheiro Duarte Pacheco - 6.º ano

Percurso escolar no ensino secundário

1984/1985 - 12 anos	Escola Secundária de Loulé - 7.º ano
1985/1986 - 13 anos	Escola Secundária de Loulé - 8.º ano
1986/1987 - 14 anos	Escola Secundária de Loulé - 9.º ano
1987/1988 - 15 anos	Escola Secundária de Loulé - 10.º ano
1988/1989 - 16 anos	Escola Secundária de Loulé - 11.º ano
1989/1990 - 17 anos	Escola Secundária de Loulé - 12.º ano Candidatou-se ao ensino superior, mas não conseguiu.
1990/1991 - 18 anos	Escola Secundária de Loulé - Português do 12.º ano (Ensino noturno)

Percurso escolar no ensino superior

1991/1992 - 19 anos	Universidade do Algarve - Escola Superior de Educação - Curso de professores do 1.º ciclo - 1.º ano
1992/1993 - 20 anos	Universidade do Algarve - Escola Superior de Educação - Curso de professores do 1.º ciclo - 2.º ano

Percurso escolar no ensino superior

1993/1994 - 21 anos	Universidade do Algarve - Escola Superior de Educação - Curso de professores do 1.º ciclo - 3.º ano
---------------------	---

Carreira Docente

1994/1995 - 22 anos	EB1 de Coselhas (Coimbra)
1995/1996 - 23 anos	EB1 de Vale Verde (Albufeira)
1996/1997 - 24 anos	EB1 da Azilheira (S.Marcos da Serra)
1997/1998 - 25 anos	EB1 de Querença
1998/1999 - 26 anos	EB1 de Querença
1999/2000 - 27 anos	EB1 de Querença
2000/2001 - 28 anos	EB1 de Querença Complemento de Formação na Universidade Aberta - 1.º ano
2001/2002 - 29 anos	EB1 n.º 4 de Loulé Complemento de Formação na Universidade Aberta - 2.º ano
2002/2003 - 30 anos	EB1 n.º 4 de Loulé Casamento: setembro de 2002
2003/2004 - 31 anos	EB1 n.º 4 de Loulé Nascimento do 1.º filho: janeiro de 2004
2004/2005 - 32 anos	EB1 n.º 4 de Loulé
2005/2006 - 33 anos	EB1 n.º 4 de Loulé
2006/2007 - 34 anos	EB1 n.º 4 de Loulé
2007/2008 - 35 anos	EB1 n.º 4 de Loulé
2008/2009 - 36 anos	EB1 n.º 4 de Loulé Nascimento do 2.º filho: setembro de 2009
2009/2010 - 37 anos	EB1 n.º 4 de Loulé
2010/2011 - 38 anos	EB1 n.º 4 de Loulé
2011/2012 - 39 anos	EB1 n.º 4 de Loulé
2012/2013 - 40 anos	EB1 n.º 4 de Loulé
2013/2014 - 41 anos	EB1 n.º 4 de Loulé
2014/2015 - 42 anos	EB1 n.º 4 de Loulé
2015/2016 - 43 anos	EB1 n.º 4 de Loulé

Professora do 1.º CEB

- Nome: **MARIA DE FÁTIMA GONÇALVES**
- Idade: 48 anos
- Tempo de serviço docente: 28 anos

Nascimento

26 de maio de 1967	Olhão
--------------------	-------

Percurso escolar no ensino primário

1973/1974 - 6 anos	Externato Dr. João Lúcio (Olhão) (atualmente Colégio Bernardete Romeira) - 1.ª classe
1974/1975 - 7 anos	Externato Dr. João Lúcio (Olhão) - 2.ª classe
1975/1976 - 8 anos	Externato Dr. João Lúcio (Olhão) - 3.ª classe
1976/1977 - 9 anos	Externato Dr. João Lúcio (Olhão) - 4.ª classe

Percurso escolar no ensino preparatório

1977/1978 - 10 anos	Escola Comandante Conceição e Silva (Almada) - 1.º ano (= 5.º ano)
1978/1979 - 11 anos	Escola Comandante Conceição e Silva (Almada) - 2.º ano (= 6.º ano)

Percurso escolar no ensino secundário

1979/1980 - 12 anos	Escola Secundária do Laranjeiro - (Almada) - 7.º ano
1980/1981 - 13 anos	Escola Secundária do Laranjeiro - (Almada) - 8.º ano
1981/1982 - 14 anos	Escola Secundária do Laranjeiro - (Almada) - 9.º ano
1982/1983 - 15 anos	Escola Secundária Anselmo de Andrade (Almada) - 10.º ano
1983/1984 - 16 anos	Escola Secundária Anselmo de Andrade (Almada) - 11.º ano
1984/1985 - 17 anos	Escola Secundária Anselmo de Andrade (Almada) - 12.º ano

Percurso escolar no ensino superior

1985/1986 - 18 anos	Magistério Primário (Faro) - 1.º ano
1986/1987 - 19 anos	Magistério Primário (Faro) - 2.º ano
1987/1988 - 20 anos	Magistério Primário (Faro) - 3.º ano

Carreira Docente	
1988/1989 - 21 anos	EB1 de Loubite (Silves)
1989/1990 - 22 anos	EB1 de Estoi
1990/1991 - 23 anos	EB Bom João (Faro)
1991/1992 - 24 anos	EB1 de Vale Carneiros
1992/1993 - 25 anos	EB1 de Marim 1
1993/1994 - 26 anos	EB1 de Vale Carneiros
1994/1995 - 27 anos	EB1 de Ferreiras (Albufeira)
1995/1996 - 28 anos	EB1 de Cerro do Ouro (Albufeira)
1996/1997 - 29 anos	EB1 de Cerro do Ouro (Albufeira)
1997/1998 - 30 anos	Trabalho na Direção Regional de Educação do Algarve Nascimento do filho: janeiro de 1998
1998/1999 - 31 anos	Trabalho na Direção Regional de Educação do Algarve
1999/2000 - 32 anos	Trabalho na Direção Regional de Educação do Algarve
2000/2001 - 33 anos	EB1 de S. Luís (Faro)
2001/2002 - 34 anos	EB1 de S. Luís (Faro)
2002/2003 - 35 anos	EB1 de S. Luís (Faro) Complemento de Formação - 1.º ano
2003/2004 - 36 anos	EB1 de S. Luís (Faro) Complemento de Formação - 2.º ano
2004/2005 - 37 anos	EB1 de S. Luís (Faro)
2005/2006 - 38 anos	EB1 de S. Luís (Faro)
2006/2007 - 39 anos	EB1 de S. Luís (Faro) Acumula com funções de Juíza Social no Tribunal de Família e Menores de Faro até à presente data.
2007/2008 - 40 anos	EB1 de S. Luís (Faro)
2008/2009 - 41 anos	EB1 de S. Luís (Faro)
2009/2010 - 42 anos	EB1 de S. Luís (Faro)
2010/2011 - 43 anos	EB1 de S. Luís (Faro)
2011/2012 - 44 anos	EB1 de S. Luís (Faro)
2012/2013 - 45 anos	Técnica Superior no Setor de Assessoria Técnica a Tribunais no Centro Distrital de Segurança Social de Faro

Carreira Docente	
2013/2014 - 46 anos	EB1 de S. Luís (Faro)
2014/2015 - 47 anos	EB1 de S. Luís (Faro)
2015/2016 - 48 anos	EB1 de S. Luís (Faro)

Professora do 1.º CEB

- Nome: **NATÁLIA**
- Idade: 41 anos
- Tempo de serviço docente: 19 anos

Nascimento

Novembro de 1974	Mesquita - S.Brás de Alportel
------------------	-------------------------------

Percurso escolar no ensino primário

1980/1981 - 5 anos	EB1 da Mesquita - 1.º ano
1981/1982 - 6 anos	EB1 da Mesquita - 2.º ano
1982/1983 - 7 anos	EB1 da Mesquita - 3.º ano
1983/1984 - 8 anos	EB1 da Mesquita - 4.º ano

Percurso escolar no ensino preparatório

1984/1985 - 9 anos	Externato de S.Brás de Alportel - 5.º ano
1985/1986 - 10 anos	Externato de S.Brás de Alportel - 6.º ano

Percurso escolar no ensino secundário

1986/1987 - 11 anos	Externato de S.Brás de Alportel - 7.º ano
1987/1988 - 12 anos	Externato de S.Brás de Alportel - 8.º ano
1988/1989 - 13 anos	Externato de S.Brás de Alportel - 9.º ano
1989/1990 - 14 anos	Externato de S.Brás de Alportel - 10.º ano
1990/1991 - 15 anos	Externato de S.Brás de Alportel - 11.º ano
1991/1992 - 16 anos	Liceu João de Deus (Faro) - 12.º ano (Ensino noturno)
1992/1993 - 17 anos	Candidatou-se ao ensino superior, mas não conseguiu.
1993/1994 - 18 anos	Candidatou-se ao ensino superior, mas não conseguiu. Externato de S. Brás de Alportel- Latim do 12.º ano

Percurso escolar no ensino superior

1994/1995 - 19 anos	Universidade do Algarve - Pólo de Vila Real de Stº António - Curso de professores do 1.º ciclo - 1.º ano
---------------------	---

Percurso escolar no ensino superior

1995/1996 - 20 anos	Universidade do Algarve - Pólo de Vila Real de Stº António - Curso de professores do 1.º ciclo - 2.º ano
1996/1997 - 21 anos	Universidade do Algarve - Pólo de Vila Real de Stº António - Curso de professores do 1.º ciclo - 3.º ano

Carreira Docente

1997/1998 - 22 anos	Colégio João de Deus (S.Bartolomeu de Messines) Apoio na Educação Especial na Escola de S.Pedro do Mar (Quarteira) Apoio na Educação Especial na Escola D.Francisca de Aragão (Quarteira) Ficou vinculada Casamento: agosto de 1997
1998/1999 - 23 anos	Apoio na Educação Especial na Escola D.Francisca de Aragão (Quarteira)
1999/2000 - 24 anos	EB1 de Monte Seco (Loulé)
2000/2001 - 25 anos	EB1 da Cortelha Complemento de Formação na Escola Superior de Educação - 1.º ano Nascimento do 1.º filho: fevereiro de 2001
2001/2002 - 26 anos	EB1 de S.Brás Complemento de Formação na Escola Superior de Educação - 2.º ano
2002/2003- 27 anos	Apoio na Escola D.Francisca de Aragão (Quarteira)
2003/2004 - 28 anos	EB1 de Estoi Nascimento do 2.º filho: março de 2004
2004/2005 - 29 anos	Apoio nas Escolas n.º1, n.º2 e n.º3 de S.Brás
2005/2006 - 30 anos	EB1 da Goldra
2006/2007 - 31 anos	EB1 da Goldra
2007/2008 - 32 anos	EB1 da Goldra
2008/2009 - 33 anos	EB1 da Goldra
2009/2010- 34 anos	EB1 da Goldra
2010/2011- 35 anos	EB1 da Goldra
2011/2012- 36 anos	EB1 de Vale de Rãs
2012/2013- 37 anos	EB1 de Vale de Rãs

Carreira Docente	
2013/2014 - 38 anos	EB1 de Vale de Rãs
2014/2015- 39 anos	EB Prof. Manuel Martins Alves
2015/2016 - 40 anos	EB Prof. Manuel Martins Alves

Professora do 1.º CEB

- Nome: **TELMA GUERREIRO**
- Idade: 40 anos
- Tempo de serviço docente: 19 anos

Nascimento

26 de janeiro de 1975 | Loulé

Percurso escolar no ensino primário

1981/1982 - 7 anos	EB1 do Serradinho (Loulé) - 1.º ano
1982/1983 - 8 anos	EB1 do Serradinho (Loulé) - 2.º ano
1983/1984 - 9 anos	EB1 do Serradinho (Loulé) - 3.º ano
1984/1985 - 10 anos	EB1 do Serradinho (Loulé) - 4.º ano

Percurso escolar no ensino preparatório

1985/1986 - 11 anos	Escola Engenheiro Duarte Pacheco - 5.º ano
1986/1987 - 12 anos	Escola Engenheiro Duarte Pacheco - 6.º ano

Percurso escolar no ensino secundário

1987/1988 - 13 anos	Escola Engenheiro Duarte Pacheco - 7.º ano
1988/1989 - 14 anos	Escola Engenheiro Duarte Pacheco - 8.º ano
1989/1990 - 15 anos	Escola Engenheiro Duarte Pacheco - 9.º ano
1990/1991 - 16 anos	Escola Secundária de Loulé - 10.º ano
1991/1992 - 17 anos	Escola Secundária de Loulé - 11.º ano
1992/1993 - 18 anos	Escola Secundária de Loulé - 12.º ano

Percurso escolar no ensino superior

1993/1994 - 19 anos	Instituto Superior de Ciências Educativas de Odivelas - Curso de professores do ensino básico, variante de Educação Física - 1.º ano
1994/1995 - 20 anos	Instituto Superior de Ciências Educativas de Odivelas - Curso de professores do ensino básico, variante de Educação Física - 2.º ano
1995/1996 - 21 anos	Instituto Superior de Ciências Educativas de Odivelas - Curso de professores do ensino básico, variante de Educação Física - 3.º ano

Percurso escolar no ensino superior

1996/1997 - 22 anos	Instituto Superior de Ciências Educativas de Odivelas - Curso de professores do ensino básico, variante de Educação Física - 4.º ano
---------------------	--

Carreira Docente

1997/1998 - 23 anos	Escola EB 2,3 de Almancil (Professora de Educação Física - 2.º ciclo)
1998/1999 - 24 anos	Escola EB 2,3 de Ferreiras do 2.º ciclo (Professora de Educação Física)
1999/2000 - 25 anos	EB1 São Pedro do Mar (Quarteira)
2000/2001 - 26 anos	EB1 n.º 4 de Loulé Casamento: outubro de 2000
2001/2002 - 27 anos	EB1 n.º 4 de Loulé
2002/2003 - 28 anos	EB1 n.º 4 de Loulé Nascimento do 1.º filho: fevereiro de 2003
2003/2004 - 29 anos	EB1 n.º 4 de Loulé
2004/2005 - 30 anos	EB1 n.º 4 de Loulé
2005/2006 - 31 anos	EB1 n.º 4 de Loulé
2006/2007 - 32 anos	EB1 n.º 4 de Loulé
2007/2008 - 33 anos	EB1 n.º 4 de Loulé
2008/2009 - 34 anos	EB1 n.º 4 de Loulé
2009/2010 - 35 anos	EB1 n.º 4 de Loulé
2010/2011 - 36 anos	EB1 n.º 4 de Loulé
2011/2012 - 37 anos	EB1 n.º 4 de Loulé
2012/2013 - 38 anos	EB1 n.º 4 de Loulé Nascimento do 2.º filho: setembro de 2012
2013/2014 - 39 anos	EB1 n.º 4 de Loulé
2014/2015 - 40 anos	EB1 n.º 4 de Loulé
2015/2016 - 41 anos	EB1 n.º 4 de Loulé

ANEXO VII - BIOGRAMAS

Professora do 1.º CEB

- Nome: **ANA CRISTINA JACINTO**
- Idade: 41 anos
- Tempo de serviço docente: 18 anos

Data e Local	Categorias	Síntese Biográfica	Nota ¹
19/07/74 Lourenço Marques (Moçambique) A partir dos 5 meses Joanesburgo (África do Sul)	Nascimento e Infância	A Ana nasceu numa família feliz, mas martirizada pelo regime político que os obrigou a abandonar a sua vida estável e organizada e emigrar para outro país. A sua infância foi muito feliz, repleta de alegria e amigos e apesar da situação de segregação racial vivida na África do Sul devido ao Apartheid, foi uma criança livre nos seus sonhos e nas suas brincadeiras.	4
1981 1982 1983 1984 Escola <i>I H Haris</i> (Joanesburgo - África do Sul)	Percurso escolar no ensino primário	O percurso escolar no ensino primário foi muito marcante e especial para a Ana. O dia da entrada na escola primária foi a realização de um grande sonho de criança e a partir daí viveu anos de muita motivação, empenho e felicidade.	4
1985 Escola <i>I H Haris</i> (Joanesburgo - África do Sul) 1986/87 Escola Preparatória de Castro Verde	Percurso escolar no ensino preparatório	O percurso escolar no ensino preparatório ficou marcado pela mudança, pois no 6.º ano a Ana veio morar para Portugal. Apesar das dificuldades, ela conseguiu alcançar o sucesso.	4
	Juventude/ Adolescência	A adolescência foi uma etapa da vida da Ana marcada pela persistência, determinação e objetividade, pois concentrou todos os esforços nos seus objetivos de sucesso.	3

¹ Classificação atribuída pela entrevistada: 1 - Infeliz; 2 - Pouco Feliz; 3 - Feliz; 4 - Muito Feliz.

Data e Local	Categorias	Síntese Biográfica	Nota ¹
1987/88 Escola Secundária de Castro Verde 1988/89 1989/90 1990/91 1991/92 1992/93 Escola Secundária de Loulé 1993/94 Escola Secundária de Loulé	Percurso escolar no ensino secundário	O percurso escolar no ensino secundário ficou marcado pelo empenho e pela competitividade no seio de uma turma que levava todos a esforçarem-se ainda mais para conseguirem ser os melhores.	4
1994/95 1995/96 1996/97 1997/98 UAlg	Percurso escolar no ensino superior	O percurso escolar no ensino superior foi inicialmente marcado por descontentamento e desânimo, mas depois esses sentimentos transformaram-se em motivação, empenho e felicidade.	4
1998/99 EB S.Bartolomeu de Messines	Primeiros anos de carreira	Os primeiros anos de carreira docente foram a materialização de um sonho, pois foram anos muito felizes, com muito trabalho, muita dedicação e bons resultados.	4
	Carreira docente	Durante o seu percurso na carreira docente a Ana teve a oportunidade de vivenciar momentos de partilha, aprendizagem, afetos e dedicação que se refletiram no seu sucesso e no sucesso dos seus alunos.	4
	Relação com os pais	A relação da Ana com os pais foi sempre muito feliz e eles sempre estiveram presentes nas suas decisões e alegrias.	4

Professora do 1.º CEB

- Nome: **ANTÓNIA**
- Idade: 51 anos
- Tempo de serviço docente: 30 anos

Data e Local	Categorias	Síntese Biográfica	Nota ¹
Setembro de 1964 S.João da Venda	Nascimento e Infância	A Antónia nasceu numa família humilde e foi uma criança desejada e amada. A sua infância foi feliz, no entanto o que mais a marcou foi o desejo e a falta de irmãos para brincar e partilhar.	3
1971/72 1972/73 1973/74 1974/75 Escola Primária de S.João da Venda	Percorso escolar no ensino primário	O percurso escolar no ensino primário foi muito feliz para a Antónia. Apesar de se encontrar num regime político diferente do atual, muito exigente e autoritário, ela conseguiu ser uma aluna feliz e aplicada. A boa relação com os colegas e as professoras foi sempre uma constante e a sua professora do 4.º ano, a Prof.ª Soledade, deixou muita saudade.	4
1975/76 1976/77 1977/78 Escola Preparatória D.Afonso III (Faro)	Percorso escolar no ensino preparatório	O percurso escolar no ensino preparatório foi muito marcante na vida da Antónia, quer pela negativa, quer pela positiva e isso fez com que ela se tornasse numa criança muito forte e decidida, o que ainda se reflete na mulher de hoje.	3
	Juventude/ Adolescência	A adolescência foi uma fase pouco relevante, pois não foi sinónimo de mudanças na vida da Antónia.	3

¹ Classificação atribuída pela entrevistada: 1 - Infeliz; 2 - Pouco Feliz; 3 - Feliz; 4 - Muito Feliz.

Data e Local	Categorias	Síntese Biográfica	Nota ¹
1978/79 1979/80 1980/81 1981/82 1982/83 Escola Secundária de Tomás Cabreira (Faro) 1983/84 Liceu João de Deus (Faro)	Percorso escolar no ensino secundário	O percurso escolar no ensino secundário foi uma etapa significativa na vida da Antónia, pois aí, novamente, revelou a sua força e objetividade e conseguiu superar os seus objetivos que a encaminharam para o sucesso. O último ano do ensino secundário foi realizado à noite, enquanto de dia estudava no 1.º ano do Magistério Primário. Foi um ano muito intenso, mas compensador.	3
1983/84 1984/85 1985/86 Magistério Primário (Faro) 2001/02 2002/03 UAlg	Percorso escolar no ensino superior	O percurso escolar no ensino superior, no Magistério Primário, foi outra das etapas marcantes da vida da Antónia, pois aqui tomou consciência de que aquela era a sua vocação e conseguiu adquirir conhecimentos muito úteis para a sua carreira profissional. Mais tarde, voltou ao ensino superior e continuou os seus estudos com o Complemento de Formação e a Pós-Graduação.	3
1986/87 EB1 da Funchosa (Castro Marim)	Primeiros anos de carreira	Os primeiros anos de carreira não foram muito felizes porque foram sempre anos de grande instabilidade e de receios.	3
	Carreira docente	Na carreira docente da Antónia muitos são os momentos de prazer e alegria com os alunos, aperfeiçoamento de técnicas e metodologias, trabalho com os colegas e respeito e cordialidade pelos encarregados de educação.	3
	Relação com os pais	A relação da Antónia com os pais foi sempre muito feliz e hoje ainda continua a sentir saudade dos momentos de felicidade vividos com eles. O momento mais terrível dessa relação é a morte do pai e o desânimo da mãe perante a vida e o futuro.	3
08/08/87	Casamento	A Antónia é uma mulher casada e muito feliz.	4

Data e Local	Categorias	Síntese Biográfica	Nota ¹
1.º filho 11/11/88	Maternidade	A Antónia é mãe de três filhos que lhe têm proporcionado momentos de grande felicidade. Apesar dos momentos menos felizes vividos com um dos filhos, devido a problemas de saúde, a Antónia continua forte e segura e é o grande apoio dos filhos.	4
2.º filho 25/01/92			
3.º filho 26/12/93			

Professora do 1.º CEB

- Nome: **CARLA MARQUES**
- Idade: 41 anos
- Tempo de serviço docente: 19 anos

Data e Local	Categorias	Síntese Biográfica	Nota ¹
02/05/74 Portalegre	Nascimento e Infância	<p>A Carla nasceu numa família onde já não se esperava a chegada de mais nenhum bebé, no entanto foi uma filha muito amada, tal como as suas irmãs.</p> <p>A sua infância foi muito feliz e a avó foi uma pessoa muito importante nessa fase da vida da Carla.</p>	4
1980/81 1981/82 1982/83 1983/84 Escola n.º4 Bairro dos Assentos (Portalegre)	Percurso escolar no ensino primário	<p>O percurso escolar no ensino primário foi uma etapa muito feliz e a Carla foi uma aluna bem comportada e trabalhadora.</p> <p>Um dos momentos mais marcantes foi quando a mãe a professora não aceitaram o facto de a Carla ser canhota e tentaram contrariar essa situação.</p>	4
1984/85 1985/86 Escola Preparatória Cristóvão Falcão (Portalegre)	Percurso escolar no ensino preparatório	<p>O percurso escolar no ensino preparatório ficou marcado por bons e maus momentos, sendo um deles uma situação de <i>bullying</i>.</p>	3
	Juventude/ Adolescência	<p>A adolescência foi também uma fase muito feliz e muito bem vivida pela Carla, sempre rodeada de amigos.</p>	4

¹ Classificação atribuída pela entrevistada: 1 - Infeliz; 2 - Pouco Feliz; 3 - Feliz; 4 - Muito Feliz.

Data e Local	Categorias	Síntese Biográfica	Nota ¹
1986/87 1987/88 1988/89 1989/90 1990/91 1991/92 1992/93 Escola Secundária Mouzinho da Silveira (Portalegre)	Percorso escolar no ensino secundário	O percurso escolar no ensino secundário foi muito desafiante, pois o curso que frequentou era muito exigente, mas a Carla conseguiu superar esse desafio que colocou a si mesma.	4
1993/94 1994/95 1995/96 1996/97 ESE (Portalegre)	Percorso escolar no ensino superior	Durante o percurso escolar no ensino superior a Carla conseguiu divertir-se e empenhar-se nos seus estudos.	4
1997/98 EBM Porto de Vacas (Pampilhosa da Serra - Coimbra) EB1 Miranda do Corvo	Primeiros anos de carreira	Os primeiros anos de carreira foram muito especiais, pois foram anos de muito trabalho e empenho, mas também de muitas novas experiências.	4
	Carreira docente	Ao longo dos seus dezanove anos de carreira docente, a Carla trabalhou como professora na Escola Básica Mediatizada (EBM), professora titular de turma no 1.º CEB e professora de apoio na educação especial. Este tem sido um percurso muito rico em novas aprendizagens e também muito feliz.	4
	Relação com os pais	A relação da Carla com os pais foi sempre uma relação muito forte e hoje recorda com saudade os momentos vividos em família.	4
20/05/04	Casamento	O casamento da Carla foi um momento feliz da sua vida, mas terminou e com ele veio a tristeza e o divórcio.	3

Data e Local	Categorias	Síntese Biográfica	Nota ¹
	Maternidade	A Carla não é mãe.	-

Professora do 1.º CEB

- Nome: **FRANCISCA MARTINS**
- Idade: 44 anos
- Tempo de serviço docente: 19 anos

Data e Local	Categorias	Síntese Biográfica	Nota ¹
09/06/71 Argenteuil (França)	Nascimento e Infância	A Francisca nasceu na França, mas a sua infância foi passada na França com os pais e em Portugal com os avós. A sua infância foi muito feliz, recheada de momentos de alegria, brincadeira e liberdade.	4
1977/78 1978/79 1979/80 1980/81 Escola Primária do Zambujal	Percorso escolar no ensino primário	O percurso escolar no ensino primário foi uma etapa muito feliz da vida da Francisca, pois apesar de irrequieta e distraída, deixou-se cativar pela leitura.	4
1981/82 1982/83 Escola Preparatória de S.Bartolomeu de Messines	Percorso escolar no ensino preparatório	O percurso escolar no ensino preparatório marcou o início da mudança, pois aquela menina que liderava e brincava com os rapazes teve que mudar e adaptar-se à nova realidade. Apesar dessa mudança, esta foi também uma etapa muito feliz da vida da Francisca.	4
	Juventude/ Adolescência	Nesta fase da adolescência a Francisca começou a viver com os pais, pois eles mudaram-se definitivamente para Portugal. Esta mudança não foi fácil, mas a Francisca conseguiu ultrapassar os desentendimentos e ser feliz.	3

¹ Classificação atribuída pela entrevistada: 1 - Infeliz; 2 - Pouco Feliz; 3 - Feliz; 4 - Muito Feliz.

Data e Local	Categorias	Síntese Biográfica	Nota ¹
1983/84 1984/85 1985/86 Escola Preparatória de S.Bartolomeu de Messines 1986/87 1987/88 Escola Secundária de Silves 1991/92 Liceu Camões (Lisboa)	Percorso escolar no ensino secundário	<p>O percurso escolar da Francisca no ensino secundário repartiu-se por dois momentos, pois após o 11.º ano a Francisca ingressou no Ano Zero do Curso de Direito e frequentou a Universidade Católica, em Lisboa.</p> <p>Após esta experiência dececionante a Francisca frequentou o 12.º ano e completou o ensino secundário.</p> <p>Apesar de todas estas vivências e aprendizagens, os momentos vividos com os colegas de turma fizeram desta etapa uma etapa feliz da vida da Francisca.</p>	3
1988/89 1989/90 1990/91 Universidade Católica 1994/95 1995/96 1996/97 UAlg 2000/01 2001/02 UAlg 2003/04 Universidade de Sevilha	Percorso escolar no ensino superior	<p>O percurso escolar no ensino superior repartiu-se por dois momentos distintos, a frequência do curso de Direito e do curso de professores do 1.º CEB, que acabou por ser aquele onde se sentiu realizada.</p>	4
1997/98 Colégio Internacional de Vilamoura	Primeiros anos de carreira	<p>Nos primeiros anos de carreira a Francisca lecionou num colégio privado, pois após a conclusão do curso superior recebeu esse convite e aceitou-o.</p>	4

Data e Local	Categorias	Síntese Biográfica	Nota ¹
	Carreira docente	<p>A carreira da Francisca tem sido repartida por diversas funções ligadas ao ensino e à educação, pois ela já trabalhou na Educação de Adultos, na Intervenção Precoce e no 1.º CEB, no ensino privado e no ensino público.</p> <p>É no 1.º CEB que a Francisca se sente feliz e realizada profissionalmente.</p>	4
	Relação com os pais	<p>A relação da Francisca com os pais foi inicialmente um pouco conturbada porque não vivia com eles, estavam emigrados em França.</p> <p>Depois da sua mudança para Portugal, na adolescência da Francisca, essa adaptação não foi muito fácil.</p> <p>Hoje a relação da Francisca com os pais já é mais consistente e tranquila e eles são um grande apoio da sua vida.</p>	3
11/07/98	Casamento	A Francisca é uma mulher casada e muito feliz.	4
01/02/00	Maternidade	A Francisca é mãe de uma filha que lhe têm proporcionado momentos muito felizes.	4

Professora do 1.º CEB

- Nome: **ISABEL MARUM**
- Idade: 43 anos
- Tempo de serviço docente: 21 anos

Data e Local	Categorias	Síntese Biográfica	Nota ¹
27/01/72 Loulé	Nascimento e Infância	A Isabel teve uma infância feliz e os momentos mais marcantes são os passeios com os pais e irmãos e o convívio no grupo de Rancho Folclórico que integrava.	4
1978/79 1979/80 1980/81 1981/82 EB1 Serradinho (Loulé)	Percorso escolar no ensino primário	O percurso da Isabel no ensino primário foi marcante e decisivo para a escolha da sua carreira futura, a docência. Muitas são as boas recordações do ensino primário e da sua professora.	3
1982/83 1983/84 Escola Eng.º Duarte Pacheco (Loulé)	Percorso escolar no ensino preparatório	O percurso no ensino preparatório foi muito regular e agradável.	3
	Juventude/ Adolescência	A adolescência foi uma etapa feliz da vida da Isabel, sendo que os momentos mais significativos foram vividos com os amigos da catequese e do grupo do Rancho Folclórico.	3

¹ Classificação atribuída pela entrevistada: 1 - Infeliz; 2 - Pouco Feliz; 3 - Feliz; 4 - Muito Feliz.

Data e Local	Categorias	Síntese Biográfica	Nota ¹
1984/85 1985/86 1986/87 1987/88 1988/89 1989/90 Escola Secundária de Loulé 1990/91 Escola Secund. de Loulé	Percurso escolar no ensino secundário	O percurso escolar no ensino secundário ficou marcado pelo empenho e dedicação e pela desilusão de, no final, não ter conseguido ingressar o ensino superior.	3
1991/92 1992/93 1993/94 UAlg 2000/01 2001/02 Universidade Aberta	Percurso escolar no ensino superior	O percurso no ensino superior, no curso de professores do 1.º CEB, foi muito gratificante, quer pelas aprendizagens realizadas, quer pelo convívio com os colegas, principalmente no último ano.	3
1994/95 EB1 Coselhas (Coimbra)	Primeiros anos de carreira	Os primeiros anos de carreira foram muito felizes e de muita dedicação e trabalho.	4
	Carreira docente	A carreira da Isabel tem sido muito positiva e os seus alunos têm-lhe proporcionado momentos muito gratificantes.	3
	Relação com os pais	A relação da Isabel com os pais tem sido sempre positiva e pautada pelo respeito e pela educação.	3
14/09/02	Casamento	A Isabel é uma mulher casada e muito feliz.	4
1.º filho 18/01/04 2.º filho 31/09/09	Maternidade	A Isabel é mãe de dois filhos que, para além dos problemas de saúde que já tiveram de ultrapassar, têm-lhe proporcionado momentos de grande felicidade.	4

Professora do 1.º CEB

- Nome: **MARIA DE FÁTIMA GONÇALVES**
- Idade: 48 anos
- Tempo de serviço docente: 28 anos

Data e Local	Categorias	Síntese Biográfica	Nota ¹
26/05/67 Olhão	Nascimento e Infância	A Maria de Fátima foi uma filha muito amada e protegida, pois nasceu com um problema cardíaco que fez com que a sua infância fosse muito controlada e vigiada. As brincadeiras em casa, os livros e a atenção de todos fizeram com a que a Maria de Fátima fosse uma criança muito feliz.	4
1973/74 1974/75 1975/76 1976/77 Externato Dr.João Lúcio (Olhão)	Percurso escolar no ensino primário	O percurso escolar no ensino primário foi uma das grandes etapas da vida da Maria de Fátima, pois o empenho e bons resultados escolares aliados ao bom exemplo dado pelas professoras primárias, fez com que a Maria de Fátima fosse uma aluna muito feliz.	4
1977/78 1978/79 Escola Comandante Conceição e Silva (Almada)	Percurso escolar no ensino preparatório	O percurso no ensino preparatório também foi muito enriquecedor e ficou caracterizado pelas novas aprendizagens e pelas amizades.	4
	Juventude/ Adolescência	A adolescência foi um período muito feliz, equilibrado, muito direcionado para o bom desempenho escolar e as amizades.	4

¹ Classificação atribuída pela entrevistada: 1 - Infeliz; 2 - Pouco Feliz; 3 - Feliz; 4 - Muito Feliz.

Data e Local	Categorias	Síntese Biográfica	Nota ¹
1979/80 1980/81 1981/82 Escola Secundária do Laranjeiro (Almada) 1982/83 1983/84 1984/85 Escola Secundária Anselmo de Andrade (Almada)	Percurso escolar no ensino secundário	O ensino secundário também foi muito enriquecedor e marcante, devido às práticas letivas e aos professores que a Maria de Fátima encontrou no seu percurso. As amizades e os bons resultados escolares também contribuíram para que esta fosse uma etapa muito feliz.	4
1985/86 1986/87 1987/88 Magistério Primário (Faro) 2002/03 2003/04 UAlg	Percurso escolar no ensino superior	O percurso no Magistério Primário foi muito ambíguo, pois conseguiu ser muito proveitoso a nível de novas aprendizagens, mas também muito dececionante, pois a Maria de Fátima sentiu que o esforço dos alunos não era valorizado nem recompensado. Mais tarde, na Universidade do Algarve, quando frequentou o Complemento de Formação, sentiu-se muito mais realizada e recompensada pelo seu empenho e esforço.	2
1988/89 EB1 de Loubite (Silves)	Primeiros anos de carreira	Os primeiros anos de carreira foram anos cheios de esperança, empenho e muito trabalho, mas mesmo assim, felizes.	3
	Carreira docente	Ao longo dos 27 anos de carreira a Maria de Fátima tem dado o seu melhor para o bem estar e para a aprendizagem dos seus alunos, mas cada vez mais tem sentido que todo esse esforço e empenho tem sido desvalorizado e muito mal reconhecido por todos, o que a entristece.	3
	Relação com os pais	A relação com os pais, em especial com o pai, foi muito marcante e feliz. Ele foi um grande exemplo e uma pessoa muito marcante na sua vida.	4

Data e Local	Categorias	Síntese Biográfica	Nota ¹
	Casamento	A Maria de Fátima, apesar de não estar casada, é muito feliz ao lado do seu marido, que sempre a apoia.	4
10/01/98	Maternidade	A Maria de Fátima é uma mãe muito feliz, mas que já ultrapassou momentos de grande sofrimento e preocupação com a saúde do seu filho. Ele é e sempre foi a grande prioridade da vida da Maria de Fátima.	4

Professora do 1.º CEB

- Nome: **NATÁLIA**
- Idade: 41 anos
- Tempo de serviço docente: 19 anos

Data e Local	Categorias	Síntese Biográfica	Nota ¹
<p>Novembro de 1974</p> <p>Mesquita (S.Brás de Alportel)</p>	<p>Nascimento e Infância</p>	<p>A Natália nasceu numa família de pais muito jovens que sempre a amaram muito e apoiaram.</p> <p>A sua infância foi muito feliz e muito divertida, pois as suas brincadeiras no campo, ao ar livre, eram momentos de grande satisfação.</p>	4
<p>1980/81</p> <p>1981/82</p> <p>1982/83</p> <p>1983/84</p> <p>Escola da Mesquita</p>	<p>Percurso escolar no ensino primário</p>	<p>O percurso escolar da Natália no ensino primário foi muito feliz porque a entrada para a escola era um grande desejo que se tornou realidade.</p> <p>A Natália foi sempre uma aluna muito bem comportada e empenhada.</p>	4
<p>1984/85</p> <p>1985/86</p> <p>Externato de S.Brás de Alportel</p>	<p>Percurso escolar no ensino preparatório</p>	<p>O percurso escolar no ensino preparatório ficou marcado pela mudança, mas mesmo assim foi uma fase feliz da vida da Natália.</p>	3
	<p>Juventude/ Adolescência</p>	<p>A adolescência foi uma fase da vida de Natália vivida sem dramas nem problemas, mas muito enriquecedora a nível pessoal.</p>	4

¹ Classificação atribuída pela entrevistada: 1 - Infeliz; 2 - Pouco Feliz; 3 - Feliz; 4 - Muito Feliz.

Data e Local	Categorias	Síntese Biográfica	Nota ¹
1986/87 1987/88 1988/89 1989/90 1990/91 Externato de S.Brás de Alportel 1991/92 Liceu João de Deus (Faro) 1993/94 Externato de S.Brás de Alportel	Percurso escolar no ensino secundário	O percurso escolar no ensino secundário foi uma etapa da vida da Natália de muito esforço, empenho e também desilusão por não ter conseguido, por dois anos consecutivos, ingressar no ensino superior.	3
1994/95 1995/96 1996/97 UAlg 2000/01 2001/02 UAlg	Percurso escolar no ensino superior	O percurso escolar no ensino superior repartiu-se por duas etapas: - O curso inicial de Professores do 1.º CEB; - O Complemento de Formação. Estas duas etapas ficaram marcadas por momentos felizes e outros mais difíceis.	3
1997/98 Colégio João de Deus (S.Bartolomeu de Messines)	Primeiros anos de carreira	Os primeiros anos de carreira foram passados em diferentes escolas como professora titular de turma e professora do apoio. Estes foram anos de grandes mudanças na vida de Natália.	3
	Carreira docente	Ao longo da sua carreira, a Natália trabalhou em diversas escolas do Algarve como professora titular de turma, professora de apoio na educação especial e professora de apoio educativo. Os momentos de maior felicidade da sua carreira foram vividos com os seus alunos.	4

Data e Local	Categorias	Síntese Biográfica	Nota ¹
	Relação com os pais	A relação da Natália com os pais sempre foi uma relação de muita cumplicidade, amor e parceria. Eles têm sido o grande apoio em todos os momentos da sua vida.	4
30/08/97	Casamento	A Natália é uma mulher casada e muito feliz.	4
1.ª filha 21/02/01 2.º filho 07/03/04	Maternidade	A Natália é mãe de dois filhos, é muito feliz e eles têm sido a sua maior alegria.	4

Professora do 1.º CEB

- Nome: **TELMA GUERREIRO**
- Idade: 40 anos
- Tempo de serviço docente: 19 anos

Data e Local	Categorias	Síntese Biográfica	Nota ¹
26/01/75 Loulé	Nascimento e Infância	A Telma viveu uma infância feliz e muito partilhada com o irmão mais velho, que foi sempre a sua companhia.	3
1981/82 1982/83 1983/84 1984/85 Escola do Serradinho (Loulé)	Percurso escolar no ensino primário	O percurso escolar no ensino primário foi muito mau e dececionante, pois a Telma apenas guarda recordações negativas da sua professora primária e das suas aulas.	1
1985/86 1986/87 Escola Eng.º Duarte Pacheco (Loulé)	Percurso escolar no ensino preparatório	O percurso escolar no ensino preparatório foi mais feliz do que o anterior, mas mesmo assim foram sentidos os reflexos dessa fase infeliz.	2
	Juventude/ Adolescência	A adolescência da Telma foi um pouco solitária, pois com a mudança de residência para o campo sentiu-se muito afastada das suas amigas.	3

¹ Classificação atribuída pela entrevistada: 1 - Infeliz; 2 - Pouco Feliz; 3 - Feliz; 4 - Muito Feliz.

Data e Local	Categorias	Síntese Biográfica	Nota ¹
1987/88 1988/89 1989/90 Escola Eng.º Duarte Pacheco (Loulé) 1990/91 1991/92 1992/93 Escola Secundária de Loulé	Percorso escolar no ensino secundário	O percurso escolar no ensino secundário foi muito estável, pois a Telma foi uma aluna dedicada e bem comportada.	3
1993/94 1994/95 1995/96 1996/97 Inst. Sup.de Ciências Educ. (Odivelas)	Percorso escolar no ensino superior	O percurso no ensino superior foi muito compensador, pois para além de sentir que cresceu enquanto professora, a Telma também sentiu que cresceu muito enquanto pessoa.	4
1997/98 EB 2,3 de Almancil	Primeiros anos de carreira	Os primeiros dois anos de carreira foram no 2.º CEB, mas aí a Telma teve a certeza da sua vocação, o 1.º CEB. Essa mudança foi muito positiva e hoje a Telma não se arrepende dessa escolha.	3
	Carreira docente	A carreira docente da Telma no 1.º CEB tem sido marcada pelos bons momentos vividos com os seus alunos.	4
	Relação com os pais	A relação com os pais sempre foi muito positiva e a sua mãe é a sua grande referência.	4
28/10/00	Casamento	A Telma é uma mulher casada e muito feliz.	4
1.ª filha 01/02/03 2.º filho 12/09/12	Maternidade	A Telma é mãe de dois filhos que lhe têm proporcionado momentos de verdadeira felicidade.	4

ANEXO VIII - CONSENTIMENTO INFORMADO



Declaração de Consentimento Informado Investigação de Mestrado de Cláudia Viegas

Eu, Am Cristina Fernandes Jacinto,
declaro que tomei conhecimento dos objetivos da investigação "Histórias de Vida de Professoras do 1.º Ciclo", no âmbito da investigação de Mestrado de Cláudia Sofia dos Santos Viegas. Perante a informação que me foi dada, tive oportunidade de fazer perguntas e esclarecer as minhas dúvidas.

Aceito participar de livre vontade nessa investigação através de conversas informais e entrevistas gravadas, sabendo que posso recusar-me a responder a questões sempre que achar oportuno e ainda a interromper a qualquer momento a minha participação na investigação, sem nenhum tipo de penalização.

Foi-me garantido que todos os dados seriam tratados com o maior cuidado e respeitando as minhas interpretações dos eventos, acontecimentos e fenómenos em causa. Concordei ainda que o meu nome real fosse divulgado na tese de Mestrado a ser elaborada na sequência da investigação realizada.

Aceito ainda que os dados possam ser posteriormente usados em publicações científicas mas, neste caso, usando-se um nome fictício. Qualquer exceção a esta regra implicará, portanto, um novo pedido e a assinatura de um novo consentimento informado.

Local: Loulé

Data: 07/07/2015

Assinatura:



Declaração de Consentimento Informado Investigação de Mestrado de Cláudia Viegas

Eu, com o nome fictício de Antónia, declaro que tomei conhecimento dos objetivos da investigação "Histórias de Vida de Professoras do 1.º Ciclo", no âmbito da investigação de Mestrado de Cláudia Sofia dos Santos Viegas. Perante a informação que me foi dada, tive oportunidade de fazer perguntas e esclarecer as minhas dúvidas.

Aceito participar de livre vontade nessa investigação através de conversas informais e entrevistas gravadas, sabendo que posso recusar-me a responder a questões sempre que achar oportuno e ainda a interromper a qualquer momento a minha participação na investigação, sem nenhum tipo de penalização.

Foi-me garantido que todos os dados seriam tratados com o maior cuidado e respeitando as minhas interpretações dos eventos, acontecimentos e fenómenos em causa. Não concordei que o meu nome real fosse divulgado na tese de Mestrado a ser elaborada na sequência da investigação realizada.

Aceito ainda que os dados possam ser posteriormente usados em publicações científicas, mas usando o nome fictício. Qualquer exceção a esta regra implicará, portanto, um novo pedido e a assinatura de um novo consentimento informado.

Local: Loulé
Data: 10/07/2015

Assinatura:



Declaração de Consentimento Informado
Investigação de Mestrado de Cláudia Viegas

Eu, Carla Maria Delgado Marques,
declaro que tomei conhecimento dos objetivos da investigação "Histórias de Vida de Professoras do 1.º Ciclo", no âmbito da investigação de Mestrado de Cláudia Sofia dos Santos Viegas. Perante a informação que me foi dada, tive oportunidade de fazer perguntas e esclarecer as minhas dúvidas.

Aceito participar de livre vontade nessa investigação através de conversas informais e entrevistas gravadas, sabendo que posso recusar-me a responder a questões sempre que achar oportuno e ainda a interromper a qualquer momento a minha participação na investigação, sem nenhum tipo de penalização.

Foi-me garantido que todos os dados seriam tratados com o maior cuidado e respeitando as minhas interpretações dos eventos, acontecimentos e fenómenos em causa. Concordei ainda que o meu nome real fosse divulgado na tese de Mestrado a ser elaborada na sequência da investigação realizada.

Aceito ainda que os dados possam ser posteriormente usados em publicações científicas mas, neste caso, usando-se um nome fictício. Qualquer exceção a esta regra implicará, portanto, um novo pedido e a assinatura de um novo consentimento informado.

Local: Loulé

Data: 08/07/2015

Assinatura:



Declaração de Consentimento Informado
Investigação de Mestrado de Cláudia Viegas

Eu, Francisca Martins,
declaro que tomei conhecimento dos objetivos da investigação "Histórias de Vida de Professoras do 1.º Ciclo", no âmbito da investigação de Mestrado de Cláudia Sofia dos Santos Viegas. Perante a informação que me foi dada, tive oportunidade de fazer perguntas e esclarecer as minhas dúvidas.

Aceito participar de livre vontade nessa investigação através de conversas informais e entrevistas gravadas, sabendo que posso recusar-me a responder a questões sempre que achar oportuno e ainda a interromper a qualquer momento a minha participação na investigação, sem nenhum tipo de penalização.

Foi-me garantido que todos os dados seriam tratados com o maior cuidado e respeitando as minhas interpretações dos eventos, acontecimentos e fenómenos em causa. Concordei ainda que o meu nome real fosse divulgado na tese de Mestrado a ser elaborada na sequência da investigação realizada.

Aceito ainda que os dados possam ser posteriormente usados em publicações científicas mas, neste caso, usando-se um nome fictício. Qualquer exceção a esta regra implicará, portanto, um novo pedido e a assinatura de um novo consentimento informado.

Local: Loulé

Data: 8/7/2015

Assinatura:



Declaração de Consentimento Informado
Investigação de Mestrado de Cláudia Viegas

Eu, Isabel Maria de Sousa Marum,
declaro que tomei conhecimento dos objetivos da investigação "Histórias de Vida de Professoras do 1.º Ciclo", no âmbito da investigação de Mestrado de Cláudia Sofia dos Santos Viegas. Perante a informação que me foi dada, tive oportunidade de fazer perguntas e esclarecer as minhas dúvidas.

Aceito participar de livre vontade nessa investigação através de conversas informais e entrevistas gravadas, sabendo que posso recusar-me a responder a questões sempre que achar oportuno e ainda a interromper a qualquer momento a minha participação na investigação, sem nenhum tipo de penalização.

Foi-me garantido que todos os dados seriam tratados com o maior cuidado e respeitando as minhas interpretações dos eventos, acontecimentos e fenómenos em causa. Concordei ainda que o meu nome real fosse divulgado na tese de Mestrado a ser elaborada na sequência da investigação realizada.

Aceito ainda que os dados possam ser posteriormente usados em publicações científicas mas, neste caso, usando-se um nome fictício. Qualquer exceção a esta regra implicará, portanto, um novo pedido e a assinatura de um novo consentimento informado.

Local: Loulé

Data: 09 / 07 / 2015

Assinatura:

Declaração de Consentimento Informado
Investigação de Mestrado de Cláudia Viegas

Eu, Maria de Fátima Baptista Gonçalves,
declaro que tomei conhecimento dos objetivos da investigação "Histórias de Vida de Professoras do 1.º Ciclo", no âmbito da investigação de Mestrado de Cláudia Sofia dos Santos Viegas. Perante a informação que me foi dada, tive oportunidade de fazer perguntas e esclarecer as minhas dúvidas.

Aceito participar de livre vontade nessa investigação através de conversas informais e entrevistas gravadas, sabendo que posso recusar-me a responder a questões sempre que achar oportuno e ainda a interromper a qualquer momento a minha participação na investigação, sem nenhum tipo de penalização.

Foi-me garantido que todos os dados seriam tratados com o maior cuidado e respeitando as minhas interpretações dos eventos, acontecimentos e fenómenos em causa. Concordei ainda que o meu nome real fosse divulgado na tese de Mestrado a ser elaborada na sequência da investigação realizada.

Aceito ainda que os dados possam ser posteriormente usados em publicações científicas mas, neste caso, usando-se um nome fictício. Qualquer exceção a esta regra implicará, portanto, um novo pedido e a assinatura de um novo consentimento informado.

Local: Jaro

Data: 15/11/2015

Assinatura:



Declaração de Consentimento Informado Investigação de Mestrado de Cláudia Viegas

Eu, com o nome fictício de Natalia, declaro que tomei conhecimento dos objetivos da investigação "Histórias de Vida de Professoras do 1.º Ciclo", no âmbito da investigação de Mestrado de Cláudia Sofia dos Santos Viegas. Perante a informação que me foi dada, tive oportunidade de fazer perguntas e esclarecer as minhas dúvidas.

Aceito participar de livre vontade nessa investigação através de conversas informais e entrevistas gravadas, sabendo que posso recusar-me a responder a questões sempre que achar oportuno e ainda a interromper a qualquer momento a minha participação na investigação, sem nenhum tipo de penalização.

Foi-me garantido que todos os dados seriam tratados com o maior cuidado e respeitando as minhas interpretações dos eventos, acontecimentos e fenómenos em causa. Não concordei que o meu nome real fosse divulgado na tese de Mestrado a ser elaborada na sequência da investigação realizada.

Aceito ainda que os dados possam ser posteriormente usados em publicações científicas, mas usando o nome fictício. Qualquer exceção a esta regra implicará, portanto, um novo pedido e a assinatura de um novo consentimento informado.

Local: Loulé

Data: 2 / 7 / 2015

Assinatura:



Declaração de Consentimento Informado
Investigação de Mestrado de Cláudia Viegas

Eu, Telma Sofia Santos Gregório,
declaro que tomei conhecimento dos objetivos da investigação "Histórias de Vida de Professoras do 1.º Ciclo", no âmbito da investigação de Mestrado de Cláudia Sofia dos Santos Viegas. Perante a informação que me foi dada, tive oportunidade de fazer perguntas e esclarecer as minhas dúvidas.

Aceito participar de livre vontade nessa investigação através de conversas informais e entrevistas gravadas, sabendo que posso recusar-me a responder a questões sempre que achar oportuno e ainda a interromper a qualquer momento a minha participação na investigação, sem nenhum tipo de penalização.

Foi-me garantido que todos os dados seriam tratados com o maior cuidado e respeitando as minhas interpretações dos eventos, acontecimentos e fenómenos em causa. Concordei ainda que o meu nome real fosse divulgado na tese de Mestrado a ser elaborada na sequência da investigação realizada.

Aceito ainda que os dados possam ser posteriormente usados em publicações científicas mas, neste caso, usando-se um nome fictício. Qualquer exceção a esta regra implicará, portanto, um novo pedido e a assinatura de um novo consentimento informado.

Local: Boulé

Data: 14 / 07 / 2015

Assinatura: